

AFFONSO DE E. TAUNAY

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

E A SUA

PRIORIDADE AEROSTÁTICA

— 1938 —

IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO
— SÃO PAULO —

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AFFONSO DE E. TAUNAY

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO
E A SUA
PRIORIDADE AEROSTÁTICA

— 1938 —
IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO
— SÃO PAULO —

Separata do Tomo
IX dos Anaes do
Museu Paulista

*Bartholomeu de Gusmão . . . “o sabio, o illustre, o maior
homem que deu o seculo XVIII a Portugal”*

CAMILLO CASTELLO BRANCO
(Carta a Alberto Pimentel, 1873)

Ao querido amigo

EDMUNDO DE AMEIDA MONTF.

*recordando os longos annos de nossa
boa amizade, que me valeram o conhe-
cimento pleno de um espirito tão culto
quanto elevado a que realçam os pri-
mores do character.*

A memória illustre daquelles que, presentindo a Verdade e movidos por insopitavel aneio de justiça, pugnarant pelos direitos, inconcussos e postergados, de Bartholomeu de Gusmão, reverente preito consagra o autor deste volume, ao enunciar os nomes generosos desses magnos paladinos de uma campanha longa, e tenaz, de reparação e de reabilitação.

Francisco Freire de Carvalho Figuciredo,

José Bonifacio de Andrada e Silva,

José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo,

Francisco Recreio,

Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro,

Ferdinand Denis,

Antonio Lobo Teixeira Girão, Visconde de Villarinho de São Romão,

Augusto Felipe Simões,

Antonio de Portugal de Faria, marquez de Faria,

Innocencio Francisco da Silva,

Jacinto Ignacio de Brito Rebello,

Balthazar Wilhelm,

J. Moedebeck,

Camillo Castello Branco, Visconde de Correia Botelho,

Manuel Maria Rodrigues,

José Vieira Fazenda,

Benedicto Calixto de Jesus,

Manuel A. Gomes Himalaya,

DUAS PALAVRAS

Intentáramos publicar, num tomo dos Annaes, as duas monographias de nossa autoria relativas a Bartholomeu de Gusmão.

Mas dariam volume alentado demais e de cansativo manuseio. De tal modo se ampliaram as duas memorias mercê da documentação obtida e aproveitada nos tres ultimos annos que o seu conjuncto nos impoz a impressão de cada uma dellas em tomo distincto do orgão da Secção de Historia do Museu Paulista.

Tão consideravel tal acrescimo que até nos ultimos dias do preparo deste volume, ainda tivemos o ensejo de receber materia nova e de elevada valia como essa que procede da analyse do documento na nota em annexo, importantissimo para a defesa dos direitos do Voador á prioridade aerostatica, como o leitor terá o ensejo de ver.

Encerrando este pequenino proemio devo agradecer aos dignos Diretor da Imprensa Oficial, Sr. José B. de Oliveira China e chefe das officinas, Snr. Antonio de Andrade Netto, o serviçalismo com que se houveram por occasião do preparo deste volume e do seu antecedente.

X

E muito especialmente quero lembrar que tanto para a confecção deste livro como da outra monographia que o precede devo assignalados obsequios ao Snr. Carlos Amadeu de Camargo Andrade, digno naturalista do Museu Paulista, pelo zelo incansavel, a intelligencia e o bom gosto com que acompanhou todo o trabalho de tal factura quer preparando os originaes das illustrações e fazendo executar os respectivos clichés, quer escolhendo typos e revendo provas, numa serie de demonstrações de um servicalismo extremo que agradeço penhoradissimo.

Affonso de E. Taunay

PREFACIO

A' publicação de dous volumès nos levou o exame da vida e das obras de Bartholomeu de Gusmão. No primeiro procurámos compendiar as particularidades de uma biographia, curta pelos dilatados annos que abrange, enorme pela valia dos factos que nella se compendiam.

Reservámos, para o presente volume, a discussão dos, para nós, inconcussos direitos do *Voador* á prioridade aerostatica. E vimos desobrigar-nos do compromisso assumido para com os leitores d'*A vida gloriosa e tragica de Bartholomeu de Gusmão*.

Mereceu o nosso volume o generoso applauso de criticos de renome do Brasil e de Portugal, destacando-se pela valia e extensão do commentario prestigioso e generoso, Plinio Barreto em S. Paulo, Claudio Ganns no Rio de Janeiro, Magalhães Basto no Porto, Seraphim Leite em Lisboa.

Provocou ao mesmo tempo um caso que nos parece virgem nos annaes da critica universal.

Havendo ao Snr. Marquez de Faria enviado, ainda em provas, cerca de dous terços do nosso primeiro volume, tivemos a grande surpresa de ver surgir, pela imprensa fluminense, os commentarios traçados, a seu respeito pelo Snr. Dr. Ludovico de Menezes, distincto escriptor goense que bastante se tem occupado tambem de B. de Gusmão.

Pedira ao Marquez, a ler, os nossos originaes, sem sequer redacção definitiva ainda, e o que mais convem notar, notavelmente tumultuarios. Tal circumstancia a S. Ex. não atalhara porém a sofreguidão dos severos reparos antecipados e divulgados pelo *Jornal do Commercio*.

Caso realmente curioso e singular! E pensamos que inédito nos fastos da ethica litteraria... Assim nos podemos vangloriar, tambem, de uma prioridadesinha: sermos autor de livro criticado em provas fragmentarias e desordenadas!

Parece tal aqodamento provar, contudo, o notavel interesse que a figura de Bartholomeu de Gusmão desperta nos meios cultos de lingua portugueza.

O que neste volume se compendia vem a ser a segunda serie, vultosa, dos artigos no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, sempre acompanhados do carinho e do interesse dos nossos eminentes e saudosissimos collegas da Academia Brasileira e bons amigos, Felix Pacheco e Victor Vianna, director e redactor principal da gloriosa folha centenaria. Foram estes originaes, agora, muito largamente ampliados.

No lapso decorrido de 1934 a 1935 novidades da maior valia se revelaram sobre Gusmão e suas experiencias. E commentarios preciosos, pelo criterio e a imparcialidade, expenderam-se assignados por especialistas e commentadores da autoridade de Gago Coutinho, Pinheiro Correa, Magalhães Basto, Lysias Rodrigues, Julio Dantas, novidades documentaes valiosissimas algumas, valiosas outras e ainda prestantes, mais algumas.

Entre as primeiras destaquemos, com excepcional relevo, as que provem da divulgação da *Gazeta* de José Soares da Silva o autor da *Historia de D. João I* e membro da Academia Real de Historia Portugueza.

Deve-se esta revelação a uma iniciativa do erudito director actual da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o Snr. Tenente Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga.

Traz novo depoimento sobre as experiencias da *Passarola*, de capital importancia, sobretudo, graças á sua concordancia notavel com os já divulgados. Ao mesmo tempo confirma os conceitos setecentistas de Diogo Barbosa Machado, de Dom Antonio Caetano de Souza e do Padre João Baptista de Castro sobre o talento do *Voador*, a precocidade extraordinaria das demonstrações do seu intellectualismo e instrucção absolutamente fóra do commum.

Outros informes novos, e de vulto, são os que procedem da correspondencia de Cunha Brochado o illustre diplomata setecentista portuguez. Data o seu desvendamento de época mais remota mas pensamos que jamais até agora foram aproveitados pelos biographos de Bartholomeu Lourenço.

Divulgou-os o lucido e bello espirito do Dr. Joaquim de Carvalho. E se elles não tem a importancia dos da *Gazeta* de Soares da Silva fornecem-nos optima contribuição.

Outro adminiculo valioso: o da critica dos estudos historicos de Gusmão, pelo Dr. Magalhães Basto, que nelles descobriu valiosos argumentos em favor da lucidez e a consciencia da analyse realisada pelo immortal santista nos fastos ecclesiasticos portuenses.

Dia a dia se robustecem as provas em favor da prioridade aerostatica de Gusmão. Não tem sido nada facil a obtenção desses documentos. Pelo contrario penosa e filha da constancia dos justos defensores da causa do Precursor.

Longos lapsos de annos tem medeiado entre estas diversas conquistas. Cinco são hoje as principaes peças da defesa do *Voador*. Constituem fortissimo systema de baluartes.

Deveu-se a sua divulgação a Freire de Carvalho (em 1843), a Augusto Felipe Simões (em 1868), Manuel Maria Rodrigues (em 1898), Marquez de Faria (em 1913) e Coronel Costa Veiga (em 1934).

São respectivamente: a *Ephemeride historial chronologica lusitana*, da lavra do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, inserta no codice da Bibliotheca Publica de Evora e apontada a Freire de Carvalho por José Bonifacio de Andrada e Silva, a aliás anonyma *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço chamado vulgarmente "Voador"* no codice 357 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, os *Manuscriptos* de Salvador Antonio Ferreira, na Bibliotheca Publica do Porto, n. 15 da Collecção Conde de Azevedo, dous *Foglietti de avvisi* do codice 67 da correspondencia diplomatica "*Nunziatura di Portogallo*" no Archivo Vaticano e a *Gazeta* de Soares da Silva, Codice da Bibliotheca Nacional de Lisboa recentemente impresso.

Além destas cinco peças capitaes, insophismaveis, concordantes, ha as de menor importancia, as que encerram allusões ás experiencias e dellas dão até pormenores. Neste caso se acha o cabeçalho da longa versalhada que o erudito archivista da Torre do Tombo, Dr. Carlos Alberto Ferreira teve o enseio de nos communicar. Já são numerosas e avolumam-se sempre.

... ..

Notarão quiçá os leitores deste volume, que tambem acompanharam a serie dos artigos do *Jornal do Commercio*, divergencias dos nossos pontos de vista antigos e recentes, a proposito da authenticidade contestada á famosa estampa da *Passarola*. Este novo modo de ver proveio de notavel alargamento do campo de visão onde descobrimos material até então desconhecido e de capital relevancia.

Assim obtivemos larga copia de informes, os mais interessantes, graças á gentileza de dous correspondentes do relevo do Conde de Klinckowstroem, o douto pesquisador dos primordios da aerostatica, além de um documento inedito, tambem interessante, do acervo da *King's Library* de Londres, communicado pelo erudito director do archivo do Foreign Office, Dr. Stephen L. Gaselee.

Mas o que nos fez mudar de orientação foi sobretudo a verificacão realisada pelo Snr. Major aviador José Pedro Pinheiro Correia no acervo da Universidade de Coimbra.

Nelle não existe absolutamente, vestigio algum da segunda estampa da *Passarola*, tal qual a publicou Augusto Felipê Simões em sua tão prestante e conhecida obra.

Devemos lembrar, antes do mais, que o tão esforçado e brilhante defensor dos direitos de Gusmão nunca affirmou a existencia de tal figura. Mas tambem jamais declarou, ao que nos conste, não passar essa estampa de mero ensaio de reconstituicão, de uma tentativa de interpretacão nascido da leitura do memorial do Voador.

Tamanha a dubieza de seu silencio que induziu o pintor paulista Benedicto Calixto instigado pela maior lealdade

aliás, a fazer um retrato de Bartholomeu de Gusmão, valendo-se dos rudimentarissimos elementos pictoreos que a tosca estampa de Simões lhe podia fornecer.

... ..

Assim uma unica peça iconographica, antiga, portugueza, existe da *Passarola*, a desastrada, a estapafurdia estampa de 1709.

A seu respeito julgámos, até os dias de hontem, fora obra de algum mystificador perverso, da camarilha de destructores, chefiada por Thomaz Pinto Brandão, que tomara a si desmoralisar, por completo, o invento e o inventor.

Ou, possivelmente, da autoria do proprio Gusmão, que entendera, para o repasto da curiosidade publica, dar uma satisfacção qualquer, fornecendo-lhe fantasioso ideamento da barquinha de seu futuro aerostato, como tão criteriosamente interpretou o General Brito Rebello.

Mas esta figura inverosimil não é a unica contemporanea dos ensaios do Voador. Duas pelo menos existem.

O Snr. Marquez de Faria, a quem devemos tantos admiculos valiosos, teve a bondade de nos communicar a reproducção de rarissima estampa italiana, datando de 1709, e interpretativa da petição inicial do *Voador*; prova evidente de que pelo menos outro personagem, não portuguez, tambem se occupou em imaginar a *Passarola*, a seu modo.

E' tão admiravelmente grotesco este segundo tentamen que attinge as raias da imbecilidade. Confere aliás com a descripção do invento recolhido pela *Encyclopedia Edinensis*, em fins do seculo XVIII, que o nosso Visconde de São Leopoldo teve a ingenuidade de trasladar ás paginas de sua prestante memoria sobre os Gusmões.

E' possivel, e tudo quanto mais ha de mais acceitavel, que Bartholomeu de Gusmão, sentindo-se, de todo, judicialmente desprotegido, acerca das vantagens a auferir de seu invento, tivesse divulgado a famosa estampa de universal propagação e inventado a balela dos imans e pedras de cevar para atrapalhar os possiveis espoliadores do seu invento.

Conven aliás recordar o que sabemos da destruição total de seu archivo, quando de sua fuga para a Hespanha, pouco antes de fallecer, em Toledo.

... ..
Mas eis que nos surge uma novidade do maior vulto, absolutamente “sensacional” si é que os puristas intransigentes nos perdoam o emprego deste adjectivo caro aos galiciparlas. e tão util...

Apparece-nos um depoimento, divulgado já em 1720, note-se bem o millesimo, e provindo de personagem da maior autoridade, qual seja o grande fidalgo que foi o maior protector de Gusmão: o Marquez de Fontes e de Abrantes.

E’ elle quem relata — facto, pensamos jamais noticiado em Portugal e no Brasil — que o autor da estampa mystificatoria da *Passarola* foi o proprio Bartholomeu de Gusmão.

E o fizera, ainda no periodo do preparo das experiencias, para se ver livre do assalto dos importunos e curiosos, que o atormentavam immenso, anciosos por qualquer noticia do maravilhoso invento aerostatico.

Assim desenhara a estampa estapafurdia, justificada pelo mais abstruso e absurdo dos memoriaes descriptivos!

Deploravel pilheria! Iria custar-lhe, durante mais de dous seculos, a ruina dos creditos de inventor e precursor da aerostação!

Deante desta revelação, que se deve a uma pesquisa do Padre Galileu Venturini, inserta em sua obra *Da Icaro a Montgolfier*, formidavel accrescimo de vantagens cabe á causa da prioridade do Voador.

Assim pela voz do Marquez de Fontes, se confirmam as suspeitas antigas sobre a procedencia e a valia da absurda estampa, filha de gaiato embuste.

Como é perigoso brincar com a Verdade!

... ..

Nas nossas longas pesquisas, em pról do melhor esclarecimento da biographia do immortal precursor da navega-

ção aerea, encontrámos sempre por parte dos cientistas e eruditos portuguezes a mais extraordinaria vontade de servir.

Nem sabemos como agradecer tão notavel cordialidade e interesse pelo trabalho de seu correspondente ultramarino, que só lhes causava incommodos e maçadas.

Assim queremos aqui deixar assignalados os maiores agradecimentos a estes serviçalissimos cooperadores de uma obra commum aos dois ramos lusitanos a que se interpõe o Atlantico.

O primeiro a que recorremos foi o Sr. Marquez de Faria, que, enchendo-nos de gentilezas, mandou-nos as suas preciosas contribuições biographicas impressas, apresentou-nos a outros gusmanologos e ainda agora nos enviou o precioso documento iconographico italiano de 1709.

Não menos attencioso, e cheio da maior boa vontade, se mostrou o Sr. Prof. Joaquim de Carvalho, o elegante escriptor e erudito, que tanto honra a cultura portugueza. Sua contribuição foi-nos a mais relevante.

Do Sr. Dr. Carlos Alberto Ferreira, archivista da Torre do Tombo e profundo conhecedor dos thesouros que ali se encerram, e de que já desentranhou preciosidades, tivemos adminuculo de primeira ordem.

Assim tambem quanto ao Sr. Dr. A. de Magalhães Basto, um dos mais reputados eruditos de Portugal, o sabedor eminente da historia de sua gloriosa cidade, o Porto, de cuja riquissima bibliotheca municipal é o chefe da secção de manuscritos.

Autor de monographias do mais alto tomo, como entre outras a exhaustiva *Historia da Santa Casa de Misericordia do Porto*, tem-se o Dr. Magalhães Basto tambem bastante occupado da vida de Gusmão, e com real interesse. E este cuidado se traduz nos excellentes estudos publicados nos jornaes portuenses, entre outros, o "*Primeiro de Janeiro*".

Ainda ultimamente analysou, em magnificos artigos, a actuação do precursor da aerostatica como cultor dos annaes ecclesiasticos portuenses.

Outros auxiliares poderosos temos contado, valendos, com a maior efficiencia, a vigilancia do eminente revelador de documentos brasileiros quinhentistas, papeis de excepcional importancia, o Dr. Seraphim Leite, collaborador do “Jornal do Commercio”-e a prestimosidade do Sr. Antonio Felipe, da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Tudo quanto apparece sobre o *Voador* apressam-se em nel-o communicar.

Assim tambem do querido amigo, e illustre collega, Embaixador Luiz Guimarães Filho nos veio valiosa achega do Archivo Vaticano, a reproducção do depoimento do cardeal Conti, futuro Papa Innocencio XIII o Nuncio Apostolico que, em 1709, noticiou as experiencias de Agosto.

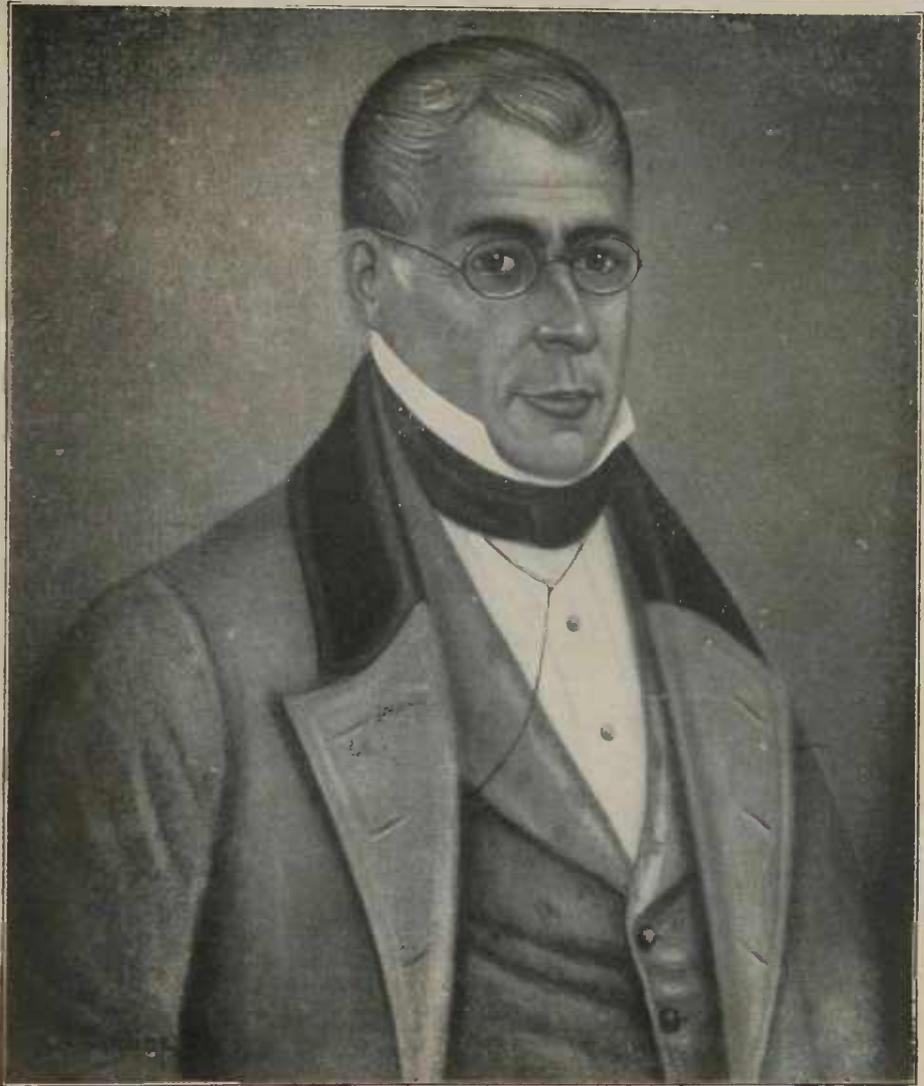
Somos ainda muito gratos aos obsequios de mais dous eruditos lusitanos, os Snrs. Dr. A. G. da Rocha Madahil, antigo bibliothecario da Universidade de Coimbra e Dr. A. J. Lopes da Silva, actual director da Bibliotheca Publica de Evora, que com a maior prestimosidade nos enviaram reproducções dos documentos capitaes que a este volume illustram.

Assim tambem ao excellente amigo e illustre collega da Academia Brasileira, Rodolpho Garcia, a quem ficamos devendo optimos subsidios de ordem bibliographica e iconographica.

Está Bartholomeu de Gusmão muito na ordem do dia em Portugal, escreve-nos o Dr. A. de Magalhães Basto.

Multiplicam-se as pesquisas e surgem, do recesso dos archivos, novos documentos relativos aos actos e feitos do primeiro inventor americano.

Para maior gaudio dos advogados da rehabilitação do nosso compatriota immortal accumulam-se as provas de defesa de sua prioridade aerostatica. E accentua-se a completa confusão dos dois ou tres personagens birrentos, cujos esforços para a diminuição da figura de Bartholomeu Lourenço evocam a classica comparação da hydra a morder o granito.



Conego Francisco Freire de Carvalho Figueiredo
(1799-1854)

Oleo de Bernardino de Souza Pereira — Collecção do Museu Paulista

A' notavel descobera do codice da Bibliotheca Nacional de Lisboa a *Gazeta em fórma de carta*, de José Soares da Silva, a este reforço de documentação em prol do triumpho da Verdade nada oppuzeram os inconvenientes de boa e de má fé — detractores da gloria e dos direitos do *Voador*, participes de uma campanha que o Sr. Coronel aviador Lysias, Rodrigues ainda ultimamente classificou de “nojenta”.

Do illustre historiador e amigo Dr. Seraphim Leite, que nos vem desvendando uma serie de peças documentaes da maior relevancia sobre os primeiros annos de nossa terra, algumas até de excepcional valia, recebemos uma publicação recentissima da Bibliotheca da Universidade de Coimbra: “Descrição burlesca dum imaginario aerostato e outras satiras ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão”.

São dezeseis paginas in 4.º onde se contam numerosos ineditos e rectificações valiosas para a biographia do grande santista.

Abre-as *A descrição burlesca de um imaginario aerostato e de seus apetrechos, satyra ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão*”.

Imprime-se, pensamos que pela primeira vez, um documento que no Brasil fomos os primeiros a desvendar, mercê da gentileza extrema do eminente Dr. Joaquim de Carvalho, que nos ministrou uma copia deste interessante papel. E' moxinifada insulsa, que pretende tomar ares de satyra.

O seu desvendamento demonstra nova fraqueza de Felippe Simões. Descobriu este documento desvalioso mas como nelle haja insophismaveis indicios de que a famosa estampa pilherica da *Passarola* data de 1709, occultou o achado, visto como advogava a apocryphia de tal documento. Injustificavel era aliás o receio de Simões. O pasquim em nada poderá, jamais, trazer argumentos contra a causa do *Voador*.

Temos como certo que immenso se descobrirá ainda, sobre Bartholomeu Lourenço, nos archivos europeus e quiçá brasileiros.

Nos ultimos tempos, frequentemente, surgem em Portugal novos resultados das arduas pesquisas dos gusmano-
logos, em prol do melhor esclarecimento das obscuridades
biographicas do precursor da aerostação.

São muitos os aspectos a illuminar da vida attribulada e intensa do *Voador*, mas, pouco a pouco se vae fazendo a luz acerca de numerosas de suas passadas que jaziam esquecidas ou pelo menos indeterminadas.

Continuadores dos esforços dos indefessos pesquisadores de 1909, como os Snrs. Marquez de Faria, Tenente Coronel Gustavo T. Correa Neves, Dr. Carlos Alberto Ferreira, Padres Manuel Rebimbas e Himalaya, vemos hoje na liça novos campeões a defender os direitos postergados do santista ou simplesmente a esclarecer, os pontos obscuros da biographia do grande homem pela adducção de novos documentos.

Assim, ultimamente o Dr. Ludovico de Menezes, o major aviador J. P. Pinheiro Correa, Dr. Joaquim de Carvalho, Edgard Prestage, A. de Gusmão Navarro etc.

Revelou-nos o Dr. Magalhães Basto, o brilhante camonologo da exegese recente dos *Doze de Inglaterra*, a descoberta importante de um pesquisador que desconheciamos, o Snr. A. de Gusmão Navarro.

Refere-se a um documento positivo da estada do *Voador* em Hollanda em 1713 — pormenor discutido e indeterminado de sua biographia — certo communicado do embaixador Conde de Tarouca ao Inquisidor Mór Cardeal da Cunha.

A inesperada descoberta da carta do Conde de Tarouca faz-nos crer, com todos os visos de verdade, que as correspondencias diplomaticas ainda nos darão muita novidade, e de polpa.

O documento que Alberto Rangel teve a bondade de nos communicar, descoberto no archivo do Quai d'Orsay, comprobatorio da estada do *Voador* em Pariz é uma demonstração do que avançamos. Publicamol-o no primeiro tomo de nossa segunda edição. Entre 1935 e 1937 fizemos proce-

der a buscas nos archivos de Veneza, Genova, Turim, Florença e Vienna d'Austria. Muito attentiosamente attendidos pelos respectivos directores tivemos o desprazer de delles receber respostas negativas.

Conseguimos porem resultado da maior valia, uma descoberta realmente de extrema importancia a saber: verificámos que um dos assistentes das experiencias de agosto de 1709 foi nada menos do que um papa: o Summo Pontifice Innocencio XIII!

Era elle então o Cardeal Conti, legado de Clemente XI á corte de Dom João V e o depoimento constante dos *Foglietti d'avvisi* é da sua lavra e não da de Monsenhor Firrao como até então suppuzeramos.

Assim assistiu o Papa Innocencio XIII ás experiencias do aerostato de Gusmão! viu o balão experimental do *Voador* subir a duas braças de altura na sala das Embaixadas, como testemunhou a Clemente XI.

Os resultados das buscas nos archivos italianos não devem desanimar os pesquisadores. Foram realisadas por homens da maior competencia mas alheios ás questões portuguezas. E' cousa de se recommençar. Mas por um guamanologo não só na Italia como alhures sobretudo em Hespanha, França e Hollanda.

Ninguem se aproveitou ainda, por exemplo, daquillo que taes cartas revelam, os officios do Cardeal da Cunha chamando a attenção do diplomata sobre o *Voador*.

Affirma-se que de Hollanda passou á Inglaterra e nada se sabe de sua permanencia neste paiz.

No archivo do nosso Itamaraty ha uns codigos volumosos com copiosa correspondencia do Conde de Tarouca, embaixador portuguez na Hollanda durante as negociações do Tratado de Utrecht. Percorremol-os attentamente mas nada conseguimos de novo sobre Gusmão a quem não se refere o Conde uma só vez.

A consulta á imprensa hollandeza do tempo, aos archivos policiaes dos Paizes Baixos, pódem tambem offerecer-

nos novidades sobre as passadas do inventor na Republica das Provincias Unidas, onde então governava o acerrimo adversario de Luiz XIV, o grande pensionario Heinsius.

Obtivemos ultimamente, o que muito procuravamos conseguir, mas debalde, uma reproducção das paginas da obra de Pier Jacopo Martello em que já, em 1720, este autor italiano destruia completamente qualquer viso de authenticidade da famosa estampa mystificatoria da *Passarola*. Alcançamol-a graças á gentileza do Snr. Director Geral da Bibliotheca Nacional de Roma.

O que pretendemos, neste volume, foi codificar o que de esparso ha em materia de opiniões e depoimentos sobre o invento e a obra de Bartholomeu de Gusmão.

Bem sabemos que muita e muita cousa nos escapou. E' enorme a bibliographia relativa ao Voador e não conseguimos obter diversas obras que nella se incluem. E nem sabemos que valor possam ter.

Nestas condições estão por exemplo as seguintes que o Conde de Klinckowstroem nos assignalou como de real valia: *Boffito* (Giuseppe) *Due falsificazione del settecento nella storia dell'aeronautica e dell'aviazione*. E *Diaz Arquer* (Graciano) e *Vindel* (Pedro) *Historia bibliografica e iconografica de la aeronautica en España, Portugal, Paizes hispano americanos y Filipinas desde los origenes hasta 1900* (Madrid, 1930).

Do valor da primeira, porém, podemos avaliar pelas referencias de Galileu Venturini.

E o douto autor francez Snr. Prof. Julio Duhem da Escola Normal de Montpellier que sobre os primordios da aerostação vem realizando colossal trabalho de pesquisa, fala-nos que o segundo de taes livros não vale mais que o de Boffito.

A contribuição brasileira infelizmente não se tem avançado nos ultimos annos. E o que é de mais deploravel vem a ser o facto de que os biographos de Gusmão não se aproveitam, frequentemente, dos esclarecimentos obtidos

pelos que já ventilaram os pormenores da biographia do grande santista.

Assim se deu por exemplo com a obra do Dr. J. Orlandi de S. Paulo, que repete graves erros já inilludivelmente corrigidos pelos pesquisadores.

A ella não nos reportariamos, não fora a circumstancia de que este autor, em sua bibliographia, cita a nossa *A vida gloriosa e tragica de Bartholomeu de Gusmão*, livro que certamente consultou sem lhe prestar a devida attenção.

Prodigiosa aliás a vitalidade do erro historico! Custará immenso remover-se, destruir-se a veracidade da nefasta estampa da *Passarola*, arrazadora dos creditos scientificos de Gusmão. Ainda agora o Aereo Club do Brasil mandou cunhar uma medalha em honra ao Voador em que surge este sinistro documento iconographico já pulverisado em 1929 graças a Galileu Venturini!

O que nas paginas dsete volume encontrará o leitor é a penosa tentativa da analyse e da concatenação dos esforços dos pesquisadores, juizes de um tribunal onde são causa a Verdade e a Justiça historica.

Votos se emittiram, apaixonados uns, serenos outros; praticou-se a lealdade dos processos quasi sempre. O que intentamos realisar foi o resumo destas opiniões exprimindo ao mesmo tempo os nossos pontos de vista.

Serão desvaliosos mas são sinceros..

.. .. .

Um dos maiores obices ao acatamento dos direitos do *Voador* tem sido o pequenino raio de divulgação da lingua portugueza.

Ainda, ha poucos annos, de tal se queixava o Conde de Klinckowstroem adversario convicto, mas leal, da causa de Gusmão. Sentia não estar habilitado a aprofundar a sua inspecção dos documentos relativos a este processo historico de que tambem é comparte, exprimia-nos.

Assim resolvemos annexar a este volume uma serie de paginas em francez, inglez e allemão contendo não só pe-

queno biographia do inventor como um resumo dos documentos que lhe defendem os inconcussos direitos ao titulo de precursor da aerostatica.

Pensamos, assim procedendo, prestar real serviço á verdade historica, ao mesmo tempo obedecendo ás instigações do mais justo patriotismo e da solidariedade nacional.

Referindo-se ás injustiças praticadas para com Bartholomeu de Gusmão, eloquentemente escreveu Lysias Rodrigues:

“Durante longos annos se desconheceu esta maravilhosa intelligencia, este caracter destacado.

“Houve por toda a parte uma conspiração de silencio para inutilisal-o, para fazer, si possivel, desapparecer o seu glorioso nome de entre os seres humanos; elle, que tornára realidade o mais bello sonho da Humanidade!

Uns, porque o seu saber fazia sombra, relegando-os a um plano secundario; outros, porque seu nome se antepunha gritantemente a pretensas prioridades aeronauticas de compatriotas; estes, por inveja mesquinha á sua inatacavel gloria; aquelles, por um incobrivel despeito; todos, por uma obliteração, fructo de apoucada comprehensão do alcance grandioso da realisação do millenario sonho de ascender aos ares!”

A nossa unica recompensa consistirá na convicção que aos nossos leitores esperamos assista, reconhecendo o nosso esforço em prol da manutenção da imparcialidade.

Affonso de E. Taunay

São Paulo, 20 de novembro de 1937.

CAPITULO I

Em vespèras da primeira experiencia aerostatica. Grande expectativa geral popular. Os depoimentos recentemente descobertos de Soares da Silva e Cunha Brochado. Pontos obscuros da biographia de Bartholomeu de Gusmão.

Quando em abril de 1709, por Lisboa se espalhou que Bartholomeu Lourenço ia realizar experiencias com a sua machina voadora, immensa curiosidade acompanhou as passadas do joven inventor brasileiro.

Não era elle nenhum desconhecido do publico portuguez.

Mercê da impressão de um codice inedito da Bibliotheca Nacional de Lisboa, ultimamente publicado pelo director deste estabelecimento, o Snr. Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga, estamos hoje sabedores de uma primeira estada do Voador em Portugal, em sua adolescencia, cousa de que se suspeitava mas jamais fora esclarecida.

E' este codice a *Gazeta em forma de carta* de autoria de José Soares da Silva.

Explicando a sua impressão escreveu o Coronel Costa Veiga.

“Dum lado, ninguem ignora a personalidade de José Soares da Silva, um dos primeiros e mais esclarecidos membros da Academia Real de Historia; do outro é unanimemente reconhecida a utilidade das memorias do genero daquellas que constituem a materia do codice cuja publicação agora se inicia.

É este um volume in 4.º, de 303 fl. em letra da época, por vezes difficil de decifrar pelas emendas e entrelinhas que contém. O texto — embora simples borrão do autor e, além disso, desigualmente desenvolvido conforme os annos — é sempre curiosissimo pela luz que jorra sobre a vida social da Lisboa setecentista e, não menos, pelas informações minuciosas que dá para a historia, ainda hoje tão mal conhecida, da Guerra da Successão”.

Expressivamente corobora Julio Dantas estes dizeres:

“Existe entre os manuscritos da Bibliotheca Nacional de Lisboa um interessante codice do principio do seculo XVIII, de que em tempo extractei para os meus livros bastantes notas acerca das vicissitudes pathologicas do rei D. Pedro II e da rainha de Inglaterra, D. Catharina, e em que se contém algumas curiosidades respeitante ao Brasil e aos brasileiros.

Esse codice, só agora publicado, é a celebre “Gazeta” de José Soares da Silva, historiador, letrado, futuro academico do numero da Academia Real de Historia, homem de agudo engenho e de espirito mordaz, que se entreteve a annotar e a commentar os factos mais importantes occorridos em Portugal e no estrangeiro durante o periodo que decorre de 1701 a 1709.

Alguns destes factos revestem-se de superior interesse para a historia politica, diplomatica, economica e militar de nosso paiz no primeiro decennio de setecentos; outros são simples anedotas da vida lisboeta durante a mocidade de Dom João V; outros, ainda, méras coscuvilhices que nos revelam os escandalos monasticos e mundanos em que se encontraram envolvidas algumas das mais representativas familias da aristocracia portugueza no principio do seculo XVIII”.

Digamos porém em breves palavras quem era José Soares da Silva cuja *Gazeta* tão vehementes argumentos veio trazer em favor dos que se batem em prol dos direitos do *Voador* á prioridade aerostatica.

Para tanto recorramos ao mais seguro e douto guia, ao proprio patriarcha da bibliographia portugueza: Diogo Barbosa Machado.

Escreve o abbade de Santo Adrião de Sever:

“José Soares da Sylva, cavalleiro professo da Ordem Militar de Christo, nasceu em Lisboa a 9 de janeiro de 1672”. “Filho de Antonio Soares de Madureira Cavalleiro Fidalgo professo tambem na Ordem de Christo, Escrivão das Guardas Reaes e Thesoureiro da Casa Real, cultivou desde os primeiros annos as letras amenas distinguindo com judiciosa critica, o character e estylo dos poetas e historiadores”.

Era sobremodo culto “tinha grande intelligencia das linguas latina, castelhana e franceza e naturalmente inclinado á poesia, principalmente a hespanhola em que a sua musa se corou em diversos certames com o primeiro premio”.

Na Academia Portugueza, fundada pelo Conde da Ericeira “foi Mestre da Politica ensinando as maximas desta Arte, mais pelos dictames do Evangelho que pelos Aphorismos de Tacito”.

Correspondeu-se largamente com os mais eruditos hespanhoes e a sua grande reputação nas altas rodas intellectuaes lusitanas lhe valeu a honra da escolha de D. João V para figurar na lista dos cincoenta “academicos do numero” da Academia Real de Historia Portugueza fundada, como se sabe, pelo faustoso Bragança, em 1720.

Deram-lhe a incumbencia de escrever as “Memorias Historicas d’El Rey Dom João, o Primeiro”, que acceitou. Do desempenho desta commissão diz Barbosa Machado que nella “empregou oito annos d’ahi lhe vindo ao nome não pequena gloria”.

Falleceu a 26 de agosto de 1739 depois de, durante quatro annos, “padecer, com heroica constancia e resignação catholica huma penosa enfermidade”.

Acha Pinheiro Chagas que estas *Memorias de D. João I* foram “um dos melhores fructos da Academia que via con-

usamente a verdade mas ainda muito enublada pelas reoccupações do tempo”.

De tres volumes constam, impressos de 1730 a 1732 e completados pela *Collecção dos Documentos com que se autorisam as Memorias* (1734).

Além desta grande chronica escripta com real consciencia, deixou José Soares da Silva, diversas obras piedosas como por exemplo uma série de 366 sonetos em louvor de Nossa Senhora da Conceição, correspondendo cada qual a um dia do anno, um “poema tragico” *Cloris e Ardenio*, muitas poesias em hespanhol, relatorios dos seus trabalhos academicos, etc.

Propositadamente nos estendemos sobre a sua biographia para deixar bem patente ao leitor quem era o autor dos novos depoimentos agora divulgados sobre Bartholomeu de Gusmão, quaes o valor e a autoridade de sua palavra. Não se trata das falas de um quidam e ainda menos as de um anonymo e sim das de um homem de respeitavel rojecção historica.

Não sabemos ainda que extensão tem o codice da sua *Gazeta* de que só podemos lêr, o primeiro tomo. Primeiro tomo.

Principia a *Gazeta composta em forma de carta com algumas noticias desde o anno de 1701 até o de 1703* por duas paginas, formando-lhe como que um introito, assignado a 10 de dezembro de 1701.

Fazendo a resenha dos grandes successos do anno que cabara de escoar-se — anno cheio dos écos da conflagração européa, da chamada Guerra de Successão de Hespanha, em que ainda se não envolvera Portugal — realizando tal panhado lembra Soares da Silva entre “os estrondos de farte e furias de Bellona” o fallecimento de alguns portuguezes notaveis e o sinistro prognostico occorrido a 25 de fevereiro daquelle millesimo.

Surgira no hemispherio boreal “largo e dilatadissimo cometa de côr entre coralea e macilenta”.

Mas não convinha lembrar muito este mensageiro celeste de mau agouro.

Assim o illustre gazeteiro relatava prodigiosa novidade a do apparecimento de mais um Pico de Mirandola um novo “admiravel Crichton” o escossez prodigioso quinhentista. E este era um brasileiro nada menos do que o nosso Bartholomeu Lourenço de Gusmão que por aquelle tempo só se assignava Bartholomeu Lourenço.

Em nosso primeiro tomo relatámos com minucias o caso de primeira estada do Voador em Portugal quando apenas contava dezeseis annos incompletos. Encontrará o leitor transcripta em nossas paginas uma folicula que se espalhou por Lisboa então apregoando a intelligencia genial do joven brasileiro e a sua sciencia absolutamente fabulosa, sobretudo para um rapazola de sua idade. Assim se affirmava entre uma serie de cousas prodigiosas que era capaz de repetir “para diante e para traz dos Evangelhos, das Epistolas de São Paulo”, para baixo e para cima dos Psalmos, do Exodo, dos Cantares e dos Livros dos Reis”.

Estão se vendo, em toda esta peça, os caracteristicos da mais absurda *charge*.

Nem vale a pena perdermos tempo com a discussão da authenticidade de semelhante palhaçada.

E' bem provavel que, desde menino, fosse Bartholomeu de Gusmão jactancioso; victima da delirante phantasia redigiu, como o fez, a petição para a *Passarola*, que tanto revela este feitio de espirito. Mas dahi para as necedades incriveis das basofias que lhe attribue a *Memoria* vae immensa distancia.

Seja como fôr o depoimento de Soares da Silva é preciosissimo corroborador de tres outros, desde muito divulgados e assignados por nomes da maior respeitabilidade: o do patriarcha da bibliographia lusa, Diogo Barbosa Machado, do prodigioso erudito D. Antonio Caetano de Souza e do Padre João Baptista de Castro.

Ouçamos ao Abhade de Sever:

“Logo nos primeiros annos deu manifestos indicios de grande talento que lhe concedeu liberal a natureza assim na admiravel promptidão com que comprehendeu as difficuldades da Philosophia e Mathematica, como na prodigiosa memoria, com que conservava as noticias mais reconditas da Historia Sagrada e profana.

Instruido na Oratoria, Poetica e Mythologia se lhe accendeu o desejo de penetrar os mysterios das Leys Imperiaes, e Canones Pontificios para cujo fim preferindo o amor da sciencia ao da Patria passou á Universidade de Coimbra em cuja sapientissima palestra brilharam mais intensamente os raios do seu claro engenho, com admiração de todos os Cathedricos que sendo espectadores dos seus actos literarios resolveram ser digno de receber as insignias doutoraes na Faculdade de Direito Canonico.

Igualmente se admirou a subtileza do seu juizo em as Orações Evangelicas recitadas nos Pulpitos, como em os Discursos Academicos de que foram theatro a Academia Real instituida em o anno de 1720 debaixo dos Soberanos auspicios da augusta Majestade d’El Rey D João V, nosso Senhor, sendo elle um dos primeiros cincoenta Academicos de que se formou este eruditissimo congresso e lhe foi commettido escrever as Memorias Ecclesiasticas do Bispado do Porto, como na Academia Portugueza, de que era Secretario o Excellentissimo Conde de Ericeira Dom Francisco Xavier de Menezes.

Foi versado nas linguas mais principaes, sabendo com pureza a Latina, falando com promptidão a Franceza e Italiana, e tinha grande intelligencia da Grega e Hebraica.

Sendo tão douto em varias sciencias nunca se lhe descobrio o menor signal de vangloria, antes sem affectação era tão modesto no semblante, como affavel no genio, parecendo muitas vezes, a quem não o conhecia, que não era deposito de tantos thesouros scientificos.”

Nunca se lhe descobriu o menor signal de vangloria, affirma o Abbade de Sever. Melhor resposta não queremos para advogar a falsidade da tal *Memoria das conclusões*.

Ouçamos agora a D. Antonio Caetano de Souza, o autor da formidável *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*.

“Desde os primeiros annos se mostrou singular quem haveria de ser universal! e consummado em todo o genero de erudição”.

Intenso e geral côro de louvores o acompanhára desde a mais tenra infancia: “ouveu-se o seu nome com veneração e respeito por se antecipar a razão ás leis da natureza, a discrição á idade, que mais parecia natural que estudada, mais herdada que adquirida”. Era como dizia o texto sacro: *Magna sub exiguo regnabat corpore virtus*.

Começara por onde os outros, “embora os mais doutos e eminentes, acabavam, ostentando tão antecipadamente grande assumpto para o seu applauso e larga materia a nossa admiração”.

Em terceiro lugar leiamos o Padre Castro, autor de um opusculo, de 1766, incorporado ao Codice CXII 12-14 da Bibliotheca de Evora.

“Abria-se um livro de folha que elle (Bartholomeu de Gusmão) nunca tinha lido. Punha-se a ler duas ou quatro paginas uma só vez as tornava a repetir fielmente, e o que mais admira era repetil-as tambem de baixo para cima”

Foi homem de grande esphera e que mereceu grandes applausos nesta Côrte mas mallogrado”.

Intitula-se o opusculo do Padre João Baptista de Castro, divulgado por Augusto Felipe Simões, “Indagações curiosas e breves e scientificas sobre os inventores e origens de varias cousas”.

“No anno de 1715, com o R. P. Felipe Neri, da Congregação do Oratorio, reitera o Padre Castro, “vi fazer na casa da aula ao Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, chamado o *Voador*, notaveis ostentações de memoria local que pareceu-nos exceder as forças humanas”

Assim nas palavras de Soares da Silva temos um quarto depoimento da precocidade do genio de nosso immortal compatriota.

A outro facto obscuro da biographia do santista vem a *Gazeta* ventilar. Esteve Gusmão em Portugal inilludivelmente em 1701, voltou ao Brasil, regressando ao Reino em 1709 ou em fins de 1708, ahi já presbytero.

Deve Soares da Silva ter-se notavelmente impressionado com a pessoa e os dotes de Bartholomeu.

A tal proposito commenta Julio Dantas:

“Apesar da fama de que vinha precedido, Bartholomeu Lourenço não deu nos primeiros annos que falar de si. O menino prodigio remettera-se ao silencio. Não constou que alguém lhe tivesse feito com exito, qualquer pergunta indiscreta, sobre o *Organon* de Aristoteles, as tragedias de Séneca ou a idade do propheta Jeremias.

No anno seguinte (1702), José Soares da Silva que evidentemente não engraçara com a erudição precoce do joven brasileiro, dá-o como morto, senão para a existencia temporal, ao menos para a espiritual. “O nosso estudante americano, em que falei no anno passado, morreu de morte supitanea, como dizem os velhos, ou de morte cajão como dizem as velhas; senão a sua memoria, pelo menos a que delle tinhamos; e, como se tal moço não estivesse no mundo não se fala delle, nem se sabe delle”.

E’ que o futuro inventor do aerostato voltara á terra natal. Observa Julio Dantas:

“Mal imaginava então o futuro procere da Real Academia de Historia que, cinco annos andados, havia de consagrar algumas paginas da sua gazeta manuscripta, não já á memoria prodigiosa, mas ao genio inventivo de Bartholomeu Lourenço. Com effeito, nas noticias de 30 de abril de 1709 José Soares da Silva diz-nos que se encontrava de novo em Lisboa, vindo do Brasil, onde tomara ordens de presbytero, e hospedado em casa do Marquez de Fontes, “aquelle celebre estudante americano, que aqui esteve annos atraz”, não

já para declamar de cór, de traz para diante e de diante para traz, as odes de Horacio e os livros da Escripura, mas para impetrar de D. João V, um inesperado e singular privilegio de invenção”.

A 31 (sic) de abril de 1709 escrevia o futuro membro da Academia Real da Historia Portugueza, fartas novidades de Bartholomeu de Gusmão, que analysaremos, communicado do maior prol, ao desenvolvermos os informes do sr. Julio Dantas.

Os que conhecem a historia de Portugal, com certa pormenorisação, sabem o que significa o nome de José da Cunha Brochado, o illustre diplomata que, sob D. Pedro II e Dom João V, teve diversas missões da mais alta relevancia.

Assim lhe coube ser o enviado extraordinario da sua Corôa, em Pariz, num momento melindrosissimo, quando Portugal se viu forçado a tomar armas contra a França, na Guerra da Successão da Hespanha.

Foi elle ainda quem, por occasião da paz européa de Utrecht, serviu de porta-voz do seu governo junto ao da rainha Anna da Inglaterra. Em 1729, deveu-se-lhe a feliz conclusão dos esponsalicios principescos que levariam uma princeza portugueza ao throno de Hespanha e uma hespanhola ao de Portugal. Autores ha que affirmam terem sido Brochado, Alexandre de Gusmão e D. Luiz da Cunha, os mais notaveis diplomatas portuguezes do seculo XVIII.

Deixou este feliz embaixador grande acervo valioso e inedito, cartas, memorias, etc.

E' o seu epistolario volumoso e parte delle foi ultimamente publicado pelo Dr. Joaquim de Carvalho, em diversos numeros de 1922, 1923 e 1924 d'*O Instituto*, a excellente revista coimbrã de historia, archeologia, ethnographia e anthropologia.

Trata-se de extensa serie de cartas dirigidas a Dom José de Menezes, Conde de Vianna, e commentadas por aquelle escriptor portuguez cujos meritos desnecessario se torna encarecer.

Nas annotações que a estas cartas appoz o eminente director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra revela-se a solida erudição de quem conhece, na intimidade, os assumptos commentados.

Abrange a correspondencia de Brochado uma serie de annos (1705-1710) e trata, sobretudo, do desenrolar dos acontecimentos militares e politicos contemporaneos, assim como das principaes occurrencias da Côrte portugueza e da cidade de Lisboa.

Ultimamente pedimos ao illustre homem de letras que nos angariasse a copia de documentos do archivo da Universidade Coimbra e elle, com a maior gentileza, e inexcedivel servicalismo, attendeu ao nosso pedido enviando-nos um inedito, destacado, da miscellanea de um codice da bibliotheca da Universidade, peça do mais alto valor documental para a biographia do Voador.

E, requintando de amabilidade, ainda teve o Dr. Joaquim de Carvalho a cortezia de nos offerecer novos elementos, jámais até hoje utilizados, para o enriquecimento da parte documental de nosso estudo sobre o precursor da aerostatica.

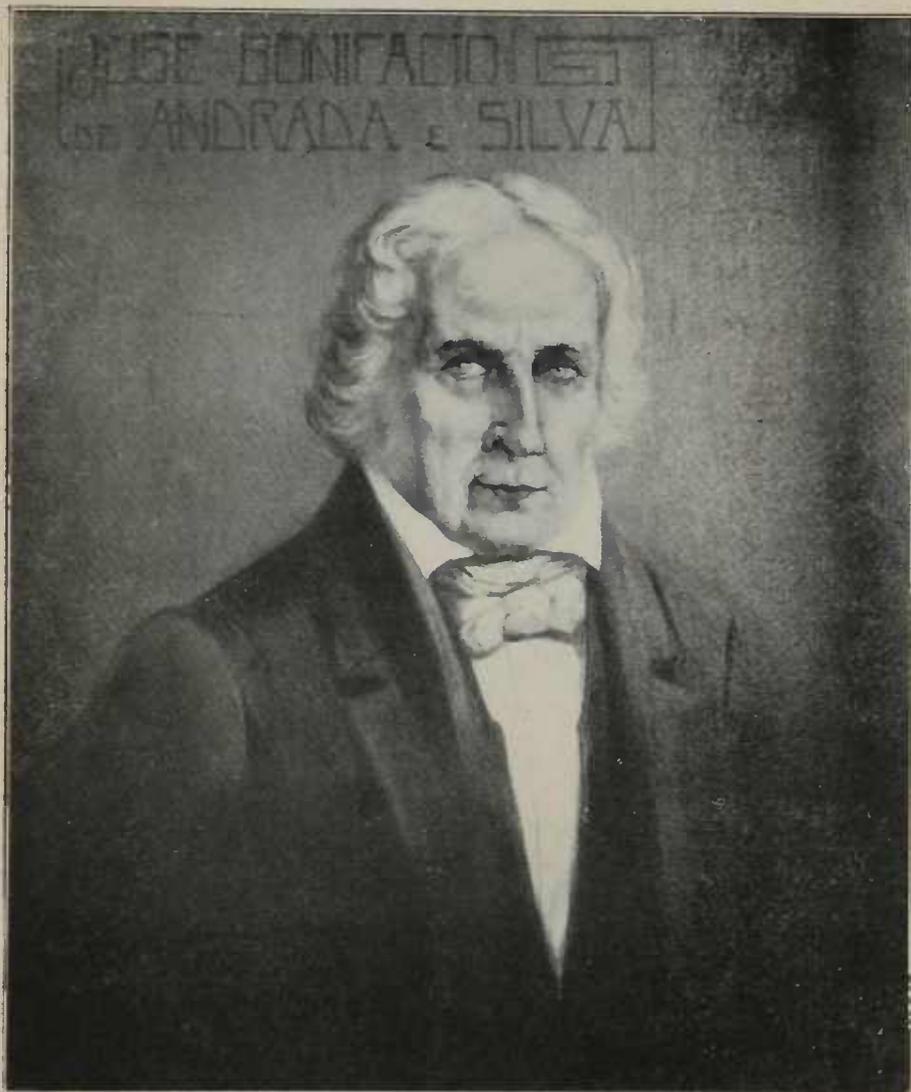
São os topicos da correspondencia de Brochado, por elle inserta nas paginas d'*O Instituto*, novidades de alta valia para o nosso publico.

Vejamos porém quaes foram.

Escrevendo a 13 de abril de 1709, e de Lisboa, ao seu correspondente habitual, começava Cunha Brochado a dizer-lhe quaes eram as ultimas novas, vindas com o ultimo navio. A mais importante se filiava a certo caso de Macau que motivara séria questão entre a côrte de Lisboa e a de Roma. Estivera até imminente a partida, para a Italia, do Marquez de Fontes como embaixador especial de Dom João V.

Escrevia Brochado: "A resposta de Sua Magestade e o ultimo estado deste negocio parece que escuzo a jornada do Marquez de Fontes em grande dano do seo luzimento, e da reputaçam que havia de lograr naquella Curia.

No mesmo tempo, em que temos tão poucos homens, que saibam andar pello mar, e pela terra se achou hu que



José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838)
Óleo de Carlos Oswald — Collecção do Museu Paulista

quer andar pello ar, e fazer 200 legoas por dia, e para este effeito deo petiçam a Sua Magestade, em que propoz o arbitrio, e pedio privilegio, para que descuberto o tal arbitrio, e executado por elle lhe fizesse Sua magestade algumas mercês. Esta petiçam se mandou ver no Dezebargo do Paço, e se consultou a favor do homem, de que são protectores o Duque e Marquez de Fontes pellos grandes interesses que se consideram neste estupendo arbitrio, porque em 8 dias se podem mandar avizos ao Brasil, e em poucos mais á India, em 3 dias a Roma, e em hua hora ás fronteiras do reyno.

Eu tomara já ver conseguido este superior invento para ter a honra de hir todas as tardes assistir meya hora na sala de V Ex.

Com estas belas imaginaçoens endoidecem docemente estes grandes snrs. propriedade que sempre se achou em Cortes novas de Principes moços.

Eu crera tudo o que estes senhores affirmão sobre a quimera desta ridicula propoziçam em que este homem não foi o 1.º nem hade ser o ultimo saltimborque, e disseralhes, que o nosso reyno seria o 1.º prejudicado, ou a 1.ª dupe deste vôo sobrenatural porque descuberta a maneira de voar, e feitio das azas amanheceriam como por arribaçam 40 mil moiros no Reyno do Algarve; mas podem-me responder que cada vassalo d'El Rey seria obrigado a ter hu par de azas de sobreçalente, e voar neste cazo para o Brazil. Perdoe V Exa. a bacatela deste discurso, que tal qual hé anda pelos nossos tribunaes. Fico na obediencia de V. Exa. como devo. Deus Guarde a V Exa. muitos annos. Lisboa 13 de abril de 1709”.

Commenta, a tal proposito, Joaquim de Carvalho:

“Esta passagem, publicada primeiramente no *Investigador Portuguez em Inglaterra*, e reproduzida pelo Dr. Mendes dos Remedios, no prefacio das já citadas Memorias de Brochado, além de revelar o feitio ironico e discretamente sceptico do nosso epistographo, contém alguns pormenores para a historia da *Machina volante*, de Bartholomeu Lou-

renço de Gusmão. Especialmente revela que Gusmão não soffreu apenas a ironia e o escarneo dos contemporâneos, pois encontrou defensores influentes como o Duque de Cadaval e o Marquez de Fontes. Este ultimo facto afigura-se nos pouco conhecido. Vid. em especial o interessante livrinho do Dr. Augusto Felipe Simões. — *A invenção dos aerostatos reivindicada. Exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.* Evora, 1868”.

E' geralmente sabido que o Marquez de Fontes, e mais tarde de Abrantes, foi o grande protector que Gusmão encontrou em Portugal logo que começou a pensar nas experiencias com a *Passarola*. Mas jámais ouvimos que tambem tivera o apoio do riquissimo Duque de Cadaval.

Muito menos opulento do que este não seria o Marquez de Fontes e Abrantes.

Viera-lhe a riqueza da herança do seu tio, Arthur de Sá e Menezes, de nome tão celebrado nos fastos brasileiros.

Governador do Maranhão e do Rio de Janeiro, homem de notavel capacidade, pacificara os paulistas e depois percorrera o districto das minas de ouro que acabavam de ser descobertas.

E esta viagem lhe valera proventos fabulosos, tendo recebido dos mineradores prodigos, deslumbrados com o seu El Dorado, presentes de metal no valor de quarenta arrobas de ouro, quasi seiscentos kilos, dizem os chronistas, 163.840 oitavas que corresponderiam a uns 200 contos de reis ou sejam pelos valores de hoje uns vinte mil contos de reis senão mais!

Eram estes os escassos recursos do Marquez de Fontes e Abrantes o protector do nosso Gusmão.

Infelizmente assaz forreta como veremos.

Em seu palacio hospedou-se o joven sacerdote recém ordenado no Brasil.

CAPITULO II

Annuncio de experiencias feito pelo Voador. A petição de privilegio endereçada ao Rei. O despacho de Dom João V.

Em data ignorada, mas de principios de 1709, apresentou Bartholomeu Lourenço a D. João V, um pedido de privilegio para a sua machina voadora.

Particularidade a ser notada e que julgamos muito importante: o facto do monarcha assignar o alvará de mercê, concedendo o monopolio, um dia antes da publicação do despacho do seu Desembargo do Paço, já a 17 de abril de 1709.

Assim vinha a ratificação regia preceder qualquer demonstração publica da efficiencia do invento do joven brasileiro. E a explicação de tal circumstancia parece-nos a demonstração positiva de que o monarcha acompanhou os primeiros ensaios da *Passarola* nalgum modelo de dimensões reduzidas. Experiencias estas que o levaram a não hesitar em conceder o monopolio da navegação aerea ao seu subdito americano.

Da petição de Bartholomeu Lourenço correm varios apographos com variantes.

Foi o primeiro aproveitado por Francisco Freire de Carvalho em sua memoria reivindicadora dos direitos de Gusmão.

E' copia de um opusculo impresso em 1784 e no emtanto datado de 1774, graças a uma pequena fraude litterario-patriotica a que teremos de analysar detidamente.

E' esta a integra do texto do tal livreco.

“Petição do P. Bartholomeu sobre o Instrumento, que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades.”

“Diz o Lecenceado Bartholomeu Lourenço, que elle tem descoberto Hum instrumento para andar pelo ar dá mesma sorte, que pela terra, e pelo Mar, com muito mais brevidade; fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, nos quaes instrumentos se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos e terras mais remotas quasi no mesmo tempo, em que se resolvem: no que interessa a Vossa Magestade muito mais que todos os outros Principes, pela maior distancia dos seus Dominios; evitando-se desta sorte os desgovernos das Conquistas, que provem em grande parte de chegar tarde a noticia delles. Alem do que, poderá Vossa Magestade mandar vir todo o preciso dellas muito mais brevemente, e mais seguro: poderão os homens de Negocio passar Letras e Cabedaes a todas as Praças sitiadass poderão ser soccorridas tanto de gente, como de viveres e munições a todo o tempo; e tirarem-se dellas as pessoas, que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir.

Descobrir-se-ão as Regiões mais visinhas aos Polos do Mundo, sendo da Nação Portugueza a gloria deste descobrimento. Alem das infinitas conveniencias, que mostrará o tempo.

E porque deste invento se podem seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se muitos na confiança de se poderem passar a outro Reino, o que se evita estando reduzido o dito uso a huma só pessoa, a quem se mandem a todo o tempo as ordens convenientes a respeito do dito transporte, e prohibindo-se a todas as mais sobre graves penas; e he bem se remunerar ao Supp.e invento de tanta importancia,

“Pede a V Mag.de seja servido conceder ao Supp.e o privilegio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que for, possa usar delle em nenhum tempo neste

Reino, ou suas Conquistas, sem licença do Supp.e, ou seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os bens, e as mais que a V. Mag.de parecerem,

E. R. M.ce”

“Consultou-se no Desembargo do Paço a El Rei com todos os votos, e que o premio, que pedia, era mui limitado, e que se devia ampliar.”

Sahio despachado com a Resolução seguinte:

“Como parece á Mesa; e alem das penas, acrecento a de morte aos transgressores e para com mais vontade o supplicante se applicar ao novo instrumento, obrando os effeitos, que relata, lhe faço mercê da primeira Dignidade, que vagar em as minhas Collegiadas de Barcellos, ou Santarem, e de Lente de Prima de Mathematica na Minha Universidade de Coimbra, com seiscentos mil reis de renda, que crio de novo em vida do Supplicante sómente. Lisboa 17 de abril de 1709. Com a rubrica de Sua Magestade.”

De que autoridade deve revestir-se o texto da petição que Augusto Felipe Simões descobriu no acervo da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, no codice 342? Não sabemos dizel-o.

Trata-se de variante muito mais desenvolvida do que a petição de que Freire de Carvalho se valeu.

Senhor:

“Diz o Padre Bartholomeu Lourenço, que elle tem descoberto um instrumento para se andar pelo ar da mesma sorte, que pela terra, e pelo mar, e com muita mais brevidade; fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, no qual instrumento se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos e a terras mui remotas quasi no mesmo tempo, em que se resolverem: em que interessa a Vossa Magestade muito mais que nenhum dos outros Principes, pela maior distancia dos seus domínios; evitando-se desta sorte os desgovernos das conquistas,

que procedem, em grande parte, de chegar muito tarde a noticia dellas a Vossa Magestade.

Além do que, poderá Vossa Magestade mandar vir todo o precioso dellas com mais brevidade, e mais seguramente poderão os homens de negocio passar letras e cabedaes com a mesma brevidade. Todas as Praças sitiadas poderão ser soccorridas tanto de gente, como de munições e viveres a todo o tempo; e retirarem-se dellas todas as pessoas, que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir.

Descobrir-se-ão as regiões que ficam mais visinhas ao Polo do Mundo, sendo da nação portugueza a gloria deste descobrimento que tantas vezes têm tentado inutilmente as estrangeiras.

Saber-se-hão verdadeiramente as longitudes de todo o mundo, que por estarem errados nos mappas causam muitos naufragios; alem de infinitas conveniencias, que mostrará o tempo, e outras que por si são notorias, que todas merecem a real attenção de Vossa Magestade.

E porque deste invento tão util se podem seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se mais na confiança de se poder passar a outros Reinos o que se evita estando reduzido o dito uso a uma só pessoa a quem se mandem a todo o tempo as ordens que forem convenientes a respeito do dito transporte, e prohibindo-se a todas as mais sob graves penas; e he bem se remunerar ao supplicante invento de tanta importancia,

“Pede a Vossa Magestade seja servido conceder ao supplicante privilegio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que for, possa usar delle em nenhum tempo neste Reino, e suas Conquistas nem trazel-o de fora para o dito reino ou conquista com qualquer pretexto sem licença do supplicante ou de seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos seus bens, ametade para o supplicante e a outra para quem o accusar, e sobre (sic) as mais penas, que a Vossa

Magestade lhe parecer que pede a importancia deste negocio as quaes todas terão lugar tanto que constar que alguém faz o sobredito instrumento, sendo que não tenha usado delle para que não fiquem frustradas as ditas penas, ausentando-se o que nelas tiver incorrido.

E. R. M.ce”

Continua Felipe Simões:

“A’ petição da Bibliotheca da Universidade accrescentou o copista a nota seguinte:

“Desceu a consulta, concedeu-se-lhe o privilegio, e dizem tem comprado para a fabrica de tal instrumento aereo vinte e quatro arrobas de arames surtidos, isto é, grossos e delgados. E quantidade de papel; com que teremos alguns destes chamados papagaios. Dizem tambem que a primeira jornada que faz é a buscar tantos mil moios de trigo que estarão aqui brevemente”

Com toda a exacção observa Simões:

“Donde se depreheende haver-se tirado esta copia no anno de 1709 na occasião em que Bartholomeu Lourenço requereu o privilegio.”

Não pode haver duvida a este respeito; esta nota deve ter sido lançada antes da realisação da primeira experiencia e por pessoa que piamente acreditava na efficacia das promessas da petição.

Corroborá-o a allusão ao transporte do trigo. Havia, então, deste cereal immensa falta em Portugal, devido ás operações da guerra da conflagração europeia, a chamada guerra da Successão de Hespanha, então em sua phase agudissima.

Chegara o alqueire de trigo a 1.200 em Lisboa, preço inaudito.

A tal respeito leia-se o que se encontra na *Gazeta de Soares da Silva*.

Prosegue Simões:

Depois da copia impressa em 1774 vem o seguinte additamento:

“Consultou-se no Desembargo do Paço a El Rei com todos os votos, e que o premio, que pedia, era mui limitado, e que se devia ampliar.”

Sahiu despachado com a Resolução seguinte:

“Como parece á Mesa; e além das penas, acrecento a de morte aos transgressores e para com mais vontade se applicar ao novo instrumento, obrando o effeito, que relata, lhe faço mercê da primeira Dignidade, que vagar em as minhas Collegiadas de Barcellos, ou Santarém, e de Lente de Prima de Mathematica na Minha Universidade de Coimbra, com seiscentos mil reis de renda, que crio de novo em vida do Supplicante sómente.

“Lisboa, 17 de abril de 1709. Com a rubrica de Sua Magestade.”

Transcrevamos porém as judiciosissimas ponderações de Augusto F. Simões:

“Francisco Freire de Carvalho, comquanto escrupuloso na critica e analyse dos documentos que colligiu, não poz em duvida a authenticidade deste despacho.

Não faltam, porém, razões para o reputar apocrypho. Em primeiro logar, não parece muito crível que ao requerente se concedesse coisa que não pedia, e se lhe dêsse o premio de um invento, cujo resultado era ainda assaz duvidoso.

Em segundo logar, se Bartholomeu Lourenço de Gusmão tivesse realmente sido nomeado lente de prima da faculdade de mathematica não deixaria de o dizer Barbosa Machado, que mencionou todas as honras e dignidades de um seu contemporaneo, a quem tantos encomios prodigalisou (*Bibl. Lusitana*, 1,463).

“Em terceiro logar, se no despacho da petição se tivesse imposto aos que usassem da machina, sem licença do inventor, a pena de morte, excessiva para tal delicto, viria fer-

çosamente isto mesmo declarado no alvará, em que apenas se vê consignada a pena de sequestro, requerida na petição. E' verdade que, foram pelo Padre João Baptista de Castro mencionadas num seu diario, que se conserva na Bibliotheca de Evora, as alludidas mercês...

Este *Diario* a que allude Simões se incorpora a dois codices da Bibliotheca Publica de Evora (CXII — 2 — 14). A tal respeito escreve o douto reparador:

“O Diario do primeiro destes codices chega até ao anno de 1774; o do segundo até ao anno de 1768, começam ambos em 1700, e em ambos se lêem sem differença essencial as mesmas palavras a respeito do invento, e são as seguintes:

“Em março (1709) inventou o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão um instrumento para andar pelo ar, e el-rei lhe fez mercê da primeira dignidade que vagar na collegiada de Barcellos, e de lente de prima mathematica na Universidade de Coimbra com 600\$ de renda: mas nada teve effeito.”

Prosegue Simões em seus considerandos:

“Isto porém, não basta para provar a authenticidade do despacho, sendo possivel que o citado escriptor visse a cópia da petição que depois em 1774, foi impressa”.

“Deve notar-se que o despacho só appareceu nesta copia, de cuja inexactidão se poderá convencer quem a confrontar com o alvará, e não se encontra em nenhuma das tres cópias, a que já nos referimos, todas conforme e anteriores a 1774, e vem a ser as das Bibliothecas de Coimbra e Evora e a que Innocencio transcreveu em a nota da obra citada.

Deferiu El-Rei D. João V o requerimento de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, concedendo-lhe o privilegio pelo alvará que Francisco Freire de Carvalho publicou, declarando ter sido fielmente copiado na Torre do Tombo da Chancellaria d'El Rei D. João V; Officios e mercês — liv. 31, fl. 202 v.”.

A terceira variante, nossa conhecida, é manuscrita e pertence á King's Library do Museu Britannico (Add M. 3, 1520; codice in fol. de 393 fls.; tomo 9 da collecção dos Papeis Politicos).

Menciona-o Oliveira Lima na sua Relação dos Manuscritos portuguezes e estrangeiros, de interesse para o Brasil, existente no British Museum (cf. Revista do Instituto Historico Brasileiro 65, p. 2, p. 721).

Traz o seguinte titulo: Petição / que fes / o Padre Bartholomeu Lourenço / Ao / Desembargo do Passo / Para que se lhe concedesse fazer/hum invento que havia an/dar pello ar, e com effeito se / lhe concedeo o qual fes, e / levando-o a casa da India / o fez subir ao ar.

E' esta a petição que Eduardo Prado fez copiar num papel por nós impresso no primeiro tomo dos *Annaes do Museu Paulista*.

Senhor,

Diz o Padre Bartholomeu Lourenço, que elle tem descuberto hum instrumento para se andar pelo ar, da mesma Sorte do que pella terra, e pello mar, e Com muito mais Brevidade, fazendo-se muitas Vezes duzentas, e mais legoas de caminho por dia, nos quaes instrumentos, Se poderão levar os avizos de mais importancia aos exercitos, e as terras muito Remotas, quazi no mesmo tempo em que se Resolvem, em que enteressa Vossa Magestade muito mais que nenhum dos outros Principes, pella Mayor distancia dos Seus dominios, evitando-se desta Sorte, os disgovernos das Conquistas, que procedem em grande parte de chegar tarde a noticia delles, além do que poderá Vossa Magestade mandar Vir todo o preciso dellas, muito mais brevemente, e mais Seguro, poderão os homens de negocio passar letras, e Cabedaes. Com a mesma brevidade, a todas as praças Cilia-das poderão ser Soccorridas, tanto de Gente, como de muniçoens, e viveres a todo o tempo e tirarem Se dellas, todas as pessoas que quizerem, Sem que o inimigo o possa impedir; descubrir Se hão as Regioens que ficão mais Vizinhas ao

Pollo do Mundo, Sendo da Nação Portugueza a gloria deste descobrimento, que tantas Vezes tem intentado inutilmente as estrangeiras; Saber Se hão as Verdadeiras longitudes de todo o Mundo, que por estarem erradas nos Mappas Cauzão muitos Naufragios; além das infinitas Convinienças que Mostrará o tempo, e outras que por Si São Notorias, que todas merecem a Real atenção de Vossa Magestade, porque deste invento tão Util Se pode Seguir Muytas discordias, e facilitandosse e Mui-Mais na confiança de Se poder passar Logo a outro Reyno, estando reduzido o dito Vso a huma Só pessoa, a quem se mandem a todo o tempo as ordens que forem Convinientes, a Respeito do dito transporte, e prohibindosse a todas as mais, sob graves penas e he bem se Remunere ao Supplicante um invento de tanta importancia.

Pede a Vossa Magestade Seja Servido Conceder Ao Supplicante o privilegio de que pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa de qualquer qualidade possa Usar delle em nenhum tempo neste Reyno, e Suas Conquistas Com qaisquer pretextos. Sem licença do Supplicante, ou de Seus herdeiros Sob pena de perdimento de todos os Seus bens, ametade para o Suplicante, e outra metade para quem o accuzar, e Sobre mais penas que Vossa Magestade lhe parecer que pede a importancia deste negocio, as quais todas terão lugar, tanto que Constar que algum faz o dito invento, ainda que não tenha uzado delle, para que não fiquem frustradas as ditas penas, arbitrando o que as tiver incorrido.

E. R. M.

A' petição acompanha um despacho do Desembargador do Paço.

Consultousse no Desembargo do Passo a favor do Requerimento Com todos os votos a que devia Augmentar-se o premio a vista da Obra. Lisboa em vinte de abril de 1709.

Cotejando os dous textos, de Coimbra e de Londres, vemos que as diferenças essenciaes entre elles existentes vem a ser nullas.

A mais importante é a que existe entre preciso e precioso.

Ao texto de Londres encabeçam as seguintes linhas:

“MACHINA AEROSTATICA

*q pela primeira vez se vio na Europa — inventada
pelo celebre Bartholomeu Lourenço*

por Antonomazia o Voador — Irmão do insigne Alexandre de Gusmão; lançada ao Ar no Castello de S. Jorge de Lisboa; donde o Author desceu nella ao Terceiro do Paço em 20 de abril de 1709.

Lisboa na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira 1774.

NOTA.

Não obstante que o Author da Maquina diga, q dentro dos Globos vai o Magnete, cuja virtude fará subir a Barca: com tudo não he a sua elevação por força da virtude attractiva, mas sim pela força do Gaz, q os mesmos Globos, tem dentro, e a que o mesmo Author chama — Segredo — q não quiz declarar, tal vez por boas razoens que para isso tivesse. O certo he que o Autor era homem de talentos, e de grande capacidade; e q a tal machina foi experimentada, segundo o testemunho de alguns Velhos de probidade, q ainda vivem em nossa Corte, a pezar de haver alguém q o contradiga — tal vez por malicia ou por ignorancia.”

“Tem na pagina fronteira ao titulo um desenho á penna, de data posterior á copia, sob a epigraphie *Applicação da maquina*, seguido de sua descripção. Interessante”.

Estes esclarecimentos denunciam, da parte de quem os redigiu, o conhecimento do opusculo a que já nos referimos, apocryphamente datado de 1774.

Vejamos agora porém o despacho regio, tal qual Freire de Carvalho o divulgou.

“Eu El-Rei faço saber, que o P. Bartholomeu Lourenço me representou por sua petição, que elle tinha descoberto um instrumento para se andar pelo ar, da mesma sorte que pela terra e pelo mar, e com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia; no qual instrumento se poderiam levar os avisos de mais importancia aos exercitos e a terras mui remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolviam, ao que interessava eu mais que todos os outros principes pela maior distancia dos meus dominios, evitando-se desta sorte os desgovernos das conquistas, que procediam, em grande parte, de chegar mui tarde a mim a noticia delles.

Em nota de seu catalogo observa Oliveira Lima:

Além de que poderia eu mandar vir todo o preciso dellas muito mais brevemente e mais seguro, e poderiam os homens de negocio passar letras e cabedaes com a mesma brevidade, e todas as praças sitiadas poderiam ser soccorridas, tanto de gente, como de munições e viveres a todo o tempo, e retirarem-se dellas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o pudesse impedir.

E que se descobririam as regiões que ficam mais visinhas aos polos do mundo, sendo da nação portugueza a gloria deste descobrimento, que tantas vezes tinham tentado inutilmente as estrangeiras.

Saber-se-hão as verdadeiras longitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos mappas causavam muitos naufragios; além de infinitas conveniencias que mostraria o tempo, e outras que por si eram notorias, que todas mereciam a minha real attenção.

E porque deste invento tão util se poderiam seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na confiança de se poder passar logo aos outros reinos, o que se evitaria reduzido o dito uso a uma só pessoa, de quem se mandassem a todo o tempo as ordens que fossem convenientes a respeito do não transporte, prohibindo-se a todos os mais sobre graves pe-

nas; por ser justo que se remunerasse a elle supplicante invento de tanta importancia, me pedia lhe fizesse mercê conceder privilegio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa, de qualidade que fôr, pudesse usar delle sem licença delle supplicante ou de seus herdeiros, sob pena e perdimento de todos os seus bens, ametade para elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusasse e sobre as mais penas que a Mim me parecessem as quaes todas teriam lugar tanto que constasse que alguem fazia o sobredito instrumento, ainda que não tivesse usado delle, para que não ficassem frustradas as ditas penas, ausentando-se o que as tivesse incorrido:

E visto o que allegou, hei por bem fazer-lhe mercê ao supplicante de lhe conceder o privilegio de que pondo por obra o invento de que trata, nenhuma pessoa, de qualidade que fôr, possa usar delle em nenhum tempo neste reino e suas conquistas, com qualquer pretexto, sem licença do supplicante ou de seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens ametade para elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusar: e só o supplicante poderá usar do dito invento, como pede na sua petição.

E este alvará se cumprirá inteiramente, como nelle se contem; e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da ordenação do livro 2, til. 4, em contrario.

E pagou de novos direitos quinhentos e quarenta réis, que se carregaram ao thesoureiro delles á fl. 160 do livro 1.º, da sua receita; e se registrou o conhecimento em forma no livro 1.º do registro geral á fl. 149. José de Maia e Faria o fez em Lisboa aos 19 de abril de 1709.

Pagou desta quatrocentos réis, Manoel de Castro Guimarães o fez escrever. Rei — Conferido. Patricio Nunes e commigo Joseph Corrêa de Moura.

Como o leitor viu limita-se o despacho regio a quasi reproduzir os itens do requerimento do Voador.

Mas assim era o estylo da Chancellaria portugueza da epoca, quer respondendo aos officios dos delegados regios

de todas as circumscripções da monarchia, ou conquistas, como no tempo se dizia, por colonias.

Quem tem a pratica da leitura dos documentos officiaes portuguezes já de antemão concebe as respostas dos Reis ao deferirem as solicitações de seus satrapas.

Para a acquiescencia usavam as mesmas formulas e quasi as mesmas palavras.

CAPITULO III

A pretensão de Bartholomeu de Gusmão á resolução do problema da navegação aerea. Velhos ideaes. A aerostação e a aviação. De Archytas, de Tarento, a Lana-Terzi.

Assim, pelos termos de sua petição, categoricamente affirmava Bartholomeu Lourenço ter resolvido, com toda a precisão, o problema da navegação aerea. Garantia a realização de uma das mais velhas e tenazes aspirações humanas.

Como porem lhe teria vindo a inspiração de que se lhe gerara o invento maravilhoso?

Relatava, em 1817, Bocous, um dos seus primeiros biographos, que a idéa da construcção do aerostato viera ao Voador da observação de um phenomeno dos mais vulgares, destes que a cada passo estão ao alcance de todos os humanos e no emtanto só se tornam capazes de consequencias fecundas quando observados, experimentados e regulamentados por intelligencias aquilinas.

Está a historia da Sciencia cheia de taes casos, que todo o mundo conhece: o do *Eureka!* de Archimedes, das lampadas da Cathedral de Piza, com Galileu, da queda da maçã de Newton, das rãs esfoladas de Galvani, etc., etc.

A Bartholomeu de Gusmão occorreu a ideia do balão vendo uma holha de sabão ascender bruscamente ao passar, por acaso, por sobre um foco calorifico. Do exame de tão insignificante factó decorrera a apresentação immediata, á sua poderosa mentalidade, de uma consequencia do mais elevado alcance.

Sentiu-se senhor de um dos segredos da natureza e dahi, de relance, devassando os seculos, percebeu a immediata utilisção da sua descoberta.

Ia a Humanidade realizar o seu sonho multi-secular, vencer os obices que haviam causado a morte de Icaro.

Já senhor das terras e dos mares iria o Homem, afinal, tambem dominar os ares.

Que conseguira até então? Nada! Meros devaneios, desvarios da imaginação sobre o papel. Nada de positivo, nada mais! nem no campo do mais leve nem do mais pesado do que o ar, no da aerostação e no da aviação.

Azas! azas! era o clamor que Aristophanes, cinco seculos antes de Christo, punha na bocca de um de seus personagens.

A lembrar esta circumstancia escrevia em 1876 Wilfrid de Fonvielle — o scientista e divulgador que tanto fez pelos progressos da aeronautica, ao lado de Tissandier :

“Quantas vezes não se reproduziu esta aspiração tão poetica do grande comico grego! Sim, porque a faculdade dos mais humildes habitantes do ar constitue como que permanente desafio ás nossas artes, ás nossas industrias, á nossa sciencia! Pobres atomos pensantes cujo espirito sulca livremente os espaços, sentimos o constrangimento de todo o peso indefensivel força que nos cravilha á superficie da terra, tornando-nos os escravos de pequena bola gyratoria de um canto do firmamento.”

Lancemos summaria vista de olhos sobre os esforços dos precursores de Gusmão na senda asperrima da conquista dos ares.

De Archytas de Tarento, filho de Mensagoras, um dos mais celebres gregos da antiguidade, philosopho pythagoriciano, contemporaneo e amigo de Platão, nascido lá por 440 antes de Christo e fallecido quiçá octogenario, conta-se que foi homem de enorme talento: mathematico, astronomico, mecanico, estadista e estrategico. Homem de vida purissima, e do mais brando character, deveu-lhe Platão a vida, quando prisioneiro do terrivel Dionysio.

Atribuem-se-lhe inventos da maior importancia como o parafuso, a polia, e a descoberta de varios theoremas de geometria.

Era voz geral na antiguidade que construíra uma pomba voadora e Horacio, em celebre ode, cantou-lhe a morte tragica, num naufragio.

De tal ave contam os antigos autores maravilhas. Pensam seus biographos que seria um automato como os de Vaucanson, incapaz portanto de utilisção pratica, mero brinquedo revelador do enorme talento do constructor, mas apenas isto.

Escreve Felippe Simões:

“Com automatos semelhantes distrahia Turriano a Carlos V no convento de Yuste, onde findou seus dias trocando pela humildade da vida religiosa as grandezas do imperio e as pompas mundanas.

Sem falar de Simão Mago, a cujo vôo, segundo contam, as orações de S. Pedro pozeram desgraçado fim, ou do imprudente que em tempo do imperador Manoel Comneno quiz voar do cimo da torre do hippodromo de Constantino-ple e deu miseravelmente em terra; não faltam outras tentativas, mais bem averiguadas, de alguns physicos ou mechanicos, que pretenderam percorrer os ares, servindo-se de apparatus semelhantes ás azas das aves”.

Em 1060, o beneditino inglez Oliveiros de Malmesbury pegera victima de sua confiança no apparatus voador que inventara. Homem de enorme reputação scientifica, naquelle seculo de ferro, como astrologo e mathematico, autor de tratados de reputação européa, como o *De geometria* etc., atirou-se do alto de uma torre, certo da efficiencia da sua machina alada. E cahiu pesadamente, morrendo, pouco depois, em consequencia da fractura das pernas.

Mas os contemporaneos garantiam que voara; causara-lhe a queda a falta da cauda, em sua passarola, cujas azas haviam funcionado bem, no emtanto.

De Bacon, do genial Rogerio Bacon, o *Douitor admiravel*, cuja cerebração immensa encheu o mundo de sua fama, sabe-se que ideiou uma machina voadora. Ao pae da *scientia experimentalis*, ao precursor de Galileu e de Newton, “á maior das apparições da Idade Média” no dizer de Alexandre de Humboldt coube tambem occupar-se da navegação aerea: dahi o seu projecto de apparelho movido por grandes azas á maneira de remos conjugados.

Ignora-se, porém, se o genial franciscano tentou alguma realização pratica de semelhante machina.

De João Baptista Dante, mathematico e physico italiano do seculo XV, e filho de Perugia, conta-se que inventou um avião com o qual realizou diversos vôos, por cima do Lago Trasimeno.

Certo dia de festa, em sua cidade natal, resolveu exhibir-se perante os concidadãos e assim atirou-se aós ares. Mas uma das azas de seu apparelho partiu-se e elle cahiu, quebrando uma coxa. Desconsolado deixou Perugia, apenas se viu restabelecido, e passou a residir em Veneza onde, até morrer, professou mathematicas.

Não ha quem desconheça o que Leonardo da Vinci fez em materia de estudos, para promover a solução do problema da aviação.

De suas experiencias resta abundante documentação: os gloriosos cadernos em que descreveu a serie de ensaios realizados em Milão. Mas estes diversos ensaios se filiam aos casos do *mais pesado do que o ar*.

A primeira percepção de aproveitamento do principio de Archimedes em relação aos fluidos aereos para a navegação aerea parece ter occorrido a um jesuita, famoso em seu tempo, o Padre Lana.

Nascido em Brescia, em 1631, diz o *Nouveau Larousse Illustré*, e em 1633, segundo a *Encyclopedia Universal Illustrada*, de Espasa, professou Francisco Lana-Terzi na Companhia de Jesus, em 1647.

Foi lente de literatura nos Collegios de Turim, Brescia e Ferrara, fundou, na segunda destas cidades, a Academia

dos *Filesotici* e angariou enorme reputação na Europa, como cientista e inventor.

Collaborador de Kircher, seu illustre confrade de rou-peta, inventou machinas hydraulicas, reproduziu e melhorou experiencias de Galileu, fez experiencias sobre a elasticidade do ar, a rectificação do alcool, a possibilidade do movimento perpetuo, a producção de pedras preciosas artificiaes, etc. Tinha espantosa mobilidade de espirito, dizem os seus biographos, pois ao mesmo tempo escrevia peças de theatro, obras mysticas e de psychologia ascetica.

Durante algum tempo dedicou-se muito á confecção das aves mecanicas. Em 1670 publicou o *Prodromo ovvero saggio di alcune invenzioni nuove premesse all'arte maestra, opera che prepara per mostrare li piu reconditi principii della naturale filosofia*.

No quarto capitulo desta obra ocorre a descripção e o primeiro projecto de aparelho aerostatico jámais imaginado: o da *barquinha voadora* suspensa de quatro balões, formados por laminas metallicas, cujos resultados não pôde comprovar, pois não chegaram a realizar-se as experiencias de tal naveta.

Nada mais, simples do que o invento do padre Lana. No centro de uma nacella ovoide implanta-se um mastro, munido de verga, vela e escota.

Aos rebordos da barquinha prendem-se quatro balões conjugados, que, por meio de cabos ou correntes, sustêm o conjunto. Nada mais simples!

A novidade do invento era a seguinte: devia haver o vacuo dentro dos balões!

Affirmava Lana que seria viavel o seu invento “una nave che camina sustentata sopra l'aria a remi et a vele”.

Curiosos os unicos obices oppostos á consecução de seu triumpho: os emanados da Providencia, alarmada com a perturbação terrivel que á Humanidade traria tão prodigioso invento.

E — facto notavel! — previa o jesuita, com extraordinaria perspicacia, a possibilidade dos borbardeios aereos.

“Altre difficoltà non vedo che si possano opporre a questa inventione, toltane una, che a me sembra maggiore di tutte le altre, et é che Dio non sia per mai permettere che una tale macchina sia per riuscire nella pratica, per impedire molte conseguenze, che perturbarebbero il governo civile e politico tra gli huomini. Impercioché chi non vede che niuna città sarebbe sicura dalle sorprese, potendosi ad ogni ora portar la nave a dirittura sopra la piazza di esse, e lasciatela calare a terra, descendere la gente?

L'istesso accadrebbe nelle corti delle case private, e nelle navi che scorrono il mare; anzi con solo discendere la nave dall'alteza dell'aria fino alle vele della nave maritima, potrebbe troncarle le funi; et anche senza descendere, con ferri che dalla nave si gettassero abasso, sconvolgere i vascelli, uccidere gl'huomini et incendiare le navi con fuochi artificiali, con palle e bombe; ne solo le navi, ma le case, i castelli, o le città con sicurezza di non poter essere offesi quelli, che da una smisurata altezza le facessero precipitare.”

As idéas de Lana encontraram repetidor na pessoa de certo Frescheur que, em 1676, e com a maxima sem cerimonia, publicou em Zurich uma *Exercitatio physica de arte navigandi per aërem* indecoroso plagio no dizer de Paulo Picca na *Nuova Antologia* (Agosto de 1910).

Em 1670 publicava Lana as suas lucubrações e no entanto, já desde 1654, realizara Otto de Guericke aquella serie celebre de experiencias que o immortalisaram, com a machina pneumatica, de sua invenção recente, e sobre os effeitos diversos do vacuo.

Tivera enorme repercussão na dieta de Ratisbonna, e em presença do proprio Imperador da Allemanha, a famosissima apresentação dos hemispherios de Magdeburgo.

Mas o Padre Lana, conhecedor do principio de Archimedes, parece ter ignorado a experiencia do “arrebenta hexigas”, da “chuva de mercurio” etc. ao não cogitar da espessura a dar aos seus globos metallicos, afim de que pou-

dessem resistir a pressão atmospherica exterior e ao mesmo tempo disporem de força ascencional.

Dahi o merito puramente imaginativo attribuido ao seu invento pelos que lhe analysaram as chimeras aerostaticas.

Indubitavel é comtudo que a concepção dos quatro globos suspensores da naveta deve ter levado os espiritos observadores a sérias reflexões. Assim como lhes chamou a attenção para a possivel utilização da differença de densidades dos meios, embora houvesse o Padre Lana ido ás de cabo querendo logo praticar o vacuo dentro dos seus balões.

Criticando-o severamente, chama-lhe Fonvielle louco, depois de lembrar que a primeira data da conquista do ar deve ser aquelle dia em que ironicamente declarara Galileu á corporação dos bombeiros de Florença: a natureza só tinha horror ao vacuo até trinta e dous pés. Dahi em deante não!

Mais de vinte annos antes das experiencias dos Montgolfier em 1761, o illustre Wallis, explicava em Oxford, com maravilhosa precisão, as propriedades do equilibrio dos “eres”, que se superpunham, por camadas na ordem inversa das densidades, tal qual como os liquidos.

Toda a razão assiste a Felipe Simões quando escreve:

“Foi o Padre Lana o primeiro que expendeu a idéa de construir um aparelho especificamente mais leve que um igual volume de ar, e por isso capaz de se elevar na atmospherica.

Todavia a sua barca volante, tal como a descreveu em 1670, no *Prodromo dell'arte maestra*, ninguem chegou a construíla e muito menos a experimentalá.

Nem uma nem outra seria possivel, porque os quatro balões de cobre que a barca deveria levar vassios, se tivessem espessura bastante para resistir á pressão atmospherica, pesariam mais que o ar que deslocassem, e se fossem tão delgados que pesassem menos, rebentariam por effeito daquella pressão.

Pondo de parte, por inexequível, nunca experimentado, e incapaz de o ser, o designio do Padre Lana, não consta que antes de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ou depois d'elle até Montgolfier, houvesse quem pretendesse resolver o problema da navegação aerea, soccorrendo-se deapparelhos mais leves que o ar, isto é de verdadeiros aerostatos.”

Lembra o douto portuguez um episodio da historia da aerostação anterior ás experiencias de Montgolfier mas muito posterior ás de Gusmão.

Pouco depois que Cavendish descobrira e revelara as propriedades do hydrogenio avançou Black (o celebre physico e chimico inglez, “pae” da calorimetria), que um envoltorio de pequeno peso como uma bexiga, “cheio daquelle gaz e formando um todo mais leve que um igual volume de ar, poderia elevar-se e sustentar-se na atmosphaera.”

Não chegou, porém, a fazer as experiencias que, para o demonstrar, annunciara.

Tentou-as mais tarde, no principio do anno de 1782, o italiano Tiberio Cavallo, que, havia alguns annos, se dedicava em Londres, com fervorosa diligencia, aos estudos physicos. De suas primeiras tentativas não tirou resultado; numas por causa do peso dos envoltorios de que se servia, noutras porque o hydrogenio sahia filtrado pelos poros das substancias de que os fabricava.

Afinal contentou-se em lançar ao ar bolhas de sabão, que enchia de hydrogenio por meio de uma bexiga, com este gaz, adaptada aos tubos com que as formava”.

Não queiramos, porém, obscurecer os direitos do Padre Lana. Assim com toda a exacção commenta Felipe Simões:

“A proposição aventada por Black já antecedentemente o tinha sido pelo Padre Lana, e a experiencia das bolhas de sabão não differiu tanto do brinquedo infantil, usado e conhecido em toda a parte, que merecera a qualificação de tentativa aeronautica.

Os pormenores referidos vêm no artigo “Aérostation” do “Dictionaire des sciences mathématiques” de Montferrier. Não nos parece provavel que as alludidas experiencias tenham maior importancia do que se lhe attribue na obra citada: porque, se a tivessem, por força seriam mais conhecidas. Não deixaremos, porém, de advertir que Tiberio Cavallo publicou, além de outros livros de physica, um intitulado “The history of aerostation” (Londres 1785 in 8º) onde se deve achar a noticia exacta e circumstanciada das suas experiencias”.

E’ possivel que de Charles não fosse desconhecida a experiencia das bolhas de sabão, com hydrogenio, de Tiberio Cavallo, quando imaginou substituir a *montgolfiere* de ar quente pelo balão de hydrogenio. Mas tambem é muito possivel que lhe acudisse a mesma suggestão, simultaneamente sem a menor sciencia dos ensaios do physico italiano. Não nos esqueçamos de que, por aquella época, a interpenetração scientifica dos povos ainda era lenta.

O caso de Boyle e Mariotte, embora aqui já bem mais distante, de tal nos dá positivo indice.

O sr. Dr. Trajano Furtado Reis, em sua excellente memoria, enviada ao Primeiro Congresso Nacional de Aeronautica: *Os brasileiros na historia da navegação aerea*, recorda o que a *Enciclopedia italiana*, do Instituto Treccani de Milão, escreve a proposito de Lana e seu invento, dando-lhe a primazia da idéa da navegação aerea, por meio de uma machina mais leve do que o ar.

Ha ahi um *distingo* a se fazer.

O problema se apresentou ao Padre Lana de modo muito obscuro, denunciador da sua ignorancia absoluta das experiencias de Otto de Guericke, com a machina pneumática, como já tivemos o ensejo de notar.

Frisámos que o famoso jesuita ignorava, por completo, a celeberrima prova do illustre burgomestre saxonio.

Assim, analysando a concepção de Lana, se por um lado percebemos que elle encarava com criterio a applicação do

principio de Archimedes, aos fluidos gazosos, por outro mostrava supina ignorancia das condições que regem os effeitos da pressão atmospherica, cuja existencia devia por completo desconhecer.

Quiçá fosse insciente, até, da descoberta de Torricelli...

E' o que faz suppor a sua ingenua concepção dos quatro balões metallicos em que se houvesse feito o vacuo e no entanto dotados de força ascencional na atmosphaera.

Que densidade precisariam ter para que tal se desse?

Muito mais criteriosamente procedeu Otto de Guericke que não pensou em transformar os seus hemispherios de Magdeburgo em aerostatos. Nem jamais perpassaria semelhante absurdo pelo cerebro do homem, quasi genial, que foi o primeiro identificador da faisca electrica.

Não deve Francisco Lana de Terzi jámais ter tido em mãos o volume das *Experimenta nova, ut vocant, Magdeburgica, de vacuo spatio* do grande burgomestre da cidade saxonica, que, com as suas invenções e descobertas, abriu para a Physica uma era nova e fecundissima. Impressa esta obra em 1670 precedeu pois de quatorze annos ao *Magisterium naturae et artis*.

Não existe, a nosso ver, a menor influencia de Lana sobre o espirito de Gusmão. Este jámais cogitou de lançar mão do vacuo preconizado pelo jesuita.

Com verdadeira intuição dos factos, aproveitou-se das circumstancias decorrentes das differenças de densidade entre dous fluidos, afim de obter uma força ascencional para o seu aparelho.

Ha, portanto, apenas ligeiro contacto entre as idéas do ignacino e as do nosso patricio immortal, a quem coube a maior originalidade de concepção.

Não se poderá, jámais, com justiça, affirmar que Lana foi um precursor de Gusmão, como pretendem alguns observadores afoitos.

Um destes é o feroz clericophobo Mauricio Lachatre, em seu *Nouveau Dictionnaire Universel*, publicado em Pariz já em 1881! (vd. artigo *aérostas*).

Aproveita-se o homensinho do caso como mais um ensejo para desancar a sua odiada adversaria: a Igreja Catholica.

Assim avança:

“A primeira idéa racional emittida sobre este assumpto se deve ao Padre Lana, jesuita italiano que a tornou publica em meados do seculo XVII”.

A tal proposito commenta o articulista que, entre parentheses, deve ter sido bem, bem fraquinho em materia de conhecimentos physicos:

“O apparelho por elle proposto consiste numa especie de barco sustentado por quatro globos de cobre delgado, de volume sufficiente, no interior dos quaes se faria o vacuo para os tornar mais leves que o seu volume de ar equivalente.

A idéa de Lana nunca passou do estado de theoria (sic).”

Vem agora a parte pittoresca do caso, imaginosa e sectaria, optima occasião para *écraser l'infame*...

“Lá por 1745 (sic!) o portuguez Francisco Gusmão (sic!!) de Lisboa (sic!) conseguiu elevar-se na atmosphera, por meio de uma machina aerostatica de sua invenção.

Transportado por uma especie de aguia, a cujas azas imprimia movimentos, atravessou o Tejo e teria podido levar avante as suas experiencias não fôra a Inquisição que o ameaçou com as suas torturas.

Já os padres, no pulpito, o designavam em seus sermões como tendo partes com os espiritos infernaes quando seu irmão, apezar de Secretario de Estado e valido de D. João V, receioso por sua vida, aconselhou o que fugisse.

E' evidente que as azas da machina em questão só serviam para disfarçar o verdadeiro motor que mantinha o aerostato na atmosphera.

Ai de nós! por toda a parte, e sempre, surge a Igreja para deter o progresso seja qual fôr a fórma sob o qual elle se apresente!”

Magnificas novidades como se vê! só lhes falta uma rubrica: o “confere” do illustre mestre Mendes Fradique em sua esplendida *Historia do Brasil pelo methodo confuso*.

Remeteu-nos gentilmente o Sr. Marquez de Faria, um retalho da imprensa lisbonense relativo ás conferencias que sobre o *Voador* vem effectuando o Dr. Ludovico de Menezes.

Reproduzamos, porém, os topicos do *Diario de Noticias* de Lisboa:

“Na Sociedade de Geographia realizou hontem o Sr. Ludovico de Menezes a sua segunda conferencia sobre “Bartholomeu de Gusmão, precursor da navegação aerea”.

Fez o estudo critico das experiencias do Padre Gusmão, realizadas com os seus tres engenhos, a Passarola, fundada sobre o vôo das aves, a Aeronave, fundada sobre os objectos leves, que o vento arrebatava do chão, e o Balão, fundado sobre a leveza do ar quente em relação ao ar frio, affirmando que é por se ter servido de cada um destes engenhos separadamente, cada um por sua vez, e por não ter feito esta discriminação nos ensaios, que provém toda a confusão lançada em torno dessas experiencias, dando azo aos malentendidos.

Affirmou depois que Bartholomeu de Gusmão é discipulo directo do jesuita italiano e continuador do seu pensamento e da sua obra, como mostrou, pondo em confronto as duas personalidades, ambas animadas do mesmo espirito de ultrapassar o seu tempo e absorvidas pelo mesmo sonho da navegação aerea, porque Lana tambem a tentou, embora não no campo pratico. Após estas considerações, entrou a apreciar cada um dos citados engenhos de per si.

Terminou por affirmar que a ultima experiencia do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão é a unica que dá a Portugal o direito de proclamar para si a prioridade da navegação aerea, que anda usurpada pela França, havendo razão para se considerar Bartholomeu Lourenço de Gusmão como o primeiro nauta do ar.”

Com a maior curiosidade esperamos a dissertação do distinto escriptor luso-indiano e tomar conhecimento da documentação sobre a qual estriba a sua hypothese da pluralidade dos engenhos do nosso immortal compatriota.

Dissentimos, *in totum*, dos seus pontos de vista quanto a se filiar a inspiração de Bartholomeu Lourenço ás sugestões de Lana Terzi.

Pensamos que entre as idéas de um e de outro apenas existe ligeiro contacto.

Ambos os inventores fizeram tentativas da applicação do principio de Archimedes aos fluidos aereos.

Pretendeu Lana a irrealizavel ascensão de espheras de metal dentro das quaes se fizesse o vacuo, mostrando por completo desconhecer as mais elementares experiencias da pneumatica.

Gusmão lançou mão do aquecimento do ar para procurar obter uma força ascencional capaz de elevar o seu balão, cousa racionalissima.

Immensa a differença de processos, portanto!

CAPITULO IV

Aggressões insolentes de poetastros a Gusmão. O insultador profissional Thomaz Pinto Brandão e sua caterva. O seu odio irreductivel ao inventor.

De um momento para outro tornou-se Bartholomeu Lourenço verdadeira celebridade, o famoso *day's man* da velhissima phrase feita britannica.

E, coisa curiosa, provocou semelhante facto verdadeira explosividade no Parnaso lisbonense das ruas e tabernas.

A' falta de imprensa temos, na poesia coetanea, muitas das mais importantes comprobações das experiencias do *Voador*. Contra o inventor e o invento alçou-se um côro de soezes injurias e pesados escarneos, formando vultosa anthologia de charra e insulsa versalhada.

Ainda não havia Bartholomeu Lourenço encetado os seus ensaios e já os poetastros o aggrediam, furibundamente, lançando mão de todos os recursos de sua lyra geralmente pobrissima de inspiração.

Sobejas razões cabem a Felipe Simões quando comenta:

“As tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão succederam na época da maior decadencia da poesia em Portugal.

Haviam-se até apagado os ultimos raios com que a escola denominada hespanhola brilhara por entre os muitos e grandes defeitos de suas ridiculas exaggerações. Enfraquecida pelo correr do tempo, a influencia das tradições glorio-

sas do seculo XVI, não dissimulava já os effeitos das causas que, por largos annos, tinham contribuido para perverter a litteratura.

Esgotada a força daquelle salutar antidoto, manifestava-se, emfim, rasa e mal assombrada, a enfermidade, que haviam longamente gerado as perseguições da Inquisição, os vexames do dominio estrangeiro e a degradação das ordens religiosas, que tinham sido antes o mais firme sustentaculo da pureza dos estudos e do bom gosto litterario.

Em 1709, não se nos depara um só poeta, mas vemos versejadores sem conta. Não havia quem se não julgasse capaz de exercitar a arte privilegiada de Camões e de Quevedo; todos faziam versos e tudo se escrevia em verso; a nação parecia um vasto Parnaso. Abundam na *Fenix Renascida* no *Postilhão d'Apollo* e n'outras collecções impressas ou manuscriptas as provas do que dizemos.

São numerosas as poesias que temos colligido, concernentes á machina volante. E quem sabe as que se perderam, e quantas virão ainda a apparecer?

Todas ellas ridicularisam, mais ou menos pungentemente, a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o Voador. Nem admira que isto assim fosse em Portugal no principio do seculo passado, succedendo o mesmo em França, oitenta annos depois, a diversos aeronautas, e até a quem lá applicou, primeiro que todos, a força do vapor á navegação, ao Marquez de Jouffroy, que alcunharam *Jouffroy la Pompe*.

Cahi em tal descredito o Marquez de Jouffroy, por causa de suas experiencias, que na côrte de Versailles não se falava delle senão como do fidalgo provinciano que embarcava nos rios bombas movidas por fogo; do louco, que pretendia combinar o fogo com a agua, etc.”

A mais antiga peça de tal versalhada transcripta por biographo do Voador é a que Freire de Carvalho publicou na sua *Memoria* e da lavra de Thomaz Pinto Brandão. Intitula-se *Ao novo invento de andar pelos ares* e tem sido muito reproduzida.



José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo
(1774-1847)

Oleo de H. Manzo — Collecção do Museu Paulista

E' certamente anterior ás experiencias como seu tom aliás o denuncia, inilludivelmente.

DECIMAS

1.^a

*“Esta maroma escondida,
Que abala toda a cidade,
Esta mentira verdade,
Ou esta duvida crida;
Esta exhalação nascida
No Portuguez firmamento:
Este nunca visto invento
Do Padre Bartholomeu,
Assim fôra santo eu,
Como ella he coisa de vento.*

2.^a

*“Esta féra passarola,
Que leva, por mais que brame,
Trezentos mil réis de arame
Sómente para a gaiola:
Esta urdida paviola,
Ou este tecido enredo:
Esta das mulheres medo
E emfim dos homens espanto;
Assim fôra eu cedo santo
Como se ha de acabar cedo.”*

Apparecia, pela primeira vez, em scena o mais tenaz e irreductivel detractor de Gusmão, o mais ferino e baixo perseguidor de seu talento, o mais rancoroso inimigo que em toda a vida encontraria, insultador posthumo, até, de um adversario prostrado pela desventura.

A respeito de tal poetastro. Thomaz Pinto Brandão, longamente escrevemos no nosso primeiro volume sobre Bar-

tolomeu de Gusmão, tentando esboçar lhe a biographia sorrida com os proprios elementos adduzidos por um de seus admiradores aliás anonymo.

José Agostinho de Macedo considerava-o como um dos primeiros sonetistas portuguezes, e chegava a dizer que entre todos os sonetos hespanhoes, italianos e portuguezes só conhecia um perfeito que era aquelle com que Thomaz Pinto Brandão abre o *Pinto Renascido*.

Nesta perda geral, magoa commua

Para o rancoroso padre, que principiava por pôr de parte os admiraveis sonetos de Bocage e de Camões, podia ser effectivamente que não houvesse soneto superior a esse de Thomaz Pinto Brandão.

Mas a posteridade que sabe de cór o "*Alma minha gentil que te partiste*" e o *Meu ser evaporei na lida insana*, esqueceu completamente o "*Nesta perda geral, magoa commua*".

Thomaz Pinto Brandão dizia de si mesmo: fôra o poeta que, vivendo de alegrar a gente, morreu de fome. E' curioso que Innocencio comece da seguinte forma o seu artigo a respeito deste: *Thomaz Pinto Brandão*. Poeta que vivendo de alegrar a gente morreu de fome, *segundo* elle diz. Parece que cita uma autoridade competente para advertir os leitores do genero de morte que o poeta teve".

E' esta aliás, a legenda que lhe acompanha o retrato, em gravura magnifica, obra do illustre Debrie e datada de 1732.

Tamanha honra não merecia semelhante biltre. Representou-o o grande gravador "aos 66 annos, a meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente de cabelleira", diz-nos o catalogo de Menezes Brum.

Lê-se na moldura o distico que Pinheiro Chagas paraphraseou: *Viveu de alegrar a Côte e morreu de fome*".

A' sua collecção iconographica admiravel reuniu Diogo Barbosa Machado a effigie do jogral, acompanhada de epigramma moderadamente mordaz:

*“Nesses vôos. que empredeis,
Canóro Pinto. mostraes
Que a luz a Appolo esgotaes
Que a inveja á Fama meteis
Tão velozmente bateis
As azas, que remontado
No discursivo, e abrazado
Vos ostentaes ao sentido
Pinto em Fenix convertido,
Pinto em Aguia transformado.”*

Após as *Decimas*, divulgou Freire de Carvalho este soneto muito citado, mas estropiadamente.

Ao padre Bartholomeu, inventor da navegação do ar.

*Veiu na frota, um duende brasileiro,
Em traje clerical, sotaina e c'róa,
Fez crer que pelo ar navega e vôa
Um barco sem piloto e sem remeiro.*

*Vae-se ao marquez de Fontes mui ligeiro,
Declara-lhe o segredo, este o apregôa:
Sahe a consulta, pasma-se Lisboa.
E em tanto esquece a fome no Terreiro;*

*Bem merece este duende eterno assento
Na éthérea regiões eu já lhe approvo
A diabrura do subtil invento;*

*Pois um milagre fez, que é mais que novo,
Em manter tantas boccas só de vento.
Fazendo um cameleão de tanto povo.*

Corrigiu-o Felippe Simões. Corria com grave alteração doente por duende.

Esta descoberta lhe veio da analyse de um codice da Universidade de Coimbra, o de numero 342.

Ainda foi Freire de Carvalho quem trouxe a lume segundo soneto, que lhe communicou Manoel Bernardes Lopes Fernandes, estes menos mal feito e até certo ponto engraçado.

*Icaro de baeta tonsurado
Andarim do diaphano elemento
Que em Pacabote de não visto invento
Queres ser pensamento, e dás cuidado.*

*Se ha basbaques que creiam de contado
Da volatil patranha o fundamento,
Eu tão leve não sou, que do teu vento
Nem sequer fie o fumo de um telhado.*

*Mas se affectas a fé do que apregôas,
Faze essa diabrura; que te aviso,
E terás mil applausos e corôas.*

*Mette esse invento adonde tens o siso,
Vê se no vento que nelle, vôas:
Que outro voar meu Lourencinho é riso.*

Do seu exame do codice 342 da Universidade Conimbriense escreve Felippe Simões:

“Este soneto e as sete peças que se seguem foram copiadas de um livro manuscripto da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Tem no catalogo o numero d’ordem 342. E’ em 4.º, encadernado com o seguinte rotulo no dorso “Jardim historico” e faz parte de uma collecção de mais de trinta volumes, dos quaes só alguns se conservam n’aquelle archivo.

Este a que alludimos é quasi todo da mesma letra dos principios do seculo passado e consta de varios escriptos em prosa e verso, entre elles alguns dialogos de Francisco Manoel de Mello. Além das oito poesias contém o mesmo codice o “Manifesto”, uma descripção da machina volante e uma

longa satyra em prosa que começa assim: “Esta é a forma do artificio que ha de subir ao ar com tanta admiração de todos...”

Todas estas peças são da mesma letra, que é tambem a da copia da petição já mencionada, comquanto este ultimo papel pertença a um codice differente, que é um grosso volume em fol. com o numero 674.

Vê-se portanto que o mesmo individuo copiou todos estes papeis (os quaes são doze), na mesma época, que com razão reputaremos anterior ao principio de agosto de 1709, em que Bartholomeu Lourenço fez a experiencia em presença da Côrte, pois em coisa nenhuma se refere a este facto o diligente e curioso copista desconhecido.

Todos os alludidos documentos foram colligidos no tempo em que requereu e obteve o privilegio o autor da machina volante e se occupava de a construir e aperfeçoar”.

Na mesma expectativa das experiencias, asnaticamente versejava outro anonymo:

*Com que invento queres baixo idiota,
Com que engenho te atreves, brasileiro,
A voar no ar, sendo pateiro, (1)
Desejando aguia ser, sem ser gaivota?*

*Melhor te fora na região remola
D'onde nasceste estar com sizo inteiro,
Sem pretendes ser tu o primeiro,
Que faças uma celebre derrota.*

*Mas bem obras, que te achas numa terra,
Onde vemos subir a mór altura
Sujeitos mui pezados, por mui brutos.*

*Não me admira não, pois ninguem erra
Quando subidas taes louco procura
Vender, que tantos voam por astutos.*

(1) Frade leigo encarregado da copa de um convento.

Do codice 389 (fol. 126) da Bibliotheca da Universidade de Coimbra foi ultimamente divulgada uma variante deste soneto.

*Que invento quês fazer baixo idiota!
Em que engenho te atreves brasileiro?
quês voar, ou asnear sendo paleiro
desejando Aguia ser sem ser Gaivota?*

*Melhor te fora na região remota
onde nasceste estar com sizo inteiro,
sem pertenderes ser tu o primeiro
que fazes esta celebre derrota.*

*Mas bem obras que te achas em hua terra
aonde Ver subir á mor altura
Sujeitos muy pesados por muy brutos.*

*Já não me admiras não, pois ninguem erra
Quando subido está, logo procura
voar, se tantos voão por astutos.*

Depois do soneto, esta decima não menos idiota.

*Difficil é o voar,
Muito mais fazel-o crer,
Mas ha quem chegue a entender
Se no tempo antigo ao mar
Cahiu um tal inventor,
Que espera o nosso auctor,
Se já não é que atrevido
Presume ter merecido
Tumulo mais superior!*

Estribilho

*Logo ha de cahir
Quem mais quer voar,
Porque do baixar
O meio é subir.*

Novas decimas appareceram sobre o mesmo assumpto, da lavra de Thomaz Pinto Brandão, cujo odio ao inventor brasileiro cada vez mais intenso se mostrava.

Quando em 1732 imprimiu a collectanea do seu *Pinto renascido empenado e desempenado* surgiram ellas como uma das peças de destaque da tão charra musa:

*Para crer-vos razões tenho,
Não só por serdes subtil,
Mas porque sois do Brasil,
Que é terra de muito engenho.
Mas ainda assim não convenho
Na traça que quereis dar,
Porque não podereis traçar
O que nella prometteis;
E mais quando o que fazeis
São tudo coisas no ar.*

*Na vossa idéa se encerra
O que o mundo inda não viu,
Mas com tudo já se riu,
Do vosso arbitrio a terra.
Já a nossa idéa não erra,
Porque mostra na verdade
Que com bem facilidade
Fazeis coisa que se conte:
Não é mais voar um monte
Que abalar uma cidade.*

*Espera-se o vosso invento
Que não é de duvidar.
Que saia de mui bom ar
O que hade levar o vento.
Acredite vosso intento,
(Icaro vos seja avizo)
Passando a Roca com sizo,
Porque, se a altura não mente,
Fazeis chorar muita gente,
Sendo isto coisa de riso,*

*Trabalhae mui pouco e pouco.
Considerae bem as alturas,
Que todas essas figuras
Vos canonisam por louco,
Mas esse artefacto é ôco,
Por vosso o conhecerão.
Pois bem se vê que sois vão
Em quererdes, assim é,
Tervos nos ares em pé
Sem vos dar a terra mão.*

Quer parecer-nos comtudo que de todos estes versos de infima ordem os que mais se tornaram populares foram as duas decimas que tanto reproduzem os biographos de Gusmão, sobre a “maroma escondida”.

Surgiu uma resposta ás primeiras decimas, acima transcriptas, que Felippe Simões tambem copiou.

*Muito ha que escondida
Se vê já nesta cidade
Uma não crida verdade,
Quando a mentira é tão crida;
Mas como esta é nascida
No portuguez firmamento,
Por isso é que neste invento
Do Padre Bartholomeu
Dizem todos, mas não eu,
Que ha de ser coisa de vento.*

*Se lhe chamam passarola,
E' impossivel que brame,
Porque está feita d'arame,
Nunca cartou em gaiola,
Chamam-lhe sim paviola,
Mas feita com tal enredo,
Que será das mulheres medo,
Será dos homens espanto;
E assim fora eu cedo santo,
Como elle ha de ser bem cedo.*

Quem nestas condições se iria preoccupar com as experiencias de um padre brasileiro, num ambiente das maiores apprehensões politicas e sobretudo militares e num circulo de idéas em que não havia a menor curiosidade scientifica, como no Portugal de 1709?

Nem sequer nesta epoca, com a conflagração européa, residia em Lisboa embaixador francez, que com a prodigiosa e habitual curiosidade de sua nação culta mandasse contar em Pariz as proezas do “Padre Voador”.

Tal o odio de Thomaz Pinto a Bartholomeu de Gusmão, que, annos depois do inimigo morto, ainda lhe insultava a memoria a cada passo, sempre que lhe acudia o ensejo, como demonstra esta decima do *Pinto renascido*, impressa em 1732, e satyrisante do invento de certo inglez.

Intitula-se a poesia a que pertence:

A uma barquinha de coiro, em que navegava no Têjo um inglez, que aqui veio com ella, e a trazia dobrada de baixo do capote, emquanto a não estendia na agua, sendo o seu assento na pôpa, um odre, que enchia de vento.

“
“Quando eu vi a tal barquinha
Navegante carrióla,
Me lembrou a “Passarola”
De quem Deus tem que não tinha;

*O inglez informado vinha
Do tal malogrado intento
E achou que da agua o invento
Era melhor que o do ar,
Mas não tem que se cançar
“Que para mim tudo é vento.*

Augusto F. Simões copiando o Codice CXII (1-2) da Bibliotheca de Evora transcreve outro titulo para esta poesia (?):

A uma barquinha de coiro da qual é seu dono o mesmo estaleiro pois de si a lança ao mar e a traz comsigo embrulhada na orla de um guardanapo; e diz por mais maravilha que é impossivel afogar-se em agua, fiado na bexiga.

Occorre ali uma variante do segundo verso *Pelo Trjo dar a sola.*

Nada mais ferino, sobretudo para a memoria de um sacerdote, do que esta allusão a “quem Deus tinha e não tivera”.

Tantaene animis aretincis irae!

Nos longos annos em que, ao mercenario, ao parasita chronico, caberia ainda viver depois da quéda e morte do inimigo jámais teria occorrido a Thomaz Pinto Brandão um movimento d'alma compassivo em relação ao seu gratuito *desaffecto*?

Parece-nos que se tal se deu muito custou porém que se produzisse. Em 1724 morria Gusmão, oito annos mais tarde imprimiria Brandão as truanices do *Pinto renascido*, onde divulgou a serie das ignobeis aggressões ao nosso inventor. Se viveu morrendo de fome realizou mais uma victoria para os que apregoam o jejum como o melhor dos prolongadores da existencia, pois do mundo se foi quasi octogenario.

Ao morrer praticaria, talvez o primeiro acto honesto da existencia, consoante a cruel philosophia de uma pilheria de espirito anonymo.

CAPITULO V

Longa satyra anonyma contra o invento de Bartholomeu de Gusmão. Espirito relativo desta moxinifada metrica. Novos documentos ineditos dos archivos portuguezes.

Extenso “romance” em verso branco e sobre as experiencias de Gusmão e seus projectos foi o que Felipe Simões ainda descobriu na bibliotheca da Universidade de Coimbra (codice 342).

Não se lhe conhece o autor. Em todo caso, mostra-se elle muito mais delicado do que os emulos. Deve havel-o escripto antes dos principios de agosto de 1709, pensa o erudito encontrador de tal versalhada. Nesta época trabalhava Gusmão activamente em sua primeira experiencia.

Compoz o poetastro anonymo longa satyra, não de todo desinteressante, em que, sobretudo, analysa e tenta ridicularisar o memorial do *Voador* ao Rei e suas antecipações maravilhosas de resultados admiraveis, provenientes da utilização do invento aerostatico.

Se é exacto que o poetaço começa por depreciativos conceitos sobre a procedencia do inventor, enuncia real elogio ao seu character, ao recordar que elle timbrava em afirmar-se brasileiro.

As offensas que lhe atira não são tão graves quanto as dos demais satyrisadores. Chama-lhe “miolo de vento”, e troça depois as promessas do memorial como as do soccorro ás praças sitiadas, das viagens sem o perigo dos corsarios, da facilidade do transporte de drogas, etc.

Não deixa de ter relativa graça a exposição das vantagens que aos futuros turistas traria a navegação pelos ares,

o exame das terras e dos prodigios das diversas faunas; as mudanças rapidas de clima e de scenarios, a frequentação dos povos os mais diversos, a libertação do perigo dos terremotos e do assalto da cevandija, etc.

O unico perigo decorrente da pratica do novo invento residia no assalto dos exercitos volateis indignados com a usurpação de seus dominios.

Então ahi terriveis seriam as consequencias para os que cahissem e para aquelles sobre quem desahassem os nautas do espaço.

No final da poesia leem-se allusões perversas aos que, partindo de muito humilde origem, attingem as culminancias sociaes, ahi se incluindo, até o favor do Throno.

A grazinar, depois de umas tantas allusões a *parvenus*, como o brasileiro que, se achava então “nos cornos da Lua”, termina o autor do romance por uma serie de considerações em que finge censurar os que tinham o *Voador* por louco.

E a concluir declara que do invento de Gusmão não se admiravam os prudentes mas sim os nescios.

Pela leitura da extensa peça melhor julgará o leitor o que ella vale.

Notemos de passagem que o caustico poetaço não trazia lá muito segura a sua historia de Portugal. Se assim não fôra não claudicaria gravemente, quanto o fez, attribuindo a D Affonso III, o *bolonhez*, a alcunha que compete a seu pae D. Affonso II, o *gordo*.

ROMANCE

*Temos de voar um mestre.
Que os passos converte em vôos;
E é de crer que veio ao mundo,
Com este disface, Eolo.*

*Chegou do sul, affectando
Ser do Brasil um mazombo,
E mostra nos arremedos
Que vem da terra dos monos.*

*Nas habilidades raro,
Nas industrias prodigioso,
Se a Dedalo não excede,
Leva vantagem a Esopo.*

*Que não é senhor d'engenho
Se diz: não me accomodo:
Pois de vento o inculca ter
Quem quer voar, no miolo.*

*Todo volume arremeda
Tão natural, que é o proprio
Vê-o por vê um compendio
Dos livros sem faltar ponto.*

*De ponto, porém, subindo
Quer ou por cysne ou por corvo,
Vestir azas com que intenta
Penetrar o ethereo globo.*

*Tanto propoz o arbitrio.
O viu admittindo logo,
E de passaro lhe dera,
O alvará com sello posto.*

*E' passaro tão solenne,
Que havendo outros por mil modos,
Com tanta solenidade
O não foi nenhum dos outros.*

*Pelo ar metter promette
Em qualquer praça soccorro,
E pelo ar soccorrida
Não ser vencida é notorio.*

*Levar drogas ás conquistas,
Trazer d'ellas o retorno
Sem perigos de corsarios
Sem riscos de mar e fogo.*

*Pode haver fortuna tal
Como a d'este grande logro?
Eguala-se ao nosso reino
Outro algum no venturoso?*

*Ha coisa, como ir voando
Eu, pezado humano corpo
De um clima para outro clima,
De um polo para outro polo?*

*No mundo póde haver dita
Nem felicidade, como
Voar de um outeiro a um valle,
De uma planicie a um combro?*

*De um zambujeiro a um cypreste,
De um álamo para um choupo,
Brincando de ramo em ramo
Saltando de tronco em tronco?*

*Cheirando as flores mais bellas,
Comendo os mais ricos pomos,
Que ha de Flora nos districtos,
De Pomona nos contornos?*

*Ter facil! qualquer caminho,
Quer seja breve quer longo,
Sem mar, sem impedimento,
Sem rochedo, sem estorvo?*

*Gyrrar por todos os rumos,
Por todos os promontorios,
Vendo effeitos peregrinos
E portentos monstruosos*

*Mil partos sahir das grutas,
Das cavernas mil abortos,
Terriveis do monte espantos,
Horriveis do bosque assombros:*

*Crocodilos, dragões, serpes.
Cobras, largartos e lobos
Rhinocerontes, leões, tigres,
Elephantes, unicorneos:*

*E eu passando por cima
De tantos brutos medonhos
Sentado nas minhas azas
De palanque vendo touros?*

*Repartir horas e dias
Por esses de plumas coros
Filomenas, pintasilgos
Tutinegras, pintaroxos?*

*Se anouteço em clima frio,
Busco abrigo e me accomodo
Das aves com as mais quentes,
Que são pardaes e pombos,*

*Vizito rolas, perdizes,
Patos, codornizes, pombos
Janto de umas, de outras ceio,
Um merendo outros almoço.*

*Quem levar tão grossa vida,
Se porá tão nedio e gordo,
Que o gordo lhe chamarão,
Sem ser o terceiro Affonso. (sic)*

*Para conversar de noite
Se divertir quero o somno
Buscarei como é costume
Andar nas azas do jogo.*

*Aquellas nocturnas aves
Morcegos, cucos e mochos,
Que os olhos cerrando ao dia
Não pregam de noite os olhos,*

*Ando descalço e despido,
De varias plumas composio
Sem que soffra sapateiros
Nem alfaiotes tão pouco:*

*Que os singellos companheiros
D'esse aereo consistorio,
Como vestidos não gastam
Lá gastal-os seria improprio.*

*Que de pensões o ar redime
Que são da vida suborno!
Pulgas, aranhas, formigas,
Percevejos e piolhos.*

*Nada d'isto lá se cria,
Não ha penedos nem lodos,
Não ha cahir de edificios,
Não ha sentir terremotos.*

*Tudo é subtil, tudo é puro,
Nada é quebrado nem roto,
Centro emfim é o ar das aguias,
A terra pasto de porcos.*

*Se em uma parte me enfado,
Dou para a outra parte um pouso,
Levo comigo o que tenho,
Salvo a roupa, livro e couro.*

*Rindo do frio Dezembro,
Zombando do ardente Agosto,
No inverno ao quente me mudo,
No estio ao fresco me colho.*

*Se m'enfada a gente branca
Passo in continenti ao Congo,
E se preta m'enfastia,
Volto á Allemanha em um sopro.*

*Aqui das nações polidas.
Alli dos barbaros povos
Leis e maximas aprendo,
Costumes e ritos noto.*

*Nas campanhas, nas palestras
Ou de Bellona ou d'Appollo,
Se ha que ver em qualquer parte
Para toda a parte corro.*

*Acudo a todo o sitio,
A toda a funcção de gosto,
Que onde quer que a boda seja,
De toda distancia volto.*

*Que supposto paos não leve,
Tudo venço e tudo posso,
Que em soltando as minhas azas
Tenho atados os meus molhos.*

*Se em Lisboa mal me sinto,
Em um pincho estou no Porto.
E quando arde a Guadiana
Passo in continenti ao Douro.*

*Tudo quanto quero alcanço,
Tudo quanto vejo logro,
Hoje estou nos Pyrineus,
Amanhan nos hyperboreos.*

*Quanto intento me levanto,
Quanto quero me remonto,
Com as aguias fito a fito,
Com as garças rosto a rosto.*

*Não ha terra por sublime,
Nem por alta capitolio,
A que toda a vez que quero
Não ponha o pé no pescoço.*

*Andam loucos se comigo
Se querem pôr hombro a hombro
Essa hyperbole de Faro,
Esse de Rhodes colosso.*

*Que para ficar mais alto,
Dando ás azas mais um pouco,
Os farei para me verem
Dobrar para traz o collo.*

*D'este estranho invento á vista,
Já agora certo supponho
De Icaro o vôo arrojado,
Que era até aqui fabuloso.*

*Mas do nosso inventor temo
Um risco, que ao ver tal monstro
Haja na região etherea
Algum motim estrondoso:*

*E que com as aves tenha
Algum notavel encontro
Armadas em batalhões
Para defender seus fóros.*

*E sendo a quéda precisa
Sobre a terra ou sobre o golfo,
Tal será n'aquella o estrago
Qual será n'este o destroço.*

*Porém por singular caso
O d'este voador não conto,
Porque já voaram muitos
Do vil pó a excelsos thronos.*

*Saul quando foi ungido
Rei, com termo mysterioso,
Buscando andava um junento
Sem tal cuidar nem por sonhos.*

*David, que do mesmo sceptro
Foi successor sempre heroico
De Jessé poucas ovelhas
Guardava em montã escabroso.*

*Oleiro foi Agatocles.
De Sicilia rei famoso,
E da officina de barro
Deu vôo ao regio solio.*

*O arado Vamba regia,
Da terra instrumento bronco,
Quando acclamado se viu
Rei soberano dos godos.*

*Tarquínio o covado dando
Pelo sceptro, egregio troco!
De mercador se viu rei
Em Roma do mundo emporio.*

*Voaram a altos cothurnos
Desde os mais humildes sócos
Outros não só dos antigos
Dos modernos e dos nossos.*

*Bem pouco ha se abrigavam
Em aposentos bem toscos
Muitos que vemos subidos
Em paços bem sumptuosos*

*Fazendo primeiro papeis,
Não servindo nem para bobos,
Vemos alguns no theatro
Do mundo com bravo estrondo.*

*Outros, cujo solar sendo
De navalhas um estojo,
A tal altura chegaram
Que estão da lua nos cornos.*

*Governando tribunaes
Com o foro ou desaforo
Já não cabendo em si mesmos
Desvanecidos e fofos.*

*Pois transformações tão raras,
Taes do mundo desacordos,
Que foram senão volantes
Nas azas do tempo arrojadas?*

*N'estes vôos não reparam:
A um pobre julgam por louco
Por dar modo de voar
Singularmente engenhoso:*

*Porque acha o que se não viu
N'este ou n'outro territorio.
Ha de ser do mundo escarneo.
Ha de ser da gente opprobrio?*

*Porque um não deu no segredo
Toma a quem deu n'elle arrojado
Tão terrivel o que deseja
Lançar dentro n'um poço*

*Tudo começou nos sabios,
Quanto o mundo admira absorto,
E em perseguil-os os nescios
Teem sempre o seu desafogo.*

*Mas, assentado em que nada
Debaixo do sol é novo,
Supponho que não se admiram
Os prudentes, mas os tontos.*

Do illustre historiador e amigo Dr. Seraphim Leite, que nos vem desvendando uma serie de peças documentaes da maior relevancia sobre os primeiros annos de nossa terra, algumas até de excepcional valia, recebemos publicação re-

centíssima da Bibliotheca da Universidade de Coimbra:
“Descrição burlesca dum imaginario aerostato e outras sa-
tiras ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão:

São dezeseis paginas in 4º, onde se contam diversos ineditos e rectificações preciosas para a biographia do grande santista.

Abre-as a *Descrição burlesca de um imaginario aerostato e de seus petrechos, satyra ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão*”

Divulga-se em opusculo, pensamos que pela primeira vez, um documento que fomos o primeiro a imprimir (em 1934), mercê da gentileza extrema do eminente escriptor portuguez, Dr. Joaquim de Carvalho, que nos ministrou uma cópia deste interessante papel. E’ uma moxinifada insulsa, que pretende tomar ares de satyra.

Sua cota bibliographica é folio 211 v. do Codice 342 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

A esta salgalhada idiota acompanham cinco poesias (!) ineditas, todas aggressivas ao Precursor.

A primeira provém do Codice 392 do mesmo acervo e intitula-se *Decima em dezimpenho* (sic) *do autor*. Pertence a série das versalhadas anterior ás experiencias da *Passarola*.

Prophetisa o poeta (!) a morte do inventor.

*“Como ninguem tem talento
que iguale a Bartholomeu
parese este invento seu
ser dificultozo invento
mas quando desse elemento
sulcar os Etherios ares
verão discretos e alvares
Prophetas do seu despenho
que aquelle famoso engenho
bota lá por esses ares.”*

No codice 526 (pag. 23 da actual numeração) occorre um soneto não menos cretino do que a decima já trans-

cripta. Prediz o autor o desastre fatal do inventor a quem aponta os casos de Phaetonte e de Icaro e conclue, do modo mais alvar, a sua sandice metrica.

Soneto ao Voador e a Portugal

pois crem que ha de andar pello ar a gente

*Amigo Portugal (se he que he de crer)
repara que he tão Louco o teu Subir
que temo que Phaetonte vas cahir
aonde te não possas mais erguer.*

*Se Dedalo no ar te ques sobster
adverte que he mais de perzumir
que hu Icaro a Terra possa vir
que hu Gigante as Esphas transcender.*

*Quem te diria a ti que feito Asor
havia as Esphas navegar
feito das Regiões correo mor.*

*Descancem pois as Bestas de Alquillar
que das Praças da palha o Redemptor
fará que voem burros pello ar.*

Vejam agora a tal *Descrição burlesca* do mesmo jaez e espirito do que as poesias (!) já transcriptas.

Correu, procurando desacreditar o invento do brasileiro cujas experiencias eram anciosamente esperadas.

Depois da metrica a prosa, tambem anonyma.

Para ella, chamou-nos a attenção um escripto do Sr. Major José Pedro Pinheiro Correia, distincto escriptor e official superior do corpo da aviação militar portugueza.

Por artigo seu, ultimamente publicado, viemos a ser informados da existencia de um documento ainda não divulgado, constante do mesmo e famoso codice manuscripto

342, da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, onde Augusto Felipe Simões descobrira tanta coisa notavel sobre o nosso *Voador*.

Demo-nos pressa em procurar obter copia desse papel de que o scientista portuguez não se utilizara, obedecendo, segundo parece, a injustificaveis e mal entendidos dictames de ordem patriotica, por imaginar que seu desvendamento prejudicaria a defesa dos direitos do santista á prioridade aerostatica.

Para conseguirmós a tão almejada copia recorreremos como já atraz declarámos á gentileza do Exmo. Sr. Dr. Joaquim de Carvalho, o notavel professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, director da Imprensa da Universidade e ultimamente, durante um triennio, bibliothecario chefe da riquissima livraria universitaria.

Justamente pouco antes leramos, com verdadeira emoção, a serie de magnificas paginas com que este illustre escriptor prefaciara um volume da posthuma de um rapaz que da vida se foi aos vinte e oito annos quando d'elle esperavam immenso as letras lusitanas; Carlos Eugenio Correia da Silva (Paço d'Arcos). Nesse volume tão expressivamente intitulado *Vita brevis* ha diversos ensaios magnificos, verdadeiros padrões do talento e do saber do joven e inditoso autor, a quem tanto se applicam os versos do pungente *Presentimento* do nosso Nascentes Burnier.

Para esta posthuma de Paço d'Arcos, piedosamente recolhida e editada por seu extremosissimo e illustre pae, o Commandante Correia da Silva, nosso prezado e saudoso amigo, traçou Joaquim de Carvalho, como dissemos, algumas paginas primorosas pela forma e a elevação dos sentimentos inspiradora dos conceitos delicadissimos nellas vasadas.

Accudindo, com a maior presteza, ao nosso appelo enviou-nos uma copia integral do documento pedido, capeado pela mais gentil das cartas, fazendo-nos a offerta da valiosa achega para a nossa biographia do *Voador*. Avaliem os leitores a alegria com que accetámos tão rica dadiva...

Com a maior soffreguidão percorremos as quatro paginas do documento. E terminada a sua leitura ficámos convictos de sua importancia, ao mesmo tempo que nos causava allivio havermos acabado de percorrer essa semsaboria soez e assaloiada, escripta por algum inimigo gratuito do nosso grande patricio.

Transcrevamol-a na integra, porem.

“Esta hé a forma do Artificio que ha de sobir ao ar con tanta admiração de todos, que mais parece pataranha (sic) fingida, que segredo descoberto por singular sciencia.

O feitio hé o que se vê a fabrica são odres postos naquella forma atracados com arames, como se mostra. De tal sorte vão unidos em conta que o vento que levõo huns contra outros, faz que sustente a maquina no ar, e fás um vão por dentro em que se pode acomodar o pezo de cento e trinta arrobas que fação o volume de setenta e cinco pipas.

O arteficio em si pezará somente tres arrobas.

Aquelles dous riscos que atravessão o globo até o relógio são duas cordas e aquellas dependuras são bolas de metaes em que vão dentro os segredos que fazem mover aquella maquina.

O homem que se vê, o tal nosso Salamão, leva hu compaço e hu globo.

Esta hé a composição do feitio que a pintura por ser feita de peçoa que não sabe, não manifesta com melhor forma o que a obra ha de ser: mas o que até aqui tenho explicado, ainda que com rude descripção pode servir de alguma luz aos que com melhor entendimento fizerem a pretensão no que está dito e se vai seguindo não para que com tanto excesso se admirem os homens de verem este invento por hu homem siente quando que hu rudo descobriu o segredo de que cera, cebo e pós fazia (sic) graxa.

O governo prinsipal deste invento hé aquelle compaço e o globo que leva na Mão. O tal compaço será de ferro de canellas de Mullas pretas, forjado na noite de entrudo, que faça luar, e tenha havido trovões em o tal dia, e será em an-

no bicexto de annos que houvesse relampagos, será caldeado com area do dezerto da Arabia, mas que não tenha por elle passado molher a quem venha a regra.

Seja forjado por ferreiro cambayo, que se chame André, com cara de Braz e potroso, e que tenha presumções de julgador de espada preta. Será assendida a forja por mosso fanhoso, que se chame Morcego, por alcunha, e natural de terra exquisita, e que diga algumas Mentiras. Será o lume assendido com palhas de enxergão em que tenham dormido tres mossos omisiados por furtos de mossas, que tenham passado a linha, e que nunca fizessem a barba por terem figado na Cara.

O globo será de papel passento a que os rapazes chamão matta borrão, unido com a massa que será dos mais preciosos cheiros, excepto Ambar, Almiscar, Benjoim, Algalia, e flores.

Dentro, no globo, irá pedra de cevar, pedra hyman (sic), pedra philosophal e hua pasta de chumbo azougado com tres limaduras vermelhas.

Hirá o homem sobre tres pastas de Livro, hu de Philosophia, outro de Mathematica ou de Astrologia. Levará ao peçoço hua varinha de condão, irá vestido de Arliqui que tem mais conta.

O rellogio terá tres rodas, hua de cera, outra de manteiga, outra de barro, os pezos serão em conta ou feitio de lam, que são mais a medida do dezejo do curso da obra.

As duas cordas serão de varias lans e pellos. Levará lan de camello morto com balla hervada, sahida por espingarda raxada que tivesse ferruge. Levará Lan de Cagado. Levará os cabellos dos bigodes de hu Balforinheiro torto e que ande amancebado com veuva de frade e que seja compadre de christão novo. Levará cabellos de venta de homem desesperado e que tenha feito de quinze mortes para sima e se [ache?] omiziado nos montes Perineos. Levará cabellos de bogio velho com callos no besbelho e que tenha pregado o mono a negra boçal. Levará alguns fios de esparto verde que não fosse curado ao sol.

Estas lans todas serão fiadas por sette mossas donzellas, que sejam simples e se chamem Gerermanias e tenham accidentes utorinos (sic) e não saibam ler, e todas sejam filhas de clerigos, que focem degradados por crime do Tabaco. Será torsida a Corda por cordeiro creca e muito desconfiado, veúvo de tendeiro de ortalixa, que lhe trouxece o dotte em mulla branca, que fosse (sic) ferrada por ferrador cego que tivesse sido algumas vezes hermitão.

As duas bollas que vão adiante hua levará licores, que serão ourinas de galinhas, agoa em que se tenham lavado os pés a sinco enforcados. Agoa de rosto, oleo de aldravas de portas, por onde sayem padecentes, alguma enxundia de galinhas, todos os oleos de boticas, e alguns mais de fora parte, todas as agoas de cheiro estilladas por lambiques de guibota, tudo dentro na bolla bem tapado, e outra levará pomadas feitas de sesso de bruxa velha, pastilhas de almécega, cesul forrado de crianças, remella de olho de Baleya velha, unhas de dedos pollegares de quinze alcoviteiras que tenham sido denunciadas ao Vigario Geral.

A outra bolla levará bastante pó de forza velha, em que se tenham enforcado de sette homens par asima, por adulterio. Outra levará sinco escarpins de requerentes de causas crimes e tres palmilhas de alcoviteiras que focem damas com prezunção de terem pacto com o Demonio.

Levará outra todos os bicos de paçaros do Preste João, embrulhados em azas de morcegos que andem ao Sol.

Lavará (sic) mais hu salto de sapato de boticario calvo com indicios de que seja freiratico e more por baixo de alguma ramalheira estouvada.

Outra levará o tema Balca (sic), e falto de memoria e hu grão de arruda de cinco dentes, carapinha de negro da India, tres pingas de lacre verde, algum toucinho de porca velha, bastante semente de fetto.

Depois de feito tudo isto irá para Val de Cavalinhos onde acenderá hua vela que levará feita, a feição de serpentina, composta de breu, pés, sabão, pouco azeite, cera bella verde, vinagre bastante, azougue, ervilha, Haveya, (sic!) pós

de coral, algodão, pós de calmuco, pós de dente de carneiro de cinco cornos, miçanga, canella, cravo, alguma catinga, esta velha feila de boa fabrica.

Será acesa por Desembargador que estivesse no Brazil, ainda que fosse em São Paulo.

Assistirão dous Dezembargadores, dous hermitões bea-tos, Armenios, Alcoviteiros, Cacundas, mandigueiros, tortos, mancos, e mentirosos e dous de que se tenha prezunção que jogão pedradas e tragão mandiga (sic).

Estes taes estarão ao redor do engenho, que estará posto sobre sincoenta barris de polvora, que mal que se lhe puzer o fogo, voará o Clerigo e seu engenho tão alto que não será jamais visto de peça alguma senão no Reyno da Pantana adonde irá dar consigo por ser enviado dos Papalvos

Finis.

(Bibliotheca geral da Universidade de Coimbra, Cod. n. 342, fol. 241 sqq)."

Esta imbecilima peça cremos que algo sobressaltou a Augusto Felipe Simões, por lhe parecer que as suas allu-sões davam certo credito á famosa estampa, universalmente divulgada, da *Passarola*, cuja apocryphia elle se esforçava por demonstrar.

E' evidente que o autor de semelhante rot de sandices, sem o minimo espirito, refere-se a tal estampa.

Mas d'ahi inferir que seu aranzel possa prejudicar os direitos do *Voador* é simplesmente muita suspicacia e timo-ratez.

Teremos de voltar a este assumpto, de capital impor-tancia no conjuncto de nosso libello.

CAPITULO VI

A expectativa pelas experiencias de Bartholomeu de Gusmão. Depoimento de origem magestática. Afirmção, não documentada, de Ferdinand Denis. Documentos valiosissimos do Archivo Vaticano e de archivos portuguezés.

Em meados de 1709, esperava-se em Lisboa, anciosamente, a serie annunciada das experiencias da *Passarola*.

Que havia geral expectativa do acontecimento, e grande, não pode haver duvida. E não só em Portugal como no estrangeiro.

No livro do Marquez de Faria, *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, (ed. de 1911) encontram-se de tal duas provas cabaes.

Uma dellas, descoberta por Ferdinand Denis, é certo trecho de carta da Princeza Isabel Christina de Brunswick-Wolfenbutel, futura imperatriz da Allemanha, já então mulher do pretendente austriaco ao throno de Hespanha, o archiduque, irmão de José I e da rainha de Portugal D. Maria Anna de Austria. Trata-se do mesmo eleito imperador germanico em 1711, sob o nome de Carlos VI, circumstancia esta, que, como todos sabem, veio a ser a principal causa da cessação do conflicto mundial chamado Guerra da Succsão da Hespanha.

Escrevia esta princesa, progenitora da grande Maria Maria Theresa, a sua mãe, no dia 2 de julho de 1709, a contar-lhe, curiosa, a novidade que lhe relatara a cunhada, rainha de Portugal, mulher de D. João V e irmã do Archiduque, frizemol-o novamente.

Reproduzamos este precioso trecho no seu francez pitoresco e pavorosamente solecistico.

“Je me souhaiterais seulement un seul jour auxpres de V. A. que j’orais de chose a Luy dire! La Reyne de Portugal ma fait la proposition de venir la trouvé, sitôt qu’un navire volant sera fait, étant a Lisbonne un homme qui se vante de pouvoir faire qui passe par lair.

Si cette inventions reucit je viandrois toute les semaines un jours trouvé V. A. Ce seroit un charmant moyens et tres agréable pour moi mais je doute fort qu’il réussira dans son entreprise”

“Parece bem evidente que a “grande” instrução da princeza devia difficilmente permittir-lhe a apreciação dos trabalhos do sabio inventor “observa ironico um transcriptor do precioso trecho, esplendido depoimento: o Marquez de Faria.

Precioso, realmente, pois vinha a informação de alguem que era o mais autorizado depoente: a rainha mulher de D João V.

Espalhou-se certamente pois, e em longinquo raio, o boato de que o nosso Bartholomeu Lourenço estava em vespers de passar á immortalidade, com o seu invento.

A proposito do documento acima transcripto escreveu Augusto Felipe Simões os seguintes commentarios:

“Affirma o Sr. Ferdinand Denis em a *Nouvelle Biographie Générale*, Paris, 1858, tomo 22, que Bartholomeu Lourenço de Gusmão fôra muito auxiliado em seus projectos de navegação aerea por Isabel de Brunswick-Blakenburg, esposa de Carlos VI e mãe de Maria Teresa; que a uma carta daquella princeza devêra o padre Gusmão o favor que D. João V lhe dispensara; que nos archivos de Brunswick se conserva a correspondencia que teve com a sua real protectora; que se a guerra de successão não tivesse desviado Isabel de Brunswick para a Allemanha, onde subiu ao throno imperial teria sem duvida Bartholomeu Lourenço

proseguido em suas experiencias e finalmente que a rainha affirma na mencionada correspondencia que a *barca volante* se elevava triumphante nos ares.

Desejando ter esclarecimento acerca desta correspondencia, a qual segundo a opinião do autorisado escriptor que em França mais se ha dedicado ao estudo da literatura portugueza, poderia lançar nova e grande luz sobre as tentativas de Bartholomeu Lourenço, dirigimo-nos ao Sr. Jorge Cesar de Figanière, que tomou o pedido em maior consideração do que nós mereciamos, porém como era de esperar do seu acrisolado amor ás letras patrias e dos esforços que poz sempre em as servir e illustrar.

Por via do Sr. Guilherme Street d'Arriaga e Cunha, Encarregado de Negocios de Portugal em Berlim, obteve-nos o Sr. Figanière a seguinte informação do antigo Ministro de Brunswick naquella côrte, cavalheiro que por suas luzes e por estar residindo no proprio logar em que se conserva a correspondencia temos por mui competente e fidedigno para apurar a verdade em materia tão escura e duvidosa.

“La princesse Élisabeth Christine fille du duc Louis Rodolphe de Brunswick et de la duchesse Christine Louise d'Oettingen, née le 28 août 1691, épousa le 23 avril 1708, le roi Charles III d'Espagne, frère cadet de l'empereur Joseph I. Elle résidait à Barcelone jusqu-au printemps 1713, ou elle suivit son époux, après la mort de son frère aîné (1711) l'empereur Charles VI, à Vienne, où elle mourut le 21 décembre 1750. Elle est la mère de l'impératrice Marie Thérèse.

“La correspondance que cette princesse distinguée, autant par son esprit que par sa beauté, aurait eu avec le Père Bartholomeu Lourenço de Gusmão, portugais, au sujet d'une machine aéronautique, inventée par lui, daterait probablement du temps de son séjour en Espagne (1708 à 1713).

“A' Brunswick, où la princesse, après son mariage, n'est jamais revenue, il ne s'en trouve rien dans les archives. Tout ce qu'en fouillant les papiers de ce temps j'ai pu trouver a cet égard, est une lettre de ladite princesse, adressée à sa

mère, sous la date de Barcelone, 2 juillet 1709, qui indique que dans ce temps la susdite machine à vol a fait sensation, et qu'on en avait parlé à la princesse”.

(Segue-se o documento acima transcripto).

“O illustrado informador de Brunswick, prosegue Simões, accrescentou á sua primeira comunicação a seguinte, que, igualmente, devemos ao favor do Sr. Figanière.

“La lettre de la princesse de Brunswick datée de Barcelone 1 et 2.me juillet 1709, contenant la petite notice sur l'invention de Lourenzo de Gusmão, que j'avais le plaisir de vous communiquer en extrait, “est originairement écrite en français”.

Elle est très longue, pleine des épanchements de l'amour filial de la jeune reine envers sa mère et des regrets de leur séparation. C'est en se plaignant de la longue distance des lieux qui les séparaient qu'elle est amenée au désir de voir se réaliser, à son profit, ce projet de machine volante, dont la reine de Portugal lui avait parlé dans une de ses lettres.”

“Reduzir-se-á a esta carta unica a correspondencia mencionada pelo Sr. Ferdinand Denis? E' o que nos parece mais provavel, com quanto o illustrado ministro de Brunswick admitta como possivel que ella exista em Hespanha.

Do extracto da carta que deixamos transcripto claramente se depreende que a princeza não tinha conhecimento do padre Gusmão, senão pelo convite que lhe fizera a rainha de Portugal.

Advirtu-se tambem que o Sr. Ferdinand Denis declara mui expressamente que se conserva a correspondencia no archivo de Brunswick, onde, conforme o testemunho insuspeito que obtivemos, não ha senão a carta de 2 de julho. E' possivel que este documento fosse visto por pessoa que desse informações inexactas, que fizessem logar ás asserções do Sr. Ferdinand Denis. Sendo assim, a correspondencia de que tanto se poderia esperar, não servirá como já dissemos,



Augusto Felipe Simões (1835-1884)
Oleo de Bernardino de Souza Pereira. Collecção do Museu Paulista.

senão de provar o interesse que á corte de D. João V mereciam as tentativas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão”.

O que Ferdinand Denis em seu artigo da *Nouvelle Biographie Générale* affirma é realmente de notavel gravidade em relação ás exigencias imperiosissimas da probidade historica.

“La correspondance de B. de Gusmão avec sa royale protectrice existe encore dans les archives de Brunswick. La spirituelle princesse y désigna l'aérostat du moine brésilien sous le nom de navire volant.”

Até ahi é verdade. O que porem já não o é vem a ser o final do seguinte trecho:

“Si l'issue de la guerre de la Succession (d'Espagne) n'eut pas fait naître d'autres préoccupations dans l'esprit d'Élisabeth de Brunswick et ne l'eût pas ramenée en Allemagne où la couronne impériale l'attendait, il paraît bien certain que l'expérience du 8 août 1709 ne serait pas demeurée isolée. La jeune reine dit que le navire s'était élevé triomphalement; ce fut malheureusement pour la science, bien peu de temps avant que le trône espagnol s'écroulât sous les efforts de Louis XIV”.

Tal a conta em que temos a probidade de Denis e o seu acendrado amor ás cousas do Brasil e de Portugal que supomos haja elle sido victima de algum informante de má fé.

No seu *Brésil*, da collecção do *Univers*, não nos parece occorrer referencia alguma a Gusmão. Verdade é que se publicou em 1837. E o artigo da *Nouvelle biographie* é de 1858.

Em todo o caso não parece crível que Denis haja ignorado a obra de Simões. Causa certa extranhesa que não tenha esclarecido esta questão algo desagradavel para a sua boa fama de pesquisador. Se o fez não sabemos onde, quando e como se terá defendido.

Prosegue Simões: E' pouco anterior a seguinte carta:

Meu senhor... A maior novidade que se offerece nesta côrte, é a que lhe constará a V S. da petição inclusa (segue-se o requerimento do Padre Bartholomeu): está concedida a licença, pagos os direitos, passada a provisão pela Chancellaria, e se trabalha na machina. E V S. me terá sempre prompto. Deus Guarde a V S. muitos annos. Lisboa, 22 de abril de 1709.

Esta carta, sem nome da pessoa que a escreveu nem daquella a quem foi dirigida, encontrou-a Francisco Freire de Carvalho entre os documentos manuscriptos de uma collecção intitulada: *Papeis originaes deste tempo* (primeiros annos do reinado de D. João V) que existem no cartorio do Sr. Manoel Coelho de Lima, dignissimo official de secretaria.

Daqui se depreende, e tambem da nota accrescentada á copia da petição que existe na Bibliotheca de Coimbra, que Bartholomeu Lourenço trabalhava na machina no tempo em que requereu o privilegio”

A 19 de abril annunciava o Nuncio em Portugal Cardeal Conti, futuro Papa Innocencio XIII ao Cardeal Secretario de Estado, que Gusmão apregoava a sua descoberta e as proximas experiencias do seu apparelho.

Questa città trovasi divertita nei discorsi sopra una proposta fatta al Re da un sacerdote del Brasile, venuto con le ultime navi, il quale pretende di inventare una nuova navigazione per andare alle Indie senza toccare la Tramontana, ma direttamente per Levante e ponente; ed inoltre un ordigno per volare anche con dieci persone dentro, e su di questo si sono sentiti li pareri di molti ministri e matematici.

(Archivo Vaticano, *Nunziatura di Portogallo*, tomo 67, *Foglietto di avvisi* expedido pelo Nuncio ao Cardeal Secretario de Estado. Lisboa, 19 de abril de 1709).

Este documento valiosissimo descobriu-o o Dr. José Herzen, que o communicou ao Marquez de Faria, a quem se deve a sua divulgação.

A 30 de abril de 1709, annotava José Soares da Silva, em sua *Gazeta*, uma série de commentarios provocados pela grande novidade do dia: a petição de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, relativa ás experiencias de *Passarola*.

Refere-se o historiador de D. João I, muito scepticamente, ás promessas mirabolantes do inventor, em seu requerimento inicial.

E a tal proposito zomba ainda das luzes do Desembarço do Paço.

Informa que naquella data trabalhava Gusmão, activamente, em seu invento, e fala na possibilidade do brasileiro ter que se avir com a suspeitosa curiosidade do Santo Officio, mal impressionado pelos seus processos de arte “não divina”.

Em todo o caso, enquanto havia a espectativa das experiencias o povo distrahia-se esquecendo-se da fome que já se ia sentindo, como consequencia da terrivel guerra interminavel da Successão da Hespanha, então em sua phase agudissima.

Ouçamos porém, ao noticiarista em sua linguagem pittoresca:

“Temos, tambem, de novo, o tornar, a esta terra, aquelle celebre estudante americano, que aqui esteve os annos atraz, promettendo o desempenho daquellas raras, e famosas conclusões que offerecia.

E agora vem já com ordens, da camara do Brasil, e tornou a pousar em casa do Marquez de fontes, de onde fez agora a El Rey hua petição tão nova como inesperado o arbitrio que nella insinua e vem a ser que elle promette fazer hum engenho para voarem os homens, os animaes, os navios e tudo o mais sensivel, e insensivel, que de sua natureza não he volatil, para se introduzirem soccorros nas praças sem os poderem impedir os inimigos, e outras cousas

semelhantes determinando a qualquer pessoa poder voar cada dia duzentas legoas.

He valente andar, que he o de que me espanto que de voar muito e na nossa terra não poderia tello, pois cada dia se verá nella semelhantes monstruosidades ainda vem a bom tempo o arbitrio, em anno tam caro para as gentes, e para as bestas, que puderão escuzar-se muitas carruagens, mas tirarão o ganho aos recoveiros e as goteiras e frestas não estarão seguras.

Pede a El Rey por este arbitrio, que só elle e a sua familia poderão uzar de habilitar as gentes para o tal ministerio, (eu não hei de ser o primeiro nem tão pouco o segundo por onde se começa a pratica, e o exercicio dos taes bem azados) e não sei sequer tambem adiantados alguns dinheiros, para as disposições e fabricas de tal segredo, que se assi for cuidado ficará nelle, e tereis magoa de não ver Icaros, e Dedalos no meu tempo, já que tenho lido, ou sonhado, que os houve no tempo da Maria Castanha, e que só devia de ver, quem assistisse ás exequias e Ressurreições da Feniz, que tambem aqui pertence por que tambem voa.

Com effeito se mandou ver a tal petição no Dezembargo do Paço (que entendem disto como de lagar de azeite e talvez menos) e ouvi consultarão muito a favor do Supplicante, e eu já tomara ver o effeito deste effeito; porque por fim de contas lhe passou El Rey Alvará para poder dar ordem ás fabricas do tal engenho, que elle fica muito occupado, e dando na verdade ás azas, porque quer com toda a brevidade, mostrar a sua habilidade, e ouço que ha de sair do castello que he lugar alto, para que antes de chegar á terra quebre no ar as pernas, se já não he que tem quem lhas sustente por arte não divina, e sendo assim pertence mais que ao Dezembargo do Paço ao Santo Officio, que quanto a geometria não sei quem lhe saiba os preceytos, salvo por quem tiver achado a pedra philosophal: emfim o que he certo que ha de ser muita gente a ver, e que agora emquanto se falla nisto, se vay esquecendo, da fome que já se vai sentindo”

Não era nada boa porém a situação militar portugueza e o povo padecia immenso. Chegara o alqueire de trigo a 1200 réis “coisa jámais vista nem ouvida”.

O Marquez de Bé (sic) procurava cortar a retirada do exercito portuguez que occupara Olivença.

A brincar, dizia depois Soares da Silva, que uns poceiros, a quem mandara abrir um poço, em sua propriedade, haviam renunciado a aprofundal-o por ver a terra muito arida e secca e receiosos do apparecimento do fogo subterraneo. Se completassem a obra poderiam alcançar admiravel vista sobre os antipodas, mas esta communicação no fim de contas poderia prejudicar o exito do novo invento de Gusmão.

A tal proposito relata novidades de polpa sobre as experiencias do Voador, que activamente proseguiam.

“O engenheiro volante já não gasta papeis, senão arames na fabrica do seu invento dizem ter gasto muito e já passou pela chancelaria o seu Alvará, em que El Rey lhe concede o privilegio de que só elle possa quebrar as pernas ou os narizes, como lhe fizer mais geito, e os mais o não possão fazer, sob pena de morte; eu cuidava e ainda cuido, que sem que El Rey o dissesse, encorreriam nella e tambem que o tal Padre o poderia fazer, sem que El Rey lho mandasse.”

Para se enfronhar no caso recorrera o nosso jornalista aos ensinamentos do autor de certo livro *Ente Dilucidado* que não sabemos de quem seja.

Augurava fatal desastre á sua engenhoca, fracasso aliás já firmado por decreto do Destino.

“Por minha curiosidade estive vendo a especulativa deste mesmo invento em Carne, no — Ente Dilucidado — que no fim do livro o traz em tratos (?) proprios, com a mesma fabrica de Nao que este agora quer fazer, e com ser este livro (?) só de mostrar praticaveis muitos segredos da

natureza, neste de voar hum homem sem embargo de haver A. A. que o julguem possível; diz este Autor que o tem por impraticaveis e perigozissimo e que não ha nem houve, quem quizesse experimental-o; o mesmo creio que virá a ser este moço, se já não he que nacesse em Horôscopo de quebrar a cabeça”

Trabalhava Gusmão com todo o afinco e o Rei puzera a sua disposição a quinta dos duques de Aveiro, então sequestrada pela Corôa, e objecto de acção judicial.

Despesa grossa já se fizera, duzentos mil réis o que hoje corresponderia a uns vinte contos de réis brasileiros.

Mas não cria o nosso gazeteiro que os pagantes fossem o Marquez de Fontes e seu sogro, notoriamente forretas.

“Elle emfim vay com sua teima adelante e El Rey lhe mandou dar as chaves da quinta do Duque de Aveiro a S. Sebastian da Pedreira, para nella haver de dispor o tal engenho, que só em arames ouço ter gasto 200 mil (réis?) tomara eu saber quem lhe fez mercê delles, que o Marquez de Fontes, e o sogro Exm.º ainda que lha fazem de o apoyar duvido que lhe queirão fazer para o contribuir”.

A 15 de maio de 1709 dava Soares mais novidades.

Felizmente entrara á barra do Tejo uma frota ingleza trazendo grande copia de viveres. Assim cahira o alqueire de trigo a 720 réis.

Pouco depois outra novidade preciosa, pois nos indica que, desde os primeiros dias, chamaram a Gusmão o *Voador*.

“O Voador não quiz a quinta do Duque de Aveiro e foy para a del Rey em Alcantara, que diz he mais acomodada para a fabrica do seu invento.”

Viera porém, a noticia grave do grande revez soffrido pelas armas lusas, no dia 7 do mez corrente, ás margens do Cayá com notaveis perdas de homens e material bellico, além do panico da tropa portugueza, em retirada desordenada.

Culpava o memorialista de tal desastre o francez marquez de Ruvigny, Conde de Galloway na Inglaterra, a quem chama o *Galoé* (sic!).

A 15 de junho continuava muito má a situação do exercito portuguez, nos campos de Jurumenha. Houvera novo revez em que a cavallaria hespanhola derrotara escandalosamente a portugueza.

Corriam muitos hoatos de paz proposta por Luiz XIV, a que repelliam os inglezes desdenhosamente. E esperava-se o desfecho da campanha de Flandres, onde ambos os adversarios haviam accumulado formidaveis elementos.

A 30 de junho descrevia-se, com infindos pormenores, o horrivel auto de fé daquelle dia, 66 victimas das quaes 6 relaxadas em carne.

Pouco antes adoeecera D. João V

“El Rey fica sangrado e vay continuando com a sua caza (sic), para huns carocinhos que tem no pescoço, acha-que se não de perigo, de cuidado”

Na corresopndencia de Brochado julgamos encontrar a explicação do motivo pelo qual differiu o Voador e sua primeira experiencia, que devia realizar-se no dia 24 de junho de 1709, onomastico de D. João V.

E com effeito, a 15 de junho, narrava o diplomata:

“oiço que El Rey Nosso Senhor tambem anda com queirvas, que lhe sahem ao rosto; mas esta hé a deploravel condiçam humana depois que a natureza corrompida foi lançada do Parayso terrestre para comer o pam de dor e beber agoa de amargura”

Peiorara muito o monarcha, passados alguns dias:

“El Rey por causa de hua fluxão de humor que lhe veyo ás glandullas, e que lhe fazem alguma inchação no piscoço, e debaixo da barba, teve sentença de sangria por todos os votos do Senado da Medicina; porém pela grande devoçam

que este Principe tem de ver o Auto da fé resolveu que se defirisse a cura até depois do Auto.

Dizem que este terá muito que ver pelo numerozo, como pelo extraordinario e que haverá muitos blasfemos, apostatas, renegados, falçarios e outras figuras deste genero, para cuja vista se tem feito grandes palanques e se alugão janellas a grande preço. O tabelado está magnifico, com hua grande varanda para a comodidade das Damas, que prometem não perder palavra de todos aqueles processos e de se regalarem com boa agoa de neve emquanto se destinam ao fogo aquelles desgraçados filhos de Adão”.

A 6 de julho immediato, noticiava Brochado que os medicos haviam sujeitado o Rei a energico tratamento. Já tomara seis sangrias e no dia 7 ou 8 lhe dariam uma purga, pois o achaque pouco diminuiara, até então “porque as glandolas ainda não haviam expedido o humor recebido”.

Eram os prognosticos desagradaveis.

“Eu supponho que se o exercicio e o calor destes mezes não amolecer e excitar a transpiração será necessario recorrer a remedios topicos ou violentos”

Vivia o joven monarcha immerso em immensa tristeza:

“Tambem creyo que o humor de El Rey pecca em alguma melancolia, porque hontem, depois do jantar, mandou vir alguns musicos da Capella e lhes ordenou que cantassem um officio de Trevas”.

Curiosos são os informes da carta de 13 de julho. Vivia D. João V ás voltas com curandeiros e empiricos e até feiticeiras ou cousa que valha.

“El Rey Nosso Senhor não está melhor da sua queixa. O tumor he grande querendo recorrer ao segredo de hum Agostinho de Barros, ou ao remedio da mulher de Loires. Mas ha grande disputa sobre este remedio porque dizem que serve contra humores frios, e os de Sua Magestade peccão em calor e em tal especie de calor.

Sua Magestade amanheceo hoje com amargores de boca, com dorés de cabeça e alguma quentura pelo corpo.

O despacho que athé agora tinha parado, por cauza deste achaque deve parar por ordem dos medicos”

Tornava-se muito incommoda a situação do governo, paralyzado como se achava, com a gravidade da molestia real.

“Oioço que se cuida em hua Junta grande para o expediente do Reyno, e não falta quem diga e quem deseje que o Sr. Dom Francisco (o infante irmão de D. João V) será, ou fosse for força ou por vontade o presidente della”

A 20 de julho ainda continuava o monarcha bem enfermo.

“O Achaque d’El Rey N. Sr. não tem diminuido, o clérigo, que lhe applica as bolças, tem boas esperanças de huas picadas, que Sua Magestade sente na parte interior da inchagam; porém eu não sei se hé certo o juizo deste charlatam”

A 27 immediato falava-se numa villegiatura real em Cintra.

“mas diziam, refere Brochado ironicamente, que Sua Magestade, por não querer dar a seu Irmam o trabalho de governar resistia a esta ordenaçam de Medicina”.

Sabe-se aliás quanto D. João V detestava e receiava ao Infante D. Francisco. A 3 de agosto escrevia Brochado:

“El-Rey N. Sr. dizem que está com grande fastio, que a garganta tem menos inflamaçam e que com estes indicios de melhoria, não tomará outro remedio, que lhe tinham destinado os generaes da medicina.

“Queira Deus melhorar a Sua Magestade para que este povo tenha a consolaçam de o ver sem queixa continuar o despacho, e dar movimentos a mil coisas que estão entorpidas nas mãos dos Secretarios”.

Quanto ao processo do novo methodo de navegação, a que se refere o Nuncio, cremos que o legado de Clemente XI deve ter reproduzido algum *canard* nascido da inventiva gaiata, ou perfida, dos que de tudo grazinam, ou melhor, dos que tudo invejam.

Seria alguma pilheria, talvez, tentando desacreditar o moço brasileiro, para armar a prevenção publica contra o possivel exito dos vôos da *Passarola*.

Bem sabemos quanto é fertil a maledicencia e quanto prepara effeitos por vezes tão malignos quanto espirituosos.

Ha alguns annos muito se falou, em São Paulo, do invento de certo moço multi-millionario que se dizia ter construido aeroplano poderosissimo e de originalidade de concepção absolutamente notavel.

A tal proposito choveram as chufas dos descrentes dos talentos do joven creso.

Como o tal invento lamentavelmente fracassasse houve um foliculario que, no seu pasquim, recolheu perversa pilheria: “o aeroplano do Sr. X provou admiravelmente, mas como machina escavadora. Prepara-se o inventor para oconverter em sonda geologica de grande potencia”.

Assim é possivel que a noticia do novo processo nautico a que alludia o Nuncio fosse alguma “historia da Carocha”, espalhada pelos invejosos de Bartholomeu de Gusmão. Mas tambem é possivel que realmente tivesse o santista qualquer idéa em tal sentido que as conversas das ruas e salões deformaram apresentando-a desfavoravelmente, portanto.

CAPITULO VII

Prodromos das experiencias da Pasarola. Serie de perguntas que se impõe. A prioridade inconcussa de Gusmão, aerostatica mas não aeronautica. Os documentos em que se esteiam os direitos do Voador.

Chegamos agora á parte capital do nosso penoso trabalho de codificação de quanto se tem escripto de maior importancia sobre a vida e o invento de Gusmão. Impõe-se-nos o exame de uma serie de questões.

Realizaram-se, ou não, as experiencias da *Passarola*?

Que terá sido na realidade o invento do *Voador*?

Quantas tentativas fez para que pelos ares se movimentasse o seu aparelho maravilhoso?

E quaes os resultados de tal tentamen? Que genero de machina seria o seu aerostato?

Acaso terá sido Bartholomeu de Gusmão, como alguns affirmam, não só o inventor do primeiro aerostato como também o primeiro aeronauta?

Por que razão não proseguiu com as experiencias?

Qual a causa do discredito de taes ensaios, perante a opinião criteriosa e desapaixonada das autoridades no assumpto?

Qual o motivo absoluto do scepticismo de muitos scien-
tistas a seu respeito? E aparentemente o mais justificado?

Antes do mais, porém, e de modo synthetico, vamos dar a nossa opinião sob a forma de these a ser demonstrada.

Construiu Bartholomeu Lourenço de Gusmão, sem duvida possivel, uma machina aerostatica rudimentar -- no

genero de um dos nossos “balões de São João” — que se elevou na atmosphaera em virtude do aquecimento e da rarefacção do ar contido no seu bojo. Cabe-lhe portanto notabilissima prioridade scientifica.

Não soube o immortal santista, porém, como tudo justifica, aliás, escolher para o seu “balão de São João” uma forma apropriada. Dahi o facto de haver elle andado ás cabeçadas nas diversas experiencias realizadas em presença de D. João V e de sua Côrte.

Tambem não soube como vencer a difficuldade do entretenimento do foco igneo, indispensavel á manutenção do aparelho no espaço, por um certo lapso de minutos que não fosse muito restricto.

Quanto ao resto tudo se inclue dentro do brocardo de todas as jurisprudencias: *dormientibus non succurrit jus.*

Postergou o nosso glorioso compatriota este mandamento impostergavel. E esta imprudencia tem custado aos defensores de seus direitos e de sua gloria os mais penosos, aturados e tenazes esforços. E peor ainda, inventou uma peça mystificatoria a que coube universal divulgação para discredito de seus direitos: a tal *Passarola*.

Palmo a palmo disputou-se a victoria, pois, em face da documentação, hoje divulgada é impossivel, a um homem de boa fé, deixar de admittir que Bartholomeu de Gusmão haja conseguido fazer subir aos ares um aparelho aerostatico.

Quanto a que lhe caiba a prioridade, tambem, como aerouauta o caso é muito menos liquido. A documentação até hoje desvendada não permite ao analysta, criterioso e imparcial, avançar proposição positiva a tal respeito.

Certamente foi o precursor incontestado da aerostação universal, pois apesar de toda a desidia e imprudencia, em deixar sacrificar a sua causa perante a posteridade é a concordancia da documentação tão abundante, e tão limpida, que a prova cabal dos seus direitos se torna irrecusavel.

Assim, pois, que Bartholomeu de Gusmão haja feito subir aos ares um aerostato não paira para nós duvida possível!

Mas, acaso, terá sido, também, o primeiro aeronauta como querem alguns entusiastas, victimas do mais arroubado *chauvinismo*? Isto nos parece incomparavelmente mais difficil de se admittir, em data de hoje, e em face da documentação até agora descoberta, repetimol-o.

O que a nosso ver elle realizou foi o que os Irmãos Estevam e José Montgolfier conseguiram com a retumbante experiencia de 5 de junho de 1783. Fizeram elevar-se aos arcs um balão, uma *montgolfière* mas não foram os primeiros aeronautas.

Se a gloria da prioridade da invenção dos aerostatos se deve ao nosso immortal patricio, a da primeira viagem aeronautica cabe, sem duvida alguma, a Pilâtre de Rozier e ao Marquez d'Arlandes, na famosa e aventureosa jornada de 20 de novembro de 1783, felizmente coroada do melhor exito.

Caberia a Pilâtre de Rozier, como geralmente se sabe, outra e gloriosa, mas sinistra, primasia: a de encabeçar a lista dos martyres da navegação aerea, a 15 de junho de 1785, quando tentava atravessar o mar da Mancha, num balão de hydrogenio, que sustentava uma *montgolfière*, balão de fogo acceso portanto.

Expressiva pois a comparação do illustre Biot: era uma fornalha a aquecer um paiol de polvora.

Desenvolvamos, porém, os argumentos do nosso veredicto.

Tratemos a principio de narrar os acontecimentos e reportar os principaes commentarios que elles provocaram. Entraremos depois na analyse dos factos para nos abalancar a expôr o esteiamento de nossas conclusões.

Com notavel esforço vem, ha mais de um seculo, os pesquisadores procurando nos archivos, portuguezes e extralusitanos, os documentos comprobatorios das experiencias realizadas por Bartholomeu de Gusmão.

Ardua tarefa, aliás. Penosamente se vem crescendo a lista destes papeis, conquistados em longos intervallos desde antes de 1840 até 1934.

São hoje sete as peças, capitaes e principaes, em que se csteiam os direitos de Gusmão; cinco depoimentos sobre as experiencias — os do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, Salvador Antonio Ferreira, Cardeal Conti, Nuncio Apostolico em Lisboa, em 1709, José Soares da Silva e José da Cunha Brochado; as noticias do anonymo do codice 357 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e do cabeçalho de uma poesia existente na Torre do Tombo.

Para darmos ao leitor uma ideia de quanto demoraram estas pesquisas lembraremos que o primeiro documento, o que procede de Leitão Ferreira, descoberto por José Bonifacio de Andrada e Silva († 1838), em data não conhecida, foi por elle communicado a Francisco Freire de Carvalho por quem se divulgou, em 1844.

O segundo, o do anonymo do codice 357, apresentou-o Augusto Felipe Simões em 1868, o terceiro, o depoimento de Salvador Antonio Ferreira, data de 1898 millesimo em que Manuel Maria Rodrigues o publicou.

O quarto, o do Nuncio Apostolico futuro Papa Innocencio XIII communicado pelo archivista Dr. José Herzen ao Marquez de Faria, e por este desvendado, tornou-se publico em 1913.

O quinto procedente do epistolario de Brochado, imprimiu-o o Dr. Joaquim de Carvalho em 1922.

O sexto, o cabeçalho da poesia foi-nos apresentado pelo Snr. Dr. Carlos Alberto Ferreira, digno archivista da Torre do Tombo; publicamol-o em 1933.

O setimo e ultimo foi a revelação da *Gazeta* de José Soares da Silva, feita pelo director da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga, em 1934.

Vamos porém transcrevel-os pela ordem de sua importancia:

A) — *Depoimento de Salvador Antonio Ferreira*: trata-se de documento encontrado pelo escriptor portuense Manuel Maria Rodrigues, na Bibliotheca Publica do Porto e por elle revelado pelas paginas da revista *O Occidente*, de 3 de novembro de 1898.

E' singular que Manuel Maria Rodrigues não haja feito a transcripção integral do trecho em apreço. Conhecemol-o agora, mercê de um communicado á imprensa do eminente crudito e escriptor portuense, Dr. A. de Magalhães Basto, chefe da secção de manuscritos da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, o brilhante camonologo exegeta do episodio dos Doze da Inglaterra e autor da magnifica Historia da Santa Casa de Misericordia do Porto.

Graças á sua iniciativa conhecemos hoje o texto completo de Salvador Antonio Ferreira.

Começa por um pormenor da maior importancia qual seja este:

Em 6 de mayo começou o Padre Bartholomeu Lourenço, filho do Brasil, em o lugar de Alcantara a fazer o instrumento do ar para voar como a seu tempo se dirá (fs. 47 do ms.)

A 3 de agosto de 1709 quiz fazer o Padre Bartholomeu Lourenço exame ou experiencia, do invento de voar — para isso foi á casa que fica debaixo da das embaixadas — que não surtiu effeito, porque logo ao principio se queimou (fls. 52v).

A 5 do mesmo mez veio o dito padre com um meio globo de madeira delgada, e dentro trazia um globo de papel grosso, mettendo-lhe no fundo uma tijela com fogo material; o qual subiu mais de 20 palmos e como o fogo ia bem aceso, começou a arder o papel subindo; e o meio globo de madeira ficou no chão sem subir, porque ficou frustrado o intento. E como o globo ia chegando ao tecto da casa acudiram com pans dois creados da casa real, para evitar o pegar e haver algum desastre, assistindo a tudo Sua Magestade com toda a Casa Real e varias pessoas (fls. 52v).

Quinta feira 3 de outubro fez o Padre Bartholomeu do Quental digo Bartholomeu Lourenço, outro exame no pateo da casa da India, com o instrumento de voar, que tendo já subido bastante altura cahiu no chão sem effeito (fls. 56v)

Manuel M. Rodrigues transcreveu ponte o que fez com que Correia Neves rectificasse o substantivo para pateo.

Entende Magalhães Basto que não é elle pateo, de todo, parecendo-lhe mais corte. Do exame da photographia do documento parece não lhe assistir razão. A ponte da Casa da India poderia aliás ter sido um passadiço permanente ou eventual.

Opõe o douto escriptor portuense que as datas devem ser antes 5 e 7 de agosto do que 3 e 5. A inspecção do documento leva-nos a crer que é preferivel a segunda interpretação. Parecem aliás os algarismos representarem, ambos, um 5.

B) *Depoimento do Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Provem da Ephemeride historial chronologica lusitana na qual, na qual, por dias e annos, se referem varios successos historicos e memoriaveis acontecidos em Portugal, e nas suas conquistas, com outras memorias notaveis a este glorioso dominio pertencentes.*

Trata-se de manuscripto, em dous tomos in 4, existente na Bibliotheca de Evora.

“19 de abril de 1709 — Data do alvará del rei de Portugal D. João V a favor do Pe. Bartholomeu Lourenço, clérigo de ordens menores, natural do Rio de Janeiro, (sic) em que lhe concedeu privilegio para que elle, sómente, e seus herdeiros, podessem usar do instrumento, que se lhe offereceu fazer para navegar pelo ar; promettendo uma nova navegação de grande utilidade para o dominio portuguez; Estamos esperando o effeito e experiencia deste inaudito invento.”

A' margem vem a seguinte nota:

Anos
A. 1320.

9. de Abril.
3. Id. April.

Em Coimbra nasce El Rey 1.^o
de Portugal, chamado o Cru, em
do justo pela sua Real Rectidão, ou
traj poem este nacião a 13 deste
meismo mez.

A. 1709

(Data do Alvara de El Rey de Por-
tugal 2.^o Joao 5.^o a favor do Sr Bar-
tholomeu Loureiro, clérigo de Ordem me-
nor, natural do Rio de Janeiro em q-
lle concedio privilegio q- q- elle
Som. e scs. herdeiros pod. e p. usar
do instrum. q- se offereceo fazer q- a
navegar pelo ar, e descobrindo sua
nova navegacao de grande utilid.
p- o dominio Portuguez, e tanho
esperando o effeito, e expediencia
deste mandado invento.

A. 1524.

Parte do Rio de Janeiro 2.^a vez. a
India D. Vasco da Gama, q- ja
era Conde da Vidigueira, e Almi-
rante mor do mar da mesma India,
mercy de El Rey 2.^o Nela nesta
ocorreu foi com o titulo de Viso-
rey, por m. de El Rey D. Joao 3.^o
foi em huma armada de 15. velas

(2)
Ver a expediçãõ
em 1709 no
pale da corada
em a scãõ de
em a
algũa q-ã
de com um
de novo, e João
suavem e te
a altura de vã
de em vã de
de com o mod
de q-ã de vã
de corõ mate
mar, e arde
de applica
de o meym
de vã de. Esta
de expediçãõ
de de de de
de a de de

Experiencias de Gusmão

Ephemeride historial chronologica lusitana existente na Bibliotheca Publica de Evora, ms. da lavra do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, membro da Academia Real de Historia Portugueza.

“19 de abril de 1709 — Data do alvará del rei de Portugal D. João V a favor do Pe. Bartholomeu Lourenço, clérigo de ordens menores, natural do Rio de Janeiro, em que lhe concedeu privilegio para que elle sómente e seus herdeiros podessem usar do instrumento, que se lhe offereceu fazer para navegar pelo ar; promettendo uma nova navegação de grande utilidade para o dominio portuguez; estamos esperando o effeito e experiencia deste inaudito invento.”

Na margem a nota:

“Fez a experiencia em 8 de Agosto deste ano de 1709, no pateo da Casa da India diante de sua Magestade e muita fidalguia e gente com um globo, que subiu suavemente á altura da sala das embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material que ardia e a que applica o fogo no mesmo invento.

Esta experiencia se fez dentro da sala das audiencias.

Com effeito, poz na obra, não logo
principal invento, mas huma amostra, a qual
era huma barcaza pequena do feitio de huma
gamella cuberta de lona, e com varios espiritos, quin-
tas essenciaz, e outros ingredientes, lhe metteu huma
luz por baixo, e na sala das embaixadas, estando
presente o Magd. e muitas mais pessoas, fez
voar a dicta barcaza q. a pouca altura deu pelas
paredes, e depois em terra, e confundindo-se
em fogo, e na queda em que se despenhou
queimou huma cortina, e tudo o que encontrou
fazendo o mesmo effeito, e o Magd. foi tão benig-
no q. não se scandalizou, e conservou na sua graça,
estando

Experiencias de Gusmão

Depoimento do autor anonymo do codice 357 da Bibliotheca da
Universidade de Coimbra.

“Com effeito, poz (Bartholomeu de Gusmão) por obra, não logo
o principal invento, mas huma amostra, a qual era uma barcaza pe-
quena de feitio de uma gamella coberta de lona, e com varios es-
piritos, quintas essencias, e outros ingredientes, lhe metteu umas
luzes por baixo, e na sala das embaixadas, estando presente Sua
Magestade e muitas mais pessoas, fez voar a dicta barcaza, que a
pouca altura deu pelas paredes, e depois em terra, e confundindo-
se os materiais pegou fogo, e na quêda em que se despenhou quei-
mou uma cortina, e tudo o que encontrou foi fazendo o mesmo ef-
feito e Sua Magestade foi tão benigno que não se scandalizou e
conservou na sua graça estando...

posto do Sacramento, a qual em 17 de Maio de 1703, em
barco de puxar pela espada, e avergiende de outra parte,
esta Cuada de El Rey D. Joao o 5.^o

Como p.^a diuirtir a queixada esguenencia se fer
hu ensayo de Comedia dia de Santiago 25 de Maio
de 1703. a fustio do Mag^e com posto com cabelera
a elle. enodia de Santa Anna a Comedia do
mesmo modo, de que resultou ter huã difficuldade
e fustidido, e sangrarem no nobrao Sabb.^o 27. do
mesmo mez. e por se achar com algũa melhora
(depois de sangrado quatro vezes), e comecou a de-
pachar algũa cura em 3 Agosto 1703 -

A 5 de Agosto de 1703 quiz fazer o P. Br. mu. Loure-
co epame, su experenciado inuen do voar, e fustio foi
a cara q^{ue} fust de baixo o da da embaixada. q^{ue} nas surto
effeito, p^{or} logo ao principio se queimou

A 5. do mesmo mez veyo do P. com huã meyo globo
de madeira delgada e dentro traria huã globo de papel
grosso, metendo elle no fundo huã tigela com fogo mate-
ria a qual sobio mais de 20 palmos, e como o fogo
era bem azejo, comecou a arder o papel fustindo eo
meyo globo de madeira fustou no chaõ sem fustir
p^{or} q^{ue} fustou fustido o vento, e como o globo era
de quando ao teto da casa, e ordinã compari d^{os} cria-
dor da Cara Real q^{ue} evitar o pegar e hauer algum
de zaire, assim tendo atudo o Mag^e e toda a Cara
Real, e varias pessoas -

Sebastião da Veiga Cabral q^{ue} se entregou Alcantara
za, e elle foi prisioneyro, foi trocado pelo Marechal do
Campo para vir para o R. de Portugal. D. D. de Mon-
roy - Dia de todas as Animpeão 15. de Maio de 1703 se
dornou a purgar o Mag^e pela mesma queixada esqui-
nencia. Neste mesmo dia morreu a filha de huã se-
rva a Onães de Povo lide ra do Conde de C. Vicente.
Miguel Carlos de Saucra, em õlher de Tristã da Cunha de

Depoimento de Salvador Antonio Ferreira sobre as experiencias de Gusmão. — Ms. da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, n. 15 da collecção Conde de Azevedo, divulgado em 1898 por Manoel Maria Rodrigues.

Em 6 de Mayo começou o Padre Bartholomeu Lourenço, filho do Brasil em o lugar de Alcantara a fazer o instrumento do ar para voar como a seu tempo se dirá (fls. 47 do ms.).

A 3 de agosto de 1709 quiz fazer o Padre Bartholomeu Lourenço exame ou experiencia, do invento de voar — para isso foi á casa que fica debaixo da das embaixadas — que não surtiu effeito, porque logo ao principio se queimou (fls. 52v.).

A 5 do mesmo mez veio o dito padre com um meo globo de madeira delgada, e dentro trazia um globo de papel grosso, mettendo-lhe no fundo uma tijela com fogo material; o qual subiu mais de 20 palmos e como o fogo ia bem aceso, começou a arder o papel subindo; e o meo globo de madeira ficou no chão sem subir, porque ficou frustrado o intento. E como o globo ia chegando ao tecto da casa acudiram com paus dois creados da casa real, para evitar o pegar e haver algum desastre, assistindo a tudo Sua Magestade com toda a Casa Real e varias pessoas (fls. 520).

dezen e mais de hu quarto de sapro ateg se hancido

At 5 de Agosto dia da Assumpcao e Equivonoma
da morte da uio do Reynha Nossa Senhora, e Louu Mag
com tudo sa qtoea a cara de al nojo tre, e trazendou
de hu Mez a capsa compria co sr Criado, da Casa, e
Cavalheiro co capsa compria frequer tarab ao Palacio noz tres
dray, cujanoua chejou por hu Paquebot de Inglaterra.

No p.º de Outubro de 1703 veyo tambem Paquebot de
Inglaterra q trouxe a noua da grande bat.ª q deu contra Fran-
cez e Principe Eugenio, sem seu lugar sedira com mais
distincac. E em 4 do mesmo Mez chejou outro Paquebot
com a noua certa da batalha, e noz dias q foi Caspa e de
ciad Francizes, e eg.º de abb.º e Domingo hoze a lincira
rias com o repique de todos os uir.º de Conu.º emaj.º gr.º

A abb.º 5.º de Out.º se encontrou hu Srmeº com outro
q estava feruido sa hu fidalgo de sa Corte, e o que l he
deu a sua foye atraiada no Noisio della. E auendo
no dia de ante, se leijado i sobre hua Erana de qº frariad
domanda.

Namadrugada doo Dim.º 6.º de Out.º aman-
heio no largo da Ruado e huado hua mulla bran-
ca q ainda estava viua, e a q.º vinha nella se he ati-
vou pela hua Erna q arduas danoued e Sabb.º q foi
visto pela viuinhanca q salta stiro de quatro Ernas de
bucados, e mandou Erme, ematand sa Mulla

54.ª a 1.º de Out.º comecou a entrar em Liza as Nav
de Inglaterra q forad por todas 3.º e o algui maximo detrip
pedre, emantigas, vindo a se frescar se suira e guarda
q passou a B.º de Loma co socorro de 140 Ermeº, e cau
Quintag.ª 3.º de Out.º fez o P.º Br.º do quenta l
digo Bertholomau.º co outro exo amena Conte da
Lada India e o instrum.º de voar, q tendo ja sobido
bastante a lura, caiu no c.º do Tem e ffeito.

- No

Depoimento de Salvador Antonio Ferreira sobre as experiencias
de Gusmão.

Quinta feira 3 de outubro fez o Padre Bartholomeu do Quental
digo Bartholomeu Lourenço outro exame no pateo da casa da India,
com o instrumento de voar, que tendo já sobido bastante altura
cahiu no chão sem effeito (fls. 560).

Experiencias de Gusmão — Depoimentos do Nuncio em Lisboa
Cardeal Conti, mais tarde Papa Innocencio XIII ao Cardeal
Secretario de Estado de Clemente XI
19 de Abril de 1709

L'altro era il figlio primogenito dello stesso Manuse
ed una figlia del Duca.
Questa città trovasi divertita ne discorsi sopra una
proposta fatta al Re da un sacerdote del Brasile
venuto con le ultime Navi, il quale pretende di
inventare una Nuova Navigazione per andare all'
Indie senza toccare la Tramontana, ma di
rettare per Levante, e ponente; ed in oltre un ordigno
per volare anche con dieci persone dentro, e su
questo si sono sentiti li pareri di molti Ministri
Matematici.

Questa città trovasi divertita nei discorsi sopra una proposta fatta al Re da un sacerdote del Brasile, venuto con le ultime navi, il quale pretende di inventare una nuova navigazione per andare alle Indie senza toccare la Tramontana, ma direttamente per Levante e ponente; ed inoltre un ordigno per volare anche con dieci persone dentro, e su di questo si sono sentiti i pareri di molti ministri e matematici.

Experiencias de Gusmão — Depoimentos do Nuncio em Lisboa
Cardeal Conti, mais tarde Papa Innocencio XIII ao Cardeal
Secretario de Estado de Clemente XI

16 de Agosto de 1709

galle a brugiare alcune Are di grano, e foraggiu.
Il soggetto era come si auiso tempo fa, pretendeva di uolere
fabricare un ordigno per uolare, ha in questi giorni due
uolte fatta l'esperienza in presenza del Re, hauendo
formato un corpo sferico di poco peso; ma siccome
la uirtu impulsiva o attrattiva pare che consista
in spiriti, questi presero fuoco, e si brugio l'ordi-
gno la 1^a uolta senza mouersi di terra, e la 2^a
ancorche si eleuasse due canne parimente brugio; onde
egli impegnato far uedere era non corre pericolo
a sua inuentione sta fabricando altro ordigno
maggiore.

“Il soggetto che, como avisó tempo fà, pretendeva di voler fabricare un ordigno per volare, ha in questi giorni due volte fatta l'esperienza in presenza del Re, hauendo formato un corpo sferico di poco peso; ma siccome la uirtù impulsiva o attrattiva pare che consista in spiriti, questi presero fuoco, e si brugió l'ordigno la prima volta senza muoversi di terra, e la 2.ª ancorché si eleuasse due canne parimente brugió; onde egli, impegnato di far vedere che non corre pericolo la sua inuentione, sta fabricando altro ordigno maggiore.”

De Ley os dias passados tambem o aposto de sovna a
filha de laspiracao de lida de bruy. á osuaadagreira
de toda a fluvia sacramentaria de noue. por um con
aonua aua de fro Logo, esta com carada a melloid
em humo contra a adague, e ja anda erguido e conante,
como assistio auarico comedia de jagonda pirona no
Daca, e humidid de lito ao voad de de ravaa filia, na
caid do lito de bair. da das l'ibaxada, e de ferer a
plum. flona de sua engada amando p'isto hum globo
de papel equal. diua elle de por si mesmo de hania de
alenaí a os aros moudidre dentro sua veta acera
e farand o apl. uery wood elle. com bruid. porque
de pagou ofogo, e andou intiram. e p'isto ha mais
de quato mais de anda habaldande nas tay fabricas,
de padera fazer em quato fiony, apones in aomai
em de como fer no sig. de globo, de l'ued no sig. de de
na Pace. op. unao. adew como oflo. fer of qualq'
fiony p'ong gastada p'olue per de continer dentro o
globo, o ar ambiente n. d. n. o átrebetow ao alto de apio
come nad tinda outra. materia mai de papel, e assim tor:
l'ua a tinda a deca. como de l'ua de l'ua mai nad
de of deca de ande de l'ua fiony por dia e l'ua de
de abrois de pare. deisto nad deum xatua. and.

Experiencias de Gusmão

Gazeta em forma de carta, por José Soares da Silva, membro da Academia Real de Historia Portugueza.

Ms. n. 512 do Fundo Geral da Bibliotheca Nacional de Lisboa, folha 137 verso.

“El Rey os dias passados tambem o apertou de sorte a falta de respiração que lhe sobreveyo á sua queixa que a toda a pressa o sacramentaram de noute.

Porém com a nova cura que fez logo, está com conhecida melhoria em hum e outro achaque e já anda erguido e composto; como assistio a varias comedias que agora se fizeram no Paço.

E hum dia destes ao Voador, que, na sua presença, na casa do Forte debaixo da das embaixadas, foy fazer a primeira prova do seu engenho, levando para isto hum globo de papel o qual dizia elle, por si mesmo se havia de elevar aos ares, mettendo-lhe dentro hua vela acesa, e fazendo a primeira vez, voou elle com brevidade, porque lhe pegou o fogo, e ardeu inteiramente, e para isto ha mais de quatro mezes que anda trabalhando nas taes fabricas, que pudera fazer em quatro horas, ao menos, ou ao mais em 24 como fez no segundo globo, que levou no segundo dia ao Paço, o qual se não ardeu como o primeiro, fez o que qualquer fizera porque gastado pela luz o ar, que continha dentro o globo, o ar ambiente natural muito o arrebatou ao alto da casa como não tinha outra materia mais que papel, e assim tornou outra vez a descer como subira, sem fazer mais nada que he o que basta, para andar as duzentas léguas pordia, e levar as quarenta arrobas de pezo. Se isto não se vira não se crêra.

“Fez a experiencia em 8 de agosto deste arno de 1709. no pateo da Casa da India diante de sua Magestade e muita fidalguia e gente com um globo, que subiu suavemente á altura da sala das embaixadas, e do mesmo modo desceu. elevado de certo material que ardia e a que applica o fogo no mesmo invento.

Esta experiencia se fez dentro da sala das embaixadas”

Esta noticia decisiva e de alto valor documental, escripta por homem illustrado e escriptor probo, confirma, como se vê, a descripção anterior, observa Correa Neves.

“A duvida, que o seu auctor teve no local da expericcia, provem de ter havido realmente mais um ensaio, como veremos”.

C) *Depoimento do Nuncio Apostolico em Lisboa em 1709*, Miguel Angelo arcebispo de Tarso Cardeal Conti, futuro Papa Innocencio XIII (1721-1724).

Era nuncio apostolico em Portugal desde 1669 e fora elevado ao cardinalato em 1706 por Clemente XI. A 6 de janeiro de 1707 recebera das proprias mãos de Dom João V, o barrete cardinalicio.

Consta de um *foglietto di avvisi*, do tomo 67 da collecção *Nunziatura di Portogallo*, do Archivo Vaticano.

Datando de 16 de agosto de 1709, foi communicado pelo Dr. Giuseppe Herzen ao Marquez de Faria que o divulgou em 1913, num dos volumes de sua *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão* (p. 370).

“Il soggetto che, como si avisó tempo fà, pretendeva di voler fabricare un ordigno per volare, ha in questi giorni due volte fatto l'esperienza in presenza del Re, havendo formato un corpo sferico di poco peso; ma siccome la virtù impulsiva o attrattiva pare che consista in spiriti, questi, presero fuoco, e si brugió l'ordigno la prima volta senza muoversi di terra, e la 2.^a ancorchè si elevasse due canne, parimente brugió: onde egli, impegnato di far vedere che non corre pericolo la sua invenzione, sta fabricando altro ordigno maggiore.”

Assim ao Cardeal Secretario de Estado noticiava o Nuncio:

“O individuo que, como ha pouco se avisou, pretendia querer fabricar um apparelho para voar fez, nestes dias, duas experiencias em presença do Rei, tendo arranjado um corpo espherico de pouco peso. Como porém a força impulsiva ou attractiva parece que consiste em fluidos, estes se incendiaram e o apparelho queimou, da primeira vez, sem mover-se do solo. Na segunda ardeu do mesmo modo, embora se alçasse á altura de “*due canne*”. O sujeito empenhado em demonstrar que sua invenção é real está fabricando outro apparelho maior.”

Uma “*canna*” medida linear italiana, equivalia em media a dous metros, pois variava, bastante, nas differentes regiões da peninsula, conta-nos o *Lexicon Vallardi, Enciclopedia Universale Illustrata, art Canna*. A maior dessas cannas era a da Toscana (2m33) tambem se empregava a *canna de Barcelona* (1,55). Segundo o grande dictionario francez italiano e italiano francez de Ferrari Cascia a *canna* é “*misura di lunghezza de quatro braccie*” ou doze palmos italianos tendo em media um valor de dous metros.

O communicado do Nuncio ao Cardeal Secretario de Estado e o seu precedente, de que já tratámos, tem, escusado é frizal-o, a maior das importancias. Basta lembrar que o subscreveu um Summo Pontifice!

Pelo primeiro ficamos sabendo que já em fins de abril de 1709 ainda não houvera experiencia alguma da *Passarola*. E ainda que datava de muito pouco a chegada de Bartholomeu no Reino, vindo do Brasil, em fins de 1708, ou principios de 1709. Deixando Portugal definitivamente a 24 de outubro de 1710 e recolhendo-se a Roma outro depoimento nos deixaria o Cardeal Conti, segundo narra o poeta Pier Jacopo Martello segundo escreve Boffito, autor italiano contemporaneo e aliás gusmanophobo ardente:

As experiencias de Bartholomeu Lourenço haviam se reduzido relatarann n Martello o futuro Innocencio XIII e

seus familiares, da nunciatura em Lisboa, “a certo globo da carta il quale a forza di quinteosenze, ivi chiuse o riscaldato e attrati dal solo, e qualche altezze saliva, cosa di nessun uso e di nessuna espettazione meritevole” (sic!)

Assim o testemunho do Nuncio comprova o de Salvador Antonio Ferreira.

Diz este que, a 3 de agosto, fracassou a experiencia de Gusmão ardendo a machina, o que o Nuncia corrobora.

A segunda experiencia, a de 5 de agosto, fez-se. diz Salvador Ferreira, com um globo de papel grosso que subiu mais de vinte palmos (4m,40). Reduz o Nuncio esta altura a *due canne* e conta que ardeu.

Ora *due canne* equivallem a quatro metros; podem mesmo valer 4,m66, ha pois esplendida concordancia entre as palavras de Salvador Ferreira e as do diplomata papal.

Ferreira relata, como vimos, que o desastre final foi devido á intervenção dos criados da Casa Real receiosos de incendio.

Aliás não nos affirma o Nuncio que haja presenciado o facto. Assim é mais que provavel tenha referido apenas o que lhe contaram, sem maiores minudencias.

Estes dois depoimentos têm para nós a mais relevante importancia, corrobora um ao outro. Fixam-se as datas das duas primeiras experiencias da *Passarola*, que era um globo espherico de papel grosso, a 3 e a 5 de agosto de 1709; comprova-se a honestidade dos informes de Salvador Ferreira.

E assim se estabelece definitivamente a nosso ver que á ephemeride de 5 de agosto de 1709 se attribue a maior importancia na historia dos inventos da sciencia. Neste dia, pela primeira vez, alçou-se em obediencia ao principio de Archimedes um apparelho aerostatico.

Mas o que de mais importante se contém no *foglietto di avvisi* de 16 de agosto de 1709 é a affirmação de que Bartholomeu, empenhado em demonstrar quanto o seu invento era real, *estava fabricando outro apparelho maior*.

Talvez fosse este o que, menos de dois mezes mais tarde a 3 de outubro, experimentasse na ponte ou pateo da casa da India. Ahi com resultados melhores, conforme depõe Salvador Ferreira.

D) *Depoimento de José Soares da Silva.*

Está impresso no tomo I da *Gazeta* deste membro da Academia Real de Historia, publicação feita como vimos em 1934 pelo Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa Tenente Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga.

“El Rey os dias passados tambem o apertou de sorte a falla de respiração que lhe sobreveyo á sua queixa que a toda a pressa o sacramentaram de noute.

Porém com a nova cura que fez logo, está com conhecida melhoria em hum e outro achaque e já anda erguido e composto; como assistio a varias comedias que agora se fizeram no Paço.

E hum dia destes ao Voador, que, na sua presença, na casa do Forte debaixo da das embaixadas, foy fazer a primeira prova do seu engenho, levando para isto hum globo de papel o qual dizia elle, que por si mesmo se havia de elevar aos ares, mettendo-lhe dentro hua vela acesa, e fazendo-o a primeira vez, voou elle com brevidade, porque lhe pegou o fogo, e ardeu inteiramente, e para isto ha mais de quatro mezes que anda trabalhando nas taes fabricas, que pudera fazer em quatro horas, ao menos, ou ao mais em 24 como fez no segundo globo, que levou no segundo dia ao Paço, o qual se não ardeu como o primeiro, fez o que qualquer fizera, porque gastado pela luz o ar, que continha dentro o globo, o ar ambiente natural muito o arrebatou ao alto da casa, como não tinha outra materia mais que papel, e assim tornou outra vez a descer como subira, sem fazer mais nada que he o que basta, para andar as duzentas légoas por dia, e levar as quarenta arrobas de pezo. Se isto se não vira não se crêra.

E) *Depoimento do autor anonyma do codice 537 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.*

“Com effeito, poz (Bartholomeu de Gusmão) por obra, não logo o principal invento, mas uma amostra, a qual era uma barcassa pequena de feitio de uma gamella coberta de lona, e com varios espiritos, quintas essencias, e outros ingredientes, lhe metteu umas luzes por baixo, e na sala das embaixadas, estando presente Sua Magestade e muitas mais pessoas, fez voar a dicta barcassa, que a pouca altura deu pelas paredes, e depois em terra, e confundindo-se os materiaes pegou fogo, e na quéda em que se despenhou queimou uma cortina, e tudo o que encontrou foi fazendo o mesmo effeito.”

D’esta memoria ha uma copia que Innocencio Francisco da Silva publicou em uma nota das “Maravilhas do genio do homem”.

Nella se lê esta variante “... fez voar a dita barcaça, que a pouca altura deu pelas paredes, e depois em terra, e se inflammou a tal machina com as luzes, que totalmente se reduziu a cinza. A isto deu por desculpa que o pouco ar que havia na tal sala foi a causa da ruina.”

F) *Cabeçalho de uma poesia (?) ridiculisando o Voador e seu invento.*

Existe o original desta moxinifada na Bibliotheca de Ajuda (pasta 51-XII-43; doc. n. 631) e foi-nos communicado pelo Snr. Dr. Carlos Alberto Ferreira, archivista da Torre do Tombo.

“Ao Pe. Bartholomeu Lourenço que, fazendo no Paço a primeira experiencia do seu Engenho de Voar, trouxe para isso hum globo de papel, o qual, mettendoselhe dentro húa Vella acesa por si mesmo avia de Elevar-se aos Ares; E pondolhe a ditta vella lhe pegou o fogo, e ardeu inteiramente.”

G) *Depoimento de Cunha Brochado.*

Falando de D. João V escrevia a 10 de agosto de 1709:

“Havia El Rey, hu destes dias de ter contentamento de ver voar o sacerdote na caza do Forte, se antes de começar o vôo se não queimara o engenho ou navio de papel, em que se pertendia fazer este admiravel ensayo, que depois da ruptura da paz he o grande negocio em que discursão os nossos talentos.”

Annota Joaquim de Carvalho:

“Veja-se a tão discutida experiencia do “voador” Bartholomeu de Gusmão, realizada em 8 de agosto de 1709. Dentre os varios textos que Felipe Simões coligiu acerca desta experiencia vem a proposito a nota de F. Leitão Ferreira, erudito e probo academico da Academia Real da Historia”.

O testemunho de Brochado, que, cremos, nunca haja sido examinado, collide com a informação de Leitão Ferreira. Julgamos que em face de tantos testemunhos, mais ou menos divergentes, a verdade consiste em affirmar que o Voador fez a experiencia no pateo da casa da India, na presença da Côrte, mas ardeu o engenho. E tinha realmente a forma dum *navio*, pois um desenho existente num manuscrito da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e que Felipe Simões reproduz corrobora a descripção de Brochado”.

Estes commentarios do illustre humanista portuguez contemporaneo procedem dos seus imperfeitos conhecimentos em relação aos documentos que aqui cotejamos.

Assim demonstra esquecer o depoimento de Salvador Ferreira como revela acreditar na authenticidade do desenho inserto na obra de Felipe Simões. Segundo as pesquisas modernas tal estampa é apenas uma interpretação grafica ideada por Simões para illustrar o memorial por elle descoberto entre os manuscriptos da Universidade de Coimbra.

Demonstrou ultimamente o Major José Pedro Pinheiro Correa a inexistencia desse desenho o que nos confirmou, o Snr. Dr. Rocha Madahil, erudito bibliothecario da Universidade coimbrã.

Como adminiculo a esta documentação podemos allegar as allusões ás experiencias que se lêem em numerosas poesias (?) dos aggressores de Gusmão.

Mais serio porém vem a ser o achado que a Freire de Carvalho communicou J. H. Cunha Rivara, o erudito bibliothecario de Evora, certo trecho de um codice eboracense intitulado — "*Peculio in folio Tomo 6.º Apontamentos historicos chronologicos do seculo XVIII — da pena do Padre João Bautista de Castro, autor do Mappa de Portugal, onde, referindo-se ao anno de 1709 dá noticia do Invento Asrotatico do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e das mercês, que por el-Rei D. João V, lhe foram promettidas, realizado que fosse o sobredito Invento.*"

No logar competente se lê:

"1709. — Em Março, inventou o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão um instrumento para andar pelo ar. e El-Rei lhe fez a mercê da primeira Dignidade, que vagar na Collegiada de Barcellos, e de Lente de Prima de Mathematica na Universidade de Coimbra, com 600:000 réis de renda, mas nada teve effeito"

"Era já escusada esta testemunha; mas *quod abundat, non nocet*" escrevia Cunha Rivara ao seu amigo, o Conego paladino da gloria de Gusmão.

Depois de divulgar o precioso achado relativo aos manuscritos de Salvador Antonio Ferreira, termina Manuel Maria Rodrigues o seu artigo referindo outro depoimento anonymo, tambem de 1710, igualmente descoberto no acervo riquissimo da bibliotheca portuense.

Um contemporaneo, commentando o decreto de 13 de agosto de 1710 da pensão regia ao inventor conclue por estas palavras: "E nisto veio a parar a bullia do invento

de voar com que o padre Bartholomeu desinquietou esta côrte, o anno passado de 1700.

Nestas palavras de ironia, tão repassadas de desprezo, que ao invento do santista acoimavam de não passar de legitima “bulha”, ou impostura. deixou-nos o anonymo nova demonstração do fracasso das experiencias da *Passarola*, sob o ponto de vista pratico.

Analysando estes factos quer nos parecer que tudo quanto o *Voador* realizára só lhe trouxera o maior descredito á reputação de homem de sciencia.

Nada mais expressivo do que o commentario anonymo adduzido por M. M. Rodrigues: “nisto veiu a parar a bulha do invento de voar”.

Ficaram a Côrte e a opinião publica alvorotadissimas “desinquietadas”, em enorme expectativa, como se deprende da carta da princeza de Brunswick. E tudo redundara no mais completo fracasso! Onde pois a realização daquellas mirificas promessas do inventor?

Num topico da *Gazeta* de Soares da Silva, parte ainda inedita, occorre interessante noticia. Animado com as demonstrações da munificencia regia para com Bartholomeu de Gusmão animara-se outro sacerdote em meados de 1709 a pedir a Dom João V vultoso subsidio afim de fabricar uma machina de sua invenção, apparelho de moto continuo. E a tal proposito o autor da *Gazeta* escrevia umas chufas pesadas contra o *Voador*.

“Sahio tambem ao mundo a segunda parte do Voador: era outra clerigo que pede licença a El-Rey para por em pratica o moto continuo e El-Rey o remeteu ao Provedor dos Armazens para que lhe desse os materiaes que pedisse: e elle parece que só tem moto continuo no miolo, porque he tam doudo, e tam simples como o outro; mas cheirou-lhe a tença de que se deu ao Voador, por não saber voar com o seu engenho, mas por voar sem elle.”

(Informação do Snr. Antonio Felippe, da Bibliotheca Nacional de Lisboa).

CAPITULO VIII

Analyse dos depoimentos. Cotejo destes papeis

A) *Affirma Salvador Ferreira, o mais minucioso de todos os depoentes que foram tres as experiencias. A de 3 de agosto de 1709 mallogrou-se por completo; na de 5 do mesmo mez o balão subiu mais de 20 palmos (4m.40); na de 3 de outubro o aerostato tendo subido a bastante allura cahiu "sem effeito"*

B) *Relata Francisco Leitão Ferreira que na experiencia de 8 de agosto de 1709, o balão, em presença do Rei e muita fidalguia, subiu á altura da casa das Embaixadas e do mesmo modo desceu.*

C) *Refere o Nuncio Apostolico Cardeal Conti, duas experiencias, em agosto de 1709, sem lhes fixar as datas. E aliás seu depoimento, assignado a 16 de agosto, é anterior á experiencia de outubro relatada por Salvador Ferreira. No primeiro destes ensaios houve mallogro completo. No segundo o aerostato subiu á altura de due canne cerca de quatro metros e meio e ardeu.*

Conta o futuro Papa que Gusmão estava preparando terceira experiencia dentro da primeira quinzena de agosto.

D) *Não fixa Soares da Silva data alguma mas refere que houve duas experiencias durante a primeira quinzena de agosto.*

Na primeira voou o balão "com brevidade" porque ardeu. Na segunda alçou-se o aparelho aos ares, e desceu sem arder.

E) O anonymo do codice 357 de Coimbra fala de uma só experiencia em que o balão subiu aos ares, deu pelas paredes e ardeu depois de incendiar uma cortina.

F) O poeta (?) anonymo da Pasta n. 51 da Bibliotheca da Ajuda conta que o balão ardeu sem dizer se subiu.

G) José da Cunha Brochado narra o incendio do aerostato, antes de começar o vôo.

Primeira experiencia — 3 de agosto de 1709

Assim o anonymo da Bibliotheca da Ajuda e Brochado corroboram os depoimentos de Salvador Ferreira, do Nuncio Apostolico e de Soares da Silva, relativos ao mallogro das experiencias de 3 de agosto de 1709.

E limitam-se a isto.

Segunda experiencia — 5 de agosto de 1709

Na experiencia de 5 de agosto relatada por Salvador Ferreira o globo subiu mais de 20 palmos e foi derrubado pelos creados da Casa Real receiosos de que o seu foco causasse incendio.

O Nuncio Cardeal Conti revela o incendio do balão de uma segunda experiencia, depois deste subir *due canne*.

O anonymo do codice 357 de Coimbra, aliás rancoroso inimigo de Gusmão, narra a ascensão do globo, e o seu perdimento, depois de ter posto fogo a uma cortina.

A variante, descoberta por Innocencio, não fala em cortina.

Terceira experiencia — 8 de agosto de 1709

Francisco Leitão Ferreira fixa-a a 8 de agosto de 1709. Segundo elle o balão subiu suavemente e desceu do mesmo modo, sem accidente.

Soares da Silva mais explicito, corrobora as palavras de Leitão Ferreira declarando que o globo subiu aos ares, ao lado da casa do Forte, debaixo da das Embaixadas. E como

não tivesse outra materia mais que papel tornara a descer como subira.”

“Desta experiencia singela proviera ao inventor grande ridiculo dada a sua jactancia de que o seu apparelho poderia andar duzentas leguas por dia transportando quarenta arrobas de peso”.

Convem lembrar, comtudo, que na petição do *Voador* não se dizia que as duzentas leguas seriam vencidas num dia. Nem nella se lê que o aerostato seria capaz de carregar quarenta arrobas de carga.

Quarta experiencia — 3 de outubro de 1709

Deste ensaio é Salvador Ferreira o unico a dar noticia. Refere-se a uma ascensão do globo a bastante altura. Parece ter baixado ao solo sem desastre algum, “sem effeito”, pratico, talvez.

Nenhum destes depoentes contemporaneos refere-se a uma viagem aeronautica de Gusmão, ou de quem quer que seja.

Mas de tudo isto que resalta, esmagadoramente? E’ que Gusmão apresentou a D. João V, e á sua Côrte, um apparelho que se elevou aos ares.

Se ardeu ou se não ardeu, o facto é que subiu aos ares, facto virgem na historia da Humanidade!

Em vez da aclamação retumbante, que devia sublinhar este facto extraordinario, que houve? Um côro de vilipendios e baldões! Um diluvio de dicterios e improperios tentando, em versalhada e em prosa, cobrir o inventor do maior ridiculo e discredito.

Não houve quem, de longe, vislumbrasse a magnitude do ensaio e suas estupendas consequencias.

Como era cruel o Destino, perseguidor do glorioso inventor!

Si nesta experiencia, uma corrente de ar para longe houvesse projectado o “balão de S. João” que prestigio teria trazido a Gusmão tão notavel demonstração da praticabilidade de seu invento!

Mas *ita diis placebat* e o pobre foi victima do imponderavel que sobre o mundo, mudo e impassivel, pesa, como diz o decassylabo desse soneto admiravel de Antero do Quental, em que ao Homem lembra quanto, em vão, lucta dentro da nevoa baça da incerteza das cousas.

Foi o misero precursor coberto do ridiculo o mais completo. Manda a justiça porém lembrar que lhe cabia bastante culpa de tal côro de chufas e apodos.

Havia disparidade colossal entre a sua promessa e a realização de taes esperanças. Mas não vem isto ao caso.

Houvesse alli, dentre os que presenciaram aquelles ensaios extraordinarios, quem dispuzesse de um vislumbre de descortino, immediatamente perceberia o valor daquelles primordios de um invento prodigioso, o inicio de uma era notabilissima para a Humanidade, aquella em que lhe seria assegurada a navegação aerea.

Proclamando a inanidade dos idolos disse o Psalmista: *Oculos habent et non videbunt.*

Ao rei, aos fidalgos a todos quantos assistiram as experiencias de Gusmão, em agosto e outubro de 1709, brada hoje a Historia:

Oculos non habebant, ita non viderunt!

Mas que grande pasmo poderá causar semelhante phenomeno se dous seculos mais tarde, nas mesmas condições de cegueira, se achariam inconvençiveis detractores e adversarios de Gusmão, herdeiros do odio e do encarniçamento do *Pinto Renascido*, e outras notabilidades de igual tomo, contra o pobre precursor?

Um unico dos sete depoentes procurou dar uma explicação á causa da ascensão do aerostato: Soares da Silva.

Revela o seu commentario umas tinturas de conhecimentos scientificos, aliás confusos, obscuros.

Assim “desapparecido o ar de dentro do globo, pelo combustão determinada pelo foco igneo”, verificara-se o empuxo da atmosphaera exterior que levava o balão a subir

Não conhecia o observador a verdadeira causa do phenomeno. Não suspeitava que a dilatação do ar confinado

no globo, graças á acção do fogo, provocara um desequilíbrio, devido ás diferenças de densidade, de onde nascera a força ascensional do aerostato.

Trazendo, em Dezembro de 1934, ao conhecimento do publico brasileiro, a divulgação do depoimento de Soares da Silva, recordava Julio Dantas a ironia com que o autor da *Gazeta* se referira ao fracasso das experiencias do *Voador*.

E isto lhe serviu para eloquente commentario:

“Mal sabia o espirituoso autor da “Gazeta” que, nesse dia de agosto de 1709, o illustre Bartholomeu de Gusmão, incomprehendido como todos os precursores, marcara para sempre o seu logar na historia de uma das maiores conquistas da audacia e da intelligencia humana.”

Nada mais nobre, como preito á verdade historica e a justiça, do que as palavras do illustre escriptor portuguez.

CAPITULO IX

Local das experiencias do aerostato. A molestia de D. João V, e sua influencia sobre a marcha dos ensaios. Forma do balão e material empregado.

Escreve Correa Neves:

Os documentos dignos de confiança, todos referem as experiencias no anno de 1709; é pois este um ponto averiguado.”

Realmente jámais até hoje se encontraram vestigios de outros ensaios que não os de 1709.

“Tambem não ha hoje duvida de que se realizou mais de uma experiencia publica, estando assim explicadas algumas apparentes contradicções que alguns documentos apresentavam, quando se julgava ter-se realizado apenas uma.”

Assim realmente é. A descoberta do documento vaticano e o relato de Soares da Silva comprovaram, ultimamente, tal asserção.

“A *Petição* é anterior a 19 de abril, data do *Alvará* de privilegio; quando Bartholomeu Lourenço fez, porém, a sua *Petição*, trabalhava já na machina, como se vê em uma carta datada de 22 deste mez, onde se diz que nessa occasião o autor trabalhava na construcção.”

Pode dar-se como certo que o inventor, antes de fazer a sua *Petição*, realizasse experiencias particulares, que o

habilitassem, a julgar da possibilidade do seu invento, como 73 annos depois os irmãos Montgolfier, antes de realizarem as experiencias publicas; destas experiencias preliminares de Bartholomeu Lourenço, que não tiveram expectadores, não resta, porém, noticia, como é natural.”

A estes ensaios prévios refere-se aliás Bocous, em seu artigo da *Biographie Universelle*.

“As primeiras experiencias de que se encontra menção nos documentos, são as realizadas no Terreiro do Paço.

Destas, a primeira parece ter sido feita a titulo de ensaio no dia 3 de agosto (segundo o Ms. de Salvador Ferreira), dentro da casa que ficava por baixo da das embaixadas, tendo-se o halão queimado logo no começo da experiencia; apesar de não haver descripção do apparelho e material empregado, com certeza foi algum balão pequeno de papel, pois a experiencia, como já dissemos, foi feita dentro de uma casa, não muito grande.”

A esta experiencia assistiu D. João V, affirma-o categorico o *foglietto di avvisi* do Nuncio, que Corrêa Neves não conhecia, ao escrever estes commentarios. Prosegue o douto autor:

“Foi na sala das embaixadas que se realizou a experiencia seguinte, a qual teve logar no dia 5 ou 8 (havendo neste ponto divergencia nos documentos), com um pequeno globo de papel grosso, que subiu suavemente, a uns 4m, de altura, e como fosse quasi a chegar ao tecto da casa foi destruido por dois criados da casa real, que acudiram, com receio que pegasse fogo, como succedera já na primeira tentativa.

Foi portanto tambem uma experiencia em pequena escala, pois o balão empregado dentro de uma casa, embora espaçosa, não podia ser grande, mas, em todo caso, vê-se que foi bem succedido, pois se o balão não subiu mais, foi isso devido decerto á falta de espaço, por ter batido no tecto da casa. A esta experiencia, que teve já character official, assistiu o Rei D. João V e a Côrte.”



Antonio de Portugal de Faria, visconde e marquez de Faria (1868-1937)
Oleo de Bernardino de Souza Pereira — Collecção do Museu Paulista

O relatório do embaixador papal confirma a asserção de Corrêa Neves quanto á elevação aos ares do aparelho e ao seu incendio, e á presença do Rei, embora não fale na intervenção dos criados da Casa Real.

Durante as experiencias ainda não se sentira D. João V restabelecido.

Escrevendo ao seu constante correspondente, a 10 de agosto, relatava Cunha Brochado:

“Oição que El-Rey que Deus guarde está quasi restabelecido na saude, e que o barbasco foi planta milagrosa para dissipar aquella inchaçan, que athé no nome hé desairoza. Supponho que brevemente começará o despacho e tornarão as fontes da Justiça a correr abundantemente a agoa.

Do local do ensaio de 5 nada relata Salvador Ferreira.

A de 3 de outubro realisou-se no pateo da casa da India. Declara Leitão Ferreira que, neste pateo, já se effectuara a experiencia de 8 de agosto.

Nada refere o Nuncio a tal respeito.

Soares da Silva, este nos conta que a sala por baixo da das Embaixadas era chamada a casa do Forte. O mesmo refere Cunha Brochado. O anonymo de Coimbra nada positiva sobre o local dos ensaios. O outro tambem anonymo, o da Bibliotheca da Ajuda, fala-nos apenas que o ensaio se passou no Paço.

Assim ha concordancia nos informes sobre os ensaios da sala do Forte oriundos de Salvador Ferreira, Soares da Silva e Cunha Brochado.

Mas longe ainda estava D. João V de se sentir restabelecido.

Tivera uma melhora e logo depois recahira quasi tão enfermo quanto d'antes.

E em Lisboa reinavam as maiores apprehensões acerca do desfecho das operações militares na campanha em que o exercito portuguez se via premido pelos franco-hespanhoes.

E corriam sinistros boatos sobre os cruzeiros de corsarios francezes poderosos aggressores das frotas esperadas do Brasil.

A 17 de agosto escrevia Cunha Brochado em sua carta semanal:

“Não sei se ouviu que El Rey Nosso Senhor entrava brevemente a tomar banhos, remedio he este que o pode livrar das grandes quenturas que as purgas e outros ingredientes lhe introduzirão nas entranhas.”

A frente do Paço, pelo Terreiro, passara a procissão de Nossa Senhora que, de São Roque, viera em gyro por obsequio da Côrte. E El Rey poudera vel-a.

A 24 relatava o diplomata que haviam sido chamados á Secretaria de Estado, em fórmula de Junta, todos os commandantes e officiaes que tinham participado da ultima campanha.

“E lhes foi perguntado o como succedera aquelle famoso choque em que Portugal esteve a dois dedos de perder-se. Cada hum fez a relação a seu modo e contou a historia a favor do seu procedimento, de que ficaria El Rey Nosso Senhor muito obrigado a cada hum e muito desobrigado a todos juntos.”

A 28 de setembro noticiava Brochado: “dizem que podemos estar sem susto nesta campanha de outomno.”

A 30 do mesmo setembro chegava a noticia da tremenda derrota das armas francezas, em Malplaquet, E Lisboa delirava de enthusiasmo! Marlborough e o Principe Eugenio salvavam Portugal!

Afinal só na carta de 26 de outubro é que o diplomata annunciava o positivo restabelecimento do Rei.

Naquelles tempos de absolutismo ferrenho, em que tudo girava em torno do monarcha, a prolongada enfermidade de D. João V deve ter prejudicado notavelmente o exito das experiencias de Gusmão. Sabemos quanto o filho de D. Pedro II nada tinha de energico. Era um typo acabado de goza

dor e, sobre o seu espirito de fraco, reflectia, certamente, a influencia da molestia tão prolongada e depressora

Que interesse teria tomado pelos ensaios do Padre, sobretudo depois de verificar que a realidade dos factos tão longe se apresentava da magnifica expectativa das promessas?

E, provavelmente, terá expresso este scepticismo ao inventor, quiçá de modo categorico.

Incapaz era pela incultura, e a mediania vulgar da intelligencia, de lobrigar o que quer que fosse das consequencias do invento de seu subdito brasileiro.

E Gusmão timido, desvalido, ousaria contradizer, de longe sequer, as insinuações da palavra de seu Rei?

Commentando o fracasso das experiencias da *Passarola* e a attitude do Rei observa Manuel M. Rodrigues:

“Não obstante todas estas contrariedades, é inegavel que toram reconhecidos meritos especiaes no padre Bartholomeu, por quanto, tendo sido examinado acerca dos seus conhecimentos da mathematica”, e por ordem de el-rei D. João V, pelo Marquez de Fontes e conde de Ericeira, estes lhe acharam “bastantes noticias de mathematica”, pelo que em data de 13 de agosto de 1710, foi expedido pelo monarca o seguinte decreto:

“Tendo em consideração os requisitos que concorrem no padre Bartholomeu Lourenço, o ser informado que se acha com sufficientes noticias de mathematica, e que applicando-se, e estudando esta sciencia poderá seguir-se alguma utilidade publica e ensinar o que com a sua comprehensão poder adquirir, e por ser um clérigo pobre, e não ter com que se sustentar para continuar estes estudos.

Hei por bem fazer-lhe mercê de 300\$000 cada anno, pagos ás mesadas, emquanto eu o houver por bem e não mandar o contrario, os quaes lhe serão pagos pelos effeitos da Junta dos Tres Estados. que nesta conformidade o mandará executar. Lisboa, 13 de agosto de 1710, com rubrica de S. M ”

Este decreto, pois, como se vê, tinha por intento subsidiar o mencionado eclesiastico para ir a Coimbra estudar a mathematica, afim de depois a vir ensinar em Lisboa.

Ao decreto acima transcripto replicou a Junta dos tres estados, dirigindo uma consulta ao rei em que dizia não poder pagar a dita quantia de 300\$000, porquanto os effeitos da referida Junta tinham applicação a varias coisas do serviço real.

D. João V attendeu a esta reclamação, resolvendo por despacho de 1 de setembro, que a junta dos tres Estados ficasse desobrigada da satisfação indicada⁷.

Assim deixava o nosso Voador de estudar mathematicas, pensionado pelo regio bolsinho. E isto por falta de verbal

Tivesse o monarcha algum interesse real pelo caso, que tal dotação se arranjaría facilmente, fosse como fosse, naquelle tempo de absolutismo completo.

O que porem é positivo vem a ser que, de forma alguma perdeu o Voador o valimento junto a D. João V.

Este se manteria por quinze annos, até os tristes dias da intriga palaciana de que decorreria a perda do inventor, sua fuga para o exilio e a morte.

Digamos agora alguma cousa sobre a idoneidade dos depoentes.

Tres delles são pessoas de bella reputação, nos fastos da intellectualidade portugueza: Leitão Ferreira e Soares da Silva, membros da Academia Real de Historia; Cunha Brochado illustre diplomata. O depoimento do Nuncio pela posição de quem o fez reveste-se da maior autoridade.

Infelizmente nada pudemos descobrir acerca de Salvador Antonio Ferreira.

.....

Passemos agora a cotejar o que dizem os depoimentos acerca da forma do balão e do material nelle empregado

A tal respeito escreveu Gustavo Tedeschi Correia Neves, em 1911, uma serie de optimas considerações, que fazemos nossas, ampliando-as porém, pois este erudito autor, na-

quella epoca, desconhecia os depoimentos do Nuncio, de Brochado, Soares da Silva, e do anonymo da Bibliotheca da Ajuda.

Refere-se a um documento de que ainda não nos valemos, o que Simões descobriu, a descripção do aerostato feito por um amigo do inventor.

Vamos, porém, limitar-nos á comparação dos depoimentos e referencias relativas aos sete documentos arrolados.

“Meio globo de madeira delgada trazendo dentro um globo de papel grosso” era o apparelho declara Salvador Ferreira; *globo* avança Leitão Ferreira; *corpo sferico de poco peso*, revela o Nuncio; *globo de papel* affirma José Soares da Silva, *globo de papel* confirma o poetastro da Bibliotheca da Ajuda; *barcaça do feitio de uma gamella e coberta de lona*; afiança o anonymo do codice 357 de Coimbra; *engenho ou navio de papel*, relata Cunha Brochado.

Assim cinco depocentes, e dos mais autorisados, nos falam que o aerostato era uma esphera, ou um espheroides, a *barcaça em feitio de gamella* pode ser interpretada como uma calote espherica.

O material do apparelho era o papel, como vemos, no dizer de Salvador Ferreira, Soares da Silva, o poeta da Ajuda e Cunha Brochado.

Falta-nos examinar um ultimo ponto, mas este de capital importancia: qual teria sido o agente da ascensão do aerostato?

Uma tigela com fogo material, conta-nos Salvador Ferreira; certo *material que ardia e a que applicou o fogo*, reforça o Nuncio Apostolico, *uma vela accesa*, corroboram Soares da Silva, e o poetastro da Bibliotheca da Ajuda; “*varios espiritos, quintessencias e outros ingredientes com luzes por baixo*”, comprova o anonymo do codice 357 da Universidade de Coimbra.

Seis depoimentos absolutamente categoricos e concordantes: havia no apparelho um foco igneo. O setimo é ul-

timo se não se refere a esta circumstancia corrobora-a indirectamente ao relatar que o “engenho ou navio se queimara” no inicio da experiencia.

Que mais será necessario adduzir para provar que o aerostato de Gusmão era um balão de ar quente, um balão de São João, uma pequena *montgolfière*, fabricada em Lisboa, no anno de 1709, setenta e quatro annos antes da dos dous irmãos de Annonay?

Commenta Corrêa Neves com o mais lucido criterio:

“Estas informações, que, examinadas em separado, são apparentemente contraditorias, completam-se e harmonizam-se, num exame attento, tendo em vista que ellas se referem a experiencias diversas.

Assim, sendo, que seja necessario fazer intervir uma grande imaginação ou fantasia, é facil de ver que o balão projectado (e que figura na *Descrição*, feita antes das experiencias principaes), tinha a fôrma de um pyramide triangular e provavelmente teria esta tambem a dos apparelhos empregados nas experiencias preliminares, que o inventor certamente realizou antes de se aventurar a apresental-as em publico.

Na primeira experiencia, a machina aerostatica tinha provavelmente a fôrma alongada, indicada nos documentos sob os nomes de gamela, cesto oblongo e barcaça, que evidentemente correspondem a uma unica fôrma, sendo apenas expressões differentes da mesma idéa.

Finalmente as ultimas experiencias deviam ter sido feitas com um balão em fôrma de meio globo.”

Quanto ao material empregado, era o papel grosso, formando uma carcassa feita provavelmente com arames, como se depreende de uma nota manuscripta em que se indica ter Bartholomeu Lourenço comprado grande porção de arame e de papel, com destino á construcção da sua machina.

É tambem possivel que nalguma das ultimas experiencias, fosse empregado o panno na construcção do balão, como diz um dos documentos.

Voltando a affirmar os direitos da prioridade de Gusmão quanto á utilização do aquecimento do ar escrevia Simões em 1868:

“Para mostrar, que é portugueza a sua primeira origem, não precisamos de mais que provar que Bartholomeu Lourenço se serviu do fogo para fazer subir na atmosphaera um envoltorio de panno ou de papel, porque se não sabe de quem, antecedentemente, executasse semelhante experiencia.. Ora os documentos contemporaneos não deixam a menor duvida sobre este facto.

Antes das experiencias dos Montgolfier, e mais em particular depois dellas, varios escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros, alludiram ao invento de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Mui differentes e até contradictorias noticias deram a este respeito e ainda hoje estão dando em livros recentemente publicados.

Para exemplo da confusão e divergencia das noticias, que correm acerca das tentativas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, apontaremos a obra de Luiz Figuier: “Les merveilles de la science”

O autor sahiu do embaraço, em que taes noticias o collocavam, advertindo com toda gravidade que se não deve confundir o Gusmão, que fez experiencias aeronauticas em 1709, com Bartholomeu Lourenço, a quem chamavam o “Voador”!

Para desatar o nó gordiano bastava-lhe abrir dictionario biographico, mas a ter este pequeno trabalho preferiu lançar mão da espada de Alexandre, posto que bem menos gloriosamente que o illustre conquistador da Persia.

No mesmo anno outro escriptor francez, lendo mal a inscripção da custodia de Belém e tomando um verbo por um nome proprio, attribuiu-a ao insigne italiano “Acabovo” que fez mestre ou fundador de uma escola de esculptura em Portugal”!

“Que o Padre Bartholomeu Lourenço fizesse uma experiencia com um balão de ar quente, prova-o claramente o testemunho de seus contemporaneos, sobretudo a já citada noticia de seu consocio na Academia, o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, frisa o Padre Manuel Rebimbas em seu estudo sobre o *Voador*.

Affirma este biographo que Bartholomeu promettera a D. João V fazer experiencia publica da sua *Passarola* no dia 24 de junho de 1709, onomastico do soberano.

Não nos conta, porém, onde colheu tal dado.

“De tudo isto hem se pode concluir que a ascensão por elle promettida para 24 de junho não se realizou. Mas que elle fez experiencias com essa machina e tirou alguns pequenos resultados, é factó demonstrado.”

E’ certo que os narradores não são concordes na designação do local das experiencias; mas de duas uma, ou elles confundiram os differentes logares onde ellas se realisaram, ou, o que é mais provavel, o inventor variou-as, partindo ora de um ponto, ora doutro conforme a direcção do vento.”

Citando os trabalhos de Moedebeck, official do exercito allemão, publicados no *Zeitschrift für Luftschiffahrt*, 1893, pag. 10, relata-nos Rebimbas que este pesquisador revelou a existencia de um memorial de 1711, aliás pouco objectivo em que se affirma haver Gusmão “construido um pequeno modelo em forma de navio, coberto por uma vela e cheio de differentes gases, o qual com o auxilio de uma chamma collocada debaixo subiu na sala das embaixadas, mas ao descer pegou fogo aos reposteiros e outros objectos.”

Concluindo Rebimbas assevera a sua convicção de que Bartholomeu confeccionou um balão de ar quente.”

Convem lembrar que, como Correa Neves, ao tempo em que escrevia, ainda só conhecia os depoimentos dos dous Ferreira e do anonymo de Coimbra.

CAPITULO X

Os primeiros documentos divulgados em Portugal sobre as experiencias de Gusmão.

Ao Marquez de Faria devemos, entre diversos e optimos serviços, prestados, com a maior obsequiosidade, a gentileza de nos ter posto em contacto com o Sr. Dr. Carlos Alberto Ferreira, um dos bibliothecarios da Bibliotheca da Ajuda, outr'ora, e hoje, um dos zelosos archivistas da Torre do Tombo.

Recorrendo aos prestimos do Dr. Ferreira, erudito sabedor de historia, delle incontinente obtivemos de seu servicalismo extraordinario, a communicacão de dois papeis valiosos.

E' o primeiro uma dissertacão philosophico-literaria, da lavra de Bartholomeu de Gusmão, proferida provavelmente na Academia Portugueza pelas vizinhanças de 1718. Já a divulgámos no volume das *Obras diversas de Bartholomeu de Gusmão* que a benemerita Companhia Melhoramentos de São Paulo imprimiu.

O segundo é uma poesia (?) ou antes uma moxinifada metrica, semsaborona, idiota mesmo, uma dessas numerosas peças contemporaneas das experiencias da Passarola e dellas depreciadoras e ridiculisadoras.

Mas o que vem a ser, absolutamente precioso, é o cabecalho de tal poesia (?) nova demonstracão de que a *Passarola* era um globo de papel que encerrava um foco igneo. Este documento provem da Bibliotheca da Ajuda (Pasta 51 -- XII -- 43; doc. n. 63), e delle já os leitores tomaram conhecimento.

Vejam os porém em que consiste tal peça de versos (?). Nella ha uma allusão a uma estada do *Voador* na Casa do Segredo (?) que não sabemos como explicar.

No mais é um rosario das mais chatas necedades de que só uma coisa transparece: a satisfação intensa, a alegria enorme do invejoso autor, porque, havia o globo do santista ardido e sua experiencia fracassado! Forte imbecil!

Como porém o tom de tal borracheira metrica trahe-lhe inilludivelmente a data da composição, nas vizinhanças dos ensaios do inventor, tem o documento subida valia. Representa, é bom frisar-o, mais uma comprovação de que Bartholomeu Lourenço construiu uma *montgolfière*.

Assim o malevolo reparador toleirão, certamente contra a sua vontade implicita, veio, com o depoimento sandeu, reforçar, preciosamente, o acervo dos argumentos de que podem dispôr os defensores da causa de seu gratuito desaffectedo.

Vejam os porém o que vem a ser a tal poesia (?) comunicada pelo Sr. Dr. Carlos Alberto Ferreira.

Para os termos de seu cabeçalho, e com toda a instancia, pedimos toda a attenção, novamente:

Ao Pe. Bm. eu Lourenço que, fazendo no Paço a primeira experiencia do seu Engenho de Voar, trouxe para isso hum globo de papel, o qual, metendoselhe dentro húa Vella acesa per si mesmo avia de Elevarse aos Ares; E pondolhe a ditta vella lhe pegou o fogo, e ardeu inteiram.te.

*Aora que estoy d'espacio
Cantar quiera eu um instrumento,
porque quero, in-verbis ibi
-dizer-vos tambem dous verbos.*

*Dirvoshei pois o que sinto
sem circulos, nem rodeyos,
da volatil patarata
desse vosso aerio invento,*

*Viestes, fostes, tornastes
dessa Patria dos Engenhos,
que com ter tantos de asucar,
não tenha nenhum de vento.*

*Vem senão quando este se acha
hoje no nosso talento,
e como esteril na Patria
transplantouce ao nosso Reyno.*

*Aquí aonde se dá tudo,
em vertude do terreno
saistes a lua com esse
vosso atiloco (?) desenho.*

*Por viandante dos Astros
por corredor dos luzeiros
Por Postilhão dos Planettas
dos Signos por Recoveiro.*

*por Almocreve dos Ares
por Estafetta dos Ventos
dos Antigonistas proprio,
dos Antipodas correio.*

*Por portador dos Caloros,
dos Tropicos Arriero,
Arlequim dos Meteoros
Volatim dos Elementós.*

*Por Embaixador dos climas
dos Pollos por Mensageiro
por Enviado das Zonas
por Nuncio dos Hemespherios.*

*Por Emissario dos Rumos
por Sentinella dos tempos
espia dos Promontorios,
e Mercurio do Universo.*

*Emprendestes, procurastes.
Conquistes logo o intento
que pelos ares nos derão
o volátil privilegio.*

*Ficastes constetuhido
por voador mor do Reyno
por andarem das espheras
dos Orbes por caminheiro.*

*Ainda que o merecieis
não sei si ficastes prezo,
sey porem que vos metestes
nessa Caza do Segredo.*

*Mas certo não vos prenderão
porque a prendervos, he serto
que seria no Hospital,
e nunca no Limoeiro.*

*Não sei se me explico amigo
mas vamos ao caso; Feitto
ou por fazer, parte, ou todo
do bem azado instrumento.*

*Abortastes logo ao mundo
quatro misinho (?) o conceito
todo inchado por de fora,
oco todo por de dentro.*

*Grudastes os papelinhos
amassastes os unguentos,
eu só lhe gabo a massada*

*Posto assim nestas alturas
com dedaleos pençamentos,
a fabrica começastes
do tal referido Engenho.
na grudação, não me metto!*

*Para a dita operação
pedistes lugar, e tempo
hum vos derão, outro tomastes
á medida do dezejo.*

*Porem vós como era parto
desse nosso entendimento,
por solemnizar-lhe a morte,
quizestes poupar o enterro.*

*E construindo-lhe a pira
lhe ministrastes o incendio
que merecia queimado
hum tam mal nascido engenho.*

*Feito isto assim, eis que tudo
Se tornou logo desfeito,
sempre entendi que esses fumos
se avião tornão no mesmo!*

*Sic transit gloria mundi
Não há que espantar Lourenço,
que já maiores milagres
se reduzirão a menos.*

*Digão no esses colossos
já falsos, já verdadeiros
que nem inda do que forão
nas cinzas se converterão.*

*Chegou o dia aprazado
em que por aserto, ou erro
avieis de dar a amostra
do panno que he todo o mesmo.*

*Embainhastes a Sotayna,
Sacastes o vademecum
todc manos a la obra.
Senão em campo, em terreiro.*

*Mas como o parto era aborto
veyo informe mortal veio
com que aforgarse a nauca (?)
foi lastima, sim por serto!*

*Porque somando a Doutrina
que lhe daveis nesse exemplo,
em coriscos nos tornassem
os Rayos do vosso invento.*

*Porem se emfim não me engano,
ainda delles espero
vos fação louco de pedras
já que soes louco de vento.*

*E entanto meu Lourencilho
deichoy os taes instrumentos!
nem queiraes passar qual Feniz
das cinzas para os incendios.*

*Pois se isto assim se exprimenta
no solido, no terreno
que muyto que sucedeu
no oco, no vão, no aerio?*

*Além de que bem mostrastes,
que nisto andastes al buelo;
porque as taes maquinas,
logo meu Lourenço volaverum?*

*Não quizestes se julgace
qual papagayo o engenho,
porque este voou co fogo
se aquelle voa co vento.*

*Sinto porém que os rapazes
deixassem tambem de vello,
(já que entrando vós á vèlla
nos não sahirão ao Remo).*

CAPITULO XI

O silencio posterior ás experiencias da "Passarola" em Portugal. Mutismo do proprio inventor. Causas que o determinaram. O grande atrazo scientifico dos meios ibericos de então. Inexplicavel attitude de Diogo Barbosa Machado. Causas militares de preocupação publica em 1709.

Depois do estardalhaço das experiencias de Gusmão, nascido, entretido e aguçado pela expectativa prolongada de uma novidade como jamais se vira igual; após o resultado positivo dos ensaios do *Voador* grande, inexplicavel, completo silencio se fez em torno de um acontecimento que, apesar do atrazo da cultura contemporanea portugueza deveria ter provocado intensa onda de curiosidade na capital lusitana, fatalmente propagada em todo o mundo civilizado.

Um unico echo até agora nos chegou dos ensaios da *Passarola*, a versalhada insulsa, idiota que acabamos de revelar.

Quaes as causas de tão exquisito silencio?

Diversas, ao nosso ver, e poderosas.

Reside a primeira e principal no mutismo do inventor, descuidoso de divulgar immediatamente, pelos prelos, uma memoria illustrada relativa á sua invenção. Ou, pelo menos, relatora dos resultados de suas experiencias.

Devemos levar em linha de conta, para a explicação deste silencio, uma circumstancia do mais alto relevo: a falta de garantias, então geral em todo o mundo, para os fructos do trabalho intellectual. Com a maior sem cerimonia, sobretudo, de nação a nação, se procedia á appropriação das idéas e do trabalho alheios.

Tão cautelosos, tão reservados precisavam ser os cientistas que recorriam ao emprego da cifra, receiosos de que os resultados de seus trabalhos cahissem em poder de confrades pouco escrupulosos que os despojassem do fructo de seu labor.

Nos nossos proprios annaes occorre um facto que bem demonstra o que aqui deixamos dito.

Em 1644 fallecia aos 34 annos em Angola e de febre amarella, no vigor do talento privilegiado, o primeiro cientista digno deste nome que visitou as terras americanas: Jorge Marcgraf, o patriarcha das sciencias naturaes no Brasil e na America.

Era como todos sabem notabilissima cerebração o autor da *Historia Naturalis Brasiliae*, e um trabalhador prodigioso.

No seu espolio figuravam os manuscriptos de grande obra em tres partes: *Progymnastica mathematica Americana*, acervo notabilissimo de observações astronomicas e meteorologicas, geodesicas, geographicas, a que completavam as *Tabulae Mauritii astronomicae*.

Taes manuscriptos não puderam ser aproveitados, segundo nos contam os melhores biographos de Mauricio de Nassau “porque escriptos em caracteres secretos não foram jamais convenientemente decifrados” dil-o o douto Juliano Moreira, em seu estudo magnifico: *Piso e Marcgraf*.

“Inconteste é que foram enviados a Golius, o astronomico de Leyden e antigo mestre de Marcgrave, que por certo não os publicou por ter sido impossivel decifral-os”.

O que o grande naturalista praticou era processo corrente entre aquelles que se empenhavam em defender direitos sobre um invento ou uma descoberta; em 1709 tão longe ainda se estava da criação dos registros de garantia de patentes, lenta conquista da civilisação moderna ou antes contemporanea!

Não era Gusmão aliás avesso a taes processos. No anno seguinte faria imprimir o memorial relativo ao seu segundo invento, em Portugal:



General Jacintho Ignacio de Brito Rebello
(1830-1908)

Os varios modos de esgotar as naus sem gente, hoje uma das maiores raridades da bibliographia lusitana.

Acaso o intimidaria a grita da cainçalha de poetas de meia tigela? Não é crível. Quer nos parecer que o seu mutismo terá antes decorrido do fracasso aparente de suas experiencias. Promettera, em sua petição, para alcançar o privilegio real, mil e um mirificos resultados. E bem desillusorios haviam sido os resultados praticos da experimentação.

Esbarrondara-se a sua engenhoca sobre o solo. Evidenciara-se que se movia ao leu das correntes atmosphericas, navegando pelos ares ás cabeçadas para depois fragorosamente incendiar-se!

Quanta chufa deveria ter ouvido! Dahi talvez a sua intimidação e desgosto possivel de rememorar desenganos soffridos e o receio de renovar nova rebordosa de galhofa e insultos pela aviventação de successos pouco fructuosos.

E no emtanto, pobre grande homem! — acabava de adquirir os mais solidos titulos á immortalidade. Promovera a primeira ascensão aerostatica!

Não ha para nós outra explicação do que esta: o temor do ridiculo.

Mais uma vez se evidencia com este caso, quanto é indispensavel, para a visão dos acontecimentos, o largo recuo dos tempos.

Para os contemporaneos de Bartholomeu de Gusmão a queda, o incendio de seu “balão de S. João” representou formidavel desastre e decepção. Para nós outros, de hoje, um dos mais notaveis triumphos da intelligencia humana!

Jamais praticara inventor algum mais grave postergação do preceito essencial do *dormientibus non succurrit jus* quanto esta em que o nosso glorioso patricio incidira.

Um conjuncto de circumstancias ainda veio tornal-a mais seria: a falta de jornalismo e outros meios de propagação de noticias, facto a que aggravava o segredismo portuguez dos seculos de antanho.

Occorria ainda a coincidência capital de que exactamente, por aquella epoca, attingira ao auge a intensidade da tremenda guerra abrazadora do Occidente, a da successão de Carlos II da Hespanha.

Dahi a aggravação do isolamento internacional do occidente da Europa.

“Porque não proseguiu o Padre em suas experiencias? indaga o General Brito Rebello. Que motivos o impediram de se applicar aos seus trabalhos favoritos?

Que versatilidade era esta que o fazia deixar de vez os aerostatos para pensar em novo invento e occupar-se de bombas de esgotamento das naus?

Donde lhe vinha tal inconstancia, tamanha tibieza em affrontar um fiasco relativo?”

Que as experiencias de Bartholomeu não hajam causado impressão, nos meios lisbonenses e portuguezes, nada mais natural. O ambiente scientifico lusitano era, por volta de 1709, praticamente nullo. Todas as demonstrações intellectuaes da raça portugueza se voltavam exclusivamente, então, para o terreno das sciencias theologicas, a jurisprudencia e a litteratura.

A propria historia ainda não soffrera a salutar reacção da Academia Real que só se daria depois de 1720.

Explicando o obscurantismo portuguez, contemporaneo das experiencias, diz Felippe Simões, com todo o acerto:

“Estão de tal sorte dependentes e ligadas entre si as sciencias e letras, que jámais succedeu florescerem umas sem as outras. Durante o seculo XVI produziu Portugal, na litteratura, verdadeiros monumentos, e nas sciencias obras taes, que os estrangeiros as preferiam como classicas entre as melhores daquella época.

Nos principios do seculo XVIII acompanhava a Poesia em geral decadencia, todos os conhecimentos humanos. Parecia que o genio do mal estendera para sempre o sombrio

manto da ignorancia por sobre a terra de Camões e de Pedro Nunes.

As sciencias physicas, em particular, foram as que mais longo espaço se conservaram no lastimoso estado, a que as haviam conduzido as vans especulações e arguciosas subtilidades de uma philosophia degenerada e corrupta.

Em 1737 queixava-se Jacob de Castro Sarmiento de que a philosophia experimental de Newton tinha entrado sem resistencia por toda Europa, menos em Portugal e Hespanha. Em 1746 Verney cobria de ridiculo os methodos de ensino da physica em Portugal, onde preferiam o Soares e o Comptono aos bons autores do tempo, e explicavam pelas palavras sacramentaes *materia, forma e privação* todos os effeitos da natureza, e preferiam admittir o horror do vazio ao peso do ar, conhecido e demonstrado havia mais de um seculo na Italia: etc., etc.”

Ninguem ignora as censuras com que fulminaram, particularmente os jesuitas, o *Verdadeiro methodo de estudar*, e a chuva de improperios arremessados contra o sabio escriptor que ousava reprovar, de fóra do rein,o os systemas que havia aqui aprendido, e assim publicamente os renegava.

E, annos depois, ainda se repetiam censuras e ultrajes contra o illustre Theodoro d’Almeida, que teve, afinal, a satisfação de ver triumphantes as novas idéas, talvez antes pela queda da Companhia de Jesus e geral reforma dos estudos, que pelo relevante merito da *Recreação philosophica* e das *Cartas mathematicas*”

A estas palavras reforça Corrêa Neves.

“No seculo 18 era grande, como é sabido, o atrazo das sciencias physicas em Portugal, que permanecia indifferente aos progressos deste ramo scientifico. Este atrazo era devido, além de outras coisas imporatntes, ás difficuldades que existiam na impressão de qualquer obra, exigindo esta um grande numero de licenças e formalidades, o que concorria para que grande quantidade de trabalhos scientificos ficasse apenas em manuscriptos.

E como por essa época não havia ainda revistas scientificas ou jornaes, que pudessem diffundir os conhecimentos, qualquer facto scientifico que se desse no nosso paiz, ficava em geral sendo conhecido apenas de uma pequena minoria a quem o caso mais ou menos interessasse.

Isto explica o reduzido numero de documentos impressos, contemporaneos das experiencias de Gusmão, e, se o facto se conservou na tradição oral por muito tempo, a ponto de ser ainda mencionado passados bastantes annos, isso é mais uma prova da importancia das experiencias, aliás estas teriam cahido para sempre no esquecimento e no ridiculo.

Foi num meio destes, o mais desfavoravel possivel a qualquer invenção nova, que decorreu a existencia de Bartholomeu Lourenço”

E' indubitavel porém que, apesar de tudo, deixou-se a imaginação popular vivamente impressionar pelas experiencias do *Voador*. Não fôra isto e não teria surgido aquelle *mare magnum* de poesias depreciativas do brasileiro e seu invento.

Reforçando os conceitos de Correia Neves, leiamos o que sobre o atrazo das sciencias na Hespanha setecentista escreveu Salvador Garcia de Pruneda, Secretario do Real Aereo Club de España, por ocasião das festas commemorativas do segundo centenario das experiencias aerostaticas de Bartholomeu de Gusmão.

“En el siglo XVIII, en la Peninsula todo era atraso.

Encastilladas las Universidades en los Cánones y la gramatica las catedras de Matematicas eran de las llamadas *raras* y es lastimoso recordar que en el siglo de Newton y Laplace, quando la ciencia pura estaba casi tan adelantada como hoy, en nuestra Universidad de Salamanca el notable Dr. Torres Villarreal ocupó la cathedra de Matematicas y Astrologia en el año 1726, despues de estar treinta años vacante *por falia de maestro* y quando se la concedieron no

se le pudo someter á examen, por no haber nadie en el claustro que conociera la materia!

Lo mismo que en Salamanca acontecia en Coimbra, segun cuenta en su vida el propio Torres, pues quando, en 1733, llega á esta ciudad, desterrado de España, dice: quieren darme cátedra de Matematicas que tenian vacante muchos años, por falta de opositor”.

Emitte o autor hespanhol o seguinte e muito criterioso conceito:

“Y se en Coimbra, como en Salamanca, no habia professor de Matematicas, que matematicas pudo estudiar Lorenzo de Guzman?”

Para nós argumento, serio, objectavel, contra as experiencias de Gusmão procede do silencio completo de Diogo Barbosa Machado sobre ellas, ao redigir a assaz extensa e aliás muito elogiosa biographia do inventor.

Recorda-lhe os extraordinarios dotes intellectuaes e a sciencia e no emtanto nem uma só palavra consagra ao caso da *Passarola* em sua Bibliotheca Lusitana, cujo primeiro tomo se imprimiu em 1740.

Mais de quinze annos haviam decorrido da morte de Gusmão. Acaso teria o Abbade de Sever olvidado o caso do balão de 1709, occorrido quando contava 27 annos de idade?

Ao imprimir a biographia de Gusmão andava pelos 58 annos, robustos, pois viria a fallecer nonagenario em 1772.

Commentando o extranho factu pensa Manuel Maria Rodrigues que tal lacuna está compensada por outra: o mutismo do biographo sobre o fim e a morte do santista.

Mas alií, ao nosso ver, totalmente diversa era a causa de tal silencio a piedade catholica e o espirito de classe levaram no a defender a reputação de um sacerdote que muitos julgavam um transviado.

Sobre este assumpto escreve Corrêa Neves conceitos que vamos analysar.

Varias hypotheses apresentadas por alguns escriptores devem ser postas de parte por absoluta falta de base.

E' indefensavel a hypothese da perseguição inquisitorial. Provou-o Brito Rebello irretorquivelmente.

“O mesmo aconteceu com a que alguns alvitram, de lhe ter faltado a protecção regia, o que tambem não é exacto, pois ainda muito depois das suas experiencias, continuou no valimento regio”.

Basta para tanto lermos a introduccão da dedicatória aos *Varios modos de esgotar as naus* para que nos convençamos de quanto continuou D. João V a fornecer a Bartholomeu recursos immediatos para os seus trabalhos.

Em 1712 não era elle levado pelo Rei a villegiaturar em Salvaterra de Magos e convidado a pregar perante a Côrte?

Em 1720 não o nomeava D. João V Academico do numero da Real Academia de Historia? Mandava-o depois trabalhar ao serviço das Relações Exteriores do Reino, no departamento importantissimo da cifra.

Tão contente se mostrava do seu zelo e intelligenciã que lhe ennobrecia o pae e dava-lhe o rendimento de bôa escrivania.

Já com grandes pormenores explicamos o caso do desvalimento do inventor. Como resistir pois a estes argumentos?

Expende Corrêa Neves:

“A explicação parece-nos ser outra.

Na *Petição* que o inventor dirigiu a D. João V, indicava elle — e por signal, com uma extraordinaria lucidez — as vantagens da navegação aerea, apontando com uma admiravel previsão, as suas principaes applicações e prometendo com a sua machina aerea percorrer por dia 200 leguas.

Ora, facilmente se vê, que o inventor prometia muito mais do que podia realizar naquella época, pois algumas das applicações que elle indicava, como a da viagem aos pólos, ainda hoje (1911) se não realizaram e outras, só re-

centemente se conseguiram pôr em pratica, com a resolução do problema da dirigibilidade dos balões e o desenvolvimento da industria aeronautica, não podendo pois, como bem se depreende, por maior que fosse o seu engenho, realizar-se naquella remota época, tão atrazada sob o ponto de vista scientifico e industrial”.

“Isto mesmo se conclue de uma nota ao *Manifesto* que diz que o inventor “chegara a fazer um vôo na Casa da India, ainda que pequeno, pelo que se desenganaram de não ser possivel fazer o curso, que prometia o seu autor”

Chama Corrêa Neves, muito justamente a attenção de seus leitores para que se rectifique uma discordancia entre a *Petição* e o *Manifesto*.

Neste tem “Bartholomeu Lourenço o cuidado de explicar, que com isto não queria dizer que percorria distancias de 200 leguas, nãas que poderia fazer trajectos entre pontos que, pelos meios ordinarios de locomoção estavam separados entre si desta distancia que ficaria, muito reduzida por se poderem realizar, com a sua machina aerostatica, as viagens em linha recta”.

“Como as experiencias realizadas, terminassem no fim de pouco tempo, em virtude do resfriamento do ar interior do balão — o que era de esperar — não podia Bartholomeu Lourenço executar, nem de longe, o que prometia no seu tentador programma.

E’ natural pois, que os seus inimigos e detractores (e sobretudo invejosos, accrescentamos nós), que os tinha e bastantes, como se viu pelas numerosas poesias satyricas publicadas e alguns manuscriptos encontrados — se valessem dessa circumstancia para classificar de verdadeiro *fiasco*, como hoje diriamos, as suas experiencias, apoucando e escarnecendo o illustre physico e obrigando-o deste modo a desistir da *continuação* dellas, que, a proseguirem, teriam conseguido a completa criação do balão de ar aquecido como os que os irmãos Montgolfier experimentaram setenta e tres annos depois.

Esta parece-nos ser a explicação mais plausível para o retrahimento do inventor na continuação das experiencias”.

E realmente, tal a violencia e a virulencia do côro dos apodos e invectivas, escarneo e menospreso, que nada mais natural do que a intimidacão do inventor.

Nem nos esqueçamos que para tal fim concorriam outros factores muito poderosos; as circumstancias de ser Bartholomeu de Gusmão um rapaz de vinte e cinco annos incompletos, brasileiro, pobrissimo, de origem modesta, filho de obscurissimo cirurgião, perdido na insignificante villa de Santos, a uma distancia immensa da metropole portugueza, quasi sem protectores, sem parentes de qualquer valimento na Côrte, naquelles tempos em que este requesito, mais do que em qualquer época, se mostrava capital.

Fôra fidalgo e rico! Poudesse atirar alguns centos de cruzados á voracidade do miseravel Pinto Brandão de quem com tamanha incisividade e exacção, diz Agrippino Grieco que era o seu Parnaso uma grande montanha... mas de estercos.

Fôra capaz de matar a fome á recua dos poetastros que o abocanhavam! Fôra-lhe possivel pagar esbirros que aos detractores applicassem, o que tanto era do tempo e faziam-no fidalgos a cada passo — o *argumentum bacculinum*, o varapau ás costas! Outras teriam sido as consequencias para o seu prestigio e futuro.

Terminando as suas considerações entende Corrêa Neves que se não deve extranhar não terem apparecido manuscritos de Bartholomeu Lourenço, relativas ás suas experiencias, pois, segundo se lê na *Memoria* antes de fugir para a Hespanha em 1724 “queimou uma rima de papeis”.

Nesta iriam, mais que provavelmente, ás memorias, os estudos sobre a *Passarola*. Era o unico meio de impedir os casos fataes do *sic vos non vobis*, lusitanos e, mais certamente, extra lusitanos, porque outro era o nivel cultural dos grandes paizes do que o da monarchia joanina.

E uma legião de imitadores estaria attenta a tirar proveito das idéas do inventor infeliz.

Em 1911 ao rematar os brilhantes commentarios, a que tanto nos temos reportado, entendia Corrêa Neves enunciar as seguintes conclusões que subscrevemos, certos de que os analysts de boa fé o farão, *nemine discrepante*.

*Apresentado Bartholomeu de Gusmão como uma individualidade de alto valor da sua época, citados os principaes documentos em que se baseia o conhecimento da sua vida e das suas experiencias aerostaticas e indicadas as condições em que estas se realizaram, tudo assente sobre incontestaveis affirmações coevos do inventor, tendo havido rigoroso cuidado em expungir o que offerecesse alguma duvida soluvel ou falta de authenticidade, — vamos agora, apoiados naquelles documentos, reconstituir, tanto quanto possivel, a historia da invenção nas suas phases principaes, desde o inicio até ás ultimas experiencias, moldando essa historia sobre o que realmente está averiguado até hoje e fugindo a hypotheses arriscadas, que tragam duvidas para espiritos exigentes.

Vamos, pois, apresentar, em resumo, o estado actual da questão segundo o que se depreende dos documentos, tendo havido apenas o trabalho de ligar por meio de um fio verosimil, as noticias dispersas de factos averiguados, apenas interrompido nalgum ponto em que faltam noticias exactas.

Frequentava Bartholomeu Lourenço o 1.º anno da faculdade de canones da Universidade de Coimbra, com 24 annos de idade, quando, tendo já dedicado o seu estudo á physica e mecanica, que lhe eram predilectas, e tendo mesmo já revelado o seu espirito inventivo, na execução de uma machina para elevar a agua a grande altura — começou a dedicar-se ao estudo do problema da navegação aerea, provavelmente no principio do anno de 1709, faltando á ultima matricula deste anno e interrompendo o seu estudo

na Universidade, para melhor se dedicar ao que agora mais o interessava.

Foi com certeza depois de algumas experiencias preliminares em pequena escala, e que fossem bem succedidas, que elle redigiu a sua *Petição* a El-Rei D. João V, sobre a machina aerea, pois não se comprehende que elle fosse pedir um privilegio naquelles termos, sem préviamente se ter assegurado pela experiencia, de que o principio em que a sua invenção assentava, era verdadeiro e exequivel; destas experiencias, de character particular, não ha menção nos documentos, o que não admira”.

E, realmente, não havia ainda nos povos da raça lusa, senão pequeno prurido noticiarista. Nem imprensa alguma em Portugal.

“Como homem intelligente e conhecedor do seu nome e da sua época, Bartholomeu Lourenço viu immediatamente que uma tal invenção lhe poderia trazer consequencias desagradaveis, por ser attribuida a obra de feticheiro. Tratou por isso de preparar a opinião, apresentando o seu *Manifesto*, em que provava de uma maneira accessivel a todos e, por assim dizer, popular que o homem se podia elevar nos ares”.

Não acompanhamos, porém, o douto autor nos seguintes considerandos.

“Por outro lado, comprehendo bem que uma idéa tão simples — a elevação de um corpo na atmosphaera, pela differença de densidade obtida pela rarefacção do ar interior — não era sufficiente para explicar ao vulgo o espectáculo assombroso para aquella época, de uma ascensão aerostatica, procurou explicar a sua invenção pelo magnetismo, que, nada esclarecendo na sua maneira vaga, melhor se prestava a ser acceita, pois, era, por assim dizer, a chave de quasi todos os mysterios scientificos.

Deste modo, conseguia igualmente que o verdadeiro principio da invenção não fosse conhecido, o que mais facilmente o poderia livrar de imitadores.

Ainda para melhor tornar accete a sua invenção, apresentando-a sob uma fôrma que não repugnasse ao espirito publico, procuraria dar-lhe quanto possivel, o aspecto de uma ave (donde lhe viria o nome de *Passarola*) e dando tambem ao leme a fôrma de uma asa.

Este aspecto não foi depois conservado nas experiencias, o que mais justifica ter elle sido apresentado apenas como *attractivo*.”

Não vemos no *Manifesto* allusão ao magnetismo como fonte da força ascencional. A unica referencia magnetica provém de quando o seu autor garante que, nos ares, conserva a bussola as suas qualidades orientadoras. Parece-nos que Corrêa Neves foi ahi atraído pela memoria accitando uma circumstancia que antes, e tão peremptoriamente, repellira: qualquer possibilidade de se admitir, de longe seguir, a authenticidade do opusculo impresso por Simão Ferreira e da respectiva estampa.

Prosegue o douto autor:

“A sua invenção foi bem accetã pelo publico e por bastantes pessoas intelligentes e illustradas, sendo uma destas o 1.º Marquez de Abrantes (e 3.º Marquez de Fontes), homem de grande valor intellectual, muito dado ao estudo da mathematica e da physica, que defendeu com grande enthusiasmo e convicção, a invenção de Bartholomeu Lourenço, de alguns ataques que lhe eram dirigidos, o que é mais uma prova segura do valor da mesma invenção, aliás um homem de merecimento não iria defendel-a.”

Outra causa — esta poderosissima — de distracção da opinião publica a respeito das experiencias da *Passarola*, era o desenrolar dos graves acontecimentos da conflagração mundial. Ao auge attingira então a pugna das colligações europeas. E a situação militar portugueza se mostrava sobremodo delicada.

Colligados contra a França, a quem apoiavam os partidarios hespanhóes de Philippe V, e a Baviéra, estavam a

Inglaterra, a maior parte dos estados do Imperio Germanico, a Hollanda, a Prussia, a Saboia e Portugal.

A principio neutro, em face das forças empenhadas na conflagração européa, e até amistoso em relação a Philippe V, não tardara o reino lusitano em envolver-se no conflicto mundial, cedendo á formidavel pressão da diplomacia britannica.

A 16 de maio de 1703, assignava D. Pedro II, com Lord Methwen, o embaixador imperial, Conde de Waldstein, e o embaixador hollandez, o tratado famoso que traz o nome do primeiro destes diplomatas e lançou Portugal na liça européa.

Levadas as operações de guerra com muita indecisão começaram os portuguezes a sua campanha por uma serie de revezes. O Duque de Berwick, o bastardo real inglez de Jayme II e general de Luiz XIV, tomou, em maio de 1704, Salvaterra e muitas povoações da Beira; o principe de Tilly invadiu o Alemtejo e apossou-se de Porto Alegre. E o marquez de Villaderias assolou o Algarve.

Via-se Lisboa ameaçada de perto, sobretudo depois da grande derrota soffrida pelo general hollandez Barão de Fagel.

As dissensões entre os hespanhóes, a inepecia de Tilly e a capacidade do Marquez de Minas salvaram a capital portugueza. As victorias deste levaram os hespanhóes a abandonar a região invadida, sobretudo quando o Conde das Galveias veiu, com a sua brilhante actuação, desafogar a má situação do exercito portuguez.

Em maio de 1705, poude até Galveias invadir a Hespanha.

Depois de alguns triumphos, os francezes, que não possuíam mais os seus grandes generaes do seculo XVII, como Condé, Turenne, e Luxembourg encontravam-se nos maiores apuros, ante os progressos dos colligados, a cuja testa se achavam dois formidaveis cabos de guerra como o Principe Eugenio de Saboia e o Duque de Marlborough.

Desde a derrota terrível de Hochstaedt ou Blenheim (1704) começara a serie negra para as armas de Luiz XIV, cujos exercitos tiveram de entrincheirar-se atraz do Rheno, o que provocara o esmagamento da Baviera.

Em 1706 dava-se a indigna defecção do Duque de Saboia, Victor Amadeu II, a principio alliado do Rei Sol. E o Principe Eugenio, a 7 de setembro de 1706, após a batalla de Turim, forçava os francezes de La Feuillade a repassar os Alpes.

Pouco antes occorrera o estrondoso triumpho de Marlborough sobre Villeroy e o Duque de Borgonha, em Ramillies, que entregára aos anglo-hollandezes a Belgica.

Enthronizado em Madrid, em 1701, ficaria Philippe V em tão perigosa situação que teria, em breve, de se refugiar em França, acossado pelo exercito anglo-luso.

Em 1706, abrindo a campanha, audaciosamente interinou-se o Marquez das Minas pela Hespanha. Obteve, a 14 de abril, o grande triumpho de Alcantara; a 22 de maio apossava-se de Ciudad Rodrigo. Afinal, a 14 de junho, estavam as forças anglo-luso-hollandezas ás portas de Madrid. A 28 occupavam a metropole castelhana onde, a 2 de julho, solennemente se enthronisava o Archiduque pretendente, sob o nome de Carlos III.

Immensa sensação causou semelhante triumpho em Portugal.

Nesta tomada da capital hespanhola coperara, de modo decisivo, o exercito do Marquez das Minas. E a entrada das tropas lusas na cidade cabeça da monarchia hespanhola, causára entre os portuguezes verdadeiro delirio patriotico.

Era a desforra da invasão de sua patria, com a tomada de Lisboa, em 1580, pelo exercito do Duque de Alba e de Dom Sancho de Avila e a esquadra do Marquez de Santa Cruz. Jámais se vira, talvez, successo que tanto enchesse de entusiasmo e desvanecimento a alma portugueza.

“Quem diria, exclama Pinheiro Chagas, que o pequeno Portugal ainda havia de estampar na frente da orgulhosa

Hespanha a vergonha suprema do desenrolar, nas praças e ruas de sua capital, os seus batalhões e os seus esquadões?”

Se o amor proprio portuguez teve o mais feliz dos bafejos a reacção nacional hespanhola encontrou nestes factos um ensejo de se tornar formidavel.

Levantou-se toda a nação, fazendo da causa de Philippe V uma causa nacional. Deu-se tão forte movimento, talvez, quanto um seculo mais tarde, occorreria contra Napoleão.

Precisou o exercito portuguez retirar-se de Madrid. E Philippe V retomou a sua capital, sob os applausos entusiasticos de toda a Hespanha em armas.

A 25 de abril de 1707 melhoraram immenso as condições de sua causa com a grande victoria de Almanza, em que se mareou a reputação tactica do Marquez das Minas, embora o amor proprio portuguez attribuisse o motivo da enorme derrota, sofrida pelos alliados, á inepecia do collega do Marquez. Era este o celebre protestante francez, passado á Inglaterra, Henrique de Massue, marquez de Ruvigny, o inimigo pessoal de Luiz XIV, a quem Guilherme III recompensára com o condado de Galloway.

A victoria de Almanza abriu aos franco-hespanhóes de Philippe V, o Aragão, a Catalunha e Valencia.

Foi o Alemtejo invadido pelo Duque de Ossuna, que se apossou de Serpa e Moura. A muito custo defendeu o Visconde de Barbacena a passagem do Guadiana e o marquez de Fronteira as posições de Olivença.

Em 1708 melhorou a situação portugueza, mas como reflexo das operações na Italia e nas Flandres. Stahrenberg tomou Napoles aos hespanhóes e os inglezes se apossaram da Sardenha. Marlborough por esse tempo batera Vendôme em Oudenarde, e apoderara-se de Lille.

Em principios da primavera de 1709, exactamente quando Bartholomeu de Gusmão se dispunha a fazer as suas primeiras experiencias, soffreram as armas anglo-lusas o grave revés de Caya, retirando-se a cobrir Olivença.

Assim, pois, era a situação militar portugueza a mais séria ao tempo em que o *Voador* pretendia firmar os créditos de sua invenção.

Graves apreensões dominavam o espirito publico. N'um territorio tão estreito quanto o de Portugal, a presença do inimigo, em fronteira proxima, enchia de conturbação os menos alarmaveis.

E a perturbação do trafico maritimo causara uma alta espantosa do preço dos generos de primeira necessidade. Subira o moio do 'trigo á altura inaudita de 1.200 rs. em meados do anno de 1709. Espalhara-se até o boato de que as primeiras viagens da *Passarola* seriam empregadas para o transporte do cereal, como já narrámos.

Nada mais provavel do que dahi proviesse nova serie de reaes contratempos ao bom exito dos ensaios do joven inventor e a sua prosecução.



Manuel María Rodrigues
(1847-1899)

CAPITULO XII

O "Manifesto" de Bartholomeu de Gusmão. Commentarios de Augusto Felipe Simões e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. O atrazo scientifico dos contemporaneos ibericos do Voador

Cousa que causa especie é o facto de não haver Bartholomeu de Gusmão nada haver impresso ou assignado, em defesa de seus creditos de inventor do aerostato.

Era natural que dada a importancia do invento e sobretudo a sua immensa originalidade — pela primeira vez dos ares se assenhoreava o Homem! — procurasse o inventor justificar por meio de memorial, extenso e argumentado, as características principaes de sua invenção.

Muito mais de um seculo decorrido após as experiencias da *Passarola* é que se divulgou documento que parece inilludivelmente da lavra do santista e justificador de seus pontos de vista de inventor.

Tal papel vem a ser um *Manifesto* que infelizmente não imprimiu não sabemos porque, victima de fatal desidia em defender os seus creditos!

Este documento têm por titulo completo: *Manifesto sumario para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar.*

Quem o descobriu foi Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, o douto bibliothecario da riquissima livraria de Evora.

Communicou-o a Freire de Carvalho que o fez imprimir em 1849 nas *Actas das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, como additamento á sua *Memoria*.

Mais tarde encontrou Felippe Simões, no codice 32 da livraria da Universidade de Coimbra, segunda via deste papel importantissimo, mais completa do que a de Evora. Publicou-a na integra em sua celebre monographia. E' o que vamos transcrever.

O titulo do exemplar de Evora assim se redige:

Manifesto summario para os que ignoram poder se navegar pelo elemento do ar, feito na occasião em que o doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão pretendeu sahir a luz com semelhante invento."

A nota pela qual termina a cópia, anonyma e não datada, é curiosa como hoato relativo á realização das experiencias da *Passarola*.

"Este invento chegou a aperfeçoar o dito Doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão e dizem que chegara a fazer seu vôo na casa da India, ainda que pequeno pelo que se desenganaram de não ser possivel fazer o curso, que promettia o seu autor como consta do manifesto. Eu vi o risco delle que era do feitio de uma grande passarola e m'o mostrou D. Jorge Henrique, Senhor das Alcaçovas."

A opinião de Cunha Rivara, de que o manifesto é da lavra de Gusmão e anterior á primeira experiencia da *Passarola*, parece-nos perfeitamente aceitavel.

São as mais abalisadas e judiciosas as considerações com que Augusto Felippe Simões prefacia, por assim dizer, a publicação do *Manifesto*, transcripto na integra em sua esplendida monographia.

Nada mais demonstrativo da pequena extensão dos conhecimentos de Bartholomeu Lourenço, em materia das leis da physica, do que a sua explicação do accrescimo da velocidade, na queda dos graves, por elle attribuido á diminuição da resistencia do ar. Prova evidente de que ignorava as leis de Galileu já velhas, no emtanto, de um seculo.

Nem tinha a menor noção da lei newtoniana sobre a gravitação universal, divulgada no emtanto em maio de

1687 com a impressão dos *Principios mathematicos de philosophia natural*, da autoria do physico genial de Woolsthorpe.

Da leitura do *Manifesto* cabe-nos, porém, a impressão de que o santista fazia idéa clara do principio de Archimedes.

Emfim o melhor juizo a se expender sobre este curioso papel é, ao nosso ver, o que tão intelligentemente, enunciou Augusto Simões. Tratava-se de um escripto de vulgarisação, destinado aos pouco instruidos e não aos doutos.

E mau grado suas deficiencias tal exposição representa “um documento de capacidade e habilitações scientificas muito superiores ás dos contemporaneos e compatriotas do inventor”.

Não nos parece pois assistir muita razão ao erudito Cunha Rivara quando, ao communicar a descoberta do precioso papel, a Freire de Carvalho escrevia: “Nada nos esclarece o tal manifesto sobre a fabrica do invento e, para mais ajuda, as suas argumentações physicas são verdadeiras razões de cabo de esquadra”.

Expende Simões.

“Estão de tal sorte dependentes e ligadas entre si as sciencias e letras, que jámais succedeu florescerem umas sem as outras.

“No anno de 1709, sendo absoluto em todo o reino o dominio das doutrinas d’Aristoteles estragadas e corrompidas pelos escolasticos, não havendo ainda quem abertamente impugnasse o *peripato*, que assim chamavam ao systema, em 1709 Bartholomeu Lourenço de Gusmão escrevia o seu *Manifesto*, que, nem de longe, faz lembrar as demonstrações enredadas e nebulosas dos peripateticos.

As razões que o autor accumulou para provar a possibilidade da navegação do ar, deduziu-a da observação da natureza, que, *totis viribus*, aquelles repugnavam e repelliam, apesar dos uteis e numerosos descobrimentos, que noutros paizes estava produzindo.

Analysado á luz da physica moderna, o *Manifesto* não é nenhuma obra prima. O autor pretendeu explicar a accelleração da queda dos graves pela diminuição da resistencia do ar nas camadas inferiores, e allegou noutra parte a doutrina dos quatro elementos. Mas, em attenção ao tempo, e mais particularmente ao logar em que escrevia, deu-nos um documento de capacidade e habilitações scientificas muito superiores ás dos seus contemporaneos e compatriotas.

Nem conhecemos até em portuguez outros escriptos scientificos do seculo passado, que na elegancia e perspicuidade do estilo lhe sejam comparaveis, senão os do padre Theodoro d'Almeida, que appareceram quarenta ou cinquenta annos depois.

O *Manifesto* não dá idéa dos meios, de que o autor pretendia servir-se para navegar pelo ar. O fim que teve em vista, escrevendo aquelle papel, foi unicamente mostrar que não havia razão para crer inavegavel este fluido. A opinião publica manifestava-se contraria ás suas tentativas: convinha-lhe, pois relatar as asserções dos que lhe contestavam a possibilidade do invento.

O modo por que o havia de praticar esse era o seu segredo, que lhe importava encobrir em quanto não apresetasse em publico a nova machina. E por isso se limitaria a fazer suas considerações sobre o principio da resistencia do ar, que servira á construcção de todos os apparatus anticipadamente conhecidos e experimentados. Que Bartholomeu Lourenço de Gusmão intentava, soccorrer-se do principio d'Archimedes a que não allude no *Manifesto*, é o que mais adiante provaremos pela experiencia que executou com o auxilio do ar dilatado por meio do fogo.

Advirta-se mais que o autor do *Manifesto* nelle declarou falar só com o vulgo e não com os doutos e discursivos, sendo portanto obrigado a pôr de parte todo o apparatus scientifico e todas as considerações que por sua transcendencia não estivessem ao alcance da maior parte dos leitores.

Numa das duas copias conhecidas deste documento attribue-o o copista a Bartholomeu Lourenço, e parece-nos fóra de duvida este ponto. As expressões *nosso invento*, *nossa fabrica*, *nossa naveta*, etc. que se nos deparam a cada passo no *Manifesto*, bem claramente designam quem o escreveu, e da mesma sorte o seguinte periodo: Resta-nos agora advertir um absurdo que entendeu o vulgo em se dizer que estas navetas haviam de cursar mais de duzentas leguas por dia, o que se não deve entender, etc.

E, lendo-se na petição que a machina faria duzentas e mais leguas por dia, natural é suppôr que, taxada por alguns de fabulosa tal velocidade, viesse o autor a explicar-se neste ponto, bem como noutros, impugnados pelos que não acreditavam em suas promessas. Vejamos porem esse:

“Manifesto summario para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar.

Diz um autor moderno que entre os homens uns têm o entendimento nos olhos, e outros os olhos no entendimento: os que têm o entendimento nos olhos são aquelles que crêm o que sómente viram ou costumam ver; os que têm os olhos no entendimento, são os que não vendo dão credito áquillo, que se faz visível aos olhos do discurso.

E como estes penetram as cousas pelas idéas. e os olhos corporaes as alcançam só pelos objectos, duvidam os que carecem de discurso sómente pelo descostume da vista, como cegos á claridade do uso da razão. Mas para que refutemos as duvidas dos especulativos, que fazem impossivel o effeito do novo invento, lhes responderemos ás objecções que lhes temos ouvido, sem mais rethorica no dizer do que a que fôr sufficiente á clareza de nos explicarmos.

Primeiramente não ha nem pode dar-se maior razão para serem navegadas as aguas, do que os ares; porque ambos são elementos fluidos, supposto que não igualmente corporeos, cuja differença abaixo explicaremos. Dão todos credito á navegação dos mares só porque os vemos sulcados continuamente, que se tal se não via é certo se não crêra

por ser um invento tão difficultoso, que até Salomão depois de ver o admirou. *Tria sunt difficilia mihi; et quantum penitus ignoro viam aquilae in celo; viam navis in medio maris etc.*

Neste proverbio temos a paridade do nosso invento, que é viam aquilae in celo; assim como pois vemos uma ave cortar os ares, assim é possível cortar-os qualquer artificio feito á sua imitação, tendo os mesmos instrumentos necessarios, como v. g. a nau que foi feita á mesma similhaça; pois as velas lhe servem de azas, a prôa de peito, o leme de cauda, e os homens que a governam de vida. Vamos á imitada, e deixemos a imitadora.

Tres coisas pois são necessarias á ave para voar, convém a saber: azas, vida e ar, azas para subir; vida para as mover; e ar para as sustentar; de sorte que faltando um d'estes tres requisitos, ficam inuteis os dois; porque azas sem vida não podem ter movimento; vida sem azas não pode ter elevação; ar sem estes individuos não póde ser sulcado: porém dando-se estas tres circumstancias de azas, vida e ar, conforme a necessaria proporção, é infallivel o vôo em qualquer artificio, como o estamos vendo na ave.

Entra agora o nosso invento com as mesmas tres circumstancias, em que infallivelmente deve dar-lhe o vôo por certo. O nosso invento tem azas, tem ar e tem vida. Tem azas porque lhas formamos á mesma imitação e proporção das da ave; tem ar porque este se acha em toda a parte e tem vida nas pessoas, que o hão de animar para o movimento.

E' logo infallivel que não póde ser frustraneo este artificio, suppostos nelle os tres requisitos necessarios para o vôo: que se a esta fabrica podem dar estas tres circumstancias por factiveis, de que não ha duvida, infallivelmente dellas se lhe hão de produzir as mesmas operações, que vemos na ave, como effeito produzido da causa.

E não fazemos menção das aves, que costumam andar na terra, porque supposto tenham estas tres circumstancias, ou não vôam, ou têm o vôo violento, como a gallinha, o

perú, o pato, a perdiz etc., o que lhes procede de terem as azas defeituosas, em quanto á proporção necessaria ao peso do corpo.

Argumentar-me-hão agora os especulativos, que estas duas paridades da nau e da ave são falsas em quanto ao nosso invento; que a nau sustenta-se nas aguas, porque estas são mais corporeas e crassas, e que a ave se libra ou vôa nos ares, porque esta é de corpo acomodado á raridade deste elemento, que por leve não pôde sustentar o grave: ao que se responde:

Têm as aguas os mesmos accidentes, que têm os ares: porque, assim como as aguas são mais grossas quanto mais distam da terra, assim os ares têm mais corpo quanto mais estão distantes do chão.

Exemplo: o mar ou o rio sempre corre mais brando pelas extremidades das praias do que pelo profundo do vau; assim tambem o ar sempre sustenta mais as coisas na altura do que junto á terra, v. g. deitamos de qualquer parte eminente uma prancha pelo ar, e vemos que esta junto ao chão é que arrebatá mais o precipício e a razão disto é pela maior ou menor distancia, que acha no curso por lhe faltar o vento que costuma tomar em maior altura.

Têm mais outra propriedade, e é que, assim como as aguas mortas, agitadas de qualquer movimento se fazem mais vivas e vigorosas, assim tambem os ares, estando serenos, impellidos de qualquer instrumento se fazem mais tangiveis, que o vento não é outra coisa mais que um ar inquieto, agitado e impellido, que de brando passa por seu proprio movimento a ser furioso.

Emfim, assim como as aguas nas innundações têm violencia para levarem pontes, e arrasarem vallas, estragarem povoações, assim tambem têm impulso os mesmos ares nos terremotos para arruinaem cidades, e subverterem imperios.

Finalmente tem a agua com o ar tão conforme a qualidade, que ambos podem ter união mixta sem repugnancia violenta, como tambem a agua a tem com a terra; que se

assim não fôra não consentiriam os ares em si os vapores da agua, nem as humidades da terra, como qualidades repugnantes; que estas como contrarias se não podem unir conformes. O que se não acha no elemento do fogo, que com elle não pode subsistir outro qualquer elemento sem repugnancia violenta.

Mas comtudo entre todas estas semelhanças têm uma differença, porque as aguas são mais solidas e graves, e os ares são mais raros e leves: porém, obstante esta razão, o mesmo corpo que se acha nas aguas para a sustentação das coisas no condensado, se acha tambem nos ares da extensão.

Explico-me com este exemplo facil: qualquer lenho, por pequeno que seja, se sustenta facilmente nas aguas, e este mesmo se não pode sustentar nos ares. A razão é porque este é mais leve em quanto ás aguas, e mais grave, em quanto aos ares; porém dando-lhe a conservação necessaria e proporcionada em quanto á distancia, por tomar mais ar, tanto se pode sustentar nas aguas o peso do dito lenho, como nos ares ainda maior peso.

Ponhamos por exemplo, uma agulha em competencia de uma folha de papel; uma agulha é muito mais leve no que pesa do que uma ou duas ou tres folhas de papel unidas, e estamos vendo que uma agulha nem se pode sustentar nas aguas, sem logo ir ao fundo, nem menos nos ares sem logo buscar o centro; e as tres folhas de papel pesando mais se sustentam nos ares com facilidade.

A razão é porque a agulha, ainda que pese menos, é materia solida e grave, e as folhas de papel ainda que pesem mais são de materia leve, e então o que faz descer mais leves é a extensão do corpo com que tomam mais ar para se sustentarem; ou, senão vejamos; Esta mesma folha de papel, que estendida é leve, dobrada é mais grave, e quanto mais se dobra, mais grave desce, porque fica com menos corpo do que lhe é necessario para se sustentar com que é certo que a extensão de corpo das coisas as faz ser para a sustentação no ar ou mais graves ou mais leves.

E não falo em quanto a qualidade propria das coisas: porque o que é leve de sua natureza não pode ser juntamente grave; mas falo em quanto á virtude que concorre para as fazer parecer leves, porque a mesma agua, que unida e conduzida na terra, é grave, e tem corpo para sustentar as coisas, ao ar espargida parece leve e sem substancia de suster uma palha.

Mais claro. Um chovisco, que no ar não tem corpo para resistir a um leve vento, junta toda aquella porção de agua na terra, havia de ter vigor para sustentar uma pesada nau. Mas nem por isso no ar é leve, e na terra é crassa, que é o que faz parecer grave ou leve.

Uma porta é grave, porém por virtude dos quicios move-se com facilidade, e parece leve; e pelo contrario um glôbo de metal que no chão parece leve por facilmente se mover, levado ao ar se experimenta grave por se não poder levantar, e a materia delle tanto é grave no chão como no ar.

Tão grave é por si a qualidade do aço ou do chumbo, ou de outro qualquer metal no pouco como no muito, que a quantidade não lhe tira a qualidade: porém despedindo de eminente altura ao mesmo tempo uma agulha e uma barra da mesma materia de arrobas, é assentado em philosophia, que primeiro ha de chegar á terra a agulha, do que a barra; e a razão é o ar que não tomou a agulha por termenos corpo, e o ar que tomou a barra pelo ter maior: d'onde se infere que o corpo das coisas é que as sustenta no ar, conforme a mensura proporcionada á substancia do elemento, em que se sustentam.

Emfim, ao impeto do vento abala uma parede, porém não se move uma pedra, e mais grave é uma parede, que consiste de muitas pedras do que uma pedra, que não tem o peso de uma parede; o que procede da extensão do corpo d'onde o vento póde fazer mais presa.

Temos mostrado por principios certos e paridade infalíveis como é factível suster-se qualquer artificio no ar, como se sustenta qualquer ave, dando-lhe a proporção acomodada á substancia do elemento.

Agora resta mostrar como póde fazer curso sem embaraço nem desassocego ou confusão, a respeito de que os ares não têm constancia no movimento, e que esta instabilidade ha de servir de infallivel precipicio ás nossas navetas.

Ao que respondo, que no mar succede o mesmo, porque tambem não tem constancia, ora se altera ora se abrandada, e nem por isso deixa de se navegar, e não ha maior razão porque o tempero que uma nau tem no mar, não tenha qualquer navegação no ar; a nau no mar tem o governo no leme, o tempero nas velas: uma e outra coisa temos no nosso invento.

Uma nau é combatida nos ventos da mesma sorte, com que o póde ser no nosso artificio; e comtudo resiste ás tempestades ou tomando as velas necessarias ou deixando-se ir com os ventos.

Todas estas experiencias achamos na ave. A ave quando vôa por vento rijo, ou lhe afrouxa as azas conforme a violencia, ou se deixa ir com elle seguindo-lhe o curso.

Temos outro exemplo mais palpavel: quem havia de dizer (se o não vira) que um homem se sustenta quasi no ar sómente com os pés em uma delgada maroma, e nella anda, corre e dança, o que costuma fazer tanto em um pateo com ar sereno, como em um campo com vento rijo, sem o vento lhe alterar a igualdade com que se move?

A virtude disto está no peso da vara, que contrapõe a inclinação do corpo, onde tem o governo para a temperança do movimento.

Aqui me dirão que a nau acha corpo solido nas aguas, onde assenta o bojo; e o volatim o acha na corda, onde estriga os pés; e que as nossas navetas o não podem ter no ar, por ser (como temos dito) um elemento raro, que, supposto, que tenha corpo, é fluido e leve, que não tem sustancia sufficiente para per si sustentar as coisas: ao que respondo que se a nau se podéra sustentar nas velas (que para tal fim lhe não foram dadas) não lhe fôra necessario o descanso nas aguas.

Se o volatim se podéra attrahir na vara, não usara do assento da corda, o que não milita no nosso caso, porque como nas azas ha de fazer descanso o nosso artificio (pela razão referida) não lhe é necessario assento solido, para encostar o corpo.

Dir-me-hão tambem que para tão grande peso hão de ser necessarias muito grandes azas, e que aqui está a difficuldade, ou por se lhe não poder dar o movimento adequado ao tempo, ou se lhe não poder dar a extensão oportuna ao peso. Cuja duvida facilmente se desfaz, respondendo que a qualidade pode igualar a quantidade.

Explico-me, tanto pesa um arratel de chumbo, como um arratel de lã, que supposto que a lã do chumbo seja diversa na qualidade, lhe vem a igualar o peso na quantidade: tanto vento toma em qualquer embarcação uma vela grande como muitas pequenas, cujos exemplos bastam para a solução da duvida.

Temos apontado as razões e os exemplos, que bastam para a nossa fabrica etherea se poder suster no ar, e o possa navegar com socego semelhante ao de qualquer navegação no mar.

Falta-nos agora resolver a terceira duvida: como poderá fazer o gyro certo, o que é facil de decidir, e respondendo que da mesma sorte que o faz o artificio maritimo com a agulha de marear, porque a mesma virtude, que a pedra de cevar sobre as aguas, a tem nos ares: e assim não necessita de mais prova, porque a razão por si está patente.

E se se duvida como poderá a nossa embarcação correr direita, sem se voltar á varias vezes á violencia dos ventos?

Se responde que tanto nas aguas como nos ares, o grave busca o seu centro. E assim como nas aguas o bojo ou agulha da embarcação sempre pende á parte inferior, assim o peso das barquetas ha de pender sempre á terra: o que vemos em qualquer embarcação, que quanto maior é o lastro mais endireita se torna. Se a ave no vôo

lhe faltara o peso do corpo, confundiram-se-lhe as azas, voltando-se facilmente pela falta de grave que as endireita.

Comtudo não seguro a total segurança das nossas barquetas, sem correrem as mesmas variedades, que têm as embarcações no mar; que assim como a nau no mar tem bonanças, tempestades e naufragios, assim ellas hão de experimentar no ar os mesmos accidentes.

Um soveiro, um cypreste ou outra qualquer planta, por robusta que seja, tendo as raizes entranhadas na terra, com o vento se quebrará; uma torre, que tem o fundamento no centro, com o tempo se arruina.

Resta-nos agora advertir um absurdo, que entendeu o vulgo, em dizer que estas navetas haviam de cursar mais de duzentas leguas por dia, o que se não deve entender da sorte, com que materialmente se tomou, senão daquella com que formalmente se disse.

A medição das leguas, que pela terra demarcamos por ieguas, pelo ar têm differente distancia. Exemplo: de Lisboa a Coimbra contam trinta e quatro leguas pelos gyros e circumferencias, que fazemos no curso, por respeito dos montes, que não podemos atalhar, e os caminhos asperos, que por linha parallela não podemos vencer.

E pelo ar, como não ha estes obstaculos, são muito menos as leguas, do que as que fazemos por terra: que aliás fôra grande absurdo o entendido, porque a ave mais veloz, dando por caso que não parasse nunca, e fosse voando sempre não podia vencer por dia semelhante distancia pelo ar, como se mede pela terra.

E advirto mais que no que tenho dito só falo com o vulgo, que tem o entendimento nos olhos (como no principio disse) e não com os doutos e discursivos, que têm os olhos no entendimento.

O entendimento, como potencia da alma, vê o que não vêm òs olhos, e a vista, como sentido corporal, vê sómente os objectos materiaes, que se lhe offerecem e antecipadamente costuma vêr o discurso pelas especies da idéa, de

sorte, que os inventos mais subtis que até agora se têm descoberto, até áquelle ponto, em que não foram vistos, “foram negados pelos ignorantes da razão, porque, como nos objectos sómente têm o discurso, só com a vista é que então lhes deram o credito, sendo como espelhos, que sem objectos não podem ter em si representação.

D’onde finalmente acabo o meu discurso com esta comparação, que por posto que pueril, é verdadeira; são emfim os inventos tão incriveis para os indiscursivos como são as ligeirezas das mãos.

Dizemos a um d’estes que lhe havemos de mostrar v. g. uma pelotilha, e que á sua vista d’esta lhe havemos fazer um pomo. O que vos responderá? Responde logo com velocidade, sem primeiro discursar se pode ser ou não ser, ou por que arte se poderá fazer a dita farça que tal coisa se não póde fazer.

Fazeis-lhe a ligeireza, fica attonito o nossoleigo, e responde-vos que aquillo não póde ser senão por arte diabolica. Ensinaes-lhe a peça, entende o segredo, e põe-se a sorrir; e vendo tão facil o que tinha por impossivel rompe do seu assombro dizendo: quem tal dissera?

Assim pois esperamos que se ha de dizer, vendo-se sulcar os ares o nosso invento, para confusão dos ignorantes, que o negam, e desempenho dos sabios que o affirmam”

.. .. .

Por mais severa que queira ser a critica desta peça uma cousa não poderá negar: a intelligencia do seu autor, a precaução por elle tomada no sentido de refrear os surtos exagerados da imaginação que já antevia as mais maravilhosas consequencias do invento de *Passarola*, como por exemplo a excessiva velocidade dos aerostatos.

Manda aliás dizer a justiça que todos estes arroubos de phantasia decorriam naturalmente das promessas da propria petição inicial da *Passarola*. Seja como fôr o *Manifesto* de Gusmão é certamente novo argumento comprobatorio de seus dotes dialecticos.

Haveria no Portugal e na Hespanha de seu tempo um só homem que melhor poudesse interpretar os phenomenos da Physica?

Quaes seriam e quantos seriam estes doutos? Quaes os documentos de seu espolio scientifico capazes de dissipar as nossas duvidas?

A immensa ignorancia geral do meio não permittia, de longe siquer, vislumbrar alguém o alcance immenso do triumpho scientifico obtido pelo experimentador.

Em seu magnifico romance *The last of the Barons* colloca Lord Lytton uma figura de inventor genial, Warner, esmagada pela rudeza de seus contemporaneos. Precursor de Salomão de Caux e de Papin, tendo inventado e construido uma machina a vapor, vê-se Warner escarnecido, villipendiado por todo o mundo. Ninguém lhe presta a minima attenção senão para o encher dos baldões da loucura.

Apenas um lobriga a importancia do apparelho que o infeliz homem de genio conseguira. Mas este é um miseravel, um ladrão do seu talento e de sua sciencia. Consegue despojar o misero do seu invento, mas tão incapaz se mostra que da machina de Warner só alcança um resultado pratico: o de servir para o cocção de ovos!

No Portugal de 1709, totalmente insciente das sciencias physicas, não houve pessoa alguma capaz de avaliar o que realisara Gusmão, sob o ponto de vista de uma demonstração pratica do Principio de Archimedes applicado aos fluidos aereos!

Nem siquer os que mais se interessaram pelo caso: Salvador Antonio Ferreira e Francisco Leitão Ferreira, de quem não temos o minimo commentario.

Existisse nos meios intellectuaes portuguezes da epoca nivel mais alto de cultura e, por certo haveria de impressionar fundamente a ascensão da Passarola mesmo que se limitasse aos vinte palmos que lhe attribuem os diversos depoimentos já conhecidos.

Procuremos um paralelo com um caso de muito menor importancia apparente, muito menos vistoso, pelo menos, occorrido mais de meio seculo antes, na Italia, e, no emtanto, provocador de accesa discussão e acerba controversia.

Quem ignora, acaso, que em 1643 fez Torricelli a experiencia que o immortalisaria, com o seu famoso tubo, demonstrando a existencia da pressão atmospherica?

E' tambem archisabido que os doutos academicos da *Crusca* explicaram a queda parcial da columna mercurial barometrica pela não menos celebre razão cerebrina do *horror ao vacuo* professado pela Natureza.

Pois bem, em pouco tempo, era o theatro das discussões ampliado para a França onde Perier, a pedido do seu cunhado Pascal, realisava a não menos celebre experiencia do Puy de Dôme dando por terra com a sciencia dos academicos florentinos.

E toda a Europa sabia se interessara pelo caso e delle se inteirara.

Imagine-se o que não seria se Torricelli houvesse feito um aerostato subir a quatro metros de altura!

Que repercussão pelo Mundo afóra! E que consequencias sobretudo!

Na Lisboa de 1709, ficou tudo reduzido ás saloiadas dos *Pintos Renascidos* e outros typos de igual jaez, notavelmente representativos da galeria variada e abundante do *homo sordidissimus*.

CAPITULO XIII

A iconographia do invento de Gusmão. Apparencias flagrantes de mystificação.

Parece fóra de duvida que Bartholomeu de Gusmão não imprimiu nem a sua petição nem o seu *Manifesto*.

Pelo menos nunca de tal se teve a minima noticia. Affirma o detractor rancoroso, a quem se deve a *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço, chamado vulgarmente o Voador*, descoberta por A. Felippe Simões, no codice 537, da Bibliotheca da Universidade de Coimbra — escripto redigido ainda em vida do *Voador* — affirma esse feroz inimigo que o inventor distribuiu estampas representando o seu apparelho.

Fez para isto pintar a forma da dicta embarcação volátil, a qual havia governar-se por uns flabellos de pennas como azas, movidos por homens que haviam de ter o governo e encaminhala, com esta ideia á parte aonde a quizessem conduzir. O dicto invento e esta ideia com as suas explicações se vulgarizou muito em Lisboa, de que se multiplicaram varias copias, e nos meus manuscriptos em quarto, no tomo quinto vae uma destas copias”

Infelizmente não se encontrou o desenho annuciado pelo anonymo. Mas é possivel que, um dia ou outro, surja a tal estampa, certamente mystificatoria tambem.

No *foglietto di avvisi* de 19 de abril de 1709 officiava o Nuncio Apostolico em Lisboa ao cardeal Secretario de Estado que Gusmão promettia construir um apparelho (or-

degno) “per volare con dieci persone dentro” Seriam estes sujeitos os taes que deviam mover os flabellos de penas a que se refere o anonymo da *Memoria*?

Nada podemos adeantar mas queremos frisar esta aproximação curiosa. Ao envez da estampa que poudesse traduzir os dous depoimentos de que acabamos de falar espalhou-se outra que, em rapidas semanas, conseguiu larga divulgação europea.

E inteiramente diversa da que poderiamos esperar do exame desses dous documentos. Servia esta estampa para illustrar um memorial que tambem logrou rapida e extensa diffusão.

Estamos em face de duas hypotheses. Ou o memorial foi composto por Gusmão, para fins de despistamento de seus possiveis concurrentes e de seus muitos invejosos, ou tal papel e tal estampa são da lavra de algum *mystificador* ou de mero especulador que o lançou para fins *mercantis*, procurando valer-se da enorme expectativa existente das experiencias annunciadas da *Passarola*.

Julgámos, durante algum tempo, que este desastrado documento houvesse sido inventado fóra de Portugal. Hoje sabemos que não.

O que é certo é que tal moxinifada viria a causar o maior descredito ao invento do paulista. A chamada estampa da *Passarola* foi a grande causa do desprestigio absoluto em que cahiu a invenção de Bartholomeu, perante a opinião dos scientistas e do publico das nações cultas e vanguardieras da Civilisação.

E devemos confessar que carradas de razão para tanto existiam e existem.

Semelhante monstrengo só pode impressionar aos simples de espirito ou aos obcecados. E deve ser relegado á categoria dos elementos illustrativos das viagens como as de Gulliver, onde se nos revela a existencia da ilha voadora de Laputa.

Ha hoje argumento dos mais fortes, insophismavel, **comprobatorio de que procede de uma mystificação.** Não **antecipemos porém.**

A estampa se divulgou fóra de Portugal antes da realisação da primeira experiencia do aerostato em Lisboa.

Sabemos que esta se deu a 3 de agosto de 1709. Pois bem, já em fins de maio de 1709, em Vienna, note-se-o bem, em Vienna! se reproduzia a estampa da *Passarola*.

E mais: existe no *Fondo Bolognetti* (n. 16 pags. 67-72) do Archivo Vaticano um documento que o Marquez de Faria reproduziu e sobre o qual precisamos chamar a attenção do leitor. Trata-se da classica *Passarola*, acompanhada de memorial latino, tudo anterior a 24 de julho de 1709, conforme expressa declaração do cabeçalho.

Assim o inventor se viu victima de mystificação mais grave do que aquella de que fôra alvo, na adolescencia, e a que nos referimos ao falar de sua primeira estada em Lisboa.

Era isto muito do sabor do tempo: immensa a hemeroteca de folhetos de toda a especie espalhando descabelladas mentiras sobre mil e um assumptos.

Só os que se referem á zologia phantastica dão para encher paginas e paginas de um dictionario de largo tomo.

O Brasil não escapou a estes imaginosos escriptores. Haja vista o que inventaram, imprimiram e espalharam sobre os monstros povoadores de nossas selvas, ingenuamente ou de má fé.

E para esta litteratura contribuíram portuguezes e estrangeiros como no caso do *Monstro do Caminho do Mar*, devorador dos viandantes dentre S. Paulo e Santos, em 1804! os horrores relatados da terrivel serpe bahiana *ibibaboka* pelo *veridico* John Brown em 1795 etc. etc.

A estampa classica da *Passarola*, e ao memorial a ella annexa são do jaez do que a typographia rita-cassiana imprimiu em 1748: a relação maravilhosa sobre o *Bicho asiatico monstruosa apparição das montanhas da Persia, e juizo que se fez sobre a materia na côrte da Turquia.*

Ou ainda do de outra producção de tal quilate sahida da officina de Joseph Freire, em Lisbôa e em 1760:

A Relação verdadeira da espantosa fera que a tempos a esta parte tem apparecido em as vizinhanças de Chaves e os estragos que tem feito.

Isto que se fazia em Portugal era geral em toda a Europa. Só a bibliographia da *Bête du Gévaudan* é simplesmente immensa.

E por todo o seculo XVIII, e ainda pelo decimo nono, os exploradores da credulidade nescia do publico deram a lume profusamente, em hespanhol, inglez, allemão e francez noticias prodigiosas sobre o immenso animal que vivia na fronteira chileno-argentina, a perambular sobre as cumiadas andinas.

CAPITULO XIV

O memorial e a estampa, apocryphamente datados, de Simão Thadeu Ferreira. O desmentido formal de Innocencio F. da Silva.

Manteve-se, durante muitas dezenas de annos, não impresso em portuguez o memorial a que nos referimos e a que acompanhava a tal estampa absurda.

Occorreram de repente as experiencias retumbantes dos irmãos Montgolfier e isto deu ensejo a que viessem a lume, impressos, os taes monstrenços, o pseudo-scientifico e o iconographico.

Imprimiu-os não se sabe quem, em Lisboa, no anno de 1781 e na officina de Simão Thadeu Ferreira.

Falando de tal mystiforio escreve o doutissimo bibliographo Innocencio Francisco da Silva, em sua biographia do *Voador*.

Imprimiu-se posthuma, e no fim de cincoenta annos a *Petição do Padre Bartholomeu Lourenço, sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar e suas utilidades*. No fim tem: Lisboa, off. do Simão Thaddeu Ferreria, 1774, 4 de pags.

Consta 1.º) do requerimento do Pe. a El Rei D. João V seguindo-se 2.º) na mesma pagina a resolução tomada sobre a consulta do Desembargo do Paço acerca do dito requerimento.

Na pagina seguinte vem a explicação da machina, cujo desenho se apresenta na immediata gravura em chapa de cobre. E uma nota do editor, na quarta pagina, finalisa este

escripto, em que muitos tem falado, mas que poucos, hão visto, porque é extremamente raro”.

Esmagadoramente, provou Innocencio a inverdade da millesimação falsificada deste opusculo. Em 1774 não era ainda Simão Thadeu Ferreira dono de typographia. Só o foi em 1781. Mas que interesse provocaria tal adulteração? Obedeceria o falsificador a um sentimento patriotico? Certamente.

Em 1784, data da impressão do folheto, já se divulgara pelo mundo todo, a noticia das experiencias dos Montgolfier. Defendendo a prioridade portugueza, astutamente occorria, quiçá, a Simão Ferreira antedatar o seu trabalho de 1774, anno em que ninguem no mundo cogitava de aerostatica. Era um documento forte em favor da causa portugueza.

Mas, como a cada passo acontece, descobriu-se a postura *chauvinica* do editor ou do autor anonymo.

Assim a primeira estampa portugueza impressa da *Passarola* data de 1784.

O apparecimento da estampa, e memorial, obedeceu, talvez, a fins especulativos financeiros. Diante da exasperação da curiosidade publica algum gaiato, ou ganancioso, engendrou um meio de dar largas á ganancia para obter alguns poucos reis, espalhando pelo publico copias daquillo que affirmava ser o memorial do inventor.

Vejamos porém o texto de Simão Thadeu Ferreira tal qual o reproduziu Augusto Felipe Simões em sua *A invenção dos aerostatos reivindicada*.

“O desenho, que se imprimiu, com a supposta data de 1774, e a tal gravura traz a seguinte explicação:

A) Mostra o modo de velame, que servirá para fazer cortar os ares, levando sua derrota aquella parte d’onde fôr dirigida.

B) Mostra o modo que terá para se governar, pois sem leme seguiria sua vontade, e não a de seu artifice piloto.

C) Apontam o corpo da barca que com o engraçado das conchas leva em cada vão um cano, que interiormente (com folles para isso feitos) supprirão a falta de ventos.

D) Denota o feitio de umas azas que não servirão mais que de sustentarem para que não caia á banda; porque tomando o vento em si, de nenhuma maneira a derribará.

E) Apontam as figuras esphericas, em que está o — segredo — attractivo; são feitas de metal: servem de cobertura para se não corromper a pedra de cevar, que por dentro do pé, que é oco, attrahirá a si continuamente a barca, cujo corpo é de madeira forrado de chapas de ferro, e pela parte inferior forrada de estreitas taboas, feitas de palha de centeio para a commodidade da gente, que levará até dez homens, e com o seu inventor onze.

F) Mostra a coberta feita de arame a modo de rede em cujos fios se tem enfiado muita somma de alambres, que com muita actividade ajudam a sustentar a barca, que pela quentura do sol fará força para attrahir a si as esteiras.

G) Mostra a agulha de marear; porque sem ella não se podem guiar.

H) Mostra o artifice que com o astrolabio, ou balestilha compasso, e carta de marear toma a altura do sol, para ver onde se acha.

I) Finalmente mostram as roldanas, para por elles se alargar mais ou menos a escota de qualquer parte e o vento faça feição.

No verso da estampa vem esta nota:

Não obstante que o autor da machina diga, que de todos globos vae a magnete, cuja virtude fará subir a barca; contudo não é a sua elevação por força da virtude activa, mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos tem dentro, e a que o mesmo autor chama — segredo — que não quiz declarar, talvez por boas razões que para so

tivesse. O certo é que o auctor era homem de talentos e de grande capacidade e que a tal machina foi experimentada, segundo o testemunho de alguns velhos de probidade, que ainda vivem em a nossa corte, apesar de haver alguém que o contradiga, talvez por malicia, ou por ignorancia etc.”.

A referencia aos onze homens coincide com a informação do Nuncio ao Cardeal Secretario de Estado.

E' provavel pois que já antes de 19 de abril de 1709 circulasse em Lisboa a tal estampa e que o cardeal Conti a haja visto.

O tom da nota do verso da estampa prova de que ella foi redigida muitos annos após a experiencia de 1709.

Convem frisar outroponto : não concordam bem o texto e a estampa com a asserção do autor anonymo da *Memoria do Padre Voador* que se refere aos *flabellos* pelos quaes deveria o aparelho governar-se. Os flabellos de 1774 são supportes para impedir a machina de tombar.

Nesta explicação ha erros de copia os quaes se devem attribuir ao copista, editor ou impressor, pois já Filippe Simões provou exuberantemente que na transcripção do requerimento do Padre Bartholomeu os havia.

“Assim onde se diz na explicação das letras EE, forrado de chapas de ferro e pela parte inferior forrado de estreitas taboas feitas de palha de centeio, naturalmente estaria no original, e pela parte inferior forrada de esteiras feitas de tabua ou de palha de centeio; e assim tambem na explicação relativa á letra F., onde se diz fará força para attrahir a si as estreitas (que o nosso typographo ainda transformou em estrellas) se deve lêr para attrahir a si as esteiras.

Isto porém são umas leves observações que qualquer, com um pouco de attenção, poderia fazer; o principal, o mais importante é que as explicações da estampa dadas no opusculo de que fallámos, e que transcrevemos fielmente, nada explicam com relação á machina de voar pelo ar, que

se diz inventada pelo Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

E o caso é que por causa dessas explicações se tem duvidado da authenticidade da estampa.”

O primeiro livro impresso em portuguez que descreve o invento do *Voador* parece-nos, salvo melhor informação, ter sido a *Descripção do novo invento aerostatico ou machina volante*, obra anonyma sahida sem data, da officina de Antonio Rodrigues Galhardo, em Lisboa.

Mas é posterior ao invento dos Montgolfier, de quem narra as experiencias, assim como a viagem de Pilatre de Rosier (21 de Novembro de 1783) e a de Charles (a primeiro de Dezembro immediato). E mais: acompanha este opusculo (hoje rarissimo e outr’ora representado por um exemplar da bibliotheca de D. Pedro II, e cujo destino ignoramos qual tenha sido) uma estampa reproduzindo o “*Barco volante de Mr. Blanchard*” na experiencia realizada no Campo de Marte em Paris a 2 de março de 1784.

Ora temos ahi o indicio de que este opusculo anonymo, obra de méra divulgação de um acontecimento causador de universal celeuma, data pelo menos, de março de 1784.

Explicava o autor, com a maior sensatez, o scepticismo que lhe causava o aspecto da figura corrente, pretensa imagem da *Passarola*.

“Com estas copias se acha um desenho da mesma machina o qual, numa explicação a elle annexa, mostra qual devia ser a sua construcção: ella segundo ali se explica seria da figura d’um barco ou antes duma grande concha.

Seria forrada de chapas de ferro, e por dentro de esteiras de tabua, para serem atraidas, umas por pedras de cevar, e outras por alambres colocados na parte superior da machina: esta, sendo elevada pela dita atracção, ou forcas magnética ou eléctrica, seria, mediante uma véla impelida pelo vento; e na falta deste, pelo que se subministrasse com foles, ali igualmente colocados para este effeito:

dirigindo-se o rumo com um leme posto na popa, e com umas pás, ou azas de ambos os lados.

Não he porem necessario ter muito conhecimento de Fisica ou de Mecanica, para ver, que por estes principios he absolutamente impossivel o elevar uma maquina volu-moza e pezada; nem parece mesmo crível que uma pessoa, que aliás deo outras provas de intelligencia e d'engenho, pudesse jamais conceber a idéa de fazer voar uma machina de similhante construcção.

Como, por outra parte, ha uma constante tradição, apoiada com a autoridade de varias pessoas sensatas e de provec-ta idade, que asseveram ter sempre ouvido que a maquina, de que falámos, chegára a elevar-se, e a voar, ao menos por um pequeno espaço, devemos crer, que éla fosse d'outro modo construida: e que o desenho, que agora vemos, não representa o artificio que então se praticou”.

No fim de suas escassas paginas occorrem as seguintes linhas:

Desejariamos concluir esta materia, fazendo honra ao engenho portuguez, que já no principio deste seculo imaginou uma machina para viajar pelos ares”.

Prudente e honestamente prosegue o reparador:

“Mas ainda que he voz constante que tal maquina chegara a construir-se e que até se diz, que ella se elevava ou voara do torreão da casa da India, não podemos achar documento algum authenticico, nem fidedigno que ateste este **facto.**”

Eram porém assáz numerosas as copias da famosa petição inicial de Gusmão: “que se achavam em algumas livrarias e nas mãos de varias pessoas”.

Transcreve o autor a petição e o despacho regio, noticiando que a estas copias geralmente acompanhava “um desenho da mesma maquina o qual, numa explicação a elle annexa mostrava qual devia ser a sua construcção”.

Pessoa de criterio deve ter sido tal noticiaria pois põe em duvida formal a authenticidade de tal desenho, que considera apocrypho, dado o que se sabia da intelligencia e do engenho do inventor brasileiro.

E' este, cremos o primeiro depoimento impresso, hoje existente em tal sentido, expresso em lingua portugueza. Consideramol-o de primeira ordem e a elle teremos de voltar.

Passado meio seculo esposava Freire de Carvalho as mesmas idéas, vehementemente. Não! aquella absurda estampa não podia representar o invento de Gusmão.

Com a habitual e perfeita honestidade tornava o Conego seus, depois, *ipsis verbis*, os commentarios do commentador de 1784.

E realmente, na época em que o douto autor repetia taes conceitos mais não poderia ter expendido, sob a instigação do bom senso, em face da deficiencia da documentação até então divulgada.

Mais adeante analysaremos os commentarios vivissimos expendidos em Portugal entre os defensores e accusadores da legitimidade de tão desastrada estampa..

Veremos porém como a peça apocrypha se espalhou pela Europa angariando, *hélas!* larga divulgação.

Prosigamos porém com a nossa argumentação.

Assim já antes de 24 de julho de 1709, antes da primeira experiencia official da *Passarola*, em presença de D. João V, corria mundo uma descripção latina do aparelho acompanhada de estampa que delle dava idéa!!

Será crível que se possa tomar como authentico tal papelucho? Pois então? Antes de realisar os primeiros ensaios estaria o autor a espalhar o que era o seu invento? Num tempo em que não havia a menor garantia de privilegio? quando o segredismo tudo dominava? a ponto de levar o governo de D. João V a mandar queimar a edição toda da *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas*, de Antonil? porque podia este livro assanhar a cubica das nações sobre a grande possessão lusitana da America?

Pois então, quando Bartholomeu de Gusmão promettia armar o seu monarcha de maravilhoso invento, dotado de formidavel efficiencia militar, elle proprio se encarregaria de divulgar o seu segredo munindo as nações inimigas — e isto no apogeu da conflagração européa então reinante — de um elemento extraordinario de triumpho?

Tudo isto é a nosso ver a mais convincente prova da apocryphia do memorial e da estampa que o acompanha.

Uma unica brecha parece offerecer esta argumentação. Teria o inventor querido despistar os curiosos, os emulos e invejosos de sua invenção?

Entende o Padre Rebimbas que a autoria do infeliz desenho seja do proprio Gusmão, e não repelle a hypothese do despistamento.

Ao dizer que Gusmão pretendia fazer a sua primeira experiencia publica, a 24 de junho de 1709, em presença de D. João V. declara que os portuguezes e alguns estrangeiros não dão o valor que merece a estampa da Passarola por não saberem explical-a.

Julga pois que a figura fôra feita de proposito para enganar. As provas são manifestas, affirma o analysta ignacino.

“Desta primeira impressão, prosegue Rebimbas, foi feita a traducção de Vienna e della passou em 1714 para o livro de Valentini.

Corresponde a figura á que se encontra no referido livro de Valentini e perfeitamente ás explicações e á primeira phase proposta na aeronautica.”

“Depois foi-se desfigurando cada vez mais a primeira figura, de sorte que, na nova edição, suppostamente feita em 1774 (provavelmente 1781) apparece modificada. Até o texto está manifestamente adulterado, em varias passagens”.

Corroborando ao Padre Rebimbas levanta-se a mais prestigiosa e autorisada voz, a de Innocencio Francisco da Silva, que categorico afiança como vimos a existencia do

grossoiro eubuste da millesimação ante datada de 1774 em vez de 1784. Naquelle anno não possuia Ferreira officina alguma recordemol-o novamente. Só em 1781 é que se tornou dono de um estabelecimento typographico pelo facto de se ter casado com a viuva de Luiz Francisco Xavier Coelho proprietario da officina Luiziana e fallecido em 1780.

Fora Simão empregado subalterno, aliás, de Coelho, e depois administrador ou contramestre da sua officina. Melhorara immenso de sorte ao cahir nas boas graças da consolavel viuva. E o interessante frisa-o Innocencio é que, em 1794, havendo impresso um *Tratado das machinas aerostaticas*, nelle não faz uma só referencia a Gusmão!

CAPITULO XV

*Os primeiros echos exteriores das experiencias de Gusmão.
Um documento do Archivo Vaticano. Confronto com
a estampa de Simão Thadeu Ferreira.*

Rapidamente, ou antes, de modo prodigiosamente rapido se espalhou por grande aerea da Europa Occidental a noticia das experiencias que Gusmão ia realizar, sobretudo na Italia e Imperio Germanico, chegando os seus echos á Inglaterra.

E se não temos noticias da França e Hespanha provem isto certamente da phase aguda, que então se processava, da conflagração europea.

Examinemos alguns destes documentos.

O primeiro provem-nos de fonte pontificia, e foi pela primeira vez divulgado pelo Marquez de Faria que delle houve copia do Archivo Vaticano (Fondo Bolognetti n. 16 pags. 69-72).

E' este o titulo do precioso achado:

Delineatio machinae artificiosae, qua mediante, spatio 24 horarum 200 miliaria volatus per aera confici, exercitiis longe distantibus praeter mandata, milites, comaeatus, aliaque necessaria, ut et obsessis locis, caeterorum litterae, merces, pecuniae citissime transmitti possunt; ut exposita copia alicuius ad Regiam Lusitaniae maiestatem ab uno Brasiliensi religioso exhibiti supplicis libelli percipiendum; et eiusdem probatio (qualis iam altitudine 10, orgiarum in aere facta) denno proxima die 24 Julii 1709 exhiberi debet".

Traduzamos tal legenda:

Descripção de engenhosa machina por meio da qual é possível fazer, voando pelos ares, duzentas milhas num lapso de vinte e quatro horas para levar com rapidez aos exercitos muito distantes, além de ordens, soldados, viveres e outras cousas necessarias, ás praças assediadas assim como cartas, mercadorias ou dinheiro, como tal se pode vêr pela copia aqui annexada de uma petição endereçada a S. M. o Rei de Portugal por um religioso brasileiro; uma nova experiencia de tal machina (que já se fez a uma altura de dez braças no ar) deve realizar-se no proximo dia 24 de julho de 1709.

Extenso texto, tambem latino, segue-se a este cabeçalho assim como um desenho a bico de penna. Figuram, texto e desenho, num opusculo publicado em 1917 pelo Marquez de Faria sob o titulo:

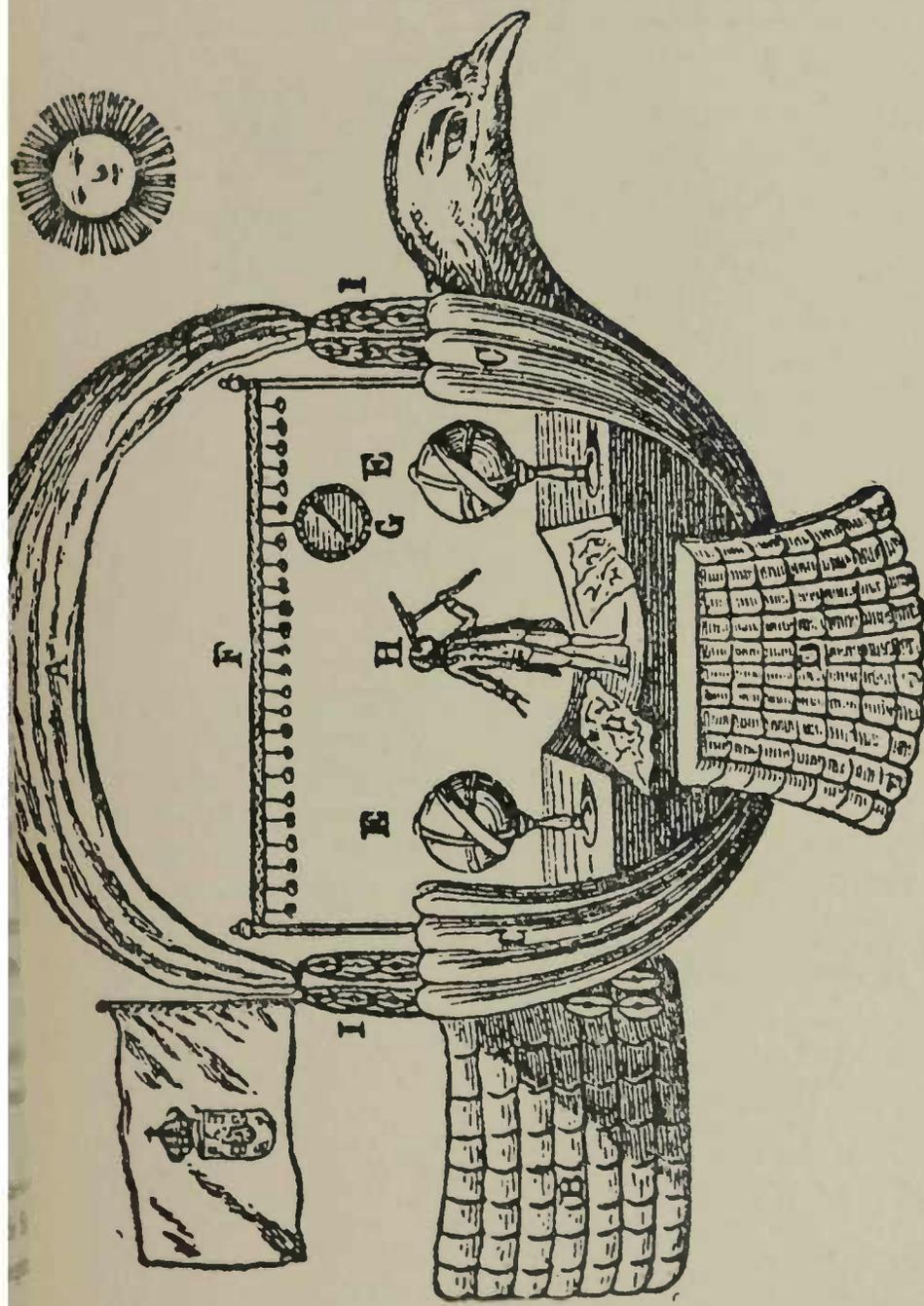
Réproduction fac-similé d'un dessin á la plume, de sa description et de la pétition adressée au roi Jean V (du Portugal) en langue latine et en écriture contemporaine (1709) retrouvés récemment, dans les Archives du Vatican, du célèbre aéronef de Bartholomeu Lourenço de Gusmão (Lausanne, Imprimeries réunies, S. A. 1917).

A importancia deste documento é que elle representa, provaelmente, a mais antiga reproducção da estampa, apocrypha da *Passarola*.

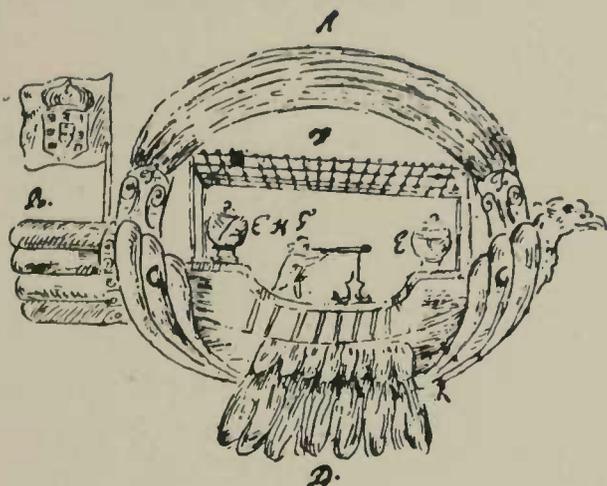
Tanto o texto como a sua iconographia são anteriores a 24 de julho de 1709 conforme a declaração expressa contida no cabeçalho.

Cotejando a traducção franceza do texto latino do documento vaticano e a descripção do opusculo de Simões Thadeu Ferreira falsamente datada de 1774, chegámos a conclusão de que pouco differem.

Assim vamos publicar este texto de 1709 valendo-nos da traducção franceza impressa pelo Marquez de Faria.



Estampa portuguesa do século XVIII pela primeira vez impressa,
ao que parece, em 1784, por Simão Thadeu Ferreira e falsamente
datada de 1774.



Disegno machine artificiosa, qua mediante spacio sa hvarum
 non Millaria uolano se alyeno ualio, dicitur: longi hvarum hvarum
 mandam: milio, cōtēatū, aliaque reueria, ut et obreus loat: et
 hū larey, meres, dicitur: cōtēatū hvarum hvarum, ut ex hvarum
 cōtēatū alio ad regia dicitur: ma hvarum hvarum hvarum. nel
 hvarum hvarum hvarum hvarum: et hvarum hvarum hvarum hvarum

Estampa anexa ao memorial latino do Fondo Bolognetti,
 n.º 16, do Archivo Vaticano; datada de 1709 e divulgada
 pelo Marquez de Faria.

Explicação da estampa da machina, por ordem alphabetica.

A) *designa as velas, pelas quaes o ar é cortado, e moveis, segundo a necessidade.*

B) *mostra a forma do leme que dirige a barquinha, não ao leu mas á vontade do piloto ou do inventor.*

C) *designa o corpo da barquinha cuja prou e popa terminam em forma de concha e no interior da qual estão os tubos dos folles que supprem a falta do vento.*

D) *são as duas azas destinadas a manter a barca em equilibrio sem o que ella não poderia ser dirigida pelo vento.*

E) *duas espheras contendo o segredo da attracção, fabricadas de metal cuidadosamente recoberto, de modo que não possam ser destruidos os imans encerrados na esphera e que attrahem o corpo da barca que é feito de laminas de ferro e recoberto de certos vimes trançados e cujo tamanho é proporcional ao numero de homens a serem transportados na barca, dez ou onze, inclusive o inventor.*

F) *representa o tecto formado de fios de ferro, os quaes, pelo numero de grandes bolas de ambar ali fixadas, auxiliarão poderosamente a manter-se a barca suspensa no ar e isto pelo calor dos raios solares graças ao qual as ditas bolas de ambar attrahirão os tensores.*

G) *indica o inventor que com o astrolabio a carta marinha, e o fio de prumo mede a altura do sol e procura o ponto geometrico, da esphera (sobre o qual elle se acha).*

H) *indica a bussola, ou agulha nautica pois se ella falhar, tudo irá mal a quem se puzer a caminho, nenhum rumo podendo ser conhecido ou achado sem ella.*

I) *aponta afinal, as redes com as cordas graças ás quaes as velas podem ser conforme a precisão desferradas ou ferradas.*

O papel do *fondo Bolognetti* é certamente importante documento para a demonstração da apocryphia da estampa da *Passarola*.

Novamente recordemos, aos leitores, esta circumstancia capital: é elle anterior a 24 de julho de 1709, anterior, pois, á primeira e aliás mallograda experiencia do invento de Gusmão realizada a 3 de agosto immediato.

A' Italia foi ter o memorial latino. Não tardaria em reaparecer no mesmo anno, ainda, numa das mais importantes cidades do Universo, na capital do Imperio Germanico. Já ahí se ennobrecera dos foros da impressão.

Na Allemanha, a controversia acerca da prioridade dos direitos de Gusmão provocou o apparecimento de sabia monographia da lavra do Conde Carlos von Klinckowstroem, illustre fidalgo bavaro, residente em Munich.

Preoccupava-o aliás, desde algum tempo, a confecção de uma bibliographia, completa quanto possivel, relativa aos primordios da aeronautica.

Foi a que imprimiu no terceiro fasciculo do tomo relativo a 1911 do *Archiv für die Geschichte der Naturwissenschaften und der Technik* (Leipzig, 1911, F. C. W. Vogel, dez paginas com duas estampas intercaladas ao texto) sob o titulo de *Ensaio sobre a Bibliographia de Gusmão*.

E' notavel trabalho realizado com a consciencia e a paixão pelo esgotamento dos assumptos, tão caracteristicas dos eruditos germanicos.

Desta contribuição tivemos conhecimento pelas referencias do Marquez de Faria, em sua obra preciosamente informativa: *Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventor dos aerostatos*.

Valeu-se o Marquez de Faria dos trabalhos do gentilhomem teuto, utilizando-se de varias das suas descobertas notaveis o que com real espirito de justiça salientou.

Podemos, ultimamente, obter a integra da monographia do Conde de Klinckowstroem que, com verdadeiro requinte de fidalguia, nol-a offereceu, por intermedio dos nossos prestimosos correspondentes, os Srs. R. Friedlaender und Sohn, de Berlim, os prestigiosos livreiros antiquarios de fama mundial.

Anciosos por travar conhecimento com o trabalho do Conde bavaro, que á primeira inspecção se apresenta soberbo, delle podemos ter a noção exacta da sua valia, graças á excellente traducção que a Exma. Sra. D. Lucia Furquim Lahmeyer, a digna bibliothecaria do Instituto Historico Brasileiro, realisou.

Devem-lhe as nossas letras historicas o mais assignalado serviço com a traducção da *Historia do Brasil* de Handelman. Tem actualmente em mãos, e já muito adiantada, nova versão, esta de largas dimensões, a do texto da viagem integral de Spix e Martius. Pretende o Instituto Historico Brasileiro publical-a como um dos principaes numeros solennizadores da passagem do seu primeiro centenario, a 21 de outubro de 1938.

Aos leitores queremos agora apresentar os resultados das excellentes pesquisas do Conde de Klinckowstroem.

Não nos esqueçamos, porém, que o titular germanico escreveu em 1911 e apenas pôde, por alto, comprehender o portuguez, conforme declara.

Começa, e com toda a lealdade, a expor quanto não acredita, de todo, no exito das experiencias de Gusmão.

Mas sempre e com toda a elevação de vistas, e de palavras, sustenta a sua these.

Para elle a *Passarola* não conseguiu elevar-se aos ares. Pelo menos tudo quanto colligi em materia bibliographica a tanto o induz.

Para tal fim, pertinazmente, pesquisou documentos, contemporaneos dos ensaios do *Voador*. De sua rebusca nos acervos livrescos e archivaes germanicos conseguiu optimos resultados e uma serie de novidades das mais importantes e curiosas.

Começa o douto monographista os seus reparos com assás procedente censura: lembra quanto incumbia á Universidade de Coimbra pôr ao alcance dos estudiosos, de todo o mundo, a transcripção do acervo documental relativo ao *Voador*, até então conservado inedito.

O problema a debater-se assumia capital, a mais subida importancia nos fastos da Historia da Sciencia. Merecia, pois, ser tratado com outro cuidado do que até agora fôra pelos lusos, cujo idioma ainda não era, de todo, tido como lingua scientifica universal.

Do descaso brasileiro pelo esclarecimento de tão gloriosa biographia que diria o verberador da inercia lusitana? *Sunt lacrymae* . .

Ha, porém, um reparo a se offerecer ao douto allemão.

Do material, bibliographico portuguez, já então muito avultado, e da maior valia, não parece ter tido conhecimento senão de pequeno numero de elementos.

Assim menciona apenas a memoria de Freire de Carvalho e os trabalhos, então recentissimos, do Marquez de Faria.

Não dá a entender haja deitado os olhos ao livro indispensavel de Felippe Simões, á biographia do Visconde de São Leopoldo, ás notas de Francisco Recreio, etc.

Ao excellento estudo de Brito Rebello era natural que se não reportasse.

Jamais o transcreveram das columnas da revista em que appareceu.

Da memoria de Correia Neves não podia ainda ter sciencia, pois sahia ella exactamente ao tempo em que o Conde relatava os resultados de suas buscas.

Assim, em relação á parte lusitana da bibliographia do nosso inventor apresenta-se lacunosa a *Chronologia e bibliographia da prehistoria da navegação aerea até 1783*, de cuja organização se occupava o nosso distincto autor, como já relatamos.

Depois de lembrar que na Allemanha fôra o professor Padre Balthazar Wilhelm, o paladino da gloria e da prioridade de Gusmão, com a sua *Die Anfänge der Luftfahrt, Lana-Gusmão* (Hamm, 1909), escreve o Conde de Klinckowstroem:

“Devo antes de tudo declarar que não posso concordar com a interpretação dos dois citados pesquisadores, Wi-

lhelm e Faria, que attribuem ao Brasileiro a prioridade da descoberta do balão de ar quente sobre os irmãos Montgolfier. Emquanto não fôr divulgado, palavra por palavra, o material manuscrito conservado em Coimbra, emquanto a Directoria da Bibliotheca da Universidade de Coimbra evitar discussões sobre o caso, não poderemos pronunciar julgamento terminante sobre o projecto de Gusmão.

Até agora a manipulação desses documentos por portuguezes não nos fornece esclarecimentos satisfatorios e devemos, até nova ordem, tel-a como suspeita por não a podermos conferir *in loco*”

Ha ahí, entre parentheses, séria injustiça praticada. Não nos consta que jámais se tenha a Universidade de Coimbra, directa ou indirectamente, esquivado á ventilação de tal assumpto.

Pelo contrario! Se foi do seu acervo que Augusto Felippe Simões extrahiu varias das novidades capitaes com que se renovou a face da questão e infundiu alento aos desanimados defensores de Gusmão! Foi dalli que procedeu o importantissimo achado da segunda descripção da *Passarola*, graças á qual se obteve tão forte argumento de iniquação de falsidade ao, universalmente divulgado, desenho mystificador pseudo-representante do invento do santista!

Procurou o Conde de Klinckowstroem verificar a repercussão que nos paizes germanicos haviam tido as annunciadas experiencias de Gusmão em 1709. E esta pesquisa lhe resultou não só a mais interessante como cheia de inesperados encontros valiosos, embora dahi decorresse ao seu ver, notavel complicação, do problema.

“As idéas que tal documentação nos transmite, como oriundas de Gusmão só se podem acoimar de absurdas.”

Já Balthazar Wilhelm procedera a importante trabalho nesse mesmo sentido, e em seus commentarios procurara defender os direitos do *Voador*, direitos estes que o conde bavaro procurou contestar, á vista de novos argumentos.

Facto curiosissimo! a noticia do projecto das experiencias do brasileiro, pouco mais de mez após a divulgação do seu requerimento a D. João V, attingira a Allemanha central. E numa época em que — escusado é lembral-o — a interpenetração postal dos povos se fazia por intermedio da navegação a vela e das correrias dos estafetas a cavallo.

Entretanto vemos no numero 609 do *Wienerische Diarium* correspondente aos dias 1 a 4 de junho de 1709, a primeira noticia relativa ao projectado vôo do brasileiro.

Contava o jornal ao publico viennense, que á capital do Imperio chegara um estafeta Franz Gualzeti trazendo da Italia a clangorosa novidade.

O artigo a elle referente encerrava uma summula das promessas acenadas ao Rei pelo inventor em sua petição, cuja traducção integral inseria, noticiando ainda que a primeira experiencia da machina aerostatica se realizaria, em Lisboa, a 24 de junho immediato.

Na Bibliotheca Imperial de Vienna examinou o Conde oe Klinckowstroem o precioso jornalsinho, exemplar unico, ao que se affirma. Notou então que desaparecera a estampa a elle annexa, annunciada no texto.

Em todo o caso teve a fortuna de encontrar no acervo iconographico da mesma bibliotheca, ou em outro, uma imagem da *Passarola* do mesmo formato da edição do *Wienerische Diarium* e cujo teor concorda com o da estampa perdida, segundo declarou no numero 39 das *Mittheilungen zur Geschichte der Medizin und Naturwissenschaften*. Pensa o Sr. de Klinckowstroem que tal figura não póde deixar de ser a fiel reproducção, ou mesmo uma separata, da estampa annunciada no jornalsinho e extraviada.

“Desse documento partiram todas as outras noticias antigas acerca dos projectos de Gusmão, affirma categorico”.

Deu-se o conde bavaro ao trabalho do cotejo de todas estas fontes e da analyse da satyra impressa de um Feldhaus que pinta Gusmão a voar de Lisboa a Vienna e descreve tal viagem de modo engraçado

O primeiro de taes documentos provém da officina typographica, de João Baptista Schönwettern. livreiro da Imperial Universidade Romana. Foi impresso em 1709 e em Vienna, in-4.º consta de 4 folhas a que acompanha, na folha 4 verso, uma estampa.

São estes os dizeres de seu rosto:

*Abbildung/eines sonderbahren/Lufft Schiffes/oder/
Kunst zu fliegen/ Vermittelt wessen man in 24 Stunden/
durch die Lufft 200 meilen fahren also weit geschwin/der
als sonst durch das Meer oder über Land reisen/ denen
Kriegs heeren in denen weit entlegenen Lan/dern die Or-
dres. Briefe/ wolck. Lebens. Kriegs und/Geld Mittel übers-
chicken nicht weniger die belagerten/Platze mit allen No-
thwendig Keiten verschen auch/allerley Waaren zuführen
Könne/Dieses Kunst Stück ist von einem Geistlichen aus
Brasilien erfunden/und/ Ihre Königl. Maj. von Portugall/
übergeben worden/und soll darmit den 24 Junii dieses 1709
Jahres/die Probe zu Lissabon geschehen/Aus der Portugi-
sichen Sprache in das hochdeuts/che übersetzt/und zum
Ersten mahl in Druck gebracht.*

*Wien/Durch Johann Baptist Schönwettern Röm. Kai-
serl. Universitäts/Buchhandler 1709.*

Significa semelhante e esparramado titulo:

*Vista de um admiravel navio aéreo ou a arte de voar
que proporciona ao Homem viajar pelos ares em vinte e
quatro horas, tão depressa sobre a terra como sobre os ma-
res. transportando longinquamente aos exercitos em guerra,
cartas. ordens, reforço, munições, dinheiro, permittindo soc-
correr as praças assediadas em todas as suas necessidades.
como quaesquer aprovisionamentos.*

*Esta obra d'arte foi descoberta por um sacerdote bra-
sileiro e offerecida a Sua Magestade o Rei de Portugal e
deve a 24 de junho deste anno de 1709 fazer experiencia
publica em Lisboa.*

Traduzido pela primeira vez do portuguez para o allemão culto e pela primeira vez agora impresso.

Vienna (d'Austria) na officina de João Baptista Schönwetter, Livreiro da Imperial Universidade Romana — 1709”.

Quer nos parecer que a folicula allemã deve ter sido traduzido da latina que empregara um idioma universalmente espalhado no Occidente como lingua scientifica.

Esta affirmação de que se trata de uma primeira traducção de original portuguez era provavelmente chamariz para estimular a venda dos folhetos.

Para nós a importancia da questão reside no facto de que em 1709, a notavel distancia de Lisboa, como naquelle tempo de transportes difficeis succedia, e contemporaneamente ás experiencias de Gusmão, surgiu uma publicação impressa, sobre o invento do Voador. Sob este ponto de vista é o mais velho documento impresso até hoje assignalado.

Cotejando-se o titulo do opusculo viennense e o do manuscrito do Archivo Vaticano percebemos immediatamente quanto ambos provem da mesma fonte. A divergencia a notar-se procede das datas de 24 de julho e 24 de junho de um e outro opusculo.

Após curto exordio, reproduz-se a noticia do *Wienerische Diarium* a que se segue a copia da petição do Voador, assignada pelas iniciaes A. A. M. (?). Vem a seguir a “Explicação da figura impressa”, e a estampa.

Duas edições existem de tal opusculo “que se differenciam em pontos absolutamente sem importancia”. As estampas tambem insignificamente differem em seus dois estados, apenas quanto ao traçado das sombras, o desenho das nuvens, o aspecto do rosto do sol heraldico e seus raios, que nos deixam crer ter sido utilizada uma lamina de cobre.

A primeira edição do opusculo menciona em seu farto cabeçalho “*Imagem de um extranho navio aereo ou arte de voar*” etc.

Abbildung

eines sonderbahren



Luft =



Kunst des /

Ober:

Kunst zu fliegen /

Bermittelt wessen man in 24. Stunden
durch die Luft 200. Meilen fahren / also weit geschwin-
der als sonst durch das Meer / oder über Land reisen /
denen Kriegs = Heeren in denen weit entlegenen Län-
dern die Ordres, Briefe / Vold / Lebens = Kriegs = und
Geld = Mittel überschieden / nicht weniger die belagerten
Plätze mit allen Nothwendigkeiten versehen / auch
allerley Waaren zuführen könne.

Dieses Kunst = Stück ist von einem Geistli-
chen aus Brasilien erfunden
und

Ihro Königl. Maj. von Portugall
übergeben worden /

und soll darmit den 24. Junii dießs 1709. Jahres
die Probe zu Lisabon geschehen.

Aus der Portugisfchen Sprache in das Hochdeut-
sche übersetzt /

und zum Ersten mahl in Druck gebracht.

W J E R,

Durch Johann Baptist Schönwetter / Kbm. Kays. Uaiversitäts
Buchhändler / 1709.

Abbildung

der erfundenen

Kunst zu fliegen /

Bermittelst welcher man in 24. Stunden 200. Meilen fortkommen / denen Kriegs- Heeren in denen weit entlegenen Ländern die Ordre / auch zu jenen / neben denen Briefen / Volck / Lebens- Kriegs- und Geld- Mitteln herbringen / nicht weniger die belagerte Plätze mit allen Nothwendigkeiten versehen / auch alle Waaren und Käuffmannschaften durch die Luft verschaffen könne.

Es

Wie aus hierbey gehender Abschrift

Eines an

Sehr Königl. Portugisis. Majest.
Überreichten Einbringens

zu sehen

Von einem Geistlichen aus Brasilien erfunden worden

Und

Damit nechst künfftigen 24 Junii 1709. die Probe
geschehen solle.

Gedruckt nach dem Wienerischen Original 1709.

Nebst ausführlichem Bericht

Wie selbiger seine Reise den 22. Junii in Portugal angetreten /
und den 24. dito zu Wien glücklich
arrivirt. .



Abbildung

der erfundenen

Kunst zu fliegen/

Bermittelt welcher man in 24 Stunden 200 Meil machen / denen Kriegs-Heeren in denen weit entlegenen Ländern die Ordre / auch zu jenen neben denen Briefen / Völk / Lebens- Kriegs- und Geld-Mitteln überschicken / nicht weniger die belagerte Plätze mit allen Nothwendigkeiten zu versehen / auch alle Waaren und Kauffmannschafften durch die Luft verschaffen könne.

So/

Wie auß hierbey gehender Abschrift

Eines an

Ehr. Königl. Portugies. Maj.

Überreichten Anbringens

zu erschen /

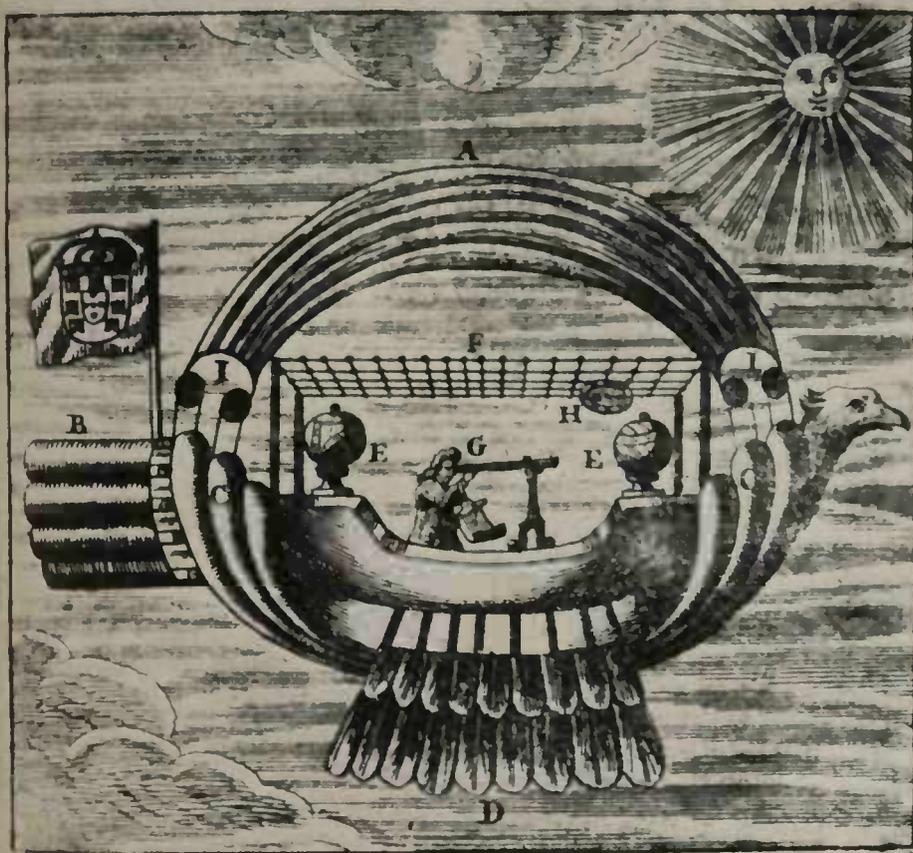
Von einem Geistlichen auß Brasilien erfunden worden /

Und

Damit nechst-künftigen 24 Junii 1709 die Probe
geschehen solle.

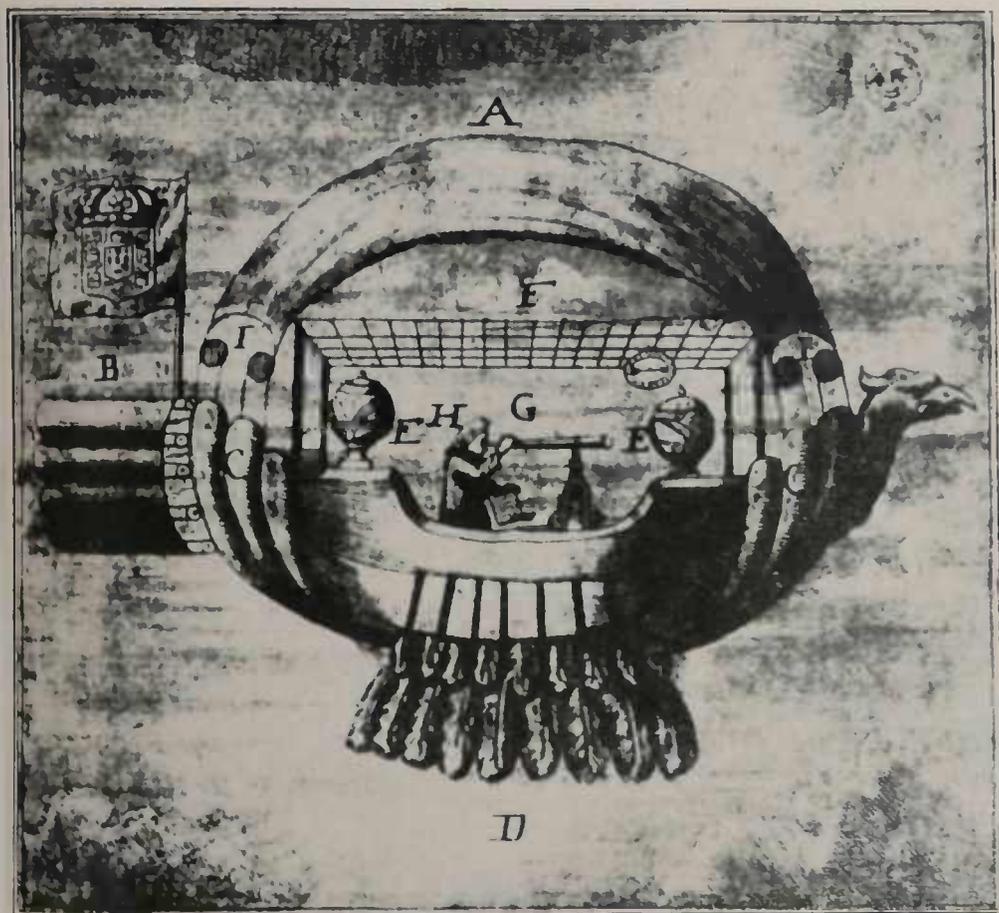
Gedruckt / nach dem Wienerischen Original: 1709.

Abbildung der Figur/
um
damit zu fliegen.



Estampa que ilustra o opusculo anônimo de Vienna (1709)
sobre o invento de Gusmão

Abriss
des
Mliegenden **S**chiffes.



Estampa que illustra o opusculo publicado em Vienna em 1709 pelo editor J. B. Schönwetter

The Description of a FLYING SHIP, lately Invented,

In which one may Travel Two Hundred Miles in Twenty Four Hours, carry Orders to Generals in remote Countries, as also Letters, Recruits, Provisions, Ammunition and Money; supply belieg'd Places with all Necessaries, and transport Merchandise through the AIR;

As it is to be seen by the following Copy of the Original Address presented to the King of PORTUGAL.

Invented by a Priest in BRASIL.

According to the COPY Printed at VIENNA 1709. 29

A COPY of an ADDRESS made to his PORTUGUESE MAJESTY in the Portugese Tongue.



After *Bartholomew LAUREN* says, that he has found out an Invention, by the Help of which, one may more speedily travel through the Air than any other Way either by Sea or Land, so that one may go 200 Miles in 24 Hours; send Orders and Conclusions of Councils to Generals, in

such a manner, as soon as they are determin'd in private Cabinets; which will be so much the more Advantageous to your Majesty, as your Dominions lie far remote from one another, and which for want of Councils cannot be maintain'd nor augmented in Revenues and Extent.

Merchants may have their Merchandise, and send Letters, and Packets more conveniently. Places beleag'd may be Supply'd with Necessaries and Succours. Moreover we may transport out of such Places what we please, and the Enemy cannot hinder it.

The Portugese have Discover'd unknown Countries bordering upon the Extremity of the Globe: And it

will contribute to their greater Glory to be Author of so Admirable a Machine, which to many Nations have in Vain attempted.

Many Misfortunes and Shipwrecks have happen'd for want of Maps, but by this Invention the Earth will be more exactly Measur'd than ever, besides many other Advantages worthy of your Majesty's Encouragement.

But to prevent the many Disorders that may be occasion'd by the Usefulness of this Machine, Care is to be taken that the Use and full Power over the same be committed to one Person only, to whom your Majesty will please to give a full Command, that whoever shall presume to transgress the Orders herein mention'd, shall be Severely punished.

May it please your Majesty to grant your humble Petitioner the Privilege that no Person shall presume to Use, or make this Ship, without the Express Licence of the Petitioner and his Heirs, under the Penalty of the loss and Forfeiture of all his Lands and Goods, so that one half of the same may belong to the Petitioner, and the other to the Informer. And this to be Executed throughout all your Dominions upon the Transgressors, without Exception or Diminution of Persons, who likewise may be declar'd liable to an Arbitrary punishment, &c.

BRITISH MUSEUM

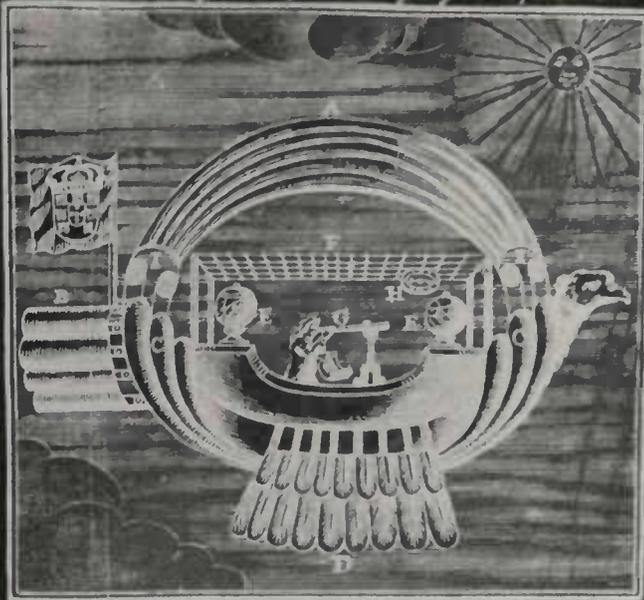
1 2 3 4 5 6 7

P12923 British Museum E.2089(29)

1 2 3

Noticia sobre o invento de Gusmão publicada no numero de 20 de dezembro de 1809 pelo "Evening Post" de Londres.

The Figure of the Flying Ship.



An Explanation of the Figure.

- A. Represents the Sail, wherewith the Air is to be divided, which turn as they are directed.
- B. The Stern to govern the Ship, that She may not run at random.
- C. The Body of the Ship which is formed at both ends Scollop-wise, in the concavity of Each is a Pair of Bellows which must be blown when there is no Wind.
- D. Two Wings which keep the Ship upright.
- E. The Globes of Heaven and Earth containing in them Attractive Virtues. They are of Metal, and serve for a Cover to two Loadstones placed in them, upon the Pedestals, to draw the Ship after them, the Body of which is of Thin Iron Plates Covered with Straw Mats for conveniency of 10 or 11 Men besides the Artist.
- F. A cover made of Iron Wire, in form of a Net, on which are Fastened a good number of Large Amber Beads, which, by a secret Operation will help to keep the Ship Aloft: and by the Suns heat, the aforesaid Mats that line the Ship, will be drawn towards the Amber Beads.
- G. The Artist, who by the help of the Celestial Globe, a Sea Map, and Compass takes the height of the Sun, thereby to find out the Spot of Land over which they are on the Globe of the Earth.
- H. The Compass to direct them in their Way.
- I. The Pulleys and Ropes that serve to hoist or Furl the Sails.

J. Karing.

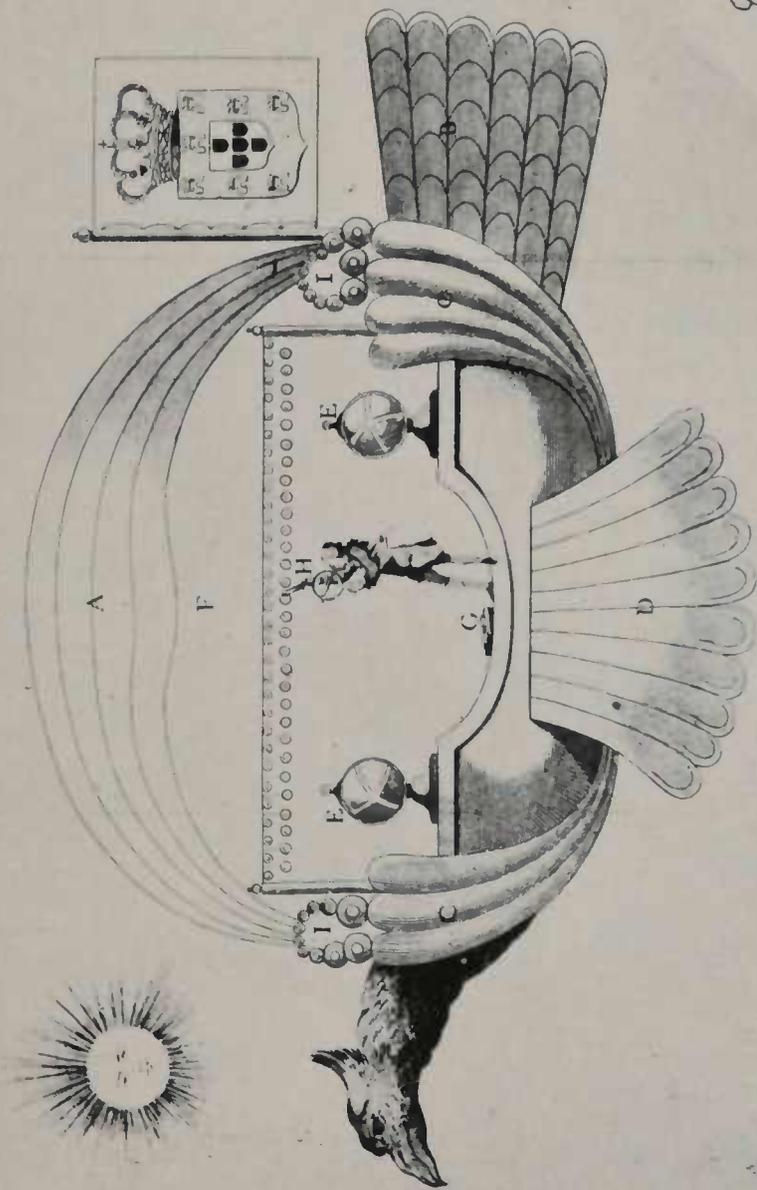
Estampa publicada pelo "Evening Post", de Londres, no numero de 20 de dezembro de 1709.

FIGURE DE LA BARQUE INVENTÉE EN 1709.

Par Barthélemy Laurent de Cousman Chapelain du Roi à Lisbonne

Pour s'Elever et Chemer à travers les Aïres

Echelle de 5. pieds.

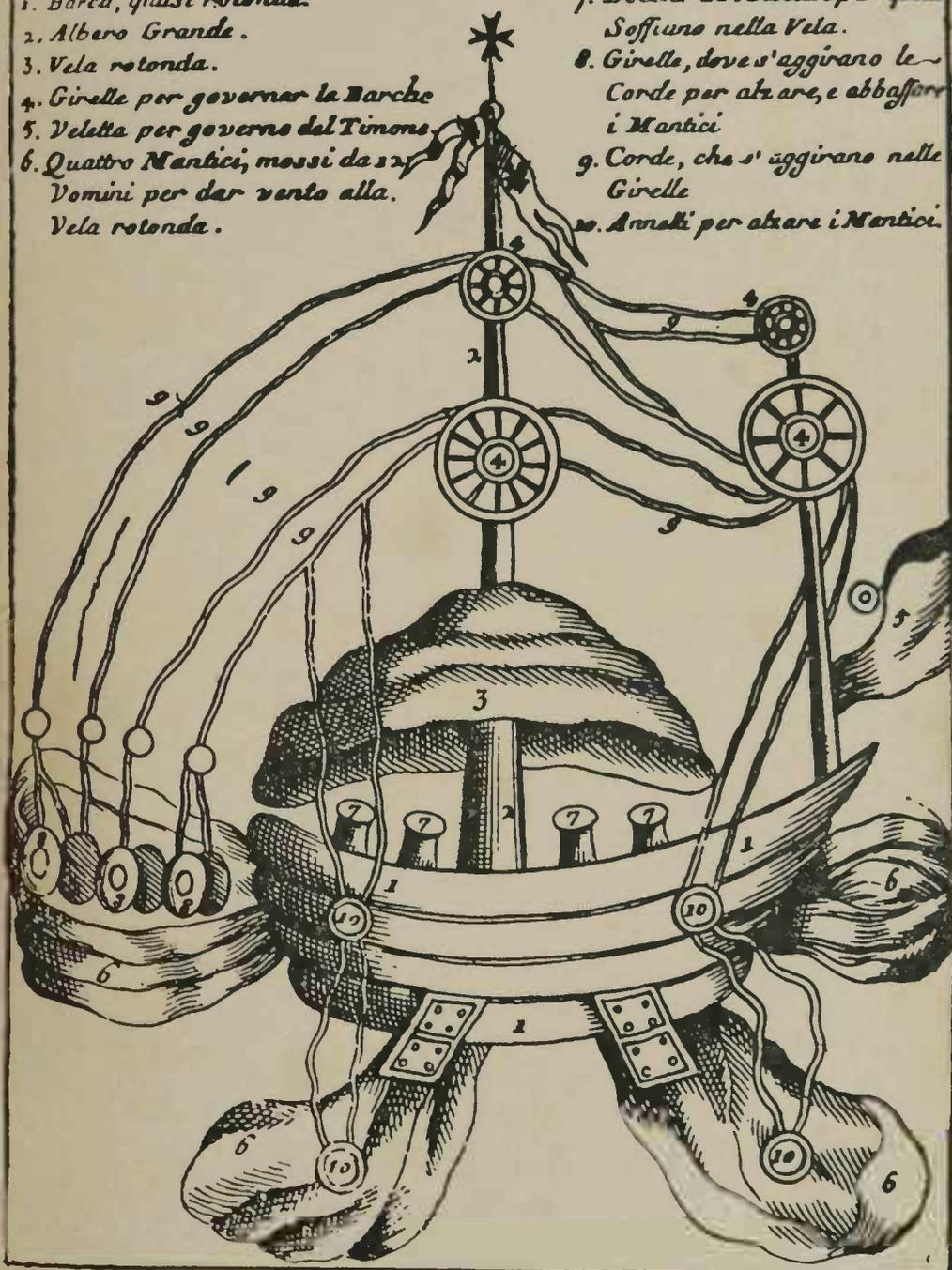


—
Coings

Estampa provavelmente publicada depois de 1783 e incorporada à
Bibliotheca Nacional de Paris em 1792

BARCA, CHE NAVIGA PER L'ARIA SEICENTO MIGLIA PER GIORNO,
inventata L'Anno presente in Portogallo per trasportar ogni Merce.

- | | |
|--|--|
| <p>1. Barca, quasi rotonda.
2. Albero Grande.
3. Vela rotonda.
4. Girelle per governar la Barca
5. Velella per governo del Timone.
6. Quattro Mantici, mossi da 12
Uomini per dar vento alla
Vela rotonda.</p> | <p>7. Bocche de' Mantici per quali
Soffiano nella Vela.
8. Girelle, dove s'aggirano le
Corde per alzare, e abbassare
i Mantici
9. Corde, che s'aggirano nelle
Girelle
10. Anelli per alzare i Mantici.</p> |
|--|--|

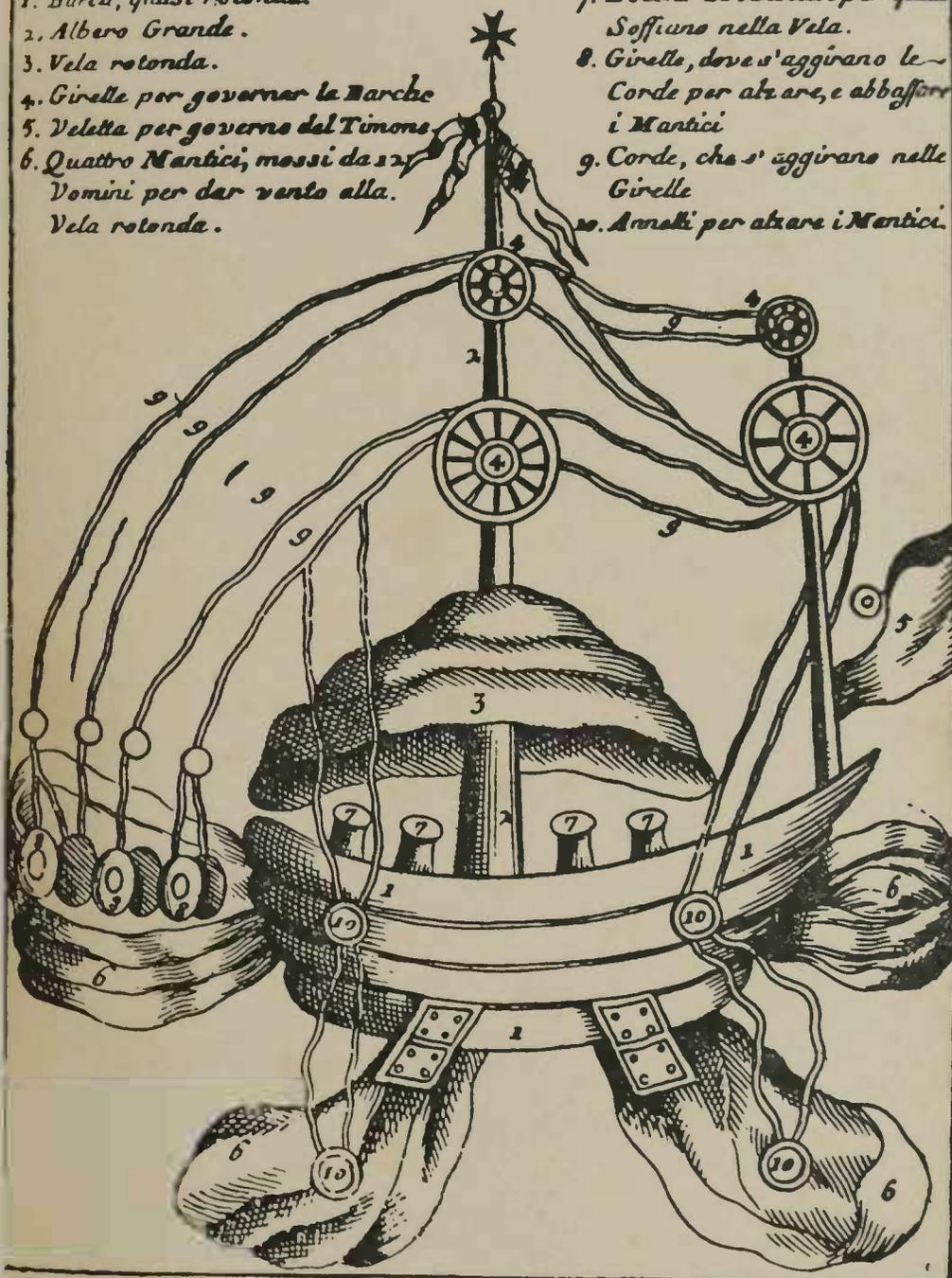


Estampa anonyma italiana de 1709, procurando dar uma idéia do que
então se contava do invento de Gusmão

BARCA, CHE NAVIGA PER L'ARIA SEICENTO MIGLIA PER GIORNO,
inventata L'Anno presente in Portogallo per trasportar ogni Merce.

1. Barca, quasi rotonda.
2. Albero Grande.
3. Vela rotonda.
4. Girelle per governar la Barca.
5. Velella per governo del Timone.
6. Quattro Mantici, mossi da 122
Uomini per dar vento alla
Vela rotonda.

7. Bocche de' Mantici per quali
Soffiano nella Vela.
8. Girelle, dove s'aggirano le
Corde per alzare, e abbassare
i Mantici.
9. Corde, che s'aggirano nelle
Girelle.
10. Armetti per alzare i Mantici.



Estampa anonyma italiana de 1709, procurando dar uma idéia do que
então se contava do invento de Gusmão

A segunda: “*Imagem da arte de voar por meio da qual se voa em 24 horas 200 milhas*” etc. Uma ficha bibliographica traz “impresso segundo o original, 1709, 4.º, 2 fl. com uma estampa na primeira folha, verso”.

O terceiro avulso analysado pelo Conde é a *Noticia relativa á feliz aportada do navio voador que, em 21 de junho, veio de Portugal a Vienna com o seu inventor, novamente reproduzido do exemplar já impresso remettido á Feira de Naumburg.* — 1709 — 4.º, 2 fl.

Nachricht/von dem/Fliegenden/Schiffe/so aus/Portugal/Den 24 junii in Wien mit seinem/Erfinder/glücklich ankommen/Non neuem nach dem albereit gedeckten Exemplar in die Naumburger Mess gesandt Anno 1709.

Nesta brochurasinha se encontra a phantastica descripção da viagem aerea do inventor brasileiro, de Lisboa a Vienna. Com espirito ahi se relatam as peripecias da jornada; como teve o *Voador* de soffrer o assalto de aves monstruosas, como a presença de sua engenhoca aterrorisou os habitantes da Lua e afinal como acabou o balão tristemente enganchado no campanario da Igreja de Santo Estevam, em Vienna.

“Soubemos logo depois, escreve em nota final o gaiatão do autor, que o dito navegante aereo fôra encarcerado como mestre em feitiçarias e bem mereceria ser queimado, como aliás o seu Pesago (sic), tambem, para que se aniquile uma arte que, quando divulgada, poderá causar ao Mundo grandes inquietações”.

Desta viagem phantastica deu o Sr. Marquez de Faria uma traducção franceza, em um de seus valiosos volumes, traducção que aqui vertemos para o nosso vernaculo.

Mais esperto do que o respeitavel senhor João Baptista Schönwetter, digno livreiro official da Imperial Universidade Romana de Vienna, fora o typographo anonymo que, aproveitando-se da curiosidade nascida da publicação do

seu collega, lançara immediatamente a tal *Abbildung eines sonderbahren Luft Schiffes*.

Bem sabia o impressor astuto quanto as preferencias do publico se voltam, mil vezes mais, para as coisas da imaginação do que para as da realidade, fria e seccamente historica.

Dahi o apparecimento, nas montras das livrarias germanicas, deste opusculo hoje da mais extrema raridade.

Assim ao passo que Schönwettern se referia á jornada de um méro correio (o tal portuguez *Francesco Gualzetti*, que pelo nome se não perdesse) muito mais intelligentemente attribuia o anonymo, autor feirante, importancia incomparavelmente maior á sua relação de viagem, desde que o protagonista do raid aereo fôra o proprio inventor da *Passarola*.

Deste opusculo fez-se reedição fac-similar, declara Paulo Picca, que do livreiro antiquario E. Mayer, da livraria Loescher, teve noticia do, para nós, importantissimo documento. A pedido do articulista de que estamos falando, adquiriu um exemplar desta tiragem a Bibliotheca Nacional de Roma, Vittorio Emmanuele.

E' muito curiosa tal mystificação, anonyma e gaiata.

“Hontem pela manhã e pelas nove horas passou a nossa cidade por grande alarme e perturbação.

Formigavam de gente todas as ruas e os cidadãos que não estavam nas vias publicas achavam-se ás janelas a perguntar de que se tratava, sem que ninguem podesse dar explicação dos acontecimentos. Corria a multidão daqui para acolá a gritar: diziam uns que era o fim do mundo, falavam outros na imminencia de grande terremoto e outros ainda affirmavam que das portas de Vienna se avizinhava poderoso exercito de Turcos.

Finalmente descobriram todos, no firmamento, uma massa indescritivel de aves grandes e pequenas que, quanto era possivel, então, ajuizar-se, voavam em torno de outro passaro muito volumoso.

Mas afinal quando esta turba, em revoada, começou a baixar e approximar-se do solo poudese ver que o tal objecto, a principio tido como passarão não era outra coisa senão uma machina em forma de navio, com uma grande vela desferrada ao vento. Tripulava o apparelho um homem, vestido de frade, que assignalou a presença por meio de varios tiros de espingarda.

Graças ás repetidas voltas que deu perceberam todos que sua intenção era descer a uma das praças desta cidade. Imprevista lufada não só o impediu de realizar tal projecto como o atirou sobre o alto da torre de Santo Estevam, a que se prendeu a vela, e de onde ficou a machina suspensa.

Causou este factó novos clamores entre o povo que se precipitou em direcção á praça de Santo Estevam. E, com tanta violencia, que dahi succedeu se encontrarem vinte homens esmagados.

Mas ao homem, que ficara suspenso no ar, só podia valer o soccorro dos olhos embora fizesse signaes de pedido de salvação. Eram, porém, as mãos curtas demais para lhe poderem levar qualquer auxilio.

Depois de durante um par de horas haver contemplado, a seus pés, a população da cidade e visto que não lhe poderia vir nenhum auxilio alheio, impacientou-se, tomou um martelo e outras ferramentas de demolição e poz-se a trabalhar de tal modo que a parte superior do zimbório, que o retivera, desabou e assim elle poudo retomar o vôo. Após diversas evoluções conseguiu, com grande habilidade, conduzir á sua nave a pousar no solo da praça, em frente ao Castello Imperial.

Mandou-se então uma companhia de soldados de nossa guarnição para resguardar o recém-chegado. De outro modo seria suffocado pela multidão em frenesi.

Depois que o levaram ao Hotel da Aguia Negra, onde se deteve algumas horas a descançar, mostrou as cartas que trazia. E ao embaixador portuguez, e a muitos outros fidalgos que o visitaram, relatou haver partido na vespera, ás

seis da manhã, de Lisboa, com a machina aerea de sua invenção.

Precisara manter grande luta contra aguias, abutres, aves do paraiso e outros volateis desconhecidos na terra. Continuamente precisara rebater-lhes o assalto. Não fossem as duas machadinhas e as quatro espingardas, de que se armara, teria succumbido. Quando passara por sobre a lua dera signal de si e, apenas fôra divisado pelos habitantes do astro, surgira dahi grande tumulto. Como houvesse voado muito baixo tudo poudera distinguir; a tanto lhe permittira a velocidade que levava. Assim vira, á superficie do satellite, muitos valles, rios, mares e seres viventes.

Estes mostravam duas mãos, como nós outros, mas não tinham pés e por isto, rastejavam como serpentes. Traziam todos, ás costas, uma especie de capa, sob a qual podiam abrigar-se, tornando-se invisiveis.

E como, a vista disto, não precisavam de habitações elle, o aviador, não vira á superficie da lua vestigio algum de casa ou castello. Ficara-lhe a convicção de facilmente ser atacavel e conquistavel o mundo lunar por meio de uns quarenta ou cincoenta naus aereas como a sua, tripoladas cada uma por quatro ou cinco homens armados.

Com o tempo era possivel que Sua Magestade o Rei de Portugal não abrisse mão de tal conquista.”

Terminando o seu mystiforío, dizia o autor anonymo da tal *Nachricht*:

“Tudo o que eu vier a saber de novo, deste novo The-seu, hei de o divulgar pelo correio. A machina ainda está nesta cidade.”

Não conseguiu o Conde de Klinckowstroem descobrir a primeira edição do folhétinho da feira de Naumburg. Mas revela-nos “mais dois outros impressos, tambem de quatro folhas, que servem de introduccção a igual texto”.

São duas edições da mesma moxinifada “bastante satyrica”. Pertence uma á bibliotheca municipal de Hamburgo e a outra á bibliotheca da Universidade de Iena.

“Se o leitor quizer acceitar estas coisas como verdade ou como mentira, para tanto tem plena liberdade”, observa o desconhecido editor.

No exemplar de Iena occorrem erros typographicos que o de Hamburgo não insere. Em compensação traz o primeiro uma vinheta ausente do segundo.

Nessa estampa vê-se a legenda: *Latrare novit qui imitare nequit* (Sabe latir quem não sabe imitar) distico suggestivo em sua causticidade sceptica.

Attribue o Conde de Klinckowstroem esta satyra a um tal *Feldhaus*.

Um quarto opusculo enumera ainda, segunda edição da *Imagem da arte de voar por meio da qual se vóa em 24 horas 200 milhas*, etc. impresso segundo o original vienense de 1709. Data deste millesimo é em 4.º, consta de quatro folhas com uma gravura sobre madeira, no verso da primeira folha.

Além do texto do opusculo da primeira edição encerra o da satyra mas já ahi se corrige o nome do famoso cavallo alado apollineo.

Proseguindo em suas esplendidas pesquisas descobriu o Conde de Klinckowstroem uma série de preciosissimos informes relativos á divulgação européa das noticias das annunciadas experiencias de Gusmão.

Por ordem chronologica assim as enumera.

“Do anno de 1709, conhecemos:

— A *Europäische Fama*, especie de almanach das côrtes européas, ornado de numerosas estampas, impresso em Leipzig”.

A pags. 440-441 se encontra curta noticia sobre o projecto de Gusmão, que infelizmente o Conde bavaro não reproduziu.

— O *Evening Post* de Londres em seu numero 56, correspondente aos dias de 20 a 22 de dezembro de 1709.

Affirma o Sr. de Klinckowstroem que não conseguiu ver tal jornal, sabendo porém que nelle se reproduz a informação de Vienna.

— A *Dritten Fonction Neundte Depêche* de Friburgo, publicada por Joham Georg Wahrmond, em 1709, *in-8*, traz uma estampa figurando a *Passarola* segundo o modelo apocrypho do apparelho.

Insere esta obra um subtítulo muito ao sabor do tempo: “*O agente recém nomeado para o estrangeiro com diversas missivas curiosas, cartas, memorias, mensagens, correspondencias e commissões segundo exige a politica dos Estados modernos e o mundo scientifico*” (sic)!

Tres paginas deste tomo (de 815 a 818) estão tomadas por uma referencia do correspondente viennense aos projectos de Gusmão.

Depois de um exordio em que o *Wienerische Diarium* é citado e em que occorrem largas considerações sobre o facto em geral segue-se a transcripção da petição de Bartholomeu Lourenço, assim como uma explicação da estampa.

Infelizmente tambem não se deteve o Conde de Klinckowstroem em analysar as taes “considerações largas”.

— Em Hamburgo, e em 1710, publicou Thomaz Rose o tomo primeiro de sua *Neue der heutigen Welt* (Novidades do mundo actual), correspondente ao anno de 1709, volume *in-4.º*, contendo numerosissimas estampas.

No rosto do tal almanach se affirma que elle encerra:

“As mais selectas novidades, publicadas no citado anno, commentadas com observações philosophicas, geographicas, historicas e genealogicas e igualmente ornadas com diversas estampas correspondentes tendo no fim de cada folha referencias a livros novos, além de um registo completo”.

A’ pag. 263 lê-se uma menção de certa noticia viennense, sobremodo significativa:

“Vienna — Deseja-se saber com que exito o Pater Bartholomeu Laurentius, sacerdote brasileiro, realizou a sua experiencia de vôo em Lisboa, no dia de S. João, onomastico de Sua Magestade o rei de Portugal”.

Nada mais se refere ao nosso *Voador*, encerrando o artigo longa dissertação de character historico, sobre Athanasio Kircher, o sabio jesuita seiscentista, tão famoso pela extensão do saber, inventor da lanterna magica e do pantographo, Simão Stevinus, o inventor do carro a vela, Lana, o phantasista dos balões-hemispherios de Magdeburgo, Lohmeier e outros.

— O *Privilegirte Hallische Zeitungen*, em seu numero 69, de 13 de junho de 1709, á pagina 276, publicou, ou antes, reproduziu a noticia do *Wienerische Diarium*, como informação de Vienna, datada de 5 de junho e endereçada ao jornal da cidade saxonica:

Afinal ainda é do anno de 1709 mais um documento que o Conde de Klinckowstroem assim reporta:

— *Wienerische Diarium*, a que se subordina este titulo explicativo: “Contendo tudo quanto de notavel acontece, diariamente nesta imperial cidade de Vienna, assim como tambem todo o noticiario da actualidade que a ella chega, com um supplemento em cada edição”.

Editava-se este *Diario viennense*, em casa de Johann Baptist Schönwetter que proclamava fruir do “gracioso privilegio de Sua Magestade Imperial. Encontrava-se á venda em Rothen Ygal, 1709, 4.º.

Infelizmente, recorda o Conde de Klinckowstroem, ao n. 609, onde exactamente, á pag. 2.^a, veio a noticia do invento de Gusmão falta o tal supplemento. E só se conhece de tal jornaleco que era *in-4.º* e correspondia aos dias de 1 a 4 de junho de 1709, o exemplar truncado da Bibliotheca Nacional austriaca.

Assim, graças ás memoraveis pesquisas do Conde de Klinckowstroem, sabemos agora que nada menos de dez

assignalamentos das experiencias de Bartholomeu de Gusmão ocorreram, exactamente contemporaneos dos ensaios do Voador nove no Imperio Allemão e um na Inglaterra.

Em sua bibliographia denunciara o Conde de Klinckowstroem a existencia de um documento inglez de 1709 comprobatorio dos ecos das experiencias da *Passarola*.

Trata-se de um numero do *Evening Post*, de Londres. E' o que corresponde aos dias 20-22 de dezembro daquelle anno.

Recorremos aos prestimos gentilissimos do eminente erudito Dr. Stephen Gaselee, bibliothecario do Foreign Office e tivemos a felicidade de comprovar mais uma vez o que é o serviçalismo, a attenciosidade desse illustre director de um dos maiores acervos do Universo.

Remetteu-nos o Sr. Dr. Gaselee duas copias phototaticas do documento: o cabeçalho do jornal e a reproducção de uma estampa cuja cota no Museu Britannico é E 2089 (29) P 12923.

Traz o numero do *Evening Post* os seguintes titulos, traducção literal, aliás, das promessas maravilhosas, acenadas pelo memorial de Gusmão.

The description of a flying ship, lately invented, in which one may travel two hundred miles in twenty four hours, carry orders to Generals in remote countries, as also letters, recruits, provisions, ammunition and money, supply besieged places with all necessaries, and transport merchandise through the air.

Não ousou porém o articulista britannico assumir a paternidade do caso extraordinario que aos povos divulgara. Com toda a lealdade declarou que se limitava a reproduzir certa noticia.

“As it to be seen by the following copy of the original address presented to the King of Portugal”

Terminando dizia a epigraphe, toda ella em caixa alta e com linhas em negrito: *Invented by a priest in Brasil, according to a copy printed at Vienna, 1709.*

A isto se seguia: “*A copy of an address made to his Portuguese Majesty in the Portuguese tongue*, onde seria mais exacto escrever *a translation* em vez das duas palavras iniciaes.

Uma bella e grande letra capitular abre a petição de *Father Bartholomew Laurent* a que acompanha o excellente cliché da *The figure of the Flying Ship*. E' exactamente a mesma figura da estampa viennense, acompanhada da fiel descripção do opusculo austriaco em todos os seus itens, com as mesmissimas letras.

Pittoresco vem a ser, porém, que o articulista inglez designe as duas esferas, que se inculcavam recobrir os famosos magnetes ascensores da engenhoca: os globos ce-leste e terrestre.

Curioso, tambem, que o inventor seja designado pelas palavras *the artist*.

E, realmente, nas condições em que se apresentava ao publico, leitor do *The Evening Post*, o pseudo aparelho de Gusmão ao *Voador* bem mais apropriada a designação de artista do que a de inventor.

Assim, como vemos, notavelmente se espalhou pela Europa, no anno de 1709, o annuncio das experiencias de Gusmão. Quasi inexplicavel vem a ser que nenhum echo de seus ensaios haja transposto as fronteiras de Portugal!

Se dentro do proprio Portugal tão esquecidos haviam ficado, por incomprehendidos!

CAPITULO XVI

Ainda as pesquisas bibliographicas do Conde de Klinckowstroem. A contribuição italiana. O poema de Pier Jacopo Martello.

Proseguindo a notabilissima pesquisa de prehistoria aerostatica, se assim é possível designal-a, muito interessante se apresenta o duodecimo item do Conde de Klinckowstroem. Refere-se á obra de J. G. Zeidler intitulada: *Peregrino Voador ou Investigação philosophica sobre a Arte de voar*, publicada em Halle e em 1710, pags. 40m 8.º. Nella apparece tambem uma gravura sobre madeira reproduzindo a *Passarola* mas de accordo com a edição viennense.

Certo Johann Gabriel Illing, burguez da cidade de Halle e serralheiro de officio, proclamara a praticabilidade de uma outra *Passarola* nascida do seu bestunto.

Numa aguia de madeira conseguira installar um mecanismo dotado de movimento perpetuo (sic). Esta aguia, aliás toda empennada, estava em condições de arrebatarse aos ares um homem. Para a aligeirar o mais possível era feita de tilia, madeira levissima. Pensa o conde bavaro que as fontes de Zeidler devem ter sido, além do opusculo viennense, o *Privilegirten Hallische Zeitungen*, de que já falamos.

Era o nosso serralheiro mettido a humanista, ou alguem por elle.

No seu texto refere-se á *Viagem Satyrica* de Luciano de Samosate que Rollenhagen divulgara nos paizes germanicos com as demais obras do genial autor dos *Dialogos*.

Cita também, como seu predecessor, o engraçado, mas prolixo, João Jacob Christovam von Grimmelshausen que os allemães consideram como o fundador do seu romance nacional, com a publicação de 1669 do *Aventureiro Simplicius Simplicissimus*.

Foi Grimmelshausen o autor de um desses numerosos romances de viagens pelos ares como *Cyrano de Bergerac*, na literatura franceza ou, nas letras inglezas, Francis Godwin bispo de Hereford cujo *The man in the Moon* (Londres, 1638) foi traduzido para o francez em 1647. Deste livreco bastante se occupou Edgard Poe numa nota explicativa de sua famosa *Extranha aventura de certo Hans Pfall*. Geralmente não occorre esta nota nas edições não-inglezas do autor das *Novellas extraordinarias*, mesmo na de seu genial traductor Ch. Baudelaire. Vertemol-a para a edição da Companhia Melhoramentos de S. Paulo (1926).

Parece aliás ter Poe ignorado que o original do *L'homme dans la lune*, que aliás muito apreciava, fosse de Godwin parecendo-lhe não passar de impostura literaria de positiva procedencia franceza.

Tratando do invento do engenhoso serralheiro Illing mostra-se o nosso J. G. Zeidler de uma ingenuidade simplesmente inenarravel.

Para por a sua aeronave em estado de alçar o vôo precisava o inventor de algum dinheiro. Bastavam-lhe doze thalers, insignificante quantia, menos de quarenta e cinco libras francezas daquelle tempo, a *livre tournois*, inferior de muito pouco ao franco introduzido pelo systema metrico decimal! Parece-nos que deve ahi haver qualquer "qui-pro-quo", ou encerra esta enunciação uma perfidia contra o mestre serralheiro.

Do motor de Illing nada refere o nosso Zeidler. *Et pour cause*. o segredo profissional, o interesse essencial do inventor levava-o a fechar-se em fundo mysterio em relação ao seu *Perpetuum mobile*. E elle não queria desvendar segredos de que aliás não podia ter a menor noção...

Desforrou-se do mutismo, porém, desferindo umas poucas de piadas satyricas contra o nosso *Voador*. Infelizmente não as transcreve o Conde de Klinckowstroem quando tamanho interesse nos poderiam offerecer.

Ao terminar o seu volume discorre o autor do *Peregrino voador* sobre os inventos de Lana, Pasch, Lohmeier, Caramuel e outros fantasistas ousando, pygmeu que enfrentava gigantes! criticar as idéas de uma das maiores cerebrações de todos os tempos: Leibnitz!

Afastando-se dos mananciaes germanicos passou o Conde de Klinckowstroem a pesquisar nos acervos italianos.

Assim o numero onze dos seus itens biographicos cabe aos *Versi e prose* de Pier Jacopo Martello, editados em Roma em 1710 (in-8 fl. 16, pag. 324 com onze estampas). Desta obra rarissima, largamente tratou Paulo Picca na *Nuova Antologia* a que traduziu o Marquez de Faria.

Recorda o articulista o poema *Gli occhi di Gesù* e lembra que Martello foi um vate em seu tempo, illustre na península da bota e na historia das letras italianas. E as coisas da navegação aerea muito o preoccuparam.

Em 1707 e á semelhança de Campanella affirmou que, no Reino da Lua, a arte acronautica chegara a alto grau de aperfeiçoamento. Para a terra igual vantagem predisse:

*que secolì tardi, in cui vedrassè
correr l'aria, quant'ora il mar se corre*

Em 1710, diz-nos Paulo Picca, ao publicar o seu *Versi e prose*, inseria “un vero e proprio trattato di aeronautica, sotto il titolo *Del volo*, nel quale appunto trovasi ricordato ed, in certo modo, documentato l'esperimento esequito a Lisboa nel 1709, cioè l'anno precedente alla pubblicazione delle opera suddette”.

A Pier Jacopo Martello, bolonhez (1665-1727) se prende a reminiscencia da aliás mal aceita tentativa de acclimação, na Italia, do alexandrino francez rimado aos pares: os versos *martelliani*.

Pouco antes de morrer, em 1723, e em Bologna, imprimiu Martello o seu *Seguito del Teatro Italiano*. Nelle reaparece o seu *Del volo* (II, pag. 371-449) em que depois de descrever a machina de Lana traduz o *in-plano* da petição de Gusmão de 1709.

Na edição posthuma dos *Versi e prose* (Bolonha 1729) publicado pouco depois de seu desaparecimento ocorre o poema "*Degli occhi di Gesù*".

Depois de lembrar que Gastão Tissandier, alheio ao sentimento de chauvinismo declarara ter ocorrido, em 1709, e em Lisboa, memoravel experiencia aeronautica escreve Paulo Picca:

"Que realmente a fama de tal experiencia haja ultrapassado as lindes portuguezas e se tenha divulgado em toda a Europa resulta evidentissimo tanto de noticias manuscriptas como de publicações impressas, mais ou menos contemporaneas, que citam não só factos e documentos como se reportam a desenhos da machina de Gusmão. Assim taes circumstancias não representam apenas uma *légende tenace* como Lecornu a classificou, leviaamente demais.

Constituem taes factos realmente, um acontecimento precursor do invento dos Montgolfier".

Na obra de Martello onde se inclue verdadeiro tratado de aeronautica, sob o titulo *Del volo*, recorda-se, e até certo ponto documenta-se, a experiencia de Gusmão no anno anterior.

"A noticia do facto, escreve Martello, a pagina 224, chegou a Roma por intermedio de um folheto allemão, a que traduziu o Padre João Carlos de Stadel.

No frontespicio de tal opusculo lia-se:

"Imagem da arte de voar, em virtude da qual é possível vencerem-se em vinte e quatro horas mil e duzentas milhas, transmittir a exercitos em regiões longinquas car-

tas, gente e dinheiro, elementos bellicos etc. (Fazia-se anti o resumo das allegações de Bartholomeu Lourenço) inventada por certo religioso do Brasil e da qual se fará publica prova a 24 de julho de 1709”.

Tal folicula imprimira-a João Baptista Schönwetterm “impressor cesario aulico e da Universidade, sob a insignia do ouriço vermelho”.

No tal opusculo figuravam a estampa representando a aeronave de Gusmão, com a respectiva nomenclatura e explicação. E reproduziam-se o memorial do inventor e o despacho regio.

Mas o que grande importancia empresta, ou antes, muito maior importancia dá á obra de Pier Jacopo Martello é a estampa que figura em uma de suas paginas.

Nella se vê por terra a *Passarola* esfrangalhada. Para ella aponta a rir, ás gargalhadas, Democrito, o philosopho sempiterno risonho e grazinador.

Não ha duvida possivel que não seja a tal caranguel-jola, espatifada no solo, o mesmo apparelho que vemos reproduzido no rosto da *Abbildung eines sonderbahren Luftt Schiffe* e no desenho a bico de penna, annexo ao manuscripto latino do *Fondo Bolognetti*.

E como a estampa se gravou em 1710 ficamos desde já senhores de valioso elemento julgador. Já no anno immediato ao das experiencias da pseudo *Passarola* havia quem, pela imprensa, emitisse juizo inteiramente sceptico a respeito da efficiencia do invento do *Voador*, tal qual o apresentavam correntemente pela Europa, naquella época.

Que taes estampas nada possam representar do invento de Gusmão proclamam-no *una voce* os depoentes das experiencias.

Globo, chama-lhe Francisco Leitão Ferreira, *Globo de papel grosso* pormenoriza Salvador Antonio Ferreira, *Corpo espherico de pouco peso*, relata o Nuncio ao Cardeal Secretario de Estado.

Ligeiramente discordante diz o anonymo hostile da *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço*: “barcaça pequena do feitio de uma gamela”.

Onde pois, dahi, tentar-se estabelecer a identidade do aparelho de Gusmão com aquellas enormes almanjarras figurantes no ópusculo viennense, no manuscrito vaticano e na obra de Pier Jacopo Martello? que tudo podem ser menos esphericas, menos *globos*?

Foi no emtanto a carangueijola que logrou divulgar-se pelo mundo. E o seu aspecto teratologicamente mecanico e aeronautico a causa da invalidação dos creditos primarias de Bartholomeu Lourenço, hoje, tão penosamente reconquistados pelo esforço de uma legião de abnegados trabalhadores, sequiosos de justiça.

Na curiosissima obra occorre pois uma gravura onde se vêem duas Passarolas de Gusmão uma já por terra esbarrodada, e outra a despencar sobre o solo, della se tendo desprendido uma especie de homem alado, ou novo Icaro, que cahe de cabeça para baixo. embora tenha as azas abertas..

O interessante é que apesar do aparelho estar representado quasi verticalmente invertido o observador que figura na famosa estampa apocrypha do invento de Gusmão mantem-se rigido como se tivesse os pés pregados no taboado de sua machina sinistrada.

O que della interessa ao nosso caso, diz-nos o fidalgo bavaro, é a dissertação extremamente interessante intitulada *Del volo* (da pag. 136 a pag. 233). Mostra-se Martello largamente documentado sobre o problema do vôo, segundo as idéas do seu tempo, argumenta com clareza, fala particularmente de Caramuel, do padre Lana e Borelli. E a pag. 223 cita o nome de Gusmão, a quem dá apenas os nomes de Bartholomeu Lourenço. Nota o Conde, com todo o acerto, que não poderia fazel-o de outro modo pois que, nessa época, ainda não usava o Voador o patronymico do protector.



Estampa que ocorre nos *Versi e prose* de Pier Jacopo Martello (Roma 1710) no rosto do *Tratato del volo* ali incluso. — Democrito, o philosopho, a granizar dos fracassos do vôo da Passarola de Gusmão.



Estampa do poema de Pier Jacopo Martello
"Degli occhi di Gesù".

Abbate Gio: Carlo de Stadel ha trasportato dal Tedesco nativo in nostro Idioma, e mi saprà poi dire, se aveva io ragion d'interompere per mezz'ora i silenzi delle sue Sante Ritiratezze. Signore (Ei rispose) si come al P. Antonio felice di dolce, e cara memoria, son io succeduto nella di lei confidenza, così lasciamo primieramente fra noi questo V. R. questo V. S. questo Lei, e ricordiamoci che non parliamo ne con V. R. ne con V. S. ma fra Noi, e così mi metto da me stesso in possesso di quella familiarità, che fra noi dee per buona legge osservarsi. Siedetevi dunque qui in faccia a quelle bell'ombre dell'opposta Villa, che è la magnifica Lodovisi. Si detto diedesi alla Lettura del seguente foglio.

I M M A G I N E

dell'Arte di volare, mercè della quale nello spazio di ventiquattr'ore può chiunque far miglia ducento di viaggio, e trasmettere ad eserciti in lontani Paesi Lettere, genti, e rimedj di danaro, di vita, e di guerra, e provvedere delle cose necessarie Città assediate, e trasportare mercatanzie, e robbe vendibili, per aria. Come si potrà vedere dall'annessa copia di un Memoriale presentato a sua Maestà il Rè di Portogallo; inventata da un certo Religioso del Brasile, e della quale si farà dal medesimo la prova e l'esperimento li 24. Giugno 1709.

I N V I E N N A

Appresso Gio: Battista Schomoetter Stampatore Cesareo Aulico, e dell'Università, all'insegna del Riccio rosso. Questo si è il Frontespicio che, a misurarlo, è la quarta parte dell'Opera, nella quale l'Autore promette molto.

Trecho da obra de Pier Jacopo Martello Versi e Prose (Roma, F. Gonzaga, 1710) no tratado Del Volo, em que se relata o invento de Gusmão.

to. Ma mi assicurate Voi, che questa non sia un'Impostura di cotai venditori di storie, che per attrappare gli altrui danari a forza di carte stampate, vendono Mostri, ed Avvenimenti, che ne pur essi si son mai sognati? Ho ben io veduto di peggio. In un Mercurio galante stampato in Parigi alcuni anni fa, lessi l'esperimento fatto d'una Carrozza lavorata con tale artificio, che strascinata in qualsivoglia balzo, o dirupo, non si potea per ineguaglianza di piani mai roversciare; e quando io mi credea, che l'Artefice dovesse acquistar fama, e tesori per tutta la Terra, ecco morir la cosa nel suo stesso nascere, ed avverarsi qual frottola di un bell'Umor volonteroso di ridersi dell'altrui sciocca credulità. A questo io risposi: Padre mio, in tali materie così importanti, e così rare bisogna far caso di quanto s'ascolta, e si vede, che che siasi della vostra ideale Carrozza. Il Librajo, che si nomina nell'impressione non è Uomo, che venda storie, ne frottole. La Corte, alla quale è indirizzato il Memoriale, è delle riguardevoli dell'Europa: Vi s'inferisce, come vedete, la Figura, e l'uso di questa volante Macchina; di modo che, se ancora con tutto questo, contiene il foglio una mera, e sfacciata impostura, non potrem noi esser tacciati di troppo corrivi a difamarlo, e però seguitate pure, e vedrete ad una ad una le parti costitutive del nostro Ordigno. Leggetele prima tutte seguitamente.

DICHIARAZIONE DELLA FIGURA

A. propone la vela, con la quale si ha da romper l'aria, che si volterà a quella parte, alla quale sarà indirizzata. B. mostra l'artificio di una tal qual cino-
sura

• P

sura per muover la nave, acciòche non si muova a caso, ma secondo la volontà dell'Artefice. C. Questo è il corpo della Nave formato a guisa di conchiglia, e nella di cui cavità vi è uno spiraglio lavorato con certi mantici aggiunti, che dourà supplire al bisogno in mancanza di vento. D. Sono due ale, che a nulla altro servono, che a conservare la Nave in maniera, che non declini a qualche parte, e senza di quelle non si può reggere in alcun modo. E. sono due Globi, come terracquei, che contengono in sè misterio. Sono fatti di metallo, e servono a difendere la Calamita, che si conserva ne loro pedestalli, acciocchè non rimanga distrutta, e questa deve a sè tirare la Nave, il cui corpo è fatto di ferri sottili, munito di certe materie ripartitamente disposte a comodità di quegli Uomini, che in numero di dieci, o di undici, oltre l'Artefice, potrà trasportare. F. Mostra il coperto fatto di ferri sottili formato a guisa di rete, a cui fili di ferro si applicherà quantità molta di Ambre grosse, che con la loro gran virtù ajuteranno la Nave a sostenersi nell'Aria, e ciò pel valore de raggi solari, mercè de quali la sopradetta Ambra attraerà le accennate materie. G. Mostra l'Artefice, che col globo della Terra, con la carta del Mare, e col Canocchiale, e Compasso osserva l'altezza del Sole, onde s'intenda il punto Mensorio del Globo della Terra nel quale Egli si ritrova. H. Mostra la Calamita: imperocchè senza di essa male s'intraprenderà il viaggio, mentre mancando la Calamita, niuna strada si potrà più ritrovare. I. Mostra le Ruote, e le Corde per stringere, & allargare la vela secondo il bisogno.

Co-

Copia del Memoriale presentato in lingua Portoghese alla Maestà de Rè di Portogallo da un Religioso del Brasile .

IL Padre Bartolomeo Laurenzio dice di aver trovato un certo Ordigno, in virtù del quale chiunque può andare più velocemente per aria di quello altri possa andare per acqua, o per terra, dimodochè, spesse volte si possano fare ducento miglia nello spazio di ventiquattr'ore, e si possano mandare ad i serciti molto lontani gli ordini destinati, le risoluzioni, e le Conclusioni de Consigli di Guerra quasi nello stesso tempo, che si è impiegato a risolvere nel Gabinetto, lo che sarà tanto più grato alla Maestà Vostra, quanto che i di lei Regni sono l'uno dall'altro molto separati, e lontani, e senza il Consiglio Regio non si possono, o mantenere, od accrescere. I Mercanti potranno più comodamente di là ricever le merci, e mandar colà lettere di qualsivisa sorta. Nella stessa maniera le Città assediatae saranno provvedute del bisognevole, e si potrà mandar ad esse ogni soccorso, e le cose necessarie al Popolo, ed alla vita, come anche qualunque Attrazzo militare, anzi dalle stesse Città assediatae si potrà estrarre quello, che si vorrà, senza che l'Inimico possa impedirlo. I Portoghesi hanno scoperto i lembi delle Terre addiacenti agli ultimi circoli del Cielo; e gioverà alla maggior loro gloria il compiere un opera sì bella, viaggiando per que' Paesi incogniti, che tanti Popoli, e tante Nazioni hanno tentato scoprire, senza che ad essi mai sia riuscito. E sì come mancando la Tavola della Terra, si vedono tante dis-

As fontes de que se valeu Martello foram, exclusivamente, a tal *Imagem do extranho navio aereo* de Schönwetter, onde ocorre a primeira estampa da *Passarola*, a apocrypha, que logrou universal divulgação. Ao texto do tal avulso traduz.

Com o maior criterio se houve o illustre poeta, admirador do verso alexandrino, do verso *martelliano*, como diziam os seus contemporaneos. Declara duvidar formalmente da possibilidade do exito do empreendimento de Gusmão.

Infelizmente, não conhecemos ainda na integra o texto de Pier Jacopo Martello. O Borelli a que se refere Martello era João Affonso Borelli autor de *De motu animalium* onde, com muita sagacidade, expõe os seus modos de ver explicativos do vôo dos passaros e as conjecturas sobre a aviação, A sua conclusão é a mais sensata: "*Est impossibile, ut homines propriis viribus artificiose volare possint*"

Diz o verbete do catalogo 387, de Maggs Bros — Bibliotheca Aeronautica — cuja consulta nos foi facultada graças á grande gentileza do erudito amigo Dr. Claudio Ganns — que nessa edição ha uma estampa mostrando um aparelho aerostatico a navegar. Será uma *Passarola*? quer nos parecer que não, á vista daque descrevemos, da edição anterior.

Na figura a que acabamos de alludir ocorre uma particularidade muito interessante.

Ao tempo que Democrito grazina, sinistro, das *passarolas* de Gusmão, aponta, com o indicador esquerdo, ao alto, a enghoca de Lana, aliás submettida a tal guinada que parece imminente o seu despencamento, tambem.

Infelizmente não temos sob os olhos o texto de Martello a cuja estampa epigrapha: *Democritus ridet...*

A entrada em scena de Pier Jacopo Martello, no tocante á iconographia da *Passarola*, iria provocar, comtudo, a mais sensacional das revelações, um depoimento da mais alta relevancia para que se descobrisse nova versão tendente a demonstrar que a famosa estampa era, simples e unica-

mente, obra da mystificação, como veremos algumas paginas mais longe.

Entre 1710 e 1714 parece que nada se publicou sobre o invento da *Passarola*. Pelo menos nada poude encontrar o Conde de Klinckowstroem a tal respeito.

Deste ultimo millesimo data uma obra que o pertinaz defensor da prioridade de Gusmão, Balthazar Wilhelm, lembrou, attribuindo-lhe justa importancia.

E' este o *Museum Museorum* de Miguel Bernardo Valentini, nome italianizado de Michael Bernhardt Valentin pois este autor, medico e naturalista, era allemão, nascido em Giessen, em 1657, e ahi fallecido em 1726.

Esta obra teve a sua edição princeps em 1704 e traz o pittoresco sub-titulo:

Panorama completo de todos os elementos e especiarias das Indias Orientaes e sua descripção natural. Cartas sobre toda a sorte de plantas, arvores e pedras preciosas raras e tambem sobre outras raridades referentes ás Sciencias naturaes e á arte pharmaceutica.

Sabe Deus quanto ahi se apropriou o douto cathedra-tico da famosa universidade de Giessen dos textos do nosso singelo Garcia de Orta!

Mas não maliciemos muito, o tempo era o da pratica universal do molieresco: *je prends mon bien partout où je le trouve.*

Publicou Valentini, igualmente, um *Armentarium Naturae Systematicum* que o *Dictionnaire Universel du XIX. ème Siècle* diz ter sahido em Giessen, exactamente em 1709. Refere-se o Conde de Klinckowstroem a uma edição, em tres partes, de Frankfurt sobre o Meno, publicada de 1704 a 1714, e em que ha um annexo intitulado *Neu aufgerichteter Rust und Zeughauss der Natur* (Arsenal e Armaria da Natureza recém-fundados).

Trata-se de um infolio com dois rostos gravados sobre cobre, 95 laminas tambem de cobre e innumeradas estampas intercaladas ao texto".

De três volumes consta o tal *Arsenal e armaria*. Data de 1714 e o seu capítulo 18, conta-nos o Conde de Klinckowstroem, (a pags. 34 e 38) e trata da navegação aerea.

Depois de citar a noticia do *Hallische Zeitung* (n. 69 de 1709), copia o autor, quasi textualmente, as palavras do mystificador viennense, fonte inicial de todas estas informações, fazendo-as acompanhar da famigerada estampa gaiata.

No capítulo IX do tomo III do *Musaeum* refere Valentini que Gusmão pretendia offerecer o seu invento em espectáculo ao povo de Lisboa.

A copia da petição do Voador chegou a Vienna a 1.º de junho de 1709.

Sua divulgação rapida atribue-a Venturini ao facto da rainha de Portugal ser archiduqueza. Assim pensa tambem Moedebeck. O folheto, analysado por partidarios e adversarios, teve enorme repercussão. O correio seguinte trouxe o adiamento das experiencias, provocando o triumpho dos scepticos e a humilhação dos enthusiasts.

Voltemos porém a Valentini:

Refere depois uns topicos da edição de 10 de agosto de 1709, do *Nouvellen*, periodico que não sabemos quem imprimiu e onde se imprimiu.

Esta noticia é realmente interessantissima.

Com todo o afinco procurou o Conde de Klinckowstroem, no almanaque das mesmas *Nouvellen*, o *Extract der Nouvellen über das jahr 1709* publicado em Leipzig, no *Correio Geral Real e Eleitoral*, relativo a esse millessimo.

Igualmente infrutifera resultou a sua consulta ás collecções do *Leipziger Post und Ordinär Zeitung* e do *Ordinari und Extraordinari Friedens und Kriegs Courier*, de Nuremberg e ainda desse mesmo anno de 1709.

Vejamos, porém, qual a referencia a Gusmão e ao seu invento.

E' realmente interessante.

Relata-nos Valentini um caso absolutamente curioso.

A 5 e a 6 de agosto de 1709, os membros do Club de Tiro ao Alvo de Leigzig inauguraram, em seu *stand*, umas figuras destinadas a servir de alvo, simulando Gusmão e a sua aeronave!

Ao seu lado via-se segundo boneco vestido como um barqueiro do Elba.

O mais pittoresco é que ao brasileiro haviam representado a apontar para o seu invento, a que apregoava por meio de versos nascidos de bem pobre estro:

Se ha quem neste mundo das artes e do alto engenho
[*exista*

Cabe-me todo o direito a esta primazia.

Contemplem todos a minha nave que tal comprova
Para ella, de todos os lados, converge a Gloria!

Ao inventor porém rebatia o barqueiro irritado, a proferir verdadeiro chorrilho de necessidades:

— *O que de ti ouço são palavras insensatas!*
Tua pretensa Arte á Natureza contraria!
Prefiro embarcação que sobre as aguas se mova
E que já, desde muito, a todos presta serviços.

Depois de nos narrar este incidente curioso, deixa-se Valentini levar pelas reminiscencias de antigas leituras a que associa evocações contemporaneas.

Refere-se ás idcias dos antigos inventores de aerostatos e aos seus processos para a solução do problema aviatorio, merecendo-lhe Lana especial menção.

Copia-lhe o desenho da aeronave, segundo uma imagem de Sturm, e refere-se depois ás experiencias de vôo feitas por Besnier, Burattini e Hautsch.

No terceiro tomo da obra de Valentini, na “Acta Eru-
ditorum” (1714) encontram-se tambem, a paginas 378-379,
novas referencias a Lana e a Gusmão.

Infelizmente não copiou o Conde de Klinckowstroem,⁷
senão o principio desta citação: *Navis per aerem remi ve-*

lisque agenda, tumquam fama dubia a clerico quodam Brasiliensi inventam A. 1709 nunciaverit, tum a Francisco Tertio de Lanis excogitatam, etc.

Seria conveniente uma inspecção do “Armentarum Naturae Systhematicum” de Valentini que deve ser uma dessas miscellaneas pseudo scientificas do tempo, compendiadoras de “omni re scibili”, como tanto se praticava então.

E’ possivel que concorra, com alguma achega nova, para a bibliographia germanica de Gusmão.

Refere-se ainda o Conde bavaro, ao encerrar a sua lista, ás poesias do *Pinto Renascido*, e lembra que Balthazar Wilhelm a diversas traduziu e copiou para o seu trabalho.

E ao encerrar a preciosa monographia faz uma allegação realmente do maior peso para a defesa da these que sustenta: a inexistencia dos direitos de Gusmão á prioridade aerostatica.

Recorda que o primeiro biographo do “Voador”, Diogo Barbosa Machado, aliás seu grande elogiador, não consagra uma unica palavra ás experiencias do seu biographado acerca do qual escreveu detidamente, louvando-lhe o talento, o cultivo do espirito, o character.

E’ este argumento, com effeito, serio, mas pode ter provindo de um lapso de memoria do sabio e famoso Abade de Sever, patriarcha da bibliographia luzitana que, aliás, tambem não consagra uma unica palavra, siquer, ás outras invenções de Gusmão, apenas mencionando a ficha bibliographica da memoria sobre as bombas para esgotamento das naus.

Em que pode aliás esta lacuna do artigo biographico de Barbosa Machado, prevalecer perante a concordancia dos hoje numerosos depoimentos affirmadores, incontestes e irrefutaveis, de que o aerostato do santista se elevou aos ares?

Em 1909, publicou um conselheiro do Imperio Allemão, por nome Minor, interessante memoria fazendo a resenha do que existe na bibliographia germanica sobre viagens

aereas. Subordinou tal estudo ao titulo: *As viagens aereas na literatura allemã*.

A tal proposito coube-lhe falar do opusculo, ou antes, da folicula viennense de 1709 o já tanto citado numero 609 do *Wienerische Diarium*, — isto o levou a declarar que acreditava nos direitos de Gusmão.

Ao Conselheiro Minor contestou o Conde de Klinckowstroem, aliás com a habitual elevação de conceitos e palavras, num artigo de restrictas dimensões a que acompanham cinco preciosos “fac simile”, pela primeira vez então divulgados. Intitula-se o seu artigo: *Os avulsos sobre Gusmão, datados de 1709*. Teve o conde bavaro a gentileza de nolo offerecer tambem.

Com a maior minudencia estudou a sua these. Nos *Mitteilungen zur Geschichte der Midizin und Natur wissenschaften* (n. 39, de 1910, a pags. 509-510) procurou provar que a estampa do opusculo de Schönwettern não pode deixar de ser a mesma hoje ausente, do numero 609 do *Wienerische Diarium*, conservado na Bibliotheca Nacional de Vienna d’Austria.

Fez depois, em conferencia, a critica das obras panegyricas do Marquez, então Visconde, de Faria, de cujas idéas dissentiu aliás. E terminou lembrando que todas estas velhas cotas bibliographicas germanicas ás experiencias de Gusmão partem da mesma fonte: o tal numero 609, como aliás deixam-no perfeitamente claro as duas edições da *Imagem de um estranho navio aereo ou arte de voar*, a *Imagem da arte de voar* e ainda a *Noticia da feliz aportada do Navio Voador*, vendida na feira de Naumburg. Deste ultimo opusculo são conhecidas duas tiragens, a segunda e a terceira.

Constitue, no dizer espirituoso do fidalgo bavaro, verdadeira *munchauseniada* prematura.

Ao primeiro destes avulsos reproduziu o Marquez de Faria em sua *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão* (Lausanne, 1913, pag. 379). Referindo-se aos trabalhos do Conde de Klinckowstroem prometteu commental-os em proximo prazo. Não sabemos se o fez. Pensamos que não.

O perfil da *Passarola* que illustra o volumeco tambem o reestampou.

Traz simplesmente como legenda: *Perfil do Navio Voador*.

Não reproduziu o erudito portuguez a terceira estampa do Conde bavaro cujo rosto differe do da primeira tiragem do opusculo de Schönwettern. Traz os seguintes dizeres:

Imagem/ da recém-descoberta/ Arte de Voar/ Por intermedio da qual qualquer pessoa em 24 ho/ras pode voar 200 milhas/ e aos exercitos em guerra/ em terras distantes transmittir ordens/ remetter cartas, reforços, generos/ elementos bellicos e dinheiro/ permittindo soccorrer ás praças sitiadas/ em todas as suas precisões assim como transportar.

As/sim como a copia da petição endereçada/ a/ S. M. Real de Portugal.

Impresso conforme o original de Vienna, 1709.

A figura 4 da monographia do Conde de Klinckowstroem refere-se ao tal opusculo posto a venda na Feira de Naumburg.

O Marquez de Faria reproduziu esta pagina.

A quinta estampa do Conde bavaro refere-se á junção das duas “historias da carocha” e o seu rosto, naturalmente, com isto veio a alargar-se.

O Sr. Marquez de Faria não a trasladou para as paginas da sua terceira publicação sobre o *Voador*.

São estes os titulos complexos de tal rosto: Imagem/ da recém descoberta/ Arte de Voar/ por intermedio da qual qualquer pessoa em 24 horas pode transpor 200/milhas e aos exercitos em campanha/ em terras distantes transmittir, ordens, remetter cartas, etc.

A differença dos rostos dos dois opusculos provém das ultimas linhas; no primeiro termina ella com as palavras: *Gedruckt nach dem Wienerischen Original 1709*. No se-

gundo a isto se segue *Nebst ausführlichen Bericht Wie selbiger seine Reise den 22 Junii in Portugal angetretet und den 24 dito zu Wien glücklich arriviret*, o que significa: “Impresso segundo o original de Vienna, de 1709, além da noticia pormenorizada da feliz aportada do mesmo que, a 22 de junho, veio de Portugal e chegou a Vienna, no dia 24 do dito mez.

CAPITULO XVII

A divulgação europea das experiencias da Passarola. Palavras de Bourgeois (1784) Lenteires (1817) e autores diversos. Ferdinand Denis (1858) Argumentos de Felippe Simões. Descobertas de Innocencio F da Silva. Argumentos de Freire de Carvalho. Prós e contras.

A publicação do memorial de Simão Thadeu Ferreira, em 1784, teve comtudo uma vantagem: fez com que fóra de Portugal, sobretudo em França, começassem a apparecer referencias a Gusmão e ás suas experiencias.

Acaso houvesse apparecido em 1709 algum memorial authentico impresso em portuguez e certamente, teria havido, pelo mundo, muito maior derrame de commentarios sobre o tão extraordinario caso narrado e dahi nascido solido esteiamento dos direitos do inventor.

Com o mais perfeito criterio expende Filippe Simões:

“Se Bartholomeu Lourenço de Gusmão não tivesse feito em publico, ou, pelo menos, em presença de numerosas testemunhas, alguma experiencia do seu invento, não teria corrido dentro e fóra de Portugal a noticia deste facto.

As variantes, com que apparece referido, não são para admirar, faltando, na época em que succedeu, os meios de publicidade que hoje temos, e, ainda assim, muitas vezes, não bastam, para apurar e estabelecer, a verdade de qualquer acontecimento notavel”

Vejamos alguns dos mais frisantes ecos destas experiencias do Voador.

Mal haviam os Montgolfier, Pilâtre de Rozier e Charles causado o pasmo do Universo com a sua invenção, e as suas aventuras, apparecia, na propria França, um depoimento em favor da prioridade do nosso compatriota.

Publicava David Bourgeois em Paris e em 1784 as suas "*Recherches sur l'art de voler, depuis la plus haute antiquité, jusqu'à ce jour, pour servir de supplément à la description des expériences aérostatiques de M. Faujas de Saint-Fond*".

Ahi se encontram a traducção da petição de Bartholomeu Lourenço (a de 1709) e a descripção da *Passarola* (segundo a estampa dos mystificadores).

Tudo nos leva a crer que de Lishoa foi este mystifórjo enviado a Paris apressando-se Bourgeois em aproveitar optimo ensejo para transmittir ao publico uma novidade.

Em suas *Les merveilles de la Science* transcreve L. Figuier o trecho de Bourgeois, aliás obscurissimo escriptor. Leiamos, porém, o que elle disse: (attribuindo ailás a Gusmão experiencias realizadas num millesimo em que já doze annos haviam decorrido de seu fallecimento).

"Pendant que je m'occupais de ces recherches, je fus informé que M. de Gusman, habile physicien avait fait élever dans l'air, en 1736, un panier d'osier recouvert de papier. Il était oblong et de sept ou huit pieds de diamètre. Il s'éleva à la hauteur de la tour de Lisbonne, qui est de 200 pieds environ. Ou nommait depuis lors M. de Gusman, pendant sa vie, l'Ovoador. (sic). Le mot portugais signifie, selui qui fait voler.

On le distinguait ainsi de ses deux frères, dont l'un, homme d'un grand mérite, était fort aimé du roi et travaillait en particulier avec lui: le second, religieux Carme, était un des plus grands prédicateurs de son temps.

Ce fait, dont je ne pouvais pas douter, par le témoignage certain d'une personne respectable qui y avait été présente, m'engagea d'écrire à un negociant très-distingué de Lisbonne. Je le priai de m'en procurer les informations les plus

précises et surtout celles des moyens dont avait été fait usage.

Il me repondit que j'étais bien instruit, que la chose était très vraie plusieurs personnes se la rappelaient encore, mais très confusement; il avait connu particulièrement M. de Gusman, frère du physicien; ils avaient parlé souvent ensemble de cette anecdote en riant, parce qu'elle avait été attribuée à un sortilege; il me promit enfin de faire continuer ses recherches pour en obtenir quelque autre circonstance.

Elles ont été inutiles a ce sujet; mais ce négociant obligeant m'a envoyé copie d'un autre projet, avec celle d'une requête présentée au roi de Portugal par son auteur”.

A leitura deste trecho leva-nos logo a pensar naquella nosso proloquio que se refere aos individuos que não conseguem localizar o ponto de onde ouvem a voz dos gallos.

Nestas condições estava o respeitavel negociante, informador do bom David Bourgeois.

Aliás o testemunho do mercador refere uma tradição de ordem aerostatica e não aeronautica. O que aos ares subira havia sido o aparelho mas sem tripulante algum.

Assim pois, o depoimento do digno David Bourgeois pertencia á categoria dos que se filiam ao nosso famoso **methodo confuso**.

Em 1795 publicou-se, na Suissa, em Lausanne, uma *Bibliothèque du père de famille* ou *Cours complet d'éducation*. escripta ou editada por um tal Lentière, cujo nome não é desses, que nos lembrem o *aere perennius* horaciano. Nesta como que pequena encyclopedia domestica ha, comtudo, preciosas referencias ao nosso Gusmão, muito embora nellas se compendiem os alhos e bugalhos da expressão trivial, além de uma serie de erros e inverdades.

Escreveu o autor suisso:

“Bartholomé Gusmão, jésuite, fit construire á Lisbonne, em 1729, un aérostat, en forme d'oiseau, et le fit s'élever par le moyen d'un feu allumé, en présence du roi, de la

reine et d'un grand nombre de spectateurs. L'oiseau, malheureusement, en montant, se heurta contre une corniche, se déchira, et retomba a terre. L'inventeur se proposait de renouveler son experience; mais le peuple l'avait déjà dénoncé à l'inquisition comme sorcier. Il se sauva en Espagne et y mourut dans un hopital”.

, Preciosissimos indícios são porém estes commentarios, demonstrativos de quanto, já em 1795, se admittia, na Europa culta, que a prioridade dos Montgolfier não era coisa indiscutivel.

“M. Etienne et Joseph Montgolfier ont inventé ou renouvelé les ballons aérostatiques, connus, comme nous l'avons dit, déjà, d'un jésuite nommé Gusmão”

Interessantissimo, porém, pela pormenorisação e as novidades, reveladas ao publico de lingua franceza, foi o artigo que, já em 1817, surgia sobre Gusmão na *Biographie universelle ancienne et moderne*, obra de largo tomo, editada, em Paris, por L. G. Michaud, e trazendo como subtítulo apregoador de meritos: *Ouvrage entièrement neuf, rédigé par une société de gens de lettres et de savants.*

O autor do artigo em questão não era destes moureja-dores obscuros das letras de de cuja passagem, pelo mundo dos livros, desapareceu a memoria, rapida e totalmente.

Era elle José Bocous, catalão de Barcelona, nascido em 1775, e não Bocons como pensa Venturini.

Deixando a patria, viveu varios annos, na Italia, onde italianizou o nome para Giuseppe Bocucci, sob o qual subscreveu muitos artigos, para diversos jornaes da peninsula da bota.

Voltando á Hespanha fez-se militar e mais tarde voltou a residir na Italia.

Em 1808, estava em Florença e, como protestasse energicamente contra a invasão de sua patria pelos exercitos napoleonicos, viu-se preso e enviado para Dijon onde o internaram.

Agradou-se da vida em França. Era homem de muita cultura, já compuzera comedias e dramas em sua lingua materna e poesias em italiano. Pôz-se a escrever em francez logrando certo exito. Assim publicou, entre outras coisas, um romance *Amelia e Clotilde* muito ao sabor do tempo (1813), novella kilometrica de quatro tomos copiosos. Convidou-o Michaud a trabalhar em sua *Biographie universelle* e teve-o como um de seus mais abundantes collaboradores.

Eis o que do *Voador* conta Bocous:

“*Gusman* (sic) (Bartholomeu de) jesuita portuguez (sic), nascido em Lisboa (sic) em 1677, fez estudos brilhantes e distinguiu-se sobretudo no campo, das sciencias physicas.

Valeram-lhe os talentos uma cathedra, no Rio de Janeiro, que durante varios annos preencheu de modo honroso.

Tinha vivissima imaginação e espirito penetrante afeicoado ás descobertas. Consta no emtanto que só deveu ao acaso aquella de que vamos falar.

Conta-se que achando-se, certo dia, a uma janela aberta sobre o jardim de seu convento, avistou um corpo leve, espherico e concavo (quicá alguma casca de ovo ou outra qualquer já secca, de limão ou de laranja fina). Fôra arrebataada aos ares e fluctuava. Ansiando reproduzir tal phenomeno em escala maior, percebeu logo que só conseguiria fazel-o por meio de uma machina que, sob o menor peso possivel, apresentasse a atmospherica uma snperficie maxima.

Após numerosas tentativas, fabricou um balão de panno e tendo dado sorte este primeiro ensaio, quiz que o testemunhassem os religiosos de seu convento. Estes homens esclarecidos, applaudiram a experiencia do confrade, nella apenas vendo um factio natural.

Gusmão, porém, infelizmente, entendeu divulgar este achado espantoso em cenaculo maior e assim partiu para Lisboa, onde já a fama o precedera.

Chegado a esta Capital fabricou, com a permissão de D. João V, um balão aerostático, de prodigiosas dimensões, que lançou aos ares, numa praça contigua aos Paços Reaes, em presença de Suas Majestades e de immensa multidão de espectadores.

O proprio Gusmão tripulava o balão e por meio de um fóco acceso na sua machina, ainda contida por cabos, subiu aos ares até a altura da cornija da cimalha do palacio. Infelizmente a negligencia daquelles que mantinham os cabos fez com que a machina tomasse uma direcção obliqua. Bateu pois na cornija, onde se desmantelou, e cahiu, embora assaz suavemente, pois que de tal queda nenhum mal a Gusmão proveio.

Mas a Inquisição que não apreciava as novas invenções poz-se altamente a murmurar a tal respeito. Annunciou o physico novas experiencias e chegou a prometter que se alçaria aos ares sem o concurso das cordas. Tratou-o então a Inquisição de impostor.

Indignado arriscou-se o Padre Gusmão a declarar que se compromettia a fazer voar *Sua Illustrissima* e toda a Inquisição. O Inquisidor Mór, achando tal caçoada um tanto descabida começou a fazer com que os seus familiares agissem.

Amotinou-se a plebe a berrar: Fôra o feiticeiro! fôra o magico! exigindo para Gusmão nada menos que um *auto-da-fé* (sic).

E elle arrastado afinal perante o Santo Officio foi atirado a um calabouço e condemnado a rigoroso jejum.

Conseguiram os jesuitas, porém, depois de aturados esforços, a libertar o seu confrade e fazel-o partir para a Hespanha, onde morreu de desgosto em 1724.

Estes pormenores, averbados no *Jornal de Murcia*, e em diversas memorias do tempo, foram recordados nas *Notizie literarie di Cremona*, anno 1784 n. 17.

O *Journal des Sçavants* (Outubro de 1784) colloca esta experiencia em 1720 e diz que a machina tinha a forma de um passaro com cauda e azas. Acrescenta que sabios fran-

cezes e inglezes, indo a Lisboa, verificaram o facto, tomando informações no Convento dos Carmelitas onde o Padre Gusmão tinha um irmão que conservava, ainda, alguns de seus manuscriptos sobre a maneira de construir as machinas voadoras. Varias pessoas affirmavam que haviam assistido á experiencia do jesuita e que elle recebera a alcunha de *Voador*.

Embora bem antes do seculo XVII diversos autores tivessem proposto differentes meios para se elevar aos ares parece comtudo positivo que se deve ao Padre Gusmão as primeiras do balão aerostatico renovadas, com grande exito, sessenta annos após a sua morte.”

Segundo Galileu Venturini o inspirador desta noticia, provinda do numero de outubro do *Journal des Sçavants* de 1784 (p. 2016) foi o illustre mathematico e astronomico Jeronymo José de Lalande que aliás a redigira o que lhe dá singular prestigio.

Numerosos erros ahi se narram como a affirmação de que Gusmão “homem de talento, muita imaginação e ousadia” realisou sua experiencia em 1720. Em presença de S. Magestade e immensa multidão de espectadores alçou-se aos ares por meio de fogo acceso em sua machina. Voara até a altura da cornija do palacio. Mas em virtude de negligencia e da pouca pratica dos que mantinham as cordas tomara a machina direcção enviezada batendo de encontro à cimalha rompera-se e cahira”.

Para nós a principal importancia da noticia biographica de Bocous evidentemente documentado por Lalande, reside sobretudo, no facto de que seu autor era hespanhol.

Homem erudito, a circumstancia de ser castelhano dava-lhe muitas facilidades para o conhecimento da bibliotheca portugueza e das noticias que a tradição oral espalhara sobre o *Voador*, certas umas, erroneas, muito erroneas, outras, sobremodo fantasiosas algumas até, como acabamos de ver.

Teve a biographia de Bocous bastante repercussão conta-nos Philippe Simões. Assim della se aproveitou Bescherelle para a sua *Histoire des ballons*; O Sr. de Blezy a resumiu para a *Revue des Deux Mondes* (1863) declarando, então, que, ao seu ver, era Gusmão o inventor do balão. Também a traduziu Castilho, José, na *Grinalda da arte amar*.

E Julien Turgan, o douto publicista francez, autor de *Les ballons, histoire de la locomotion aérienne* (1851) nella conjugou as noticias de Bourgeois e de Bocous, referindo os principaes factos que em ambas se lêem, conforme nos relata L. Figuier na sua *Exposition et histoire des principales découvertes modernes*.

Foi Bocous um dos principaes inspiradores dos articulistas que trataram de Gusmão.

Delle se valendo, e de outras fontes, numerosos dictionarios encyclopedicos, sobretudo francezes, referiram-se ao “Voador” admittindo a possibilidade de que haja sido, realmente, o precursor da aerostatica.

Tal o caso do *Nouveau Dictionnaire Encyclopédique*, redigido por Jules Troussel, em que se affirmam coisas assaz duvidosas como o seguinte:

“Um frade agostiniano, Alberto de Saxe, desenvolveu, no seculo XIV. idéas exactas sobre a construcção de balões, idéas adoptadas pelo jesuita portuguez Francesco (sic) Mendonza (fallecido em Lyon em 1626).

Pretende uma tradição que um physico portuguez, chamado Gusmão, teria ascendido aos ares, em 1736 em Lisboa, á vista do rei João V e de grande affluencia de espectadores.”

“Attingindo a cimalha de um palacio sua machina, que consistia num cesto de vime coberto de papel e aquecido por um braseiro, teria acaso abalroado num telhado e logo depois cahido ao solo.”

O inventor, alcunhado *O voador* — (*le volant*) (sic), consta ter sido encarcerado como feiticeiro, nos calabouços da Inquisição, e banido mais tarde; morreu sem revelar o seu segredo.”

Em 1832 publicava F. X. de Feller o seu *Dictionnaire historique ou histoire abrégée* em cujo tomo VI, artigo Gusmão, se lê a descripção romanceada da ascensão do *Voador*.

Originou-se da narrativa de Lalande, igualmente.

Tal a ignorancia do dicionarista que depois de colocar o nascimento de Gusmão em 1677 e em Lisboa! declara que as suas experiencias se realizaram em 1720. Influencia do *Journal des Sçavants*.

Sobre o invento de Gusmão adduz o Visconde de S. Leopoldo as referencias da *Encyclopedia Britannica*, edição de 1797, art. *aerostation*, as da *Encyclopedia Edinensis* de James Miller, Edimburgo 1818 e a da *Encyclopedia Americana* de Lieber, de Philadelphia, em 1830.

A descripção desta é aliás tudo quanto ha de mais extravagante, e menos convincente, sobre o valor do invento:

“Tinha elle a forma de um passaro, crivado de multiplos tubos, pelos quaes passava o vento a encher uma especie de bojo, o que servia para eleva-lo. E se faltasse o vento entretinha-se o mesmo effeito por meio de foles dispostos dentro do corpo da machina.

A ascensão devia tambem ser promovida pela atracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior e por duas esferas na mesma posição, incluindo o magnete”.

Na opinião do ministro de D. Pedro I, irrefragavel se tornara que não só a *Passarola* subira aos ares como nella navegara Bartholomeu. São os seus argumentos os mais fracos, fraquissimos mesmo.

Um delles é que em Santos a gente de Gusmão tinha a alcunha de “*familia dos voadores*” Explicando a fuga de Bartholomeu chega o illustre santista a aventar a ideia de que o *Voador* sahira de Portugal receioso de ter a sorte de Gallileu!

Affirmou S. Leopoldo que desde os annos da juventude tomara a peito reivindicar a gloria do seu illustre concidadao. Era, para a sua qualidade de santista, como que um

ponto de honra, intentar tal empresa, “Amor á patria, paixão antiga pelo renome dos Gusmões, de Santos, ambição de divulgar as glorias do Brasil” taes os ditames a que obedecera.

Confessa que obtivera poucos resultados mas pensava levar outros escriptores a imitar-lhe a empresa. Ia imprimir o seu opusculo sobre o assumpto quando surgira a memoria de Francisco Freire de Carvalho “instigado (segundo elle mesmo referia) do nobre empenho de depurar um ponto historico, e desassombrar de equivocos a fama de Gusmão, entrou nas mais aturadas investigações, aproveitando-se da feliz posição em que se achava em Lisboa, rodeado de sabios, e ao alcance dos archivos e depositos scientificos da nação; nelle vivera e examinara os preciosos documentos, que na citada Memoria communicava”.

Fora seu collega em Coimbra; com elle, na Universidade, entretivera relações de amizade. Emigrado, algum tempo, no Brasil, nunca o perdera de vista. De seus talentos e caracter fazia o mais alto conceito. Assim lhe endossava as palavras.

Perante a documentação moderna, minuscula valia tem a memoria do illustre Fernandes Pinheiro, em favor da prioridade aerostatica de seu concidadão immortal.

O que nella ha de precioso é a descoberta e divulgação do inventario dos paes do *Voador*, com a descripção assaz minuciosa de sua irmandade.

Commentando estes factos observa o Snr. Coronel Lysias Rodrigues, aliás a cometter anachronismo.

“A “Passarola”, foi ideada na officina de Antonio Rodrigues Galhardo, em Lisboa, em principios do seculo XIX, não sabemos baseada em que dados. Mas, antes mesmo das experiencias já havia o balão sido baptizado com esse nome.

Galhardo, que era impressor da Real Mesa Censoria, visava apenas lucros, aproveitando-se do natural interesse do povo pelo assumpto.

Não podemos compreender, que espiritos cultos como o do visconde de S. Leopoldo, acceptassem a versão dada pela *Encyclopedia Edinensis*, de James Miller (1818), e repetida por D. Bourgeois.

A cultura e intelligencia de Bartholomeu de Gusmão não iriam darnos tal absurdo, nem muito menos a “Passarola”, que Horacio de Carvalho mystificado, descreveu (na *Revista do Instituto Historico de São Paulo*, tomo VI) como sendo feita de:

“taboas finas, chapeadas de folhas de ferro; dar-lhe-ia a forma de um passaro, cuja cabeça ficaria sendo a prôa, e cuja cauda seria a popa, com um leme. Analogicamente, por-lhe-ia as azas aos lados e em cima uma vela.

Prompto o arcabouço, faltava-lhe o coração e o sangue. Nisto é que estava o seu segredo. Quanto ao coração, fello duplo: — duas bolas ôcas, de metal, dentro da machina. Quanto ao sangue, que lhe ia dar a vida, num tecto de arame, dispoz muito ambar. E nada mais se sabe, parece”.

M. H. André, auctor de “*Les dirigeables*” (Paris, 1902) incidiu em igual erro que J. W. Drapper no seu livro “*Histoire du Développement Intellectuel de l’Europe*” — havia feito em 1869”.

Realmente é incrível que um homem da culta intelligencia de Horacio de Carvalho se haja deixado levar a escrever aquelles despropositos.

Mal informado, ainda foi São Leopoldo, e aliás, contribuiu para que se espalhassem varios erros sobre o seu biographado, como no caso de sua supposta presença á côrte pontificia.

Em summa esta memoria de Fernandes Pinheiro é apenas um alinhavo de biographia. E o mais deficiente. O mesmo se dá com o trabalho de Freire de Carvalho, quem tambem cabe o grande merito da constante dedicação á causa do *Voador*.

Fazendo justiça ao primeiro defensor dos direitos de Gusmão explica Simões quanto, contudo, não estava elle bem aparelhado para desempenhar cabalmente o papel de paladino da sua causa:

“Na *Memoria* de Francisco Freire de Carvalho, impressa em 1843, pela Academia Real das Sciencias, no artigo do *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva encontram-se ali os documentos e aqui as datas e indicações bastantes, para corrigir as inexactidões divulgadas.

O autor da *Memoria* editada colligiu importantes testemunhos, em cuja publicação prestou grande e valioso serviço. Não satisfez, porém, plenamente no modo por que pretendeu reivindicar para a nação portugueza a gloria e a invenção das machinas aerostaticas. Era Francisco Freire de Carvalho muito versado na literatura latina e nacional, mas faltava-lhe o conhecimento das sciencias phisicas indispensavel para bem tratar o assumpto e tirar das premissas contidas nos documentos todas as conclusões congruentes ao fim que se propuzera”.

Na *Biographie Universelle* de Furne, publicada em 1838, conta-se de Gusmão que foi o primeiro a realizar experiencias aerostaticas. Quem tambem deu real prestigio, em França, aos direitos do santista foi Ferdinand Denis publicando, na acreditadissima *Nouvelle Biographie Générale*, de Didot Frères, em 1858, extensa biographia do *Voador*, em que ha muita coisa boa e outra bastante errada.

Teve esta encyclopedia grande acceitação e pode-se mesmo dizer que o seu prestigio só começou a diminuir com a sahida a lume do *Grand Dictionnaire Universel du XIX.ème Siècle*, a tão notavel encyclopedia de P. Larousse.

Ha na noticia de Denis bastantes falhas, devidas, porém, á deficiencia documental do illustre brasillologo francez.

Logo, ás primeiras linhas, notamos um erro capital: o millesimo da morte do *Voador*, que Denis diz ter occorrido “depois de 1724”. Assim tambem se chama frade ao inventor, coisa que nunca foi.

Outro engano serio: o que diz respeito á missão diplomatica romana, fracassada na opinião do nosso biographo, caso que não occorreu.

Já no principio do volume tratámos do caso da correspondencia de Isabel de Brunswick, facto inexplicavel para um homem da probidade de Denis e que certamente um dia se haverá de aclarar.

Proseguindo na sua biographia e confundindo os factos de 1709 com os de 1724 esposa Denis a versão absurda de que Gusmão haja abandonado as experiencias aerostaticas para attender á benevola advertencia relativa ao “perigo que havia em proseguir taes ensaios, num paiz em que os seus inimigos podiam contra elle fazer agir o Santo Officio, como pensava o Visconde de São Leopoldo”.

“Dahi a sua inacção e o facto de haver deixado a aerostatica em favor de um dos ramos mais secundarios da construcção naval”, conceito aliás falso porque não foi isto o que se deu.

Valendo-se de topicos de Barbosa Machado, aliás muito forçadamente, escreve o nosso autor “Era Gusmão da raça destes grandes inventores que uma vez vendo realizado o seu designio entregam-no ao publico. A’ modestia, á sua quasi humildade se deveu tal reviravolta de espirito”.

Commentando os trabalhos historicos de Gusmão extranha Denis que em seus ensaios, sobre a historia do bispado do Porto, haja elle commettido grave cinca, a saber: não admittir que, em tempo de El Rei Dom Diniz houvesse existido um bispo de Coimbra com o nome de Almerico.

Ignorava portanto que aquelle solio episcopal fôra occupado por um francez Aymeric d’Héberard, um dos sabios mais notaveis do Quercy e mestre do monarcha portuguez. Podia elle, tanto quanto o regio discipulo, passar por ser o fundador da Universidade. Devia-se, em todo o caso, affirmar que na época em que escrevera tal asserção era este facto ignorado.

Sobre as causas da catastrophe que arruinou a vida do Voador mostra Denis a maior ignorancia. Apenas com-

menta: “Em 1724 vemol-o deixar clandestinamente Portugal, perder o titulo de academico e passar á Hespanha.

Acaso procuraria escapar, por meio da fuga, a algum castigo de difficil explicação que certos preconceitos, então reinantes na Peninsula, tornavam terriveis?

O que se segue é absolutamente inadmissivel e simplesmente extravagantissimo: “Faria acaso uma tentativa para ir ter ao ducado de Brunswick, paiz que lhe offerecia seguro asylo? E’ o que não sabemos esclarecer.”

A inopia dos elementos informativos do erudito francez explica-a o seguinte topico: “A unica coisa que se sabe, e isto graças a uma nota do poema dos *Argonautas*, é que morreu no hospital de Sevilha.” (sic!)

Este poema dos *Argonautas* é uma das mil produções do fecundissimo autor do *Oriente* e d’*Os Burros*.

Os topicos que envolvem uma nota relativa a Gusmão são os seguintes:

*E hum Lusitano se lembrou primeiro
De medir, calcular, que espaço corra,
No solitario mar, nadante pinho,
Invento que inda segue, inda respeita
Douta Europa no seculo das luzes
Com taes soccorros nautas Lusitanos
Foram dos mares subjugar o imperio.*

Referem-se estes versos ao trabalho de certo portuguez que inventara um aparelho para medir a carreira das naus, coisa que contestava um autor francez.

A tal proposito commenta José Agostinho de Macedo “os superficiaes francezes são miseraveis em escrever os nossos nomes, invertem e pervertem tudo.

Entre nós esqueceu (s. c. o contestante), assim como o esquece, que o primeiro aeronauta foi Bartholomeu Lourenço de Gusmão que morreu no Hospital de Sevilha. E que o primeiro explicador da hypothese de Newton, sobre o

phenomeno das marés, se chamava Bento de Moura e morreu no Forte da Junqueira”.

Verberando as palavras do “superficial francez” e afirmando que Gusmão voara, e morrera em Sevilha, dava Macedo publica mostra da exacção do proloquio popular referente á zombaria do roto em relação ao esfarrapado.

Muito judiciosos são, porém, outros conceitos de Ferdinand Denis.

Referindo-se ás attitudes de Alexandre de Gusmão, relativamente a Bartholomeu, commenta: “os dois irmãos cujos trabalhos eram de tão diversa natureza parecem ter vivido juntos, na melhor intelligencia, conservando, ambos, o mais accentuado pendor pelos estímulos literarios”.

A isto se seguem commentarios de elevado critério:

“Coisa que nos espanta é o facto do ministro, espirito ao mesmo tempo tão atilado e tão positivo, não haver documentado, por meio de algumas frases, a grande descoberta que occorrera em sua familia.”

Realmente! que argumento poderoso, para os contrariadores da prioridade de Bartholomeu, reside no silencio de Alexandre de Gusmão, relativo ás experiencias da *Passarola!*

Explica-o Denis: aliás agora mal informado:

E’ provavel que quanto a esta circumstancia tenha o estadista sido detido pelos funestos preconceitos que, por um triz, tornaram o proprio Vieira victima da Inquisição.”

A causa unica do mutismo de Alexandre deve ter sido o cuidado com que evitava falar do irmão, implicado em deploravel intriga cortezã, tendo tido seria pendencia com a Inquisição, por causa de feitiçarias e relações com judeus, mas nunca por motivo de seus inventos e experiencias.

Lembra ainda o douto autor francez que a união dos irmãos Montgolfier foi a causa de sua força e tornou-lhes o nome *immortal*.

“Se a prioridade do invento não mais lhes pertence, incontestavel, é que também foram inventores e que os processos empregados pelo predecessor lhes eram completamente desconhecidos. Sua perseverança triumphou de todas as difficuldades.

Quem acaso poderá prever o que succederia se Alexandre de Gusmão houvesse posto ao serviço do genio do irmão um pouco do talento despendido nas missões politicas que lhe eram confiadas?”

Não esqueçamos, contudo, quanto, por occasião da catastrophe de Bartholomeu, era Alexandre muito joven ainda, pois mal completara 29 annos e estava ainda longe de ter o prestigio mais tarde desfrutado.

O que porém, nos causa o maior pesar é o seu mutismo a respeito das experiencias da *Passarola*. Verdade é que quando estas se realizaram contava quatorze annos apenas e ainda estava no Brasil.

Teria ficado constrangido ou sceptico, vendo o abandono dos ensaios do irmão ou influenciado pela terrivel campanha dos poetastros e outros diffamadores contra o misero inventor?

CAPITULO XVIII

A defesa da estampa da Passarola pelo Visconde de Villarinho de São Romão. Aberrações do patriotismo. Conceitos notaveis de Varnhagen.

A divulgação da estampa mystificadora da *Passarola*, vinda do seculo XVIII, desmoralisou quasi por completo os creditos possiveis de Gusmão á prioridade aerostatica. Ninguem o tomou a serio como possivel precursor dos Montgolfier, sobretudo fóra de Portugal e do Brasil.

Movido por patriotismo acendrado, e um espirito de tusitanismo exagerado, abalançou-se, em 1843, o Visconde de Villarinho de São Romão a querer demonstrar que a *Passarola*, tal qual della dava idéa a famosa estampa, universalmente divulgada, estaria em condições de navegar pelos ares.

Assim em carta endereçada a Castilho Antonio expoz as razões que o levaram a ter como authentica a figura da aeronave do *Voador*. E mais! a acreditar na verosimilhança de suas pretenções de navegabilidade aerea!

Vejamos porém qual seria o paladino da mystificação de 1709. E que autoridade lhe assistia para pretender dirimir a questão.

De Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, Visconde de Villarinho de São Romão, diz Pinheiro Chagas: "Celebre agricultor e economista portuguez".

Nascido em 1785, já em 1820 era dos homens salientes de Portugal. Foi então eleito, por Villa Real, deputado ás Côrtes Constituintes.

Angariou grande reputação scientifica com os seus trabalhos sobre a viticultura, a zootechnia, publicou memorias valiosas sobre os antigos systemas metricos portuguezes, questões de combustiveis, etc.

Politicando activamente, foi diversas vezes deputado e prefeito. Em 1855. viu-se elevado ao pariato e agraciado com um viscondado.

Era tambem dado ás bellas letras e compoz um poemeto heroe-comico, anti-pombalino, a *Querculaneida*, que o seu biographo declara de merito mediocre.

Extranha Pinheiro Chagas, e com razão, que “o grave erudito e legislador” haja impresso, embora anonymamente, uma arte do *Cozinheiro e do Copeiro!* Por signal diz o illustre polygrapho lusitano, mais apreciada do publico do que a obra mestra do Visconde: a *Economia rural*, pois mereceu as honras de uma reimpressão, coisa que a outra não logrou.

Socio muito acatado da Academia Real de Sciencias, morreu o Visconde de Villarinho de São Romão, em Lisboa, a 17 de março de 1863, coberto de grande prestigio.

Depois de transcrever a descripção, tal qual occorre no opusculo impresso de Simão T. Ferreira, admite Teixeira Girão que a nota final relativa á força do gaz seja de natureza a tranquilisar os observadores meio assarapantados até então, pelas allusões ás virtudes mirificas attribuidas á força ascencional das pedras de cevar e dos alambres.

Assim, afiança ao correspondentc illustre: tudo quanto se via na estampa estava muito bem combinado. Podia a barca voar, mas sem aquella inflexibilidade de rumos que o inventor pretendia tendo-se neste particular enganado e muito. Era o seu invento, porém, digno e muito digno, até de elogios, apesar de alguns defeitos”.

Procura São Romão defender a these de que a estampa “no tempo não fora entendida. Muita causa dera a isto o mysterio do inventor e as patranhas ridiculas em que envolvera o seu segredo”.

Outro argumento, agora habil: não apresentava a estampa escala. Assim não se podia saber se estaria ou não calculada a barca para conseguir o effeito de estabilidade.

“Pódo ser que o autor conhecesse isto, ou por via do calculo applicado á differença do peso do ar para o do gaz que empregava, ou por tentativas e comparações de um balão conhecido, como esse que fizera subir no pateo da India, para aquelle que seria capaz de suster no ar onze pessoas, as madeiras e todos os materiaes da mesma Barca. mantimentos, aguada e todas as mais coisas precisas”.

Dominado pela paixão patriotica não recuou o Visconde de Villarinho em sustentar a mais discutivel asserção. E’ que Gusmão empregara o hydrogenio no seu aparelho!

Pois então? não se sabia que o gaz isolado e revelado por Cavendish, em 1766, já fôra entrevisto pelos alchimicos do seculo XVI? Não estavam ahi as famosas *Philosophical Transactions* tomo VI, p. 141, a affirmal-o? Portanto um homem dado ás letras e ás sciencias, como Gusmão, devia ter conhecimento de tal fluido, pouco denso como nenhum outro, até então descoberto.

E proseguindo nesta senda expendia:

“E’ verdade que tudo isto são conjecturas, mas são razoaveis; a tradição, porém, nos conserva a lembrança do facto, que parece verdadeiro, de ter a dita Barca atravessado com o seu vôo o Terreiro do Paço, tendo sido despedida do alto do torreão que ali havia, antes do terremoto de 1755. Ora, se o Padre Bartholomeu tinha conhecimento deste gaz, tudo o mais se explica facilmente”.

Realmente: tudo o mais se explicava facilmente!

Depois de pretender demonstrar que a barquinha reunia a “leveza á fortaleza, como se dava com os ossos dos passaros” admittia o Visconde de S. Romão o maior dos **destemperos**: é que as espheras da estampa fossem camaras de chumbo recobertas de cobre para a fabricação “in loco” do hydrogenio!

Quem sabe, objectamos nós, se Gusmão não teria descoberto, ao mesmo tempo que o hydrogenio, uma forma allotropica do chumbo e outra do cobre, alliando á sua fortaleza a leveza do aluminio? E ainda outra do ferro, nas mesmas condições, pois o gaz se produzia pelo conhecido ataque do acido sulfurico diluido “sobre alguns meus ferrachos”!

E daquelle reservatorio ambulante sahiria para o balão propriamente dito “pela parte superior das mesmas espheras por um tubo recurvado, que se occultasse nos ornatos externos de descesso pelo pé para se communicar com o balão, intermediando uma torneira convenientemente adaptada” (!)

O que, porém, mais invalida a defesa do Visconde de São Romão é a sua deploravel, a sua inexplicavel ideia de imaginar o balão, sustentaculo da almanjarra da *Passarola*, collocado dentro della e sob o convez, onde se vê o piloto a observar o sol.

Com toda a propriedade observa Felipe Simões: “Com o respeito devido á memoria do Visconde de Villarinho de São Romão, cuja autoridade e competencia em assumptos de mecanica applicada são de todos bem sabidas, discordamos das idéas que aventou para interpretar o desenho, por nos parecerem de todo o ponto inadmissiveis.

Segundo as leis da hydrostatica, para que na atmospherã se conserve em equilibrio estavel qualquer corpo, importa que o seu centro de gravidade fique abaixo do centro de gravidade do volume de ar que desloca.

Ora, se, como imaginou, houvesse no convez da barca um balão de hydrogenio, e os corpos mais pesados, os viajantes, as espheras metallicas, os reagentes para a producção do hydrogeneo, a rede de arame e a propria vela ficassem, acima, do reservatorio do gaz, o centro de gravidade do aparelho ficaria muito alto e necessariamente superior ao centro de gravidade do volume de ar deslocado. Em taes condições a machina propenderia sempre a voltar-se, e seria tão difficil conserval-a na devida posição na atmospherã.

como no meio da agua a um areometro a que se houvesse tirado o chumbo ou o mercurio que lhe serve de lastro”.

A' idéa, que teve o Visconde de Villarinho de S. Romão de reputar fiel e exacta a estampa e falsas as explicações, parece ter servido de fundamento a nota que a estes documentos ajuntou quem os trouxe á luz da publicidade.

Todavia se a nota citada invalida as explicações porque nella se declara que a machina se deveria *eleva pela força do gaz*, do mesmo modo fará regeitar a estampa que representa um artificio, que, como provamos, seria incapaz de, por aquelle meio, se conservar equilibrado na atmosphaera.

Demais, o que se lê em a nota perdeu, a este e outros respeito, toda a importancia, depois que o Sr. Innocencio da Silva demonstrou haver erro na data da impressão, infallivelmente posterior ao anno de 1780 e com probabilidade ás experiencias de Montgolfier”.

Arguição mais grave do que esta, a se fazer á argumentação do Visconde de S. Romão, é a nosso ver a seguinte: se o balão provocador da ascensão estava sob o convez da *Passarola*, que cubagem deveria ter tal carangueijola afim de dispôr de força ascencional capaz de elevar aos ares os milheiros de kilogrammas correspondentes ao peso dos onze tripulantes e das camaras de chumbo recobertas de cobre, onde se produzia o hydrogenio?

Tal o absurdo, que a carta do Visconde de S. Romão só póde ser attribuida a verdadeira obnubilação de espirito.

A força ascencional especifica de um metro cubico de hydrogenio a 10° é de 1160 grammas.

Ora, só para um peso minimo de 900 kilogrammas (dos onze aeronautas e da nacella), precisaríamos de uns, digamos, 775 metros cubicos de hydrogenio.

Calculando *grosso modo*, teríamos a necessidade de um balão com um raio de cerca de cinco e meio metros ou um diametro de seus onze metros. Que tamanho precisaria, pois, ter o corpo da *Passarola*?

E que peso immenso não lhe imporiam taes dimensões?

Incomparavelmente mais avantajada, deveria comtudo ser, se admittirmos a hypothese de que teria de subir carregando o aparelhamento productor de hydrogenio, camaras de chumbo, ferracho e acido sulfurico!

Analysando outro orgão capital do invento de Gusmão dizia o commentador:

“— A vela tem alguma similhaça com a dos barcos chinezes, e não ha duvida se poderia usar, della de escota, se porventura a barca andasse na agua e o vento a fizesse navegar.

Mas nisto se enganou o inventor; porque seria impossivel conseguil-o no ar; a torrente aérea levaria sempre a barca na sua direcção quer estivesse de escota quer de cheio; nem tambem o leme lhe serviria de nada; porque não achava nenhuma resistencia no ar que atravessava; por isso que não podia ter mais velocidade, do que a do vento ou da torrente aérea em que fluctuava.

Considero porém esta vela de uma grande importancia para servir de para-quedas, visto que se ha vento ella se enfuna, e se o não ha repousa sobre a rêde de arame, e fica prompta ou para receber o vento ou para ser um excellente para-quedas no caso de um desastre”.

Tal a paixão do illustre commentador, tal o seu empenho em garantir para Portugal a prioridade da descoberta do aerostato que se apega ás mais fugazes apparencias de exito, visando a demonstração de sua these.

E, com effeito, ninguem a sangue frio descobrirá na famosa vela feitio que lhe empreste as qualidades de um para-quedas razoavel. Desde 1783, sessenta annos antes, demonstrara o physico Lenormand, do modo mais positivo, quanto eram as armações no genero guarda-sol o que convinha a um para-quedas.

A isto, em 1797, ainda reforçara Garnerin com a sua grande umbella em cujo centro praticara uma abertura circular que dera maravilhosos resultados.

As objecções sérias que S. Romão encontrou para fazer ao invento do *Voador* foram: a falta de valvulas de escapamento do gaz quando o balão ascendesse ás altas camadas atmosphericas e a possibilidade do frio e da diminuição da pressão victimarem o aeronauta se muito alto se elevasse.

A isto desculpa, porém, benevolamente:

“Que muito é porém que elle ignorasse tudo isto, se era o primeiro inventor dos balões? Na Europa moderna não se roubam á natureza os seus segredos sem a perda de muitas victimas, sem commetter muitos erros e sem passar muitos annos; mas emfim triumphase, e nada é capaz de resistir ao espirito humano senão aquillo que o Todo Poderoso reservou para si.

Ora, eu digo na *Europa moderna*, porque no tempo de Nero, segundo affirma Suetonio houve um homem que se elevou no ar em um *carro de fogo* e quando cahiu quebrou as pernas.”

Terminava o Visconde de Villarinho a sua epistola a Castilho por uma serie de phrases que nos deixam realmente surpresos, pois não parecem poder provir de um espirito scientifico.

“Attribue-se isto a Simão Mago, celebre e desmoralizadissimo impostor; mas autores de muito credito negam que tal acontecesse, ou que S. Pedro fizesse afugentar os demonios que o sustentavam no ar em o dito carro de fogo!

S. Justino, Santo Irineo, e Tertuliano escrevendo de Simão Mago, referem a historia da estatua, que lhe fez erigir o Senado Romano na ilha do Tibre e nada dizem acerca da sua viagem pelo ar.

Comtudo a tradição conserva a lembrança da mencionada ascensão aérea: e não é natural que o carro de fogo fosse outra coisa senão um balão semelhante, ao que inventou o nosso Padre Bartholomeu, e depois d'elle os Montgolfiers

Dédalo não foi inventor de nenhuma machina de voar, foi sim das vellas das embarcações em que elle e seu filho Icaro fugiram de Creta para a Sicilia, aonde Cocalo, rei de Camica, lhe deu asylo; mas Icaro governou mal seu barco e naufragou: deste successo nasceu a fabula das asas pegadas com cera, que foram despegadas pelo calor do sol das espaduas do infeliz mancebo etc.”.

Terminando declarava S. Romão, quanto, a seu ver, se Bartholomeu Lourenço vivesse, na época em que elle escrevia, se acharia em condições de não só fazer grande aeronave, capaz de carregar onze homens, como, ainda, de navegar contra o vento, empregando a potente machina a vapor do inventor Henson.

E perorando num optimismo delirante que os factos posteriores a 1843 pouco documentaram, por espaço de mais de meio seculo, concluia o illustrado correspondente de Castilho Antonio:

“Tudo o mais é muito facil!

Dentro em pouco tempo gozará o Homem desta grande conquista que fez e poderá repetir com ufania os seguintes versos de Voltaire, feitos por satyra ao seu orgulhoso coração:

...*Je suis puissant et sage!*
Cieux, terres, éléments, tout est pour mon usage;
L'Océan fut formé pour porter mes vaisseaux;
Les vents sont mes courriers, les astres mes flam-
[beaux!]”

Mais ou menos ao tempo em que o Visconde de Villarinho de São Romão escrevia insustentaveis commentarios sobre a authenticidade da estampa da *Passarola emittia* o lucido espirito de Francisco Adolpho de Varnhagem uma serie de optimos conceitos sobre esta questão obscura.

Havendo em sua *Historia Geral do Brasil*, attingido o ponto em que descrevia o estado cultural do paiz, em principios do seculo XVIII, assim se refere ao *Voador*:

“Foi por este mesmo tempo que o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, filho de Santos, irmão do ao depois celebre politico Alexandre de Gusmão, e dez annos maior que este, antes de contar vinte e cinco annos de idade (nascera em 1685), se apresentou na côrte em 1709 com um projecto de navegação aérea.

Não fôra pois razoavel que a historia do paiz, que tanto se honra com o seu nascimento, deixasse de dedicar algumas paginas a este illustre engenho e ao seu projecto”.

Antes de tratar do grande invento de seu comprovciano immortal emitta Varnhagem estes conceitos positivamente revestidos de larga acuidade anticipadora.

“O problema da navegação aerea é tão antigo como a humanidade, e se a raça humana não acabar, elle tem de resolver-se favoravelmente; e então sim que as nações experimentarão uma verdadeira revolução, e ai daquellas, que tendo julgado a resolução do problema impossivel não se hajam preparado para aguentar os abalos e choques dessa revolução!”

As palavras que a estas opiniões acompanham indicam da parte do Visconde de Porto Seguro solido criterio inspirado por extensa cultura geral.

E' bem verdade, contudo, que, devido ao estado do avanço das sciencias do seu tempo, não podia ter ainda a percepção nitida da unica solução do problema da navegação aerea.

Consistia naquelle conceito celebre — hoje sabiamente exaggerado — por Nadar emittido, pelas vizinhanças de 1860: “reside o triumpho da aviação unicamente na possibilidade de se construir um motor que, sob o volume e o peso de um relógio de algibeira, possa desenvolver a potencia de um cavallo vapor”.

Observa pois Varnhagen:

“Quando vemos que os passaros voam, que voam os morcegos, que não são mais que pequenos quadrupedes

alados, quando observamos que tanto estes como aquelles cahem apenas, pela ruptura de uma das azas, lhes falta o equilibrio com que, á custa da resistencia do ar, se mantinham suspensos, somos levados a crer que á mente se nos apresenta como mais facil o problema da navegação aerea (executado não pela escaça força muscular de homem para tal, mas pela força das machinas que se pode elevar ao grau que se deseje), que esse outro, que (apesar de muito mais complicado) ella já resolveu, da navegação maritima.

Para servir-se das velas, com ventos largos e á bolina, para navegar com barcos de vapor, o homem poz de sua parte esforços extraordinarios de invenção e de intelligencia, ao passo que do problema da navegação aerea a mesma natureza apresenta modelos para o adejo ou remigio, e só nos cabe estudar-lhe suas leis dynamicas e imital-as e applical-as em ponto grande, em uma machina.”

Proseguindo em suas considerações preconisava o historiador a utilidade dos aerostatos fusiformes e o emprego de grandes apparelhos.

“A esta imitação e applicação se pode pois reduzir a arte de resolver o problema da navegação aerea, com a unica particularidade de que a melhor forma do solido voador deverá ser achatada e horizontal, afim de poder seguir todas as direcções, soffrendo o seu bojo a menor resistencia do ar, a menor impressão possivel dos ventos contrarios. Tambem se pode prever que quanto maiores forem taes vehiculos aereos, tanto mais vantajosos hão de ser. Seus ancoradouros serão no espaço athmospherico, que por toda a parte terá a profundidade que se requeira.”

Passando a examinar o documento iconographico, em seu tempo, o unico a representar a *Passarola*, entende Porto Seguro que Bartholomeu Lourenço resolvera o problema pelo lado mais natural:

“Estudando-o no vôo dos passaros, e deduzindo deste a sua theoria; donde veiu o chamar o publico ao seu balão

“Passarola”; e bem que elle lhe chamasse continuamente barqueta ou naveta.”

O respeito ao documento, tão profundo no illustre sorocabano, levava-o a uma hesitação. Parecia-lhe suspeita, muito suspeita, a authenticidade da estampa mystificadora, mas não ousava ainda categoricamente desmentil-a. Algo havia de ornithoforme na barqueta ou naveta do aparelho.

“Se acaso tem a devida authenticidade uma estampa que depois se publicou, a proa era a maneira da cabeça de uma ave; o leme da cauda, e dos lados havia azas; mas estas unicamente para servirem o equilibrio dos flancos ou ilhargas.

Superiormente uma vela collocada em sentido horizontal, ajudava, com o enfumar-se, a elevar a machina, de cujo centro sahiam uns tubos de folles, que deviam contribuir para a não deixar pannejar quando não houvesse vento.

Esta vela se alargava, mais ou menos dos lados, por meio de cabos e roldanas, afim de se aproveitarem, convenientemente, os ventos, segundo fizessem feição. A machina devia ser de taboas finas e depois toda chapeada de folhas tambem finas de ferro, cohrindo-se estas de esteiras de palha de centeio para commodidade dos passageiros, cujo numero segundo se suppunha o inventor, seria de onze, comprehendendo o mesmo inventor ou *piloto*.”

A questão essencial do motor da *Passarola* preoccupou a Varnhagen.

Nem podia deixar de o fazer. Foi ahi que se viu obrigado a levar em consideração o unico documento seu conhecido graças ao qual devia julgar o caso: a desastrada estampa de 1709. Dahi tambem a hesitação de suas conclusões. E o appello que faz ás noções correntes naquella época — em que a aerostação tão atrazada ainda estava — para obter uma explicação razoavel e ao mesmo tempo favoravel a causa da gloria de Guzmão.

“Mas qual era a força que devia fazer mover todo este volume?”

Eis o *segredo*, como o proprio autor do aerostato lhe chama. Estava esse segredo encerrado em duas espheras de metal dentro da machina: havia nellas magnete, e sobre um tecto de arame muito ambar. E’ quanto sabemos.

Lembrando-nos de que muitas propriedades da electricidade e do magnetismo já eram então conhecidas, nenhuma duvida temos em aventurar que as forças com que contava o inventor deviam ser electro-magneticas.

O certo é que ainda hoje, que a mecanica tem feito tantos progressos, a realização do problema não se pode admittir senão por meio de uma força motriz que se produza dentro da machina, seja ella electro magnetica, seja de ar comprimido, etc.”

Depois de reproduzir a petição, o manifesto, o despacho regio e as mercês recompensadoras de Gusmão refere Varnhagen que o “governo portuguez, superior ao seu seculo, acolheu o homem pensador e ainda hoje se pode ver no archivo publico da Corôa portugueza o registro do alvará de privilegio que se passou a tal respeito, dois dias depois do despacho.

“Crê-se até que el-rei favoreceu o inventor com os gastos da primeira machina de prova, e segundo nos affirma um autor contemporaneo (Francisco Leitão Ferreira) prompta ella, chegou a ser experimentada diante do soberano e de muitos grandes, no pateo da casa da India, em Lisboa, fazendo o inventor subir o pequeno aerostato até a altura da Sala que chamavam *das Embaixadas*, e dando ao subir de encontro a uma cimalha, cahiu”.

Emitte Porto Seguro sobre o glorioso filho de Santos uma serie de conceitos realmente nobres.

“Não se tratou de repetir a experiencia, e o autor do invento, — homem de genio, foi escarnecido e quasi dado por louco; e desgraçadamente para elle os raciocinios não

bastavam para convencer os incredulos, que pediam provas praticas, e estas demandavam gastos extraordinarios, que elle não podia fazer, nem teve quem de novo se aventurasse a fazer”.

Convicto de que a navegação aerea teria os seus problemas resolvidos, praticamente, dentro em prazo quiçá não muito longo, concluia Varnhagen os seus commentarios por estas palavras realmente dignas da maior meditação e apreço:

“Entretanto a navegação aerea, para o autor desta historia mais que provada como possivel em theoria, terá de resolver-se praticamente, com applicação a muitos usos da humanidade.

Quando tal succeder, quando essa grande revolução na futura circumscripção das nações pequenas se realize, quando o livre cambio seja uma realidade, pela impossibilidade da existencia das alfandegas, quando os gastos e o solo destinados ás estradas se possam economizar e dedicar á cultura, convertendo toda a terra em um novo oceano vivo, quando os balões cruzem sobre os polos, ou sobre as mattas, as montanhas, e os areaes, hoje intransitaveis, então sim que á gloria de Bartholomeu Lourenço se fará a devida justiça:

E o Brasil exultará de ver, bem que tarde, tributada a a devida homenagem a este filho da provincia, que mais homens de genio lhe tem dado. Talvez que, ainda mal sómente para então se lembre de levantar á memoria do illustre *Voador*, um monumento com que se illustre, ornando a sua cidade natal.

Pela nossa parte cumpre-nos lamentar que as aspirações do verdadeiro genio e do amor da patria tantas vezes só encontrem posthumas, e ainda assim tardias recompensas, unicamente conferidas pela consciencia da posteridade, alheia ás negras nuvens da inveja. Em vida, o illustre paulista, depois de annunciar o seu invento, em vez de recompensas, recebeu ultrages e perseguições”.

“Dentre as muitas satyras de máos versos, que se fizeram, contra o nosso *Voador* (em cujo numero se contou uma comedia que existe ms.) nos contentaremos, para gloria do Brasil, de citar os máos versos de um soneto, de que temos copia na integra, e onde se trata ao P. Bartholomeu de *baixo idiota*:

Esta e outras satyras mordentes, apesar de estupidas eram, segundo o costume, anonymas. Os miseraveis que, por inveja e baixeza de animo, hostilizam os grandes pensamentos e os grandes homens seus autores, são de ordinario covardes. Nem que a voz intima da consciencia, accusando-lhes a perversidade da sua obra, lhes mostre o pelourinho em que ficarão, ante a posteridade, eternamente cravadas suas cabeças!”

Até os dias de hoje, ao que nos consta foi divulgada a comedia manuscripta que Varnhagen conheceu e deve continuar a dormir no recesso de algum archivo lusitano.

Encerra Varnhagen os seus apontamentos sobre o seu immortal comprovinciano com alguns enganos nascidos da falta de pormenorisação da biographia do inventor, em seu tempo existente.

Assim affirma que depois das experiencias da *Passarola* não teve mais descanso, até fallecer miseravelmente em Toledo, em data de 19 de novembro de 1723 (ha ahi aliás erro de uma unidade na millesimação pois é positivo que o *Voador* morreu em 1724).

Terminam as paginas de Porto Seguro sobre Gusmão pelas seguintes linhas:

“O P. Bartholomeu se esforçou entretanto por mostrar-se superior a taes intrigas reptis. Em 1710 publicou um folheto (que foi tambem impresso em latim) sobre varios modos de esgotar sem gente as náos com agua aberta. Depois deixou a mecanica, e se consagrou ao pulpito; e ao escrever estas linhas temos nós presente o seu ultimo sermão, prégado em 1721 na festa do Corpo de Deus em S.

Nicolau, em Lisboa. Os censores deste sermão, Fr. Manuel Guilherme e Fr. Boaventura de S. Gião, fizeram-lhe justiça; declarando como eram reconhecidos os seus raros talentos, e os creditos que grangeára, assim em Coimbra, onde se doutorára em Canones, como no estrangeiro, por onde viajára depois de 1710. Nos sermões ostenta o P. Bartholomeu não só muita lucidez de estylo como não poucos rasgos de eloquencia”.

CAPITULO XIX

A interpretação racional de Brito Rebello. Objeções quanto' a exequibilidade da construcção da Passarola. Opiniões do padre Manoel Rebimbas e do padre Himalaya. Refutação completa por parte de Correa Neves.

Muito mais bem inspirado do que o Visconde de Villarinho de S. Romão, e com outra superioridade de criterio scientifico, procedeu Brito Rebello, relativamente a uma interpretação racional a dar-se á estampa primitiva da *Passarola*.

Entende o douto autor que quando muito poderia a inteliz e popular figura representár a barquinha, a naveta do balão. Este por prudencia do inventor não apparecia em tal imagem, se é que ella fôra da autoria do proprio Bartholomeu, hypothese intelligente e a unica aceitavel, a nosso ver.

Reforçando a Felipe Simões, expende Brito Rebello:

“O Sr. Felipe Simões discute scientificamente a possibilidade de fazer com que semelhante machina se elevasse no ar, terminando por affirmar que não podia ser assim o artificio aerostatico inventado pelo Padre Bartholomeu Lourenço.

Mostra tambem o mesmo Sr. que não só o autor de um folheto que se intitula — *Descripção do novo invento aerostatico ou machina volante, do methodo de produzir o gaz ou vapor com que esta se enche*, etc., publicado pelo impressor A. R. Galhardo, nos fins do seculo passado, como o pro-

prio Freire de Carvalho duvidaram de que a estampa represente a genuína invenção de Bartholomeu. E, embora o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão pretendesse justificar a perfeita hármonia do machinismo, o Sr. Simões rebate e com razão esta opinião.

Consta-nos, porém, que, na bibliotheca de Paris, existe uma estampa colôrida, cujos pormenores segundo me diz distincto engenheiro, explicam os pontos obscuros da gravura publicada por Thadeu Ferreira. Esperaremos o trabalho do illustre escriptor francez, para vermos como elle encara, demonstra e resolve esta questão, tão interessante para nós.”

Isto escrevia o erudito portuguez em 1887. Decorridos 51 annos, nada appareceu sobre o momentoso caso. Nem apparecerá, ousamos dizel-o.

Prosigamos porém.

“Ainda assim não deixaremos de fazer uma reflexão. As tradições do tempo, os monumentos escriptos, quer publicados, quer manuscritos, por vezes nos dizem que o invento do Padre Bartholomeu apresentava a forma de uma ave, e por isso alguns lhe chamavam *Passarola*, e dahi proveio ao seu autor a alcunha de *Voador* e de *Padre Passarola*. Logo algum fundamento ha para crer que a gravura não seja completamente falsa.”

Deste criterio discordamos. A gravura popularisou-se e dahi o nome de *Passarola*. Mas nada até hoje prova que seja authenticico.

“Effectivamente é de primeira intuição que assim como os primeiros navios tiraram as suas fórmulas das aves nadantes ou dos peixes, a machina que pretendesse cortar os ares devia naturalmente, imitar a fórmula das aves, que a todo instante vemos atravessar a atmospherá e equilibrarem-se nella.

A falta de attenção a isto, a falta de se não ter procurado esta imitação, na fórmula dada pelos Montgolfier, e seus

continuadores, ás machinas aerostaticas, talvez seja o motivo de ter sido retardada, por mais de um seculo, a resolução do problema da direcção dos aerostatos.

O que mais nos convence disto é que desde os projectos de Dupuy de Lôme até ás experiencias do Sr. Tissandier, se mostra nestes sabios a resolução definitiva de abandonar, para os asrostatos, a fórmula aproximadamente espherica dos balões, e de voltar á fórmula alongada e um tanto oval do corpo das aves.

Daqui, porém, a dizer-se que o Padre Bartholomeu se elevasse na sua machina, ou a fizesse elevar pela fórmula por que ella nos é apresentada vae grande differença; basta considerar o peso della, tal como a descrevem, e a sua impossibilidade de se manter no ar, não só de subir nelle.

Nos julgamos que a *Passarola*, representa apenas a barquinha do aerostato, onde se devia transportar gente e o mais necessario para a viagem, e que o chamado velame, que vemos colhido e preso á barca por cordas e moitões, constituiria o verdadeiro aerostato ao que o Padre Bartholomeu não poudo dar a última e definitiva perfeição por causa que na sua biographia talvez possamos explicar.

Admittido isto, nenhuma duvida póde haver em se aceitar a barca como representação do invento do Padre Bartholomeu, que, para conservar o seu segredo, lhe convinha occultar o meio de que se servia, para fazer elevar a sua machina.

E' isto o que nos parece razoavel e plausivel, muito mais quando o conhecimento do invento parece ter chegado ao estrangeiro, muito antes da invenção dos irmãos Montgolfiers.

O Sr. Felipe Simões tambem prova que não fôra o magnetismo o meio de que se servira o Padre Bartholomeu para fazer elevar a sua machina, mas sim o ar dilatado por meio do fogo, ao qual provavelmente substituiria depois o hydrogenio, se a morte não o atalhasse no vigor da idade e na pujança do seu desenvolvimento.”

Assim mesmo, admittida a hypothese do General Brito Rebello, somos levados a discordar da exequibilidade, no Portugal de 1709, da construcção do aparelho de Gusmão, da montgolfière ou *balão de S. João*, como lhe chamamos no Brasil, desde que elle se gabava de levantar aos ares, onze aeronautas.

Em todo o caso já é grande conquista, em prol dos direitos do nosso glorioso compatriota, admittir-se que a teratologica estampa se refere apenas á barquinha e não ao aerostato.

Façamos, porém, perfunctoriô calculo.

Onze aeronautas e a barquinha, sem mais nada, pesariam certamente uma tonelada. Vejamos qual precisaria ser o raio do globo capaz de suspender tal peso aos ares, mediante o aquecimento do ar.

A primeira *montgolfière* tinha de circumferencia 180 pés francezes (35m,64) ou, portanto, um diametro de pouco mais de onze metros e sessenta e sete centimetros. Não era bem espherica. Com aquelle diametro deslocava cerca de 766 metros cubicos.

Apesar de suas dimensões, apenas podia suspender aos ares, além do proprio peso, duas e meia centenas de kilos, num total de 490 libras francezas ou sejam quasi 240 kilogrammas em numeros rēondos.

Imagine-se, pois, que diametro seria necessario dar-se á *Passarola* nas condições da primeira *montgolfière* para suspender onze homens ou 700 kilogrammas, na melhor hypothese, e mais a naveta ou sejam, no minimo, um conjuncto quatro vezes mais pesado do que o que podia alçar aos ares o balão dos irmãos de Annonay.

Ora, a força ascencional por metro cubico de ar, aquecido a 50°, — temperatura razoavel de se admittir como média para o nosso caso. — é apenas de 338 grammas. Portanto, para suspender aos ares 1000 kilogrammas tornava-se necessario um deslocamento de quasi 3.000 metros cubicos de ar. Seria necessario fazer-se um globo de papel com um diametro de quasi 18 metros!

Quem seria capaz de o executar, no Portugal de 1709? Parece-nos que os limites dentro dos quaes nos mantemos são razoaveis, muito moderados.

Ainda em 1909 entendeu o Padre Manoel Rebinhas discutir o caso da authenticidade da estampa da *Passarola* procurando, aliás, defender engenhosa hypothese: correspondia ella a uma primeira idéa do inventor, cuja applicação pratica redundara em fragoroso insuccesso.

Assim, perde tempo em examinar o indefensavel caso:

“Nesta machina uma das partes principaes era a vela, em cima do barco. A vela lembra-nos, logo, a casca de ovo ou de laranja, a subir no ar e que ao inventor trouxe a idéa da aeronautica. Nella temos uma das tres condições que Gusmão suppõe para a aeronautica, isto é, a força motora do ar.

O resto devia dar ao velame e mover a *Passarola*.

Nestas condições o barco mal poderia conservar o equilibrio. Por isso Gusmão collocou-lhe dos lados as pennas. A direcção era dada pelas differentes posições que podia tomar a vela auxiliada pelo leme, a ré, á maneira de cauda de ave, com o feitio de um estandarte.”

Proseguindo, expende o ignacino um conceito de que de todo não compartilhamos.

“Até aqui é facil de comprehender, mas agora principiam as duvidas.”

Nunca se poderá, com maior propriedade de argumentos invocar o *est modus in rebus* do que no presente caso.

Facil de se comprehender a existencia da tal vela? E' preciso muito boa vontade para, com o unico recurso da malsinada estampa, enxergar naquelle dispositivo, em forma de toldo, de chapéu de sol, a possibilidade de effectuar o que d'elle pretendia o inventor.

A termos de acceitar tal estampa o mais que poderemos invocar, em prol dos creditos de Gusmão, será o titulo de precursor dos paraquedas.

Onde, em que genero de navio, no meio dessa imensa diversidade de typos de velame, se enquadra cousa parecida com o da *Passarola*?

Admittindo-se que o auxilio das roldanas permittisse “alargar mais ou menos a escota de qualquer parte que o vento fizesse feição teriamos com o enfunamento da vela uma tendencia á perpendicularização da naveta.

Voltemos porém ás duvidas do R. Pe. Rebinbas:

“Segundo as explicações havia duas espheras de metal contendo os imans que attrahiam o corpo da barca forrada de chapas de ferro. Muitos investigadores affirmam que estes dados contradizem as leis da physica e da mecanica. (sic.).

Comtudo duas explicações plausiveis se podem, talvez, dar destas duas mysteriosas partes da *Passarola*.

Primeiramente podem-se tomar á letra as antigas explicações. Mas neste caso é mister não suppor que um homem tão intelligivel julgasse que a *Passarola* havia de subir só pela atracção dos imans. Deve-se antes crer que elle havia de acreditar, como muitos sabios antigos, na forma attractiva do ar.

Deste modo, a força magnetica do ar actuava sobre os imans e por meio delles na barca. Dar-se-ia o mesmo que se actualmente quizessemos aproveitar a electricidade, que se descarrega do ar, para o movimento de um balão.

Podemos tambem crer que Gusmão, muito preocupado em tornar leve o seu barco, julgou diminuir-lhe o peso com a magnetisação.”

Como vemos a explicação que o Pe. Rebinbas entende plausivel é absolutamente inaceitavel em presença das conquistas da sciencia.

Sua segunda hypothese parece-nos a unica toleravel.

“Em segundo logar poderiamos considerar (e ha quem assim pense) que tudo aquillo foi fingimento para lhe não darem no segredo que elle queria conservar para si e sua

familia. Segundo esta explicação bem se pode julgar que elle levaria nas espheras e até no porão da barca qualquer materia a arder para elevar tudo mais facilmente.”

O final dos commentarios do ignacino portuguez mostra inexplicavel, mas patriótica pertinacia em procura de uma solução irrealisavel ante o que nos parece decorrer do simples bom senso:

“Em summa, não se sabe, ao certo, se o *segredo interno* era iman, se um gaz, se fogo.

Ha quem pense que as espheras iam vasias segundo o plano do P. Lana, mas isto parece-nos pouco provavel, pois eram pequenas demais. Ha outra parte da barca difficil de entender; é a cobertura feita de arame a modo de rêde. Naturalmente os arames só serviam para a vela cair sobre elles, quando não era necessaria, descançando ahi até que tornasse a ser precisa.”

Refere-se o Padre Rebimbas ao documento do Museu Britannico a que attribuiria certo valor comprobatorio por trazer a data *Lisboa, 1774* (nove annos antes, protanto, das experiencias dos Montgolfier), se não o tivesse como francamente adulterado.

A pensar como Figanière entende que a este memorial (por nós impresso no tomo primeiro dos *Annaes do Museu Paulista*) se annexa desenho positivamente posterior a 1709, data da petição e uma allusão a certa obra impressa em Lisboa, no anno de 1774, em que se descreve a Passarola.

A Oliveira Lima bem pequena impressão causou tanto a leitura destes papeis como o exame da estampa. Contenta-se em annotar a tal respeito simplesmente. “Interessante”.

Poder-se-á objectar que ao historiador não interessariam as minucias da vida do *Voador*.

Pouca importancia tem pois a obra anonyma impressa por Simão Thadeu Ferreira.

A esta questão já dirimiu Innocencio, frisa-o F. Simões.

“A petição em que Bartholomeu Lourenço de Gusmão requereu a el-rei D. João V, para que ninguem, sem sua

licença ou a de seus herdeiros, poudesse usar da machina, que inventára para navegar pelo elemento do ar, foi impressa com o desenho e explicação respectiva no anno 1774. E deste papel a trasladaram fielmente Francisco Freire de Carvalho para a sua Memoria, publicada entre as da Academia real das sciencias, e o Sr. Monteverde para o jornal literario, intitulado “Recreio”.

A data da ultima pagina é 1774.

“Demonstrou porém o Sr. Innocencio Francisco da Silva no tomo VII a pag. 13 do “Diccionario bibliographico”, que houve erro, talvez de impressão, e que em lugar de 1774 deveria ser provavelmente 1794, anno em que o Capitão Lunardi deu em Lisboa o espetaculo de sua ascensão aerostatica. O Sr. Innocencio adduziu, como prova concludente do erro, não ter o impressor Simão Thadeu Ferreira typographia em seu nome senão de 1781 em diante”.

Argumento mais convincente do que este é impossivel invocar-se, demonstrando o que na realidade vale este volume impresso por Thadeu Ferreira, reproducção pura e simples de uma mystificação já septuagenaria.

Realmente, hoje, depois das descobertas do Conde de Klinckowstroem nenhuma importancia tem esta historia do falseamento da millesimação do impresso de Simão Thadeu Ferreira.

Com effeito, que nos importa discutir se elle sahiu em 1774, ou em 1784, se a estampa da *Passarola* foi indiscutivelmente impressa na Allemanha e na Inglaterra já em 1709, já antes das experiencias de Lisboa?

Concluindo os seus reparos sobre tão ingrato assumpto declara o Padre Rebimbas:

Dadas estas explicações perguntará alguém: Podia realmente voar-se com tal apparelho?

“Sem duvida poderia de um logar alto lançar-se esta machina e descer avançando alguns metros. A vela serviria

como a superficie de um aeroplano ou ainda melhor como um para-quedas.

O movimento da barca por meio de vela, sobre a qual actuava o vento, era possivel, mas com os tubos nada se conseguiria, porque quem recebe a acção e a reacção é um e o mesmo apparelho em suspensão no ar.

De tudo isto bem se pode concluir que a ascensão por elle promettida para 24 de junho de 1709 não se realisou. Mas que elle fez experiencias com essa machina e tirou alguns pequenos resultados, é facto demonstrado.

E' certo que os narradores não são concordes na designação do local das experiencias; mas de duas uma? ou elles confundiram differentes logares onde ellas se realizaram, ou, o que é mais provavel, o inventor variou, praticando ora de um ponto, ora d'outro conforme a direcção do vento. Depois de citar o depoimento de Frei Lucas Pinheiro, ainda accrescenta o jesuita luso:

“Uma duvida nos resta ainda, a saber: se a machina se elevou como dizem alguns documentos e nomeadamente a carta de Isabel de Brunswick. Se assim foi, mal se percebe porque é que Gusmão escolhia as torres e colinas para se lançar dahi e porque é que provavelmente não levou a cabo a experiencia, antes annunciada, de 24 de junho de 1709.

Deve, pois, ter surgido qualquer difficuldade com essa parte da machina cheia de segredo, o que o levou a introduzir-lhe qualquer aperfeiçoamento.

Temos assim a passagem para os balões”.

Ahi, com maior propriedade, explica o Padre Rebimbas quanta convicção lhe assiste em affirmar que Gusmão fez subir aos ares um balão de São João.

Cumpre em todo o caso rectificar-lhe uma affirmação: Isabel de Brunswick, absolutamente, jamais disse, ao que se saiba, que no apparelho o *Voador* se elevou aos ares.

Quer nos parecer que o ultimo defensor da absurda estampa de 1709 foi o padre Manuel Antonio Gomes, que ao seu patronymico ajuntou a alcunha provinda dos collegas do

Seminario e devida a sua estatura absolutamente fora do commum: Himalaya.

E' aliás um dos nomes mais respeitaveis do movimento scientifico moderno portuguez: o Padre Hímalaya, como é universalmente conhecido.

Nascido em 1868, apaixonado das pesquisas physico-chimicas, estudou na Universidade de Paris mathematicas e sciencias phýsicas e dedicou-se mutio á astronomia.

A' exposição de S. Luiz do Missouri, em 1903, enviou um aparelho de sua invenção que obteve muito elevados gabos e premios: o *pyrheliophoro*, immenso heliostato destinado a aproveitar a energia calorifica solar para a fusão dos metaes. Deve-se-lhe ainda a invenção de um explosivo de segurança e elevada potencia: a *himalayte*.

Interpretando a malsinada estampa mystificadora de 1709, expoz o Padre Himalaya, a 1 de dezembro de 1909, aos seus collegas da Academia das sciencias de Lisboa, que a seu ver o segredo do invento de Gusmão consistia no emprego de 12 a 14 balonetes, dispostos, symetricamente, em torno da naveta á qual se prendiam pela extremidade inferior.

Pela superior ligava-se toda a serie dos balonetes a um plano horizontal existindo ainda dois outros planos moveis, na parte inferior da naveta.

Parece-nos comtudo verdadeira aberração de espirito, por parte do illustre cientista, querer affirmar que a nacella arrastava comsigo o aparelho productor do hydrogenio tumefactor dos balonetes, que elle imaginava residir nas duas esphas da figura.

O balão suspendia aos ares, as bolas metallicas, a agua acidulada e o ferro da classica preparação do gaz de Cavendish!

De que formidavel força ascencional dispunha pois!

Levando o seu patriotismo, o chauvinismo, a inacreditaveis excessos, não trepidou ainda o Padre Himalaya em affirmar a sua crença de que fora Gusmão o isolador do hydrogenio! aliás já entrevisto pelos alchimicos!

E fundou o seu raciocinio nas seguintes bases: a forma dos balonetes não permittiria que sob elles se poudesse manter um foco capaz de conservar ou renovar o ar quente.

Na pseudo estampa de 1774 occurriam as duas espheras detentoras do segredo da invenção.

E aliás a nota annexa a tal estampa affirmava que o apparelho subia aos ares graças a um gaz e não graças ao ar quente.

De nada valera a demonstração, insophismavel, da apocryphia da data realizada por Innocencio! Persistia o Padre Himalaya, inconvincivel na sua obstinação *chauvinica*. Concluindo affirmou que a Gusmão se deve:

1) a invenção de machinas aerostaticas mixtas, balões com alguns elementos de aeroplano.

2) a descoberta das propriedades do hydrogenio.

3) e ainda um invento de meio muito engenhoso para proteger a vida dos aeronautas, em previsão de desastres!

Até onde a auto suggestão póde chegar?! A que extremos?

Assim pensamos que o criterio unico a adaptar-se ao caso vertente é o que em 1911 expendeu Corrêa Neves, a repetir, peremptorio, todas as hesitações do anonymo de 1784 e as de Freire de Carvalho.

“Durante muito tempo, quasi todos os escriptores que se occuparam do assumpto, tomaram como ponto de partida, para conhecimento da forma da machina empregada, a estampa bem conhecida da *Passarola*, a que já nos referimos (publicada pela 1.^a vez pelo impressor Thadeu Ferreira, parece que não em 1774, como sahiu impresso) e que tem sido reproduzida, e continua sêndo, em grande numero de publicações, tanto portuguezas como estrangeiras.

Ha algum tempo porém, a opinião mais accete, e que deriva logicamente do estudo attento dos documentos, é a de que aquella gravura não representa a machina aerostatica de Gusmão, devendo ser considerada como uma phan-

tasia, propria talvez para tornar a invenção mais acceptavel para o publico, mas que não resiste a um exame scientifico; neste ponto estão de accôrdo varios technicos estrangeiros, que se têm occupado do assumpto e numerosos escriptores nacionaes, que têm estudado os documentos existentes”

Depois de recordar as opiniões do Visconde de S. Romão, que declara inacceptaveis, e lembrar que Felipe Simões as rebateu, continúa o distincto autor que tanto temos citado:

“Segundo a opinião do Sr. Brito Rebello, a *Passarola* representada na gravura era apenas a barquinha e o velame que se vê em cima o balão.

Finalmente o Sr. Padre Himalaya, em sessão da Academia de Sciencias de Portugal, apresentou a hypothese de ser o velame que se vê superiormente um grande balão em forma de crescente constituindo o orgão principal do aparelho, havendo, além disso, os balonetes que circumdam a barquinha; na sua opinião, tambem o balão seria cheio de gaz hidrogenio e não um balão de ar rarefeito”.

Nada mais exacto do que as linhas que aqui seguem.

“Analysando porém aquella estampa, á luz da moderna sciencia aeronautica e aproximando-a das descripções das experiencias, que se encontram nos documentos coevos da invenção, já citados, chega-se (a nosso ver) á conclusão de que a referida estampa não podia corresponder de modo algum á realidade, tendo cocorrido bastante, com o seu aspecto extravagante e anti-scientifico para complicar a questão e apresentando a invenção como inacceptavel aos olhos dos technicos”.

A proseguir, emite Corrêa Neves uns conceitos dubitativos perfeitamente explicaveis para o tempo em que os redigiu. Não tivera ainda sciencia das estampas ingleza e allemã da *Passarola*, impressas em 1709.

“Esta estampa, se realmente foi feita no tempo do inventor — do que duvidamos — teria talvez servido (como hoje diríamos) de reclamo, á invenção, que disso precisaria para ser bem accete pelo publico de então o qual facilmente se deixaria empolgar por formas e apparatus enigmaticos e pelas vagas palavras de magnetismo e electricidade que, diga-se de passagem, verdadeiramente nada explicavam. Mas nunca aquelle desenho traduziria o verdadeiro aspecto do apparatus”.

CAPITULO XX

Ainda a defesa da primeira estampa da Passarola pelo Padre Himalaya. Insustentavel hypothese. Excessos de chauvinismo. Os diversos typos de estampa da Passarola. Conceitos de Gago Coutinho.

Em carta de 27 de agosto de 1910 explicava o Padre Himalaya ao Marquez de Faria, o seu modo de interpretar o invento de Gusmão, de accordo com a primeira estampa da *Passarola*. Teve o illustre fidalgo portuguez, o acerrimo defensor da gloria do nosso compatriota, a grande gentileza de nol-a communicar.

Discutindo o caso da prioridade do *Voador* declarava o Padre Himalaya, que não lhe assistia a pretenção de acertar em assumptos dependentes de interpretações dadas aos trabalhos de outrem, sobretudo quando os elementos de informação technica eram escassos.

Assim apenas apresentava uma opinião pessoal, opinião discutivel, que poderia ser regeitada inteiramente ou servir para auxiliar a descoberta daquillo que mais procuravam todos: a verdade.

A seu ver concebera Gusmão diversos projectos, como todos os inventores costumavam fazer. E um só executara, em grande escala, e, por ventura, pouquissimos mais, em môdelo, comtudo.

Conheciam-se dois de taes projectos: um imperfeitamente esboçado na muito divulgada petição, impressa por Simão Thadeu Ferreira, em 1774, e o outro proveniente do acervo da Universidade de Coimbra, e descoberto por Felipe Simões.

O primeiro projecto de aparelho aeronautico denominado a *Passarola* parecia-lhe um balão multi-cellular, composto de quinze sacos, com pequenos balões elementares. Enchia-os o inventor de hydrogenio, obtido por meio do acido sulfurico diluido, sobre a limalha de ferro existente nos recipientes esphericos. Estes appareciam no desenho e nelles dizia o Voador estava o "segredo".

Como vemos persistiam, em 1910, as ideias absurdas do visconde de S. Romão.

"Estes quinze balonetes bastante grandes, explicava o Padre Himalaya, achavam-se dispostos da seguinte maneira: "Um em forma de crescente, collocado na parte superior do aparelho. Era o maior dos recipientes. E os outros pequenos collocados symetricamente, em volta duma barquinha alongada, sendo 7 de cada lado".

A forma destes quatorze labonetes era conica sendo a parte mais larga fixada a uma armadura, ou quadro de bambú, ou madeira forte, elastica e leve. E a parte mais estreita prendia-se á barquinha.

As pequenas cordas amarravam o balão, em forma de crescente, ao quadro de sustentação dos demais, ficando o systema em condições razoaveis de estabilidade.

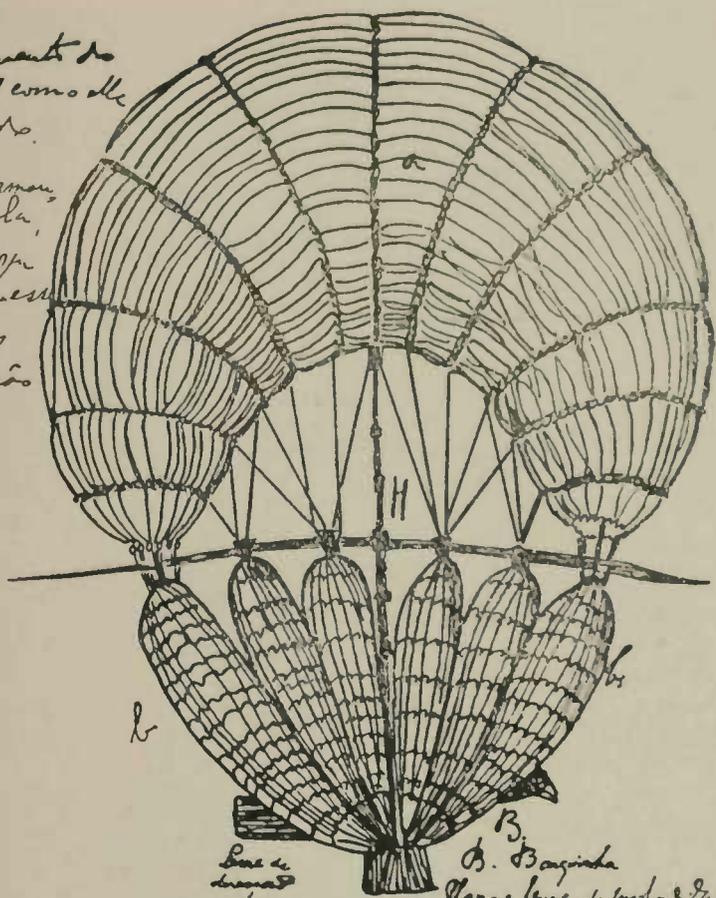
"Se o inventor, poudesse livremente proseguir em seus trabalhos teria talvez supprimido o balão superior, augmentando a capacidade dos inferiores, cujas condições de estabilidade parece que eram mecanicamente superiores".

E teria modificado o quadro de sustentação destes ultimos, tornando-o um verdadeiro plano aeronautico. Entre as peças deste quadro havia fina rede de arame sob a qual deveria desdobrar-se uma tela tambem fina. Constituiria esta um plano imperfeito.

Na parte inferior da barquinha existiam dois planos moveis servindo de leme de profundidade. Na cauda parecia dispor-se o leme de direcção.

Esboço do invento do
P. Gusmão, tal como elle
o teria executado.

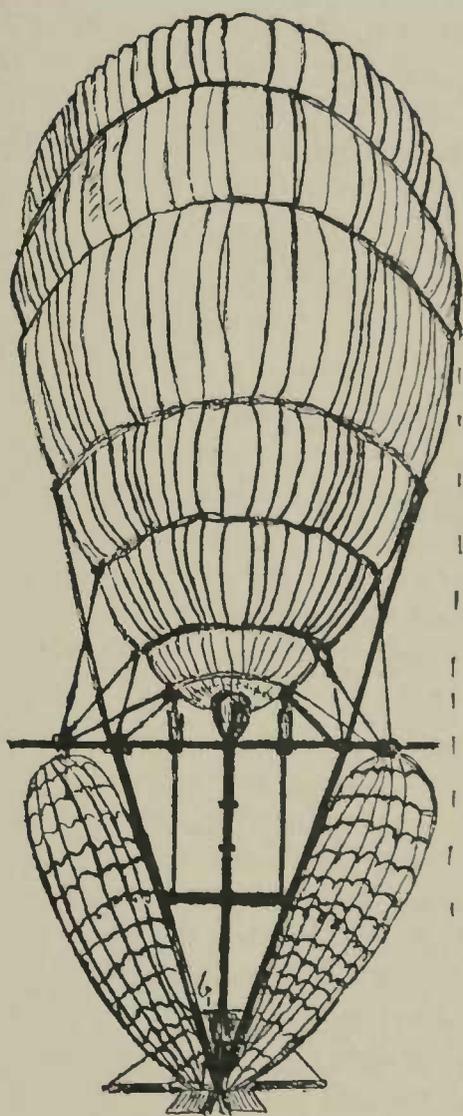
Este tipo chamam
se a Passarela,
é instalavel em
o invento de Gusmão
preferendo estas
formas e não
as do balão
esphérico



Base de
drum

B. B. Bagincha
Planas base de profundidade

Esboço interpretativo do invento de Gusmão,
segundo o Padre Himalaya, comunicado ao
Marquez de Faria (secção longitudinal).



Secção transversal da Passarola,
segundo a interpretação do Padre
Himalaya.

“O systema, pensava o Padre Himalaya, é perfeitamente exequível. Devidamente aperfeiçoado, ainda hoje poderia prestar serviços, porque, na hypothese da ruptura dum balonete, não haveria catastrophe irremediavel, como succede com os balões monocellulares”.

“O gaz hydrogenio era conduzido aos saccos *a* e *b* por meio de finas mangueiras, feitas de tela oleada. Os proprios saccos eram feitos dessa tela. O balão não tinha motor e devia mover-se unicamente pela acção das correntes atmosphericas”.

“O inventor representou o sacco *a* (o grande) vasio e os demais saccos *bb* como se fossem órgãos accessorios. Isto tinha uma razão de ser. Era para occultar em parte o invento”.

A barquinha está inconcebivelmente exaggerada, expendia o commentador. O fim destas mystificações era desnortear os invejosos que não deixariam de antecipar o inventor na realização do projecto, visto elle, inventor, ser pobre.

Accresce tambem que o desenho da “Passarola” foi provavelmente feito pelo Padre Gusmão para fixar a sua idéa e não para servir de norma para a construcção do apparelho”.

O segundo projecto era o de um balão conico, formado dum unico sacco, ou de varios saccos parallellos, a cuja indeformabilidade garantiam armaduras, segundo parece, collocadas no exterior e feitas de bambú ou madeira leve, elastica e forte. Esse sacco depois de cheio, devia affectar uma forma parecida com isto: “um balão conico de que uma das extremidades fosse um segmento espherico”

E’ provavel, escreve o erudito autor portuguez, que o inventor pensasse em reunir ou jungir dois ou tres ou mais balões conicos collocando-os ao lado uns dos outros, para evitar accidentes, no caso de um delles se esvasiar.

Bambús adequados mantinham rigida a armação de que, por meio de cordas, pendia a barquinha. Desta partia uma

mangueira de tela oleada que conduzia o hydrogenio ás células do balão. “O balão era tornado indeformavel por meio de uma armadura em forma de pyramide tetraedrica. O Padre Gusmão só representara no seu desenho as linhas de tal armadura. O balão depois de cheio de gaz tinha forçosamente de affectar um contorno proximo de um cone de revolução, no qual se distinguia sempre a armadura”.

Por muito que acatemos os conhecimentos e os talentos do Padre Himalaya não podemos deixar de reflectir que quando escreveu estes commentarios elle o fez muito *a posteriori* de uma serie de factos e conquistas da aeronautica.

Já o Conde Zeppelin lançara os seus famosos balões compostos de systemas de balonetes. Um seculo decorrera depois que haviam subido aos ares as primeiras *montgolfières*. Quantos inventores já não tinham apparecido, no scenario da aerostação, antes que o illustre aeronauta germanico se lembrasse do seu verdadeiro ovo de Colombo?

Não é crível que a Gusmão, logo do primeiro arranco, quando titubeava na escolha da forma a adoptar, para a sua aeronave elementar, assistisse tão larga, tão profunda visão.

Explicando os motivos que o levaram a acreditar no emprego do hydrogenio pelo *Voador* dizia o Padre Himalaya ao seu illustre correspondente:

“O gaz usado devia ser o hydrogenio obtido, pelo processo anteriormente descripto”.

“A razão porque me parece que o hydrogenio foi sempre o gaz usado pelo Padre Gusmão é que o ar quente seria quasi impossivel de introduzir em qualquer dos seus modelos conhecidos. De mais a mais o Padre Gusmão sabia *Physica* e sabia que o ar quente depressa arrefece”.

“Ora elle queria ir descobrir as regiões polares onde o frio é extremo. Ir para lá com ar quente, seria indigno dum homem do genio do Padre Gusmão”.

Encerram estas palavras conceito de tal modo exageradamente ingenuo que chegam a ser o applauso a um caso

de verdadeiro quichotismo, de delirante quichotismo, senão de tartarinismo do nosso *Voador*.

Ao enunciar semelhantes promessas não tinha elle a menor noção do que se abalançava a prometter.

Terminado escrevia o Padre Himalaya:

“A meu ver o Pe. Gusmão precedeu Cavendish no conhecimento dalgumas das propriedades do hydrogenio. Creio que foi isso que o enthusiasmo e o levou ao infortunio de ser um grande inventor perseguido por ser pobre e viver num meio frivolo, ignorante e supersticioso”.

“Coisas identicas, succederam e hão de succeder a tantos outros que se avantajem muito á sua época”.

Mau grado a convicção do illustre sacerdote scientista, tal opinião é tudo quanto ha de mais capaz de infundir o scepticismo por parte dos observadores friamente imparciaes.

As ultimas linhas da carta do Padre Himalaya ainda traduzem o seu enthusiasmo pela causa do *Voador*.

“Não posso enviar a V. Ex. mais nada por agora, mas, se descobrir qualquer documento, ou puder obter quaesquer dados interessantes não me esquecerei de os fazer chegar ás mãos de V. Ex., a quem do fundo dalma felicito por emprender e levar á cabo a obra benemerita de restituir a Portugal, e ao Brasil, uma gloria que lhes pertence e de fazer justiça a um sympatico martyr da Sciencia”.

Assim, pois, persistia o distincto inventor portuguez como que dominado por uma especie de sebastianismo, a pretender resuscitar o que era absolutamente irresuscitavel.

Parece-nos a saciedade demonstrado que a estampa corrente como verdadeira representação do invento do *Voador* nada mais é do que o fructo de lucubrações pittorescas para fins mystificatorios.

Affirma o escriptor anonymo da *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço*, sempre hostile e rancoroso, seja dito en-

tre parentheses, que o nosso inventor “vulgarisou muito em Lisboa a fórma da sua embarcação volátil”. Devia esta governar-se por um flabello de pennas como azas”. E era “movidá por homens que haviam de ter governo e encaminha-la com esta idéa á parte onde a quizessem conduzir”.

Assim fizera Gusmão “pintar o dito invento a esta idéa com as suas explicações, de que se multiplicaram varias copias”.

Quatro desenhos diversos, quatro “estados”, como dizem os gravadores, conhecemos de tal estampa gaiata. Não apresentam grandes differenças mas indicam divergencias positivas e isto á primeira inspecção.

No desenho de 1709, mero esboço, pertencente ao Fondo Bolognetti do Archivo Vaticano, vemos o aeronauta com a sua luneta horizontalisada.

No *Abriss des fliegendes Schiffes*, a estampa viennense, tambem de 1709, a luneta acha-se horizontal mas a posição dos braços do aeronauta é diversa da da estampa vaticana. Parece o homem sentado e dir-se-á que com a mão esquerda segura um grande papel.

Os flabellos da *Passarola* são nove na imagem de Viena e oito na de Roma.

Na figura de Simão Thadeu Ferreira apparece o aeronauta de pé, a observar o sol com o seu astrolabio (?) e tendo no estado da barcaça uns papeis que recordam o aspecto das cartas geographicas.

Na estampa franceza, hoje ao alcance de todos, reproduzida como se acha na quarta edição da *Historia Geral do Brasil*, de Varnhagen, não se vêem taes mappas, o aeronauta está tambem de pé.

E' evidente aliás que a impressão d'esta estampa deve ter sido muito posterior á das outras que datam, como já vimos, de 1709. Traz como titulo “Figure de la barque inventée en 1709 par Barthélémi Laurent de Gusman chapelain du Roi à Lisbonne pour s'élever et cheminer à travers les airs”.

Ora, sabemos que o Voador só começou a chamar-se Gusmão alguns annos depois de 1709.

Está averiguado porém que esta peça se incorporou em 1792 ao *Cabinet des Estampes* da Bibliotheca Nacional de Paris. Nove annos portanto após as experiencias dos Irmãos Montgolfier.

Nenhuma das tres primeiras estampas traz escala. Muito de industria talvez, a ultima, a franceza, indica um petipé, a que chama "*Échelle de 5 pieds*" cf. Hist. Geral do Brasil t 3, p. 412, ed *Weiszflog*).

Segundo tal indicação o comprimento da barcaça da *Passarola* orçava por seus quasi doze metros, do bico da ave á extremidade da cauda.

Mais de seis metros devia ter o estrado onde se acham o aeronauta e as taes duas espheras mysteriosas que, a fina força, quizeram o Visconde de S. Romão e o Padre Himalaya fossem destinadas á producção do hydrogenio. De accôrdo com o petipé taes espheras deveriam ter cerca de 0,65 de diametro.

Dando de barato que a carcassa das extremidades, relembradora das fórmas do passaro, fosse constituída por armação muito leve, ainda assim a parte central da barcaça teria grandes dimensões e notavel peso.

Mais de seis metros de comprimento para cerca de 1m,60 de altura. Sobre a largura nada podemos adiantar, por deficiencia de elementos, mas como, consoante o memorial, tal estrado (feito de chapas de ferro e forrado de taboas!) devia carregar onze tripulantes não é nada exagerado attribuirmos um metro quadrado para cada homem, o que nos dará doze metros quadrados, seis metros sobre dois.

E ainda nestas condições os tripulantes se veriam na posição que o proloquio popular attribue ás sardinhas arrumadas em tigela. Sobretudo, para uma viagem de 200 milhas, como annunciava o prospecto...

Outro factó que, a nosso ver, ainda invalida a legitimidade de tal estampa: o seu manifesto fala em onze passageiros, dez tripulantes e mais o inventor. E no emtanto

nella só se vê o tal observador de astrolabio, vestido do modo mais fidalgo, em trajes de Côrte, punhos de renda buffonianos e cabelleira empoada.

Assim, pois, os dez companheiros onde se alapardavam? No bojo da Passarola? dentro das espheras? porque não os collocou o desenhista ao lado do inventor? Não ficaria a estampa muito mais suggestiva, muito mais prestigiosa?

Outra singularidade e esta tambem notavel. Diz o memorial que o inventor era um sacerdote. Pois bem; em vez da estampa trazer uma figura de sotaina mostra-nos um gentil-homem peralvilho! Quanta incongruencia!

Commentando a deficiencia dos elementos de que dispunha Felippe Simões, observa o Major J. P. Pinheiro Correa:

“Chegamos a 1934 e vistas as coisas pör um prisma differente do que se viam em 1838 e analysando não só os documentos que todos os investigadores já analysaram mas compulsando alguns trabalhos estrangeiros, desconhecidos em Portugal, que sobre Gusmão tem sido escriptos e que, graças a um amigo, temos em nösso poder, estamos apetrechados a provar que a celebre gravura da “Passarola” não data de 1774 ou 1784, como estava convencido o Dr. Felippe Simões, mas já se encontrava publicada em documentos datados de 1709 e que já nessa data as experiencias de Gusmão eram conhecidas no estrangeiro, como aliás se pôde verificar nas obras do Marquez de Faria”.

Melhor ainda: pela profunda pesquisa e solida exegese do Padre Balthazar Wilhelm e do Conde de Klinckows-troem que o leitor já conhece.

Uma novidade a mais para o publico trouxe o Com-mandante Pinheiro Correia: a revelação da estampa, inedita para Portugal, em que apparece o famoso perfil mythologico da *Passarola* uma “gravura em metal, ouro e prata, assignada por Daumier (1808-1879) e existente em Frankfurt”.

Curiosa circumstancia: trata-se de uma composição do famoso pintor-desenhista, e sobretudo caricaturista, marse-lhez que tanto atormentou Luiz Philippe e seus governos no

Charivari: o emulo de Gavarni que mereceu a honra entre todas insigne — de um perfil immortal constando de quatro quadras assignadas por Charles Baudelaire.

A reproducção que o *Diario de Lisboa* publicou é muito obscura. Temos a impressão de que uma *Passarola* vem baixando a terra junto a um terraço onde vemos seis personagens do seculo XVIII, tres fidalgos de pé falam a tres fidalgas das quaes a do primeiro plano se acha sentada encontrando-se as outras tambem de pé.

A aeronave occupa o ultimo plano; os fidalgos a examinam com a maior attenção, um delles curva-se, destacado dos outros. As tres damas estas parecem pouco interessadas pela presença do fantastico aparelho.

O nome glorioso de Gago Coutinho incorporou-se á bibliographia de Gusmão com o protesto lavrado pelo illustre aviador no *Diario de Lisboa*, de 15 de novembro de 1933, a proposito das festas francezas do centesimo cincoentesimo anniversario da primeira ascensão da *montgolfière*.

Nelle se mostra o almirante luso, aliás, pouco versado nos pormenores biographicos de Gusmão a ponto de aceitar a balela da perseguição inquisitorial, confundindo factos de 1724 com os de 1709.

A seu ver, a primeira estampa da *Passarola* é absurda e só póde ser tida por apocrypha.

A conclusão do illustre nauta dos mares e dos ares é excellente. Depois de recordar a alta mentalidade de Gusmão, clara descortinadora das possibilidades da aeronautica, escreve:

“As experiencias do Padre não as esqueceu a tradição popular, na qual ficou vivendo a historia da *Passarola* e do Padre Voador, datando naturalmente de então o divertimento popular dos rapazes, portuguezes e brasileiros, pelo São João: deitar *balões de fumo*.

Podemos pois reivindicar para um portuguez a prioridade do invento dos balões.

Porque se pode concluir definitivamente que, muito antes de 1783, se fizeram em Lisboa experiencias de ascen-

são de balões de papel, com material que *ardia*. Ora, para que o papel se não queimasse, o fogo só poderia ser aplicado, ou dentro, ou suspenso do balão, e, em ambos os casos este encher-se-ia de ar quente, mais leve que a atmôsphere, e teria de subir. Eis o resultado natural a esperar da associação, em um *instrumento* do papel do envolucro, com o *fogo*.

Assim, não é conjectura audaciosa o acreditar que uma experiencia, identica á experiencia inicial dos irmãos Montgolfier, foi feita em Lisboa, mais de meio seculo antes, e, tambem, como em França, com um *globo que subia pela acção de certo material a arder*. Se tal noticia se não espalhou pelo mundo foi porque, naquella época, não havia *telegrafo nem jornaes*. E afinal, agora que os ha, não se discute ainda, como a Gusmão, a prioridade de Santos Dumont?

Embora a falta de sequencia tenha tornado menos nitidas as provas da authenticidade da experiencia de Lisboa é licito affirmar que, da mesma maneira que foram portuguezes aquelles pioneiros da navegação maritima, que abriram aos outros povos o caminho dos Oceanos, outro tanto aconteceu, com a descoberta do caminho pelo Ar.

Porque documentos ainda existentes provam que o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, com o seu *globo* de ar quente ou de gaz, dando o passo fundamental para a satisfação do ideal humano de *voar* foi o incontestavel pioneiro da conquista do Ar.

Em summa para, de vez, acabarmos com o caso da supposta estampa da Passarola queremos, a examinar o caso, com toda a justiça e isenção de animo, declarar que nella comtudo encontramos um elemento de cuja verosimilhança ou antes de cuja legitimidade absolutamente não duvidamos de forma alguma: a bandeira portugueza que nelle figura é verdadeira.

Tambem é só o que lhe concedemos em materia de authenticidade.

CAPITULO XXI

A analyse do memorial e da estampa da Passarola por Balthazar Wilhelm e o coronel Moedebeck. Ideas absurdas e abstrusas.

Causa real surpreza a circumstancia de que diversos homens de esclarecido espirito e bella intelligencia culta hajam perdido precioso tempo a malbaratar penosos e aturados esforços tentando descobrir alguma verosimilhança pratica no aerostato de Bartholomeu de Gusmão, tal qual nos é apresentado segundo a estampa mystificatoria da *Passarola* hoje definitivamente classificada entre as mais estramboticas e ineptas concepções do munchausenianismo universal, digna da risota geral.

O interessante é que as ideias do Visconde de São Romão, dos Padres Rebimbas e Himalaya, vingaram fora de Portugal e do Brasil acceitas por homens de conhecimentos scientificos, eruditos probos e pertinazes pesquizadores dos factos.

Dous destes defensores de exequibilidade da *Passarola* são allemães: o tenente Coronel Moedebeck e o jesuita padre Balthazar Wilhelm, conhecido educador que leccionou longos annos no famoso collegio aristocratico de *Stella Maris* em Feldkirch, no Tyrol austriaco.

Não poudemos ler a monographia de Moedebeck que escreveu pelo menos duas vezes sobre Bartholomeu de Gusmão e seu invento.

Conseguimos porém conhecer a assaz extensa memoria do Padre Balthazar Wilhelm publicada em 1908. Valeu-se

o douto jesuita para a sua composição de alguma bibliographia portugueza sobretudo dos trabalhos de Felipe Simões e Freire de Carvalho. Mostrou desconhecer porem os de Brito Rebello e do Visconde de S. Leopoldo, Recreio, Villarinho de S. Romão, Innocencio F. da Silva etc. o que prejudica seriamente este trabalho, serio, leal, consciencioso de autor desejosissimo de acertar.

Apresenta elementos valiosos até então jamais divulgados como os que decorreram da consulta dos catalogos jesuiticos da Provincia do Brasil, de muitos opusculos e foliculas germanicas, allemãs e austriacas, contemporaneas das experiencias de Gusmão e de diversas obras do mesmo tempo.

Pretendeu Balthazar Wilhelm esclarecer tres cousas a) demonstrar que Bartholomeu de Gusmão não chegou a ser jesuita; b) explicar a forma real do invento do santista; c) verificar se elle soffreu realmente guerra por parte da Inquisição.

Da primeira parte sahiu se brilhantemente. Depois de traçar uma biographia do Voador, razoavelmente certa, demonstrou insophismavelmente pela consulta aos catalogos jesuiticos da antiga Provincia do Brasil que não passara de mero postulante á Companhia, tendo sido eradicado da lista destes candidatos em 1701, quando apenas contava dezeseis annos incompletos.

Assim jamais foi jesuita nem pode ser chamado ex-jesuita.

Mostra o Padre Wilhelm ignorar por completo os factos que se prendem ao desvalimento do seu biographo. Attribue-lhe a queda a possiveis declarações imprudentes por escripto, occasionadoras das iras da Inquisição.

Emfim salvo quanto ao caso da eradicação do Voador da Companhia de Jesus o ensaio de P. Balthazar Wilhelm é honestamente escripto por quem desejava acertar. Tem cousas certas mas padece de enorme inopia de informes autorisados.

Trata depois o professor de Feldkirch dos *Aerostatos e ensaios de Gusmão* e declara obedecer á orientação de Moedebeck para quem o santista como notavel precursor que foi, antecipando-se á sua epoca, conseguiu realizarapparelhos imitadores do vôo das aves, um aerostato e um balão dirigivel: “où l’imagination va-te elle se nicher? commentamos nós.

Entende Wilhelm que o exame do *Manifesto* da Bibliotheca de Evora é sufficiente para demonstrar que Gusmão estudou e observou attentamente o vôo das aves. Assim a *Passarola* pertence a esta phase experimental.

“E’ verdade que os portuguezes não queriam dar valor a esta machina por não poder comprehende-la. Julgavam-na mero desfiguramento com fins mystificadores. Com esta opinião concordava aliás o ensaista allemão, barão de Hagen, em seu escripto, datado de 1883 e inserto no *Zeitschrift Zur Forderung der Luftschiffahrt*.

“Mas as provas de authenticidade da *Passarola* são demais evidentes “afiança o nosso jesuita, obstinado.

Insiste, emperradamente, em defender a verosimilhança do monstrengo. A grande vela da parte superior do apparelho fora inspirada pela casca de laranja esvoaçante que ao inventor inspirara a ideia primitiva do balão (sic!) Para a enfunar entrariam em acção os foles. Moedebeck assim tambem pensava: collocados á frente e atraz e sahintes, de uma vara, de cada lado, pela reacção do ar deviam mover o aerostato!

A vela era pois o sustentaculo e o propulsor do apparelho. As azas os seus libradores. A dirigibilidade lhe era assegurada pelo leme e o feitio em cauda de passaro.

A parte obscura do memorial de *Pessarola*, acrescenta o jesuita provem da presença dos imans “das pedras de cevar, conservadas em espheras de metal que deviam attrahir o corpo do navio, guarnecido de chapas metallicas e os pedaços de ambar da rede de arame”.

Agindo sob a inspiração do sub consciente deixa se o Padre Wilhelm arrastar a uma expansão ingenua. “Isto como que lembra á gente o caso da Barão de Münchhausen, que, sentindo se atolar num brejo, suspendeu-se, a si e ao seu cavallo, puxando o proprio rabicho para cima.

Para decifrar o mysterioso caso declara Wilhelm que ha dous caminhos a seguir. O primeiro é simplesmente passmoso como verdadeira obnubilação de espirito de quem o propoz.

Gusmão provavelmente cria na força magnetica do ar que actuaria sobre os imans e por meio destes sobre o navio. Mais plausivel a segunda solução: é que as esferas ocas que appareciam na figura continham materia gazeificada!

Julgava pois que nas esferas e no bojo do navio existissem substancias combustiveis capazes de fazer o navio alçar-se aos ares. Isto explicaria a presença das chapas de metal do soalho da Passarola que evitariam o incendio impedindo ao mesmo tempo que os pés dos tripulantes ficassem demasiadamente quentes (sic!)

Entendia Moedebeck que nas esferas reinasse o vacuo como propunha Lana. Subindo deviam levantar a rede e deste modo suspender o aerostato (sic) Eis ahi a prova cabal que elle não tinha conhecimentos de physica até mesmo summarios. Entende Wilhelm que a rede de arame não passava de mero estrado para nelle se collocar a vela do apparelho quando ferrado.

Depois de expôr uma serie de extravagancias e indefensaveis pontos de vista, como estes que acabamos de analysar, declara Wilhelm que a *Passarola* tal qual se pode deduzir de seu aspecto, não seria um aerostato e sim um planador, ou papagaio, cujos ensaios deram mediocres resultados. Assim declara acreditar na famosa e apocrypha jornada aeronautica do Voador do Castello de S. Jorge ao Terreiro do Paço.

Contrariando a ordem chronologica dos documentos emite o Pr. Wilhelm a affirmação que depois de seu papa-

gaio é que Gusmão se lembrou de inventar um balão de ar quente.

A documentação de que pode valer-se era ainda, em seu tempo, a mais escassa. Assim adduz as palavras de Francisco Leitão Ferreira, e o depoimento do anonymo do codice 537, da Universidade de Coimbra, inimigo do Voador. Não conhecia ainda os testemunhos do Nuncio, depois Papa Innocencio XIII, de Soares da Silva e Salvador Ferreira.

Estudando criteriosamente os elementos de que podia lançar mão em todo o caso chegou o Padre Balthazar Wilhelm a uma conclusão absolutamente exacta:

“A 8 de agosto de 1709 realisou Gusmão um ensaio feliz com um balão de ar quente ou, talvez mais exactamente, com um globo alçado aos ares por um mixto de ar quente e gazes, provenientes da combustão de certas materias. Não só foi o ar aquecido e rarafeito como gazes que se produziram”.

Analysando depois o documento encontrado por Felippe Simões no archivo da Universidade de Coimbra o famoso depoimento de um amigo do inventor, a que o douto lente coimbrão interpretou não se lembra Wilhelm de verificar, pela cubagem do tal balão pyramidal se esta era sufficiente para obter uma força ascensional capaz de suspender um aeronauta aos ares.

Moedebeck aventa a ideia de que a machina devia ter um propulsor que não apparecia no ensaio de reconstituição de Felippe Simões. Entendia que as palavras do memorial eram perfeitas esclarecedoras do caso.

Corroborando este modo de ver termina Wilhelm a sua analyse com as seguintes e laudatorias expressões:

Respeitemos o homem que dentro de curto lapso de annos comprehendeu e interpretou as tres phases da navegação aerea!

A seu ver foi Gusmão o primeiro *aerostata pratico*. Antes d'elle os inventores se limitavam a imitar o vôo das aves. Julga Wilhelm mas um tanto sceptico, comtudo, que

effectuou uma ascensão embora limitada. Mas o que se não pode negar é que haja feito subir aos ares o primeiro aerostato embora não tripulado. Como aliás succedeu aos Montgolfier. No que o padre Wilhelm se mostra falho é quando affirma que Gusmão estudou os processos de aerostação de Lana, e mais autores antigos, jesuiticos e outros seculares.

Quer nos parecer ingenuo o nosso apologista do Voador pretendendo provar a influencia de autores archaicos e phantasistas sobre as ideias de Gusmão.

Não pôdemos admittir que umas suggestões vagas, indeterminadas, inconsistentes de meros devaneadores hajam exercido qualquer acção sobre o modo de pensar do nosso inventor.

Louva Wilhelm a differença entre Gusmão e seus antecessores. Demonstrou o Voador uma energia realisadora que elles não souberam ter.

Extranha ao mesmo tempo que fora de Portugal tão pouco ruido haja feito a sua invenção. E a tal proposito relata os resultados de suas pesquisas na bibliographia germanica, citando a folicula da viagem phantastica de Lisboa a Vienna, o trecho de Valentini, das *Acta eruditorum* de Leipzig em 1714, o caso do club de atiradores tambem de Leipzig de que nos occupamos analysando os resultados das pesquisas do Conde de Klinckowstroem. Muito sensatamente expende Balthazar Wilhelm a opinião de que á gloria e á defesa dos direitos de Gusmão deve ter causado enorme damno o grande terremoto de Lisboa em 1755. Certamente desapareceram com o seismo muitos papeis de capital importancia para a sua historia e a do seu invento.

Pensa o nosso jesuita que certamente os Montgolfier jamais hajam ouvido falar do Voador e de seu balão. E ao mesmo tempo expende a opinião de que a montgolfiere trouxe verdadeira reminiscencia dos actos e feitos de Gusmão.

Refere-se ao receio que os francezes tiveram de ver perder para o seu compatriota a prioridade aerostatica e

afirma a sua convicção de que o memorial apocryphamente antedatado de Simão Thadeu Ferreira não é de 1771 e sim de 1784.

Quanto á estampa mystificatoria tem na por completamente deturpada adduzindo novo argumento muito sensato: a circumstancia de que o aeronauta em vez de ser representado como um clérigo como tudo obrigava a isto apparece como um fidalgo pelintra vestido a secular.

E recorda que com o continuar das pesquisas a figura de Gusmão e a importancia de seus direitos sempre se avantajaram.

Insiste Wilhelm em querer demonstrar que o Voador foi um dos precusores dos planadores por meio de seu dispositivo de planos de vela para o vencimento dos ventos (sic.)

Concluindo declara o professor de *Stella maris* que Lana e Gusmão são dous nomes brilhantes na historia da evolução da navegação aerea. Assim protesta veemente contra um articulista da revista *In Reich der Lüfte Deutschland voran* em 1908, que a estes precusores intitulara aventureiros:

A Lana faltara um bemfeitor que lhe facultasse recursos materiaes para lhe permittir realizar ensaios praticos. A Gusmão esmagara a perseguição da inveja e dos preconceitos.

Em summa a monographia do jesuita tem algumas cousas boas e outras más, outras pessimas como não podia deixar de ser não havendo elle disposto senão de recursos documentaes escassos.

Em todo o caso muitos de seus conceitos são perfeitamente exactos e cheios de justiça. Pena foi que não houvesse recusado formalmente admittir que nenhum verosimilhança assistia á estampa teratologica da Passarola em que pretendeu encontrar o que quer que fosse em materia de foros de authenticidade.

CAPITULO XXII

Revelação sensacional. Um depoimento da mais autorizada fonte sobre a mystificação realisada com a estampa da Passarola. A segunda edição do poema de Martello e a divulgação capital que nella se contem.

Graças á gentileza de illustres amigos, os RR.PP José Danti e Fernando Pedreira de Castro, S. J., dignos Reitor e Bibliothecario do Collegio de S. Luiz, em S. Paulo, cahiu-nos sob os olhos o volumoso livro de Galileu Venturini, sacerdote italiano, tambem da Companhia de Jesus. Seu titulo pittoresco, *Da Icaro a Montgolfier* attrahiu-nos vivamente a attenção. Publicado em Roma e, em 1928, tem como annexo um estudo acerca da personalidade de Bernardo Zamagno, poeta italo-latino da aeronautica, a quem se deve o poemeto *Aeronave*, impresso em 1768 e agora traduzido pelo nosso autor.

Com viva curiosidade percorremos as paginas deste livro muito bem trabalhado, que nos revela a consulta de extensa e rica bibliographia.

Passa o Padre Venturini, aliás, por um dos mais notáveis pregadores da Italia contemporanea. E' tido por vigoroso estylista além de autor da mais escrupulosa fidelidade na consulta ás fontes historicas.

Era natural que se occupasse, detidamente, de Bartholomeu de Gusmão e com effeito, no seu capitulo XII, consagra bom numero de paginas ao nosso Voador. Paginas sobremodo valiosas pela revelação inesperada que nellas se contem, e da maior relevancia, como veremos, graças a uma

citação, jamais invocada até hoje, pelo menos ao que sabemos, do mesmo Pier Jacopo Martello, o autor do poema *Gli Occhi de Gesù* de quem já assaz falámos.

Escreveu Venturini, mal esteiado pela bibliographia portugueza, que praticamente mostra desconhecer. Vale-se de informações de segunda mão, verdade é que geralmente abeberado a boas fontes, á memoria de Balthazar Wilhelm e ao artigo muito menos valioso de Rebimbas.

Ha a se lhe fazer o reparo de que taes informações são bem antigas, datando de fins do seculo XIX e de 1910.

Assim, gravemente claudica, augmentando de doze annos a idade de Gusmão, e perde tempo a discutir as hypotheses de Bourgeois (de 1784) sobre a dualidade dos voadores Bartholomeu de Gusmão e Bartholomeu Lourenço.

Assim, tambem, data de 1704 a petição da *Passarola*, reproduz varios erros insustentaveis, de Ferdinand Denis, e chega ao ponto de avançar que o Voador empregou os ultimos quinze annos de vida em aperfeiçoar o seu invento aerostatico! Pavorosa erronia!

E, apesar de jesuita, mostra acreditar na balela igualmente insustentavel de que o inventor haja sido perseguido pela Inquisição por causa de seu invento.

Falando da estampa mystificadora de 1709, admite Venturini que a *Passarola* fosse a barquinha apenas e que as taes duas mysteriosas espheras esculpidas, de signaes cabalisticos, dentro das quaes se encontrava o "*segredo*" causassem o fracasso das experiencias pelo feitio que emprestavam ao aparelho, feitio estrambotico aos olhos de doutos e indontos.

Muito criteriosamente expende o nosso autor:

"Il Gusmão ebbe due torti: l'uno di promettere troppo fin da principio, l'altro de circondarsi da mistero"

"O vulgacho maravilhou-se com as promessas da petição real e depois admirou as experiencias felizes ou infelizes, mas logo acudiu a suspeição da magia acarçoada pelo

“mistero impenetrabili di quei due benedetti globi” (as *esphas* que encerravam o ambar).

Reiterando o erro que abrange uma confusão de factos, separados por nada menos de quinze annos, conclue o erudito ignaciano :

“L’applaudito Voador divenne alla fine uno stregone (bruxão) si pericoloso, che, forse anche per altri motivi, l’Inquisizione credette di dover intervenire”.

No mesmo capitulo XIII, trata Venturini do que, em materia de aerostação, occorreu de mais importante no primeiro quartel do seculo XVIII.

E a tal proposito occupa-se da obra de Pier Jacopo Martello e sobretudo de seu poema principal *Gli occhi di Gesù* de que nos dá longa analyse, na parte attinente ao seu escopo, a saber os *Dialoghi sul volo*, que são quatro, divididos por quatro “mañhãs”. A *Mattina ultima* dedica-se ao exame critico e á desmoralisação do memorial e da estampa da *Passarola*.

Martello imagina achar-se na lua onde encontra o Propheta Elias. Convida-o este a cantar o poderio dos olhos de Jesus e leva-o a um admiravel palacio onde, em magnificos quadros, descreve-se o effeito do olhar divino sobre Adão, S. Maria Magdalena e muitos mais personagens sacros.

No fim do canto quarto surge inesperadamente uma aeronave em forma de pessaro em que embarcam o poeta e seu guia.

*Macchina adunque ad uso tal si adopre
Che molti accolga e che l’augello imiti
L’arte miri a natura a simil opre
E ordigno inventi onde il suo peso aiti:
L’anima poi che muove, il corpo all’opre.
L’uomo sia che l’ordigno al moto inciti
E l’alzi e il regga dentro l’aereo ano
Ma il gran Tifi dell’aria é ancor lontano.*

Ridicularizou então Matello, como absurdissimo, o plano da nave aerea attribuida a Gusmão. Capacitara-se de que o inventor tinha em vista embaçar o vulgo credulo, afim de afastar possiveis pesquisas identicas ás suas e a attenção publica do verdadeiro segredo que queria, a todo o transe, manter ignoto. Era o que aliás revelava o teor de sua petição, em que tanto se mostrara receioso de ser prejudicado. Dahi as penas severas reclamadas do Rei para os seus possiveis defraudadores.

Commentando estas circumstancias refere-se Galileu Venturini a opiniões de Giuseppe Boffito, o irreductivel gusmanophobo italiano, de quem teremos ainda de falar, assaz longamente, demonstrando-lhe a fraqueza extrema dos conhecimentos biographicos do Voador e a má vontade preconcebida de suas aggressões ineptas.

Realizando o que diz o nosso proverbio, dos caçadores que matam aquillo sobre o que não haviam atirado, affirma Boffito, por palpite, “desmascarando o impostor Gusmão” que a mystificação da estampa viennense decorria de outra mystificação, esta portugueza e obra do proprio Bartholomeu!

Sem o querer, ia o violento adversario do precursor determinar, por parte de Venturini, uma pesquisa de que resultaria sensacional descoberta. E novo e valiosissimo elemento de defesa para a causa do odiado e detractado adversario gratuito.

Mas não antecipemos:

Explica Boffito a attitude de Martello do seguinte modo: em 1710 conversara o poeta “certa noute com o Cardeal Conti, Nuncio Apostolico em Lisboa, e varios de seus familiares. Por elles soubera da verdade plena: Toda a atoarda das experiencias de Gusmão se reduzira a “certo globo di carta, il quale a forza di quintessense, ivi chiuse e riscaldati e attrati dal solo, a qualche altezza saliva: cosa di nessun uso nessuna espettazione meritevole”. (Sic! sic! sic!)

O futuro Innocencio XIII pouco versado nas sciencias physicas entendia nullo o invento do *Voador*. Pouco importava! Fora este agora segundo depoimento comprobatorio da ascensão do globo aerostatico.

Julgando-se ludibriado resolvera Martello vingar-se e decidira levar a serio as suas pesquisas demolidoras da impostura do santista. E assim, recorrera ainda ao embaixador de Portugal junto á Santa Sé. E este, que não era outro senão o Marquez de Fontes, o grande protector de Gusmão, em 1709, a sorrir, lhe fizera esta preciosa confidencia :

“Em 1709 não era ainda embaixador e achava-se na côrte de Lisbôa. O seu primogenito conhecia bem a Gusmão de quem era alumno de mathematicas e ao mesmo tempo a unica pessoa que o Voador admittia no recinto dentro do qual o seu tão esperado apparelho se construia.

Ora como muitos houvesse que assediassem o inventor, afim de delle obterem qualquer confidencia, o proprio Gusmão, certo dia, para não revelar o segredo, e para libertar-se da importunação dos curiosos escrevera a tal folicula onde tudo parecia explicar. Fingindo deixal-a por descuido escapar das mãos, fizera-a apparecer, como quasi se fosse thesouro ciumentamente guardado, aos taes individuos avidos de primicias.

Os primeiros que a apanharam copiaram-na em grande segredo, e outros depois, tudo isto entre as mais saborosas gargalhadas de Gusmão e do seu alumno predilecto, prova-vel collaborador de tal burla. E assim o folheto, traduzido mais tarde em varias linguas, percorrera meia Europa!”

Tudo isto relatou-o Martello na epistola dedicatoria dos *Dialoghi sul volo*, para justificar na edição definitiva de suas obras, datadas de 1720, o motivo que o induzira a supprimir a *quarta mattina* (o episodio em que tratara de Gusmão e *Passarola*) annexada *frettolosamente* (pressurosamente) á edição de 1710 (Cf. Martello, *Opere*, Roma, Della Volpe, 1720, vol. 5 pag. 375).

Explicando a decisão de Martello observa Venturini e com carradas de razão: “Era logica tal suppressão. Crera Martello confundir as theorias aeronauticas de Gusmão ao refutar o folheto viennense. Viera depois disto a saber, não sem surpresa, que não se tratava de theorias e apenas de extravagancias inventadas pelo proprio Gusmão, ou para atirar poeira aos olhos dos papalvos ou para fazer os indiscretos “perder o seu latim” Supprimir a refutação de uma doutrina inexistente, “que se baseava apenas numa impostura graciosa e inocua” era o que havia de mais natural”.

Assim foi Bartholomeu de Gusmão, o proprio autor desta mystificação que suppunha innocua!

Caro, carissimo haveria de lhe custar o gracejo! Nada menos do que, por longos annos, por mais de doys seculos, a denegação absoluta de seus creditos de inventor, de seus direitos á prioridade aerostatica, á sua gloria scientifica! Terrivel perigo o de se brincar com a Verdade! E que encarniçamento ô do Destino em tão longamente a esta occultar, na campanha da defesa dos direitos do Precursor!

Só no seculo XX andaram os pesquisadores pelas vizi-nhanças do documento desvendado por Venturini, em 1928. Já em 1910 allegava Paulo Picca as ligações de Martello com Bartholomeu de Gusmão e a *Passarola*, mas não lhe occorreu proseguir na inspecção da obra do poeta.

Caberia a Venturini esta incumbencia que agora tamanho realce traz á causa dos campeões da Verdade e da Justiça.

Assim, no dizer de Martello, documentado pelo depoimento singelo e espontaneo do Marquez de Fontes, foi Bartholomeu de Gusmão o proprio autor do memorial e da estampa, dignos de se pôr em confronto com outras peças de igual jaez, nascidas da fantasia descabellada de seus inventores, no genero da que illustra, por exemplo, o *Homem na lua*, de Godwin, etc., etc.

Preciosa revelação a que cabem todos os visos da authenticidade pela data (vizinhanças de 1720) a posição e

autoridade do depoente e suas relações intimas com o Voador.

Recordemos aqui mais uma vez que D. Rodrigo Annes de Sá Menezes e Almeida setimo conde de Penaguião, terceiro marquez de Fontes o primeiro marquez de Abrantes, mestre de campo da Infantaria, foi o maior protector que Gusmão sempre encontrou em Portugal, desde os annos da adolescencia.

Nomeado embaixador extraordinario junto ao Papa Clemente XI, partiu o grande e opulentissimo fidalgo para Roma, a 16 de janeiro de 1712, afim de entabolar negociações com a Santa Sé, tendentes a assegurar a purpura cardinalicia, effectiva, aos Arcebispos de Lisboa elevados á dignidade patriarchal.

Longamente viveu o Marquez em Roma, no desempenho de sua embaixada; mais de seis annos, pois só regressaria a Portugal a 9 de abril de 1718. Tempo teve Martello, portanto, para, de sobra, com elle privar. Além da alta posição que occupava, dotes pessoaes sobejos possuia para attrahir a consideração geral, quer pela distincção das maneiras do *grand seigneur* faustoso, quer pelo talento, a illustração e o amor ao convivio dos literatos e dos artistas.

Durante o prazo de sua embaixada protegeu, do modo mais efficiente, em Roma, o illustre pintor portuguez, Vieira Lusitano, e viveu nas mais altas rolas intellectuaes da Cidade Eterna.

A' sua sahida dedicaram-lhe poetas e poetastros versos repassados dos maiores elogios, como o soneto que acompanha a gravura com o seu retrato, recolhida por Barbosa Machado, onde em torno da effigie de tão alto fidalgo se lê *D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes March. (ese) di Fontes Ambasc. (iatore) per Su M(aestà) Ii Re Di Portug (allo) Alla Cort(e) Di Roma.*

E' este o soneto cujo contexto gentilmente nos traduziu o R. P. José Danti. D. Reitor de São Luiz em São Paulo.

*Fama, che fai? sù via, col tuo sonante
Bronzo, del Gran Sadico Eroe del Tago,
Le Gesta esprimi; Nò, non resto pago
Di tua Tromba vulgar al grido errante;*

*La Glogia è degna sol, con trionfante
Voce immortal di decantar l'Imago
Del Gran Rodrigo, sol di glorie vago
Del Tempo, e de l'oblio già trionfante.*

*Ecco il Tebro l'ammira; ed Opre, ed ori,
Ricco d'applausi egli spargendo in tanto,
Fatto è nel Lazio un dolce incanto à i cori;*

*Ed emulando à i forti Alcidi il vanto,
A i Divi Augusti i gloriosi onori
Merta Diademi al Crine, ed Ostri al Manto.*

*Fama que fazes? Eia! proclama por meio do teu bronze
sonoroso as acções do grão Sadico (filho das margens do
Sado) e heroe do Tejo. Não! não me satisfará o brado in-
deciso de tua trompa vulgar.*

*E' a gloria a unica digna de cantar com immorredouras
e victoriosas vozes a figura do grande Rodrigo, triumphador
do Tempo e do Olvido.*

*Admira-lhe o Tibre as acções e a fortuna, altisonante-
mente acclamado por aquellas e a derrama desta Tornou-se,
no Lacio, o doce encontro, dos corações.*

*E competindo com a gloria do forte Alcides e as hon-
ras dos divinos augustos merece o diadema que traz sobre o
coma e a purpura do manto”.*

Voltou Dom Rodrigo á patria coberto de enorme prestigio. Chegando a Lisboa fizeram-lhe novo retrato que tambem foi gravado, peça que se encontra igualmente na collecção de Barbosa Machado.

Ao Marquez de Fontes cumulou D. João V de favores fazendo-lhe as maiores demonstrações de contentamento pe-

los resultados da sua embaixada a Roma. Assim, a 24 de junho de 1718, deu-lhe o tratamento de Marquez Parente. A 12 de agosto immediato expedia-se a transferencia do titulo de Marquez de Fontes para Marquez de Abrantes, de juro e herdade, tres vezes fóra da lei mental e, no dia immediato sahiu o decreto concedendo o titulo de Conde de Penaguião, de juro e herdade, como prerogativo dos filhos primogenitos dos Marquezes de Abrantes.

Em sua *Resenha das familias titulares e grandes de Portugal* escreve Albano da Silveira Pinto.

“Ao terceiro Marquez de Fontes e sexto Conde de Penaguião D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, embaixador D’El Rey D. João V, querendo galardoar os serviços que este lhe havia feito nas armas e em cargos importantes, particularmente no de seu embaixador na côrte de Roma, em que concorreu efficazmente para a realização dos desejos do soberano afim de elevar a metropole de Lisboa á sublime categoria de Igreja patriarchal, e que a dignidade cardinalicia fosse inherente á eleição de Patriarcha de Lisboa, sem dependencia de nomeação e approvação de Sua Santidade e immediatamente proclamado no primeiro consistorio que celebrasse em Roma depois da eleição e apresentação real conforme se declara na bula *Inter-praecipua*, datada de 17 de dezembro de 1739; El Rei D. João V lhe fez mercê do tratamento de sobrinho para elle e seus descendentes, e da transferencia do titulo de Marquez de Fontes para Abrantes, de juro e herdade; e que além disto os filhos primogenitos desta casa fossem condes de Penaguião tambem de jure e herdade, cujo titulo usariam ainda na vida dos paes.”

Muito propositalmente nos alongámos a falar dos meritos e da altissima posição do Marquez de Fontes, na Côrte de D. João V, afim de prestigiar, aos olhos dos leitores, a valia de seu depoimento.

Assim, novamente frisemol-o, do modo o mais veemente: no dizer do illustre grande fidalgo o unico inventor

da malsinada, da abstrusa estampa da Passarola foi o proprio Bartholomeu de Gusmão!

Commentando o depoimento de Martello que até então jamais se divulgara em Portugal escreveu o douto Magalhães Basto n'*O Primeiro Janeiro*, o grande jornal portuense, (edições de 28 de fevereiro de 13 de março de 1936) subordinando o seu comentario á epigraphe significativa *sensacional revelação*. A elle acompanhava a estampa italiana da *Barca que naviga per l'aria seiscento miglie per giorno* a que adeante nos referiremos.

“Não ha duvida que, em abril de 1709, Bartholomeu Lourenço de Gusmão obteve Alvará de D. João V concedendo-lhe monopólio para exploração do seu invento de *andar pelo ar*; e não ha duvida, tambem, que nessa data tal invento não tinha sido ainda *posto por obra*.

Não diz o Alvará — peça de authenticidade incontestavel — como seria o apparelho, nem qual o processo por que voaria. Não obstante, logo em junho seguinte apareciam publicadas num jornal de Vienna de Austria, antes ainda de Gusmão ter realizado as suas primeiras experiencias publicas, a petição que elle dirigira ao Rei uma descrição de machina aerostática e a respectiva imagem — semelhante a um passaro de formidaveis dimensões.

Assentemos ainda outro facto: que esse desenho do apparelho era conhecido em Portugal antes, tambem, das experiencias. Só assim — parece-me — se comprehende que nas *Decimas dedicadas* por Thomaz Pinto Brandão á *maroma escondida que traz abalada toda a cidade* — versos feitos evidentemente antes da *maroma* ter surgido á luz do dia! — se chama *fera Passarola* ao invento do Padre Bartholomeu, que nem todos imaginavam do mesmo modo como o prova a gravura que acompanha este artigo.

Ora vejamos agora — utilizando o livro já aqui citado de Affonso de Taunay — donde partiu a noticia de que o

apparelho teria a forma de ave; vejamos também como e donde surgiu a phantasmagórica e pyramidal idéa dos imanes, dos alambres e dos foles!

No anno de 1710 foi publicado em Roma um livro do prosador e poeta Pier Jacopo Martello — *Gli occhi di Gesù*. — Desse livro constam quatro *Dialoghi sul volo*, o ultimo dos quaes tem como assumpto o aparelho voador de Gusmão, tal como fôra vulgarizado em artigos de jornaes e em folhetos pelo estrangeiro. O Poeta ridiculariza o Inventor e condemna como inteiramente absurdo o invento.

Mas passam-se alguns annos.

E, em 1720, Martello faz a edição definitiva das suas obras.

Nesta edição, porém, suprime o que antes dissera da *Passarola*?

Porque?

Porque nesse meio tempo viera a saber que a abstrusa machina voadora e a descripção respectiva, não passavam de descabeladas mystificações. Gusmão não eumprira nada do que promettera, visto que se tinha limitado a fazer subir um “globo di earta” — coisa sem importancia.

Como averiguara isto o Poeta? Casualmente, numa conversa com o Cardeal Conti, Nuncio Apostolico em Lisboa e com os seus familiares, tivera os primeiros informes. Mas como quizesse mais pormenores, resolveu proeural-os em fonte de absoluta confiança.

A quem se havia de dirigir?

Ao Embaixador de Portugal na Còrte Pontificia, o qual era — curiosissima coincidencia — nem mais nem menos: que o 3.º Marquez de Fontes em casa de quem o Padre Bartholomeu de Gusmão se instalara em Lisboa, quando, em 1709, chegou do Brasil, e que tinha sido o grande animador, e protector entusiasta das tentativas aerostaticas do illustre sacerdote de além-mar.

Pela bocca desse respeitabilissimo fidalgo — Embaixador de Portugal em Roma desde 1712 a 1718 — veio Martello a saber que o Padre Gusmão era professor de Mathematicas

do filho mais velho d'elle Marquez, justamente no tempo em que andava a preparar a sua machina aerostática. Trabalhava, no maior mysterio, isolado num recinto onde só deixava entrar o seu nobillissimo pupillo.

Mas toda a gente queria saber o que *iria sahir dali!* Não o largavam com perguntas.

Então o proprio Gusmão, para se libertar dos maçadores sem lhes revelar o seu *segredo*, elaborou uma phantastica noticia descriptiva do invento, fingindo depois deixal-a por descuido escapar das mãos.

Fôra essa absurda explicação que, avidamente copiada e divulgada, tinha sido traduzida em varias linguas e correrá meia Europa!

Isto está contado por Martella na edição das suas *Opere*, feita em 1720 (segundo conta o illustre escriptor brasileiro, citado no começo deste artigo) (1) Ninguem o inventou agora para defender a glória de Gusmão; parece-me, portanto, que deve merecer inteiro crédito.

Não é esta, na verdade, uma revelação sensacional, que joga admiravelmente com o facto hoje averiguado de ter sido uma especie de balão de S. João o que o *Voador* — muitos annos antes dos Montgolfiers — fez subir aos ares em Lisboa, na Casa da India?!”

(1) Copiamos o artigo do brilhante erudito autor portuguez *verbatim*.

CAPITULO XXIII

A ballela da perseguição inquisitorial a Gusmão, em 1709, incriminada causadora da suspensão de suas experiencias.

Errada e tenazmente se disse, e repete-se, até os dias de hoje, que a principal causa da interrupção das experiencias de *Passarola* se deveu á attitude a principio hostile e mais tarde perseguidora da Inquisição.

E tal supposição gratuita vem de longe, repetida por gregos e troyanos, portuguezes, brasileiros, francezes, hespanhóes, etc. etc. Já no nosso primeiro volume sobre o *Voador* explanámos e documentamos o caso.

A questão que o *Voador* teve com o Santo Officio originou-se de sua desastrada participação na conspirata contra a Madre Paula, a Trigueirinha, favorita de D. João V, de seu contacto com feiticeiros e amizade com judeus e christãos novos, seus compatriotas, do Rio de Janeiro.

Misturando alhos e bugalhos, uma nuvem de biographos do inventor, filiados á escola do methodo confuso vive a manter a nebulosidade dos espiritos com a reiteração de semelhante historia da carochinha. Isto desde o seculo XVIII, como os folicularios da *Gazeta de Utrecht*. Bourgeois em 1784, como vimos, referiu, talvez de sua alta inventiva, que Gusmão era tido como feiticeiro.

Lentière repetiu o caso em 1795. Mas o grande divulgador de semelhante patranha parece ter sido Bocous, em 1817, dando ao caso, extensão e pormenorisação notaveis. Dahi em deante foi um repetir sem conta destas caraminholas.

O proprio F Denis não se escoimou de o fazer. Pelo menos não varreu a testada como deveria.

Brito Rebello e Correia Neves em Portugal, Benedicto Calixto no Brasil, rebateram brilhantemente estes disparates.

Os conceitos de Calixto merecem lidos apesar de revelarem que o seu autor não estava muito ao par das particularidades da biographia de Gusmão. Assim emittiu algumas apreciações menos acceitaveis.

Rebatendo certas asserções descabidas do escriptor portuguez Rocha Martins, affirma Calixto:

“Sabio anterior a Bartholomeu de Gusmão, que tambem se dedicou ao assumpto da aerostação, foi o jesuita, padre Francisco Lana, que em 1670 projectou uma especie de navio aéreo, sem ser igualmente tolhido pela egreja, “amiga da ignorancia”, ou accusado de “feitiçaria” pelos dominicanos.

Este celebre jesuita “levou a sua ousadia” a ponto de escrever um livro sobre a materia do seu invento, o qual fez grande successo entre os sabios da época, segundo affirma Tissandier.

A Inquisição jamais se preocupou com descobertas scientificas: o seu fim foi sempre outro, como ficou provado, e se algumas victimas foram queimadas, por *crime de magia ou feitiçaria*, eram sempre os pretextos ou falsos rotulos, mascarando a *causa veridica*, afim de illudir os incautos, que suppunham ver a punição de um herége quando, na realidade, esse tribunal só agia em interesse do fisco e da politica dos soberanos e mais potentados, cujo meio de governo mais pratico foi quasi sempre o cadafalso.

Bartholomeu de Gusmão não podia dar credito a essas “ballelas inquisitoriaes (se é que as houve) porque bem sabia, em enquanto estivesse nas boas graças del-Rei, nada havia que temer.

Para negar formalmente essa ballela da Inquisição, no “caso da Passarola”, basta citar as pesquisas que se fizeram, ha tempos nos archivos do Santo Officio, em Lisboa, afim de apurar essa velha questão, que ficou, de uma vez para sempre, rejeitada.

O que no dito archivo se encontrou foram casos muito pueris, — como a inquirição de testemunhas — a proposito de uma questão — “processo das feiticeiras de Odivellas”, — *mexericos de mulheres*, onde, por acaso, andou envolvido de relance, o nome do padre Voador, como sendo chamado, por essas mulheres, para consultas.

E’ aliás bem conhecida a origem desses *mexericos* em Odivellas, no tempo de D. João V, para que a nossa penna venha revolver e trazer a lume toda esta intriga indecente.

O Padre Bartholomeu, depois de ter realizado as suas experiencias de aerostação em 1709, não quiz occupar-se do assumpto; entregou-se a outros estudos, nos quaes, de dia para dia, ia se impondo ás sympathias do monarcha, do qual sempre recebeu as maiores provas de admiração.

Se a Inquisição quizesse intervir nesses projectos scientificos, tel-o-ia feito na occasião das experiencias, em 1709 e não quinze annos depois, em 1724, quando o padre Bartholomeu nem mais pensava em tal “Passarola”.

Todo aquelle, que com necessario bom senso e criterio procurar estudar a vida do Padre-Voador, nessa phase, hade ficar farto de saber o motivo porque o nosso illustre patriocio deixou de proseguir em seus estudos de navegação aérea.

Não foram as apocryphas ameaças da Inquisição, mas sim as satyras pesadas e ferinas dos “Camões-degenerados”, que nesta época faziam o papel de *gazeteiros* e orientadores da opinião publica. Essas é que obstaram e tolheram as descobertas do Padre-Voador.

Os autores dessa pasquimada, que tanto aviltou e deprimiu o nome e a invenção do padre Bartholomeu, foram os que apresentaram o “Voador” como feiticeiro e como louco, afim de amesquinhal-o perante a opinião publica. O que porrem atiçava ainda mais a furia desses zoilos, era a teimosia do Rei, e sobretudo as suas prodigalidades para com o Padre Voador e o seu invento.

São innumeradas as versalhadas que ainda se conservam, e qual dellas mais eloquente, em exprimir o objecto princi-

pal que movia o estro desses “vates”, mordidos pela inveja e pelo despeito.

Pela leitura desses versos depreheende-se que o rei e o marquez de Fontes, andavam deveras enfeitiçados pelo Padre-Voador; pois em vez de socorrerem o povo “na fome do terreiro”, só se preocupavam com a “Passarola” do

“ *.duende brasileiro*
“*de traje clerical, sotaina e c’roa.* ”

Dos versos citados, estes que abaixo transcrevemos, primam pela sua vibrante eloquencia;

“*Com que engenho te atreves, brasileiro,*
“*A voar no ar sendo pateiro,*
“*Desejando ave ser, sem ser gaivota?!*
“*Melhor fôra — lá na região remota*
“*Onde nasceste, estar com sizo inteiro.*”

Quem melhor pois que esses versos poderá descrever “o padre Bartholomeu, o seu invento e a sua época?”

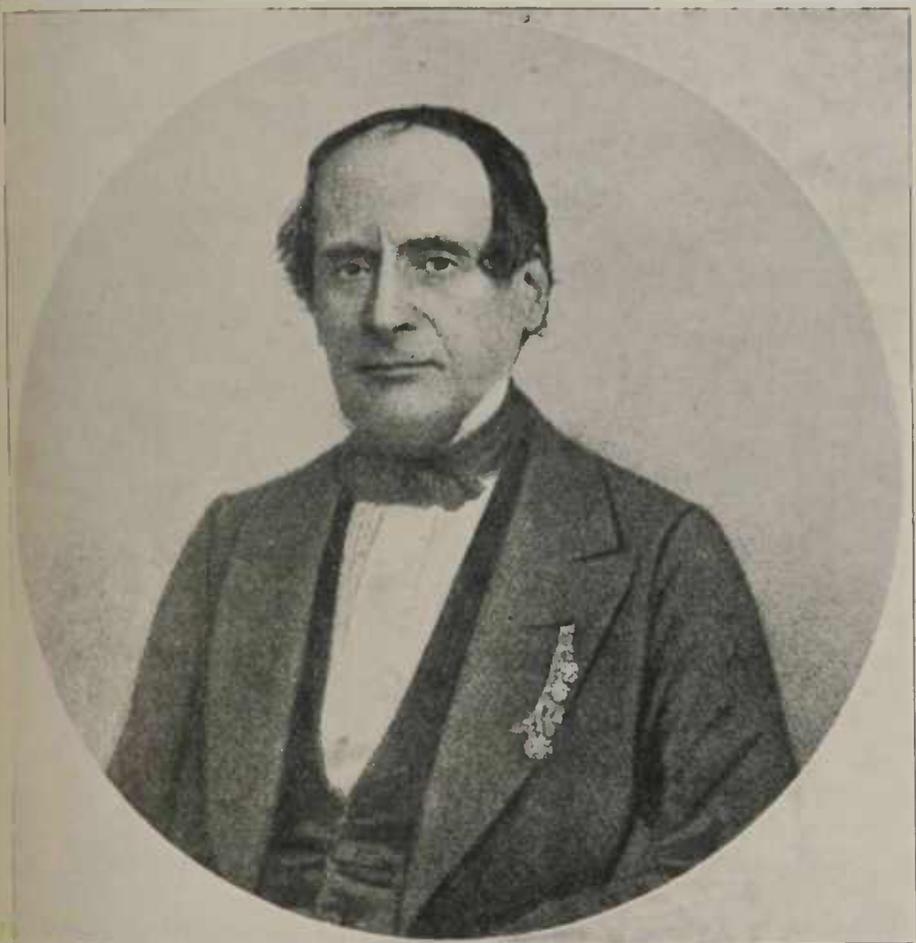
“*Essa féra Passarola,*
“*Que leva por mais que brame,*
“*Tresentos mil reis de arame.*
“*Sómente para a gaiola!!*

.....

Que o padre era doido, feiticeiro e vivia a explorar as prodigalidades do rei, ahí estão as satyras da época para provar.

E de tudo se infere que, “para a tal passarola não havia arame que chegasse”

E as satyras deprimentes contra o padre santista não se resumiram a essa avalanche de versos espalhados em Lisboa,



Ferdinand Denis
(1798-1890)

pois o livro de Tissandier nos diz ainda que, mesmo em Paris na "bibliotheca de Santa Genoveva encontram-se algumas satyras referentes ao Padre-Voador.

"Une preuve secondaire de l'expérience de Gusmão résulte des pièces de vers plus ou moins satyriques publiées en 1732 par Thomas Brandão. L'une d'elles est intitulée: "Au père Bartholomeu Lourenço, l'homme *volant* que s'enfuit, — et cela se comprend, puis qu'on a su qu'il était lié avec le diable".

Mas debalde se pulverizará a absurda atoarda. Continuarão os repetidores impenitentes a proclamar que a Inquisição foi o maior obstaculo ás experiencias triumphantes de Gusmão e a causadora do seu fatal desanimo.

CAPITULO XXIV

O silencio de Barbosa Machado. Opiniões de Freire de Carvalho. As experiências da Passarola realizadas em ambito restricto. Parallelo entre o invento de Gusmão e o dos Montgolfier. Conceitos de Augusto F. Simões.

“Do plano de navegar os ares, aparentemente impossivel, em razão da sua extranheza e novidade, viera a Bartholomeu Lourenço a reputação de magico e feiticeiro”, entende Felipe Simões ser facto indiscutivel.

E Freire de Carvaiho, procurando uma razão convincente para justificar o inexplicavel silencio de Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana* sobre as experiencias do santista, expende:

“Para destruir a força dos documentos, produzidos em seu abono (s. c. de Bartholomeu de Gusmão) nada devia aproveitar o silencio do Padre Barbosa Machado, o qual, dando noticia, na sua *Bibliotheca Lusitana*, do sabio Autor do Invento Aerostatico, nem sequer levemente toca em um assumpto aliás, tão glorioso para este, e para toda a Nação Portugueza.

Assim, como não devia aproveitar, igualmente, o silencio de outros escriptores contemporaneos, ou que immediatamente se lhe seguiram até o anno de 1774, em que pela primeira vez, conforme os documentos por mim obtidos, se fez publico pela imprensa uma noticia daquelle famoso invento portuguez: porquanto, além de ser este um argumento meramente negativo, e por isso de pequena monta em presença dos positivos. subministrado por documentos au-

thenticos; podia muito bem ser, que o mesmo maravilhoso, extraordinario e inaudito de um invento, porventura reputado diabolico pelos homens daquelle seculo, pouco philosophico, fosse o que os obrigaria a occultal-o, na persuasão de que a sua publicidade lançaria nodoa ou labéo sobre a Nação Portugueza.

O que de mais a mais se confirmava pela noticia, que eu da bocca de pessoa sabedora de muitas antiguidades tinha ouvido de que não faltava quem desse naquelle tempo ao Autor do Invento Aerostatico o nome de *magico* ou de *feiticeiro*; sendo que talvez, pela mesma razão, fosse elle obrigado a fugir do Reino, e a ir acabar seus dias na indigencia, em territorio estrangeiro, morrendo no Hospital de Sevilha (*sic!*).”

Adduzindo documentação inedita, aos seus pares da Academia Real das Sciencias de isboa, “papeis de grande curiosidade e peso” achava-se portanto o Conego Freire possuido da convicção de que os contemporaneos do *Voador* o tinham “por magico ou feiticeiro”.

Pensa A. Simões que ás palavras de Francisco Freire de Carvalho Figueiredo algumas das poesias allusivas aos ensaios da *Passarola* reforçam este modo de ver.

Assim commenta:

“A’ Inquisição que perseguiu, em 1724, Bartholomeu Lourenço e o obrigou a expatriar-se, não podia deixar de desagradar, já anteriormente, todo este negocio da machina volante, em que os escriptores mui de proposito fugiriam de tocar, com receio de incorrerem no desgredo daquelle temivel tribunal.

Assim se explica tambem o serem posteriores a 1750 todas as noticias deste facto (excepto algumas das poesias) que, por via da imprensa, chegaram até ao presente”.

O final da analyse de Augusto Felipe Simes não discrepa do alto criterio do erudito autor.

Com toda a razão advoga a hypothese de que as experiencias de Gusmão se realizaram, sempre, em ambito restricto.

“Temos registrado grande variedade de opiniões sobre o logar em que se fizeram as experiencias. Esta incerteza e a escassez de noticias coevas fazem com razão duvidar de que ellas tivessem grande publicidade.

Se a apresentação do requerimento de Bartholomeu Lourenço e a fama dos trabalhos em que particularmente se occupava deram logar a que se escrevessem, em 1709, tantas peças em verso e prosa, como as que temos publicado, que succederia se elle sahisse com o seu invento no Terreiro do Paço ou noutro sitio, aonde o povo de Lisboa poudesse concorrer?”

E nada mais exacto do que esta observação:

“Os amigos e admiradores do inventor, sendo feliz a tentativa, não deixariam escapar tão boa occasião de o despigar das satyras e improperios dos seus inimigos e detractores; sendo, pelo contrario, mal succedido não se ficariam estes ultimos sem renovar suas criticas e doestos.

E, de um ou de outro modo, nem poetas nem alviçareiros deixariam de celebrar, em verso ou prosa, tão extraordinario acontecimento.”

Proseguindo allega Simões:

“Muitos dos escriptores citados são conformes em referir a experiencia á Casa da India: Ferdinand Denis, Leitão Ferreira e os autores da nota accrescentada á cópia do Manifesto da Bibliotheca de Évora, do titulo posto na cópia da petição do Museu Britannico, do folheto que se intiula: *Descripção do novo invento aerostatico*, etc., e da memoria biographica do Padre Gusmão.

O autor deste ultimo escripto e Francisco Leitão Ferreira, expressamente, declaram que a experiencia foi feita na sala das embaixadas da Casa da India.

O engano em que cahiu Leitão Ferreira, no texto da *Ephemeride*, e á margem corrigiu, mostra-nos que a experiencia não foi presenciada senão por pequeno numero de pessoas, porque de outra sorte mais bem informado teria sido logo em principio. O mesmo se deprehe de da noticia que deu Padilha, na qual diz que a machina se elevava na presença de D. João V.”

A estes argumentos podemos accrescentar outros que Felippe Simões não conheceu: os depoimentos do Nuncio em Lisboa, ao referir as duas experiencias feitas em presença do Rei e de restricto numero de cortezãos.

Com verdadeira sabedoria interpreta Simões a rematar os seus considerandos:

“Entendemos, por tanto, que, em vista dos documentos até hoje descobertos nos archivos publicos e nas collecções de particulares, a opinião que a este respeito mais razoavelmente se pode seguir é que a machina que consistia num globo de lona ou de papel, aquecido pelo fogo, foi experimentada na sala das embaixadas da Casa da India, em presença da Côrte. Todas as outras noticias differentes attribuil-as-hemos com probabilidade ás mudanças que a distancia e o tempo costumam produzir nas tradições dos factos notaveis”.

Assim se relega para o terreno da ampliação fatal, fruto da tradição oral, a supposta viagem aerea do Castello de S. Jorge ao Terreiro do Paço.

Termina a douta monographia de Felippe Simões por uma serie de paginas em que o autor lusitano lembra que a primeira applicação pratica do principio de Archimedes aos fluidos aereos foi a de Gusmão. Pretendia elle, além de tudo, segundo se depreende do seu *Manifesto*, dirigir o seu apparelho por meio de corpos que aglam a maneira das azas das aves.

Recorda os depoimentos de Leitão Ferreira e do anonymo inimigo do *Voador*, sobre o emprego do fogo.

São ambos preciosos. E não o é menos o do Nuncio. Fritsam todos os tres uma circumstancia capital. Referem-se a ensaios que de muito antecederam as experiencias victoriosas dos Montgolfier. “Pertencem por conseguinte a um tempo em que ninguem, a não ser Bartholomeu Lourenço, sabia que por meio do ar dilatado com o fogo, se podia elevar na atmospheria um apparelho convenientemente construido”.

Não nos parece muito feliz, comtudo, a approximação tentada entre uns topicos da descripção descoberta pelo erudito portuguez, e o trecho em que descobre allusões claras a applicação do principio de Archimedes. Parece-nos o caso, sobremodo confuso, e demonstrativo da ignorancia do autor anonymo em materia de physica.

Se o *Manifesto* é igualmente cheio de obscuridade leve-se-o á conta da necessidade do inventor de zelar o segredo de seu invento.

“Nem sirva de objecção ás conclusões a que chegámos, o *Manifesto*. Porque, como já dissemos, ao autor importava não divulgar o seu segredo. Além disso, tendo sido a machina experimentada numa sala da Casa da India, claramente se vê que a sua força ascensional não provinha de peças construidas á semelhança de azas, as quaes de necessidade exigiam um espaço muito mais amplo para produzirem a elevação”.

O que absolutamente repelimos é a hypothese de que Bartholomeu haja conhecido o hydrogenio e pensasse em utilizar-se deste gaz, “quando dos primeiros ensaios passasse a pôr em execução o seu vasto plano de navegação aerea!”

Verdadeiro cochilo homerico do escriptor que admiramos e tanto temos acompanhado, representam estes conceitos para nós de todo inaceitaveis.

Defendendo a sua hypothese commenta Simões:

“O ar rarefeito pelo fogo tinha applicação numa experiencia em ponto pequeno; tornar-se-ia porém este meio in-

sufficiente, não só pelo risco do incendio mas tambem pela impossibilidade de transportar o necessario combustivel, quando se quizessem fazer viagens de muitas leguas”.

E’ simplesmente incrivel que formoso espirito culto como o de Felipe Simões, poudesse, por mera questão de chauvinismo, pura e simplesmente pretender arrebatara a Cavendish a gloria justissima de haver isolado o gaz apenas entrevisto pelos alchimicos do seculo XVII.

E demais que provas temos dos conhecimentos de chimica de Gusmão? Nullos. Ainda no tempo dos Montgolfier, em 1784 era o hydrogenio de difficil preparação. Que não seria em 1709?

“A experiencia da Casa da India parece ter sido a ultima tentativa de Bartholomeu Lourenço de Gusmão para resolver o grande problema de que se occupou. Em nenhuns documentos conhecidos apparecem noticias de posteriores trabalhos”, recorda Simões.

Seria o padre Gusmão mal succedido naquelle ensaio e por este motivo abandonaria o seu projecto?

“Assim o julgou o autor da memoria biographica pertencente ao archivo da Bibliotheca da Universidade. Seguindo a opinião desfavoravel que vulgarmente corria do *Voador*, reputou-o embusteiro ou visionario, burla ou chimera o seu invento e a experiencia da Casa da India a prova mais terminante de tal juizo. No pequeno incendio que succedera, e que hoje nos patentêa toda a importancia da invenção, ficara, segundo elle, demonstrada a impropriedade dos meios experimentados.

Ora este successo foi apenas um incidente, de que, de modo nenhum se pôde tirar tal deducção, que demais não vemos confirmada pelas noticias que ficaram da experiencia. Com effeito, Leitão Ferreira affirmou que a machina se elevava, e o proprio escriptor desconhecido, a quem acaba-

mos de nos referir, disse que o padre Gusmão a *fizera voar*. E também não é crível que este se resolvesse a tentar na presença da côrte uma experiencia, daquella ordem, sem que por anteriores ensaios estivesse seguro do bom exito della”.

A's duvidas do Padre Rebimbas, e outros, sobre a *Passarola* que em vez de ser um balão não passaria de um deslizador do ar, oppõe Corrêa Neves victoriosos argumentos.

Estuda o douto autor as diversas faces do problema. Em que typo poder-se-ia enquadrar o apparelho de Gusmão, entre os *ornithopteros*, os *helicopteros* ou os aeroplanos?

Escreveu este distincto autor em 1911 a aviação estava em seus balbucios ainda se é possível assim dizer, convém recordal-o.

Parte da seguinte premissa: é ponto incontestado que o apparelho de Gusmão subiu na atmospheria.

“Portanto com esta machina aerea, não se dá o caso que succede geralmente com a maioria das outras, que pretendem ser consideradas como precursoras dos balões ou das machinas voadoras; esta elevou-se no ar emquanto que quasi todas as outras, ou não passaram de simples projectos no papel, ou realizaram experiencias sem importancia, sem se elevarem, conseguindo algumas realizar, quando muito, descidas de pontos altos, em *vôo deslisante*, como o dos actuaes aeroplanos sem motor (*planeurs*).”

Em 1709 seria inadmissivel que um apparelho qualquer pudesse alçar-se aos ares pelo esforço do seu propulsor, fosse elle qual fosse. A hypothese de um aeroplano, em 1709, so poderá occorrer, pois, a um ignorante da historia da Sciencia.

Recordemos em traços muito ligeiros o que ha de mais notavel na historia da navegação pelo mais pesado do que o ar.

Foi apenas no ultimo terço do seculo XIX que diversos especialistas, estudaram e com todo o afinco, o vô das aves. Assim Pettigrew na Inglaterra. Penaud e Marey em França.

Construiu Penaud aeroplanos em miniatura cujo motor era uma corda de borracha retorcida. Durante alguns segundos voavam perfeitamente.

Cahiram os seus modelos no dominio do commercio dos brinquedos. Cabe-lhe a gloria de haver posto em evidencia os trabalhos de Cayley assim como de ter contribuido para assentar o estudo da aviação sobre bases solidas e razoaveis.

As tentativas se multiplicaram como as de Tatin em 1876 a do helicoptero a vapor de Forlamini (1878) que permaneceu nos ares quarenta segundos e era accionado por uma machina a vapor mas de caldeira previamente aquecida.

O gigantesco aeroplano que Sir Hiram Maxim, o inventor da metralhadora, experimentou, em 1895, pesava 4.000 kilos tendo 500 metros quadrados de superficie. Esbarron-dou-se no solo, em verdadeira catastrophe, ao tentar elevar-se.

Em 1896 houve a celebre experiencia de Langley, num aparelho accionado por machina a vapor, pesando 13 kilos. Voou 1.200 metros sobre o Potomac. Apesar de auxiliado poderosamente pelo seu governo não obteve Langley resultado pratico algum. Ainda em 1903 cahia o seu aparelho verticalmente.

Em 1897 Ader construiu a serie de seus aviões, machinas muito complicadas, sem estabilidade e de cujos ensaios, largamente subvencionados pela França, resultaram continuas desiluições.

Já então haviam occorrido as famosas experiencias de Otto Lilienthal da torre de Spandau para o solo, e de outras eminencias.

Quando este engenheiro morreu, victima de seu amor á sciencia, em agosto de 1892, tornava-se mais do que patente quanto urgia resolver a questão da estabilidade dos aeroplanos.

O inglez Pilcher, seu continuador, tambem pereceu num desastre, em setembro de 1899.

Notaveis foram as experiencias de Chanute e seus collaboradores Hering e Avery, perto de Chicago, em 1896 e 1897, do capitão Ferber em França, com aeroplanos com e sem motor.

Em Julho de 1906 ensaiou Santos Dumont, no gramado de Bagatelle, o seu balão aeroplano que não deu resultados. E afinal, a 28 de outubro immediato, fazia famosa experiencia com um aparelho impulsionado por um motor de 50 H. P. o que lhe valeu a taça Archdeacon. Menos de um mez mais tarde, a 12 de novembro, voava no seu aeroplano 220 metros, a 8 metros do solo. Era o primeiro a fazel-o na Europa.

Já então, os irmãos Wright haviam realisado a sua experiencia celebre, de 17 de dezembro de 1903, primeiro dia em que o homem realmente voou utilizando uma machina mais pesada do que o ar, movida pelo proprio motor e sem auxilio do vento. Valeram-se de um biplano de 338 metros quadradados de sustentação, pesando 338 kilogrammas e dispondo de um propulsor de 16 H. P. E', pelo menos, o que parece de mais claro nos annaes da aviação, segundo o consenso dos mais conscienciosos pesquisadores de tal assumpto.

Escrevendo em defesa de Bartholomeu de Gusmão, commenta Corrêa Neves.

“Os aparelhos de aviação, comprehendem tres typos: *ornithopteros*, que se elevam pelo bater de azas, imitando directamente o das aves; *helicopteros*, que consistem fundamentalmente em helices de eixos verticaes, que, pela propulsão se elevam no espaço; e *aeroplanos*, que consistem em superficies inclinadas, movidas por propulsores, que se elevam pela reacção do ar produzida por ellas, quando em movimento.

Nos balões, a ascensão pôde conseguir-se, ou enchendo um envolucro com um gaz mais leve que o ar (gaz illuminante ou hydrogenio) ou rarefazendo pelo aquecimento o ar nelle contido”

Não nos esqueçamos, comtudo, repetimol-o, de que estas linhas datam de 1911 quando a aviação ensaiava as primeiras jornadas e a aerostação empregava naves relativamente pequenas e ainda insufficientemente aparelhadas. Assim tambem não se utilizara ella ainda do helio.

“Ora, se o aparelho se elevou, fica immediatamente posta de parte a idéa de que elle fosse um *ornithoptero*, pois se, no estado actual da industria, e com o poderoso concurso de excellentes motores, ainda até hoje se não conseguiu fazer subir um aparelho desta natureza, não seria certamente no principio do seculo XVIII, que elle se elevaria.

Tambem pelas mesmas razões, elle não podia ser um *helicoptero*, pois só em 1908, se conseguiu fazer elevar um aparelho destes e apenas a 4 m. de altura.

Igualmente não podia ser um *aeroplano*, pois o primeiro que movido por um propulsor, se elevou na atmospha, e fazendo apenas um percurso de 300 m., foi o *avion* de Ader, em 1897, empregando um motor a vapor, de construcção especial.

A hypothese do aeroplano sem motor, destinado apenas a descer de certa altura em vôo deslisante, deve tambem ser posta de parte, pois tanto os documentos já citados, como a tradição, dizem peremptoriamente que a machina subiu.

Fica portanto de pé a unica hypothese accetavel: a do *balão*.”

Achamos sobremodo extranhavel, entre parentheses, que o autor lusitano silencie a proposito da famosa, da immortal experiencia de novembro de 1906 em que Santos Dumont, no Bois de Boulogne, com o seu grande modelo de helicoptero, munido de um motor de notavel potencia, realizou a experiencia que lhe valeu o mais notavel titulo, de universal e immorredouro renome. E’ inexplicavel tal lacuna. Provem certamente de lastimavel amnesia accidental.

Reforçando a documentação coeva de Gusmão lembra Corrêa Neves que a tradição do foco calorífico da *Passarola* se propagou dentro e fóra de Portugal: No livro de Lenteires, diz-se que Bartholomeu Lourenço construiu um balão “et le fit s’élever par le moyen d’un feu allumé”.

Num artigo da *Biographie ancienne et moderne*, cita Bouscous o *Journal des Savants* (1784), que affirma ter-se o balão elevado “au moyen d’un feu allumé dans la machine”.

Em vista pois de tantos documentos fidedignos (não falando em muitos outros que não mencionamos por serem relativamente modernos), apresenta-se este ponto de uma maneira tão clara e positiva, de concluir-se que a machina acrostatica experimentada por Bartholomeu Lourenço era *um balão de ar aquecido*, como os que, 74 annos depois, haviam de ser conhecidos por *montgolfières*.”

Analysa depois o erudito autor a fórma do balão e material empregado verosimilmente, tendo-se em vista os termos do memorial anonymo descoberto por Augusto Felipe Simões e da autoria de um amigo do Voador, como teremos o ensejo de analysar.

“*Fórma do balão e material empregado.* — Os documentos existentes apresentam descripções, por onde se póde ajuizar da fórma dos apparatus empregados nas differentes experiencias realizadas, assim como do material empregado na sua construcção.

Assim a *Descripção*, (da lavra do amigo do Voador) apresenta a machina ainda em projecto, como tendo a fórma de uma pyramide triangular, com um dos vertices para a parte superior, sendo a base opposta um plano horizontal disposto inferiormente, outro vertice para a frente com a base opposta disposto posteriormente e tendo as arestas lateraes da base inferior, um comprimento duas vezes e meia a 3 vezes o comprimento da terceira aresta: desta pyramide

pendiam cordas que sustentavam um pavimento de madeira, onde iam as pessoas e coisas que se quizessem transportar, e que era portanto uma especie de barquinha.

Seria esta a fôrma projectada, mas nas experiencias que depois se realizaram, a fôrma primitiva modificou-se.

Bourgeois diz que o balão era como um cesto oblongo de vime e forrado de papel.

E Bocous diz que o balão era de panno. Aucourt Padilha refere que a experiencia se realizou com uma machina de papelão.”

CAPITULO XXV

Argumentação de Augusto Felipe Simões em prol da veracidade das experiencias de Gusmão.

Referindo-se a diversos depoimentos estrangeiros comenta Felipe Simões, criterioso, mas algo apaixonado:

“Todas estas noticias servem de provar a existencia do facto, com quanto inexactas nas circumstancias que mencionam, e até, na data a que referem a experiencia”.

Passa depois o douto portuguez a demonstrar que muitos documentos demonstram haver se conservado em Portugal a tradição das experiencias da *Passarola*. Assim:

1.º — A nota, accrescentada á copia do *Manifesto* da Bibliotheca de Evora, em que se leem as seguintes palavras:

“Este invento o chegou a aperfeiçoar o dito doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e dizem que chegara a fazer seu vôo na Casa da India, ainda que pequeno”.

2.º — A nota do desenho publicado com a supposta data de 1774 e que conclue por esta forma:

O certo é que o autor era homem de talentos e de grande capacidade e de que a tal machina foi experimentada, segundo o testemunho de alguns velhos de probidade que ainda vivem em a nossa côrte...

Não nos esqueçamos de recordar mais uma vez que esta millesimação apocrypha de 1774 em vez de 1874 nenhum valor mais tem depois dos trabalhos e pesquisas, de que Simões parece não ter tido conhecimento.

3.º — A copia da petição que faz parte do tomo IX de uma collecção de papeis políticos portuguezes, tocantes aos seculos 17.º e 18.º que se conserva no Museu Britannico, tendo pertencido ao Desembargador Mathias Pinheiro, e depois ao Desembargador José Tavares de Abreu, e sendo afinal comprada para o mesmo museu no leilão do espolio do poeta Southey”.

Já analisámos detidamente os caracteres deste documento corroborador da affirmação de que as experiencias da *Passarola* se verificaram em 1709.

Ao quarto item não faz Felippe Simões especial menção. E no entanto parece-nos da maior importancia pois se refere a topicos do livro impresso em Lisboa no anno de 1759 indiscutivelmente, não trazendo millesimação falsificada como o tal opusculo de Simão Thadeu Ferreira.

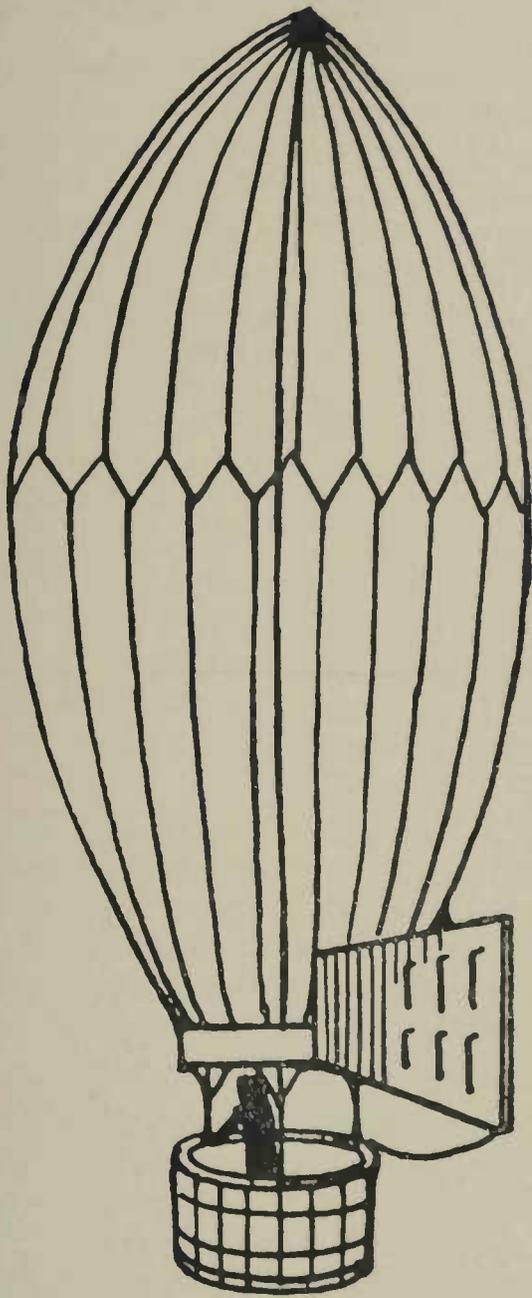
“4.º — O livro intitulado: “*Raridades da natureza e arte* por Pedro Norberto de Aucourt e Padilha” impresso em Lisboa no anno de 1759, no qual a paginas 428 se lê o seguinte:

O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão trabalhou no mesmo projecto, e com effeito, em uma machina de papelão se elevou na presença do Sr. Rei D. João V”

O quinto argumento de Felippe Simões reside na legenda inscripta no verso ou margem da estampa apocrypha da *Passarola*.

“ *mas ainda que é voz constante que tal machina chegara a construir-se, e que até se diz que ella se elevava ou voava do torreão da casa da India.. como por outra parte ha uma constante tradição apoiada com a autoridade de varias pessoas sensatas e de provecta idade, que asseveraram ter sempre ouvido que a machina de que falamos chegara a elevar-se e a voar ao menos por um pequeno espaço...*”

6.º — Otrecho seguinte da Memoria de Francisco Freire de Carvalho (pag. 151 e 152).



Interpretação fantasiosa da descrição
da Passarola, segundo o Dr. Ribas
Cadaval.

“Ao argumento da tradição, deduzido dos dois documentos impressos, que acabamos de reproduzir, accrescentaremos: Que esta mesma tradição se encontrava ainda ha poucos annos na memoria de algumas pessoas anciãs, de cujas boccas a ouvimos por differentes vezes, sendo uma dellas o Sr. Timotheo Lecussan Verdier, nascido em Lisboa e ha poucos annos fallecido nesta mesma cidade, quasi octogenario, sujeito aliás muito recommendavel por seus grandes talentos e literatura, e um dos illustres socios desta academia, o qual nos asseverou, què, muitos annos antes da invenção dos aerostatos, Bernardo Simões Pessoa, ex-consul portuguez em Marrocos, homem bem conhecido dos seus contemporaneos nesta capital, contava ter elle mesmo observado uma ascensão aerostatica em Lisboa, cujo balão se elevava da torre de S. Roque e fôra cahir junto á costa da Cotovia por detraz de São Pedro d’Alcantara; noticia esta que o citado Sr. Verdier nos asseverou ter ouvido da propria boca de pessoa em tempo muito anterior ao anno de 1783”.

Aos olhos da critica moderna, frisemol-o é de nullo valor este depoimento de Timotheo Verdier, fructo das conversas com Bernardo Simões Pessoa: Podiam ambos os depoentes ter sido pessoas das mais elevada honorabilidade. A questão é que Verdier depuzera muito depois das experiencias de Montgolfier, referindo uma versão absolutamente imprecisa sob o ponto de vista chronologico.

“7.º — A noticia que da experiencia deu o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, contemporaneo de Bartholomeu Lourenço de Gusmão e seu consocio na Academia Real de Historia.

Esta noticia foi communicada a Francisco Freire de Carvalho por José Bonifacio de Andrada e Silva que a extrahiu de uma obra inedita do citado Leitão Ferreira.

Para comprovar a noticia de Leitão Ferreira teve Felippe Simões a boa sorte de fazer nova e preciosa desco-

berta. Num codice da bibliotheca da Universidade de Coimbra, o de numero 537 encontrou a “*Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço, chamado vulgarmente o “Voador” pela razão que abaixo se relata*” a que já nos referimos e a que teremos de nos reportar ainda.

Depois de lembrar a abundante argumentação addubada commenta A. Felipe Simões:

“Em vista de tão numerosos testemunhos e particularmente dos ultimos que citámos não se póde negar que a machina volante foi experimentada e chegou a elevar-se na atmosphera.

Nem sirva de objecção o silencio que guardou a respeito das tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão o autor da *Bibliotheca Lusitana*. Diogo Barbosa Machado fazendo do seu consocio um elogio, que, sem exaggeração, diremos pomposo, calou-se, bem como outros contemporaneos, sobre o invento da navegação aerea.

Mas, além de que, como observa Francisco Freire de Carvalho, este argumento é meramentê negativo e por isso de pouca monta na presença de tantos outros dispositivos, circumstancias havia que dão razão plausivel do silencio dos escriptores”.

Um motivo de ordem psychologica deve aliás ter actuado poderosamente para intensificar este silencio, pensa o escriptor portuguez.

Com muito acerto, invoca o atrazo do meio, incapaz de comprehender o alcance scientifico dos primeiros passos da aerostação, fructos da conquista de Bartholomeu.

“Parecia a muita gente — o que bem claro se vê nas poesias allusivas ao assumpto — que o invento de Bartholomeu Lourenço não era mais que um sonho extravagante de sua desvairada imaginação. Homens, aliás illustrados poderiam assim pensar naquella época, e entender, por tanto, que as tentativas do *Voador* não mereciam as honras de serem, com seriedade, descriptas e mencionadas.

O descredito e ridiculo em que o padre Gusmão cahira, por causa da sua empresa de navegação do ar, eram taes que falar da machina volante entre as producções do seu engenho seria tomado por muitos não em louvor mas em vituperio”.

Advogando ardorosamente, sempre, a causa do *Voador* entendeu Francisco Freire de Carvalho que certo trecho da censura ao sermão da Festa de Corpus Christi, da lavra de Fr. Manuel Guilherme é a mais evidente allusão ás experiencias da *Passarola*.

“...Sou de parecer, que neste mesmo papel, mais do que nos outros do mesmo autor já impressos, desempenhou elle, e satisfez a nossa expectação da sua rara, e quasi incrível habilidade; porque neste subio mais, que em todos, e com tão firmes elevações, que entendo se lhe devam mais aplauso, que sustos, mais admirações que duvidas”

Divergindo de F de Carvalho pensa Simões que as palavras do Censor recordam o mallogro das experiencias da *Passarola*.

Não nos parecem tão claras assim taes allusões. Ha realmente muita dubieza trazida pelo emprego de palavras como “subir”, “elevações”, “sustos”.

Mas é muito possivel que o dominicano em tudo isto apenas visse questões de orthodoxia e firmeza da doutrina catholica.

Mais um depoimento encontrou Freire de Carvalho, no prefacio ao tomo quarto do *Theatro*, de Manoel de Figueiredo.

“Ao publico presente, e ao publico futuro offerece a seguinte *Memoria* Francisco Coelho de Figueiredo, irmão do autor do *Theatro*: — (é a edição do anno de 1804).

“Na passagem por mim copiada, escreve Carvalho, se faz expressa menção do Padre Bartholomeu Lourenço, do seu invento aerostatico, da sua verificação effectiva, e dos

motejos a que ella deu motivo e a *alguma cousa mais* (diz o Autor do escripto), alludindo provavelmente nestas poucas palavras, á perseguição movida contra o Padre Gusmão, por ter uma cabeça mais philosophica, do que a generalidade dos seus contemporaneos Portuguezes; podendo applicar-se-lhe o que de si escreveu o Poeta Ovidio: *Ingenio perii Naso poeta meo*. (Trist. Liv. III Eleg. 3.^a).

“ E porque é natural que não poderei ver impresso, apesar dos meus bons desejos, todo aquelle Theatro, em razão da minha idade, tomo a cautela de avisar os Poetas Dramaticos, que esta Nação naquelle tempo, para que elle (meu irmão Manoel de Figueiredo) escreveu, se algum quizer ver os originaes, ou aquelles Poemas, que se não chegarem a imprimir lhe não succeda o mesmo que aconteceu ás Memorias e ainda ás experiencias de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, conhecido mais pelo *Voador*, que pelo seu apellido, em quem no seculo passado (o de mil e setecentos) tanto motivo julgou a sua Nação para o escarnecer e *alguma cousa mais: pois eu criança quando ouvia falar daquelle homem arripiava-se-me o corpo e erriçavão-se-me os cabellos do modo porque fallavão delle as gentes*.

Passam sessenta annos, vê-se subir uma machina aërostatica na França, que fez aos primeiros camponeses, que a virão cahir, sem antecedencia alguma, a natural estranheza, como os Portuguezes a cahida da Passarola, sessenta annos antes; querem-se adiantar os fins uteis, e progressos, que propõe semelhantes conhecimentos, e quer-se fazer justiça áquelles talentos buscam-se estas memorias; estou persuadido que se achou bem pouca coisa dos trabalhos daquelle Portuguez, que sessenta annos antes teve na sua cabeça taes idéas, e semelhantes, como conheceram hoje as pessoas instruidas, que já aquelles estudos, e conhecimentos, e muito principalmente aquelles, que possuem os talentos, que se não aprendem”.

Entende Simões que o trecho gryphado é mais uma prova “da opinião desfavoravel que o vulgo formava do

autor da machina volante” o que nos parece de duvidoso e discutivel categorismo.

E’ bem possivel que Francisco Coelho de Figueiredo referisse impressões fortes daquelles a quem causara pasmo o arrojado do Icaro brasileiro, sonhador da conquista dos ares.

Mais uma prova foi achar Freire de Carvalho das proezas do inventor brasileiro na obra de uma das maiores glorias literarias de Portugal: em uma ode de Filinto Elysio, aquella que começa por: *N’um dia qual o d’hoje ha vinte e oito annos.* (Ed. de 1836, vol. 3, pag. 28).

Naquella occorre o verso:

Vingue o Anastacio, vingue o hom Lourenço a que uma chamada explica: “Bartholomeu Lourenço, por alcunha da Inquisição o Voador” nota esta que se não declara ser da autoria de Filinto.

Com que alegria, intensa, ou antes com que enthusiasmo não receberia o indefesso paladino de Gusmão os resultados das pesquisas dos que lhe seguiram os exemplos procurando arduamente nos archivos e recompensados de seu labor pelo achado de novos e poderosos argumentos em defesa de seus pontos de vista?

Tal prazer não foi dado a Felipe Simões que ignorou a existencia desses documentos capitaes de que nos podemos valer agora.

Escreyendo em 1934 declarava o Major Pinheiro Corrêa dispor de varios documentos que o conduzem a poder provar a base scientifica de trabalhos de Gusmão a quem considera o verdadeiro inventor dos balões.

Delle divergimos *in totum* porém quando chama a Gusmão “honroso continuador das investigações aeronauticas de Francisco Lana Terzi” que como vimos advogava irrealisavel tentamen e jamais cogitou de fazer um aerostato de ar quente.

A outro topico do seu communicado tambem oppomos restricções.

Achamos que depois da analyse de Corrêa Neves, a descoberta do relatorio do Nuncio em Lisbôa ao Cardeal Secretario de Estado, e da *Gazeta* de Soares da Silva nada mais ha a dizer em pról da determinação das experiencias.

Commenta o Snr. Pinheiro Corrêa, concluindo pela declaração de sua fé inabalavel na realisação das experiencias do *Voador*:

“Assumpto que tem concorrido para a falta de base da reivindicação citada, tem sido a data das suas experiencias e bem assim o local onde foram realizadas, pela escassez de testemunhas ou documentos comprovativos. Que as experiencias foram um facto, não nos restam duvidas sobre o local, mantemos a opinião que teria sido onde hoje é o Terreiro do Paço no sitio onde estaria installada a casa da India”.

CAPITULO XXVI

Descoberta valiosa de Augusto Felipe Simões. A "Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço chamado vulgarmente o Voador"

Até a campanha tenaz e proficua de Augusto Felipe Simões pouco representavam as conquistas dos defensores de Gusmão.

O documento mais solido esteiador de sua causa era o depoimento de Leitão Ferreira, os demais apresentavam feição muito conjectural apenas. Resolvendo o acervo coimbrão conseguiu o paladino da Justiça encontrar duas peças de capital importancia a *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço chamado vulgarmente o Voador* e a *Descrição e figura da admiravel machina para se navegar pelo ar, que fez em Lisboa o Padre Bartholomeu Lourenço, natural do Brasil*.

No primeiro ha precioso depoimento sobre a causa da elevação do aerostato aos ares. Constitue o segundo um documento de muito maior relevancia: uma descrição da *Passarola*, a unica verosimil até hoje descoberta.

Infelizmente não é da lavra do inventor e acha-se redigida de modo sobremaneira deficiente.

Vejamos agora, o que se contem na assaz extensa *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço*, descoberta por Simões e numa variante da que foi encontrada por Innocencio.

Pensa o primeiro destes pesquisadores que tal papel é indubitavelmente da lavra do mesmo autor da *Diabrura em*

fôrma em que se descobriu quererem dar feitiço a El-Rei D. João V.

Moxinifada curiosa, já longamente a analysamos no primeiro dos nossos volumes.

Pormenorisa o erudito descobridor deste papel, valiosissimo para o estudo da biographia de Gusmão:

“Consta o codice de varios papeis de differentes épocas e de letras diversas, os quaes são copias feitas no seculo passado, e algumas talvez já neste seculo. No dorso do volume decifra-se a custo em letras quasi já apagadas o seguinte rotulo: “Papeis do doutor Costa, juridicos e politicos”.

A mesma noticia, porém, com alguns periodos amenos, e outras variantes, publicou-a o Snr. Innocencio Francisco da Silva, em a nota respectiva aos balões aerostaticos, no livro que se intitula “Maravilhas do genio do homem”

A copia que este Sr. teve presente é de um livro manuscrito, em que se coligiram no anno de 1753 varios papeis e entre elles o de que tratamos algumas poesias allusivas á machina volante e ao seu inventor”.

Desta *Memoria* ha duas variantes a respeito das experiencias da *Passarola*.

Justificando a hypothese da unidade dos autores da *Memoria* e da *Diabrura* explica Simões:

“Ainda que a *Memoria* não tenha por titulo — “Vida e feitos do Padre Bartholomeu Lourenço”, não é mais que a relação delles.

Ha grande analogia no estylo e no modo de contar em ambos os escriptos. Não se sabe de memoria nenhuma anterior a 1736 á qual possa competir aquelle titulo senão da que primeiramente foi por nós publicada e depois pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva.

Pelo tom do anonymo se deduz que o aranzel deve ter sido redigido em 1724 e ainda em vida do Voador, de quem se mostra o autor rancoroso inimigo.

Depois de uma serie de conceitos depreciativos affirmo o memorialista que Gusmão causara a D. João V a mais forte impressão que se traduzira por immediatas “notaveis honras e graciosas mercês”. Fôra então que movido pela gratidão quizera “servir á Corôa por um tal modo que outro tal serviço se não tivesse visto no mundo. E fôra o caso que se obrigara a fazer um novo invento, para voar, e pelo ar ir ás partes mais remotas, levando dentro o peso, ou quantia de trinta pessoas”.

Como vemos o homem exagerava, sincera ou, de modo mais provavel, perversamente, as promessas do memorial da *Passarola* que apenas falava em onze aeronautas.

Affirma depois que Gusmão fez espalhar pelo publico estampas do seu invento. Estas figuras se haviam vulgarizado muito em Lisboa e elle, memorialista, reunira aos seus manuscriptos uma de taes copias.

A “embarcação volatil” do brasileiro “havia governar-se por uns flabellos de pennas como azas, movida por homens que haviam de lhe ter o governo e encaminhal-a com esta idéa á parte ou onde a quizessem conduzir”.

Verbera o anonymo, até certo ponto violentamente, aquelles que esperavam algum exito das experiencias de Gusmão. E sobretudo extranha a teimosia de um homem do valor indiscutivel do Marquez de Abrantes que continuava a ser o principal amigo do brasileiro, e seu imperterrito e vehemente protector.

“*E' miseravel esta nossa nação portugueza que não só o plebeu, mais ainda algumas pessoas de claro entendimento se capacitaram de que teria effeito esta invenção, e uma dellas foi o Marquez de Abrantes, que defendia e approvava, esta materia com tanta tenacidade, que rompia em impaciencia e despresos de quem lh'o contradizia, e era para elle como ponto de fé esta idéa*”

Cada vez mais indignado, exprimia o maldizente o seu desgosto pelo valimento dispensado ao mazombo. Pois se até

obtivera a protecção decidida da mesa do Desembargo do Paço, o principal tribunal da Côrte, a que presidia um homem do valor do Duque de Cadaval!

Tambem com que amargor commenta em seu estilo charrissimo:

“Passou a mais a miseria da nação, porque se lhe passou alvará de mercê pelo Desembargo do Paço, assignado por Sua Magestade, de que não poderia outra pessoa alguma fazer o tal invento senão elle, cujo alvará passou pela chancellaria, e pagou novos direitos de mercê. Isto succedeu no principal tribunal da Côrte (como todos sabem) que é a mesa do Desembargo do Paço, em que assistem os ministros de maior reputação, aos quaes presidia naquelle tempo o Duque de Cadaval príncipe que foi dotado de heroicas obras de clarissimo entendimento”

Passa o homenzinho a expor a fracassada experiencia da Passarola:

“Com effeito, poz por obra, não logo o principal invento, mas uma amostra, a quel era uma barcaça pequena do feitio de uma gamella coberta de lona, e com varios espiritos, quintas essencias, e outros ingredientes, lhe metteu umas luzes por baixo, e na sala das embaixadas, estando presente Sua Magestade e muitas mais pessoas, fez voar a dita barcaça, que a pouca altura deu pelas paredes, e depois em terra, e confundindo-se os materiaes pegou fogo, e na quéda em que se despenhou queimou uma cortina e tudo o que encontrou foi fazendo o mesmo effeito”

Ao ver de semelhante imbecil, que não podia absolutamente enxergar o que representava o facto da barcaça ter conseguido elevar-se do solo, na opinião de tão notavel sandeu, devia D. João V ter castigado deveras o inventor infeliz.

“E Sua Magestade foi tão benigno, que não o escandalisou e o conservou na sua graça”

Em nosso primeiro volume sobre Gusmão demos longo commentario de tal Memoria, dictada pelo mais violento odio ao misero precursor.

Toda a razão assiste a Corrêa Neves para attribuir notavel importancia a este documento: “Este Ms., encontrado pela primeira vez por F. Simões na Bibliotheca da Universidade (N. 357) e mais tarde por Innocencio Francisco da Silva que achou outra copia com pequenas variantes em um livro Mss. deve ser pouco posterior a 1724.

E’ um dos mais importantes documentos para a descripção de uma das experiencias sendo além disso absolutamente insuspeito pois revela de principio a fim, uma grande má vontade contra o inventor, apresentando varios pontos da sua biographia de uma forma, que não pode deixar duvidas”.

CAPITULO XXVII

A infatigabilidade das pesquisas de Felipe Simões em profl dos direitos de Gusmão. Notavel descoberta effectuada. Uma descripção mais verosimil da Passarola.

Devotadissimo á causa do estabelecimento dos direitos do *Voador* infatigavel se mostrou Augusto Felipe Simões em suas pesquisas fructuosas.

Reservava-lhe o Destino grande compensação: a inesperada descoberta de segundo documento do maior alcance, uma descripção razoavel do aparelho de Gusmão, muito embora não da lavra do inventor.

Vejamos como elle proprio relata o tão notavel achado. "A opinião dos que consideram apocrypho o desenho vulgarizado dá agora nova e muito maior força um documento que encontramos na Bibliotheca da Universidade no Codice 342.

E' uma noticia da machina que a representa como um verdadeiro aerostato, com quanto seja muito anterior ás experiencias dos Montgolfier, e com toda a probabilidade do anno de 1709, pelas razões que apontamos quando nos referimos ao codice a que pertence. Eis o documento:

Descripção e figura da admiravel machina para se navegar pelo ar, que fez em Lisboa o Padre Bartholomeu Lourenço, natural do Brasil, dada á estampa por um amigo do autor, tirada de noticias particulares, que este The communicou.

O autor tem achado por varias experiencias que o ar tem a virtude magnetica que alguns modernos consideram na terra, com a qual attrahe algumas coisas da mesma sorte, que o magnete commum attrahe o ferro; ou porque os... do ar sejam conformes aos das dictas coisas, ou porque a tenacidade do corpo do ar faz nellas maior impressão, e esta é a causa na opinião do autor de se sustentarem no ar muitas coisas pesadas, como são as saraiwas, as pedras de corisco, a neve e a agua, que sensivelmente se vê subir nas que vulgarmente chamamos bombas de ar que se o ar não tivesse esta virtude, nem se sustentariam nelle, nem ainda se levantariam da terra, o que tudo intenta mostrar com um tratado á parte.

E porque as partes sujeitas a esta virtude se não acham no composto de alguns corpos pesados, consiste o principal artificio desta machina em apartal-as dos dictos, de sorte que sejam visivelmente attrahidas, e prendel-as para que não võem, com tal arte que vençam não só o peso da dicta machina, mas outro qualquer, que lhe estiver unido. Com este principio se faz o instrumento que descrevemos, que de sua natureza busque o ar e possa subir até meio d'elle, aonde fôr igual a quantidade d'ar que o attrahe para cima, e a do que fica em baixo e lhe resiste, ainda que em razão do seu peso natural nunca chegará tão alto; assim mesmo conforme o maior ou menor peso que levar, descera mais ou menos até se pôr em equilibrio com o ar, que fica mais vizinho á terra e descansar nelle.

A figura desta machina volante é uma pyramide triangular composta de materia solida como laminas de ferro ou cobre, tão bem unidas que prohibam evaporarem-se os espiritos magneticos que n'ella estiverem guardados. Esta pyramide irá presa com fortes cordas e um pavimento de madeira, em que irão as pessoas, e coisas que se quizerem levar: terão os lados da base da pyramide seis pés rintlandicos, e os que vão terminar á ponta quinze; estas são as medidas necessarias para o peso de um homem.

Governa-se esta machina com uma aza na ultima parte do pavimento, a qual, movendo-a quem fôr dentro, serve para caminhar, para subir e descer, para virar a qualquer parte, e parar, quando fôr necessario, e ajudará muito o sitio da pyramide, ficando com a parte angular para cima para facilitar a subida, com a plana para baixo para facilitar a descida e com a ponta da pyramide para onde fôr a jornada para resistir ao vento contrario, e com a base para a parte donde sahir para se ajudar, do favoravel, fazendo officio de véla.

As utilidades desta machina são maiores que as de nenhum invento até aqui descoberto, porque além da sua materia, que até agora se não viu praticada abre caminho para se saltarem os dois problemas mais difficultosos, e na opinião de muitos impossiveis, e são a longitude e o molu perpetuo, porque, como a velocidade ha de ser quasi tanta como a do mesmo vento, por não ter resistencia a elle, andando mais de duzentas leguas por dia, pela differença dos tempos se saberão as verdadeiras longitudes dos logares a que chegar, e se emendarão brevemente os mappas de todo o mundo, que pela maior parte estão errados em grande prejuizo da navegação e da geographia e como o ar no mesmo dia ás vezes está mais ou menos condensado e consequentemente tem mais ou menos virtude magnetica dentro no mesmo espaço assim nesta machina subirá mais ou menos, e, movendo comsigo alguma coisa, causará o movimento continuo, em que têm trabalhado tanto os maiores engenhos.

Ter-se-ão noticias a todo o tempo tanto nos designios, como dos exercitos inimigos; sem risco poderão as praças sitiadas mandar aviso, ser soccorridas e retirar-se dellas as pessoas que quizerem sem perigo; descobrir-se-ão as terràs que ficam debaixo dos polos do mundo por cessarem no ar os impedimentos que por mar tem havido, em uma palavra para todo o commercio levar cartas, fazer jornadas, passar letras, transportar riquezas e acudir a qualquer negocio, nem se póde imaginar caminho nem mais seguro nem mais breve.

O autor tem alcançado privilegio perpetuo para que só elle e seus herdeiros possam usar deste invento, e espera sahir com elle a publico dentro de tres mezes”

Commenta Simões em toda a propriedade.

“A importancia deste documento é manifesta. O desenho impresso em 1774 representa um artificio grosseiro e complicado que não tem semelhança nenhuma com um aerostato. Pelo contrario, na descripção que publicamos attribue-se á machina volante um artificio tão simples como o dos balões e em tudo conforme aos principios da hydrostatica, pelos quaes se regula a construcção destes apparatus”.

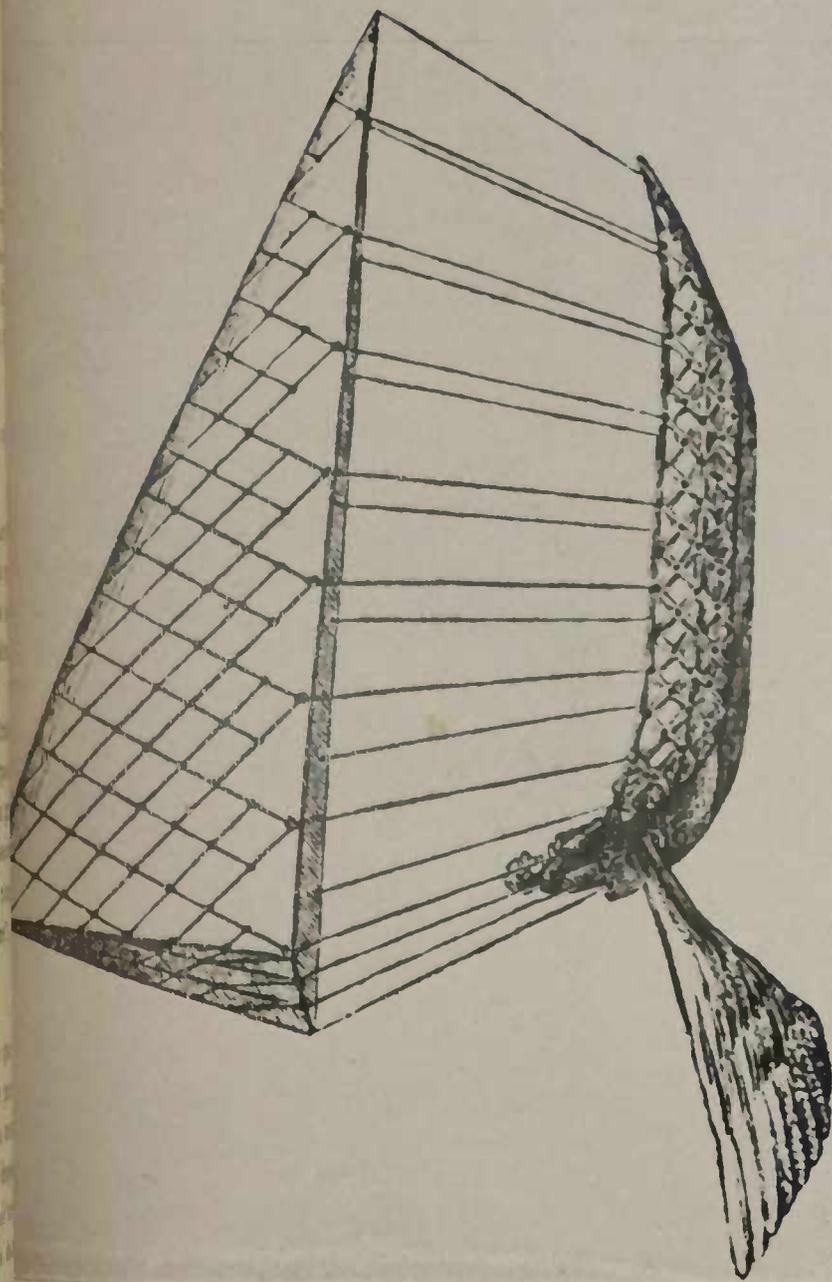
E a desculpar as incongruencias do documento accrescenta:

“O autor da noticia era amigo de Bartholomeu Lourenço e, segundo informações suas, a escreveu. Não sendo porém versado na physica, o que da mesma descripção se deprende, cahiu em erros e inexactidões. confundindo e alterando provavelmente e que ao autor da machina ouvira.

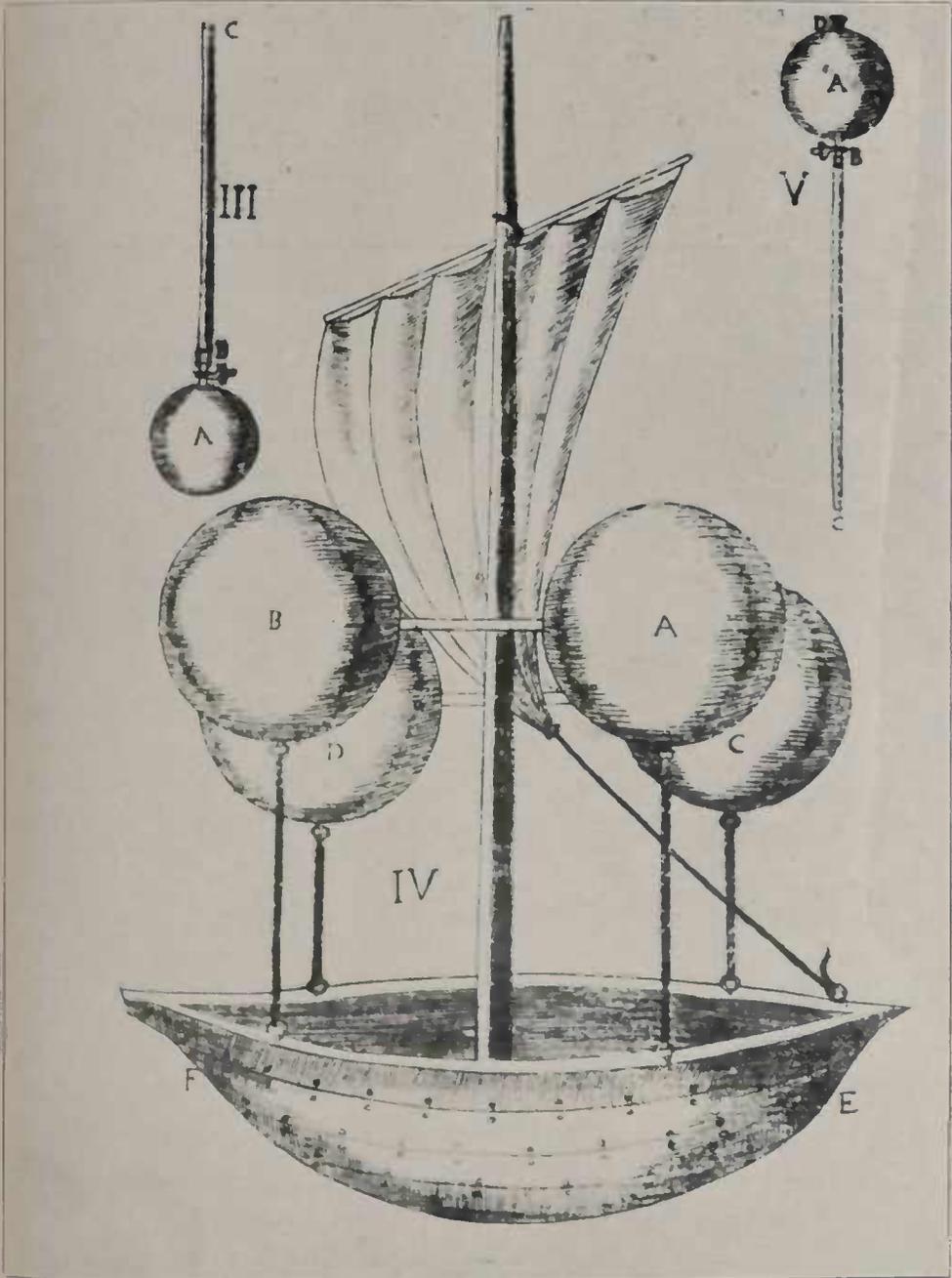
Assim, ignorando o principio de Archimedes, attribuiu á força magnetica do ar o sustentarem-se alguns corpos neste fluido, e porque se destinasse a machina volante a grandes viagens e tivesse de resistir á violencia das perturbações atmosphericas, entenderia coisa indispensavel o ser composta de materia solida como laminas de ferro ou cobre”.

Conclue Simões muito judiciosamente:

“Esta mesma noticia nos indica os meios de que Bartholomeu Lourenço de Gusmão intentava servir-se para elevar a machina volante. Como narra tambem uma memoria biographica, escripta no anno de 1724, ou pouco depois, na qual se lê que puzera por obra, não logo o principal invento, mas uma amostra que era uma barcassa pequena do feitio de uma gamella coberta de lona, com umas luzes por baixo etc., o que de algum modo confirma a descripção inedita



Schema interpretativo da **Pasarola**, realizado por Augusto Felipe Simões, segundo indicações do codice 342 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, aliás, divergente dos dados fornecidos por este documento.



A fantástica "barca voadora" de Francisco Lana Terzi aberrante das leis físicas

da machina e o ter errado o autor em dizer que era feita de laminas metallicas.

Isto mesmo se prova pelo apontamento accrescentado á copia da petição da bibliotheca da Universidade em que se diz que o Padre Gusmão comprara vinte e quatro arrobas de arames surtidos e quantidade de papel, parecendo a quem tal escreveu que seria para algum papagaio. Servindo-se do fogo, como vamos demonstrar, Bartholomeu Lourenço, para elevar a machina, a todos hoje se patenteia o fim a que era destinado o papel em suas experiencias”.

Cubemos a tal pyramide de pés rintlandicos do aerostato para avaliarmos quanto de ar deslocaria. E’ o balão um tetraedro, se nos cingirmos ás palavras da descripção, cuja base vem a ser um triangulo equilatero.

Todas as arestas que vão ao vertice tem quinze pés rintlandicos. — Trata-se portanto de um tetraedro regular.

Induzido em erro pela estampa pensa Correia Neves que a base era um triangulo isosceles tendo as arestas iguaes duas vezes e meia, a tres vezes, o comprimento da terceira aresta.

Distrahidamente desprezou o distincto autor a affirmacão positiva do memorial “terão os lados da base da pyramide seis pés rintlandicos e os que vão terminar á ponta quinze. Estas são as medidas necessarias para o peso de um homem”.

Temos pois um tetraedro regular construido sobre um triangulo equilatero.

Dos modernos dictionarios portuguezes está ausente o qualificativo *rintlandico* que adjectiva, não sabemos porque, as dimensões das arestas do tetraedro.

O velho pé portuguez tinha doze pollegadas de 0,m0275 ou 0,m33.

Assim era maior que o tal pé rintlandico que no dizer de Felippe Simões corresponde a 0,28.

Pés de tal comprimento ou approximadamente havia-os muito nos velhos systemas de complexos os de Aquisgram,

Antuerpia, Amsterdam, Bremen, Brunswick, o castelhanõ, canarino, saxonico, hamburguez, etc., etc.

A Encyclopedia de Espasa affirma porem no verbete *Rhinlandicos* “adj. Metrol”.

Se dice de uma medida de longitud em uso de las ribe-ras del Rhin (Rhenõ) equivalente á 0,31. 385”.

Assim sendo, os seis e os quinze pés rintlandicos da se-gunda *Passarola* correspondem respectivamente a 1,883 e a 4,707, valores um pouco melhores do que os de Felipe Si-mões mas assim mesmo insufficientes.

Delles vamos porém, valer-nos porque o seu emprego corresponde á mais favoravel hypothese em prõl das condi-ções aerostaticas do aparelho.

Se o triangulo da base era equilatero, como affirma o memorial, sua area chegaria a pouco mais de metro e meio quadrado. (1m²,5346).

Cubemos agora o tetraedro que constituia o balão.

Discordamos dos modos de ver de Simões quando avança :

“Uma pyramide triangular com as arestas lateraes de quinze pés rintlandicos, ou 2m,20 de comprido, e as da base com seis pés rintlandicos ou 1m,68, á qual fosse suspenso por cordas um pavimento de madeira, constituiria um appare-lho a cuja elevação e equilibrio não se poderia pôr nenhuma das objecções que nos suscitou a opinião expendida pelo Visconde de Villarinho de S. Romão”.

Houvesse o douto autor portuguez tido a idéa de proce-der á cubagem da pyramide e certamente não avançaria semelhante proposição.

Nem comprehendemos como a homens da intelligencia e do saber de Simões e Correia Neves não haja occorrido a necessidade da verificação da cubagem de tal balão que, á primeira vista, se apresenta exigua, insufficiente.

A cubagem da pyramide, com as dimensões avantajadas, em virtude de maior attribuição ao significado de pé rintlandico, e tendo um triangulo equilatero, em vez de um triangulo isosceles, assim mesmo nos dá menos de dois e meios metros cubicos para o deslocamento do balão (2,m³359).

Ora nestas condições que força ascencional poderia ter tal apparelho Minima, insignificantissima.

Como pois estaria em condições de suspender aos ares um pavimento de madeira e mais um aeronauta?

Por mais leves que fossem deveriam elles pesar cem kilogrammas.

Ora para cem kilogrammas, e ainda admittindo-se a possibilidade do aquecimento do ar a cem gráus centigrados (circumstancia difficillima para o tempo) seria necessario que o balão pyramidal tivesse um volume de mais de noventa e oito metros cubicos, pois que a força ascencional especifica para tal temperatura é de 1015 grammas.

Vejamos portanto que altura teria a pyramide conservando-se-lhe a base triangular equilatera do memorial (1,m²53).

Precisaria de quasi 193 metros de altura! de 691 pés rintlandicos e não dos quinze do memorial!

E não nos esqueçamos de que abstrahimos por completo do peso do balão propriamente dito, carcassa e papel do envolucro!

Lemos na historia dos aerostatos que a primeira *montgolfière* apresentada ao publico, a 5 de junho de 1783, tinha um volume de 866 metros cubicos e era capaz de elevar aos ares, apenas, um maximo de 490 libras francezas, ou sejam quasi duzentas e quarenta kilogrammas.

Será crível portanto que esse balão pyramidal, de dois e meio metros cubicos escassos, conseguisse elevar aos ares cem kilogrammas?

Assim, pois, o melhor é admittirmos que o amigo do Padre Bartholomeu foi infiel em citar-nos as dimensões do seu apparelho pyramidal.

Dirá o leitor a quem esta pequena demonstração tornará sceptico que então nenhum valor real cabe á descoberta de Felipe Simões.

Absolutamente não!

Attenda-se que o autor do memorial não foi Gusmão e sim um seu amigo. E lembremos de que o proprio Bartholomeu, cauteloso e suspicaz, deve ter sido quem ao seu effeizado haja fornecido erroneos dados, receioso de imprudencia ou indiscreção perigosa em face de possiveis competidores. Assim cabem muito bem os reparos de Simões já acima exarados.

Divulgando este documento, realmente notavel, para a defesa dos direitos de Gusmão, inseriu Augusto Felipe Simões uma estampa, desde logo sobremodo popularisaã.

Insinuou este proceder a convicção, geralmente espalhada de que tal desenho acompanha o texto do documento do codice 342 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Nós mesmos durante muito tempo assim pensámos

E no emtanto tal não se dá.

No "*Diario de Lisboa*" de 11 de janeiro do corrente 1934 o valoroso *gusmanologo* o Sr. Major José Pedro Pinheiro Correia, distincto official do exercito portuguez trouxe-nos para o esclarecimento deste caso um adminiculo de relevancia.

Declarou ter vindo á arena jornalista em prol dos direitos de primazia de Gusmão "assumpto que muito embora já debatido e por vozes chasqueado tanto em Portugal como no estrangeiro, ainda se mantem nebuloso mercê da falta de documentos da época e das varias interpretações mais ou menos bizarras, que têm sido dadas á já celebre gravura da "Passarola" considerada inverosimil para muitos".

Lembra depois o Sr. P. Corrêa a iniciativa de Freire de Carvalho, a collaboração a este prestada por Francisco Recreio e os inestimaveis serviços de Felipe Simões á causa luso-brasileira.

“A seguir a Filippe Simões, o fallecido General Brito Rebello, erudito investigador, o Sr. Marquez de Faria — a quem Portugal fica devendo a grande propaganda através do mundo do nome de Gusmão pelo seu patriotico esforço produzido em 1909 — o Sr. Coronel Corrêa Neves, e muitos outros tem tratado com a maxima proficiencia do assumpto, mas chegaram sempre a conclusões que não permitem definitivamente assentar que a invenção dos aerostatos pertence de facto e de direito ao portuguez Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão”.

Referindo-se aos estudos de Felipe Simões n' *A invenção dos aerostatos reivindicada* commenta o autor portuguez: “E' esta a obra que mais elucidacões tem dado sobre Gusmão e que no paiz e no estrangeiro tem servido de base a todos os estudos que sobre elle se têm feito, e é sobre ella que vac incidir a nossa critica despretençiosa”.

Para nós importantissima novidade é porém a que o Sr. P. Corrêa avança a saber que a estampa de Felipe Simões, a segunda estampa de *Passarola* é o fructo da invenção do medico e erudito seu compatriota!

“O pômo da discordia de todos os investigadores é a celebre gravura da “Passarola” (1774?) que quasi todos acham inverosimil menos o autor destas linhas, e como já foi dito, tem tido as mais variadas interpretações.

A aggravar este estado de coisas veio o Dr. Simões declarar que a gravura da “Passarola” era apocrypha e que procedendo a investigações na Bibliotheca da Universidade de Coimbra, encontrara uma descripção manuscripta, de 1709, da verdadeira machina volante de Gusmão.

O Dr. Simões *fantasia*, sobre esta descripção, um desenho da sua autoria interpretando-o a seu modo, se bem que com base scientifica, e desde 1868 que corre mundo esse desenho dizendo-se em varios escriptos estrangeiros e nacionaes que elle se encontra nos archivos da Bibliotheca de Coimbra e que elle é a verdadeira e authentica machina volante do Padre Gusmão.

O resultado da affirmação do Dr. Felipe Simões, feita aliás com a mais patriótica das intenções, veio lançar maior confusão na invenção do Padre Gusmão e os detractores do celebre Padre e aquelles que affirmam que foram os Montgolfier e não elle os inventores dos aerostatos, servem-se dessa confusão para roubar a Portugal a honra e gloria do assumpto”.

Procurando esclarecer o intrincado caso recorremos a nova pesquisa no acervo da Universidade recebendo do digno bibliothecario, Snr. Dr. Antonio Gomes da Rocha Madahil, a resposta categorica de que a unica estampa da *Passarola* pertencente ao acervo coimbrão vem a ser a que todos conhecem.

Já aliás, em artigos publicados no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, haviamos chamado a attenção dos nossos leitores para o notavel desaccordo do texto da *Descrição e figura da admiravel machina* e a factura do desenho do livro de Simões.

A indesculpavel dubieza de Felipe Simões, quanto a não la dizer da procedencia da estampa por elle imaginada, teria de trazer, fatalmente, a inducção em erro dos debatores dos direitos de Gusmão.

Seja como fôr a descoberta do documento de Simões tem a valia notavel de ser formidavel documento contra a authenticidade da estampa consagrada da *Passarola*.

Compare-se o seu texto com as indicações de tal figura descubra alguém, se for capaz, o minimo argumento que possa nitta estabelecer um ponto de contacto entre um e outras.

Uma consequencia da revelação do Sr. P. Corrêa é a inutilização de quaesquer visos de authenticidade conferidos ao retrato de Bartholomeu de Gusmão, da autoria de Benedicto Calixto, hoje muito popularisado por innumeradas reproduções.

Executou-o o pintor paulista, valendo-se do perfil da estampa do livro de Felipe Simões e certo da authenticidade da estampa.

Assim, pois, é inteiramente suppositicia a effigie do grande quadro, aliás bem composto e interessante, que figura na galeria do Museu Paulista.

O ambiente não é anachronico, informa-nos com a sua bella autoridade o illustre chimico, que tanto honra o nosso magisterio superior universitario, o Sr. Dr. C. E. Julio Lohmann, cathedratico da Polytechnica do Rio de Janeiro.

Em carta que nos endereçou, respondendo a uma consulta concreta que lhe fizemos diz-nos que o ambiente do retrato de Calixto se justifica pela inspecção do curso de chimica de Lemery, o inventor do famoso “volcão” que lhe conservou o nome.

“Em summa, escreve-nos o illustre consultado, na minha modesta opinião acho que não houve equivoco por parte do pintor Calixto ambientando o personagem que representa Bartholomeu de Gusmão, da forma pela qual o fez”.

Pensa o eminente sabedor que é o R. P. Dr. Seraphim Leite, S. J. cuja viagem recente ao nosso paiz tamanho destaque teve pelas preciosidades que nos desvendou sobre os annos primevos do Brasil que a pseudo figura de Gusmão está impropriamente vestida pelo artista de São Paulo. Representa-o como se fora um padre secular francez e nunca como sacerdote portuguez de principios do Seculo XVIII

Deixando-se levar por patriotico arroubo enxergou um autor brasileiro, aliás contemporaneo e recente, na segunda estampa da *Passarola* uma serie de predicados que só podem ter nascido da exaggerada fantasia.

E' elle o Dr. Ribas Cadaval em sua *Navegação aerea* (Anvers 1911, pag. 126).

Não só converte a aza do desenho da machina do santista em helice (!) como por conta propria transforma o seu tetraedro numa especie de grande sacco, muito alongado de que se dependura uma como que tina.

Este modo de ver não o impediu aliás da mais flagrante contradicção quando pouco mais adiante (pag. 113)

reproduziu a malsinada estampa gaiata da Passarola, “documento authentico” que entende ser “immensamente interessante”!

Realmente! digna de figurar, como peça de imaginação pittoresca ao lado da abundantissima iconographia que neste genero existe em francez, italiano, inglez, hespanhol, allemão e em quanta lingua ainda!

Como sobresahe brilhantemente, por exemplo, ao lado da machina graças a qual executou Cyrano de Bergerac a sua famosa viagem á Lua!

Não quereria acaso Rostand recordar a nossa famosa estampa quando fazia o seu heroe explicar os seis processos graças aos quaes se achava em condições de

violer l'azur vierge?

Ora rarefazendo o ar

..... *dans un coffre de cèdre
Par des miroirs ardents, mis en icosaèdre*

ou mais de accordo com as idéas do constructor da falsa “Passarola” cheia de pedras de cevar e de ambar, instalando-se sobre uma chapa de ferro para depois.

Prendre un morceau d'aimant et le lancer en l'air!

Nada mais pratico e engenhoso, aliás:

*Ça c est un bon moyen! le fer se précipite
Aussitot que l'aimant s'envole, à sa poursuite,
On relance l'aimant bien vite, et cadédis!
On peut monter ainsi indéfiniment.*

CAPITULO XXVIII

Uma arguição do Major Pinheiro Correia a Augusto Felipe Simões. Injustificado receio e deslize deste pesquisador.

No decorrer de suas pesquisas revelou como vimos J. P. Pinheiro Correia grave peccado praticado por Felipe Simões a infringir o famoso conceito basico da honestidade da pesquisa historica: *ne quid falsi audeat ne quid veri non audeat historia.*

Diz o Major Pinheiro:

“Se o Dr. Felipe Simões não omittisse, patrioticamente, na sua obra, uma descripção satirica de paginas 241 do famoso Codice 342 da Universidade de Coimbra, onde a paginas 243 encontrou a descripção que lhe permittiu reconstituir a sua famosa machina volante, verificar-se-ia, como verifiquei, que essa descripção satirica se refere em tudo, e por tudo, a uma gravura semelhante á de 1774 e por elle considerada apocrypha, e assim o Dr. Felipe Simões poderia, lançando mão da sua vasta cultura dar uma interpretação á gravura da “Passarola” e não vir concorrer para uma maior confusão sobre os trabalhos de Gusmão, com o seu fantasioso desenho de 1868, julgando que prestaria assim uma homenagem a Gusmão e ficava de facto reivindicada para Portugal a invenção dos aerostatos”.

Realmente que fraqueza a do illustre erudito! E que recurso illusorio! Pasma até que delle haja lançado mão tão formoso espirito.

O papel a que se refere o denunciador deste deslize é o que transcrevemos no capitulo V desta obra.

Já o conhecem os leitores que, de sobra, sabem quanto nada vale como argumento contra os creditos do *Voador*.

Parece porém ter assustado a Felippe Simões que o major José Pedro Pinheiro Correia suppõe haver agido sob a actuação de mal inspirado patriotismo.

Alli se achava a prova de que a estampa, universalmente espalhada da *Passarola*, partira de Portugal, sendo contemporanea das experiencias do *Voador* e possivel, senão provavelmente, da autoria do proprio Bartholomeu de Gusmão.

Ora sustentava elle a these da apocryphia de tal imagem e não lhe convinha fornecer, de motu proprio, argumento contrario e desta importancia! rebatendo-lhe as allegações. Tornava-se indiscutivel a prova da existencia de uma estampa coeva das experiencias e isto não lhe conviria confessar.

Se realmente assim procedeu, bem mal inspirado foi. E nem havia de que temer da divulgação desse papel chulo, inepto, denunciando a debilidade mental de seu autor, medido a espirituoso em suas saloiadas imbecis.

E' elle portanto precioso porque, como lembrámos, indica a existencia de uma estampa sobre a *Passarola* quando Bartholomeu de Gusmão preparava os seus primeiros ensaios, antes mesmo do primeiro destes, pelo que se lê no cabeçalho da algaravia de tal moxinifada.

A descripção refere-se positivamente, a uma figura que não é a que conhecemos, muito embora haja pontos de contacto entre tal modelo e ella.

Fala-nos em odres ligados entre si por arames, formando um vão correspondente a 75 pipas, pormenor interessante. Ora setenta e cinco pipas são quasi 32 metros cubicos. Assim o volume do aparelho da barquinha seria de 32 metros cubicos, podendo carregar 130 arrobas ou sejam 1.909kgm,440.

Ora, um balão espherico para alçar aos ares tal peso, pelo simples aquecimento do ar, exigiria enorme cubagem.

E isto a não levarmos em linha de conta o peso do proprio envolvero que, constituido de papel, devia ser consideravel.

E ainda na hypothese de se poder levar o aquecimento do ar a 50 graus centigrados, circumstancia favoravel dada a deficiencia dos meios de que podia lançar mão o *Voador*.

Nestas condições a força ascencional especifica do ar quente é de 338 grammas, por metro cubico. Affirma o documento que o peso da apparelho era de 3 arrobas ou sejam 44kgm.,64 apenas, facto inadmissivel, provando que o memorialista não sabia o que dizia e não se valera das palavras do inventor ou este escrevera taes dados para embaçar a possiveis concurrentes.

Já demonstrámos que a *Passarola* para suspender aos ares peso correspondente aos onze tripulantes e a barquinha do memorial da estampa avaliada em mil kilogrammas, exigiria um globo de papel de mais de 18 metros de diametro, mexequivel no Portugal de 1709. A montgolfière tinha, em 1783, um diametro de 11,35 e força ascensional de 240 kgm.

Agora o tal documento de Coimbra nos fala de um peso de 1909kgms.,44 a alçar aos ares! além do envolvero!

Mas este caso dos odres recorda a interpretação do Padre Himalaya. Infelizmente falleceu ha pouco, este distincto cientista portuguez. Terá tido conhecimento do papel que agora estudamos, e nelle colhido a inspiração dos balonetes geminados? E' possivel.

Ha porém entre a descripção coimbrã anonyma e a estampa classica de *Passarola* diversos pontos de contacto.

Senão vejamos.

Conhecemos hoje diversos *estados*, como se diz em technica de gravador, da estampa da *Passarola*. Nada menos de seis, com muito pequenas variantes; a do Archivo Vaticano, datada de 1709 e divulgada pelo Marquez de Faria, a de Vienna tambem publicada em 1709, por João Baptista Schönwetter e divulgada pelo Conde de Klinckowstroem, a de Londres, do *Evening Post* (1709), a de Valentini (1714), a de Simão Thadeu Ferreira (1784) e a franceza reproduzida na quarta edição da *Historia Geral do Brasil* de Varnhagen.

CAPITULO XXIX

Bartholomeu de Gusmão aeronauta. Falsa attribuição de predicados. Origem da lenda creada pela imaginação.

Depois que os Montgolfier obtiveram o estrondoso triumpho que todos sabemos e em França, encetaram-se as viagens aeronauticas começaram em Portugal a aviventarem-se as reminiscencias dos ensaios do *Voador*. Operou-se logo a ampliação que soem tomar as cousas da tradição oral.

Principiaram os patriotas a attribuir ao infeliz inventor, tão incomprehendido e maltratado pelos contemporaneos, victorias que não lograra. Assim já não se contentaram estes homens de imaginação em attribuir ao santista a prioridade aerostatica: conferiram-lhe a primazia das travessias aereas!

Vejamos como começou esta atoarda. Tem como ponto remoto de partida uma affirmação impressa, aliás muito laconica, da lavra de quasi anonymo autor, Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, autor das *Raridades da Natureza e da Arte*.

Obra vinda a lume em Lisboa no anno de 1759, nella occorre a primeira referencia impressa ás experiencias de Gusmão.

E o facto de preceder, de vinte e quatro annos, aos ensaios de Montgolfier lhe daria immensa valia não fora a insignificancia senão mesmo a nullidade de quem affirma, á pagina 428 de sua obra, ao falar das machinas voadoras:

“O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão trabalhou ao projecto e com effeito, em uma machina de papelão se elevou na presença do Senhor Rei D. João V”

RARIDADES
D A
NATUREZA,
E DA ARTE,

Divididas pelos quatro Elementos,

Escritas , e dedicadas

A^o MAGESTADE FIDELISSIMA DE ELREY
Nosso Senhor

D. JOSEPH I.

P O R

PEDRO NORBERTO

DE AUCOURT E PADILHA,

*Cavalleiro professo na Ordem de Christo , Fidalgo
da Casa Real , e Escrivão da Camera de
Sua Magestade na Mesa do Desem-
bargo do Paço.*



L I S B O A .

Na Officina Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LIX.

Com as licenças necessarias.

Folha de rosto da obra de Aucourt e Padilha em que ocorre a primeira referencia portugueza ás experiencias de Bartholomeu de Gusmão.

fia tambem voou , e quebrou huma perna ; e o mesmo succedeo a outro homem de Calabria , de que faz menção Campanella.

O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmaõ trabalhou no mesmo projecto , e com effeito em huma maquina de papelaõ se elevou na presença do Senhor Rey D. Joaõ V.

Naõ saõ poucas as pessoas , que nos voos da fortuna , e elevações da soberba experimentaraõ iguaes precipicios.

§. IV.

Aves , que serviraõ de Correyos.

CEcena Volaterrano , Cavalheiro Romano , levava consigo as andorinhas , e em alcançando victoria , as soltava pintadas com a côr , que a significasse , para promptamente

CAPITULO XXIX

Bartholomeu de Gusmão aeronauta. Falsa attribuição de predicados. Origem da lenda creada pela imaginação.

Depois que os Montgolfier obtiveram o estrondoso triumpho que todos sabemos e em França, encetaram-se as viagens aeronauticas começaram em Portugal a aviventarem-se as reminiscencias dos ensaios do *Voador*. Operou-se logo a ampliação que soem tomar as cousas da tradição oral.

Principiaram os patriotas a attribuir ao infeliz inventor, tão incomprehendido e maltratado pelos contemporaneos, victorias que não lograra. Assim já não se contentaram estes homens de imaginação em attribuir ao santista a prioridade aerostatica: conferiram-lhe a primazia das travessias aereas!

Vejam os como começou esta atoarda. Tem como ponto remoto de partida uma affirmação impressa, aliás muito laconica, da lavra de quasi anonymo autor, Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, autor das *Raridades da Natureza e da Arte*.

Obra vinda a lume em Lisboa no anno de 1759, nella occorre a primeira referencia impressa ás experiencias de Gusmão.

E o facto de preceder, de vinte e quatro annos, aos ensaios de Montgolfier lhe daria immensa valia não fora a insignificancia senão mesmo a nullidade de quem affirma, á pagina 428 de sua obra, ao falar das machinas voadoras:

“O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão trabalhou no projecto e com effeito, em uma machina de papelão se elevou na presença do Senhor Rei D. João V”.

Commenta Correa Neves:

“Apesar de ser uma curta noticia é, porém, valiosa por ter sido impressa numa época em que vivia ainda muita gente que tinha assistido ás experiencias e que portanto a desmentiria caso ella não fosse verdadeira”.

Antes do mais examinemos o que pode valer tão notavel asserção que, a ser exacta, provocaria completa transformação na chronologia da aeronautica.

Bem pouco se conhece de Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, fidalgo da Casa Real Portugueza, Cavalleiro da Ordem de Christo, Secretaria da Mesa do Desembargo do Paço. Nascido em Lisboa e em 1704, ainda em 1759 vivia.

Não conseguiu o admiravel Innocencio, quasi sempre informadissimo, fixar-lhe o millesimo do desaparecimento do mundo.

Como é lacunosa e deficiente a bibliographia luso-brasileira! Mais merecia o nosso Padilha do que as pequenas referencias a seu respeito divulgada.

Basta lembrar que, de sua autoria, corre o primeiro livro portuguez narrando a viagem terrestre de Lisboa a Paris, “obra escripta com muita curiosidade, dando noticias historicas e politicas ainda hoje dignas de leitura com algum interesse, pelas particularidades que encerra”.

Depois desta descripção, de uma jornada, naquelle tempo longa e trabalhosa, publicação de 1746, com mais de 350 paginas in 4.º, ainda apparece como biographo da “serenissima senhora D. Izabel Luiza Josepha, jurada princeza destes reinos de Portugal e Algarve”, calhamaço volumoso e raro.

O terremoto tremendo do dia de Todos os Santos, que arrazou a capital de D. José I, levou-o a entregar aos prelos os curiosos *Effeitos raros e formidaveis dos quatro elementos, dedicados ao infante Dom Manoel*, obra escripta para confortar os animos dos que se achavam aterrados pelos horrores da catastrophe. E logo depois ainda lhe ajuntou

uma *Carta em que se mostra falsa a prophesia do terremoto de Primeiro de Novembro de 1755.*

Desde o momento em que se viu levado a tratar dos grandes phenomenos teluricos descambou Aucourt e Padilha para o estudo das coisas maravilhosas; ahi a composiçãõ do seu volume das *Raridades da Natureza e da Arte, divididas pelos quatro elementos, escriptos e dedicados á majestade d'El Nosso Senhor D. Joseph I* (Lisboa, na officina de Francisco Luiz Ameno, 1759, 4.º de 504 pags.).

Entende Innocencio' de cuja maravilhosa sciencia das coisas portuguezas nos valem, que tal obra é “livro de muita curiosidade e recreaçãõ, para o tempo em que seu autor o publicou”.

Para nós a obra de Aucourt e Padilha possui inestimavel valor por causa de seu topico, aliás brevissimo, que relata a ascensãõ, do apparelho de papelão construido por Bartholomeu de Gusmão.

Isto elle o imprimiu em 1759, *vinte e quatro annos antes das primeiras experiencias dos Montgolfier.*

E' a primeira obra impressa em lingua portugueza. quer nos parecer, em que se haja relatado a subida da *Passarola.*

No mais as *Raridades* têm real valor, mas unicamente como documento das crendices e abusões correntes no publico portuguez de seu tempo. Traduzem a ingenuidade, a boa fé, a credulidade de um homem, fidalgo da Casa Real Cavalleiro da Ordem de Christo, Secretario da Mesa do Desembargo do Paço e não, portanto, algum quidam. Pela sua mentalidade se aferia certamente a de muitos dos principaes de seus contemporaneos.

Escreveu Padilha, verdadeiro repertorio encyclopedico das crendices dominantes no mundo lusitano em meados do seculo XVIII.

A sua zoologia é simplesmente impagavel, e a sua teratologia não menos espantosa.

O nosso autor acreditava em tritões, em imans vegetaes, na phenix no giboiussú brasilico de carnes que se renovavam! nas aguias bicephalas americanas etc. etc.

É simplesmente pasmoso o que elle collecciona em suas centenas de paginas cheias das mais absurdas *ingenuidades*.

A obra de Padilha constitue, em meados do seculo XVIII a redicção de um fabulario medieval de meio millenio atraz. E no emtanto mereceu acendrado elogio de quem de direito.

Escriptas as *Raridades*, que Francisco Luiz Ameno ia imprimir na sua *Officina Patriarchal*, era preciso fazel-as passar pelas forças caudinas das Licenças, do Santo Officio, do Ordinario e do Desembargo do Paço.

Pela Inquisição falaram seus qualificadores D. Thomaz Caetano de Bem e Fr. Francisco de S. Luiz. O primeiro desembaraçou o livro por nelle nada encontrar contra a Religião Catholica. “Estudo deleitavel, e util constituia um painel da Omnipotencia Divina”.

Seu collega muito menos longo foi: qualificando o livro de volume de proveitosa leitura até como que o intitula encyclopedia de conhecimentos. Admiravel pois que um homem occupado com os negocios do Primeiro Tribunal da Côrte ainda achasse tempo para compor tão proveitosas paginas!

Prestigiosissima a approvação que se segue á dos dois qualificadores. Assigna-a o nome illustre de Diogo Barbosa Machado. E em que termos! “Para immortal credito do sublime talento, e erudita instrucção dos seus patricios nunca cessa a penna, sempre elegante, do autor deste livro na laboriosa producção de diversas obras, succedendo umas ás outras com mais copiosa abundancia do que aquelle com que o fingimento poetico orna a arvore plantada no jardim das Hesperides coroada de successivas frutas tão estimaveis pela materia como pela fecundidade”.

Terminava este foguetorio por formidavel gyrandola: “Eterniza-se nos Fastos da Republica literaria o nome do autor acedor dos applausos da Fauna”.

Pelo Desembargo do Paço falou, dando o placet, o oratoriano João Chevalier. Lembrou ao Rei que aquelle livro era verdadeira encyclopedia de conhecimentos scientificos,

acompanhada de bem fundados discursos, solidas reflexões, discreta e inedita critica, nascida de uma erudição vasta e de raro engenho”

Assim apadrinhado entrou o volume do nosso Aucourt e Padilha no mundo da bibliographia setecentista.

Que valor attribuir ao depoimento de um homem que realisava a encarnação da credulidade e da ingenuidade?

Depoimento importante sobre a veracidade das experiencias de *Passarola* como bem assignala Corrêa Neves é o manuscripto que Brito Rebello descobriu no codice 1.012, da Torre do Tombo. Seu autor, religioso de São Paulo era um lente de theologia, Frei Lucas de S. Joaquim Pinheiro. O trecho que Corrêa Neves transcreve por achal-o bastante elucidativo é o seguinte:

“Suposto como certo e infallivel, que o Auctor achando o segredo do gaz, o havia de encobrir até estar certo da felicidade de suas operações, e de alcançar os premios que pretendia, devemos confessar que era justo ó encobrisse fingindo que o accenso da Machina procedia de outros principios attractivos, com que o vulgo se enganasse: E assim, não obstante que diga, que dentro dos globos ia a Magnete, cuja virtude fazia subir a Machina, ou barca, comtudo sua elevação não podia proceder da virtude attractiva, mas sim da expansão, e fora do gaz, a que o Auctor chama segredo que hia dentro dos globos, ou talvez no velame.

O certo é, que o autor era curiosissimo na composição de fogo do ar, e que esta machina, foi experimentada, e lançada da Praça de Armas do Castello, e que veio cahir no Torreão da parte occidental da Praça, que então era Terreiro do Paço, e o Torreão da casa da India, e hoje é Praça do Commercio, e o Torreão está por concluir, e disto havia muitas testemunhas que alcançarão os meus dias. O fim desastrado do Auctor foi causa de Portugal não ter a gloria desta descoberta. — Pinheiro”

Comquanto este documento não tenha data, vê-se que, não sendo elle contemporaneo das experiencias, deve porém ser ainda do seculo dezoito”.

Affirma Manoel Rebimbas que tal papel data de 1784 e á informação acima annexa o seguinte trecho da mesma fonte.

“E’ cousa certa que esta machina fez experiencias e que foi lançada da praça dos Macacos do Castello e que baixou sobre a Torre (Casa da India) que está ao lado sul da Praça que outrora se chamava Terreiro do Paço. Diſto ha testemunhas que ainda conheci”.

Como vemos Frei Lucas não se abalançou, de todo, a affirmar que o aparelho de Gusmão transportara um aeronauta.

E não deixemos de notar que, afinal, o seu depoimento constitue forte e positiva prova de que elle não estava nada ao par das particularidades da biographia do *Voador*.

Revela o theologo esquecer que depois das experiencias de 1709 ainda viveu Gusmão quinze annos, jamais havendo, neste lapso, ao que consta, renovado as suas experiencias.

O primeiro livro impresso em portuguez sobre a aeronautica e a aerostação veio a ser a *Descripção do novo invento ou machina volante*, obra de um anonymo sahido em Lisboa, e em 1784, da officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

Prudentemente se refere á tradição das experiencias de Gusmão e nada, absolutamente nada, narra de sua possível viagem aerea.

Parece que se deve a Bocous, em 1817, o recolhimento da lenda da viagem aerea de Gusmão.

Recolhimento e ampliação.

Affirma o escriptor hespanhol que o *Voador* tripulou o seu balão. A este depoimento veio o erudito F. de Figanière trazer importante reforço, ao allegar outra descoberta archival.

Julga Corrêa Neves que o testemunho do documento de Fr. Lucas Pinheiro reforça a hypothese da viagem aeronautica de Gusmão.

“Finalmente, segundo o Ms. do Padre Pinheiro, ter-se-hia realizado uma 4.^a experiencia, e esta ao que parece, a mais importante de todas, em que o balão, tendo partido da Praça de Armas do Castello de S. Jorge, veiu descer no Torreão da Casa da India, no Terreiro do Paço, havendo disto muitas testemunhas, que o narraram o referido Padre Pinheiro.

Este facto é confirmado por um documento encontrado pelo Sr. Figanière, que mencionava o titulo de uma obra impressa em Lisboa, relativa á machina aerostatica de Bartholomeu Lourenço, ao qual se dizia ter ella sido “lançada no ar no Castello de São Jorge de Lisboa, donde o autor desceu nella ao Terreiro do Paço”

Parece portanto que esta experiencia foi a mais importante pois o balão tinha dimensões sufficientes para transportar um aeronauta; e, se a distancia percorrida, é apenas de pouco mais de 1 kilometro, isso não tira valor algum á invenção, pois assim fica completamente provado o facto principal, que é o da ascensão de um balão de ar aquecido, conduzindo na barquinha um aeronauta”.

Mas a obra encontrada por Figanière e a que allude C. Neves é simplesmente a edição de Simão Ferreira falsamente datada de 1774 quando deve ter sahido em 1784, repisemol-o, ou até mesmo em 1794 como pensa Innocencio.

Em 1854 publicou Frederico F. de la Figanière o seu “*Catalogo dos Manuscriptos portuguezes existentes no Museu Britannico*”.

No tomo IX de uma “Collecção de papeis politicos portuguezes, tocantes aos seculos 17 e 18”, collecção pertencente ao Desembargador Mathias Pinheiro e depois ao Desembargador João Tavares de Abreu, e afinal a Southey de cujo espolio passou para a British Museum, encontrou um exemplar da petição do *Voador*, em 1709, sobre a sua machina aerostatica.

Declara a nota appensa á copia da petição que, já a 20 de abril de 1709, realizara Gusmão a mais impressionante experiencia descendo no seu aparelho, do Castello de S. Jorge ao Terreiro do Paço.

Ora, o alvará expedido por D. João V concedendo o privilegio para a *Passarola*, data de 19 de abril de 1709. Não representa a data de 20 visível forçamento de coincidencias, aliás ingenuo? mera demonstração de chauvinismo tendende a promover a indiscutibilidade primacial portugueza no caso da invenção dos aerostatos? Seja como for é muito curiosa esta aproximação de datas contiguas sobretudo quando discorda *in totum* da informação das outras fontes que fixam as experiencias da *Passarola*, de agosto de 1709, em diante.

E depois não temos a favor da nossa supposição invalidadora, os trechos de Salvador Ferreira, do Nuncio Apostolico, de Francisco Leitão Ferreira e Soares da Silva quando declaram categoricamente que as primeiras experiencias de *Passarola* se realizaram em agosto de 1709?

Tanto maior a autoridade de Leitão Ferreira quanto foi este autor não só contemporaneo de Gusmão como seu amigo.

Outra coincidencia interessante: 20 de abril é a data do despacho do Desembargo do Paço á petição de Gusmão (cf. *Annaes do Museu Paulista*, T. I, p. 2, pag. 10).

Seria realmente notavel que a experiencia occorresse no dia exacto da concessão do despacho.

Voltemos porém ao depoimento de Frei Lucas de S. Joaquim Pinheiro.

Annexo a este papel “ha um desenho desta machina aerostatica feito por outra pessoa e em tempo posterior á petição e bem assim a noticia de uma obra impressa em Lisboa em 1774 descrevendo a tal machina; a dita obra sahio com o seguinte titulo:

Maquina aerostatica que pela primeira vez se viu na Europa — inventada pelo celebre Bartholomeu Lourenço,

por antonomazia o Voador — Irmão do insigne Alexandre de Gusmão, lançado no ar no castello de S. Jorge de Lisboa, donde o autor desceu nella ao Terreiro do Paço em 20 de abril de 1709. Lisboa, na officina de Simão Thadeo Ferreira, 1774”.

Este titulo, lembra Felippe Simões, é muito diverso daquelle com que sahiu o desenho impresso no seculo passado.

Pensa Innocencio que tal differença nasceu de engano de Figanière.

“E’ porém mais provavel que o autor do catalogo encontrasse no papel citado o titulo tal qual o enunciou. Desse titulo, portanto, como do que precede a petição copiada no mesmo papel se deduz que a experiência se effectuou em 1709”.

Não houve engano algum de Figanière como corrobora o verbete de Oliveira Lima em sua *Relação dos manuscriptos portuguezes e estrangeiros de interesse para o Brasil existentes no Museu Britannico de Londres*. (Cf. Rev. Inst. Hist. Bras., 65, 2, 72).

O que ha é apenas isto nova prova da apocryphia da malsinada estampa mystificadora, das esferas e do astro-labio.

Bem sabemos o que é contagio das noticias sensacionaes a cujo conto se accrescenta sempre o ponto do proloquio popular.

Conhecedor profundo das coisas lusitanas não trepidou Ferdinand Denis em valer-se de sua grande autoridade par affirmar, em 1858, na *Nouvelle Biographie Générale* de Didot:

“Autant il reste de doute sur le mode de construction que Gusman adopta pour sa machine, autant il y en a peu sur le résultat de ses expériences. Porté par sa nacelle, il s’élança le 8 aout 1709 de la tourelle de la Casa da India, et franchit l’espace assez étendu qui existe entre cet édi-

ficie et le Terreiro do Paço, derrière lequel il alla descendre. Le peuple de Lisbonne lui donna des ce moment un surnom significatif, on l'appella o *Voador*”.

Avança Ferdinand Denis, aliás que nos Archivos de Brunswick, se encontra uma carta da princeza Elisabeth de Brunswick a sua mãe a duqueza Christina Luiza de Oettingen, datada de 10 de agosto de 1709, dizendo:

“avoir vu le navire-volant de Gusmão, s'élever triomphalement dans les airs, le 8 Aôut 1709”.

Mas como já vimos jamais se comprovou tal asserção, com grave damno á reputação de Denis.

Reforçando os seus modos de ver, allega elle, ainda, que ao caso da viagem aerostatica de Gusmão documenta a constancia da tradição assim como a petição do aeronauta solicitando privilegio para o seu invento (sic!).

Chama o autor francez a attenção dos leitores para a pena de morte comminada aos possiveis transgressores da patente concedida pelo Rei e relata ainda que este concedeu ao *Voador* um canonicato.

A explicação dada por Denis á ausencia de repercussão das experiencias com a *Passarola* é ingenuamente infantil.

“Não faltaram as testemunhas dessa ascensão maravilhosa, cujos écos se espalharam logo pela península iberica e até no estrangeiro. Apesar de tudo não proseguiram as experiencias”.

O que segue parece até um obumbramento do espirito do escriptor. “Menos avidas de noticiario que os nossos jornaes de hoje, as gazetas daquelle tempo silenciaram sobré o que houvera na Casa da India (sic!).

Curioso seria que F. Denis nos citasse o nome de algum jornal portuguez daquelle tempo. “Enganamo-nos porém, continua o illustre erudito. Um poeta comico bem conhecido em Portugal e com certo parentesco com o nosso engenheiro (?) Thomaz Pinto Brandão, vira alçar-se aos ares

Bartholomeu de Gusmão e assignalou tal facto numa chronica rimada que foi impressa em Lisboa. Este testemunho de um contemporaneo é irrecusavel, visto como toda a cidade podia desmentil-o”.

A respeito deste trecho pensamos que Mendes Fradique nos autorizará a lhe appôr o *confere!*

Thomaz Pinto Brandão, parente de Bartholomeu?! onde terá Denis descoberto esta novidade absolutamente pittoresca? E onde se encontrará, nas paginas do *Pinto renascido*, uma affirmação categorica de que o santista haja sido aeronauta?

Reiterou Correa Neves a sua crença de que Bartholomeu Lourenço haja voado.

“Em data desconhecida, mas de certo posterior ás experiencias citadas, realizou-se a 4.^a experiencia, com um balão de dimensões sufficientes, para poder transportar um aeronauta, o qual tendo partido da Praça de Armas do Castello de S. Jorge, veio descer junto ao Torreão da Casa da India, no Terreiro do Paço, conduzindo na barquinha o proprio inventor.

Foi pois esta, segundo parece, a primeira viagem realizada em todo o mundo por um aeronauta, em um balão de ar aquecido. A extensão percorrida é pouco superior a um kilometro”.

Da maior exacção seriam os seguintes conceitos se não partissem de falsa premissa.

“Estavam lançadas as bases da aerostação, e num meio favoravel, ás experiencias teriam continuado em larga escala. Em relação, porém, ao que se promettia na *Petição*, ellas foram consideradas como um verdadeiro insuccesso, tendo para isto concorrido bastante os motejos de varios *espirituosos* — dos que apparecem em todas as épocas — que, á falta de engenho proprio, procuravam inutilizar, pelo ridiculo, a obra do illustre inventor.

As experiencias não proseguiram, mas o inventor grangeou a alcunha de *Voador*, pela qual era conhecido em toda a parte, chegando até a ser assim designado em actos officiaes e ficando o seu balão conhecido por *Passarola*”

Discordamos porém *in totum* das conclusões do illustre official superior portuguez.

“Que admira pois, que depois de uma tal acceitação não ficassem documentos impressos, com noticia das experiencias e apenas alguns trechos fugidios e pouco explicitos espalhados por varios manuscriptos?

“Como haviam as experiencias de merecer a honra de ser citadas em obras impressas, se ellas eram consideradas daquelle modo, pela população de Lisboa?

Nada mais curial do que a abundancia dos commentarios a tão extraordinario feito a que dariam universal fama.

Proseguindo expende Correa Neves:

“Foram depois taes experiencias mencionadas, sim, mas para serem amesquinhas e ridicularisadas pelas insulsas e insignificantes poesias satyricas publicadas por occasião da fuga e morte do infeliz Bartholomeu Lourenço”.

Não nos esqueçamos porém de que as poesias satyricas não se prendem sómente ao desvalimento e fuga de Gusmão havendo muitas dellas pontuado o fiasco apparente das experiencias da *Passarola*.

Conclue o douto escriptor:

“E eis a verdadeira causa a nosso ver do conhecimento incompleto que hoje se tem das tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que realizadas num paiz, mais culto e menos disposto a amesquinhar o que é nacional teriam trazido para elle verdadeira gloria, como 1 que setenta e quatro annos mais tarde, os irmãos Montgolfier, que certamente desconheciam os trabalhos do inventor portuguez, deram á França”.

“Seja como fôr, o que hoje se conhece sobre as experiencias é, como acabamos de ver, mais que sufficiente para poder se proclamar bem alto, que o primeiro balão de ar aquecido que subiu gloriosamente na athmosphera, foi inventado e experimentado em Lisboa, em 1709, por um sabio portuguez”.

E a dar por findo o mandato que lhe conferira o Aero Club de Portugal para a defesa dos creditos de Gusmão, concluiu o distincto autor:

“Saudemos, pois, nós, em nome do *Aero Club de Portugal*, que procura actualmente desenvolver no nosso paiz o gosto pela locomoção aerea, a memoria illustre do Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o sabio portuguez do seculo XVIII, que foi o verdadeiro precursor da aerostação!”

Sentimos dissentir do brilhante defensor dos creditos de Gusmão.

Vejanos em que assenta o nosso scepticismo.

A petição manuscripta do Museu Britannico (Add. M. S. 15201), constante do codice infol de 393 fls. tomo 9 da collecção dos *Papeis Politicos* traz o seguinte rosto:

Petiçam/que/fes/O Padre Bartholomeu Lourenço/Ao/Desembargo do Passo/Para que se lhe concedesse fazer/Hum invento que havia an/dar pelo ar, e com effeito se lhe concedeo o qual fes, e/levando a Casa da India/o fes subir ao ar.

Esta affirmação do exito das experiencias da *Passarola* é novo argumento em pròl dos creditos aerostaticos de Gusmão. Mas não aeronauticos...

Pouca valia tem no laconismo de seus termos; representa, porém, mais uma comprovação a se juntar às que conhecemos.

Mas inflinge-lhe real *capitis diminutio* o facto de proceder, positivamente, de impura fonte: o tal impresso de Simão Thadeu Ferreira antedatado de 1774.

Quanto á affirmação do erudito Figanière de que o desenho do British Museum é posterior á petição manus-

cripta, e da lavra de outro autor que não o peticionario, esta circumstancia reforça, singularmente, a nossa these da apocryphia da estampa inventada por Gusmão.

Realmente o facto de Figanière haver encontrado uma corroboração para as palavras de Fr. Lucas Pinheiro augmentaria o valor do testemunho deste religioso, se o depoimento houvesse sido contemporaneo de Gusmão.

Foram as palavras de Frei Lucas com certeza provocadas, como diversas outras, pela divulgação das experiencias clangorosas das *montgolfières*.

Reboava, pela Europa, toda, a fama dos Montgolfier. Que occasião perdera Portugal para chamar a si tamanha gloria! diria no seu intimo o padre lusitano, cujo patriotismo se sentia ferido fundamente.

Dahi a sua tendencia de espirito subordinado ao intenso *facile credimus quod volumus* nascido de exaltado sentimento nacionalista, decepcionado ao ultimo ponto por cruel *sic voluere fata*.

Ao adduzir o depoimento de Salvador Ferreira de que já falámos encetou o erudito Manoel Maria Rodrigues o seu communicado pelas seguintes palavras:

“Segundo é tradição, foi no dia 5 de agosto de 1709, que o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão se elevou nos ares no machinismo por elle inventado, realizando-se a experiencia no pateo da Casa da India, na presença do rei D. João V da familia real e de toda a Còrte.

Parece que a tentativa não foi, porém, coroada de um exito completo, porque o aerostato que estava seguro por cordas, elevando-se obliquamente até certa altura, foi tocar na cornija do palacio onde se rompeu, descendo depois vagarosamente e sem accidente algum para o aeronauta. Por esse tempo não foram poucos os epigramas dirigidos, por tal facto, não só ao invento como ao inventor.

Mais suspicaz do que Rodrigues annota C. Neves:

“E’ possível que nesta experiencia, que decerto foi realizada com um apparelho de maiores dimensões, o inventor fosse na barquinha, pois muitos documentos referem ter elle *voador*; não pode porém concluir-se a este respeito nada de positivo, pois nenhum delles menciona com precisão, qual a experiencia em que tal succedeu”

Não compartilhamos, de todo, da opinião do douto autor a quem acompañamos.

Não podemos admittir a hypothese de que Gusmão haja embarcado na *Passarola* nesta experiencia de Outubro.

Se o tivesse feito, certamente, fatalmente, teriam quer Salvador Ferreira e Francisco Leitão Ferreira quer Innocencio XIII e Soares da Silva deixado o irrecusavel depoimento testemunhal de tão portentoso caso. Um homem a voar! Facto inaudito! jamais presenciado!

Se tal se houvesse dado não haveria barreiras capazes de conter a divulgação de tão espantosa noticia. Por mais atrazado fosse o ambiente scientifico portuguez era o facto de tal ordem, de tal magnitude, que apesar de haver a conflagração européa da Guerra da Successão de Hespanha attingido o apogeu, no mundo inteiro reboaria a portentosa nova: Satisfizera-se o aneio millenar da Humanidade! Voara, deveras, um homem! navegara pelos ares!

Assim, pois, não podemos de todo crer que nesse tres de outubro de 1709 haja a *Passarola* subido aos ares com sigo carregando o seu inventor.

Pouco importava porém! O que para nós vale, o que interessa á historia da Sciencia é que se comprovava o direito á prioridade aerostatica do *Voador*.

O Padre Rebimbas prudentemente avança:

“Ha ainda outra tradição que affirma ter Gusmão subido de uma praça publica em frente do Palacio Real.”

Tudo isto podem ser variantes da mesma experiencia ou talvez differentes ensaios. O que se conclue *com certeza*

de todos estes testemunhos é que Gusmão fez, em 8 de agosto de 1709, uma experiencia coroada de successo com um balão de ar quente ou mais exactamente com um balão de ar quente combinado com gaz, visto como pela combustão se aquecia o ar e desenvolviam-se gazes.”

Não ha na correspondencia de Cunha Brochado a menor allusão ás experiencias que se diz ter Gusmão effectuado com a *Passarola*, em principios de outubro.

Assim no seu epistolario não se encontra o minimo vestigio da fantasiosa façanha que o patriotismo arroubado quiz serodidamente attribuir a Bartholomeu de Gusmão após os triumphos dos Montgolfier: a famosa ascensão. Acaso houvesse ella occorrido teria o diplomata calado tão portentoso acto?

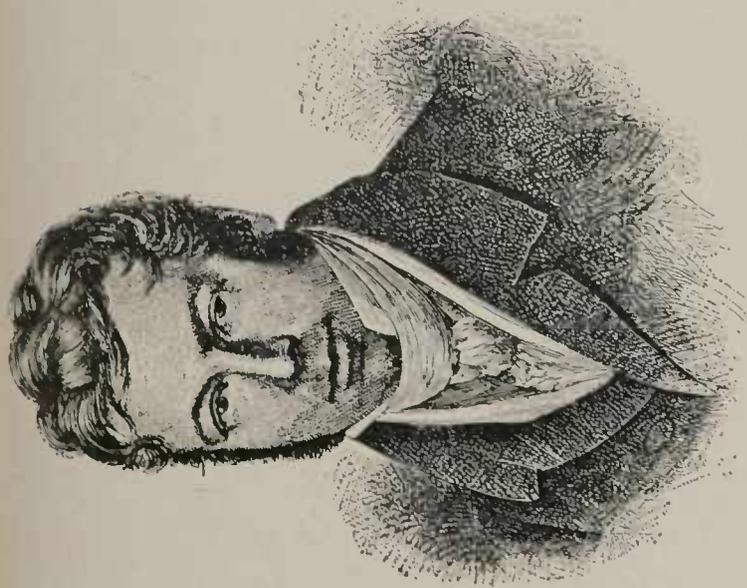
E acaso conseguiria realizar-se tão extraordinario feito sem que alcançasse divulgação européa e mundial?

Mais de setenta annos medeiaram entre as experiencias da *Passarola* e as da *montgolfière*. Em tão largo lapso que amplificação não tomam as coisas da tradição oral?

Quando, em 1912, se celebraram, por iniciativa do então Visconde de Faria, grandes cerimoniaes glorificadoras de Bartholomeu de Gusmão, em Toledo e em Lisboa, pronunciou um discurso, em uma destas festividades, o então encarregado de negocios do Brasil Dr. Annibal Velloso Rebello, oração em que ha um trecho reproduzido de certo historiadador cujo nome não citou.

Ahi se faz a narração da experiencia de 8 de agosto de 1709:

“Apenas começava a alvorada do dia 8 de agosto, quando já os altos do Castello, da Trindade, de Santa Catharina, do Carmo se coroavam de immenso povo, que descia apresadadamente pelas ruas tortuosas da cidade em direcção ao Terreiro do Paço, reunindo-se com a gente que desembo-



Visconde de Villarinho de São Romão
(1785-1863)



Pe. Manuel António Gomes Himalaya
(1768-1835)

cava das travessas, como rios caudalosos que ainda engrossavam mais com o subsídio de ribeiros confluentes.

Pelas margens do Tejo, do oriente ao occidente, também corriam muitos homens e mulheres para aquella grande praça, onde se ia dar um espectáculo novo para Portugal e para todo o mundo.

O fidalgo, o burguez, o operario, as mulheres com crianças ao collo e pela mão, os estrangeiros residentes em Lisboa, toda a população enfim, da capital, buscava lugar no extenso largo, no caes adjacente, nas janelas da alfandega e da casa da India, e nos barcos sem numero que cobriam as aguas até grande distancia da praia para verem a primeira ascensão aerostatica dos tempos modernos.

Por volta das nove horas principiaram também a guarnecer-se as janellas do palacio real com as damas e senhoras da côrte, os membros do corpo diplomatico estrangeiro, os empregados da casa e diversos convidados; e ás dez horas appareceu no eirado do formoso Torreão do Paço, D. João V, toda a familia real, os secretarios de estado e os officiaes môres do Palacio”.

Tudo isto não é senão a mais descabellada fantasia do tal “historiador”.. pelo methodo confuso.

E’ o que também se pôde arguir a outro autor de que nos fala Lysias Rodrigues:

“A noticia existente, dada pelo Embaixador Antonio Carneiro de Birenne Feitosa, de que Bartholomeu “ascendeu á porta da matriz do Rosario até a altura da torre” em Ouro Preto, deixa de merecer credito, pois inicialmente affirma “ser Bartholomeu Lourenço, *filho de Ouro Preto*,...” quando ninguem tem a menor duvida de ter elle nascido em Santos, S. Paulo”.

E aliás jamais esteve o Voador em territorio de Minas Geraes...

E o que mais torna pittoresca a narrativa do embaixador Feitosa vem a ser a seguinte e simples circumstancia: datam as experiencias de Gusmão de 1709 e Ouro Preto de 1711!!

Jamais porém vimos tal escripto nem sabemos se é original do primeiro diplomata acima citado ou se por elle reproduzido.

Nesse dia 8 de agosto occorreu a segunda e aparentemente desastrada experiencia da *Passarola* em recinto fechado, a que se referem o Papa Innocencio XIII e Salvador Ferreira.

Houvesse ella tomado, de longe sequer, as proporções que lhe empresta o imaginossissimo autor e fatalmente teria universal divulgação o ensaio do nosso glorioso compatriota, coroado pelo mais retumbante triumpho.

E quem deteria a divulgação de tão importante conquista realizada pelo Homem?

As noticias das primeiras viagens aereas causavam arrepios e desvairavam as imaginações occidentaes.

A catastrophe de Pilâtre de Rozier, proto-martyr da navegação aerea, immensa sensação provocava pelo Universo

Explodira quanta reminiscencia pelo mundo corria attinente ao assumpto que a todos apaixonava. E bem sabemos a que ponto podem chegar as exaggerações da tradição oral, o verdadeiro desvario de “quem conta um conto”..

E no fundo actuava o sentimento patriotico, apesar de retrospectivo a dor de haver Portugal deixado escapar, para a sua corôa de glorias nacionaes, um florão de magnitude daquelle que a França incorporava agora ao acervo do renome de sua intellectualidade.

Eis ahi a nosso ver, o movel instigador principal da reviviscencia de quanto pormenor havia attinente á vida e aos feitos de Bartholomeu de Gusmão.

Escreve erudito analysta:

“Como já dissemos, são varios os documentos que asseveram ter o proprio inventor subido no seu balão, e as numerosas poesias satyricas, contemporaneas do inventor, algumas das quaes foram impressas por essa occasião, o dão tambem a entender claramente”.

Leva-nos esta asserção ao exame destas moxinifadas metricas.

A maioria de taes sensaborias, invejosas, mesquinhas e idiotas é, no pensar de Felippe Simões, anterior ás experiencias.

Os sonetos “*Icaro de baeta tonsurado*”; *Veio na frota um duende brasileiro, Com que invento queres baixo idiota*, são positivamente anteriores á realização dos ensaios de Gusmão, como tanto se deduz de seu sentido. Nem é possível, de tal duvidar, ante o categorico de suas invectivas prophetisadoras do fracasso das experiencias.

O mesmo se dá com as decimas: *Difficil é voar. Para crer vos razão tenho, Muito ha que escondida*. E ainda com o interminavel romance *Temos de voar um mestre*.

Quanto ás decimas hoje divulgadas (as que celebravam a queda e a fuga de Bartholomeu Lourenço) vejamos se dellas se depreheende a affirmação positiva de alguma viagem aeronautica do *Voador*.

O soneto *Bartholomeu Lourenço he hoje alvo, dos discursos da Côte...* aliás muito confuso, e forçado, a martelo, parece-nos antes denegatorio da these que examinamos do que affirmativo.

*Só poderá achar seu invento
modos com que nos mares navegara
Se tivera com o demo tratamento*

O soneto *Que o Voador voara, ouvi dizer, Segunda vez, do nosso Portugal* faz trocadilho de que nada parece poder deduzir-se em favor da hypothese de C. Neves.

Assim tambem o outro que queremos crer antes escarneça o invento e Gusmão:

Depois de dar ao Povo mil pezares

As decimas do *Pinto Renascido* é que a tal respeito trazem enigmatico depoimento.

*Por grande caso em Lisboa
Contam todos, menos eu,
Que o Padre Bartholomeu
Voou, e a fama é que voa.*

Dahi em diante ha uma serie de trocadilhos ineptos. Mostram-nos que o verbo voar já pertencia á giria significando além de fugir, desaparecer e quiçá trapacear.

Emfim temos o truão Thomaz Pinto a proclamar quanto “em Lisboa todos diziam”, menos elle “que Bartholomeu voara”

Mas não será isto novo trocadilho “voara Bartholomeu”, a saber: fugira, evaporara-se de Lisboa, coisa que todos affirmavam excepto elle Pinto e isto porque nunca fôra mal-dizente?

E’ o que nos parece dahi poder inferir-se.
As decimas do poetastro Christovam Silva:

Credito dará Lisboa.

tambem celebradoras da ruina do valimento e da fuga do *Voador* estas sim denegam a existencia do renome de Bartholomeu, como aeronauta, entre os seus compatriotas.

Diz o poetaço:

*Ao que agora não deu,
Pois o tal Bartholomeu
De que voou, fama voa.*

Assim, pois, affirma o verzejador de fancaria: “Voava a fama de que Bartholomeu voara, o que levaria Lisboa a dar credito áquillo a que até agora não dera” a saber que materialmente o *Voador* nunca voara.

Quanto á poesia hespanhola insultadora posthuma do sautista escarnece ella positivamente do invento do *Voador*. Tivera o debicado inventor durante vinte annos todos os privilegios para voar e delles não se aproveitara.

Das inepcias e infamias estercorarias e obscenas do *Foquetario*, que tão longamente analysamos, tudo nos induz pelo contrario a deduzir que as experiencias do *Voador* foram as mais desastradas.

*A nau gorada e eu entre a gente
A opinião temendo ver perdida, etc.*

Assim, pois, de toda a versalhada hoje divulgada só se deduz uma consequencia positiva: a constancia da alcunha *Voador* attribuida a Gusmão. Mas poderia ter-lhe sido concedida pela ironia e a malevolencia daquelles que ante o fracasso das experiencias da *Passarola* só se apegavam á letra das mirificas promessas da petição do inventor.

Taubem era quanto, sómente, podia enxergar esta catterva invejosa, sandia e ignara.

Incapaz de perceber a grandeza dos resultados experimentaes alcançados pelo brasileiro, escapava-lhe a magnitude da nova conquista do homem sobre a Natureza de que deixara Bartholomeu de Gusmão entrever a possibilidade irrefragavel.

CAPITULO XXX

Um carme descriptivo da pseudo ascensão de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Uma das Brasilianas de Porto Alegre consagrada ao Voador.

Dentre os poetas que celebraram a viagem de Gusmão em seu aerostato está o nosso Manoel de Araujo Porto Alegre Barão de Santo Angelo. Em 1863 imprimia em Vienna as suas *Brasilianas* numa edição restricta., cujos volumes são hoje bastante raros.

Neste livro consagra extensa peça á celebração da gloria do *Voador*. Já a publicára nas paginas da *Guanabara*, revista mensal de sua direcção e em que tivera, como companheiros, Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo. Sete annos durou este periodico, (de 1849 a 1856).

O longo carme de Porto Alegre consta de quasi trezentos versos, de differentes metros. Elle o compoz em 1843; parte é branca e parte rimada, com alternancias de deca e heptasyllabos, formando oitavas, decimas, quadras, etc.

Como epigraphe traz o camoneano:

*A gente forte e de altos pensamentos . . .
Que tambem della hão medo os elementos*

Como introito vemos-lhe uma cincoentena de versos exaltando o genio do Homem que remodelou a face da terra e fez dobrar.

A indomita cerviz do grande oceano.

transformou as rochas em templos, o vapor em potencia,
o fogo em alma.

E a Natureza em escrava de seu Genio!

Termina esta introduccão pela apostrophe arrogante:

*tudo, tudo oh mortal, teu almo esforço
Refundindo, creou um novo mundo*

Passa depois o poeta a affirmar em patriotico arroubo:

*O Italo, o Franco, e o Britano
Conquistaram a orbe inteiro!
Mas a conquista dos ares
Deu-a Deus a um Brasileiro!*

Mais feliz que Phaetonte, aos Ceos ovante, subira, sobre as azas da nova aguia que o seu genio construirá.

Em nova quadrinha explicava o segredo de tal triumpho.

*Num ar mais leve e firmado,
Que extrahiu da Natureza
Foi á morada das aves
E espantou a redondeza*

Estes ultimos versos é que attestam deploravel *quando que bonus*.

Este “espantou a redondeza” !

Tal a força das hyperboles que o nosso poeta affirma haver o Voador, a olhos nús, devassado o espaço virgen que Gallileu vira com o telescopio. E descreve-o a fender o subtil ether, na mansão sideral, coroando, com mil astros, sua fonte divinal. Se Franklin, famoso americano, soubera escravisar o raio, elle, Gusmão fôra dominar as proprias regiões do raio.

*Montgolfier celebrado
Filho de grande nação
Só após quatorze lustros
Seguiu no vôo a Gusmão*

Assim conclue o introito.

Passa depois o poeta a descrever a viagem aeronautica do Voador.

*Que insolito painel, que alma grandeza
Seus olhos descobriram, quando a pino
A' pujante Lisbôa, devassaram
Como uma aguia a extensão do vasto emporio
Onde, outróra os destinos do Oceano
Decretava, soberba a gente lusa!*

Alça-se aos ares, sob a rija celeuma de milhares de vozes recordando o dia da volta do Gama, em seu périplo immortal!

Tinha o nauta a seus pés os enxames de mortaes, as altas grimpas dos monumentos da fé christã, o espinhaço fragoso das montanhas as cupolas das florestas, as massas, os vergeis Cintra, Mafra, Sagres, “o Nebo do Moysés dos mares”, Evora, “a filha da cesarea Roma”. Santarem, Alcobaça famosa, Aljubarrota, “o campo da victoria o templo da Batalha, primor de arte!”

E a subir, a subir sempre percebia agora Coimbra, a sabia, o Porto heroico, e Braga a antiga!

*Portugal inteiro
Tudo num só olhar descortinava!*

Dentro em breve a tal altitude attingira que ninguem mais o via. Nem o Rei fitando-o num telescopio! Emquanto isto sua alma arrebatada em nobre enlevo, de delicia em delicia se inundava! Parecia-lhe que Deus lhe punha ante

os olhos a repetição da scena da Creação. Só Deus e elle dominavam o imperio dos astros! Fora então que embriagado pelo triumpho exclamara:

*Quem é que nest'hora me pode igualar
Eu sou um conviva de ethereo festim
Cheguei onde o raio não pode subir
Ergui-me ás estrellas, como um Cherubim!*

Mas queria, entre os astros entoar um canto á gloria do Eterno; que labios fossem cordas donosas de lyra exalçando Eterno Senhor. Sentia o nauta do infinito a mais exuberante euphoria:

Os males da terra na terra haviam ficado. Era livre e não temia os doestos humanos. A' fronte dos detratores haviam seus pés calcado, vencendo-lhes os perfidos planos. E terminava num brado de fé e gratidão:

*Por gloria tão nova, tão grande e tão alta
Mil graças vos rendo Senhor de bondade!
Mas para louvar-Vos aqui só me falta
A lingua dos Anjos e a da Eternidade*

A terceira parte do Carme é a visão do Poeta que enxerga Toledo e a tal proposito exclama:

*Vejo alli num pobre leito
No exilio, em agra dor
Expirando entre mendigos
O preclaro Voador*

Acerbamente accrescenta

*Expirando como outrora
Na enxerga de um hospital
Morreram tres grandes glorias
Tres glorias de Portugal!*

E reponta:

*Lusitania cruel, porque exaraste
Nas portas do hospital esta legenda
“Do engenho e do valor unico asylo?”*

Esta interpellação serve-lhe para encadear o fecho do carme que é uma catilinaria contra a Inquisição “throno da sevicia e da ignorancia cujo sceptro de hypocrisia estava por terra, em ruinas execraveis”.

Morto de vez “o nefando imperio senhor dos tempos em que o genio era perdição e a luz um crime!”

Com esta tremenda tirada encerrou o nosso poeta do *Colombo* a sua *Brasiliana* consagrada a Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Em outra já lhe consagrara algumas palavras altisonantes no “*canto genethliaco offerecido a Sua Majestade o Senhor Dom Pedro II. Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil pelo seu mais fiel humilde e reverente subdito*”

Referindo-se á terra paulista, “seio venturoso de denodada raça que os sertões perlustrara quando a onça e os selvicolas livres dominavam” cita-lhes os filhos illustres.

Relembra que ella servira de berço aos. dois Gusmões o secretario arguto.

*E o sidereo Colombo, a quem a França
Em vão tenta usurpar do invento a gloria.*

Recorda-os assim como ao

*.... .Bueno fidelissimo; os Andradas,
A tripode immortal da Independencia.*

ao erudito Pinheiro (Visconde de São Leopoldo) e o “nobre engenho que das aguas do Itú surgira.

*Para nobre brilhar no parlamento
Modesto Paula Souza!*

CAPITULO XXXI

A occurrencia do segundo centenario das experiencias da Passarola. Projectos brasileiros irrealizados. As cerimoniaes de Toledo e a placa comemorativa de Lisboa em 1912. Vehemente contradicta do Dr. Ricardo de Almeida Jorge. Resposta de Correia Neves. Aspero revide

A convicção de que a Bartholomeu Lourenço assistem inconcussos direitos á prioridade aerostatica, estabeleceu-se, firmou-se e assumiu largas proporções. E não só no espirito dos povos de origem lusa, mau grado o grande numero de erros e absurdos propalados pelos biographos mal esclarecidos.

As descobertas de Felipe Simões, Brito Rebello, Manuel M. Rodrigues trouxeram tal robustecer de convicções que a causa do nosso infeliz e glorioso compatriota desde então contou com o maior reforço de partidarios e convencimentos.

As commemorações publicas de sua memoria e de sua gloria começaram a esboçar-se. A proposito do primeiro centenario da invenção da montgolfière, solennemente lembrado em França, fizeram-se em Portugal, sobretudo, ouvir vehementes vozes de protesto. E o facto serviu para que Brito Rebello, retomando os estudos de Freire de Carvalho e Felipe Simões, produzisse a magnifica monographia d'*O Centenario da invenção dos aerostatos em França e o seu inventor o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão*.

Optimo estudo cheio de numerosas e vultosas novidades veio esclarecer muitos pontos controvertidos da vida do santista.

Logo depois ocorreu o segundo centenario do nascimento de Gusmão que, infelizmente, pouco deu que falar de si.

As experiencias de Santos Dumont trouxeram notavel accrescimo de actualidade aos trabalhos do seu glorioso compatriota e predecessor. Quer em Portugal, quer no Brasil, aviventou-se a lembrança do *Voador*.

Em 1907, lembrou o Dr. João Hosannah de Oliveira, ao Instituto Historico Brasileiro, a conveniencia da proxima promoção de solennidades commemorativas das experiencias da *Passarola* em 1709.

A commissão de historia, de que faziam parte o Visconde de Ouro Preto, o Conselheiro Candido de Oliveira e o Dr. Jesuino da Silva Mello, a 26 de agosto de 1907, sobremaneira encareceu o projecto do Dr. Oliveira, propondo ao Instituto que desde logo se tomassem medidas para se dar o maior brilho á rememoração do inventor de modo que esta fosse condigna do seu objectivo.

Infelizmente, desprovido de meios como geralmente tem vivido o Instituto Historico Brasileiro nada se pôde fazer.

Decorreu, pois o anno de 1909 sem nenhuma manifestação de vulto relembadora das experiencias de 1709.

Foi quando entendeu o então Visconde depois Marquez de Faria chamar a si o reavivamento das glorias do mallogado *Voador*.

Em principios de 1910, publicou em Lausanne pequena brochura defensora dos direitos de Gusmão e logo depois fundou, em Paris, a *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão*, cujos estatutos o jornal official do governo da França publicou em seu numero de 16 de junho de 1910.

Nos annos subsequentes trabalhou sempre o Visconde de Faria em accrescer o seu acervo documental sobre o inventor, de cuja gloria se constituirá o mais acendrado paladino.

Em palavras incisivas, recordava a 10 de agosto de 1913 a causa do fracasso de seu "heróe martyr da Sciencia".

“A critica, a irrisão, a ignorancia popular, a inveja e as rivalidades, até da parte dos grandes, desmorraram-lhe os generosos esforços scientificos. Faltou-lhe a tenacidade, esta virtude persistente que falta geralmente ao character portuguez. Foi o que Eça de Queiroz definiu dizendo “a falta de confiança em si paralysa o portuguez, mas, quando elle se resolve, age como os heróes”.

A publicação do seu primeiro volume sobre Gusmão valeu ao Visconde de Faria calorosos e numerosos applausos de escriptores, technicos e homens de imprensa.

Entregue á sua patriotica campanha, conseguiu elle em 1912 promover solennes commemorações, em Toledo, no local onde o inventor fôra sepultado.

Realizaram-se estas em junho desse anno e com a maior solennidade.

A ellas se associaram a municipalidade toledana, as autoridades civis e militares, numerosos intellectuaes de valia, portuguezes e hespanhóes, muitos aviadores de varias nações. Saliente papel coube, sobretudo, então, ao Dr. J. Moraleda y Esteban, distincto historiographo toledano que, com enthusiasmo, procurou reavivar a lembrança de Gusmão. Constaran as festas da inauguração de uma placa commemorativa do passamento, em Toledo, do nosso inventor, de solenne missa de *requiem* por sua alma, distribuição de pergaminhos e documentos diversos, etc.

Coincidiram com as magnificas e tradicionaes festas de *Corpus Christi* que, na velha cidade imperial hespanhola, ostentam sempre o maior brilho.

O alcaide, D. Felix Ledesma, presidiu á commemoração e desvendou a placa cuja inscripção redigira o Dr. Moraleda. Acha-se collocada no portico da igreja de San Roman, em cuja capella-mór fôra o cadaver do nosso grande compatriota entregue á terra.

Consta da seguinte e singela epigraphia: “*En este templo de San Roman martir, reposan los restos de Don Bartolomé Lorenzo de Guzman, presbitero portugues, nacido en*

la ciudad de Santos, Brasil, en el año de MDCCLXXXV. primer inventor de los aerostatos. Fallecido en esta capital en XIX de noviembre de MDCCXXIV La Ciudad de Toledo Te dedica este recuerdo”

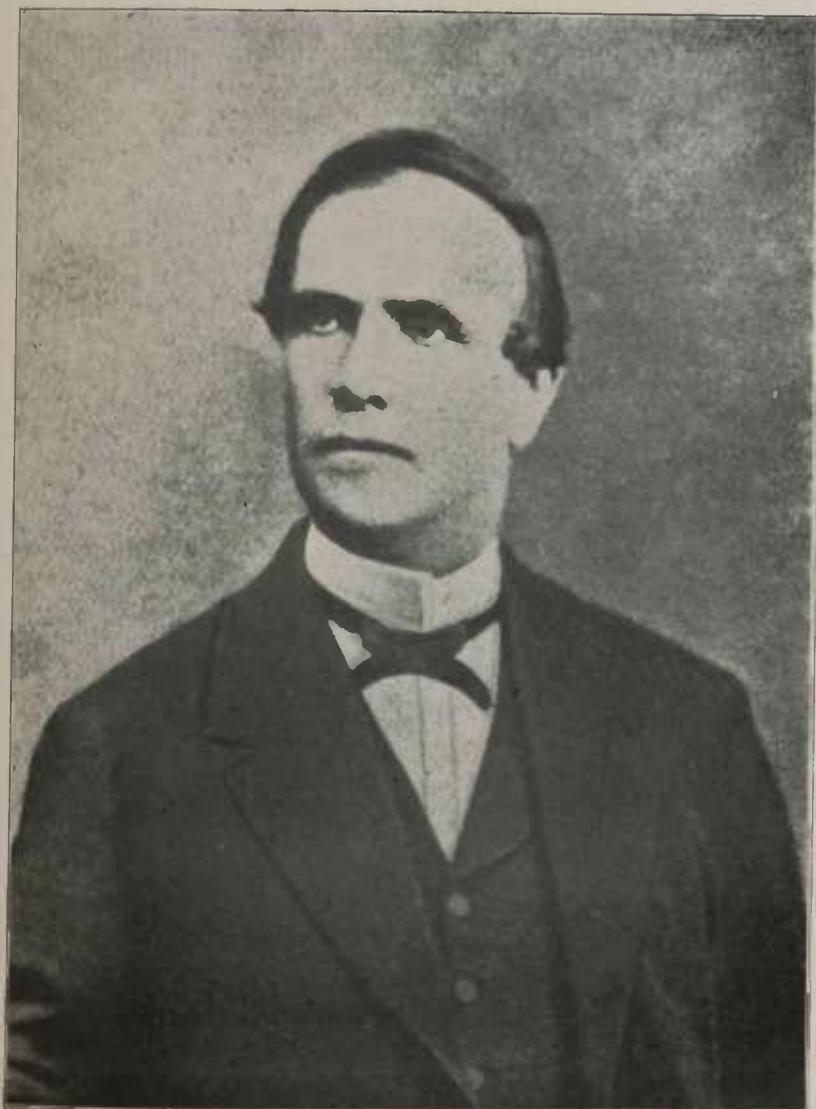
Solennissimo o *requiem* celebrado naquelle mesmo templo. Eloquente oração funebre proferiu o proprio cura de Santa Leocadia e São Romão de Toledo, Don Ramon Molina, que muito suggestivamente tomou como argumento de seu discurso as palavras do psalmista: “Todas as cousas sujeitaste sob os seus pés: as aves do ceu e os peixes do Mar”.

Depois de recordar, em calorosas frases, os meritos do immortal suffragado, piedosamente, terminou a peroração a exclaimar em feliz paralelo “*Ad majorem nati sumus!* Subamos, volemós por cima de todas las criaturas hasta llegar al Creador!”

Grande multidão assistiu ás festas a que deu especial relevo a presença da totalidade dos membros do Ayuntamiento de Toledo, revestidos os conselheiros do Municipio de seus pittorescos trajes medievaes. Avultado corpo de aviadores hespanhóes e portuguezes tambem compareceu, a ellas associando-se o joven piloto francez Pierre Lacombe

Numerosos vôos se realizaram como complemento das festas. Dois magnificos pergaminhos se fizeram: os *Testimonios historicos* redigidos pelo Dr. Moraleda e desenhados pelo notavel calligrapho Don Sixto Arroyo. Foi um incorporado ao archivo do Ayuntamiento de Toledo e o segundo offerecido pelo Visconde de Faria, á municipalidade de Santos, por intermedio do Commendador João Manuel Alfaya Rodrigues.

Actuando em sua patria e movendo tenaz campanha, em prol da glorificação do *Voador*, pediu o Visconde de Faria ao Aero Club de Portugal que conseguisse do Conselho Municipal de Lisboa não só conferisse o nome de Bartholomeu de Gusmão á rua que dá accesso á parte principal do Castello de S. Jorge como fizesse collocar uma lapide comme-



Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro
(1816-1878)

morativa no local em que se presumia ter sido effectuada, em 1709, a primeira ascensão aerostatica.

A 9 de dezembro de 1911 incorporava-se à nomenclatura municipal lisbonense o nome de Bartholomeu de Gusmão. E a 8de agosto de 1912, fazia a Camara da capital portugueza a inauguração de uma lapide commemorativa das experiencias de 1709 na Praça d'Armas do Castello de S. Jorge. A' cerimonia presidiu o General Correia Barreto, Ministro da Guerra, que procedeu ao desvendamento da placa, depois de a receber do Vice-Presidente da Camara, Sr. Verissimo de Almeida.

O primeiro discurso pronunciou-o o Presidente do Aero Club de Portugal, Tenente-Coronel de engenheiros, Hermano de Oliveira. Após lembrar quanto obrara o Visconde de Faria em prol da rememoração das glorias de Gusmão deu a palavra ao Dr. Annibal Velloso Rebello, encarregado dos negocios do Brasil, que proferiu pequena oração, e, depois, ao Capitão de Artilharia, Gustavo Tedeschi Corrêa Neves, a quem tanto temos citado e a quem coube fazer o elogio do **glorificado**.

Traz a lapide, que é de lioz e tem 1,600 de alto sobre 0,90 de largo, os seguintes dizeres:

*A Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ao sabio Portu-
guez Illustré, que, primeiro que nenhum realizou em
MDCCIX a genial idéa do aero navegar, elevando-se em ba-
lão na Praça de Armas do Castello de S. Jorge — Honra,
Renome, Gloria — Desta lapide commemorativa, recordan-
do aos posteros o arrojado invento, gloria tambem da Nação
Portugueza, teve a iniciativa o Aero-Club de Portugal, sen-
do a sua inauguração deliberada pela Camara Municipal de
Lisboa e realizada em VIII de agosto de MCMXII”*

Trouxe a inauguração desta placa inesperado e vio-
lento protesto de um dos mais conhecidos escriptores do
Portugal contemporaneo, o Dr. Ricardo de Almeida Jorge,
que tanto se applica a imitar o feitio estylistico de Camillo

Castello Branco, revide a principio aspero e mais tarde excessivo.

A dureza de seus termos e conceitos levou Corrêa Neves a offerecer-lhe contestação, assás enérgica tambem.

Em uma série de artigos, de agosto de 1912, publicados no *Diario de Noticias* de Lisboa, protestou o Dr. Ricardo Jorge, do modo mais vehemente, contra a sancção official, por parte do Governo da Republica Portugueza e do Municipio de Lisboa, a uma festividade que, a seu ver, não passava da consagração da mais grosseira fabula.

Começou invocando a grande fraqueza dos argumentos dos inventores da lapide. Haviam-se escudado em duas citações de Figanière e Brito Rebello, velhas e estafadas. Isto quando o segundo destes autores apenas se limitara a transcrever um depoimento, o de Frei Lucas Pinheiro, a titulo de mero adminiculo. E a elle não abonara com a sua autoridade.

Desmascarando, logo, toda a artilharia pesada, expendeu:

“O que se conhece, tanto das experiencias de Bartholomeu de Gusmão, como do teor de seu invento, emaranha-se em tantas contradições, erros e patranhas que não ha meio de que um espirito são dali desenvencilhe o que quer que seja, se não coisas tão vagas que não dão preza alguma á analyse scientifica. Seja, porém, o que fôr, a esta é que com certeza não resiste a idéa do vôo humano da praça de Armas ao Terreiro do Paço. Nem resiste á analyse scientifica, nem a outra qualquer”.

Que leviandade a positura da lapide! Nem siquer a seu respeito haviam sido ouvidas as academias de Sciencias e as associações de estudos historicos!

Se tal precaução se tomasse “nunca se praticaria a temeridade de afixal-a e exhibil-a. Que arrancada está ella afinal, como padrão de erro e credulidade que é”.

Na segunda carta exaltou-se, e muito, o Dr. Almeida Jorge. Exigia, já e já, a retirada da malsinadissima placa.

E devemos dizer que varios dos seus argumentos parecem-nos cobertos de razão.

O manuscripto do Museu Britannico descoberto por Figanière não era outra coisa senão a reedição da impostura já desmascarada de Simão Thadeu Ferreira.

O de Frei Lucas Pinheiro, afuzido por Brito Rebello, não passava de documento posterior ás experiencias dos Montgolfier.

Achamos perfectos varios dos argumentos do Dr. Ricardo de Almeida Jorge:

“Este magro indiculo é afinal o unico esteio da commemoração actual — esteio tão fragil que ninguem jamais ousou apoiar-se sobre elle para affirmar que um homem realizou em 1709 a façanha da viagem pelo ar, do Castello ao Terreiro do Paço.

Não o ousaram pelo menos, se hem os li, os dois reivindicadores modernos das glorias do Padre Gusmão — o Dr. Felipe Simões e o General Brito Rebello.

Homens de investigação sensata e critica, apalpam o desacerto dos testemunhos invocados, sobre o que fossem os ensaios do apparelho, que para os mais modestos se limitam ao salto d’um lado ao outro do Terreiro do Paço, e para os mais imoderados se estendem ao passeio que uns fazem do Castello á Graça, outros de S. Roque á Cotovia”.

Nada mais exacto. Nem Felipe Simões nem Brito Rebello afiançaram acreditar na viagem aeronautica.

“Com que direito pois se julgou alguém autorizado a sagrar o alto de S. Jorge? Adquiriu novas provas, mandou ao menos trasladar ou examinar a peça alludida pelo Figanière? Nada disso, foi-se atraz do simples titulo d’um texto desconhecido, sem curar saber sequer da authenticidade da citação. Pois abalada fôra ella já nada menos que por Innocencio que duvida que o Figanière transcrevesse escorridamente a epigraphe”.

Tornava-se absolutamente indispensavel que antes do mais se ventilasse o caso do documento do Museu Britannico.

“E’ que, no final do seculo 18, circulou abundantemente um papel, tanto em impresso como em copias, sobre a invenção aerostatica do Padre Bartholomeu, typographado em casa de Simão Thadeu Ferreira, 1774. Ora esta data está provado que é falsa ou errada pois que a officina de Simão Thadeu sómente se montou dez annos depois.

Muito agudamente presume Innocencio que a data deve ser a de 1794, anno em que o Capitão Lunardi realizou em Lisboa memoraveis ascensões que tanto agitaram o publico da capital.

Ora o papel do British Museum pertence tambem a esta série espuria, pois no cabo da epigraphe lá tem o sello mais suspeito da officina do mesmo Thadeu e da mesma data de 1774. Um apocripho. duas vezes”.

“O folheto que por ahi se conhece, traz uma copia infiel da petição official de privilegio, pelo Gusmão em tom de maravilha, outra porcamente (sic!) deturpada do despacho regio, e, emfim, uma descripção do aparelho munida de uma figura curiosa, já muito reproduzida aqui e lá fóra”.

Razão sobeja cabe aqui, porém, ao polemista que argumenta valendo-se da estampa esdruxula da *Passarola*.

“A machineta não passa de uma engenhoca de magica, e a explicação de um apontado de asneiras e de embustices; aquillo não era coisa que se erguesse do chão, nem mesmo da cabeça escorreita de ninguem”.

“Era de tal tamanho o maranhão, que o bom do frade Lucas buscava na nota, escripta á margem do papel encontrado por Brito Rebello, attenuar o effeito do misero texto, dizendo que o autor pretendera encobrir o verdadeiro agente que era a “expansão e a força do gaz”.

Assim, tambem, parecem-nos de toda a procedencia estas palavras:

“Como se revê aqui já a noção descoberta pelos Montgolfiers; que afinal este ruido de justificação e divulgação

vinha dum impulso de patriotismo ingenuo — meter um portuguez á barba dos inventores francezes, a quem a descoberta fizera colher uma gloria mundial”

“O lance falhou ao tempo, tão grosseiros eram os seus fundamentos; mas quem diria que neste primeiro quartel do seculo XX a fabula havia de rebentar de novo, convertida em oiro e marmore, e ainda mais grosseiramente contrapesada?!”

Nada mais bem pensado do que isto:

“Um homem a desferir vôo em 1709, desde o alto da colina do Castello até ao sopé do Tejo — o primeiro vôo humano desde os tempos mythologicos! Pensou-se por acaso, á luz da consciencia e da razão, antes de confial-o á placa, o que significava esse feito? Quando em 1784 o heroico Pilâtre de Rosier se aventurou pelos ares em machina solta, que de ensaios gradativos antes dessa experiencia definitiva que encheu as gentes de pasmo!”

Primeiro a galeria da machina subiu com animaes, depois experimentou com homem em balão captivo, e só depois de repetidos exitos se abalançou a viagem em balão livre pelos ares fóra”.

“E essa machina aerostatica com que se realizou a ascensão humana, não era a passarola, nem nenhuma especie de canastra enfeitada; quem fez o milagre de arrancar pela primeira vez um homem do chão para o espaço, era um balão monstro que bojava umas cinco mil pipas”.

“Perante o espectaculo maravilhoso de um homem a cortar impunemente os ares como se fôra um ser alado, o espanto esmaga. Se o Padre Bartholomeu de Gusmão, em 1709 ou em qualquer época, se baldeasse em apparelho do seu invento do pinaculo do Castello á beira do Paço Lisboa inteira o acclamaria fremente”.

E’ a conclusão de sabedoria socratica:

“Em vez dum rosario esfusiante de rimas trocísticas, retumbariam hymnos de gloria. De Lisboa, séde duma côrte, emporio maritimo, albergue de estrangeiros, a fama correria rapida por essa Europa fóra. Um homem vôara! Não! urge despedaçar a taboleta do Castello e esquecer depressa o passo em falso da cerimonia official e publica. Que se não saiba mais que se alçou ali semelhante padrão. Ou então... façam amanhã o mesmo no caes do Tejo, a celebrar a travessia do Tejo pelo lendario homem das botas”.

Apressou-se Correia Neves em contestar ao rude adversario.

Pisava escorregadio terreno, mas respondeu habilmente, mal amparado como se achava pela documentação, capaz de provar a viagem aerea de Bartholomeu de Gusmão.

Assim lembrou quanto o General Brito Rebello appellara para a constancia da tradição da proesa aeronautica do Padre, “Tinha por preço original um facto largo e amplamente conhecido”.

A seu ver ainda a reforçavam as chufas dos poetastros. E recorria ao seu excellento estudo sobre a prioridade de Gusmão, em que tanto fizera valer como indispensavel preliiminar a apocryphia da famosa primeira estampa da *Passarola*.

A seu ver, irrefragavel, realizara Gusmão a primeira viagem aeronautica jamais occorrida.

Irritou-se o Dr. Ricardo Jorge que vehemente lhe retrucou em tom de galhofa pesada senão já grosseira: “A carta do Sr. Correia Neves revê, como era de presumir por parte do assumidor da paternidade da placa, uma ingenuidade e uma simpleza taes de processos de investigação e de critica, que quasi desarma resposta”.

“Que os methodos de S. Ex. sejam como inculca, o processo corrente entre nós, isso lhe concedo eu; e por signal que lembra bem casos aproximaveis. Sim, não ha duvida, a taboleta da costa do Castello, a batalha do Campo de

Ourique, as côrtes de Lamego, a apparição das chagas de Christo, e os ossos do Camões, são pias fraudes, identicas na intenção, e no *acabit* (s. c. da mesma bitola.”. Testemunhas todas do que tem sido e continua a ser o nivel illustrativo; outras tantas maculas nacionaes, deploravel é dizel-o.

E porque a essa cama de vãos e nocivos prejuizos se accrescente agora mais um e até se ouse monumentalisal-o, puz de parte a passividade e a inercia de que estão dando sobejas provas os homens de gabinete da nossa terra, e gritei contra o escandalo de estampar em pedra uma asserção apocripa, um juizo destituído de validade, um erro crasso de historia e de sciencia, estadeiando uma cerimonia publica, á qual se chama um membro do governo e até o ministro duma nação estrangeira”.

Entre parentheses observemos quanto esta critica á presença do ministro do Brasil a uma cerimonia consagrada á gloria de um brasileiro é simplesmente aberrante do bom senso!

Entendia acaso o aspero reparador que ao nosso diplomata não cabia o direito de estar presente a esta homenagem no seu compatriota antes do mais brasileiro nato, embora subdito portuguez?

Semelhante illogismo deixa-nos surpreso.

Celebrava-se a memoria de um brasileiro e o representante do seu paiz natal era tido como ministro estrangeiro! e extranho a tal festa! Incrível!

Indignado bradava o Dr. Jorge:

“Para defesa da inscripção invoca-se sacrilegamente o nome do austero historiador portuguez; aquillo foi feito, affirma-se, pelos processos de Alexandre Herculano; é como se fosse de seu punho.

Pobre Herculano! Não; a mão tendenciosa, que anda ali no rascunho da placa, não é a do Sr. Corrêa Neves nem a de pessoa alguma determinada.

E' a mão secular da velha escola historica nacional, patrioteira e patranheira, visionaria e fraudulenta, que teve por mestre em artes o Frei Bernardo de Brito. E' a dedada indelevel do padre mestre, que se imprimiu para todo o sempre nos ossos. O processo fradesco ficou imanente no corpo da nação, como o vicio redibitorio que á "flux" se desata em furunculos, dos quaes o mais recente e lancetavel é este agora da Costa do Castello".

Depois de uns tantos topicos, pouco amaveis, para com o contendor, defendia "o pobre Herculano, que em vão buscara ensinar a Portugal a hermeneutica documental e historica".

Declarando-se em absoluta divergencia com o Capitão Corrêa Neves, poz-se o Dr. Ricardo Jorge, e do modo mais aspero, por vezes, senão desabrido, a atacar a personalidade de Gusmão.

E começou por uma série de termos absolutamente improprios de escriptor que se respeita.

"Que o Padre Gusmão trouxe emprehidão de cabeça para parir um invento capaz de talhar o ar, tenha-se por certo.

Dil-o a petição authentica do privilegio, em que dá largas utopicas visionistas; o apparelho havia de galgar duzentas leguas por dia, e navegando por sobre os mares levaria velozmente ás conquistas as ordens da metropole e de lá carregaria oiro e brilhantes.

A hespanholada obteve despacho satisfatorio de que F Freire de Carvalho achou na chancellaria da Torre do Tombo o devido registo. Chegou a partejar o engenho aereo e fazel-o navegar no espaço? "That is the question".

De duas passarolas ha menção nos papeis dos archivos; nenhuma que não seja apocripha e a enjeitar. Da passarola do folheto de Simão Thadeu, está dito".

Ao *Manifesto*, julga com extrema severidade á luz de idéas *aposterioristicas*.

“Desenterrou-se tambem uma especie de manifesto, mais ou menos attribuiavel ao proprio Bartholomeu. Dado mesmo o desconto á atrazada sciencia do tempo, lê-se dum cabo a outro essa peça apologetica sem que nella phosphoreie uma idéa clara e nova; um galimatias escolastico, uma logomaquia pegada, esteril e vazia”.

O que se segue é porém o fructo da mais violenta unilateralidade, denegatoria e inconvenivel.

“Adiantam mais alguma coisa as referencias de facto? tão pouco; tão barallhadas e confusas são. Apurados os testemunhos de contemporaneos a que mais fé se poderá ligar parece que o inventor fabricou um apparelho que fez subir, dizem, no pateo da casa da India e dentro da sala dos embaixadores.

A machineta esbarrou e veio á terra; pelos modos levava qualquer coisa de fogo. Teria qualquer disposição que mesmo inconscientemente aproveitasse o effeito da rarefação do ar pelo calor, magistralmente achado e utilizado mais de setenta annos depois pelo descobrimento dos irmãos Montgolfier e do physico Charles?

A esta pergunta a que se não pôde dar sequer resposta incerta, se limita o que legitimamente se poderá dizer do Gusmão na historia da aeronautica anterior á invenção dos balões. Nada mais, em boa critica historica e scientifica”

Tal o desgoverno de tão iracundo inimigo que nenhuma importancia attribue ao exito de uma experiencia physica, pela primeira vez realizada e de enormes consequencias! A elevação aos ares, fosse como fosse, de um apparelho de uma “engenhoca” a primeira jamais praticada no universo nada significava, no entender desse reparador atrabillario em quem se encarnava o espirito dos detractores systematicos e ignarissimos, de 1709!

Tal a inibição do espirito, aturdido pela ira, em pleno *miscontrol*, filho da parcialidade e do sectarismo que, culto como é, não consegue aquilatar a immensa valia deste en-

saio precursor da experiência dos Montgolfier a que ao mesmo tempo, qualifica de magistral!

Tal a obsecção deste contradictor furibundo que nem percebe quanto, assim procedendo, depõe contra a propria cultura do espirito. E até fornece o mais forte documento depreciativo contra a sua objurgatoria desvairada.

“A lenda metteu-se de permeio: o conto da machineta que, quero crer, foi experimentada num pequeno espaço, augmentou de ponto na voz do tempo. Quando para os fins do seculo se pretendeu descortinar a occorrença de tantos annos antes, através das deturpações da tradição, o vôo espaçava-se; sem homem para uns, com homem para outros, chegou a ser uma viagem.

A fabula da Costa do Castello nasceu então. Tenho presente um folheto serio, sem nome de autor, desse tempo, que dando conta do balão de Blanchard, diz muito desejar conferir a gloria á nação portugueza mas que nenhum documento ou rasto serio encontrou de que se tivesse realizado uma ascensão. Alexandre da Conceição em nossos dias teve o rasgo de dizer o mesmo”.

São tão crueis quanto injustas estas palavras com que o analysta como que justifica as attitudes do *Pinto Renascido* e outros typos da sua craveira.

“E’ patente o mallogro do experimento: a surriada de toda a cainçada poetica que iufestava a capital, foi de tremor; parecia um concurso de troça, um desporto de gebada crua. Ficou por alcunha o “Voador”, mas nunca mais se lembrou de fazer voar coisa nenhuma. Um sonho apenas, com seus laivos de exhibição e cabotinagem que se esvaeceu rapido.

Os panegiristas quasi que se esquecem que desde 1709 até 1724, data da sua morte, não mais escogitou vôos aereos. Pois não foi porque largasse a veia da invenção.

A bossa da mecanica nunca se lhe esvasiou; pelo menos ia escrevinhando outras visões cinematicas, como a de esgo-

CAPITULO XXXII

*Novos conceitos asperos e injustos. Replica de Corrêa Neves.
Repto do Dr. Ricardo de Almeida Jorge. Final de critica.*

Irritado com a contestação que lhe oppuzera Correia Neves descambou o Dr. Ricardo de Almeida Jorge para deploravel terreno. Assim vejamos o que disse do seu gratuitamente odiado perseguido.

“Gusmão gosou dos mimos da sorte e do proveito das suas prendas. Tinha os favores da côrte, fazendo carreira de aulico e de diplomata.

De talento facil e adaptivo, mais brilhante que profundo, foi daquelles para quem a vida sorri. Representa o especimen bem fadado do *abbé* mundano do seculo XVIII, cortezão, paceiro, diplomata, pregador, academico, sabedor e inventor. No pulpito, no paço, nas embaixadas e nas academias singrou viagem grossa até que tormenta subita o afundou”.

Acaba tal perfil por uma serie de phrases, nova demonstração do salutarissimo preceito do *on affaiblit toujours ce que l'on exaggère*.

Sómente um rapto de notavel colera poderia leval-o a traçar tão feios conceitos, improprios de um escriptor de sua reputação.

E isto sobre a memoria de um luso illustre, immortal — quer elle quizesse quer não!

Surgem-lhe de novo termos improprios de quem preza a respeitabilidade da penna E as palavras grosseiras lhe acodem ao fluxo da ira.

“Ha quem cuide que Bartholomeu de Gusmão chegou ás palmas de martyr da sciencia e do livre pensamento; a sua paixão pela physica e os seus vãos teriam despertado a sanha do Santo Officio que o perseguiu atrozmente.

Tudo uma chapada falsidade. O caso reduz-se a uma ameijoada de femeas de convento em que o padre, muito caroavel, como outros da sua especie, das saias de habito, se vê enleiado numa tremenda intriga que o poz a contas com a Inquisição.

Escapa-se a unhas de cavallo para Toledo, onde morre; ahi sim, voaria pela primeira vez e ultima, em espirito ao menos, rendendo a alma ao seio do Creador. Que valha a verdade, estes *abbés philosophos* e scepticos fedem a heresia e, em vez de subir ao ceo, desceriam ás profundas”.

-Terminando, fazia o aspero censor um appello á Camara Municipal de Lisboa aliás presidida por brilhante cultor da Historia, Anselmo Braamcamp Freire a que mandasse apear a lapide. E ainda ajuntava algumas linhas nada amaveis em relação ao contendor, cujas razões declarou ser “ferramenta velha”

Quanto á ascensão humana, de balão capaz e Gusmão na barquinha, nem vislumbre de prova, nem sequer a minima presumpção; do Castello idem. E’ um engano de alma ledo e cego, que importa não deixar durar muito, para não continuar a fazer desastres”.

Respondendo ao appello do Dr. Almeida Jorge lavou Braamcamp Freire a testada dizendo que nenhuma responsabilidade lhe coubera na postura da placa cujos dizeres lhe não agradavam.

E esta declaração encheu de jubilo o iroso provocador de tal manifestação.

“Incute-me grande allivio, porque me entreabre a esperanza de se anniquillar depressa o corpo de delicto, vergonha publica pernicioso exemplo educativo” allegou exultante.

Cada vez mais irritado, commentou o Dr. Almeida Jorge a solennidade da inauguração da placa de Castello de S. Jorge em termos repassados de verdadeiro rancor anticlerical.

E tal sentimento o levou á lastimavel impolidez que aliás só a elle prejudicou.

Assim começava:

“A festa civica de agora não se contentou com o bordão do pre-descobrimento dos balões, chumbou em marmore o heroe do ar a desferir da crista do Castello o vôo audaz por sobre esta olympica cidade.

A commemoração bicentenaria em 1909 das experiencias de Gusmão pôde dizer-se que em Portugal se cifrou nas manifestações dos padres da Companhia no Collegio de S. Fiel e no de Campolide, onde houve velada ou coisa assim.

Explica-se esta glorificação scientifico-sacerdotal do Bartholomeu de Gusmão, presbytero secular, que chegou a envergar a roupeta de noviço de jesuitas. Pronunciou-lhe o panegyrico um personagem de nome euphonico, o padre Manuel Rebimbas.

Valha a verdade, que o memorialista da “Broteria” limita-se a engrandecer o primeiro que julga ter feito subir uma machina aerostatica, sem affirmar que voasse em pessoa, e muito menos que bamboleasse do baluarte de S. Jorge á chã do paço, como agora o praticou a catapelta fantastica do Aero-Club.

No que Rebimbas abunda, é em que os dois descriptivos, as figuras das duas passarolas, e o manifesto scientifico, são tudo obra do Bartholomeu Lourenço.

Ora as tres peças são de tal estofa physico-scientifica e physico-pratica, que, se em tal autoria se assenta, ha que classificar o Gusmão entre os mais chapados e ignaros pantomineiros, que dar-se podem. Se as machinetas tiveram tal traça, desafio a quem quem que seja que me mostre a possibilidade de semelhantes avejões se soltarem no ar, a não ser despenhando-se das alturas”.

Mas no meio das pesadas chufas não deixou o furibundo contradictor de lembrar uma circumstancia da maxima justeza: a deficiencia da cubagem do balão descoberto por Simões. A este argumento capital desprezára Correia Neves.

“E’ de se descrêr absolutamente de que se tivesse feito executar a tal levitação na casa da India ou onde foi! Com as catrimpoilas desenhadas e descriptas, positivamente não e re-não!

A edição que se considera de mais acabamento — figura dissemol-o já, suspeitissima á simples vista — comporta uma especie de balão bicudo, uma pyramide deitada de paredes metallicas. Como ascencionar? Como imaginar que tal recipiente com quinze pés de comprido, cheio de ar rarefeito ou gaz leve, poudesse arrancar o peso d’um homem?”

— Cada vez mais acriminiosa continua a objurgatoria.

“Decididamente o padre, que foi toda a sua vida um esperto viverdor, queria lograr de mangação a gente do seu tempo.

A arteirice não pegou; apenas um ou outro cahiu na rêde, e principalmente o Marquez de Abrantes que jurava e batia fé pelo *Voador*, cobrindo de improperios quem se atrevesse a desnegal-o nas suas barbas. A mecanica de aquelles especimens, orça pela que perlustrou em outros inventos. E’ verdade, porque não vão os panegiristas socorrer-se dessas provas da sua preconisada sciencia?

Certo é que se não conseguiu lograr os coevos, despicou-se com os posteros de hoje em dia; muito se deve ter rido o maganão do padre lá no outro mundo”.

E tentando cobrir de ridiculo a commemoração promovida em França pelo então Visconde de Faria accrescentava:

“A passagem mais pindarica é a commemoração de Paris no mesmo anno da graça de 1909. Repasto lauto, de cem talheres, na melhor ensenação e figuração: aos postres,

jogos de rethorica, e fundação solenne, com a presidencia vitalicia do Sr. Visconde de Faria,, da “Académie aéronautique Bartholomeu de Gusmão”; cunhagem emfim de maravilhante medalha, d’um lado o padre á mesa d’um laboratorio. de chimica, do outro, a passarola pyramidal, deslizando por sobre o casario.

Ila de convir-se que este bom Bartholomeu está sendo lindamente tributado, depois de morto, para gaudio e exhibição dos vivos, que até em Paris se lhe dependuram da Passarola para subir com elle aos astros.

Tudo majestoso e completo. Mas... saiba-o á puridade o Aero-Club; a barquinha vae vasia, não leva Gusmão nem á proa nem á ré. Erro de gravador, prudencia do Sr. visconde, ou contracegueira do meu olho? Não sei: do padre é que não diviso nem a véstia sequer da ostentosa barquinha. Não tem que vêr, nem a estupenda magnificação de Paris se deixou ir á temperatura dos promotores do cirio de S. Jorge.

E a placa ainda lá estará?— Estou a ver que ella por si propria, de envergonhada, se despegou, cahindo ao chão em migalhas”.

Revidando esta saraivada de ironias, redarguiu Correia Neves.

Era manifesta a delicadeza de sua situação. Deveria ter-se limitado a affirmar que Gusmão construiu legitimo aerostato.

Não quiz abandonar a arriscada hypothese da prioridade aeronautica. Entendia que para o pequeno vôo de experiencia realizado em Lisboa bastaria um apparelho de limitadas dimensões.

Mas este percurso fôra de um kilometro! não o esqueçamos.

Mais feliz se mostrou ao invocar a circumstancia de que da Academia Real de Sciencias de Lisboa partira o primeiro brado reivindicador da gloria de Gusmão.

Menos quando, na relação dos defensores do *Voador*, collocou, para avolumar tal lista, alguns nomes poucõ prestigiosos, sob o ponto de vista technico...

No quinto artigo de protesto apregooou o Dr. Almeida Jorge a fraqueza dos argumentos do adversario. Assim ridiculizando-lhe o esboçado parallelo a estabelecer-se entre as experiencias de Pilâtre de Rozier e as de Gusmão empregou expressões nada elevadas: como por ex. quando diz que o *Voador* “deu por duas vezes com a canastra em cacos”. (sic!)

Cada vez mais irritado verbera ao capitão Correio Neves, a quem accusa de “querer ensinar o Padre Nosso ao Vigario” Ataca depois violentamente as commemorações promovidas em Paris pelo Marquez de Faria e a sua Academia Internacional Bartholomeu de Gusmão “caterva admiradora” da Passarola.

E ao findar o arrazoado escreve nova objurgatoria contra o santista, o “seu sentir sobre o valor real do homenagem da placa”.

“E digo já a quanto monta — menos que zero, uma quantidade negativa, a cifra que possa arbitrar-se a um ignorante e audacioso aventureiro.

O nome offuscante do padre Bartholomeu de Gusmão tem de esponjar-se da historia scientifica do seculo 18, portuguez, onde está, com o seu falso destaque de pechisbeque, servindo de ultrage ao nome sério e sábio d’um Verney, d’um Magalhães, d’um Ribeiro Sanches, d’um Correia da Serra, d’um Soares de Barros e outros, por vergonha nacional escurecidos e suplantados por acabado charlatão que não deixou senão provas da sua formidavel incapacidade e inutilidade” (sic!)

Só lhe faltou, a esse mestre consumado da nobre arte da descompostura, lembrar as palavras do grande escriptor a que tanto procura *pasticher*, a phrase de Camillo Castello Branco que a este volume epigrapha: “Bartholomeu de Gusmão. o sabio, o illustre, o maior homem que o seculo XVIII deu a Portugal. ”

Muito habilmente, aproveitou-se Correia Neves desta tendencia do seu denegador a quem tão espessamente a colera obnubilava. Tão apaixonado estava que, começando por negar a viagem aeronautica, terminára contestando todos os factos relativos á invenção do paulista.

“E’ para receiar, concluiu engraçadamente, que acabe por negar a propria existencia do nosso compatriota, o que me collocaria numa situação embaraçosa. por falta de materia primá para a discussão”.

Terminando declarava o brilhante official lavrar o mais energico e levantado protesto contra a forma aggressiva e injusta com que o Dr. Ricardo Jorge se referira ao Aero Club de Portugal, procurando amesquinhar a memoria do illustre portuguez, verdadeiro precursor da aerostação”

Não foi feliz o Dr. Jorge na treplica ao Coronel Corrêa Neves “Alcides na polemica” que julgava tão esphacelados os argumentos a que combatia, entre os seus pollegares de gigante”.

Não quizera offender (sic!) a quem quer que fosse! E viera apenas lavrar, tambem, o seu protesto contra a redonda falsidade da placa.

“O padre está tão innocente do vôo que lhe assacam, como o Club aero de S. Ex. pedestre e terrestre, tal e quejando o Clavineño do Cervantes, aquelle cavallo de pau em que voaram D. Quixote e o Sancho Pança — um motivo suggerivel para o sello pendente com que ha de ornar os seus diplomas a sociedade tarrasconeza (sic!) do Sr. Visconde” (de Faria).

Realizando a synthese da discussão vangloriou-se o Dr. Almeida Jorge de que ficavam de pé as suas asserções.

“A questão inicial e capital foi esta e só esta: as outras são para o effeito secundario. O padre podia ter sido um grande homem, podia até ter inventado os balões, sem que aliás se guindasse do Castello.

Argui de falsa a placa por uma série de argumentos, a cada um dos quaes o meu contendor respondeu, ou calando-se, ou por evasivas ainda peores que o silencio.

1.º — Ninguém até hoje ousou, em face das citações do Figanière e do Lucas (sic) Pinheiro, affirmar a realidade da ascensão do Castello.

Resposta — nenhuma.

2.º — Do Ms. de Figanière ninguém viu senão o titulo onde ha signal de confusão com um apocrypho conhecido do fim do seculo 18, e do mesmo tempo é a nota á mão do Lucas — ambos documentos a juntar a outros, contraditorios e infundados, forjados quando se lembraram, depois da invenção dos balões, de reivindicar para Gusmão a invenção da navegação aerea.

Resposta — nulla.

3.º — Nenhum testemunho contemporaneo allude á ascensão do Castello, e não é licito crer que escapasse á menção um facto tão estrondoso como o salto pelo ar dum homem na extensão dum kilometro, coisa nunca vista nem supposta possivel; sobre este ponto ha o mais formal silencio da chronica nacional e estrangeira.

Resposta — nulla.

4.º — Ao passo que encontra o registo das insignificantes experiencias da casa da India, e do seu insucesso, não é admissivel que Leitão Ferreira, e outros, assignalando esse acontecimento e esse mallogro, e até estampando datas, deixassem sem annotação a triumphante ascensão do Castello, essa em grande apparelho e com homem dentro.

Resposta — nulla.

5.º — Tendo sossobrado os ensaios em ponto pequeno na Casa da India, não cabe, na cabeça de ninguem, que um homem se arriscasse ao ensaio, em grande, da collina abaixo e que tal viagem se tivesse tentado.

Resposta — nenhuma.

6.º — Uma ascensão humana, realizavel e feliz exigia meios adequados, um balão enorme e una experiencia adquirida, como o demonstra o feito de Pilâtre de Rosier.

Resposta nulla, ou ainda peor, porque trouxe a historia do balão pequeno e dos contraditorios ensaios da casa da India”.

E manda a verdade dos factos declarar que, realmente, nenhum argumento serio veio de longe siquer, destruir esta série de proposições.

“Que querem mais, o Sr. Corrêa Neves, o Aero Club, ou outrem, para esfarrapamento da epigraphe plantada em S. Jorge? prosegue o Dr. Almeida Jorge, violento como sempre. Mas ha, e até muito mais: o chorrilho inconcebivel de asneiras proferidas no que nos resta de autoria do padre, salvo os sermões que não sei nem me importa saber se são bons ou maus”.

Nada mais duro do que esta impiedosa e parcialissima analyse que aqui segue, a cada passo vasada em termos grosseiros.

“A petição do privilegio é dum chapado charlatão; o manifesto é d’uma ignorancia palmar da physica do tempo e não traz o minimo vislumbre dos principios da aerostatica em que havia de firmar-se a descoberta dos balões; quanto ao traçado e descriptivo das passarolas, considerados como apocryphos têm todos os visos de ser da paternidade do Gusmão, visto apparecerem em livros estrangeiros do tempo, e tudo isso peço licença do termo baixo, mas unico expressivo — não passa duma borracheira”.

Curioso este pedido de escusas para o emprego da palavra borracheira por parte de quem com tamanha frescura falara na *emprenhidão da cabeça do padre que parira um invento; em ameijoadas de femeas de convento*, etc. etc!

E ao terminar dispara ainda nova surriada.

“Um physico, quem? o padre? Que espantosa mystificação!

Naquelle tempo em Portugal, de pñysica, dizia o Verney, ninguem sabia de que cõr ella era e se havia alguma excepção, não era com certeza a do intrujão da passarola e das bombas”.

Com esta tirada infelicissima mais uma vez o Dr. Almeida Jorge disparou o seu canhão pela culatra.

Negando qualquer valor ás ascenções infelizes, mas positivas, da *montgolfière* de Gusmão arrola-se na lista daquelles que nenhuma valia conseguiram descobrir nesse ensaio curiosissimo, absolutamente inédito, no Universo, que o paulista lhes offerecera, dessa, pelo menos, experiencia de phisica absolutamente nova!

Tal a inibição do reparador (e é isto o minimo que lhe podemos conceder) que em vez de se voltar contra os contemporaneos ignaros do *Voador*, cegos ante um phenomeno novo e do maior interesse, capaz de produzir extraordinarias consequencias, arremete contra o inventor.

Depois de tão furibundas e injustas phrases alvitrou uma decisão definitiva: propunha-se a comparecer á barra de um tribunal scientifico, como reu de heresia.

Promovesse o Aero Club Portuguez a formação de uma commissão a quem coubesse dirimir a contenda.

E assim desafiava aos contrariadores.

“Solicitem aos poderes publicos a formação duma commissão competente, constituida por homens de erudição e letras, de historia e de sciencia, de daquelles que ajuizam só por provas, não soffrem de ecolália e não tem outro idolo, senão o da razão e da verdade. Lá me têm á barra a dizer da minha justiça. Condemno-me de ante-mão, se não convencer do que digo, em face das provas conhecidas até agora, a mandar erigir á minha custa um monumento muito mais pindarico do que uma placa de marmista no Castello ou fóra do Castello, com o sobrepeso de uma grossa sortida de papagaios com que brindarei, para meu castigo, o prestimoso Gremio Aero Club”.

A má conselheira de sempre levára o Dr. Ricardo Jorge muito além do que jamais pensara attingir.

Cego pela ira tudo obscurecera. Não enxergara a irrefragavel coincidência dos depoimentos que provam a prioridade da descoberta aerostatica do santista. Pois não bastava esta immensa conquista para assegurar enorme gloria ao infeliz exilado de Toledo?

A um homem do seu cabedal scientifico não poderia escapar o valor de tal realisação.

E no entanto, arrastado pela colera, e o rancor da contradita, obumbrara-se-lhe o espirito.

Tratou a Bartholomeu de Gusmão como se o ultimo dos charlatães ignaros e impostores fôra!

E' provavel que hoje modificasse a acrimonia contra o Precursor após ter tomado conhecimento da *Nova Epanafora* de J. Lucio de Azevedo, onde se fala de amistosas relações nefastas ao infeliz precursor com a gente de certa "nação" como no tempo se dizia.

Provocou a attitude do illustre escriptor diversos protestos magoados de patriotas. Assim se exprimia José Osorio da Gama e Castro no "Diario de Noticias", de Lisboa, a 29 de agosto de 1912, fazendo aliás praça de acatamento á culta mentalidade daquelle a quem dirigia os reparos.

"Confesso que me sinto ferido no meu amor patrio, não tanto pelo facto como pela forma porque o Sr. Dr. Ricardo Jorge se propoz despojar-nos duma gloria nacional achincalhando a memoria do pretenso inventor e ridicularizando os que animados dos mais patrioticos intentos se propuzeram reivindicar e porfiam em manter, para o seu paiz, um justissimo motivo de orgulho.

O Sr. Dr. Ricardo Jorge, com o seu espirito caustico, e um tanto (sic!) sarcástico e apaixonado, diga-se de passagem, procura aviltar Gusmão por todos os modos, como frade, como politico, como diplomata, como inventor e como pessoa que nos pinta cheia de corrupção e de ignorancia; e expõe-o ás vaias da posteridade, invocando o que os poe-

tas e trocistas do tempo disseram e escreveram do seu invento.

E' muito para um homem só; e não me parece que a invocação seja um argumento contra os meritos que agora se pretendem exaltar na obra de Gusmão. Raros são os homens de talento e de grande envergadura e principalmente inventores e descobridores, que têm escapado aos motejos e ás acerbas criticas dos contemporaneos, sem que por isso deixassem de ser vultos eminentes; E o próprio Sr. Dr. Ricardo Jorge não tem sido poupado sem nada perder dos seus incontestaveis merecimentos”

Como ultimo eco desta questão curiosa surgiu um artigo do Dr. Ricardo Jorge respondendo a um *suelto* de certo articulista, que usava o pseudonymo *Santomé*. Exigia o divulgamento da documentação historica relativa á questão da placa do Castello de São Jorge.

Neste artigo duramente maltratou o Aero Club de Portugal. Gabando-se de o haver esmagado na pessoa do seu representante, allegou-lhe “a total exautoração da defesa, a nullidade de sua resposta”. E mais uma vez incitou aquella agremiação a promover o tribunal de honra diante do qual pretendia espapaçar os contrariadores.

Parece-nos que ficou a questão insolúvel. Não foi levada adiante.

E a examinar os pittorescos escriptos della resultantes fica-nos a impressão que ao escriptor portuguez não coube de todo o *beau rôle* e muito porque não soube haver-se como o código da cortezia impõe aos cavalheiros. Insultos só impressionam a imbecis.

E que provou?

Levou-o a irritação a tentar destruir legitima gloria de sua raça a quem, do modo mais depreciativo, acoimou de positiva nullidade.

A ira impediu-o até de reconhecer que Gusmão construiu e fizera subir aos ares pequeno aparelho aerostatico, o primeiro jamais fabricado! um balão de São João, uma

montgolfière de reduzido porte, mas em todo o caso uma *montgolfière!*

Fizera uma applicação pratica e retumbante primeira, no Universo! do principio de Archimedes aos fluidos aéreos.

Que outro luso aponta a historia da Sciencia, realizador de conquista inventiva de tamanha monta?

As invectivas de 1912 como que serviram de prelude a outras, da mesma autoria, e datando de 1918: as do libello "*Contra um plagio do Professor Theophilo Braga*" um dos documentos mais deploraveis de que rezam os fastos litterarios universaes, recheiado, apinhado de baldões os mais grosseiros e chulos.

Ao illustre presidente da Republica Portugueza chama *imbecil authenticico e paranoico* (pag. LXVIII), *autor tarado de obra tarada* (XIII), *escriptor bordalengo* (XXIII) *burro velho que não toma andadura* (LXXXIII), *farronqueiro, parlapatão, invejoso, vilão, emproado odre de vento* (LXXIV), *cerebro que transborda de cacarada* (LXX), *mentiroso que mente pelo gosto de mentir e a necessidade de mentir* (LXXI), *em toda a abjecção do termo* (LXXIX), *autor de incontaveis lorpices, sandices, truanices, intrujices, embusteirices, trampolinices, etc.* (LXII), *podim de mioleira gelatinosa* (101), *moscardo que infecta o sangue nobre dos homens de seu tempo* (101), *osga* (103), *cabotino e charlatão* (119), *arlequim das letras* (157), *escroc litterario, covarde, mentindo perramente* (65), *mosca varejeira, vibora* (66), *vesanico Kleptomano* (3), *fugindo da liça a verter aguas* (7), *arripiando caminho para a toca, de focinho no chão, e rabo mettido entre pernas* (14), *sapo concho, collegial bronco e relapso* (18), *contrabandista de officio* (22), *boçalissimo trapalhão* (34), etc., etc.

Poderíamos multiplicar immenso estas citações.

Mas por esta amostra avalia perfeitamente o leitor o que é o tom do Dr. Ricardo de Almeida Jorge em materia de polemica.

E como é elle perito na nobre arte da descompostura em que realmente attingiu mestria impossivel de se exceder...

Multiplicámos os exemplos tirados da obra aggressora de Theophilo Braga porque são as melhores demonstrações de que poderíamos lançar mão affim de documentar, perante o leitor, a valia da attitudo do seu autor em matéria de reflexão, criterio e imparcialidade.

Dando largas ao velho odio, nesse alentado volume de injurias, volta á baila o caso de Gusmão e de sua lapide do Castello “digno pendant de outra, a de S. Gertrudes” consagrada ao illustre polygrapho portuguez, tão grosseiramente atassalhado.

Ha longo prazo já, prometeu o Dr. Ricardo Jorge aniquilar, de vez, a reputação do *Voador*. Até agora está por se cumprir tal promessa, que hoje conta um quarto de seculo apenas!

Quando a realizará?

Que o faça e seremos os primeiros a applaudil-o e a cantar a palinodia.

Vamos a ver como destruirá o conjuncto dos já numerosos documentos concordantes, em prol dos direitos do inventor...

Provar é um pouco mais difficil do que injuriar...

Emprazado está, pela opinião publica, a pulverisar a affirmativa dos depoimentos.

Se não o conseguir fazer extranharão os homens de bôa fé, e imparciaes, que a parcialidade da colera, sem limites, o haja levado a desconhecer qualquer valor nas experiencias em que, pela primeira vez, um aparelho aerostatico se elevou aos ares.

A opinião publica do Brasil e de Portugal reclama do Dr. Ricardo Jorge a revisão do processo do *Voador* e a condemnação irrefutavel das pretensões á prioridade aerostatica por parte do paulista.

Mas exige a exegese profunda dos documentos conhecidos e a descoberta de novos papéis destruindo o que até hoje se apurou.

Injurias só aos imbecis impressionam... Mas esperemos por ellas que virão infallivelmente. E só ellas...

Reforçando o nosso modo de ver assim se exprimia ultimamente o Major José Pedro Pinheiro Corrêa:

“ ODr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nunca subiu no seu aerostato. E’ esta a conclusão a que chegou o nosso minguado raciocinio, depois de muito ter lido sobre o assumpto.

O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, doutorado pela Universidade de Coimbra, dedicado aos estudos da Physica, homem de grande cultura para o seculo em que viveu, com varios inventos da sua autoria registrados officialmente, não precisava ter-se elevado no ar para ser cognominado o “Voador”, pois lhe bastava a sua invenção dos balões para que nesse tempo facilmente o tivessem alcuñado dessa maneira e, ao mesmo tempo, para que se lhe conceda a prioridade para essa invenção porquanto, em 1783, aos irmãos Montgolfier, quando na cidade de Annonay fizeram elevar o seu aerostato de papel, tambem não foi preciso irem delle suspensos para serem os inventores dos balões e como tal terem passado a historia...”

Insurge-se pois, e com razão o Sr. Pinheiro Corrêa contra a permanencia da placa cravada ao Castello de S. Jorge em Lisbôa, em que se declara a primazia aeronautica de Gusmão.

E lembrando os incidentes de 1912 que tanto deram que falar graças aos protestos do Dr. Ricardo Jorge incita o Sr. Pinheiro Corrêa a Camara Municipal de Lisbôa a que promova a suppressão da desastrada lapide.

“Quanto á historia da lapide do Castello de S. Jorge, que no seu tempo tanto deu que falar recommendamos a sua demolição ao Sr. Luiz de Macedo, illustre vereador da Camara Municipal de Lisbôa, a bem da verdade historica e da moderna maneira de bem redigir...”

E aguardamos um convite de sua excellencia para a inauguração de uma nova lapide no sitio onde em tempos existia a Casa da India, idéa está que já na data em que a

outra foi inaugurada havia sido exposta pelo Aero Club de Portugal. Demais, a demolição pedida, além de não envolver desprimor para ninguém, não é caso virgem nos annaes da reconstituição da verdade historica dos varios monumentos da nossa capital, haja em vista o assumpto das famosas torres da Sé de Lisbôa...

Contamos, pois, com a intelligencia e energia do Sr. Luiz de Macedo para o estabelecimento da verdade historica do assumpto que nos serve de thema, e assim ficará prestada, no local devido, a homenagem que o paiz e a Humanidade devem ao Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que em 1709, com a realização das suas experiencias, foi o verdadeiro inventor dos balões e o authentico precursor da navegação aerea, ficando ao mesmo tempo bem patente, a naturaes e a extranhos, a reivindicacão para Portugal da tão falada invenção attribuida erradamente a outros”.

Communicou-nos o Marquez de Faria um facto de summa importancia que nos passara até agora inteiramente despercebido: quando do Congresso Internacional de Aeronautica de Madrid, em 1926, resolveram os membros desta assembléa fazer uma excursão a Toledo para de proposito, visitar, na Igreja de São Romão, o tumulo de Bartholomeu de Gusmão, prestando assim especial homenagem ao glorioso paulista, alli sepultado em novembro de 1724.

Mais fizeram ainda: conduziram grande e artistica lapide então affixada a uma das paredes do velho templo toledano. Nesta placa lê-se uma inscripção infelizmente crivada de erros: como a de se chamar ao *Voador Frei Bartholomeu* e dizer-se que o nosso inventor ascendeu aos ares.

E' a seguinte: *El primer Congreso Ibero Americano de Aeronautica celebrado en Madrid el ano 1926 rinde esta homenaje a Fr. Bartolomé Lorenzo de Guman precursor de l'aeronautica montando en globo el ano 1709. Sus hermanos de raza de XXI estados visitaram su tumba y colocaran esta lapida el dia 31 de octubre de 1926.*

Como *O Seculo* de Lisbôa, houvesse em seu numero de 9 de dezembro de 1926, publicado um cliché reproduzindo a placa surgiu no mesmo dia no vespertino *Diario da Tarde* a nota seguinte: “*Nota do dia — Gusmão — o Voador —* “No Congresso Internacional de Aeronautica, ha pouco realizado em Hespanha, os congressistas portuguezes promoveram uma visita a Toledo junto do tumulo do Padre Bartholomeu de Gusmão, que ficou decorado com uma lapide onde se lêem estas enormidades: O Primeiro Congresso Ibero-Americano, realizado em Madrid no anno de 1926, presta homenagem a Frei Bartholomeu de Gusmão, precursor da aeronautica subindo em balão no anno de 1709. Os seus irmãos de raça, de 23 estados, visitaram o seu tumulo e collocaram esta lapide no dia 31 de outubro de 1926.

“Leram? Dois dislates do maior calibre se contém nesta lapide. Um é o chamarem Frei ao Padre Bartholomeu Lourenço; outro é dizerem que elle subiu no balão. Tal assumpto, esmiuçado já em varios pontos e por varias pessoas, está reduzido ás suas devidas proporções. O homem não subiu em balão. Se o pensar-se tal monstruosidade é já digno de lastima, o escrever-se em pedra attinge os limites da teimosia ridicula e do disparate historico mais flagrante. Portugal está atravessando uma crise de commemorações absurdas. Não bastava já a patacoada de Ourique, officializada em cerimonias de varia especie, com descrições da batalha, perpetuar a excursão aeronautica de Frei Bartholomeu, que estoiraria de pasmo se pudesse saber que tinha voado desde o Castello ao Terreiro do Paço. A Academia das Sciencias e a Sociedade dos Escriptores Portuguezes, deviam intervir nesta ameijoadá commemorativa, pondo um dique á fantasia desabalada que trata de historia um conto da Carochinha, com vôos e batalhas milagrosas, dignas de se pintarem em exvotos de igrejas aldeãs”.

Não é necessaria grande perspicacia para se descobrir o autor da nota malevola embora, esteja ella desacompanhada das palavras soezes que caracterisavam outra ag-

gressão a esta anterior de quinze annos, vasada em linguagem de escriptor que não sabe respeitar-se e pensa que insultos convencem a quem não é sandeu.

O odio velho não cansára ainda mas com os resultados consubstanciados na famosa phrase do nosso Lafayette Rodrigues Pereira referente ás dentadas que as hydras applicam ao granito.

Triste empreitada do impenitente e impotente demolidor do renome do grande homem de sua raça que Camillo Castello Branco declarou ser o mais notavel portuguez do seculo XVIII...

O caso da lapide de Toledo tambem provocou commentarios da imprensa franceza. A tal proposito *La Volonté* de Paris, a 26 de abril de 1927, trouxe um artigo, sob a epigraphe: *Est-ce un portugais qui a inventé les ballons?* em que aventava a necessidade de extensa e minuciosa discussão sobre a prioridade aeronautica, disputada aos Montgolfier. Relatava, a seu modo, a biographia do *Voador*, referindo-se aos esforços do Marquez de Faria em pról dos direitos do santista.

Outros orgãos francezes tambem se occuparam com o caso como *La Libre Opinion*, ao que sabemos. Assim tambem jornaes das colonias francezas como até na Indo-China o *Saigon Républicain* que acompanhou tal discussão com grande interesse. O mesmo se deu com alguns jornaes argentinos e brasileiros que em telegrammas reproduziram os échos desta controversia aliás sempre elevada em sua argumentação embora desprovida de valia documental.

CAPITULO XXXIII

Outros gusmanophobos gratuitos e inscientes. Boffito e o seu livro desvalioso.

Em 1920 publicou o Padre Giuseppe Boffito, religioso barnabita, na *Bibliofilia* de Florença (Vol. XXI, N.º 4-7 e 8-12) um estudo a que intitulou *Due falsificazione del settecento nella storia dell'aeronautica e dell'aviazione (Grimaldi e Gusmão)*.

Jamais podemos consultar esta obra, de que ultimamente vimos largas referencias no *Da Icaro a Montgolfier* de Galileu Venturini.

Mas bastava-nos o titulo para perceber o espirito que animava tal escriptor cuja autoridade no assumpto desconheciamos aliás.

E com effeito, era o cumulo dos cumulos tentar estabelecer um paralelo entre o caso de Grimaldi e o do nosso *Voador!*

Aos leitores pouco versados na historia da conquista do ar devemos dizer quem era este Grimaldi que o Snr. Boffito, do alto da sua sapiencia, equipara a Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Era um jesuita italiano, filho de Cività Vecchia, e viveu no seculo XVIII, tendo sido ao que se diz missionario nas **Indias Orientaes**.

Foi o pobre catechista escolhido por Francisco Milizia, o celebrado architecto e archeologo italiano (1725-1798) para alvo de pilherias de mau gosto.

Passa Milizia, aliás, por ter sido um dos maiores maldizentes de seu tempo, senão de todos os tempos. Morreu cercado de inimigos numerosísimos. Publicando a sua *Le vite dei piu celebri architetti d'ogni nazione e d'ogne tempo* encaixou no texto uma historia mystificatoria de que foi victima o pobre Padre Grimaldi.

Relatou que elle inventara e construiu uma machina semelhante a uma aguia, A voar ora alto ora baixo, atravessara tal passarola o Canal da Mancha em uma hora, no anno de 1751.

Esta fabula o *abbé* de Fontenay (1737-1806) abrigou nas columnas de seu *Dictionnaire des artistes* (1777) com a maior leviandade e a mais tola credulidade.

Foi a este caso munchauseniano e inepto que o Snr. Boffito pretendeu assimilar o de Bartholomeu de Gusmão.

E abalançou-se a biographar o precursor com incrível descriterio sem recorrer ás fontes portuguezas. Tão notável a sua autoridade que ainda é dos que admittem a dualidade dos voadores. Ainda desdobra os Gusmões!

Para elle o caso ainda não é liquido: “Bartolomeo Lourenço fu dai più, identificato a torto, sembra, con un fisico portoghese di nome Gusman o Gusmão” (sic!).

Na cerrada carga que o autor italiano fez a Gusmão, apanhou-o Galileu Venturini em contradicção. E’ quando se põe a contestar a Lecornu (nota á pag. 162 de seu livro).

Consente em concordar, algum tanto, com o Barão de Teffé, que, no Congresso Internacional de Aerostação, occorrido durante a Exposição Universal de Pariz, em 1889, reivindicara, para o Brasil, a gloria de contar, entre os seus filhos, o precursor da aerostatica”.

Assim tambem “il Boffito sente de dover concordare e assai bene col portoghese Ferreira”. Singular criterio com effeito!

“E allor adove va a finire la falsificazione?” indaga Venturini, com toda a propriedade. Que mais flagrante

demonstração de incoherencia do que esta, quando se “trova a disagio con se stesso per quel che ha detto nel testo”?

Qual será a posição de Bartholomeu na historia da aeronautica? indaga Venturini a concluir as paginas consagradas ao *Voador*.

Affirma que Gusmão conheceu as theorias de Lana. Mas assim como este pode ser chamado o primeiro theorico da aeronautica, do santista deve dizer-se que foi o primeiro navegador aereo pratico, porque, certamente, veio a ser o primeiro a fazer subir, na atmosphaera um globo aerostatico.

E não só isto: distinguui-se de quantos o precederam nas tentativas para a solução do problema do ar, pela constancia energica e afortunada de suas experiencias praticas.

“Nada mais justo do que as homenagens que lhe prestaram, sob a forma de um monumento, sua cidade natal de Santos, e o Brasil, cujo nome relembra logo outro intrepido cultor da aeronautica moderna”.

“Assim tambem sua patria adoptiva, Lisboa, lhe prodigalisou applausos depois de não lhe ter sido avara de espinhos”.

“Estes monumentos, estas oblações não tomam aos irmãos Montgolfier a gloria de que meritoriamente desfructam, mas affirmam-nos que, setenta e poucos annos, antes delles o brasileiro os precedeu na ardua conquista dos ceus”

O caso de Grimaldi, largamente tratado por Boffito este sim é na opinião de Venturini, completa “falsificação aviatoria”, em que tudo foi inventado, “machina e machinista. da substancia dos materiaes empregados aos accessorios. dos locaes á época das experiencias, do maravilhoso exito ás mais minudentes particularidades”.

Aggredindo, á Ricardo Jorge, o inventor e o invento, affirma Boffito “a famosa *Passarola* de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, cegamente citada em todas as historias, antigas e recentes, é a mais chapada falsificação”.

Equipara-se á mystificação aviatoria de Grimaldi a que com egual violencia ataca. E, synthetizando o que lhe resultara do exame da folicula viennense o *Wienerische Diarium* affirma: “este cumulo de imbecilidade jamais teve similar no Universo” (cf. Venturini, p. 298).

Realmente assim é. Outro epitheto mais brando não merece o memorial nascido da *vis gaiata* do *Padre Voador*, se o quizermos tomar a serio.

Observa Venturini, muito judiciosamente, mostrando a falta de criterio de Boffito e sua má vontade para com o inventor brasileiro:

“Uma cousa, porém, é a impostura de uma descripção e outra a inexistencia de um facto”.

“Não se poderá mais tomar a serio o folheto viennense, após as declarações do Embaixador (Marquez de Fontes), mas tambem não é somente graças a este documento que devemos avaliar a obra e a personalidade de quem o escreveu por burla”.

“Da propria descoberta, e das proprias declarações de Martello, sobrenada alguma cousa em favor de Gusmão.

Antes de mais nada: a sua historicidade: Gusmão realmente existiu. Depois a sua doutrina: era Gusmão um mathematico brasileiro a cujas aulas o fidalgo portuguez, mais tarde embaixador, mandava que o seu primogenito concorresse. Terceiro argumento: a verdade dos preparativos do aerostato: Gusmão *fabricara* um apparelho, num *recinto* cuidadosamente vigiado e vedado ao publico.

Quarto argumento: o grande segredo de taes preparativos: Gusmão, no recinto, severamente guardado, a ninguem admittia, a não ser o filho do fidalgo, seu discipulo.

Quinto argumento: a impaciente expectativa do publico que levava Gusmão a recorrer á burla do folheto para livrar-se do assalto da curiosidade que devorava a não poucos, ardendo por saber qualquer cousa sobre a tão esperada machina.

Ora tudo isto revelado pelo depoimento do Marquez de Fontes não era impostura e sim verdade”.

Optima licção de imparcialidade e boa fé inculcava por estes conceitos Galileu Venturini ao seu compatriota afoito, cheio de espirito malevolo e preconcebido para com o inventor!

Defendendo o Voador dos ataques de Boffito lembra ainda Venturini as opiniões de outros escriptores a seu respeito.

A Bartholomeu de Gusmão consagrou Crétineau Joly fartas linhas em sua *Histoire religieuse, politique et littéraire de la Compagnie de Jesus*. Nellas occurrem erros gravissimos como o archi repetido e archi rebatido caso da perseguição inquisitorial, por causa das experiencias da *Passarola*.

Reconhece a prioridade de sua invenção e Venturini, a tal proposito, allega quanto Crétineau Joly passa por historiador habituado á critica e á polemica, assim como á pesquisa minudente.

Lecornu referindo-se á *lenda tenaz* que a seu ver, a *Passarola* representa, agiu do modo mais leviano, continúa o autor do *Da Icaro a Montgolfier*. Obedecia aos impulsos do seu patriotismo francez.

“Il Tissandier, più equanime e sereno, antepoñendo la verità allo espirito di nazionalizmo, ha, senz’altro, riconsociuto e dichiarato che un memorabile esperimento aeronautico fu eseguito a Lisbona nel 1709”

A *Passarola* representaria uma tentativa, em grande, para a applicação de um ensaio feliz, realisado com um globo de papelão ou de tela.

Magnificos, estes conceitos de Venturini, palavras dignas de historiador:

“Pode-se investigar dos modos mas não se pode, nem se deve, negar o facto.

Seja como fôr! Quer a machina de Gusmão tenha subido a) graças ao aquecimento do ar, como insinua Ferreira, testemunha ocular; b) por meio de quintessencias, em vaso fechado, aquecidas e atrahidas pelo Sol, como disse Martello a repetir, provavelmente as palavras e as opiniões dos caudatarios do Nuncio; c) por meio de pós pyricos como pretende Lecornu e a modo de uma das machinas de Cyrano de Bergerac como o proprio Boffito commenta; d) por meio de correntes aereas circulando em tubos como se escreveu no *Journal des Sçavants* em outubro de 1784, pag. 2016; e) pela força motriz da electricidade e do magnetismo simultaneos, como outros mais tarde opinaram; f) graças a um systema de paraquedas, como suggere Paulo Picca (na *Nuova Antologia*, 16 de novembro de 1910, pag. 311) *o facto é que quer dentro de uma sala, quer num pateo, o globo de Gusmão se alçou aos ares.*

E é quanto basta, para se tomar na devida consideração, sem inquinação de impostura possivel tanto a Gusmão quanto ao seu invento”.

Magnifica conclusão! irrespondiveis argumentos!

Comparem-se estes conceitos e os do Dr. Ricardo Jorge, e d’ahi se deduza quem tem mais ampla e acurada visão scientifica-se o autor italiano se o iroso escriptor lusitano...

Quem mais longe percebe em materia da importancia a attribuir aos phenomenos da Physica.

Synthetizando impressões volta Venturini a lembrar que a ruina de Gusmão e de seu crédito perante os posteros, e sobretudo os scientists, proveio do “impenetrabile secreto e l’ombra di mistero nella quale amó di avvolgere gli esperimenti”

Infelizmente recahe depois o erudito e criterioso autor italiano no atascal creado pela deficiencia de suas fontes informativas. Volta a confundir os “alhos e bugalhos” da expressão popular.

Baralha os factos de 1709 com os de 1724, a falar-nos de cousas da magia que alarmara os povos e puzera em campo a Inquisição.

Dahi o silencio mantido acerca de seu nome, na obra do seu compatriota, "Francisco de Almeida", cujas *Recreações physicas* foram publicadas em 1751 e onde ha um dialogo sobre a arte de voar.

Occorre ahi serio engano do autor italico: trata-se de Theodoro e não de Francisco de Almeida.

Que francezes, inglezes e allemães, etc. hajam escarneido dos direitos aerostaticos de Gusmão nada mais natural, a tanto induzidos pela inverosimilhança do unico e grotesco documento de que podiam dispor a famosa estampa gaiata da *Passarola*, e seu acompanhador, o memorial impagavel das esferas e das pedras de cevar.

Mas não concebemos que tal se tenha podido dar entre portuguezes esclarecidos pelos resultados honestos e profundos do valor dos de Freire de Carvalho, Augusto Felipe Simões, Brito Rebello, Manuel M. Rodrigues, Correia Neves, Marquez de Faria, Innocencio F. da Silva, Magalhães Basto, Carlos A. Ferreira, Pinheiro Correia, etc.

Alem do Dr. Ricardo Jorge arrola Lysias Rodrigues entre os que pretenderam demolir os direitos e a gloria de Gusmão os Snrs. Fernando Costa e Mattos Siqueira de quem aliás jamais tivemos o ensejo de ler uma só linha.

Por uma citação da *Illustração Portugueza* de 1.º de agosto de 1935 tomamos conhecimento do facto de que as aggressões do Snr. Siqueira tiveram grande virulencia tambem.

A' furia d'estes impenitentes demolidores opponhamos a phrase dessa nullidade completa, desse escriptor desvaliosissimo que se chamou Camillo Castello Branco: "*Bartholomeu de Gusmão, o sabio, o illustre, o maior homem, talvez, que o seculo XVIII deu a Portugal*".

CAPITULO XXXIV

Progressos lentos mas constantes, do reconhecimento dos direitos de Gusmão, nos grandes paizes europeus.

Pouco divulgada como é a lingua portugueza nada mais natural do que a extrema lentidão em que se vae processando o progresso de reconhecimento dos direitos de Gusmão.

Facto curioso: a nação mais visada em seu acervo de glorias, com o reconhecimento da prioridade do santista, a França, é a que exactamente mais generosa se mostra em relação a um florão que se lhe pretende tirar.

Já Lalande, o celebre astrónomo, no *Journal des Sçavants* de outubro de 1784 (pag. 2016) lembrava que a noticia da *montgolfière* provocara em Lisboa uma recrudescencia de lembranças.

Pelos meados do seculo passado editou-se em Paris uma serie consideravel de fasciculos sob o titulo *L'instruction popularisée par l'illustration*.

Dirigia esta encyclopedia popular Bescherelle Ainé, o conhecido grammatico autor da *Grammaire Nationale* e do *Dictionnaire National*, obras que em seu tempo tiveram real apreço e larga tiragem.

Sobretudo o Diccionario hoje hem esquecido e obsoleto.

Em 1851 appareceu o quinto fasciculo da tal serie: *Historia dos balões e das locomotivas aereas de Dedalo* (sic) *a Petin*. Não traz indicação alguma de autor e apenas um prefacio a que subscrève o director da publicação.

Foi esta *Historia dos Balões* disposta sob a forma de artigos alphabetados de dictionario e consta de 32 paginas de formato grande, almasso, impressas em typo miudo. Nellas occorre muita cousa interessante ao lado de innumeradas bozeiras e ridicularias. Curioso que o verbete relativo a Bartholomeu Lourenço não o haja o autor incluído nem na letra B nem no L reservando-o para o V...

O artigo consagrado ao *Voador (Le)* é bastante extenso, quasi uma columna inteira de suas sessenta linhas.

Começa por formidavel anachronismo a contar que o jesuita (sic) Bartholomeu de Gusmão teve a primeira idéa do seu aerostato no Rio de Janeiro, e em 1720, reproduz as tolices e inverdades da *Biographie Universelle*. Esta no emtanto concluíra a sua noticia pelo innegavel acerto seguinte:

“Embora diversos autores hajam, muito antes do seculo XVII, proposto diversos meios a ascensão aos ares, parece no emtanto positivo que se deve ao Padre Gusmão (alinhado o *Voador*) as primeiras experiencias do balão aerostatico, renovadas com tamanho exito, sessenta annos após a sua morte”.

A’ versão de Bocous, o articulista da *Biographie Universelle*, formalmente contesta o nosso anonymo.

“Tudo isto não passa de lenda (*conte*). Ninguem ignora que a descoberta do apparelho aerostatico é de origem exclusivamente franceza. A gloria della procedente cabe, na integra aos irmãos Montgolfier”.

“Em 1720, escreve, vivia em Lisboa um tal Bartholomeu de Gusmão que no Brasil fora jesuita, tinha talento, muita imaginação e ousadia.

Com a licença do rei D. João V fabricara um balão aerostatico na praça contigua ao palacio real, e, certo dia, em presença de S. Magestade, e de immensa multidão de espectadores, subira aos ares por meio de fogo acceso na machina, até a altura da cornija do palacio.

Mas em virtude de negligencia e da pouca pratica dos que mantinham as cordas a machina tomou direcção obliqua e batendo de encontro á cimalha partira-se cahindo. Tinha a forma de um passaro com cauda e azas”.

Como sabemos há nesta noticia do famoso mathematico cousas muito confusas e varias dellas inexactas. Mas representam estas phrases positivo indice de que na profundeza da memoria dos povos alguma cousa vinha surgindo recordando os direitos de Gusmão.

Já vimos que F Denis affirmou a sua positiva convicção na prioridade do *Voador*, ao escrever-lhe a biographia, aliás cheia de erros tambem, em 1858. Assim tambem como já vimos a *Encyclopedia de Furne* (1838).

No *Grand Dictionnaire Universel du XIX.ème siècle* a monumental publicação dirigida por P Larousse lê-se uma noticia justiceira que embora continha erros chronologicos, e inverdades, vem a ser um preito aos direitos do nosso precursor. Data de 1864.

“Sans diminuer la gloire des frères Montgolfier qui ont attaché leur nom à cette invention, on ne doit pas oublier que vers la fin du XVII.ème (sic.) siècle ils avaient eu un précurseur dans le Portugais Gusman. Celui ci voyant, dit-on, un jour de sa fenêtrre un corps sphérique très léger peut être une bulle de savon qui flottait dans les airs, s’était appliqué avec succès à produire en grand ce phenonième. Un jour à Lisbonne il s’éleva en ballon devant le palais du roi, en présence de la famille royale et de toute la cour; mais l’Inquisition, gardienne jalouse du *statu quo* intellectuel, vit un péril dans l’audacieuse découverte et Gusmão que le peuple appelait par dérison *l’homme volant* dut s’expairier pour fuir la persécution. Il mourut sans avoir pu donner suite à ses premiers essais et sans même en laisser le secret à ses compatriotes”. (Art aérostat).

No verbete biographico consagrado ao *Voador* occorre uma serie de erros graves. Influenciado por F. Denis repete o articulista as mesmas patranhas sobre o principio do in-

vento, a perseguição inquisitorial a permanencia do precursor num calabouço de onde sahiu graças aos jesuitas seus confrades etc.

Depois de o qualificar de savant brésilien affirma o redactor da pequena noticia biographica: “Au commencement du XVII.ème siêcle il inventa une machine pour se transporter dans les airs d’un lieu a un autre.

Il est à peu près impossible, d’après les descriptions, très confuses qui en ont été données de se faire une idée exacte de cette machine et des moyens employés pour produire l’ascension”.

Em 1889 a *Grande Encyclopédie*, a famosa publicação dirigida pelo grande Berthelot mostra muito interesse e faz justiça a Bartholomeu Lourenço.

No artigo *aérostas* narra a fabula ridicula do desdobramento da pessoa de Gusmão em Bartholomeu Lourenço, o peticionario de 1709, e Gusman, physico portuguez que subiu aos ares em 1736, num balão de ar quente. Nesta experiencia bateu o globo de encontro a uma cornija e cahiu sem que o seu tripulante se offendesse. Ia Gusman recommear quando a Inquisição o fez prender como feiticeiro.

“Esta experiencia, cujos dados, são assaz vagos escreve o articulista, prudentemente, não parece ter tido grande divulgação.

Della não faz menção a *Arte de voar* do physico portuguez Francisco de Almeida (?)” que, como vimos, não é senão Theodoro de Almeida.

No verbete “Gusman ou Gusmão” (t. 19, p. 615) já muito mais accitaveis são as informações da douta encyclopedia. Desmente-se a ballela da dualidade dos Gusmões, de accordo com os trabalhos” dos sabios archivistas Visconde de S. Leopoldo, Freire de Carvalho e Ferdinand Denis”.

E affirma-se que a 8 de agosto de 1709 o santista precipitou-se do alto do torreão da Casa da India em seu apparelho, em presença de D. João V.

“Não se conhece informe algum bem preciso sobre o funcionamento do engenho que ao mesmo tempo utilisava a acção do vento as propriedades do ambar e a dos imans.

Tambem nada se sabe dos resultados da experiencia”
O resto da biographia é correcto, abeberando-se o autor do verbete em Freire de Carvalho, S. Leopoldo e Innocencio.

Alguns outros escriptores francezes mostraram-se menos cordatos e mesmo muito menos dispostos a admittir a hypothese de que a prioridade aerostatica não cabe aos *Montgolfier*.

A tal proposito commenta Galileu Venturini,

“Dir-se-ia quasi que os francezes tem certo receio ciumento de que Gusmão seja um rival dos *Montgolfier*.

Parece-nos que este perigo não existe e que não são leaes os processos usados por alguns autores para o conjurar quando procuram envolver num ambiente de mytho a memoria de um homem que viveu no seculo XVIII, que tanto fez falar de si, na Europa, não só em vida como depois de morto, sobretudo na occasião do apparecimento das *montgolfières*”

Uma destas manobras, recorda o autor do *Da Icaro a Montgolfier*, consiste em manter a dubieza entre os dous inventores Bartholomeu Lourenço e Bartholomeu de Gusmão. Isto o leva a reparar:

“Assim, pois, delle pretender fazer dõs individuos aproveitando-se dos seus dous suppostos nomes — será aliás acaso cousa do outro mundo que um portuguez e um hespanhol tenham dous e até cinco nomes? — e a isto attribuir importancia parece ao mesmo tempo desleal e ridiculo”

Escreve Lysias Rodrigues em sua *A conquista do ar*:

“Escriptores diversos, de espirito tacanho, rasteiro, por vezes tem sahido a campo, procurando destruir a gloria de Bartholomeu de Gusmão. Porfiadamente se acirram na nojenta tarefa de denegrir o homem que conquistou os ares.

Sim, porque houve quem quizesse negar, não só os meritos de Bartholomeu de Gusmão, como François Peyret, em “La Locomotion”, Paris 5 de Julho de 1902, pag. 427; J. Lecomu em “La navigation Aérienne” etc. Da mesma forma, Louis Figuier, em “Las Merveilles de la Science”, diz que Bartholomeu de Gusmão, era uma pessoa, e Bartholomeu Lourenço outra muito distincta.

Outros, como G. Dallet (“La Navigation Aérienne”), A. Daguin (Traité élémentaire de Physique, Tomo I), procuram deturpar os factos; Vivian, chama Gusmão de “charlatão”; A. E. Berriman (Aviation) chamou-o de “visionario”, especulador, etc.”

Como que objectando a Venturini avança o escriptor brasileiro:

“Os francezes, que por uma questão de interesse patrio, poderiam ter interesse em attribuir a descoberta do aerostato aos irmãos Montgolfier, que o descobriram uma segunda vez, prezam muito mais a verdade. Muitos escriptores francezes lhe fizeram justiça, mas, Marcel Jauneaud foi incisivo, quando disse:

“La gloire française des Montgolfier et de Charles, ne será pas diminuée par l’hommage que nous devons rendre au pauvre brésilien, qui fut vraisemblablement le premier aérostier des temps modernes”.

E realmente nada mais nobre do que este preito á verdade e á justiça por parte de um compatriota esclarecido dos inventores em jogo.

Os dictionarios encyclopedicos da lingua ingleza depois de se occuparem de Gusmão e seu invento, como a *Encyclopedia Edinensis*, de que fala o Visconde de São Leopoldo, silenciaram completamente a seu proposito e sobre o seu invento.

Já em 1819 a *Cyclopedia* de Abrahão Rees não tuge nem muge sobre Gusmão nem a seu respeito consagra uma linha sequer no verbete *aérostation*. O mesmo se dá com as edições da *Encyclopedia Britannica* e as do dictionario de Whitney *The century dictionary and cyclopedia* Stephens em sua *History of Portugal* affirma que Gusmão foi o inventor do aerostato relata-nos L. Rodrigues.

Os allemães mais meticolosos não esqueceram totalmente ao nosso inventor a quem, comtudo pouco apreço dedicaram, scepticos acerca da valia de suas realizações.

Em 1896 publicava o *Meyer's Konversations Lexicon* depois de se referir ás ideias de Lana (sobre cuja ignorancia dos effeitos da pressão atmospherica nada commenta).

“Diese Anregung zur Verwertung des archimedischen Prinzips trug ihre ersten Fruchte in Portugal wo selbst Lourenço Don Gusmão (sic) 1709 vor den König Don Juan V in Lissabon aufstieg. Seine Auffahrt gluckte nicht; er flog gegen einen Versprung des Königspalastes”.

Já trouxera, o mesmo dictionario encyclopedico, na edição de 1865, o seguinte:

“O estímulo á applicação do principio de Archimedes apresentou seus primeiros fructos em Portugal, onde, na presença do rei D. João V, subiu Lourenço de Gusmão, num balão, em Lisboa, no anno de 1709” (Lysias Rodrigues).

Ainda em 1902 publicando uma obra intitulada *Les Dirigeables (Estudo completo da direcção dos aerostatos, das tentativas realizadas e dos projectos recentes*, reza-lhe o subtítulo) dizia M. H. André, engenheiro, membro da *Société des Ingeniers Civils* de Paris, uma série de despau-terios sobre Gusmão e suas experiencias.

Verdade é que por elles não era responsavel pois nada mais fez do que deixar-se influenciar por autores do peor quilate. Assim começa por chamar a Bartholomeu Lourenço *Lourençao* — ouçamol-o porém: E' dos que acredita-

vam na dualidade dos individuos Guzman e Barthelemy Lourençao!

“Seguindo incerta tradição um physico portuguez, realizou lá por 1720 ou 1736 uma experiencia de vôo, em Lisboa e em presença do rei Dom João V. Este physico, Gusman, ter-se hia alçado aos ares, numa cesta de vime coberta de papel.

Um braseiro, diz Turgan, estava acceso sob a machina que chegada á altura do telhado, fôra de encontro á cornija do Palacio Real onde se esbarrondara cahindo depois do choque. Em todo o caso a queda fôra assaz suave para que Gusman della sahisse são e salvo. Os espectadores entusiasmados lhe haviam conferido o titulo d’*Ovoador* (sic) (*homme volant*).

Liquidado o caso de Guzman passa o nosso autor a tratar do segundo portuguez Barthelemy Lourençao, a cujo nome augmentativo, visivelmente nega o til que seria de se esperar. E pretende ainda por cima que fazia experiencias aerostaticas quatorze annos antes de nascer!

Na mesma época em que Cyrano de Bergerac escrevia os seus romances engenhosos a saber pelas immediações de 1670, o Padre Francisco Lana e Lourenço estavam cada vez mais proximos da realidade. O Padre Lana propunha fazer alçar-se aos ares uma barcaça munida de vela, graças ao emprego de quatro globos de chumbo muito delgados, dentro dos quaes se houvesse praticado o vacuo.

Lourenção este propunha-se a construir uma nau aerea em forma de passaro, movida por meio de uma pedra de iman e a força attractiva do ambar attestado”.

“Não ha necessidade de se dizer que o barco voador de Lana e o navio aereo de Lourenção eram devaneios como tantos se encontram nos livros desta época, em que a fantasia muito frequentemente toma o lugar da realidade scientifica.”

Querendo dar arrhas de sua imparcialidade ainda annota o autor francez:

“A Imperatriz Isabel de Brunswick affirma em sua correspondencia (segundo ha quem o diga), ter visto o navio voador de Lourençao alçar-se triumphalmente aos ares, a 8 de agosto de 1709. Difficilmente acreditamos em tal asseveração.”

Esta citação do texto de M. H. André mostra-nos soberbamente quanto, no anno da graça de 1902 havia de fabulas e asneiras espalhadas ácerca de Bartholomeu Lourenço de Gusmão desdobrado no *Guzman* de 1720 ou 1736 e no *Barthelemy Lourençao* de 1670!

Na assaz recente *Histoire de la Conquête de l'air* por Jean de Bonnefons se affirma que o monge (sic) aeronauta “Laurent de Guzman” era da familia da Imperatriz Eugenia!

A scena da ascenção elle a transfere para 1763 e declara que a Bibliotheca Nacional de Paris possui uma gravura setecentista sobre o caso, em que o *Passarola* mais parece um ascensor do que um balão.

Na monumental *Enciclopedia Universal Illustrada Europea Americana* editada pelos *Hijos de J. Espasa* lê-se no artigo *aeronautica* (de 1920?):

“En Portugal el brasileño Lourenço de Gusman (sic) en 1709 se elevó delante del rey Don Juan V en Lisboa.

Su ascencion no fue completamente feliz pues dió contra un relieve del palacio real. Esta invencion de principio fue muy bien acogida y luego objecto de burla. Despues de Gusmão cuyas hazañas quedan desgraciadamente en la obscuridad merece especial mencion” etc.

Mostra o articulista conhecer a memoria de Freire de Carvalho e a versalhada do *Pinto Renascido*.

No artigo Gusmão ó Gusman (1925) (Bartolomé de) surge uma biographia cheia de erros.

Ahi se lê: “En 1708 comenzó la construccion de una maquina aerostatica que afectaba la forma de un pазaro con la cual se lanzo en presencia del rey Juan V desde la

torre de la Casa de Indias de Lisboa. Se carece una informacion precisa acerca de los resultados del experimento asi como de las características de la maquina”.

Recorda o biographo da *Enciclopedia* que reinava muita confusão sobre a dualidade de Gusmão mas que o caso se aclarava. Eram uma e mesma pessoa.

No *Nouveau Larousse Illustré* artigo *aérostas* (de 1907?) e sob o titulo *Invention des aérostats* se diz anachronicamente aliás: “Vers la fin du XVII.e siècle (sic) le portugais Gusmão s'éleva en ballon mais il mourut sans livrer son secret”.

Assim atribue a prioridade aeronautica a Gusmão como o fez tambem o biographo hespanhol aqui citado.

Mas no corpo do Dicionario nenhum verbete se consagra a Gusmão. De origem franceza é uma noticia absolutamente idiota publicada por Mauricio Lachâtre em um dicionario encyclopedico cuja edição dirigiu. Já della demos noticia no primeiro dos nossos volumes sobre o precursor.

Tomemos agora conhecimento de outro depoimento, tambem francez. Fala Cesar depois de João Fernandes...

Muito significativas as palavras do *Larousse du XX.ème Siècle*, a magnifica encyclopedia, em via de publicação, que pertence á serie desses monumentos intitulados *Dictionnaire Universel du XX.ème siècle e Nouveau Larousse Illustré*.

E' um grande passo para o acatamento dos direitos de Gusmão, este que decorre da affirmativa de real autoridade, tanto mais quando parte de francezes, directamente interessados no caso, como nenhum outro povo.

“Après des tentatives infructueuses au XVIII siècle, dont la plus connue est celle de Gusmão, prêtre brésilien, la première ascension dans les airs est réalisée de 5 juin 1783, par les frères Montgolfier”.

Assim admitte o *Larousse du XX.ème Siècle* que a tentativa de Gusmão foi infructifera, mas realisou-se, o que



Sala consagrada a Bartholomeu de Gusmão



Sala consagrada a Bartholomeu de Gusmão

já muito é para os adversarios irreductiveis do santista. Chegam estes a garantir que todo o caso da *Passarola* não passa de uma serie de historias da carochinha.

Na *Enciclopedia italiana* de 1927 lembrada por T. Furtado Reis (artigo aeronautica) se affirma que a Gusmão coube a prioridade aeronautica “sostenuto da un globo che probabilmente era un ordigno simile a quello che poi fu chiamato mongolfiera”.

A lui spetta dunque il vanto dessere stato il primo uomo che siasi sollevato nell'aria con una machina più leggera di essa”.

Como vemos estava o articulista mal informado dando a Gusmão mais do que lhe é devido.

Adduzindo outro depoimento de fonte italiana escreve Lysias Rodrigues:

“Cesar Cantu, no vol. 18 da sua formidavel “Historia Universal” pg. 423 nos diz:

“O arrojo humano parecia ter derribado todas as barreiras: quando os irmãos Montgolfier, *repetindo experiencias já feitas em Lisboa por Bartholomeu de Gusmão em 1709*, fizeram subir aos ares os seus balões (1783) cheios de ar rarefeito pelo fogo”.

Trata-se certamente de uma inducção em erro do autor brasileiro pela traducção portugueza da obra monumental de Cantú, versão esta cheia de enxertos. Verificámos o original do historiador italiano não encontrando em seu texto a abusiva citação aqui transcripta nascida da incrível liberdade tomada pelo traductor portuguez que se diz ser Antonio Ennes.

Na mesma ordem de idéias comunga Galileu Venturini. Para elle nada se pode contrapor aos factos e estes são indiscutiveis: Gusmão fabricou um balão e o seu aerostato ascendeu aos ares.

Não concordamos comtudo, com os seguintes conceitos seus:

“Il nome del Lana é unito a quello del Gusmão e il concetto conformatore di tutti il lavoro è questo: che risalendo alla culla dell’aeronautica, i primi rappresentanti storici della teoria e della pratica di essa sono rispettivamente il Lana e il Gusmão, perchè dal Lana viene il primo pensiero, dal Gusmão il primo fatto”.

Como poderia Lana ter influido sobre Gusmão quando advogava a ideia da extracção do ar e o santista a da rarefacção? Pouco contacto parece a nosso ver possivel de se estabelecer entre duas circumstancias, não longinquas uma da outra, é bem verdade, mas irrealisavel, a primeira praticamente e a segunda perfeitamente exequivel.

Continuam, e continuarão a correr apinhados de disparates os esforços biographicos, maiores e menores do *Voador*.

Mas como haveremos de verberar os erros dos estrangeiros quando grandes revistas e dictionarios portuguezes e brasileiros varios delles até de grande acceitação, publicaram despauterios incriveis sob as obras e a vida de Gusmão. Entre os volumes que devemos ao Marquez de Faria, encontram-se o tomo I da *Revista Estrangeira*, mensario de Lisboa, cujo primeiro numero se editou a 1 de setembro de 1853.

Para o tempo era esta publicação magnifica, digna de se comparar ás melhores de França e Inglaterra, com optimas illustrações em xylographia, gravura a cores, cheia de retratos e mappas lithographados, figurinos, etc. Cuidava de mil assumptos contemporaneos e historicos. Quasi todos os numeros do periodico trazem grandes retratos muito bem executados de celebridades contemporaneas. E como o mundo todo tivesse a attenção voltada para a campanha da Criméa a cada passo surgem illustrações referentes áquella sanguinolenta pugna internacional.

No numero 10, do anno de 1859 occorre um artigo consagrado ao *Voador*, e ao seu invento, cujo autor mostra, por completo, ignorar quem fosse o Precursor.

Escreve uma série de babozeiras erroneas subordinadas ao titulo *Lourenço (sic) de Gusmão e a sua machina para voar* mostrando-se portanto completamente insciente das particularidades biographicas do immortal santista.

“Qual de vós em Portugal — começa o nosso parlapatão — não tem ouvido que o grande problema da navegação aerea já foi completamente resolvido em a nossa terra e que a Inquisição perseguindo, por feiticeiro, o autor de tão bella descoberta roubou aos homens uma grande vantagem, que tarde poderão tornar a hayer?”

Deste exordio passa o articulista a explicar aos leitores o que em sua época era corrente em Portugal acerca de Bartholomeu Lourenço cuja biographia tanto demonstrara aliás ignorar.

“Com effeito conta-se que um frade (sic) por nome Lourenço de Gusmão e por alcunha o *Voador*, construiu em 1708, (sic) uma barquinha na qual se elevava até aos telhados do seu convento (sic) donde lhe proviera a alcunha de *Voador*.

“Parece que este mesmo frade, perseguido pela Inquisição morreu em Hespanha no anno de 1724”

Depois destas informações preciosas reproduz o homensinho a famosa estampa da *Passarola*, “segundo um desenho encontrado na bibliotheca da rua de Richelieu em Paris (sic)”.

Nem sabia o innocente que tal livraria era a mesma Bibliotheca Nacional Franceza!

Dissertando sobre o que tão completamente ignorava nem sequer estava informado de que a estampa franceza nada mais era do que a reproducção de outra portugueza a de Simão Thadeu Ferreira de 1784, deshonestamente datada de 1774, como provou Innocencio, categoricamente.

Continuam os commentarios com pretenções á gaiatice: “De certo que os nossos leitores, terão ouvido, como nós,

contar esta historia. E desejavam conhecer a machina que o pobre frade inventou, e que se acaso tinha a habilidade de voar com ella, estamos quasi a fazer côro com a Inquisição e a dizer não que o seu autor era feiticeiro, mas que tinha raça de passaro naturalmente bisnau, porque a machina por si só, não o levantava, nos parece, á altura dos degraus do cônvento, quanto mais dos telhados”.

Interpretando as letras da legenda do tal desenho, referentes ao leme, foles, azas, imans e outros orgãos do monstrengo ornithoforme acabava o autor do artiguete por nova pilheria demonstradora de seu profundo scepticismo sobre as condições de navegabilidade aerea da maxambomba”.

“Muito desejo que qualquer de nós tivesse de poder voar o seu bocado quando mais não fosse para vêr de alto o que se passa dentro e fóra de Sebastopol! Estou convencido de que ninguem quereria ser do numero dos taes viajantes, ainda que o inventor fosse ao leme da machina de que o menor defeito seria de certo, não se mexer”.

Apezar da insignificancia de taes conceitos revelam o criterio de quem os emittiu quanto a exequibilidade apparente dos vôos da engenhoca.

Não nos esqueçamos porém, de que quasi contemporaneamente um homem da intelligencia e do preparo do Visconde de Villarinho de São Romão, pretendia convencer o publico portuguez que a *Passarola* da estampa seria capaz de vôar!

A que ponto leva a aberração dos sentimentos do patriotismo obcecado!

E meio seculo mais tarde não formaria o Padre Himalaya ao lado do Visconde de São Romão? Caso incrível! E isto depois de haver Brito Rebello encontrado a unica solução criteriosa, sensata, plausivel para o caso: a *Passarola* só poderia ter sido a barquinha de um aerostato, cuja forma, cuja disposição se reproduziriam em desenhos, extrahidos

e quiçá para sempre, destruidos quando do incendio do arquivo do inventor, por elle proprio e nas vespervas de sua fuga desastrada para a Hespanha.

Mas simplesmente pasmoso é que se nos depara *Gusmão* ou *Gusman* (sic! sic! sic!) do *Diccionario Popular*, grande publicação em 17 tomos de alentadas dimensões dirigida por Pinheiro Chagas. Um ror de informes os mais ineptos, phantasticos, por vezes, verdadeiramente imbecis.

Gusmão ou Gusman (!!!) (Bartholomeu Lourenço de), n. em Santos Brasil, em 1675 (!) e m. em 1725 (!). Era filho de um cirurgião em chefe do presidio de Santos, que o mandou terminar os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Gusmão entrou na sociedade de Jesus e occupou-se de uma maneira toda particular de philosophia, de sciencias mathematicas e de mecanica. No começo do seculo XVIII inventou uma machina aerostatica com a forma de um passaro, e executou com ella uma ascensão em Lisboa, no reinado de D. João V, que o protegeu nos seus ensaios.

“Levado na sua barquinha, diz Ferdinand Denis, subiu da torre da casa da India e atravessou o grande espaço que medeia entre este edificio e o Terreiro do Paço por detraz do qual foi descer.

O povo de Lisboa deu-lhe desde neste momento um appellido significativo: chamou-lhe o *Voador*.

O Padre Gusmão foi provido num canonicato, teve uma pensão, e recebeu o privilegio que lhe garantia as vantagens da sua invenção. Mas as suas experiencias aerostaticas tornaram-n’o suspeito de magico e a Inquisição interveio no caso (!).

“Conduzido perante o Santo Officio, diz Bacon (sic!!) foi lançado dentro de uma masmorra e condemnado a jejum rigoroso” (!!).

Os Jesuitas vieram entretanto em auxilio do seu confrade (!!) e fizeram-no retirar para a Hespanha, onde

morreu de pêsar, pouco tempo depois, no hospital de Sevilha (sic)”. Isto se imprimia em 1880 e em Lisboa!

Como vemos nesta mistura de grelos, pavorosa, ha influencia do primeiro Larousse já por sua vez mal orientado por F Denis.

Que Larousse haja escripto despauterios sobre um portuguez vá lá mas mas que um dictionario encyclopedico portuguez reeditasse taes disparates e ainda os aggravasse é simplesmente pasmoso!

Tambem que autoridade poderá ter um articulista que colloca Bacon no seculo XVIII?

Victima da predestinação do infortunio que é o apaugio de tantos dos maiores vultos da Humanidade, incomprehendido como tantos destes precursores, coube a Bartholomeu de Gusmão, o trago amargo das chufas e dos apodos, e morrer incomprehendido e vilipendiado.

Que um parasita, um aretino, profissional do insulto pago, como o sordido Thomaz Pinto Brandão, degredado para a Bahia e para Angola, o haja feito, perfeitamente!

Que podia a sua ignorancia chapada perceber da magnitude, do alcance das experiencias de agosto de 1709?

Do mesmo jaez eram os Christovam Silva, e demais anonymos, aggressores do misero inventor incomprehendido.

E o abocanhador posthumo, Pedro de Azevedo Tojal, insosso, e obsceno, rezava pela mesma cartilha dos seus abandados. A insulsez de sua metrica miserrima só vale como nova mostra de quanto é capaz a mesquinhez da inveja incommensuravel.

Vieram porém os annos da reparação.

Decorreu esta lenta mas firmemente, incansavel persuasora em sua obra de justiça, trazendo a sedimentação do esforço da Historia contra as protervias e infamias da Inveja e da Calumnia.

Freire de Carvalho, Francisco Recreio, Fernandes Pinheiro, (Visconde de S. Leopoldo), Francisco Adolpho de Varnhagen, Ferdinand Denis, o Visconde de S. Romão, Bal-

thazar Wilhelm, Augusto Felippe Simões, Brito Rebello. Manuel Maria Rodrigues, Vieira Fazenda, para só nomearmos os mortos mais notaveis dessa fila de paladinos, não esmoreceram na obra de reabilitação da clamorosissima injustiça.

Um dos mais extraordinarios sabedores da historia portugueza e uma das maiores glorias das letras lusas, dá o seu assentimento a esta campanha, declarando, solennemente, em que Bartholomeu de Gusmão “sabão e illustre” enxergava o maior homem que o seculo XVIII dera a Portugal.

Assim se exprimiu Camillo Castello Branco...

Nos annos de nosso seculo prosegue a carreira do facho symbolico com a clara, lucida e segura apresentação do memorial dos direitos de Gusmão, realizada por Gustavo Tedeschi Corrêa Neves, e os resultados das pesquisas valiosas do Marquez de Faria sobretudo no Archivo Vaticano.

Surge-nos agora a divulgação da *Gazeta* de Soares da Silva, inestimavel serviço prestado pelo Sr. Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga, e ao publico assignalado pelo applauso eloquente de Julio Dantas.

Surge inesperado o depoimento de Martello incontestavel e incontrastavel, descoberto por Venturini aniquilador de qualquer authenticidade attribuível á esdruxula estampa mystificatoria da *Passarola*.

E cabe-nos agora a primazia de apontar ao publico uma circumstancia da mais alta relevancia: ás experiencias de 1709 assistiu e sobre ellas depoz nada menos que um Summo Pontifice.

Declarou Innocencio XIII que o aerostato elevou-se aos ares e depois incendiou-se.

Será necessario invocar-se testemunho mais eminente do que o de um Papa?

Resta que os “advogados do Diabo”, diversos delles de attitudes positivamente erostratomaniacas, envolvidos na causa da reabilitação dos meritos e direitos do *Voador*. cessando arreganhos desfrutaveis e inoffensivos, effectiven

as ameaças das bravatas até agora totalmente virtuaes, em sua innocuidade basofia e toleirona.

Já algumas dellas datam de annos e annos! Porque não as levam a cabo? Que esperam ainda?

Venham a campo! destruam as conquistas antigas e recentes, dos defensores da prioridade aerostatica de Bartholomeu de Gusmão! Se é tão facil, para que maior demora?

Mas não o farão! nunca o farão em sua irremediavel impotencia.

Demonstrem a desvalia do facto da ascensão do primeiro aerostato construido no Mundo!

Demonstrem a sua solidariedade com o anonymo do codice coimbrão, e outros luminares da sciencia do seu tempo, a quem causava pasmo a magnanimidade de D. João V. pelo facto de não haver retirado ao inventor o valimento após o fracasso apparente das experiencias da Passarola...

Haveremos, porém, de os ver recorrêr ao unico recurso de que dispõem: o expediente do appello ao insulto que nada prova e só aos imbecis consegue impressionar.

CAPITULO XXXV

A proposito da inauguração do aerodromo Bartholomeu de Gusmão no Rio de Janeiro. Os esforços dos campeões dos direitos de Gusmão. Actuação constante do Marquez de Faria Coronel Correia Neves e seus indefessos companheiros.

Coube, nestes ultimos mezes á gloria de Bartholomeu de Gusmão, nova e a mais larga e valiosa das consagrações. Terá, certamente, mundial repercussão, pelo menos nos circulos em que se cogita da navegação aerea e sobretudo aerostatica.

Esta imposição do nome do immortal brasileiro ao magnifico aerodromo do Rio de Janeiro, preito do Governo em nome da Nação, á memoria do infeliz Precursor, primeiro inventor americano, immenso fará em prol da defesa dos ainda hoje conculcados direitos, do magestoso e vilipendiado vulto, á incontestante prioridade aerostatica que clamorosamente lhe assiste.

Obrigará a opinião publica universal a meditar sobre as razões que levaram o Governo do Brasil á escolha destes appellidos. Mais uma vez se ventilará um assumpto que já diversas vezes provocou seria e apaixonada controversia, e o exagero das opiniões favoraveis e desfavoraveis ao immortal santista.

Verificar-se-á novamente que, perante os termos formaes dos documentos de 1720, os de Pier Jacopo Martello, adduzidos por Galileu Venturini, em sua excellente obra *Da Icaro e Montgolfier*, ninguem mais, por menor que lhe seja

o pendor á bôa fé, poderá tomar a serio o valor da estampa mystificatoria da *Passarola*, desgraçadamente inventada e divulgada pelo proprio Gusmão, para a ruina dos seus creditos perante a posteridade. Sinistra nefastissima brincadeira!

Removido este terrivel obice, de modo insophismavel, subsistem intactos os cinco documentos concordantes das experiencias de 1709, dos ensaios com o balão de São João, o globo precursor da *montgolfière*: os depoimentos successivamente descoberto e divulgados em 1843, por Freire de Carvalho; em 1868 por Augusto Felipe Simões; em 1898, por Manuel Maria Rodrigues; em 1913, pelo Marquez de Faria; em 1934, pelo Coronel Costa Veiga.

Depoimentos estes devidos a testemunhas absolutamente insuspeitas como o Beneficiado Francisco Leitão Ferreira e José Soares da Silva, membros da Academia Real de Historia Portugueza, Salvador Antonio Ferreira, chronista portuguez de principios do seculo XVIII, e o anonymo do codice 357, da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, aliás encarniçado detractor de Bartholomeu Lourenço.

E mais! por um Summo Pontifice, o Cardeal Conti Nuncio em Lisboa e futuro papa Innocencio XIII, ainda uma vez o lembramos.

La légende ténace, como a classificou imprudentemente, J. Lecornu, em sua *La Navigation Aérienne* passou a assumir os foros do irrevogavel decreto da Historia.

Muita cousa ha ainda a descobrir-se da vida e dos trabalhos de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Muito ainda hão de revelar os archivos a seu respeito.

Quando menos se esperava surgiu novo e esplendido depoimento em seu favor, disto ha apenas tres annos, o da *Gazeta em forma de diario*, de Joseph Soares da Silva. Ha um periodo da biographia do inventor, o de 1713 a 1716, extraordinariamente nebuloso, o do seu afastamento de Portugal, e permanencia, positiva em Hollanda duvidosa ainda em França e Inglaterra.

Esperemos que o baptismo do aerodromo fluminense provoque intensa reviviscencia das pesquisas gusmanicas nos archivos europeus.

Erudito ensaista francez, o Sr. Julio Duhem, da Escola Normal de Montpellier, ha bastante annos estuda o caso da prioridade dos Montgolfier em face das pretensões bra-sileiras e outras.

Depuis longtemps j'étudie passionnément cette ques-tion, escreveu-nos, a 25 de julho de 1936, solicitando um dos nossos livros sobre Bartholomeu Lourenço.

O Conde de Klinckowstroem, illustre fidalgo bavaro, que supponos recentemente fallecido, aliás, nobre e lealis-simo adversario dos direitos do nosso compatriota, conti-nuava, em 1935, a estudar e comparar os factos relativos aos precusores da navegação aerea, conforme nos relatou em carta de principios daquelle anno.

Pensamos que esse contendor, recto probo e prudente, não haja conhecido o documento desvendado pelo P. Gali-leu Venturini, o illustre jesuita a quem nos referimos.

Aos formidaveis pesquisadores germanicos, a quem tanto chamam a attenção, as cousas da marcha magnifica das suas immensas aeronaves transatlanticas, não deixará de impressionar o facto do aerodromo fluminense, o maior do mundo actualmente, ter recebido o nome que lhe foi imposto, por verdadeiro decreto da Justiça e da Verdade conjugadas.

Assim esperemos que alguns delles voltem os esforços infatigaveis e lucidos para a ventilação completa de mal esclarecido assumpto. Mal esclarecido entende-se em seus pormenores, pois é indestructivel em seu arcabouço, em suas linhas rigidias e indeformaveis.

Sereno aguardou Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em seu jazigo humilimo de Santa Leocadia e São Romão de Toledo “a Justiça de Deus na voz da Historia” para a qual grandiosamente appellaria, pouco mais de seculo e meio, após o seu desaparecimento, o seu augusto magnanimo e

inmortal compatriota, o Grande Imperador, gloria purissima não só do Brasil como da Humanidade.

Caibam ao Exmo. Sr. Presidente da Republica, e ao seu digno Ministro da Viação, os mais calorosos parabens pela decisão tomada. E justiça se complete estendendo estas felicitações a quem desde muito por ella vinha propugnando, quer pelas columnas da imprensa, quer pelos seus excellentes trabalhos em volume: — o Sr. Dr. Trajano Furtado Reis, digno Director do Departamento da Aeronautica Civil.

Foram os delegados da Nação Brasileira reconhecida, esses referendarios de um decreto do mais alto espirito de equidade.

Em nome dos defensores numerosos dos direitos postergados de Bartholomeu de Gusmão, os do Brasil e os de Portugal, tomamos a liberdade de lhes endereçar a expressão de nossa **gratidão**.

Entre os mais ardorosos e efficientes dos membros do grupo portuguez acha-se o Marquez de Faria com quem desde alguns annos temos o prazer de manter constante contacto epistolar.

Enfermo ha mezes, embora agora felizmente em via de restabelecimento, o illustre gusmanologo, que tanto fez em prol da memoria do *Padre Voador*, ardorosamente continuou a interessar-se por um assumpto que durante dezenas de annos o apaixonou.

Sabendo que tinhamos em mira consagrar uma das salas do Museu Paulista á exposição exclusiva de objectos que evocassem a figura do primeiro inventor americano, remetteu-nos avultado e valioso material de livros, estampas e documentos variados da preciosa collecção que longa, paciente e custosamente organizara. Já lhe deviamos aliás a comunicação da curiosissima estampa italiana de 1709 "*Barca che naviga per l'aria seiscento miglia par giorno inventata l'Anno presente in Portogallo per trasportar ogni Merce*" documento que o Professor J. Duhem reputa da mais extrema raridade. Assim igualmente (além dos seus tres volumes sobre a *Academia Bartholomeu de Gusmão*, onde ha

muitas e preciosas achegas como o depoimento do Nuncio Apostolico enviou-nos o illustre titular os interessantes commentarios ineditos do Padre Hímalaya — outro defensor acerrimo dos direitos de Gusmão — sobre uma interpretação a dar-se á falsa estampa da *Passarola*, etc.

Convem lembrar que este sacerdote, homem intelligentissimo, dotado de larga cultura scientifica e invulgar pendor inventivo, falleceu antes de conhecer a descoberta do Padre Venturini, invalidadora, por completo de tal estampa mystificatoria, frisemo-lo novamente.

Recluso em virtude da enfermidade assim mesmo o Marquez de Faria não se descuidou do seu *laboremus semper pro Gusmão*.

Indefessos companheiros dão-lhe assistencia, homens do valor dos Srs. Tenente Coronel Gustavo Tedeschi Corrêa Neves, autor entre outros reputados ensaios da optima monographia de analyse das experiencias de 1709; Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, Director do Archivo Historico Militar Portuguez, autor de numerosas monographias tão eruditas quanto de agradavel leitura como sejam: *O Exercito Portuguez*, (na Encyclopedia dos Irmãos Lello); *A Legião Polaca da Rainha Dona Maria Segunda. Cartas do Conde de Raczinski a Ferdinando Desio. Subsídios para um dictionario bibliographico dos calligraphos portuguezes. Rêlações entre Portugal e a Tchecoslovachia, Joaquim Raphael, pintor portuense*, etc; Major Aviador José Pedro Pinheiro Corrêa, autor de diversos estudos de analyse gusmanica, pela imprensa portugueza, Dr. Carlos Alberto Ferreira, grande erudito e magnifico sabedor dos recursos da Torre do Tombo de que é archivista, Dr. Ludovico de Menezes, escriptor goense que tem em elaboração uma biographia do *Voador*.

Afastado de Lisboa mas nem por isto menos em contacto com os esforços dos gusmanophilos acima citados vive no Porto (de cuja Bibliotheca Municipal é o chefe do riquissimo cartorio dos manuscriptos) o Dr. Arthur de Magalhães

Basto, bello escriptor que á erudição consummada reúne tão vivas qualidades de estylista, reputado camonologo e autor da monumental *Historia da Santa Casa de Misericordia do Porto*. lembremo-lo ainda.

Sobre Bartholomeu Lourenço tem divulgado excellentes novidades, obtidas graças a aturadas pesquisas em seu grande acervo cartorario. Entre outras lhe devemos a esplendida critica dos processos de composição historica do *Voador*, além da communicação de diversas peças ineditas importantes.

Outro erudito portuguez, do mais alto valor, a quem tambem se deve valiosa e recente contribuição para a biographia de Gusmão é o Sr. Prof. Joaquim de Carvalho, nome tão reputado quanto querido nas letras luzas, como é desnecessario recordar.

Emquanto dirigia a Imprensa da Universidade de Coimbra publicou a curiosa: *Descripção burlesca de um imaginario aerostato e outras satyras ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão* (1935).

Entre tão bons e nobres batalhadores, de tão bôa e nobre batalha, vive o Marquez de Faria. Jamais se esquece do que tanto o tem preocupado nestes ultimos trinta annos, fundador que foi daquella *Academia Aeronautica Bartholomeu de Gusmão*, que tanto trabalhou em pról da bôa causa. Tinha séde em Paris e a persistencia de sua actuação prestou relevantes serviços á defeza dos direitos de Bartholomeu Lourenço.

O Marquez de Faria, brilhante diplomata, erudito genealogista e monographista do Prior do Crato e sua descendencia, bibliophilo de alta reputação, autor de bellos estudos camoneanos, historicos e geographicos, pesquisador, cheio de faro, dos archivos europeus, em defeza da gloria portugueza empregou apaixonadamente o tempo e os esforços em prol da obra de reparação devida ao *Voador*.

Nada mais justo pois do que a concessão que o Presidente da Republica e seu Ministro das Relações Exteriores

lhes fizeram da commenda do Cruzeiro ao illustre portuguez que ha tantos annos incansavelmente, vem se batendo em prol da rehabilitação dos creditos scientificos de nosso immortal compatriota Justo é que se estenda tal mercê a seus dignos companheiros de campanha sobretudo ao Snr. Coronel Corrêa Neves. Direito lhes cabe ao nosso *Benemerentium premium*. E' exacto que tambem compartem da gloria de Gusmão, como portuguez que o *Voador* era. Mas pensamos que ao governo do Brasil ficará sobremodo elegante este gesto de agradecimento, em nome da Nação do ramo luso a que mais intimamente pertence o vilipendiado inventor de 1709.

COMPLEMENTOS À BIOGRAPHIA DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

I

Como tenhamos avançado a hypothese de que depois de 1713 haja o Voador sempre usado o nome de Gusmão, accusou-nos o Snr. Dr. Ludovico de Menezes de um cochilo homerico.

E' esta iucrepação, aliás de boa fé, inteiramente injusta.

“Em que se fundou para tanto o Sr. Affonso de E. Taunay? Em uma informação que foi dada ao Sr. Marquez de Faria pelo zeloso investigador Sr. Carlos Alberto Ferreira. Consta da de um volume de manuscritos, contendo varios assumptos, que existe na Bibliotheca da Ajuda, Ms. n. 49 — III — 66, cujo frontespicio vou reproduzir em seus dizeres, porque muito convem que assim se faça para corrigir uma distração do Sr. Affonso de E. Taunay.

Miscelanea

Poetica

de

Obras de diversos Authores:

Humas que vão com o nome delles, conforme foram achadas: Outras q indo sem elles, a todo o tempo, que se descobirão se lhes pode pôr.

Juntas, distribuidas, e escriptas neste volume

por

Antonio Correya Vianna

Lisboa — 1786

Abrindo o volume encontra-se logo na primeira pagina:

Carta, que com o soneto ao diante escreveu o Dr. Miguel de Castro Lara ao Rdo. Pe. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em louvor do discretissimo, Panegirico, que pregou dos Desposarios de S. José em o Convento das Religiosas Bernardas das cidade de Lix.ª em 23 de janeiro do anno de 1713:

Segue-se a carta, que se lê em Marquez de Faria, e depois o soneto com este titulo:

Ao discreto acerto, com q, pregou dos Desposarios de São José, o Pe. Bmeu. Lourenço, clerico do Habito de S. Pedro E.

Sem a diâstracção, o Sr. Affonso de E. Taunay teria immediatamente visto que o autor do soneto, Miguel de Castro Lara, trata o *Voador* em 1713 apenas por *Bartholomeu Lourenço*, e o *Gusmão* que apparece *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, é da autoria do colleccionador do volume, Antonio Correya Vianna, que assim o designou em 1786, como era natural que o fizesse, porque nesta data era já desconhecido pela posposição do appellido de Gusmão”.

Rebatendo a accusação de serio descuido que nos fez o distincto escriptor canarim allegamos que o nosso informante foi o opusculo do Snr. Marquez de Faria onde nada absolutamente se diz sobre a autoria do cabeçalho da poesia, pelo colleccionador de 1786, Antonio C. Vianna.

Não tivemos em mãos o documento original nem suppunhamos que o nome enxertado foi escripto pelo copista.

Assim não poudemos aproveitar a contribuição do douto gusmanologo senão através de pequenas noticias da imprensa portugueza devida á gentileza e obsequiosidade de dois correspondentes sobremodo illustres Mendes Corrêa e Joaquim de Carvalho.

Homens, para quem os minutos distrahidos do trabalho magnifico é verdadeiro sacrificio, ainda acham tempo para obsequiar a quem nada lhes deve!

Assim não ha motivo para o Sr. Dr. Menezes nos corrigir de uma distracção que não commettemos.

Como poderiamos nós ter-nos distrahido se jamais nos cahiu sob os olhos a nota de Antonio Correia Vianna de que só agora vimos a saber por intermedio da descabida censura?

Convidamos S. Ex. a examinar com todo o cuidado o opusculo do Marquez de Faria, fonte unica por nós apontada, para asseverar o que deixamos dito. (*Gusmão, l'homme volant portugais né au Brésil*).

Entende o Sr. Dr. Menezes que só de 1720 em diante é que Bartholomeu foi officialmente Gusmão, apesar de já assim ser designado no rosto do Sermão do *Triduo* pregado em Coimbra a 9 de janeiro de 1918.

Será crime que se desse a lume obra impressa, trazendo, como designação do autor, os nomes Bartholomeu Lourenço de Gusmão quando este só se chamava Bartholomeu Lourenço!

Parece nos arrojada a defesa de tal these.

Amavelmente se refere o Dr. Menezes ás pesquisas que nos archivos brasileiros realizamos para a nossa biographia. "Bem estão por nos ouvir ministrar informações de valor, absolutamente ineditas, para nós portuguezes, informações que tanta luz vem lançar sobre a biographia do *Voador*, preenchendo as lacunas que nella havia" commenta generosamente o erudito reparador.

Proseguindo avança o seguinte: "Mas no que o estudo do Sr. Affonso de E. Taunay dependeu de documentos e investigações em Portugal é de muita pobreza.

Não por culpa do Sr. A. de Taunay mas dos proprios escriptores portuguezes, que, para o caso escassos dados fornecem. E estes mesmos tão cheios de erros que não ha

confiar nelles para se poder traçar com segurança e exactidão o quaдро integral da vida do eminente homem”.

“Erros que as descobertas ultimamente feitas vêm corrigir, facultando reivindicar para Portugal e Brasil a gloria da prioridade da navegação aerea, indevidamente usurpada pela França com a empresa dos Irmãos Montgolfier”.

Assim á vista destes reparos queremos explicar aos que no Brasil e em Portugal se interessam pelo assumpto o que pretendemos realizar ao escrever a biographia do *Voador* por instigação generosa de Afranio Peixoto, e o que realmente conseguimos.

Impressionou-nos a falta de um volume coordenador, com certa extensão, das numerosas, e já volumosas, pesquisas esparsas, até agora feitas sobre a vida e a obra de Gusmão. Entendemos fazer a consolidação desses elementos, se ha necessidade de recorrermos a um symbolo juridico. Reunimos quanta biographia nos foi possivel alcançar colleccionando os trabalhos, relativamente antigos, de Freire de Carvalho, Visconde de S. Leopoldo, Francisco Recreio, Ferdinand Denis, Augusto Felipe Simões, Brito Rebello, Innocencio F. da Silva, etc.

Diz o Sr. Dr. Menezes que estão inçados de erros. O que porém é innegavel vem a ser a valia das descobertas que estes illustres precursores da exegese gusmanica realizaram como sobretudo F. de Carvalho, S. Leopoldo, Recreio, Simões, Brito Rebello, Manoel M. Rodrigues, Faria e Costa Veiga.

Tivemos ao mesmo tempo, em nuãos, outras achegas menos importantes, mais e menos importantes, como sejam as contribuições do Visconde de São Romão, A. Jalles, Varnhagen, Benedicto Calixto, Camillo Castello Branco, J. Moedebeck etc.

Dos autores contemporaneos ou quasi contemporaneos muito nos valemos dos achados, escriptos e communicados do Marquez de Faria, Padre Balthazar Wilhelm, Manoel Maria Rodrigues, Padres Himalaya e Rebiumbas, Coronel Cor-

reia Neves, Conde de Klinckowstroem, A. de Gusmão Navarro, Major Pinheiro Correia, Drs. Carlos Alberto Ferreira e Stephen Gaselee, Drs. Rodolpho Garcia, Caio de Mello Franco, Clado Ribeiro de Lessa, Galileu Venturini, etc.

Se estes autores estão cheios de erros esperamos com o maior interesse, que o Sr. Dr. Ludovico de Menezes corrija taes deslizes para que se não induza em engano quem lhes tem até agora a autoridade em alta conta.

Notavel monographia deve ser a sua, a avaliar-se pelo longo periodo de sua gestação que já abrange quiçá uma meia duzia de annos.

Com a contribuição ha tanto promettida pelo escriptor goense esperemos que alem das rectificações fundamentaes acenadas se acrescentem pormenores capitaes, *sensacionaes*, aos traços fixadores da grande biographia do Voador.

Promette-nos o Dr. Menezes magnifica messe de novidades capitaes.

Assim venham as infelizmente tão demoradas revelações e rectificações.

II

A busca nos archivos diplomaticos póde dar-nos resultado.

Nós mesmos fomos beneficiados por um destes achados: o depoimento do representante de Províncias Unidas em Lisboa, e em 1724, relatando a fuga do Voador, documento obtido graças á gentileza e serviçalismo de Caio de Mello Franco, o nosso joven e já illustre diplomata-escriptor.

Quanta cousa nova não nos poderão revelar os archivos diplomaticos? Sobre as experiencias da *Passarola* pouco ha talvez a esperar. Não nos esqueçamos que se realizaram em 1709, no auge da conflagração europea da Guerra da Successão da Hespanha.

Assim não havia em Lisboa, por exemplo, representações da França nem da Hespanha e todas as atenções se volta-

vam para as angustias do momento militar gravissimo do anno de Malplaquet. Haja visto o que nos conta a preciosa correspondencia de Cunha Brochado divulgada por Joaquim de Carvalho.

Dahi as deficiencias que hão de apresentar os esperados depoimentos diplomaticos.

Mas seja como for ainda bastante existe a recolher. A contribuição que de Caio de Mello Franco obtivemos é viva demonstração do que ainda poderão denunciar os archivos numerosos, e ainda não explorados, das diversas potencias que mantinham representantes junto á côrte de Dom João V.

Nos ultimos annos fizemos proceder a buscas nos de Veneza, Turim, Florença, Genova, Vienna d'Austria, Roma e Napoles mas infelizmente com rematados nullos, mau grado o serviçalismo dos archivistas a quem recorremos.

Pensamos porém que só um especialista da historia portugueza poderá realisar alguma busca fructuosa nestes grandes acervos.

III

Depois de referir que a *Petição* do Padre Bartholomeu Lourenço a El Rey D. João V, publicada por Simão Thaddeu Ferreira, era extraordinariamente rara, como tambem já então se mostravam escassos os sermões impressos do *Voador*, a dous dos quaes nunca poudera ver, demonstrou Innocencio a apocryphia irrefragavel do millesimo de tal publicação (1774).

Aliás como sabemos, em face da exegese documental recente nenhuma importancia tem este caso da falsa millesimação da conhecida folicula deante das provas irrecusaveis da divulgação do memorial mystificatorio da autoria do proprio Gusmão, pela Europa e desde 1709.

Facto curiosissimo: só em Portugal é que se não imprimiu logo o que se explica perfeitamente: perdurava no espi-

rito publico a impressão do fracasso apparente das experiencias. E o caso, abandonado pelo proprio inventor, a ninguem mais interessava.

V

Por occasião das festas commemorativas do primeiro centenario de nossa Independencia Nacional inaugurou-se, como já dissemos, o monumento erecto pela cidade de Santos em memoria do Voador. Collocou-se, ao mesmo tempo, na fachada de uma casa da rua de Santo Antonio, ou de Commercio, uma placa de bronze com os seguintes dizeres:

*Neste solo existia a primitiva casa em que
Nasceu o grande brasileiro.
Bartholomeu Lourenço de Gusmão,
O precursor da aviação
Homenagem da Camara Municipal de Santos
Em 7 de setembro de 1928*

Muito mais exacto fora que na lapide se houvesse inscripto aerostação em lugar de aviação, lembremo-lo de passagem.

Pouco divulgada como ainda é a lingua portugueza não tiveram os circulos scientificos universaes conhecimento dos documentos capitaes em que se baseiam os direitos, para nós inconcussos, de Gusmão, á prioridade aerostatica.

Resolvemos pois fazel-os traduzir para o francez, o inglez e o allemão, attendendo assim ás reclamações muito justas de estudiosos dos primordios da aerostatica, como, entre outros, o Conde de Klinckowstroem.

Queremos aqui deixar consignado o nosso maior reconhecimento aos amigos Snrs. Profs. Joseph M. Brennan e Frederico Lange de Morretes pelo grande auxilio que nos prestaram, com tamanha gentileza quanto serviçalismo, vertendo para o inglez e o allemão os documentos a que nos referimos.

A' Exma. Snra. D. Adelina Pereira Pinto Calogeras muito agradecemos, igualmente, a gentileza dos excellentes reparos apresentados aos textos francezes.

BARTHELEMY LAURENT DE GUSMAO

(1685-1724)

Barthélemy Laurent de Gusmão, premier inventeur américain, naquit à Santos (Brésil), vers la fin de décembre de 1685. Son père était un chirurgien militaire portugais et sa mère une brésilienne de vieille souche, descendante des premiers colons du Brésil.

Il fit ses premières études dans sa petite ville natale et vers 1697 il partit pour le séminaire jésuitique de Belem à Bahia. En 1701 il se démit de la Compagnie de Jésus, préférant plutôt être prêtre séculier.

Dès son enfance il donna des marques extraordinaires de talent et d'aptitude pour les sciences. Doué d'une mémoire absolument prodigieuse il put, encore adolescent, faire preuve d'une érudition tout à fait au dessus de son âge.

En 1701 il visita Lisbonne où il émergea tout le monde par ses talents et son savoir d'enfant prodige.

Revenant au Brésil, à Bahia, pour compléter ses études, et recevoir les ordres du presbytérat il inventa un système de pompes qui donna les meilleurs résultats pour l'approvisionnement d'eau de son séminaire placé sur une forte éminence au dessus des sources.

Ordonné prêtre il partit pour le Portugal, dans les premiers mois de 1709, imaginant construire un appareil aérostatique basé sur les effets de la dilatation de l'air surchauffé.

Le roi Jean V lui accorda une protection signalée, le brevet qu'il lui demanda, et les moyens de réaliser avec un petit ballon, en août et en octobre 1709, des expériences

ont les résultats furent positifs comme démonstration scientifique mais insignifiants sous le rapport des promesses contenues dans la pétition de l'inventeur pour son privilège.

Agissant dans un milieu scientifiquement nul et incapable de comprendre la portée de ce qui avait été réalisé par l'ascension de la petite montgolfière, dans les essais du 8 août et du 3 octobre 1709, Gusmão se vit bafoué d'une façon absolument cruelle par la cour et par la ville, devint le but d'une quantité innombrable de satires, et se sentant faible renonça à continuer ses expériences, d'autant plus que le Portugal se trouvait, à ce moment là, sous la pression de graves événements militaires, déterminés par l'année critique de 1709.

Dès lors on lui attribua le sobriquet de *Padre Voador* (le Prêtre volant).

Le jeune roi continua, cependant, de lui donner des marques de sympathie. Il fut un des prédicateurs de la Maison Royale, l'un des avocats de la Couronne, pour un procès de grande importance et chargé de plusieurs affaires diplomatiques délicates, surtout avec le Saint Siège.

Le Ministère des Affaires Étrangères lui attribua la tâche de traduire la correspondance chiffrée ce dont il s'acquitta d'une façon tout à fait remarquable.

Entretiens il avait conclu ses études théologiques à l'Université de Coimbra et y reçut le grade de docteur en droit canon. En 1720 le Roi le nomma un des cinquante membres de l'Académie Royale d'Histoire Portugaise qu'il venait de fonder, et en 1721 lui donna une charge excellente tout en ennoblissant son père.

Une intrigue de cour, déplorable d'ailleurs, fut la cause de sa disgrâce complète.

Et comme Gusmão s'était montré l'ami et le commensal de plusieurs juifs brésiliens résidant à Lisbonne et surveillés par les vues soupçonneuses de l'Inquisition les dirigeants de cette institution redoutable profitèrent de l'occasion pour parachever sa ruine.

Pris de panique Gusmão réduisit en cendres les volumineux papiers qu'il gardait chez lui et le dossier de son invention et vers la fin de septembre 1724 s'enfuit en Espagne. avec l'invention d'aller se fixer à Paris.

Il arriva à Toledo dans un état de profond dénûment et y mourut d'une fièvre typhique à l'hôpital d'une confrérie, le 19 novembre 1724.

.....

Premier, par ordre chronologique, des inventeurs du Nouveau Monde Barthelemy de Gusmão est incontestablement le précurseur de l'aérostation.

Les cinq témoignages coïncidents que notre mémoire présente, découverts successivement en 1843, 1868, 1898, 1913 et 1934 ne laissent aucun doute à ce sujet.

Il procèdent du cardinal Conti Nonce Apostolique à Lisbonne de 1694 à 1710 et en 1721 élu Pape sous le nom d'Innocent XIII de deux membres de l'Académie Royale du Portugal, F Leitão Ferreira et J. Soares da Silva, du chroniqueur portugais Salvador Ferreira et, finalement, d'un anonyme, détracteur féroce de l'inventeur.

Il est indéniable que Gusmão ait fabriqué un petit aérostat, une petite montgolfière qui s'éleva, de quelques mètres, au dessus du sol, par l'effet de la dilatation de l'air surchauffé que l'appareil contenait.

L'ignorance scientifique du milieu portugais de l'époque ne pût pas attribuer à cette expérience, absolument inédite dans les fastes des sciences physiques, l'importance qu'elle avait.

Quant à ce que plusieurs auteurs ont écrit au sujet d'un voyage aéronautique de Gusmão sur son appareil, ce fait n'a aucune base historique acceptable et se rattache à la légende.

L'image, très répandue d'ailleurs, de l'appareil de Gusmão (et dont la divulgation causa à l'inventeur le plus grand discrédit) est le produit d'une mystification dûe à Gusmão lui même pour tromper des fâcheux. Il la fit publier avant

même le premier essai de son ballon. Elle était connue à Rome et à Vienne, en juin 1709 quand cet essai eût lieu en août suivant.

Le mémoire, plein de ridicules absurdités, qui accompagne cette estampe, en est le complément grossier. L'indiscutable concordance des documents cités ci-dessous, fruit des longues, et parfois pénibles, recherches des champions des droits de Gusmão, démontre toute la valeur de la thèse de ce que l'inventeur brésilien a été l'auteur du premier aérostat et qu'il a fait son ballon s'élever dans l'atmosphère le 8 août 1709.

Ainsi donc Barthélemy de Gusmão est le devancier des frères Montgolfier, qui, d'ailleurs, ignoraient, certainement, ses agissements. Son nom ne peut pas être omis par quiconque qui, de bonne foi désire faire l'histoire honnête de la Science.

PIÈCES À L'APPUI

I

Salvador Ferreira, chroniqueur portugais du XVIII.ème siècle. (Code Ms. de la Bibliothèque Municipale de Oporto n. 15 de la collection comte d'Azevedo.

“Le 6 mai (1709) le Père Bartholomeu Lourenço, brésilien, commença, a Alcantara, à construire sa machine à voler comme on le dira opportunément.

Le 3 août 1709 le Père Bartholomeu Lourenço voulut faire une essai ou une expérience de son appareil à voler. A cet effet il s'établit dans la salle qui est au dessous de la Salle des Ambassades (sc. du Palais Royal de Lisbonne) mais son essai échoua parce que son appareil, dès le debut, prit feu.

Le cinq du même mois le même Père apporta un demi globe de bois mince. Il y avait dedans un autre globe de papier épais. Il alluma au fond de l'appareil, une écuelle où il y avait du feu. Le ballon monta plus de 20 *palmos* (4m40) et comme le feu était bien allumé le foyer incendia le papier, pendant la montée. Et le demiglobe resta par terre sans monter parce que l'expérience échoua.

Et comme le globe allait atteindre le plafond de la salle deux laquais de la Maison Royale accoururent avec des bâtons pour empêcher un désastre éventuel.

Sa Majesté assista à tout cela avec sa cour et plusieurs autres personnes.

Le jeudi 3 octobre le Père Bartholomeu do Quental (Bartholomeu Lourenço veux-je dire) effectua un autre expérience dans la cour de la *Casa da India*, avec sa machine à voler. Celle-ci après avoir monté à une hauteur assez considérable tomba par terre, sans conséquences.

II

Francisco Leitão Ferreira, membre de l'Académie Royale du Portugal "Ephemeride historial chronologica lusitana"
Ms de la Bibliothèque Municipale d'Evora, (Portugal)

“Le 19 avril 1709 le roi Jean V du Portugal accorda un brevet au Père Barthélemy Laurent, cleric d'ordres mineurs, né à Rio de Janeiro (sic) par lequel Sa Majesté lui reconnut, ainsi qu'à ses héritiers le droit exclusif d'employer une machine capable de voyager dans les airs, ce qui sera de la plus grande utilité pour les colonies portugaises.

Nous attendons les résultats de l'essai de cette invention inouïe” En marge du manuscrit se trouve cette note:

“L'essai se réalisa le 8 août dans la cour de la “Casa da India” devant Sa Majesté, de nombreux gentilshommes et d'autres personnes avec un globe qui s'éleva dans les airs doucement jusqu'au plafond de la Salle des Ambassades et descendit de la même façon, enlevé par des substances inflammables à qui l'inventeur fit prendre feu”

III

Lettres du Cardinal Conti élu pape en 1721 sous le nom d'Innocent XIII Nonce à Lisbonne de 1694 à 1710, au Cardinal Secrétaire d'État.

(*Foglietto di avvisi*, tome 67 de la collection *Nunziatura di Portogallo* aux Archives Vaticanes).

“Dans cette ville (Lisbonne) les conversations sont très animées à propos d'une requête adressée au Roi par un prêtre brésilien qui vient de débarquer de son pays. Il prétend avoir inventé une machine volante capable d'enlever dans les airs dix personnes. Sur cette affaire là on écoute les rapports de beaucoup de ministres et de mathématiciens. (Lisbonne, le 19 Avril 1709).

“L'individu qui, comme on l'a déjà raconté, prétend construire un appareil pour voler a réalisé, ces derniers

jours, deux essais avec sa machine, en présence du Roi, ayant fait un globe sphérique léger. Comme, cependant, la force impulsive, ou attractive, semble procéder de certains fluides, ces derniers prirent feu et l'appareil brûla sans s'enlever du sol.

La seconde fois il brûla aussi, après avoir monté à une hauteur de *due canne* (4m66). L'individu en question ayant à cœur démontrer la réalité de son invention est en train de faire un autre appareil plus grand que celui-ci. (Lisbonne, le 16 Août 1709).

IV

Joseph Soares da Silva, académicien de l'Académie Royale du Portugal ("Gazeta em forma de diário" ms. de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne).

Le Roi, un de ces jours ci, assista aux expériences du *Voador* (sobriquet de Bartholomeu de Gusmão) qui dans la salle du Fort au dessous de la salle des Ambassades fit le premier essai de son invention. Il prit un globe de papier, qu'il promit de faire monter dans l'atmosphère quand il lui mettrait dedans une bougie allumée.

Et, faisant comme il l'avait, dit, le globe vola rapidement parce qu'il prit feu et brûla complètement.

C'est pour arriver à ce résultat là que, depuis quatre mois il travaille dans ses ateliers quand il pourrait le faire en quatre heures, ou en vingt quatre tout au plus, comme il le fit avec son deuxième globe, que, le lendemain, il transporta au Palais Royal.

Celui ci, s'il ne prit pas feu, comme son devancier, fit comme n'importe quel autre appareil parce que la lumière ayant épuisé l'air que le globe contenait, l'air ambiant naturel, l'enleva à la hauteur du plafond de la salle.

Et comme il n'était fait que de papier il descendit comme il était monté, sans rien faire de plus. Et cela suffira pour qu'il chemine deux cents lieues par jour et qu'il trans-

porte une charge de quarante *arrobas* (près de sixcents kilos). Si nous n'avions pas vu une telle histoire nous n'y croirions pas!

V

L'anonyme du document du code 537 de la Bibliothèque de l'Université de Coimbra dont l'auteur était un détracteur acharné de Gusmão.

“En effet il (Bartholomeu de Gusmão) essaya non pas son appareil principal mais un modèle réduit qui était une espèce de petite nacelle couverte de banne où il avait mis plusieurs spiritueux, des quintessences et d'autres ingrédients.

Il leur appliqua le feu et dans la salle des Ambassades, devant Sa Majesté et beaucoup d'autres personnes, il fit voler ladite nacelle qui après avoir monté à une hauteur médiocre heurta contre les murs et tomba par terre. Et comme les substances se mêlèrent entre elles la nacelle prit feu et dans sa chute elle brûla un rideau et tout ce qu'elle rencontra de par son chemin.

Et le Roi fut si généreux envers Gusmão qu'il ne le fit pas tomber en disgrâce.

VI

Rapport du marquis de Fontes (le grand bienfaiteur de Barthélemy de Gusmão), ambassadeur du Portugal près le Saint Siège, au sujet du mémorial et de l'estampe de 1709, sur l'appareil de Gusmão, universellement répandus, à l'auteur italien Pier Jacopo Martello (Martello, Opere, Bologne, 1720. Della Volpe, vol. V pag. 375).

“En 1709 il (le marquis de Fontes) n'était pas encore ambassadeur et se trouvait à la cour de Lisbonne. Son fils aîné (le comte de Pennaguião) connaissait très bien Gusmão dont il était l'élève en mathématiques.

En même temps il était la seule personne à qui Gusmão permettait d'entrer dans l'enclos où il construisait sa machine si anxieusement attendue.

Or comme il y avait beaucoup de fâcheux qui assaillaient l'inventeur pour lui arracher des confidences, Pennaguião, un beau jour décida, pour ne point révéler son secret, et pour se libérer de l'importunité de ces curieux, d'écrire la follicule connue qui semblait contenir une description complète de la machine à voler.

Feignant de la laisser s'échapper, par mégarde, de ses mains, il la fit paraître comme si elle était un trésor jalousement gardé, devant ces individus qui se montraient avides de nouvelles.

Les premiers qui parvinrent à s'en saisir, la copièrent, tout en gardant le secret, et d'autres en firent autant. Tout cela arriva parmi les éclats de rire, les plus joyeux, de Gusmão et de son élève.

Et ainsi la follicule, traduite, plus tard, du portugais en plusieurs langues, parcourut la moitié de l'Europe".

BARTHOLOMEW LAURENCE DE GUSMÃO

(1685-1724)

Bartholomew de Gusmão was born in Santos, Brazil, towards the end of December, 1684. He was the son of a Portuguese military surgeon and a Brazilian of an old family of the first Brazilian settlers.

He received his first education in his native village and entered the Jesuit seminary of Belém, Bahia, as a novice. In 1701 he left the Company of Jesus wishing to become a secular priest.

From his earliest childhood he gave numerous proofs of his remarkable intelligence and wonderful memory. In the year 1701 he went to Lisbon where he astonished the intellectual circles with the exhibition of his learning and his talent. He seemed to be a kind of new James Crichton.

Returning to Brazil he finished his studies in Bahia and received the priesthood in the beginning of 1709.

He already had the reputation of being very capable as an inventor, on account of a system of pumps invented by him, with splendid results, for the water supply of his seminary.

In March, 1709, probably, he arrived in Lisbon, wanting to build an aerostatic apparatus invented by him, which employed the effect of air expansion. Being very well received by King John the Fifth, he took out a patent and on August 8th and October 3rd., 1709 before the sovereign and his Court made experiments with his balloon, a little *mont-golfière* that ascended a few metres in the air.

The results were infinitely less than the promises of the inventor in his written application for a patent to the King. Living in an environment scientifically null, incapable of understanding the import of what was obtained with his unheard of invention, Gusmão was the butt of a terrible series of attacks covering him with discouragement, insults, and ridicule and, as he was timid, he did not recommence his experiments. From that time he was universally called by the nickname *Padre Voador* (the Flying Priest).

Always enjoying the friendship of John V, he was, therefore, one of the court preachers and one of the crown barristers for important processes. In the meantime he had finished the courses of the University of Coimbra where he received the degree of doctor in canon law.

He was appointed to the Foreign Office and took over the very important task of deciphering the diplomatic code correspondence and the charge of some delicate affairs.

In 1720 he was appointed by John the Fifth one of the members of the new Royal Academy of Portuguese History; the following year he received a large annual allowance and his father was ennobled.

A court intrigue, moreover disagreeable for his reputation, in which he took part, ruined his brilliant position in the King's favour. And as he had the imprudence to be the friend of several Brazilian Jews exiled in Portugal, and watched by the Inquisition, he was sought by this redoubtable tribunal. Panicstruck he burned all his papers and fled to Spain at the end of September, 1724. He arrived in Toledo in a state of great poverty, became seriously ill, and died in the following 19th November in the hospital of that town.

Bartholomew de Gusmão was the first American inventor. When he realised his experiments, Benjamin Franklin was only three years old. He is incontestably the forerunner of aerostatics. The five concurring proofs that this book

presents were gradually discovered in the Portuguese and Italian archives in 1843, 1868, 1898, 1913 and 1934 and they leave no doubt on this matter.

They come from two academicians of the Royal Academy of Portuguese History, two very well known writers Leitão Ferreira and Soares da Silva, from the Apostolic Nuncio in Lisbon, cardinal Conti (pope Innocent XIII), the Portuguese chronicler Salvador Ferreira, and from an anonymous and violent enemy of the inventor.

It is impossible to deny that Gusmão made a paper balloon, a small *montgolfière*, that ascended some metres, by the heating of the air that it contained. The ignorance of the spectators was such that they could not grasp the tremendous importance of this experiment, absolutely new in the annals of Science.

Regarding what some authors affirm, namely that Gusmão realised an ascension in his balloon, it is necessary to explain that there is no contemporary documental proof of it.

The well known and absurd figure of his balloon that did so much harm to his scientific reputation was the result of a joke.

- It was invented by Gusmão himself and printed before the first experiments in Lisbon, August 1709, and reproduced in Rome and Vienna, in May and June, 1709.

The agreement of the five testimonies quoted above, found after arduous researches proves, without possible contestation, that Bartholomew de Gusmão made the first aerostat and effected its first ascension on August 8, 1709.

He was the precursor of the brothers Montgolfier and his name cannot be omitted by anyone that wants to write the History of Science, honestly.

DOCUMENTS

I

Salvador Ferreira, a Portuguese chronicler of the eighteenth century.

(Ms. code of the Municipal Library of Oporto, n. 15 of the collection of Count Azevedo).

“On the 6th. of May, Father Bartholomeu Lourenço, a Brazilian, began, in Alcantara, to build his machine for flying in the air, as we shall say opportunely.

On the 3rd. of August, Father B. Lourenço, wanted to make a trial of his invention for flying. For that purpose he went to the hall under the hall of the Embassies, but the experiment failed because the machine took fire at the very start. On the 5 th. of the same month he came with a thin wooden hemisphere, supporting a thick paper globe and carrying a bowl in which there was fire.

The paper globe ascended nearly fifteen feet, and took fire, but the wooden hemisphere remained on the ground, so the experiment was a failure.

When the paper globe reached the ceiling two lackey of the Royal Household hastened with sticks to prevent possible damage.

His Majesty, his Court and several persons were present.

On Thursday, the 3rd. of October, 1709, Father Bartholomeu do Quental (I mean, Bartholomeu Lourenço) made another experiment in the courtyard of the Casa da India with his flying machine, which rose to a rather considerable height and then descended without mishap.

II

Francisco Leitão Ferreira, Member of the Royal Portuguese Academy in his "Ephemeride historial chronologica lusitana".

Ms. of the Bibliotheca Publica (Public Library) of Evora (Portugal): "On April 19, 1709, King John V of Portugal issued letters patent to Father Bartholomeu Lourenço, a cleric in minor orders, born in Rio de Janeiro (sic) by which His Majesty granted to him and to his heirs the exclusive right to use a machine capable of navigating in the air, and which would consequently be of greatest utility for the Portuguese Colonies.

We are awaiting the results of the trial of this unheard of invention".

On the margin of the manuscript is the following annotation: "The trial took place on August 8, 1709, in the courtyard of the *Casa da India*, in the presence of His Majesty and of a numerous audience of nobles and others, with a globe that rose gently to the ceiling of the Hall of the Embassies and descended in the same manner, moved by some inflammable material which the inventor lighted".

III

Cardinal Conti, (Pope Innocent XIII), the Apostolic Nuncio in Lisbon, (1694-1710) in his letters to the Cardinal Secretary of State.

(Archives of the Vatican vol. 67 of the collection *Nunziatura di Portogallo*).

In this town there is intense interest in a petition addressed to the King by a Brazilian priest who has just arrived from his country.

He pretends to have invented a flying machine capable of suspending ten persons in the air.

On that subject many ministers and mathematicians have been already heard.

(Lisbon, the 19th. April, 1709).

The person who, as I have already written, pretends to have built a flying machine, made two experiments with his apparatus, one of these days before the King with a light globe.

The propulsive or attractive force seems to proceed from some fluids and, as these took fire, the machine was burned without leaving the ground.

It burned the second time, also, although after having ascended to a height of two “*canne*” (more than fourteen feet).

The inventor, wanting absolutely to prove that his invention is a reality, is now building another and larger engine.

(Lisbon, the 16 th. August, 1709).

IV

Joseph Soares da Silva, member of the Royal Portuguese Academy, and the author of the “Gazeta em forma de Diario” a chronicle of the beginning of the eighteenth century, Ms. belonging to the National Library of Lisbon and partially printed.

“The King was present recently at the experiment of the “Voador” (The flying priest, nickname of Gusmão) who wanted to make the first trial of his invention in the Hall of the Forte, under the Hall of the Embassies.

He took a paper globe that he promised to make ascend in the air by putting a lighted candle inside.

He did what he had said, and the globe rose rapidly, because it took fire and was completely burned.

It is for such a result that he spent four months working in his workshop!

He could have done it in four hours, or, at least, in twenty-four hours, as he did with his second globe that he brought the next day, to the Royal Palace.

This one did not burn, like its predecessor, but acted like any common machine, because the fire, having exhausted the air contained in the globe, carried it to the hall ceiling, and as the globe, was made of paper, it came down as it had ascended without further incident.

And that is enough for us to believe that it can travel two hundred leagues a day, transporting a load of forty arrobas (about, 1250 pounds)!

If we had not witnessed this experiment, we could not believe it!”

V

The anonymous writer of the document belonging to the code 357 in the University of Coimbra's Library, whose author was an implacable detractor of Gusmão

“In fact he (Bartholomeu de Gusmão) made the experiment not with his principal apparatus but with a small model of it, that was a kind of little car, covered with an awning in which he had mixed several spirits, essences and other ingredients.

He lighted them and, in the Hall of the Embassies, before His Majesty, and many other persons, he made the little balloon-car fly.

It ascended to a moderate height and after striking against the walls fell to the ground.

The flames set fire to the car and in its fall it burned a curtain and all it found in its way”.

VI

Testimony of the Marquis of Fontes (ambassador of Portugal to the Holy See, and the boldest of Gusmão's protectors) regarding the description and the engraving of 1709, representing the apparatus of the Brazilian inventor, universally known.

From the Italian author Pier Jacopo Martello (See Martello's *Opere* Bologna, 1720. Della Volpe vol. V pag. 375).

In the year 1709 he, (the Marquis of Fontes), was not yet ambassador and he remained at the Portuguese Court. His eldest son (the 8th. Count of Pennaguião) knew Gusmão very well, being his pupil in mathematics. He was the only person to whom the inventor allowed entrance into the enclosure where he was building his anxiously awaited machine.

As the number of troublesome people was very considerable, attempting to surprise his confidences. Pennaguião on a certain day, desiring, absolutely, not to reveal the secret and wanting to rid himself to the importunity of those disagreeable and prying persons, decided to write a leaflet that seemed to contain a complete explanation of his machine.

Pretending to let it out of his hands, by inadvertence, he gave the impression that it was a treasure jealously guarded from people greedy of news.

The first who succeeded in getting copies kept them in great secret and others imitated them.

And all this took place to the great amusement of Gusmão and his favourite pupil.

Then, the leaflet translated into several languages was circulated over half of Europe.

BARTHOLOMÆUS LORENZ DE GUSMÃO

(1865-1724)

Bartholomæus Lorenz de Gusmão wurde in der zweiten Haelfte des Dezembers 1685, in Santos geboren, als Sohn eines portugiesischen Militaer-Chirurgen und einer Brasilianerin aus alteingessener Familie.

Nach Beendigung einer Vorschule in seiner Heimatstadt, setzte er das Studium im Jesuitenseminar zu Belen in Bahia fort als Novize der Gesellschaft Jesu, von welcher er sich 1701 lossagte, um sich als Weltgeitlicher zu ordinieren.

Von fruehester Jugend an zeichnete er sich durch hervorragende Begabung und aussergewoehnliches Gedaechnis aus. 1701 siedelte er nach Portugal ueber, woer durch seine Bildung und die Lebhaftigkeit seines Geistes den Eindruck eines Wunderkindes erweckte.

Nach Brasilien zurueckgekehrt, beendete er in Bahia seine Studien, ordinierte sich Ende 1708 oder Anfang 1709 und beabsichtigte nun an der Universitaet Coimbra die Doktorwuerde in den Canonischen-Rechten zu erwerben.

Schon in der Kindheit zeigte er eine wirklich erfinderische Ader und eine lebhaftige Neigung fuer die Wissenschaft. Schon als Student in Belem erdachte er ein neues System von Druckpumpen fuer Wasser, welches glaenzende Resultate erzielte.

Anfang 1709 reiste er nach Portugal mit der Absicht einen aerostatischen Apparat zu bauen, welcher auf Ausdehnung der in einer Huelle befindlichen Luft beruhte. Von Koenig Johann d. V. unterstuetzt, verfertigte Gusmão das Modell eines Ballons, dessen positive Resultate, was die Ausfuerbarkeit des Versuches betraf, sich unvergleichlich

minderwertiger zeigten als diejenigen, welche der Erfinder in einem Gesuch um ein Privileg versprach.

In einer Umgebung arbeitend, die weder wissenschaftliche Bedeutung besass, noch die Tragweite seiner Versuche von 5. und 8. August, sowie vom 3. Oktober 1709 ermessen konnte, sah er sich bald dem Spott und der Laecherlichkeit ausgesetzt. Das bewog ihn auch von weiteren Versuchen Abstand zu nehmen. Es blieb ihm aber der Spitzname: "Der fliegende Pater".

Mit der Freundschaft seines Monarchen ausgezeichnet, ward er Prediger des Kgl. Hauses und einer der Advokaten der Krone. In einem grossen Wettbewerb erlangte er die Doktorwürde im Kirchenrecht. Er arbeitete nun im Ministerium des Aeusseren, wo er Geheimschriften uebersetzte, immer den Beweis starker Begabung und grosser Kenntnisse erbringend. Von Tag zu Tag steigerte sich sein Ansehen am Kgl. Hof und Koenig Johann V. ernannte ihn 1720 zum Mitglied der Kgl. Akademie der portugiesischen Geschichte, sicherte ihm eine hohe Pension und liess 1721 seinen Vater in den Adelsstand erheben.

Eine, wenig anstaendige Intrige am Hof, in welche er sich verwickelte, schaedigte seine glaenzende Situation als Hoefling. Da er zu brasilianischen Juden, die in Portugal unter Aufsicht standen, lebhaft Beziehungen unterhielt, benutzte die Inquisition dieses als Vorwand um ihn zu verfolgen.

Von einer Panik ergriffen, verbrannte Gusmão sein ganzes Archiv und floh nach Spanien. In einem erbaermlichen Zustand erreichte er Toledo, wo er im Krankenhause am 19. November 1724 einem Typhusfieber erlag.

Gusmão, der erste in der Neuen Welt geborene Erfinder, war unstreitig der Vorlaeufer der Luftschiffahrt.

Die fuenf uebereinstimmenden Aussagen, die in diesem Bande angegeben werden und nach und nach 1843, 1868, 1898, 1913 und 1934 entdeckt wurden, lassen darueber keinen Zweifel bestehen.

Sie stammen von zwei Akademikern der Kgl. portugiesischen Akademie, Leitão Ferreira und Soares da Silva, vom apostolischen Nunzius in Lissabon Cardinal Conti (Papst Innocenz XIII) vom portugiesischen Schriftsteller Salvador Ferreira und schliesslich von einem dem Erfinder sehr feindlich gesinnten Anonymen.

Es kann keinen Zweifel darueßer geben, dass Gusmão eine Kugel aus Papier anfertigte, eine kleine *Montgolfière*, welche sich infolge der erhitzten Luft, die sie effschloss, einige Meter ueber den Boden erhob.

Aber der Bildungsmangel seiner Umgebung legte dem hochwichtigen Experiment Gusmãos, das im Reiche der physikalischen Wissenschaften, vollstaendig neu war keinen Wert bei.

Die Aussagen einiger recenter Autoren, dass Gusmão eine aeronautische Exkursion vollfuehrt habe finden nicht den geringsten glaubwuerdigen geschichtlichen Beweis.

Das Bild der volkstuemlich gewordene *Passarola*, das der Glaubwuerdigkeit des Erfinders soviel Schaden verursachte und das Aussehn des Luftschiffes Gusmãos wiederzugeben beabsichtigte, scheint das Werk eines Spoetters zu sein, der es schon vor dem ersten Experiment Gusmãos veroeffentlichte, denn schon Anfang Juli 1709 wurde es in Rom und Wien publiziert.

So ist auch eine Abhandlung voller Albernheiten, die mit dem Bild illustriert wurde, ein gefäelschtes Werk.

Die Uebereinstimmung der obenerwaehten Aussagen, die muehsam durch eine Reine von hartnaeckigen Untersuchungen aus Tageslicht gebracht wurden, lassen keinen Zweifel mehr bestehen, dass Bartholomeu de Gusmão den ersten Luftballon herstellte und ihn am 8. August 1709 in die Luefte steigen liess.

Er war der Vorlaeufer der Gebrueder Montgolfiër und sein Name als Vorlaeufer der Luftschiffahrt, kann nicht von denen, die mit ehrlichen Absichten Geschichte der Wissenschaft schreiben, vergessen werden.

DOKUMENTE

I

Salvador A. Ferreira, portugiesischer Chronist des XVIII. Jahrhunderts.

MS der Staedtischen Volksbibliothek zu Porto. Cod. Nr. 15 Sammlung Conde Azevedo.

“Am 6. Mai begann der Pater Bartholomeu Lourenço aus Brasilien im Ort Alcantara sein Luftinstrument um zu fliegen herzustellen, wie gelegentlich berichtet werden wird.” (Bl. 47).

“Am 3. August 1709 wollte der Pater Bartholomeu Lourenço seine Erfindung, zu fliegen, pruefen, oder Versuche damit machen. Dazu ging er zum Haus das unterhalb der Gesandtschaften liegt. Die versuche scheiterten, weil sein Apparat gleich zu Anfang brannte.” (Bl. 52 Rs.).

“Am 5. desselben Monats kam erwahnter Pater mit einem halben Globus aus duennem Holtz, der innen einen Globus aus dickem Papier hatte. Er setzte ihm einen Napf mit Feuer unter, und der Globus erhob sich ueber 20 Spannen aber da das Feuer lebhaft brannte, begann das Papier, in die Luefte steigend, zu brennen und die Halbkugel aus Holz blieb auf dem Boden ohne sich zu erheben, weshalb die Erfindung scheiterte. Da der Globus dabei war die Decke des Hauses zu erreichen eilten zwei Diener des Kgl. Hauses mit Stangen herbei um zu verhindern dass irgend ein Unheil entstehen wuerde; diesem allem wohnte Seine Majestaet bei und verschiedene Personen”. (Bl. 52 Rs.).

“Donnerstag den 3. Oktober machte der Pater Br. meu do Quental sage (sic) Bartholomeu ourenço eine andere Pruefung an der Bruecke (oder Hof? Buehne? Es scheint nicht Platz zu heissen wie manche es annehmen) des Indis-

chen Hauses mit dem Fluginstrument, welches nachdem es schon eine beträchtliche Höhe erreicht hatte wieder erfolglos zu Boden fiel." (Bl. 56 Rs.).

II

Francisco Leitão Ferreira. Mitglied der Kgl. Portugiesischen Akademie in seiner Ephemeride chronologica lusitana, Ms. der Volks-Bibliothek zu Evora in Portugal. -

"Am. 19. April 1709 liess Koenig Johann V von Portugal dem Weltgeistlichen Pater Bartholomeu Lourenço, in Rio de Janeiro (sic) gebuertig, einen Patentbrief ausstellen, mittels dessen Seine Majestaet ihm und seinen Erben das ausschliessliche Privileg der Benutzung einer Maschine zusichert, welche faehig ist, durch die Luefte zu segeln und verspricht sehr nuetzlich fuer die portugiesischen Kolonien zu sein.

(Nota): Wir warteten auf den Verlauf des Versuches dieser unerhoerten Erfindung.

Jener Versuch fand statt am 8. August desselben Jahres 1709 im Hofe der Casa da India, in Gegenwart Seiner Majestaet, vieler Edler und anderer Personen, mit einem Globus, welcher sanft bis zur Hoehe des Gesandtschaftssaales stieg und ebenso wieder herrunter kam. Angetrieben wurde er durch eine entzuendliche Fluessigkeit, an welche der Erfinder Feuer legte. (Berichtigung) Der Versuch fand im Gesandtschaftssaale statt "

III

Brief des Apostolischen Nunzius in Lissabon Cardinal Conti (Papst Innocenz XIII) (1694-1710) an den Cardinal-Staatssekretaer.

Foglietti di avvisi. Band 67 der Sammlung Nuuziatura di Portogallo im Archiv des Vaticans.

"In dieser Stadt (Lissabon) geht ein lebhaftes Gespraech ueber ein an den Koenig gerichtetes Gesuch eines

brasilianischen Paters, der sich, von seinem Lande kommend, hier ausschiffte.

Er will eine Flugmaschiene erfunden haben, faehig sich mit zehn Mann Bestzung in die Luefte zu erheben.

Betreff dieser Geschichte sind schon die Gutachten vieler Minister und Mathematiker eingeholt worden”.

(Lissabon, 19. April 1709).

“Die Person, welche, wie schon mitgeteilt wurde, einen fliegenden Apparat zu bauen beabsichtigte, vollfuehrte in Gegenwart des Koenigs an einem dieser letzten Tage zwei Versuche mit ihrer Maschine, einem sphaerischen Globus von wenig Gewicht. /

Da aber die antreibende oder anziehende Kraft gewissen Flussigkeiten zu entstammen scheint, entzuendeten sich diese letzteren und der Apparat verbrannte ohne den Boden verlassen zu haben.

Beim zweiten Versuche berbrannte er auch, trotzdem er zwei canne (4 m. 55) hoch stieg. Die in Frage kommende Person, die behauptet dass ihre Erfindung eine Realitaet ist, ist in diesem Augenblick dabei einen anderen Apparat, der groesser ist als der vorhergehende, zu bauen.”

(Lissabon, 15. August 1709).

IV

José Soares da Silva, Mitglied der Kgl. Portugiesischen Akademie, Autor der “Gazeta em forma de Diario” Chronik des Afangs des XVIII Jahrhunderts

MS Nr 512 der Nationalbibliothek in Lissabon, schon teilweise im Druck erschienen.

“Der Koenig wohnte in einem dieser letzten Tage dem Versuche des Fliegers (Spitzname Bartholomeu Gusmãos) bei, welcher im Festungssaal unterhalb des Gesandtschaftssaales den ersten Versuch seiner Erfindung vorfuehrte.

Zu dem Zweck bediente er sich eines Papierglobus, welchen er versprach in die Luefte steigen zu machen sobald

er ihm ein brennendes Licht untersetzen wuerde. Er fuehrte auch aus was er sagte, und der Globus flog schnell in die Lueft, weil er sich entzuendete und ganz in Flammen aufging.

Um zu diesem Resultat zu gelangen, arbeitete er vier Monate in seiner Werkstatt! obgleich er den Globus in vier oder hoechstens 24 Stunden machen konnte wie es mit dem zweiten Globus geschah, welchen er an dem darauffolgenden Tag in den Kgl. Palast brachte. Er berbrannte nicht wie der vorhergehende, sondern betrug sich wie irgend eine andere Maschine. Weil das Licht die Luft verbraucht hatte, die der Globus einschloss, erhob ihn die aeussere ihm umgebende Luft bis zur Hoehe der Decke des Saales und da er ganz aus Papier hergestellt war, ging er wieder herrunter, wie er aufgestiegen war, ohne etwas Besonderes vollfuerth zu haben.

Und dieses wuerde genuegen taeglich zweithundert Meilen zurueckzulegen, und eine Fracht von 40 Arrobas (nahe an 600 Kg.) mit sich zu nehmen. Haetten wir diese Geschichte nicht erlebt, wuerden wir nicht daran glauben”!

V

Der anonyme Autor des Dokumentes des Kodex 537 der Bibliothek der Unnversitaet Coimbra, welcher ein gefaehrlicher Verleumder Bartholomeu Gusmãos war:

“Tatsaechlich hat er (B. de Gusmão) Versuche gemacht, nicht mit seinem Hauptapparat sondern mit einem reduzierten Modell desselben. Es war eine Art. Gondel mit Stoff ueberzogen, in welcher er verschiedene geistige Fluesigkeiten, Quintessenzen und andere Zutaten mischte.

Im Gesandtschaftssaale, in Gegenwart Seiner Majestaet und vieler anderer Personen, legte er Feuer an und liess die betreffende Gondel fliegen.

Sie stieg bis zu einer mittelmaessigen Hoehe, schlug dann gegen die Wand und fiel zu Boden.

Da sich die Fluessigkeiten untereinander mengten entflamnten sie und die kleine Gondel verbannte beim Sturz eine Gardine und alles, was sie in ihrer Flugbahn traf.”

VI

Bericht des Marquis de Fontes, Gesandter Portugals am Heiligen Stuhl und einer der gluehendsten Beschueitzer Gusmãos an den italienischen Autor Martello, betreffs des Memorials und der Wiedergabe der "Passarola" im Jahre 1709 (Man sehe, Pier Jacopo Martello, (Opere) Bologna 1729. Della Volpe Vol. V. Seite 375).

“1709 noch nicht Gesandter, befand er sich am Hofe in Lissabon. Sein Erstgeborener Graf Pennaguião kannte Gusmão gut. Er war dessen Mathematikschueler und die einzige Person, die der Fliieger in dem Raum duldete, in dem sein so erwarteter Apparat gebaut wurde.

Da es viele gab, die den Erfinder belagerten um irgend ein Gestaendnis zu erlangen, war es Pennaguião selbst, der eines Tages um sein Geheimnis nicht preizugeben und sich von der Belaestigung der Neugierigen zu befreien, jenes Blatt schrieb, wo alles erklaert zu werden schien. Den Anschein gebend, als waere es ihm durch Zufall aus den Haenden gefallen, gab er ihm den Individuen gegenueber die gierig auf Neuigkeit lauerten den Wert eines gehueteten Schatzes.

Die ersten, die es erlangten, kopirten es heimlich, andere nachher, all das unter dem herzlichsten Lachen Gusmãos und seines Lieblingsschuelers und Mitarbeiters an dem Scherz. So lief das spaeter in verschiedene Sprachen uebersetzte Blatt durch halb Europa.

BIBLIOGRAPHIA GERAL

OBRAS IMPRESSAS DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

Petição do pe. Bartholomeu de Gusmão sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades.

Foi publicada na off. de Simão Thaddeo Ferreira falsamente datada de 1774 — in. 4.º — de 4 paginas, contendo o requerimento a el-rei D. João V, a resolução tomada sobre a consulta, a explicação do aparelho com desenho gravado em chapa de cobre e uma nota do editor. E' extremamente rara. (num. 15.607 do Catalogo da Exposição da Historia do Brasil).

Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua, offerecido ao muito alto e muito poderoso rei de Portugal e dos Algarves, D. João V. — Lisboa — Off. Real Deslandesiana — 1710 — in 4.º — de 13 pags. Segue-se uma traducção latina do mesmo opusculo, em 8 pags., com uma estampa descriptiva no fim.

Sermão da Virgem Maria, Nossa Senhora em uma festa que a devoção de S. M. lhe dedicou em Salvaterra — Lisboa, na mesma off. — 1712 — 4.º.

Sermão da ultima tarde de triduo com que os academicos ultramarinos festejam a N. S. do Desterro, pregado na igreja parochial de S. João de Almeida — Lisboa — por Antonio Pedrozo Galrão — 1718 — 4.º.

Sermão pregado na festa do Corpo de Deus na freguezia de S. Nicolau desta cidade, — Lisboa na off. da Musica — 1721, 4.º de XXII — 66 pags.

Historia do bispado do Porto — Foi escripta em 1720, por occasião da abertura da Academia Real de Hist. Portug.

tocando-lhe este assumpto na distribuição das materias feita por D. João V. Só figura na “Collecção dos documentos e memorias da mesma Academia” e fragmentariamente.

Conta dos seus estudos academicos na Acad. Real, a 16 de setembro de 1723. Está no tomo III da alludida “collecção”

Das diversas obras de Bartholomeu de Gusmão ha uma edição prefaciada e commentada por Affonso de E. Taunay (S. Paulo, 1934, Companhia Melhoramentos de São Paulo, Weiszflog Irmãos incorporada) pp. 224 in 16, onde ainda se inserem pequenos ineditos do Voador, como um discurso academico e uma dissertação philosophica, cujos originaes se acham na Torre do Tombo e na secção de manuscriptos portuguezes do Museu Britannico.

Obras diversas/de/Bartholomeu Lourenço/de Gusmão/
com um estudo critico/por/Affonso de E. Taunay/Editora
Proprietaria/Comp. Melhoramentos de São Paulo/Weiszflog,
Irmãos incorporada)/São Paulo-Cayeiras-Rio/s. d.

BIBLIOGRAPHIA PRINCIPAL DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

Immensa será a bibliographia de Bartholomeu de Gusmão se quizermos fazer a resenha de quanto se tem escripto sobre a pessoa do *Voador*, seu invento e seus direitos á prioridade aerostatica.

Sobretudo se pretendermos incluir nesta resenha o que tem apparecido na imprensa periodica, mormente nos ultimos annos.

O primeiro ensaio bio-bibliographico sobre o inventor realizado é o de Diogo Barbosa no tomo I da *Bibliotheca Lusitana*; ahi encontrará o leitor a lista das suas obras, o segundo effectuou-o Innocencio Francisco da Silva, queremos crel-o, em seu *Diccionario Bibliographico* (tomo setimo e tomo oitavo, do *Supplemento*.)

Em 1868 compendiou Augusto Felipe Simões a bibliographia principal que logrou conhecer e consultar mercê de ingente pesquisa.

Em 1910 o Marquez de Faria annexou á sua these de doutorado apresentada á Universidade de Bogotá uma resenha de centena e meia de items de artigos maiores e menores de revistas e jornaes portuguezes, brasileiros, francezes, inglezes, italianos, hespanhóes, belgas, austriacos, allemães etc. sobre Gusmão e suas experiencias. E repetindo a bibliographia de A. F. Simões fez-lhe uma actualisação citando uns vinte items novos.

Publicando em 1911 a brilhante monographia *As experiencias aerostaticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão* ainda arrolou Corrêa Neves diversos novos items, uns vinte e seis escapos, aos de A. Felipe Simões e do Marquez de Faria.

Este, no mesmo anno, em seu *Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Inventor dos aerostatos*, divulgou nova lista bibliographica acompanhada de optimos excerptos, por vezes longos, de varias contribuições valiosas para o estudo da personalidade e do invento do *Voador*.

Em 1913 no seu volume *Académie aéronautique Barthélemy de Gusmão* ainda inseriu o Marquez de Faria novos elementos bibliographicos, sobretudo referentes a artigos da imprensa.

No Brasil a unica bibliographia de certa extensão sobre o Voador é a que Arthur Motta inseriu no segundo tomo da *Historia da Litteratura Brasileira*. Nella occorrem itens portuguezes e brasileiros e em summa é muito lacunosa.

Resolvemos pois publicar na integra a bibliographia de Augusto Felipe Simões addicionando-lhe os itens novos apontados por Correia Neves, Marquez de Faria e Arthur Motta.

O leitor que se interessar pelo caso procurará nas obras destes autores tomar conhecimento das fontes citadas.

A esta lista reunimos uns tantos itens correspondentes ás nossas proprias pesquisas e ás contribuições de maior vulto ultimamente divulgadas.

Assignalamos nestas diversas bibliographias, as obras de importancia capital, e consideravel para o conhecimento da vida e da obra do Voador por meio de um, dous e tres asteriscos.

BIBLIOGRAPHIA DE AUGUSTO FELIPPE SIMÕES

- *** Alvará d'el rei D. João V, concedendo a Bartholomeu Lourenço de Gusmão o privilegio do seu invento. Na Torre do Tombo, chancellaria d'el-rei D. João V — officios e mercês — liv. 31, fl. 202 v.º.
- Azevedo*, (M. D. Moreira de) — Estudos biographicos de pag. 16 a 20. Citados pelo sr. I. F. da Silva.
- Bescherelle* — Histoire des Ballons. Citado pelo sr. José Feliciano de Castilho.
- Blessy* — Art. na Revue des Deux Mondes, tom. 48, 15 novembro. 1863.
- Bocous* — No art. "Gusman" da Biographie universelle ancienne et moderne. Publiée par Michaud. Paris 1811.
- Bourgeois* (David) — Recherches sur l'art de voler, depuis la plus haute antiquité jusqu'à ce jour, pour servir de supplément à la description des experiences aérostatiques de M. Faujas de Saint-Fond. 8.º Paris 1784.
- Brandão* (Thomaz Pinto) — Pinto renascido, empenado e desempenado etc. Lisboa 1732.
- Decimas á ausencia que o padre Bartholomeu Lourenço fez em 10 de outubro de 1724. Nos Cod. CXII/1-18 CXII/1-2-d da Bibliotheca de Evora.
- Soneto troncado. No cod. CXII/1-2-d da bibliotheca de Evora.
- Caldas* (J. J. Pereira) — Vindicação da prioridade do fabrico do papel com massa de madeira como descoberta portugueza etc. Braga 1867.
- *** *Carvalho* (Francisco Freire de) — Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas.

Lisbôa 1843. — Additamento a dita memoria. Nas actas das sessões da Academia Real das Sciencias. Tom. 1.º Pag. 193 a 219.

Castilho (Alexandre Magno de) — Nota sobre a Aerostatica. Nos Fastos de Ovidio, traduzidos pelo sr. A. F. de Castilho. Tom. 1.º de pag. 192 a 200.

Castilho (Antonio Feliciano de) — Art. da Revista Universal Lisbonense. Serie 4.ª vol. 2, 1 de junho de 1843, pag. 453 e 454.

Castilho (José Feliciano de) — Nota sobre Balões aerostaticos. Na Grinalda da arte de amar. Tom. 3.º, de pag. 13 a 20.

** *Castro* (João Baptista de) Indagações curiosas breves e scientificas sobre os inventores e origens de varias coisas. Mss. 1776. No cod. CXII/2-14 da Bibliotheca publica d'Evora.

— Opusculo 2.º chronologico. No qual se dá breve noticia dos sucessos mais memoraveis acontecidos em Portugal n'este ultimo seculo de XVIII. No Cod. CXII/2-14 da Bibliotheca de Evora.

— Chronologia de Portugal abreviada. Desde o anno de 1700 até ao presente (1774).
No cod. CXII/2-6 da Bibliotheca de Evora.

Cavallo — The history of aerostation, 1 vol. 8.º Londres 1785.

Civry (conde Eugéne de) — Art. no jornal Le Pays de 26 de julho de 1853. Citado por Ferdinand Denis.

* *Denis* (Ferdinand) — Art. "Gusmão" da Nouvelle Biographie Generale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours etc. Tom. 22, Paris 1858, de pag. 856 a 860.

Descripção do novo invento aerostatico ou machina volante, do methodo de produzir o gaz ou vapor, com que esta se enche; e de algumas particularidades relativas ás experiencias que com ella se tem feito: com a noticia de um semelhante projecto formado em Lisboa no principio d'este seculo, e peças a elle relativas. Lisboa na officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

*** Descripção e figura da admiravel machina para se navegar pelo ar, que faz em Lisbôa o padre Bartholomeu Lourenço, natural do Brasil, dada á estam-

- pa por um amigo do auctor, tirada de noticias particulares que este lhe communicou. mss. no cod. 342 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.
- Encyclopedia Americana, edit. Francis Licher. Citada por Ferdinand Denis.
- Encyclopedia Britanica, or a dictionary of arts., sciences etc. Edimburgo 1797. Tom. 1.º 3.ª edi. Citado por Ferdinand Denis.
- Encyclopedia Edinensis, by James Miller. Edimburgo 1813. Citada por Ferdinand Denis.
- Evening-Post, N.º 56, 1709. Citado por Fournier.
- Extracto de varios jornaes e memorias sobre Balões aerostaticos, sobre o gaz e viagens aereas, com a epoca do seu descobrimento; e se mostra como um portuguez foi o primeiro que teve esta lembrança. Lisboa 1819. Citado pelo sr. Innocencio F. da Silva.
- *** *Ferreira* (Francisco Leitão) — Ephemeride Historial, Chronologica Lusitana, 2 tom. 4.º mss. no Archivo da Bibliotheca Publica de Evora.
- Figanière* (Frederico Francisco de la) — Catalogo dos manuscritos portuguezes existentes no Museu Britanico. Lisboa 1834.
- Figueiredo* (Francisco Coelho de) — No prologo do Tom. 4.º do Theatro de Manuel de Figueiredo. Lisboa 1804.
- Figuiet* — Exposition et histoire des principales découvertes modernes. 6.ª edit. Paris, tom. 4.º.
— Les merveilles de la science. Tom 2.º de pag. 515 a 517.
- Fournier* (Edouard) — Le vieux-neuf, histoire ancienne des inventions et découvertes modernes. Paris 1859.
- Gentleman's Magazine — abril, 1786, citado por Fournier.
- Giraldes* (Dr. Albino Augusto) — Art. "Aerostação, na Revista Academica, Coimbra, 1854, pag. 65.
- Guedes* (J. R.) — Art. "Aerostação". Na Encyclopedia Popular, n.º 5. pag. 259 e seg.
- * *Guilherme* (Frei Manuel) — Censura de um sermão de Bartholomeu Lourenço, impressa com o mesmo sermão em 1721.

Gusmão (Bartholomeu Lourenço de) — Petição sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e sua utilidades. Lisboa na offic. de Simão Thadeo Ferreira 1774.

Manifesto summario para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar. Mss. Cod. N.º 342 da Bibli. da Univ. de Coimbra.

— Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua. Lisboa 1710.

Isabel Cristina de Brunswick — Carta inedita nos Archivos de Brunswick.

Journal de Murcie — Citado por Bocous.

Journal des sçavants — octobre 1784.

Larousse — Dictionnaire Universei du XIX e siècle. Citado pelo sr. J. R| Guedes.

Lenteires — Bibliotheque du père de famille ou cours complet d'education. Lausanne 1795.

*** *Machado* (Diogo Barbosa) Bibliotheca Lusitana, Tom. 1.º pag. 463 a 464.

Magasin Pittoresque — tom. 21, 1853, pag. 224.

Marion — Les ballons et les voyages aériens, Paris 1867.

Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço, chamado vulgarmente o voador, pela razão que abaixo se relata, Mss. no cod. 537 de Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Notizie litterarie di Cremona, 1784 N.º 17. Citado por Bocous.

Padilha (Pedro Noberto de Aucourt e) — Raridades da natureza e arte Lisboa 1752.

Panorama — 1.ª serie, vol. 2.º pag. 357, e 2.ª serie, vol. 2.º pag. 414.

*** *Pinheiro* (José Feliciano Fernandes) — Visconde de S. Leopoldo — da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Rio de Janeiro 1841.

-- *Ostensor Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845 a 1846, pag. 337 e seg. Citado por Ferdinand Denis.

****Recreio* (Francisco) — Nota em que se produzem mais testemunhos relativos á invenção aerostatica do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão. No tom. 2.º das Actas das sessões da Academia Real das Sciencias. Lisboa 1850.

O *Recreio*, *Jornal das Familias*, tom. 2.º Lisboa 1836.

Revista estrangeira, jornal mensal. Lisboa 1854.

Santa Catharina (Simão de) — Orações academicas, 1 vol. 8. Lisboa 1723.

** *Silva* (Christovam da) — Decimas á ausencia de Bartholomeu Lourenço, mss. No cod. CXII/1-18-d da Bibliotheca de Evora.

** *Silva* (Innocencio Francisco da) — Diccionario Bibliographico. Tom. 1.º de pag. 332 a 334. Tom. 7.º pag. 31 e 14. Tom. 8.º (Supplemento) pag. 362 e 363.

— Nota suplementar ao cap. 9.º das *Maravilhas do genero do homem* por Amedée de Bast, versão de Mathews de Magalhães. Tom. 1.º de pag. 192 a 200.

** *Simões* (Augusto Philippe) — Art. “Aerostação” no Instituto, tom. IX e X.

Sonetos e outras poesias anonymas — no cod. 342 da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

* *Tojal* (Pedro de Azevedo) — O *Foguetario*, poema heroico-comico. Os dois primeiros cantos no cod. CXII/1-18-d da bibliotheca de Evora.

Turgan — *Les Ballons*. Paris 1851.

Varnhagen — *Historia geral do Brasil*. Tom. 2.º da 1.ª edição pag. 140 e seg. Citado pelo sr. Innocencio F. da Silva.

Villarinho de S. Romão (Visconde de) — Carta ao sr. Antonio Feliciano de Castilho na *Revista Universal Lisbonense*. Serie 4.ª, 2.º junho de 1843, pag. 455 e 456.

BIBLIOGRAPHIA DE GUSTAVO T. CORREA
NEVES (1911)

- *** *Manuscriptos de Salvador Antonio Ferreira.* — Estes documentos, contemporaneos do inventor, encontrados pelo escriptor portuense Manuel Maria Rodrigues na Bibliotheca Publica do Porto e por elle publicados pela primeira vez no n.º 717 do *Occidente*, de 30 de novembro de 1898, a pag. 270.
- * *Manuscripto de Fr. Lucas Pinheiro.* — Foi este documento encontrado pelo sr. Brito Rebelo na Torre do Tombo (vol. 1012 dos ms.) e é escripto pelo lente de theologia o religioso de S. Paulo, Fr. Lucas de S. Joaquim Pinheiro.
- *** *A invenção dos aerostatos reivindicada.* — Exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão — por Augusto Felipe Simões Evora — 1868, pag. 120.
- *** *O centenario da invenção dos aerostatos em França e o seu inventor o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.* — Série de 17 artigos publicados pelo sr. Brito Rebello no *Occidente*, desde o n.º 158, de 11 de maio de 1883 até ao n.º 204, de 21 de agosto 1884, e onde este erudito investigador apresenta uma biographia muito completa do inventor, esclarecendo por meio de novos e valiosos documentos, algumas duvidas até ahi existentes.
- *** *A Invenção dos Aerostatos.* — Artigo do escriptor portuense Manuel Maria Rodrigues, publicado no n.º 717 do *Occidente*, de 30 de novembro de 1898, onde se apresentam os Ms., de Salvador Ferreira, já citados.

*** *Le précurseur des navigateurs aériens Bartholomeu Lourenço de Gusmão — Reivendication en faveur du premier inventeur des aérostats par le Vicomte de Faria* — Paris — 1910 — Além da biographia e noticia sobre as experiencias, publica esta obra varios documentos inéditos encontrados na Torre do Tombo e uma importante bibliographia.

Diccionario Universal Portuguez — Sob a direcção de Fernandes Costa — Editado por H. Zeferino — Artigo Balão — A parte relativa á invenção portugueza, escripta pelo sr. José Arriaga, abrange da pag. 443 e 458 e reune tudo o que até então (1887) se conhecia sobre o assumpto.

Os balões em Portugal — Por João Maria Jalles (n.º 150 da Bibl. do Povo e das Escolas) 1887 — Artigo muito completo que abrange da pag. 7 a 26, reunindo bastantes documentos e opiniões.

La navigation aérienne — par Gaston Tissandier (Bibliothèque des Merveilles) — Paris — 1886 — Da pag. 36 a 41, publica este illustre escriptor francez e celebre aeronauta, um artigo resumido mas muito exato, sobre Gusmão.

La conquête de l'air — (Organe de vulgarisation aéronautique) — Le premier aérostat — Artigo de Maurice Romberg — Nisard, que é um bom resumo do que se conhece sobre a questão, (n.º 16 — 15 de agosto de 1908 — pag. 4.)

Histoire des ballons et des aéronautes célèbres — par Gaston Tissandier — Vol. I — Paris — 1887 — Em pag. XIX e XX da *Introdução*, occupa-se do assumpto, publicando tambem uma reproducção da gravura.

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

— Journal encyclopédique ou universel, dédié a Mgr. le Duc de Bouillon — Machine aérostatique de Lisbonne — 1709; lettre écrite de Lisbonne le 20 février 1784 par M. L. A. à M. D. S. à Versailles sur l'art de s'élever et de voyager dans les airs (Citado no n.º 3 do *Bulletin des Aéronautes bibliophiles* — Paris — 1906).

- **Nouvelles de la République des Lettres** — por Mr. de la Blancherie — 1785 — pag. 107 (Cit. por Innocencio).
- **Nouveau dictionnaire des origines** — por Noel et Carpentier — palavra Aérostat (Cit. por Innocencio).
- **Le droit au vol** — Por Nadar — Paris — 2.eme edit. 1865 — pag. 81.
- **Traité élémentaire de physique** — por P. A. Daguin Toulouse. 1867 — Tome 1.er — pag. 386.
- **Le Figaro** — Junho 1883 — Artigo de Sant'Anna Nery sobre o centenario da invenção dos Montgolfier em que reivindica para Gusmão a prioridade.
- **Dans les airs** — Por G. de la Landelle — 1884 — pag. 34.
- **Paris illustré** — n.º 24 — 1 de janeiro de 1885 — Les aérostats et la navigation aérienne — por Gaston Tissandier — (Entre os precusores, traz o desenho da *Passarola*).
- **La navigation aérienne** — por G. Dallet (Bibliothèque utile) — Paris — 1886 — pag. 10.
- **La navigation aérienne** — (Bibliothèque des merveilles) por Gaston Tissandier — Paris — 1886 — De pag. 37 a 41 insere um bom estudo documentado, contendo porém algumas ligeiras inexactidões.
- **Sciences appliquées à l'art militaire** — 4.me partie — Aérostation militaire — 1887. A pag. 392 occupa-se de Gusmão no capitulo intitulado "Avant les frères Montgolfier".
- **Revue des Revues** — n.º 3 — 1 fevereiro 1897 — Navigation aérienne et ascension des montagnes — por G. L. Pesce — A pag. 221 refere-se a Gusmão, como precursor.
- **Bartholomeu Lourenço de Gusmão der Erfinder des Luftballons** — por Moedebeck — Separata do n.º 1 do "Zeitschrift fur Luftschif — fahrt und Physik der Atmosphaere — Janeiro 1895 — Berlim.
- **Elsevier's** (revista hollandeza) — outubro 1900 — Progressos da Acronautica — pelo Dr. L. Bleekrode — Cita Gusmão como precursor.

- La Revue et la Revue des Revues — n.º 20 — 15 de outubro de 1900 — Transcreve a pag. 216 o artigo antecedente na secção (Revue française et étrangères.)
- La Revue — n.º 23 — Dezembro 1901 — Vers la conquête de l'air — les hommes volants — por G. Roux — A pag. 5442, refere-se a Bartholomeu Lourenço e publica a gravura da *Passarola*, que interpreta a seu modo.
- Tunisie industrielle — L'aviation — 1898 — Considera Gusmão precursor dos aviadores, por tomar como base a descrição da *Passarola*.
- Omnia — n.º 141 — 12 setembro 1908 — Transcreve a notícia anterior na secção "Revue de la Presse".
- L'aéronautique — por Paul Renard — Paris — 1909 — pag. 9.
- Revue militaire suisse — n.º 2 fevereiro 1911 — L'aviation — por Max Reimond — A Pag. 132, considera Gusmão precursor da aviação.

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS E BRASILEIRAS

- Miscellanea constando de peças ineditas, memorias, artigos de variedades, instructivas e recreativas, e de varios outros objectos. — Pela Sociedade do Anomalo — Lisboa — 1837 — Insere um artigo ácerca de Gusmão (Cit. no Dicionario Encyclopedico Portuguez Illustrado — Artigo *Balão*).
- Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 1849 — 3.º trimestre (Citado no *Parecer* do Barão de Teffé, adiante mencionado).
- Minerva Braziliense — Tomo II — pag. 656 e seguintes — *Braziliana*, pelo poeta brasileiro Manuel de Araujo Porto Alegre (Cit. por Innocencio).
- Oração escolar na abertura solemne do Lyceu Nacional Bracarense — por Pereira Caldas — Braga — 1872 — pag. 22.
- Almanack da Livraria Internacional de Ernesto Chardon — para 1874 — Porto — 1873 — Artigo de Camillo Castello Branco, intitulado *Poetas e balões* (Citado

pelo sr. J. M. Jalles na sua obra “Os balões em Portugal”).

- Ante-projecto de organização de telegraphia militar — por A. C. Bon de Sousa — Lisboa — 1876 — No capit. IX — *Applicação dos aerostatos ás operações militares* vem uma “Noticia historica” em que trata detalhadamente e num artigo bem documentado, da invenção de Gusmão (Pag. 48 a 50).
- Varões illustres — por Pereira da Silva — Tomo I — Bartholomeu L. de Gusmão — pag. 203 — (Cit. por Pinheiro Chagas).
- Historia de Portugal — por M. Pinheiro Chagas — (1.^a ed.) — Vol. IX — Nota de pag. 350 a 353.
- Navegação aérea — Parecer elaborado pelo Barão de Teffé — Rio de Janeiro — 1881 — De pag. 7 a 11.
- Diccionario encyclopedicó portuguez illustrado — dirigido por Antonio Ennes — Artigo *Aerostação* — pag. 172.
- Diccionario de invenções — por Alberto Pimentel — Artigo *Aerostação*.
- Portugal na época de D. João V — por Bernardes Branco — Lisboa, 1885, pag. 157.
- Revista das sciencias militares n.º 40 — outubro 1888 — *Aerostação militar* — por Barahona e Costa — pag. 220.
- Occidente, n.º 338 — 11 maio 1888 — Artigo de P. C. F sobre o *Balão Dirigivel Jardim* — pag. 108.
- Discurso de Pinheiro Chagas — pronunciado em 1889 em Paris num banquete em honra do ministro do Brasil — Publicado no *Correio da Manhã* de 12 de outubro de 1889.
- Revista popular de conhecimentos uteis, n.º 36 — 3 fevereiro 1889 — *Aerostação*, — pag. 37.
- 17 março 1889 — O aerostato do padre Bartholomeu L. de Gusmão — (acompanhado de uma gravura grande) pag. 83.
- Historia de Portugal — por Stephens — Trad. de Silva Bastos. 1893 — pag. 337.

- *Diario de Noticias* — 8 março 1891 — Na secção “Factos memoraveis”: *Descoberta dos balões*.
- 25 abril de 1888 — A direcção dos balões por um official portuguez.
- 11 janeiro 1910. — A viação aerea — Contribuições dos nossos compatriotas.
- *O Seculo* — 26 fevereiro 1893 — Artigo sobre a Praça do Commercio — (com a gravura da *Passarola*).
- 1 setembro 1901 — Direcção dos balões — (com a mesma gravura).
- *Almanach encyclopedico* — Dirigido por Eça de Queiroz — Anno 1896 — pag. 69.
- Anno 1897 — pag. 307.
- *Inventores portuguezes* — por Souza Viterbo — Artigos publicados no *Instituto de Coimbra* — Abril 1902 — pag. 240 — do n.º 4 do vol. XLIX.
- O balão Lusitano e os grandes naufragios aereos — Folheto anonymo — Porto, 1903. — pag. 6 e 7.
- *Passatempo*, n.º 105 — 12 janeiro 1905 — Chronica por Antonio de Campos Junior — De pag. 502 a 508 occupa-se da invenção de Gusmão, publicando a gravura da *Passarola*.
- A aerostação — por Amadeu de Vasconcellos (Mariotte) — Porto 1908 — pag. 13 a 16 (com gravura).
- A conquista do ar — Conferencia do alferes de artilharia A. J. Bernardes de Miranda — Separata da *Revista d’Artilharia* — 1910 — (n.º 68 de fevereiro 1910 — pag. 392).
- *O Rei Magnifico* — Romance historico (época de D. João V) por Arthur Lobo d’Avila — publicado actualmente em folhetins no *Diario de Noticias* — 1911 — Nelle figura Gusmão, mencionando-se varios documentos.

BIBLIOGRAPHIA DE BALTHASAR WILHELM, S. J. em seu *An der Wiege der Luftschiffahrt*, 1909

** *Catalogos da Companhia de Jesus 1701 et pass.*

Hallische Zeitung, 1709, n. 69.

- Hagen* (Freiherr von) in *Zeitschrift zur Förderung der Luftschiffahrt*, 1863, p. 81.
- Furstenberg-Furstenberg* in *Umschau*, 1908, pp. 346 et pass.
- Crétineau Joly*. *Histoire de la Compagnie de Jésus* (IV. 279).
- Stimmen aus Maria Laach* (XLV. p. 537 et pass))
- Zeitschrift für Luftschiffahrt* (1894, p. 22).
- Wienerische Diarium*, 1709, p. 609.
- Valentini* (Miguel Bernardo). *Museum museorum* (Frankfurt, 1714).

TRABALHOS DO CONDE CARLOS VON
KLINCKOWSTROEM.

- *Die Gusmão-Flugblätter von 1709* (no *Zeitschrift für Bücherfreund*, 1911, n.º 2, pag. 36-41.
- *Luftfahrten in der Literatur* (na *Zeitschrift für Bücherfreund* 1911, n.º 8, pag. 250-264.
- *Beitrag zur Gusmão* — *Bibliographia* (Sonderabdruck aus dem *Archiv für die Geschichte der Naturwissenschaften und der Technik*, Band 3, 1911 Leipzig, Verlag von F. C. Vogel, 1911. Pags. 214-223.
- *Dokument des Fortschritts*, Berlin, 1911 dezembro pag. 798 — Vol. *Der angebliche Kanalflyg von 1751*.
- *Ein Flugprojekt von 1709 Eine historische Kritische Studie* no *Deutsche Sportzeitung* Sankt Georg, Berlin 17 de outubro de 1912.

BIBLIOGRAPHIA DO MARQUEZ DE FARIA

- *** *Martelli (Pier Jacopo)*. Versi e Prose, Bologna, 1729.
- Pompilio da Silva* (Capitão Numa): Reconhecimentos e informações. — Lisboa, 1911.
- Cunha Gonçalves* (Dr. Luiz da): A navegação aérea em face do Direito. Famalicão 1912.
- Gouveia* (João): A Direcção Aerea (Resumo historico). Balões e Aeroplanos.
- Uzanne* (Octave): La locomotion à travers le temps, les moeurs et l'espace. Résumé pittoresque et anecdotique de l'Histoire Générale des Moyens de Transports terrestres et aériens. Chartres 1912.
- Boletim da Sociedade de Geographia, n.º 6, de junho de 1911: Conferencia realizada a 25 de fevereiro de 1911 par Mr. Philéas Lebesgue: Le Portugal et sa mission civilisatrice. Revue des pays latins, Paris, juin-juillet, 1911:
- Boletim do Aero-Club de Portugal, n.º 13, decembre 1911. Pag. 5: Ascensões aerostaticas celebres por Gustavo Tedeschi Corrêa Neves.
- Pag. 16: Sessão commemorativa do 2.º anniversario do Aero-Club de Portugal em 1 de dezembro de 1911.
- Assembléa Geral ordinaria em 16 de dezembro de 1911.
- Pag. 17: Bibliographia aeronautica portugueza, por Corrêa Neves.
- Bibliotheca Nacional de Lisboa, Inventario dos Manuscriptos (secção XIII), Collecção Pombalina, Lisboa, 1891.
- N.º 672: Miscellanea: Petição que fez a El Rei D. João V o Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, quando quiz publicar o seu novo invento do aerostato. — Cópia (fl. 85).

Biografia Universale Antica e Moderna. — Veneza, Missaglia, 1826, Vol. XXVII, p. 83.

Boghaert-Vaché (A.) et Romberg-Nisard (Maurice).

Bordalo (F. M.). O Voador (no Panorama de 1855).

Broteria, Revista de Sciencia naturaes do Collegio de S. Fiel. — S. Fiel, 1909. Vol. VIII, fac. V, 1 de setembro de 1909, p. 227. Artigo do Padre Manuel Rehimbas, S. J.

Burnichon (Joseph). Le Brésil d'aujourd'hui.

Castilho (José Feliciano de). Grinalda da Arte de amar, Rio de Janeiro, 1862, § 191.

** *Cunha Brochado* (José da). Memorias extrahidas das suas obras ineditas por Mendes dos Remedios. — (Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa XII.) — Coimbra, França Amado, editor, 1909.

Delattre (Louis). Le jeu des petites gens.

Diccionario Popular, dirigido por Pinheiro Chagas, vol. I, pages 140 et 141 art. Aerostato.

Encyclopedia das Encyclopedias, Diccionario Portuguez Illustrado, vol. I.

Encyclopedia Portugueza, vol. 6.º, Porto.

Peyrey (François) : La locomotion (Paris).

S. Boaventura (Fr. Fortunato de). Defensor dos Jesuitas.

Tatin (Victor). Eléments d'aviation.

Além destas obras citou o Marquez de Faria numerosissimos artigos maiores e menores de muitos periodicos europeus e americanos.

BIBLIOGRAPHIA DE ARTHUR MOTTA

- Pinto* (Adolpho): *Homenagens*, pag. 89.
- Rangel* (Alberto): *Quando o Brasil amanhecia*, pag. 209.
- Carmello* (Antonio): *O pulpito no Brasil* — *Revista de Lingua Portuguesa* n.º 19, pag. 228.
- Boiteux* (Cap. de Corveta Henrique): *Bartholomeu de Gusmão, o inventor dos aerostatos*.
- Gama* (Chichorro da): *Miniaturas biographicas*, pag. 32. — *Rev. da Lingua Port.*, N.º 14, pag. 76. — *Breve diccionario de autores classicos*, pag. 45.
- Vieira* (Damasceno): *Memoria historica brasileira*, tomo I, pag 341. — *Diccionario biographico de Brasileiros celebres por °°°*, pag. 20.
- Senna* (Ernesto): *Historia e Historias*, pag. 19.
- Freire* (Laudelino): *Classicos brasileiros*, pag. 87.
- Macedo* (J. M.): *Anno biog. brasileiro*, vol. 2.º, pag. 1247.
- Perié* (Ed.): *Litteratura Brasileira*, pag. 390.
- Ramiz Galvão*: *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil* (1881).
- Sacramento Blake*: *Dicc. bibliog. bras.*, vol. 1.º, pag. 383.
- Sylvio Romero*: *Historia da Litteratura Brasileira*, vol. 1.º, pag. 175.
- Vieira Fazenda*: *O padre voador* (nas *Antigualhas e Memorias do Rio de Janeiro*).

ADDENDA AS BIBLIOGRAPHIAS PRECEDENTES

Obras impressas e documentos manuscriptos, antigos e recentes, ainda não mencionados nas resenhas precedentes e consultadas pelo autor para a confecção das suas duas monographias sobre Bartholomeu de Gusmão.

A) Documentos manuscriptos ineditos

- a) *** Archivo da Curia Archiepiscopal Metropolitana de São Paulo — Autos *de genere* de Bartholomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão.
- b) Archivo de Marinha e Ultramar, hoje Archivo Colonial de Lisboa — Diversos documentos como sejam os de autos 2871, 4501, 4887, etc.
- c) ** Archivo do Ministerio das Relações Exteriores da França. (Correspondance du Portugal, 1717). Carta do Abbade de Mornay ao Regente Philippe, Duque de Orléans (9 de fevereiro de 1717).
- d) * Archivos Reaes da Hollanda. Archivo dos Estados Geraes, doc. n. 7028.
- e) * Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Codices 1-32, 15, 25 e 1-14, 3, 24, 5. Carta de Freire de Carvalho a José Bonifacio de Andrade e Silva (7 de janeiro de 1818). Apographo inedito do *Foguetario* de Pedro de Azevedo Tojal.
- f) ** Bibliotheca da Ajuda: *Miscellanea Poetica* 49 (III) 1-3) e cod. 51-II-30. Pasta 51-XII-43-631.
- g) Bibliotheca Municipal do Porto — cod. 1107.
- h) ** *Bulletin de C. F. Rappaport* Anno 27, n. 78. Barca che naviga per l'aria seicento miglia per giorno, inventata l'Anno presente in Portogallo per transportar ogni merce.

- i) Carta do Padre Manuel A. Gomes Himalaya ao Marquez de Faria expondo a sua interpretação da estampa da *Passarola*.
- j) * Diabrura em forma de carta. Mss. n. 2268 do espolio de Innocencio F. da Silva, pertencente ao Dr. Clado Ribeiro de Lessa, com notas inéditas do illustre bibliographo portuguez.

B) Obras impressas

Annaes do Museu Paulista — Tomo I.

*** *Annuarios da Escola Politechnica de São Paulo* — 1934, 1935, e 1936.

Almeida (Fortunato de) *Historia da Igreja em Portugal*.

Alves (José Luiz) *Os claustros e o clero no Brasil*.

André (M. H.) *Les dirigeables*.

Azevedo (João Lucio d') *Nova epanafora*. — *Epocas de Portugal contemporaneo*.

** *Basto* (Arthur de Magalhães) *Falam velhos manuscriptos*.

Bonnefon (Jean de): *Historia de la Conquête de l'air*.

* *Brazão* (Eduardo): *D. João V e a Santa Sé*.

Collecção dos retratos de Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real de Historia Portuguesa.

Cadaval (A. Ribas): *Navegação aerea*.

Calixto (Benedicto): *Bartholomeu de Gusmão*.

Carvalho (Horacio de): *A conquista dos ares*.

** *Carvalho* (Joaquim de): *A correspondência de José da Cunha Brochado com o Conde de Vianna*.

* *Castello Branco* (Camillo): *Carta a Alberto Pimentel* (1873).

Castro (José Osorio da Gama e) *Artigo no Diario de Noticias de Lisboa* (29-8-1912).

Coutinho (C. V. Gago) *Artigo no Diario de Lisboa* (15-XI-1933).

Diccionario aristocratico contendo os fóros do fidalgo da Casa Real.

Descripção burlesca de um imaginario aerostato e de seus apetrechos, satyra ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão (Publicação da Universidade de Coimbra).

Dantas (Julio). Artigo no Correio da Manhã sobre a *Gazeta de Soares da Silva* (1934).

Enciclopedia illustrada de Hijos de J. Espasa.

Enciclopedia italiana (1927).

Faria (Antonio de Portugal de Faria, visconde e marquez de): ** Bartholomeu Lourenço de Gusmão, l'homme volant.

*** — Bartholomeu Lourenço de Gusmão (Lausanne 1910).

** — Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Inventeur des aérostats (1911).

*** — Academie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão (1913).

** Réproduction fac similé d'un dessin à la plume de sa description et de la pétition adressée au roi Jean V du Portugal en langue latine et en écriture contemporaine retrouvée récemment dans les Archives du Vatican, du célèbre aéronef de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Fernandes Pinheiro (Joaquim Caetano) — Antonio José e a Inquisição.

Furue — Biographie Universelle.

Gazeta de Lisboa — 18 de janeiro de 1725.

Gazette d'Utrecht — 6 de janeiro de 1784.

Grande Encyclopedie du XIX me Siècle.

Jorge (Ricardo de Almeida) série de artigos no *Diario de Noticias de Lisboa* — agosto de 1912.

— Contra um plagio do Professor Theophilo Braga.

Lachâtre (Mauricio) Nouveau Dictionnaire Universel.

Le Larousse du XXème Siècle.

Lexicon Vallardi

- Lima* (Manuel de Oliveira) Catalogo dos manuscritos brasileiros existentes no Museu Britannico.
- Lima* (M. de Oliveira) e Holmes (Ruth) Biographical and Historical Collection of the rarest books on the Oliveira Lima Collection at the Catholic University of America.
- Mattos* (Gregorio de) obras completas — Edição da Academia Brasileira.
- *** *Martello* (Pier Jacopo) Versi e prose. Deglio occhi di Gesù — Bolonha 1729.
- Menezes* (Ludovico de) Artigos n'A Voz de Lisboa, em Lisboa, em diversas datas e no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro.
- Mendes dos Remedios*. Historia da Litteratura Portugueza. Subsídios para a Historia da Litteratura Portugueza.
- Meyer's Konversation Lexicon*
Nouveau Larousse Illustré (Ed. Claude Augé).
- Peixoto* (Afranio) Noções de Historia da Literatura Brasileira.
- Pereira* (Esteves) e *Rodrigues* (Guilherme) Diccionario Historico Corographico e Biographico de Portugal.
- Pimentel* (Alberto) As amantes de Dom João V.
- Pinto* (Albano da Silveira) Resenha das familias titulares e grandes de Portugal.
- Porto Alegre* (Manuel de A.) Brazilianas.
- Rabello* (Alberto) O seminario de Belém da Cachoeira e o Padre Bartholomeu Lourenço erradamente chamado de Gusmão.
- Rees* (Abraham) Cyclopeia 1819.
- Reis* (Trajano Furtado) os brasileiros na Historia da Navegação aerea.
- Rodrigues* (Lysias) A conquista do ar.
- Santa Catharina* (Fr. Simão de) Rimas sonoras.
- Santa Maria* (Fr. Agostinho de) Santuario Marianno.
- Santos Silva* (José G. dos) Noticia sobre a beata Joanna G. de Gusmão.

- *** *Silva* (José Soares) Gazeta em forma de carta.
- *** *Silva* (José Soares da) Gazeta em forma de carta.
- Taques de Almeida Paes Leme* (Pedro) Nobiliarchia paulistana.
- Trousset* (Julio) Nouveau Dictionnaire Encyclopedique.
- Valle Cabral* (Alfredo do) Satyras ineditas de Thomaz Pinto Brandão — em Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.
- * *Varnhagen, Visconde de Porto Seguro* (Francisco A. de) Historia Geral do Brasil — ** Lista de brasileiros ou colonos estabelecidos no Brasil condenados pela
- *** *Venturini* (Galileu) Da Icaro a Montgolfier.

NOTA EM ANNEXO

I

*A anulação definitiva da estampa da Passarola
O texto de Pier Jacopo Martello. Engano de Venturini e
rectificação.*

Estava o presente volume composto quando nos chegou ás mãos documento que desde muito ardentemente desejavamos conhecer: o texto de Pier Jacopo Martello, na sua segunda edição dos *Versi e Prose* na parte correspondente ao poemeto *Degli occhi di Gesù*.

Como sabe o leitor do que viu em capitulo desta obra, coube ao Padre Galileu Venturini, em sua bella obra, *Da Icaro a Montgolfier*, descobrir e revelar ao publico, a existencia deste trecho de capital importancia para a defesa dos direitos de Bartholomeu de Gusmão á prioridade aerostatica, visto como data dentre 1721-1724 e affirma que a famosa e teratologica estampa da *Passarola*, universalmente conhecida e divulgada não passa de mera mystificação para fins de despistamento. E alem de tudo envolve um depoimento firmado por um homem da autoridade do Marquez de Fontes e Abrantes, o maior protector de Gusmão, brilhante embaixador, por longos annos, de Dom João V junto á Santa Sé.

Do texto de Martello fez o Padre Venturini um transsumpto que aproveitámos logo, com a maior vantagem, para a nossa causa. Por nós divulgado o caso no Brasil teve reper-

cussão immediata em Portugal motivando artigos da imprensa, entre os quaes destacaremos os de A. Magalhães Basto, no Porto, refertos de commentarios dignos da penna sempre erudita e sempre elegante, além de generosa, de quem os traçou.

Desejavamos muito ter, porém, o proprio original de Martello para o reproduzir em fac-simile afin de confundir os inimigos dos direitos de Gusmão, que os ha intransigentes como todos sabemos, embora, felizmente, em numero reduzidissimo. O principal, desde 1912 prometteu pulverisar taes direitos e até hoje não o fez, prova de que é muito mais difficil realizar do que ameaçar.

Escrevemos ao Padre Venturini pedindo-lhe o obsequio de nos mandar uma copia do texto martelliano e o nosso illustre consultado, um dos mais eminentes pregadores da Italia contemporanea, demorou muito em contetsar-nos. E' que estava ausente da Patria, em longinqua missão, de muitos mezes no Egypto. Apenas de volta a Roma apressou-se em responder promettendo satisfazer-nos a curiosidade, dentro em breve.

Passado algum tempo escreveu nos novamente. Não conseguira descobrir o paradeiro do volume de Martello. Perdera diversos apontamentos dos que lhe haviam servido para a confecção já longinqua de seu livro e entre elles os que se referiam exactamente ao que desejavamos.

Como tivesse de viajar por longo prazo, em serviço do seu ministerio, aconselhou-nos que nos dirigissemos ao Director Geral da Bibliotheca Nacional de Roma. Foi o que fizemos, logo, sendo attendido e com a maior gentileza por este alto funcionario, a annunciar-nos que mandara proceder a acurada busca do precioso volume, por intermedio do Centro Nazionale di Informazioni Bibliografiche da Reale Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele II.

Passado algum tempo annunciava-nos o Director Vichi que em parte alguma se encontrava o livrinho de Martello. Em todo o caso podia affirmar que o Padre Venturini se enganara attribuindo, como fizera, ao livreiro editor Della

Volpe, de Roma, a edição dos *Versi e Prose*. Não era romana a typographia impressora. Continuariam as pesquisas porém realizadas pelo “Centro Nazionale di Informazioni Bibliografiche”.

Foram estas muito demoradas e afinal o Diretor Vichi avisou que com effeito a tiragem não fora de Roma e sim de Bolonha e de 1729. O livrinho era porém rarissimo e as principaes bibliothecas da Italia apenas possuíam a primeira edição da obra de Martello a de 1710. A propria Bibliotheca Nacional de Roma não contava em seu acervo o desejado volume.

Decorrido novo lapso tivemos novo aviso: fora encontrado em Milão na opulenta *Ambrosiana*, o livro do poeta setecentista.

Afinal recebemos as photographias das quatro paginas que nos interessavam: o proprio texto de Martello em tão boa hora descoberto por Venturini.

Verificámos então que o illustre autor de *Da Icaro a Montgolfier* não lera, com a devida attenção, os topicos do poeta desvendador da mystificação da *Passarola*.

Assim é que attribuir a invenção da teratologica estampa a Gusmão quando Martello é positivo: declara que tal autoria se deveu ao Conde de Pennaguão, filho primogenito do Marquez de Fontes e Abrantes, discipulo favorito e confidente do Voador, o unico que de perto acompanhava os trabalhos de construção do seu aerostato, em recinto absolutamente vedado ao publico.

Vamos porem dar a integra do texto de Martello, fazendo-o seguir da traducção cuja revisão devemos á gentileza do prezado amigo Dom Norberto A. Vieira. Este erudito monge beneditino da Abbadia de S. Paulo, durante annos seguiu os cursos famosos da Abbadia de Santo Anselmo em Roma, a grande casa que é como que o Seminario universal de sua ordem miliar e illustre entre as mais illustres, e de lá voltou á Patria com uma formação excellente além da posse do italiano.

Vejamos porém a integra do texto de Pier Jacopo Martello na parte que nos diz respeito Como não conseguimos ler as paginas anteriores a 375 pensamos á vista do contexto que este introito se refere a um pedido do poeta a certo Marco Antonio para que apresente as suas obras ao cardeal Alexandre Albani.

“E però, siccome finda Parigi v’inviati alcuni miei Libri da presentarsi all’Eccellenza del Sig. Principe D. Alessandro Albani, ora che cotesto signore, merce de segnalati servigii, che con incredibile spirito, e dentro, e fuori d’Italia alla Santa sede ha prestati, è cardinale, ricorro a voi da Bologna, acciocche in nome mio umiliate all’Eminenza sua il povero dono di questi Dialoghi, che ho informati, e che come cosa Dramatica ho nel mio Teatro inseriti.

Così umil cosa non ardirei per me stesso a tanto Eminente Personaggio esibire comechè curiosa ne sia la materia e nuova ancor possa dirsi, non abbondando i fondachi de Librai di chi del Volo abbia scritto. Gli è vero, che in questa nuova Edizione una mattina di meno voi troverete, ed eccone la cagione. Erano già sotto il torchio del, mentre visse, pulito Gonzaga questi miei Dialoghi: quand’ecco nela Corte del Signor Inviato di Portogallo, ora degnissimo Ambasciatore di quella corona una stampa in Lingua Tedesca apparire, la qual conteneva un’esperimento di certa Barca volante de un Frate Indiano, nominato Bartolomeo Laurenzio in Lisbona inventata, e che doveasi in quella gran Capitale, alla presenza di tutta la Corte il Di Ventiquattro di Giugno dell’anno mille settecento nove sperimentare. La stampa era di Vienna apresso Gianbattista Schottner Stampatore Cesareo aulico, e dell’Università, all’Insegna del Granchio Rosso, e contenea la Figura con altre particolarità dell’Ordigno, che io raffrontando colla ragione, non praticabili ritrovavo, perchè ferocemente mi diedi ad impugnar l’Invenzione, ed a prognosticarle una riuscita infelice, il che cagionò, che io la ferocemente mi diedi ad impugnar l’Invenzione, ed a prognosticarle una riuscita infelice, il che cagionò, che io la

375.

sto: e poichè fortuna vuole, che del volar col persevero, e dello sfogarci, scrivendo del Volo, ci consentiamo, in primo luogo con Ezzo voi mi rallegro, che perseveriate in coteſta robuſtezza di ſpirito, nella quale, ſei anni fa, vi laſciai. In ſecondo luogo vi ſo con queſte famigliari righe conoſcere, che il lungo ſilenzio fra noi dopo la mia partenza, ſerbato, non rallenta in me, nè la ſtima verſo di voi, nè il vincolo ſacro dell' amicizia. E però, ſiccome ſin da Parigi v' inviavi alcuni miei Libri da preſentarsi all' Eccellenza del Sig. Principe D. Aleſſandro Albani, ora che coteſto Signore, mercè de' ſegnalati ſerviggj, che con incredibile ſpirito, e dentro, e fuori d' Italia alla Santa Sede ha preſtati, è Cardinale, ruorro a voi da Bologna, acciocchè in nome mio umiliate all' Eminenza ſua il po-vero dono di queſti Dialoghi, che ho riformati, e che come coſa Drammatica ho nel mio Teatro inſeriti. Coſi umil coſa non ardirei per me ſteſſo a tanto Eminente Perſonaggio eſibire, comechè curioſa nè ſe la materia, e nuova ancor poſſa dirſi, non abbondando i fondachi de' Librai di Chi del Volo abbia ſcritto. Gli è vero, che in queſta nuova Edizione una mattina di meno voi troverete, ed eccone la cagione. Erano già ſotto il Torchio del, mentre viſſe, pulito Gonzaga queſti miei Dialoghi: quand' ecco nella Corte del Signor Inviato di Portogallo, ora degniffimo Ambaſciadore di quella Corona una Stampa in Lingua Tedefca apparire, la qual conteneva un'eſperimento di certa Barca volante da un Frate Indiano, nominato Bartolomeo Laurenzio in Liſbona inventata, e che doveaſi in quella gran Capitale, alla preſenza di tutta la Corte il Di

Ventiquattro di Giugno dell' anno mille settecento nove sperimentare . La stampa era di Vienna appresso Gianbattista Schotiner Stampatore Celareo aulico, e dell' Università, all' Insegna del Granchio Rosso, e contenea la Figura con altre particolarità dell' Ordigno, che io raffrontando colla ragione, non praticabili ritrovava, perchè ferocemente mi diedi ad impugnar l' Invenzione, ed a prognosticarle una riuscita infelice, il che cagionò, che io la Quarta mattina precipitassi, e che alle tre precedenti (per così dir) l' incollassi. E che non feci? Su l' Intaglio del Frontespicio n' esigiai la Figura, che in numero è la seconda, ma rovesciata, ed in atto, secondo la mia predizione, di rovinare. Nel Dialogo pure la traduzion della Stampa dal Tedesco nell' Italiano Idioma, e la dichiarazione della Figura leggevasi. Tornato poscia da quella Nunciatura Apostolica, l' Eminentissimo Conti, ora Santissimo in Cristo Padre, e nostro adorato Sovrano Innocenzo XIII. Pontefice Ottimo Massimo, mi feci ad interrogare sopra l' esperimento dell' Uom del Brasile i Ministri di Sua Eminenza, siccome quelli, che fama era, esservi intervenuti, e nulla di quanto per me si era letto nell' Edizione Tedesca colà dicean accaduto. Parlavasi bene di certo globo di Carta, che a forza di Quintessenze ivi chiuse, e riscaldate, ed attratte dal Sole a qualche altezza saliva, onde poi, scoppiando in pezzi minutissimi ricadeva, cosa di nessun uso, e di nessuna aspettazion meritevole. Tardi allor mi pentii dell' aver troppo alla Tedesca Stampa creduto; ma come non crederle, quando tutte quelle Nazioni se ne compiacquero, che negl'

Idio-

Idiomi loro la trasportarono , girandone attorno per la Francia non meno , che per l' Olanda , le moltiplicate Edizioni? Il che per me esagerandosi un giorno coll' Eccellenza del Signor Ambasciador di Portogallo d' allora , Signore di varie sorte di scienze , e di tutte le belle , ed ingenue Arti ornatissimo , amenamente sorrise , e mi aperse , come lo studiosissimo suo Primogenito , l' ingegno elevato del quale era stato all' Educazione del Matematico Brasiliese commesso , essendo esso l' unico , che dal Religioso era ammesso dentro il Ricinto , nel quale il tanto aspettato Ordigno si congegnava , per non rivelare il Secreto nella sua fede depositato , e per liberarsi altresì dalla curiosa importunità delle inchieste , lasciò trascorrere quella Carta , che manoscritta passando di mano in mano , uscì improvvisa dai Torchi di Germania , di Francia , e d' Olanda , del qual successo il Giovine Cavaliere , e l' Indiano , ridendo , si ebbero a smascellare . Vi prego dunque , Signor Marcantonio , di raccontare a sua Eminenza la Storia , lasciando poi dedurne al Signore la ragione dell' aver noi cacciato via dai tre nostri Dialoghi il Quarto , siccome quello , che su l' aria di una graziosa , ed innocente Impostura fondavasi ; il che a voi sarà agevole l' eseguire con cotesto Umanissimo Principe , coll' animo ingegno del quale vi hanno i comuni Studj congiunto . Io , Io ho veduto le Stanze di sua Eminenza , mentr' era Prelato , tutte popolate di Greci , e rarissimi Simolacri ; e l' ho udito con mille , ingenose , argute , e dotte sue riflessioni la perfezione di que' marmorei Lavori animarmi , tantocchè l' Erudizione tutta , che voi in tanti anni di pratica , di osservazioni , e

di

Quarta mattina precipitassi, e che alle tre precedenti (per così dir) l'incollassi. E che non feci? Su l'Intaglio del Frontespicio n'efigiai la Figura, che in numero è la seconda, ma rovesciata, et in atto, secondo la mia predizione, di rovinare. Nel Dialogo pure la traduzion della Stampa dal Tedesco nell'Italiano Idioma, e la dichiarazione della Figura leggevasi. Tornato poscia da quella Nunciatura Apostolica, l'Eminentissimo Conti, ora Santissimo in Cristo Padre, e nostro adorato Sovrano Innocenzo XIII. Pontefice Otimo Massimo, mi feci ad interrogare sopra l'esperimento dell'Uom del Brasile i Ministri di Sua Eminenza, siccome quelli, che fama era, esservi intervenuti, e nulla di quanto per me si era letto nell'Edizione Tedesca colà diceasi accaduto. Parlavasi bene di certo globo di Carta, che a forza di Quintessenze ivi chiuse, e riscaldate, ed attratte dal Sole a qualche altezza saliva, onde poi, scoppiando in pezzi minutissimi ricadeva, cosa di nessunuso, e di nessuna aspettazion meritevole. Tardi allor mi pentii dell'aver troppo alla Tedesca Stampa creduto; ma come non crederle, quando tutte quelle Nazioni se ne compiacquero, che negl' Idiomi loro la trasportarono, girandone attorno per la Francia non meno, che per l'Olanda, le moltiplicate Edizioni? Il che per me esagerandosi un giorni coll' Eccellenza del Signor Ambasciador di Portogallo d'allora, Signore di varie sorte di scienze, e di tutte le belle, ed ingenue Arti ornatissimo, amenamente sorrise, e mi aperse, come lo studiosissimo suo Primogenito, l'ingegno elevato del quale era stato all'Educazione del Matematico Brasiliese commesso, ebendo esso l'unico, che dal Religioso era amesso dentro il Ricinto, nel quale il tanto aspettato Ordigno si consegnava, per non rivelare il Secreto nella sua fede depositato, e per liberarsi altresì dalla curiosa importunità delle inchieste, lasciò trascorrere quella Carta, che manoscritta passando di mano in mano, uscì improvvisa dai Torchi di Germania, di Francia, e d'Olanda, del qual successo il Giovine Cavaliere, e l'Indiano, ridendo, si ebbero a smascellare. Vi prego dunque, Signor Marcantonio, di raccontare a sua Eminenza la

Storia, lasciando poi dedurne al Signore la ragione dell'aver noi cacciato via dai tre nostre Dialoghi il Quarto, siccome quello, che su l'aria di una graziosa, ed innocente impostura fondavasi; il che a voi farà agevole l'eseguire con cotesto Umanissimo Principe, coll'animo ingenuo del quale vi anno i comuni Studi congiunto.

Vejamos agora a traducção não litteral deste texto.

E pois logo que de Pariz vos enviei alguns livros meus para serem apresentados ao Exmo. Principe D. Alexandre Albani (agora que mercê dos serviços assignalados que com incrível talento prestou á Santa Sé, dentro e fóra da Italia, é cardeal o mesmo Senhor), a vós recorro de Bolonha, afim de que, em meu humilde nome, faça a Sua Eminencia a pobre dadiva destes *Dialogos* que refundi e que como se trata de assumpto dramatico inseri no meu *Theatro*.

Assim não ousarei pessoalmente, apresentar tão desvaliosa cousa a tão eminente personagem visto como a materia não é curiosa nem della se pode dizer que seja nova, não abundando aliás nos depositos dos livreiros aquillo que sobre o Vôo eu havia escripto.

Assim é exacto que nesta nova edição encontrareis uma Manhã (Mattina) a menos e eis o que tal motivou.

Já nos prelios do gentil Gonzaga que então vivia estavam estes mesmos *Dialogos* quando eis que no palacio do Senhor Enviado de Portugal, actualmente dignissimo Embaixador daquella Corôa surgiu um impresso em lingua alemã, a tratar da experiencia de certa Barca voadora de um Frade Indiano, chamado Bartholomeu Lourenço, inventada em Lisboa e que devia, naquelle grande Capital, e em presença de toda a Côrte fazer experiencia no dia vinte e quatro de junho do anno de mil setecentos e nove.

A impressão era de Vienna provinda de João Baptista Schottner. Impressor Cesareo aulico e da Universidade, sob a insignia do carangueijo vermelho e continha a figura com outras particularidades do aparelho Submettendo-as ao meu criterio não a achei praticavel, motivo pelo qual me puz a impugnar o invento e a prognosticar lhe infeliz exito, o que

deu motivo a que na "*Quarta mattina*" eu a precipitasse e nas tres precedentes por assim dizer generalisasse o caso.

E que fiz? Sobre a gravura do frontespicio imprimi a figura (sc. a da *Passarola*) que em numero de ordem é a segunda, mas abatendo-se sobre o solo e na imminencia, segundo a minha predição, de arrebentar-se. No Dialogo, todavia lia-se a traducção do impresso allemão para o idioma italiano e a descripção de tal figura.

Voltando mais tarde daquella Nunciatura Apostolica (de Lisboa) o Eminentissimo Conti agora o Santissimo Padre em Cristo e nosso soberano adorado Innocencio XIII, pontifice optimo Maximo, resolvi indagar dos auxiliares de Sua Eminencia o que sabiam das experiencias do homem do Brasil, visto como corria a fama de haver elle (o Cardeal) intervindo no caso. Nada quanto na edição allemã eu lera haver acontecido alli (em Portugal) disseram-me elles ter realmente succedido.

Falou se sim de certo globo de papel que a força de quintessencias, nelle contidas e aquecidas e attrahidas pelo Sol subira a certa altura de onde, depois, explodindo em pedaços minusculos, recahira, cousa sem serventia alguma e sem nenhuma expectativa meritoria.

Tarde então me penitenciei de tanto haver dado credito ao impresso tedesco. Mas como nelle não crer? quando todas aquellas Nações tanto nelle acreditavam e compraziam se que o traduziram para os seus idiomas, divulgando se lhe não menos em França do que em Hollanda as multiplas edições?

Encarecendo eu este facto, certo dia, a conversar com Sua Excia o Senhor Embaixador de Portugal, homem possuidor de variados conhecimentos e sobremodo versado nas Bellas Artes, e nas nobres, sorriu ele amenamente e me confidenciou o modo pelo qual seu studiosissimo Primogenito (cujo cultivo da alta intelligencia fôra commettido ao Mathematico Brasileiro sendo o unico que este Religioso admitia no recinto, em que o tão esperado aparelho se construia) se houvera para não revelar o segredo confiado á sua lealdade. Para libertar-se da curiosidade importuna das per-

guntas deixou escapar aquelle papel que manuscripto, passando de mão em mão, sahira inopinadamente dos prelos da Allemanha, França e Hollanda, havendo o joven fidalgo, e o Indiano (sic) estourado de riso por causa de tal successo.

Assim vos peço senhor Marcantonio que conteis esta historia a Sua Eminencia, allegando, pois a este Senhor a razão de haver eu expungido, depressa, dos *Dialogos* o quarto, pelo facto delle se basear em graciosa e innocente impostura; isto vos será facil realizar em relação a este Humanissimo Principe a cujo nobre espirito liga a communitade dos vossos Estudos.

Como vemos, do que acaba de ser lido o poeta escusa-se, mil e uma vezes, da disparidade existente entre as duas edições de sua obra rimada e de prosa.

Queria de todos os modos salvaguardar a reputação de sua boa fé e criterio, explicar por meio dos mais solidos argumentos a razão do seu scepticismo acerca da viabilidade do voo da teratologica machina tal qual se podia deduzir do exame da inacreditavel estampa, vinda da Allemanha á Italia dos prelos de tal Schottern (aliás Schonwetter), pois o nome do impressor elle o reproduziu estropeado.

Era com real prazer que via confirmadas as já antigas previsões de inexequibilidade da monstruosa *Passarola*. Assim se justificava de a ter mandado desenhar no cabeçalho de um dos seus capitulos, a despencar das alturas sobre o solo e sob as gargalhadas do philosopho Democrito.

Alguns annos após tal antecipação poudera ter a plena confirmação daquillo que o simples bom senso lhe dictara.

A tal *Passarola* não passava de mera brincadeira imaginada por um amigo de Gusmão para illudir os papalvos e dar o troco áquelles que já farejavam algum resultado pratico de uma possivel apropriação do invento do santista!

Por falta de conhecimento do texto de Martello anterior as paginas 275, 376, 377 e 378 dos *Versi e prose* que foram as únicas por nós recebidas, da Italia, não sabemos a quem elle se dirige quando se refere a alguém que devia ser o por-

tador de seus livros ao Cardeal Albani, e entre elles o *Del volo* de que supprimira uma *Mattina* aquella em que fizera a traducção do texto geranmico de Schonwettern para o italiano; tornado desnecessario por se haver descoberto o seu caracter de falsidade.

O cardeal Albani (Alexandre), parente de Clemente XI, foi não só um dos mais notaveis purpurados do seu tempo como uma das mais bellas figuras do seculo XVIII italiano como apaixonado amigo das artes e da archeologia e o constructor da magnifica Villa Albani em Roma.

Nascido em 1692 seria já aos 29 annos de idade membro do Sacro Collegio. Dotado dos mais alto senso artistico, infatigavel colleccionador de antiguidades protector zeloso das letras e artes reuniu thesouros valiosissimos na Villa Albani, celebre pelos admiraveis jardins, ciecios de bellas fontes e magnificas estatuas, o palacio de gosto pompeiano e construido por Marchione edificio esplendido e decorado por grandes artistas entre os quaes se destaca Raphael Mengs.

Amicissimo do illustre Winkelmann entregou-lhe Albani a guarda de sua collecção de maravilhosos marmores em que se contavam obras de Praxiteles, Criton, Stephanos e outros dos maiores esculptores gregos.

Winckelmann descreveu, em sua *Historia de Arte*, grande parte das riquezas artisticas e archeologicas daquella mansão sumptuosa. Morreu o Cardeal em 1779 e seus thesouros foram já poucos annos mais tarde diminuidos notavelmente pelas requisições de Napoleão I sendo transportadas nada menos de 294 de suas mais importantes esculpturas para o Louvre.

Restituídas após 1815 vendeu-as em leilão o principe José Albani empobrecido.

Apezar de sobremodo diminuida em seu acervo artistico ainda hoje é a Villa Albani uma das mais notaveis mansões romanas.

Um parente do Cardeal Albani, Annibal Albani, bispo de Sabina e sobrinho de Clemente XI (1682-1750) era o brilhante emulo do seu primo mais voltado porém para a bibliogra-

plia e a numismatica. Reuniu magnifica bibliotheca e collecção de moedas e medalhas incorporadas mais tarde ao patrimonio pontificio.

O facto de Martello referir-se ao Cardeal Conti Papa Innocencio XIII já como Summo Pontifice, então reinante, fixa a data do seu texto.

Começou o pontificado deste successor de São Pedro a 8 de maio de 1721 e terminou, com a sua morte, a 7 de março de 1724.

Assim Martello escreveu a sua explicação depois da primeira data e antes do fallecimento de Bartholomeu de Gusmão occorrido a 19 de novembro de 1724, e quinze annos após as experiencias do aerostato em Lisbôa.

Pouco depois occorreria a catastrophe do desvalimento do Voador e o incendio por este ateiado a todos os seus papeis, ao fugir para a Hespanha, nas ultimas semanas de sua vida.

Nada subsistiria dos desenhos reaes do seu invento, pois! ou pelo menos até hoje a nenhum delles encontrariam os defensores de seus direitos, pelos archivos e bibliothecas.

Mas a sinistra mystificação mercè da enorme divulgação "por meia Europa" permaneceria vivaz a invalidar os credits do inventor! Seria impossivel imaginar-se maior malevolencia da sorte! E mais eloquente demonstração de quanto é perigoso brincar com a verdade! mesmo com as mais insignificantes cousas.

Pode-se mesmo reduzir o prazo dos tres annos acima citados para o decurso do anno de 1721 visto como Martello declara que Albani acabava de ser creado Cardeal e sabemos que neste millesimo foi elle chamado ao Sacro Collegio por Innocencio XIII.

Vejamos porem o engano em que por inadvertencia incidiu o Padre Venturini ao attribuir a Gusmão a autoria do desenho da Passarola quando Martello formalmente declara que tal invenção se deveu ao Conde de Pennaguião como acabamos de ver. E' este o texto do autor italiano.

“400. CONFESSIONE PREZIOSA. — Parlando di tal faccenda con l’Ambasciatore del Portogallo presso la S. Sede, questo un giorno sorridendo gli fece una preziosa confessione.

Nel 1709 non era ambasciatore, ma stava alla corte di Lisbona. Il suo primogenito conosceva bene il Gusmão, essendo suo allievo nelle matematiche, anzi l’unica persona che il Gusmão ammettesse “dentro il recinto, nel quale il tanto aspettato ordigno si congegnava”.

Or avvenne che molti assediando il Gusmão affin de cavarne indiscretamente, come suol dirsi, qualche confidenza, il Gusmão stesso, “per non rivelare il secreto nella sua fede depositato, e per liberarsi altresì dalla curiosa importunità delle inchieste”, scrisse quel foglietto, dove sembrava spiegare tutto, e fingendo di lasciarselo strappar di mano, agli ingordi di primizie lo fece apparire quasi un geloso tesoro.

Fu, dai primi che lo ebbero, fatto ingran segretezza copiare ad altri, finchè, tra le più saporite risate del Gusmão e del suo prediletto alunno, probabile complice di quella burla, il foglietto, tradotto in varie lingue, percorse mezza Europa.

Tutto questo racconta il Martello nell’Epistola dedicatoria dei *Dialoghi sul volo*, per giustificare nell’edizione definitiva del 1720 il motivo che lo induce a sopprimere la *quarta mattina*, aggiunta frettolosamente all’edizione del 1710.

Traduzámo-la notando que Venturini se refere á consulta de Martello ao embaixador portuguez, o marquez de Fontes (A Martello, Opere, Roma, Della Volpe, 1720, Vol. X, pg. 375) (Nota de Venturini).

Traduzamo-lo:

400 — Confissão preciosa — Falando de tal historia ao embaixador de Portugal junto á Santa Sé, este certo dia, a sorrir, fez-lhe preciosa confissão.

Em 1709 ainda não era embaixador mas achava-se na Côte de Lisboa.

Seu primogenito (o conde de Pennaguião) conhecia bem a Gusmão, de quem era alumno de mathematicas, sendo a unica pessoa por Gusmão admitido no recinto dentro do qual o tão esperado apparelho se armava.

Ora acontecendo que fossem muitos os que assediavam a Gusmão, afim de surprehender-lhe indiscretamente, qualquer confidencia, o proprio Gusmão, para não confiar o segredo confiado a sua fé, e outrosim para se libertar da importuna curiosidade das perguntas, escreveu aquelle folheto, onde parecia tudo explicar, e fingiu deixal-o escapar das mãos.

Aos sofregos de primicias, fel-o apparecer como se fora thesouro dos mais ciosamente guardados.

Os primeiros que o tiveram fizeram-no, sob grande sigilo, copiar passando a outros, até que, entre as mais saborosas risadas de Gusmão e de seu alumno predilecto, provavel cumplice daquella burla, o folheto, traduzido em varias linguas, percorreu meia Europa.

Tudo isto, finaliza Venturini, conta-o Martello na Epistola dedicatoria dos *Dialogos sobre o vôo*, para justificar pelo qual na edição definitiva (de suas obras) foi induzido a supprimir a *quarta maltina*, inserta pressurosamente na edição de 1710”.

Está pois realizada a rectificação a que nos propuzemos O autor do memorial e da estampa da *Passarola*, foi o Conde de Pennaguião com o assentimento do proprio Gusmão.

O documento do archivo Vaticano descoberto pelo Marquez de Faria e por elle reproduzido fac-similarmente, datado já de 1709, deve ser uma traducção da burla do Conde de Pennaguião. E o mesmo se poderá dizer dos seus congeneres de Vienna, de Londres e dos francezes e hollandezes de cuja existencia nos fala Martello mas com que jamais nos poudemos avistar.

RESUMO DAS MONOGRAPHIAS DOS TOMOS VIII E IX DOS ANNAES DO MUSEU PAULISTA

A uma instigação generosa do querido amigo, Afranio Peixoto, correspondemos com longas e aturadas pesquisas para o melhor esclarecimento de vida e do valor da obra de Bartholomeu de Gusmão.

Pensamos tel-as concluido, satisfeito por haver exposto ao publico brasileiro o que eminentes pesquisadores realizaram no mesmo sentido e coordenado o que sobre o assumpto estava sobremodo esparso e tumultuario.

E tivemos a felicidade de poder apontar diversos documentos ineditos e valiosos e sobretudo de haver revelado a prova da falsidade da estampa mystificatoria da *Passarola*, obice principal ao reconhecimento dos direitos do Voador, descoberta esta realisada pelo eminente erudito italiano Galileu Venturini. Outro e illustre amigo, Arthur Neiva, fez nos ver a necessidade da publicação de um *abstract* das duas longas monographias que sobre Gusmão e o seu aerostato escrevemos.

E' o que aqui realisamos.

I

a) *SUMMULA BIOGRAPHICA*

Filho do cirurgião mór militar portuguez Francisco Lourenço e de sua mulher Maria Alvares, santista, de velha familia vicentina, nasceu Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em Santos e em dezembro de 1685, quarto de uma irmandade de seis homens e seis mulheres e nascido de paes sobremodo piedosos. Destes doze irmãos vieram oito a ser ecclesiasticos.

Dos homens cinco occorrendo ainda que além das tres mulheres entradas em religião uma quarta, Joanna de Gusmão, depois de casada, entregou-se ao ascetismo. Notavel a intelligencia desses irmãos Além de Bartholomeu alcançou outro, Alexandre, o mais elevado renome, como todos sabem, e quatro outros tornaram-se notados como escriptores sacros e pregadores.

Grande amigo do Provincial dos Jesuitas, Padre Alexandre de Gusmão, entregou-lhe Francisco Lourenço a educação de Bartholomeu que assim passou a estudar no Seminario de Belem, junto á Cachoeira, na Bahia, fundação do illustre loyolista e escriptor. Entrou no noviciado da Companhia de Jesus mas nelle não perseverou embora continuasse a preparar-se para a carreira ecclesiastica como padre secular.

Desde a mais tenra infancia revelara prodigiosa intelligencia e descommunal memoria que a seus mestres e condiscipulos assombrava.

Em 1701, com dezeseis annos incompletos, fizeram-no os jesuitas ir a Lisboa onde a todos espantou, com as demonstrações da mentalidade fóra do commum e a extensão dos conhecimentos, verdadeiramente extraordinarios das humanidades e sciencias ecclesiasticas.

Voltando ao Brasil deveria, em 1705, revelar nova face do talento, construindo uma machina elevatoria d'agua para o abastecimento do Seminario de Belem.

Não se sabe ainda onde e quando se ordenou. Provavelmente recebeu o presbyterato em fins de 1708, na Bahia ou no Rio de Janeiro. Já então o preocupava a ideia da realisação do aerostato de ar quente que o immortalisaria.

Em principios de 1709 vemol-o, novamente, em Lisboa pedindo ao Rei privilegio para o seu balão. Recebido com summo agrado por D. João V e a Rainha D. Maria Anna de Austria, viu-se logo alvo da mais decidida protecção regia; apresentado que fôra aos soberanos por um dos maiores fidalgos de sua Côrte, o marquez de Fontes e Abrantes, que

se tomara de grande amizade pelo jovem inventor brasileiro. Esta acolhida levantou logo uma onda de inveja e malevolencia enorme contra o joven americano movimento chefiado pelo truão Thomaz Pinto Brandão e traduzido pelo aparecimento de um sem numero de pasquins pseudo poeticos ou em prosa charra.

A's experiencias do aerostato, marcadas para 24 de junho de 1709, atrazou uma enfermidade do Rei. Realizaram-se a 5 e 8 de agosto immediatos, em presença do monarcha e da Rainha, dos Infantes, do Nuncio Cardeal Conti, futuro Papa Innocencio XIII, do Marquez de Fontes e numerosa fidalguia.

Occorreram numa das salas do Paço Real. A' primeira acompanhou completo fracasso. Incendiou-se o balonete sem se mover do solo. Na segunda subiu elle á altura de cerca de quatro metros e meio, tendo ido chocar-se de encontro a umas cortinas da sala das Embaixadas. Incendiando a estes pannos motivou tal incidente terem os Creados da Casa Real, armados de varapaus, abatido o aerostato, receiosos de possivel incendio. Em terceira experiencia esta ao ar livre, em outubro de 1709 o balão subiu novamente mas parece ter ido de encontro a uma parede ou cimalha incendiando-se igualmente.

Dahi em deante silenciam os documentos acerca de novas experiencias acaso feitas por Gusmão, que no emtanto realizara a demonstração flagrante da possibilidade de ascensão de um aparelho aos ares, em virtude do principio de Archimedes, facto virgem nos annaes da Humanidade.

Mas como o inventor houvesse e com a maior imprudencia, promettido maravilhas do seu invento, e a realidade tivesse sido tão insignificante, achou-se em situação desagradavel tanto mais quanto já gastara elevadas sommas alheias nos ensaios preparatorios.

D'ahi o redobramento das chufas e apodos e o avolumamento dos pasquins que o procuravam desmoralisar visando tirar-lhe o valimento real.

Era Bartholomeu de Gusmão victima do atrazo scientifico do seu meio. Entre os seus compatriotas contemporaneos ninguem poudera perceber, o altissimo e enorme significado de sua tentativa, fazendo subir aos ares o globo, o balão de São João, aquillo que em 1783 ia ser a *montgolfière* e causar tamanha e tão justa impressão em todo o Globo civilizado.

Retrahiu-se Gusmão intimidado pela falta de exito. Moço, pobre, não fidalgo, colono, numa epoca em que os brasileiros ainda não tinham o menor prestigio, tudo o levava a retrahir-se. Houvesse realisado suas tentativas em França, Inglaterra, Hollanda, Allemanha, Italia septentrional, e outras teriam sido as consequencias dos ensaios.

Apezar de tudo continuaram os soberanos portuguezes a dispensar-lhe o maior agrado. Convidou-o Dom João V a pregar perante a Côrte e deu-lhe novas recursos para o invento que tinha em mente executar: novo systema de bombas para esgotar a agua dos porões dos navios.

A toda a Côrte encantava a presença de Bartholomeu Lourenço, homem da mais gentil presença, dizem os seus biographos, perfeita cortezia de maneiras e sobretudo dotado de faculdades excepcionaes de intelligencia e memoria, realçadas pela mais vasta cultura.

De 1713 a 1716 sahiu de Portugal para a Europa do Norte; esta phase de sua vida ainda é muito obscura. Sabe-se hoje com certeza que viveu na Hollanda e em França. Parece que tambem permaneceu algum tempo na Inglaterra. Os seus detractores affirmaram, incansaveis que em Amsterdam frequentara muito os judeusportuguezes alli refugiados vivendo a offerecer como bufarinheiro, pequenos inventos seus como o de um systema de lentes para se assarem carnes ao sol, etc.

Em Pariz, relata um documento encontrado por Alberto Rangel, viveu como hervanario a vender simplices da flora brasileira, certamente para poder sustentar-se. Lá encon-

trou o irmão, Alexandre que servia na embaixada do Conde da Ribeira Grande e com elle regressou a Portugal, onde Dom João V lhe renovou a expressão de seu vivo apreço.

Recomeçou os estudos interrompidos na Universidade de Coimbra onde, em 1718, doutorou-se em canones depois de brilhante curso.

Deste anno em deante, ao que parece, passou a assignar-se Bartholomeu Lourenço de Gusmão, additando ao patronymico paterno o nome de seu mestre e protector a exemplo de que fizera seu irmão o homonymo do Provincial jesuitico.

Taes as demonstrações de seu talento que a Corôa o chamou para assessoriar os advogados regios numa causa da maior importancia: o processo existente entre ella e os herdeiros da opulenta casa confiscada aos Duques de Aveiro.

Passou a ser uma das personalidades mais em evidencia da Côrte de Dom João V, e a fazer parte das academias litterarias de Lisboa como um dos mais destacados intellectuaes da monarchia lusitana.

Chamou-o Dom João V a servir no ministerio das Relações Exteriores, onde, dentro em breve, revelava nova face dos talentos multiformes. Demonstrou prodigiosa aptidão para decifrar a cryptographia da correspondencia interceptada das potencias europeas com os seus representantes junto ao rei portuguez, serviço importantissimo a que deu cabal desempenho.

Pouco depois cuidava de melindrosas pendencias com a Santa Sé, questões estas ultimadas por seu irmão Alexandre especialmente enviado a Roma afim de as resolver.

Seus encarniçados e implacaveis inimigos espalharam então que elle, Bartholomeu, se houvera com a maior inepeia nestas negociações tendo ido a Roma concluil-as de lá voltando verdadeiramente corrido.

Demonstrou Brito Rebello a inanidade destas accusações, provando a indiscutivel impossibilidade da ida de Bar-

tholomeu de Gusmão a Roma pela sua permanencia, sem interrupção, em Portugal, de 1716 a 1724, até os seus ultimos sessenta dias de vida.

Continuando a desfrutar a plenitude do valimento real, viu-se Bartholomeu de Gusmão convocado a fazer parte da Academia Real de Historia, recém fundada por D. João V e como um dos *academicos do numero* (effectivos).

Foi incumbido de escrever a Historia do Bispado do Porto o que principiou a fazer deixando alguns capitulos traçados com a maior consciencia de pesquisas e real argucia, como ultimamente demonstrou o erudito Magalhães Basto.

Entrementes pensava em novos inventos como os da exploração e aproveitamento de turfeiras, de uma bomba elevatoria d'agua de que pediu privilegio, etc.

Querendo significar-lhe novamente o apreço D. João V lhe ennobrecceu o Pae e deu-lhe os rendosos proventos do arrendamento de uma escrevania em Ouro Preto. Ao mesmo tempo fel-o a Rainha seu capellão.

Accusaram-no invejosos e detractores de se ter mostrado então arrogante, a viver faustosamente a rodar carruagem e a frequentar más companhias.

Infelizmente relacionado com o Infante Dom Francisco, irmão do Rei personagem brutal, de pessimos instinctos, de cuja violencia muito se arreceiava o casal regio, deixou-se Bartholomeu de Gusmão levar a envolver-se em sordida intriga cortezã a que se prendeu a historia imbecil de uns sortilegios a se lançar ao monarcha, aliás nesas epoca, setembro de 1724, assaz gravemente enfermo.

Descoberta esta conspirata aproveitaram-se seus inimigos de tão favoravel ensejo para o perder.

A policia inquisitorial desde algum tempo o vigiava porque o via muito ligado a judeus e judaisantes brasileiros residentes em Lisbôa, sob a yigilancia do Santo Officio. Visitava muito, sobretudo, certa familia de israelitas fluminenses cujo chefe era o advogado Miguel de Castro Lara, assim como os parentes deste semita a gente do nosso celebre poeta

theatrologo Antonio José da Silva, o *Judeu* queimado alguns annos mais tarde em auto de fé como ninguem ignora.

Dom João V fiel á antiga amizade preveniu a Bartholomeu de Gusmão que fugisse de Portugal e elle espavorido, tendo reduzido o seu grande archivo a cinzas partiu, ás pressas, para a Hespanha, aliás não perseguido, e acompanhado por um irmão o carmelita Frei João Alvares de Santa Maria.

Pretendia estabelecer-se em Paris mas chegando a Toledo, aliás quasi sem recursos, sentiu-se gravemente enfermo, de febre que parece ter sido um typho. Recolheu-se a um hospital de misericordia onde falleceu, a 19 de novembro de 1724, aos trinta e nove annos incompletos.

Demonstrou Bento Rebello, á vista dos autos inquisitoraes que os resultados do processo sobre os acontecimentos que haviam determinado esta catastrophe foram insignificantes. Os reus nelle envolvidos tiveram minimas penas e as consequencias de tal historia foram absolutamente nullas.

Levianos biographos quizeram ligar esta historia policial á das experiencias do Voador, inventando que o Santo Officio perseguiu atrozmente o precursor por causa do seu invento aerostatico, accusando-o de feitiçaria.

Isto é simplesmente inepto. As experiencias do balão datam de 1709. Deste millesimo em deante, pelo largo prazo de quinze annos desfructou Gusmão do mais acentuado valimento regio. Chegou a ser um dos homens influentes da Côrte de Dom João V até o dia da desastrada conspiração em que acompanhou o Infante Dom Francisco eterno inquietador de seu irmão, na absurda tentativa de 1724 com o deploravel fito a que assignalam, com pormenores, o manuscrito da *Diabrura em forma*, descoberto por Freire de Carvalho e o processo inquisitorial e policial analysado por Brito Rebello.

O mau fado de Gusmão fel-o desapparecer do mundo quando, tão acertadamente, pretendia ir a Paris renovar as experiencias aerostaticas, intento a que se referem os docu-

mentos diplomaticos publicados pelo Marquez de Faria. Houvesse attingido um centro scientifico como a capital franceza e certamente não occorreria ensejo algum para a aspera campanha em favor da reivindicação dos seus direitos á prioridade aerostatica, tanto mais quanto, de sua rapida passagem por Pariz, em 1717, já lhe proviera a posse plena da lingua franceza.

Foi-lhe a queda acolhida por estrondosas demonstrações de jubilo dos inimigos e invejosos. Já o infeliz precursor era morto e sobre elle se encarniçavam os furores de verdadeira cainçalha poetica chefiada por individuos ignobeis do estofo de Thomaz Pinto Brandão, o *Pinto Renascido*, Pedro de Azevedo Tojal, autor do poemeto obsceno, *O foguetario*, Christovam da Silva, etc.

Parece-nos que a macula do processo inquisitorial de 1724 foi dos grandes factores do profundissimo silencio envolvedor da memoria de Gusmão, até o dia em que, com o invento dos irmãos Montgolfier, viram os portuguezes, com verdadeiro desespero, o erro de seus maiores relativo a um inventor de sua nação, erro que privara a raça lusa de incontestete gloria, retumbante e do maior alcance pratico.

Do exame da vida e das obras de Bartholomeu de Gusmão resta-nos a impressão de que este homem, a quem todos são unanimes em admittir facultades intellectuaes absolutamente fóra do commum, era, como tantos homens de genio, assaz desequilibrado, inconstante, sujeito a desanimos e empolgado por delirante imaginação. Fôra esta balda que o levava a proclamar, peremptorio, os maravilhosos resultados decorrentes de seu invento aerostatico, muito antes de ter conseguido, graças a ensaios preparatorios quaesquer bases para semelhantes antecipações.

Dahi tambem o descredito em que cahiu mercè do confronto entre as promessas e a realidade dos resultados obtidos. Discredito tanto mais justificavel quanto os seus observadores eram homens de nullo preparo scientifico e incapaz-

zes de perceber a grandeza da verificação do principio physico experimental decorrente dos memoraveis ensaios de agosto e outubro de 1709.

Como escriptor deixou-nos Bartholomeu de Gusmão attestados positivos de sua elegancia, riqueza de ideias e eloquencia. O seu sermão de Corpus Christi é simplesmente primoroso, como fundo forma e altiloquencia de conceitos.

Seja como fôr, a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, cabe indiscutivel e irrefutavel lugar na historia da Sciencia; honestamente escripta. Foi o primeiro a construir um modelo de aerostato, a realisar uma experiencia em que um apparelho, mais pesado do que o ar, elevou-se livremente na atmosphera mercê de condições expressas pelo principio de Archimedes.

E esta prioridade, hoje mais do que nunca ninguem lha poderá arrebatâr. Basta ella para assegurar ao primeiro inventor americano immarcessivel gloria.

II

b) *A PRIORIDADE AEROSTATICA DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO*

Quando em 1783, os irmãos Montgolfier, realisaram suas extraordinarias experiencias, reavivaram-se em Portugal as reminiscencias dos ensaios de Gusmão. E os archivos começaram a ser rebuscados no sentido de se proceder a uma reivindicação em prol dos direitos portuguezes a uma prioridade de excepcional importancia.

Documento impresso só havia um então conhecido e muito laconico e vago depoimento tardonho (de 1757) o de Pedro Aucourt e Padilha declarando que Gusmão subira aos ares dentro de um globo de papelão em presença de D. João V e sua Côrte.

Em compensação, logo appareceram como documentadores dos direitos do santista uma estampa e memorial aliás já desde muito divulgadas na Europa Central, sobre a chamada *Passarola*, Pretendiam descrever e reproduzir o aspecto do invento brasileiro.

Tão absurdos tão estramboticos, tão teratologicos que a opinião sensata de toda a Europa não lhes ligara a menor importancia. E não só os scientistas como os homens de simples bom senso os haviam coberto de ridiculo, embora houvesse alguns ingenuos que tomassem a serio tal figura e o absurdo memorial que a acompanhava. Nella se dizia, por exemplo, que a força ascencional do aparelho residia na presença de imans e de certos pedaços de ambar que, electrizados, provocavam a subida do aparelho aos ares.

Tal memoria e tal estampa corriam mundo impressos desde 1709 em allemão e inglêz e parece tambem que em francez e hollandez delles havendo uma tiragem manuscripta em latim, lingua scientifica da epoca como todos sabem.

Já em 1710 provocara acerba critica do escriptor italiano Pier Jacopo Martello no seu tratado *Del volo*.

Em portuguez é que não havia edição alguma de tal patranha. Após 1783 e as experiencias de Montgolfier appareceu ella falsamente datada de 1774, mas este embuste foi desmascarado por completo muitos decennios mais tarde por Innocencio Francisco da Silva, que demonstrou tal impostura. Provou que Simão Thadeu Ferreira o editor do folheto, só abrija typographia muitos annos depois de 1774.

Assim quando occorreram as experiencias dos Montgolfier, não existia em Portugal um só documento conhecido que provasse haver qualquer cousa de consistente na tradição relativa ao Voador.

Correram largos annos até que se lembrasse alguém de promover pesquisa seria a respeito de tal atoarda. Foi este o erudito Francisco Freire de Carvalho Figueiredo que, já em 1818, se occupava do assumpto havendo neste sentido consultado José Bonifacio de Andrada e Silva, sobre a au-

thenticidade do depoimento do beneficiado Leitão Ferreira” “o seu Achilles na Memoria sobre os aerostatos”, documento existente num codice da Bibliotheca de Evora.

Só em 1833 é que Freire de Carvalho apresentou ao seu amigo, o Patriarcha da Independencia Brasileira, a sua famosa *Memoria* com quatro documentos ineditos em defesa da these reivindicadora dos direitos do Voador, um dos quaes de capital importancia o depoimento de Leitão Ferreira. Era a ponta do veu que se levantava para descobrir a Verdade. Em 1849 divulgava em seu *Additamento á Memoria* novos e valiosos elementos entre os quaes o *Manifesto* do proprio Gusmão sobre o seu invento.

O Padre Francisco Recreio secundou-o, pouco depois, apresentando mais alguns documentos excellentes para a fixação da biographia e dos direitos do Voador.

Entremettes o chauvinismo exaltado obliterador do bom senso levava um homem de bella intelligencia, o Visconde de Villarinho de São Romão a tentar provar a exequibilidade de um aerostato construido segundo as indicações do famoso memorial portuguez de 1784. E tal o seu sebastianismo que não hesitava em admittir a hypothese de que Gusmão houvesse isolado o hydrogenio e delle se tivesse servido!

Os estudos de Freire de Carvalho, Visconde de São Leopoldo, Recreio, provocaram feliz consequencia a pronuncia de um erudito francez de nomeada Ferdinand Denis, que declarou firmemente acreditar nos direitos de Gusmão, em artigo da encyclopedia de F. Didot, publicada em 1858.

Em 1868 appareceu novo compeão na liça e este da maior envergadura. Augusto Felipe Simões, o illustre e infeliz professor de Coimbra, a publicar *A invenção dos aerostatos reivindicada*, obra de inestimavel valia onde se compendiavam, além dos muitos elementos biographicos novos, dous documentos da mais alta importancia: um segundo testemunho de que Gusmão construiu um aerostato que se elevava aos ares e um relatorio sobre o que seria o aerostato do

santista inteiramente diverso do abstruso e absurdo meino-
rial da *Passarola*.

Já então se ia formando uma corrente de opinião a favor do precursor. Varnhagen na sua *Historia Geral do Brasil*, pronunciou se, com o maior criterio, a seu respeito e Camillo Castello Branco, em 1873, proclamou retumbantemente que a seu ver fôra Bartholomeu de Gusmão “o maior homem que o seculo XVIII dera a Portugal.”

Em 1883 as grandes commemorações francezas celebra-
doras do primeiro centenario dos Irmãos Montgolfier trou-
xeram nova recrudescencia do saudosismo portuguez.

Publicou Brito Rebello importantissimas novidades para o esclarecimento da biographia do Voador e brilhante expo-
sição tendente a demonstrar a inutilidade dos esforços dos que pretendiam justificar a viabilidade da monstruosa *Passarola*.

A seu ver só podia ella, quando muito, ser a barquinha de um aerostato ignoto.

Em 1898 novo e retumbante triumpho! Manuel Maria Rodrigues achou entre os manuscriptos da Bibliotheca Municipal do Porto o depoimento de Salvador Antonio Ferreira, sobre as experiencias de 1709 o mais pormenorizado dos relatos até então divulgados.

Em 1909 a approximação da ephemeride bicentenaria dos ensaios de agosto congregou valoroso grupo de gusmanophilos a cuja testa se puzera o Visconde, depois Marquez de Faria, e o Coronel Gustavo T. Corrêa Neves.

Fundou o Visconde de Faria a Academia Aeronautica Bartholomeu de Gusmão, a que durante muitos annos presidiu e impulsionou, com a maior dedicação, num continuo *clama ne cesses!* E Correia Neves publicou a sua magistral memoria analysadora dos documentos de que até então era possível dispor-se. Isto não impedia que ainda houvesse homens de valor como os dous jesuitas, o austriaco Balthazar Wilhelm e o portuguez Manuel Rebimbas, ainda perdessem tempo com suas interpretações da indefensavel *Passarola*,

e que um homem de serios conhecimentos scientificos, e real pendor inventivo, como o Padre Manuel A. Gomes Himalaya procurasse assimilar o caso de tal monstrengo ao invento recente do Conde Zeppelin!

Em 1913, o Marquez de Faria, que já publicara tres memorias valiosas, embora tumultuarias, sobre o seu tão admirado precursor, divulgou um achado de capital importancia: o depoimento do Nuncio Apostolico em Lisbôa, Cardeal Conti, futuro Papa Innocencio XIII, sobre o que vira das experiencias de agosto de 1709, a ascensão do aerostato do brasileiro a quatro metros e meio acima do solo e seu incendio subsequente.

Em 1928 publicou o Padre Galileu Venturini da Companhia de Jesus a bella memoria *De Icaro a Montgolfier* monographia sobre os precursores da aerostática.

E coube-lhe então adduzir o mais estrondoso dos argumentos em favor dos direitos de Gusmão: o depoimento de Pier Jacopo Martello, datado já de 1721 (1721!) comprobatorio da falsidade da estampa e do memorial da *Passarola!*

Era Martello, recordemol-o o mesmo autor italiano que, em 1710, ridicularisara, uma e outro, e agora reproduzira o que ouvira do grande patrono de Gusmão o Marquez de Fontes e Abrantes, sobre a procedencia e o valor de ambos. Tratava-se dissera-lhe o Marquez de mera mystificação feita pelo seu primogenito, o Conde de Pennaguião, discipulo predilecto e confidente do inventor burla feita para fins de despistamento de curiosos importunos e sobretudo de pretendentes á possível espoliação de invento alheio.

Tivera este memorial, e tal estampa, inesperado e enorme surto de divulgação europea, causador do aniquilamento dos credits do inventor perante os posteros!

Emfim: *veritas quae sera tamen!* Estava por terra a authenticidade da funesta *Passarola*, mercê da descoberta de Venturini feita num livrinho rarissimo e esquecido de Martello, a segunda edição de *Del volo* de 1710.

Em 1934, o Coronel Costa Veiga, director da Bibliotheca Nacional de Lisbôa, publicando a *Gazeta em forma de carta*, da autoria de José Soares da Silva, membro da Academia Real de Historia Portugueza, trouxe a lume o quinto depoimento dos hoje conhecidos sobre as experiencias de 1709, precioso em sua concordancia com os anteriores e já de si muito valioso.

Assim, em summa, a defesa dos direitos de Gusmão a prioridade aerostatica assenta até agora em seis documentos inatacaveis e concordantes. Delles provam cinco que o inventor brasileiro fez, em 1709, subir aos ares um pequeno aerostato de ar quente.

Prova o sexto que a estampa e o memorial chamados da *Passarola* não passam de mera e grosseira burla embaçadora de ingenuos ou de obsecados.

Acerca da prioridade aeronautica de Bartholomeu de Gusmão que muitos imaginosos entenderam e entendem poder sustentar, chegando a ideiar proezas aereas espantosas como essa do vencimento de um percurso de tres kilometros, em Lisbôa pelo balão do santista; acerca de qualquer ascensão do Voador no seu aparelho diziamos nós não ha, até hoje, um só depoimento, contemporaneo. As poucas linhas de Aucourt e Padilha, que tal affirmam, datam de quasi meio seculo após as experiencias de agosto de 1709 e parecem apenas reflectir os desvios e exageros da tradição oral.

No estrangeiro, já desde longos annos, uns e outros, autores se inclinam a admittir a procedencia das allegações dos defensores de Gusmão, a cujos credits tanto prejudicou a nefasta *Passarola*. Ultimamente se acentua, nitidamente, a vantagem alcançada pela campanha rehabilitadora dos gusmanophilos.

Autores francezes de prestigio, obcedendo aos generosos sentimentos de justiça, e a seguir a corrente de opinião do nobre Ferdinand Denis, reconheceram o fundamento das allegações luso-brasileiras.

Tão encarniçada a sorte adversa a Gusmão que até mera e tola particularidade perturbou a visão destes interpretores da apresentação dos direitos do santista, a confusão que, desde o seculo XVIII, estabelceceu-se a proposito de uma dualidade de inventores: Bartholomeu Lourenço e Bartholomeu de Gusmão!

Esta indeterminação subsistiu no estrangeiro até fins do seculo XIX!

Aliás a bibliographia portugueza e brasileira está, até os nossos dias, referta dos maiores absurdos acerca das particularidades biographicas relativas a Bartholomeu de Gusmão. Autores ha, e prestigiosos, que sobre elle escreveram verdadeiros depauterios. Destes, o mais saliente é a balela da perseguição inquisitorial motivada pelo invento do balão.

Ha tambem autores que tendendem fazer de Gusmão um aproveitador das ideias do padre Lana Terzi, o jesuita italiano seiscentista que lançou a ideia da construcção de uma “barquinha volante” alçada aos ares por intermedio de quatro globos de cobre dentro os quaes se faria o vacuo. Hypothese esta inaceitavel para quem tem rudimentares conhecimentos de physica por demonstrarem por parte do seu aventador, completa insciencia dos effeitos da pressão atmospherica sobre recipientes de vacuo com superficie capaz de provocar uma força ascencional e para os quaes seria impossivel obter-se, ao mesmo tempo, um peso minimo sob grande volume, suceptivel de largo deslocamento aereo.

Bartholomeu de Gusmão a tanto não pretendeu, de todo. O que realisou foi o aquecimento do fluido gazoso contido num envolucro fragil para evitar o excesso de peso anulador da força ascencional.

Ha pois vagos pontos de contacto entre as ideias de Lana e as de Gusmão, embora um e outro tenham querido, utilizar as consequencias do mesmo grande principio physico.

O que Lana Terzi imaginou e nunca ao que se sabe experimentou era, em seu tempo, utopico. E até hoje ireali-

savel apesar de descoberta de metaes e ligas resistentes muitissimo menos densos do que o cobre.

E o que Bartholomeu de Gusmão ideiou e conseguiu embora em pequena escala foi o ponto de partida da aerostação universal. Simplesmente isso...

De todos os autores estrangeiros que se occuparam de Gusmão e seu invento o que mais completa e analyse realizou veiu a ser Venturini.

Este honesto e erudito pesquisador frisou, de modo eloquente, a importancia capital das tentativas do inventor brasileiro: *foi incontestavelmente o primeiro realisador do balão de ar quente.*

Esta simples circumstancia é sufficiente pois para lhe assignalar irremovivel lugar no ról dos grandes engenhos humanos e dos realisadores de uma das mais extraordinarias conquistas do Homem.

Primeiro inventor nascido no Novo Mundo é hoje **impossivel** fazer-se a historia honesta da Sciencia sem acatar os inconcussos e tanto tempo postergados direitos de Bartholomeu de Gusmão.

NOTA SOBRE O PADRE IGNACIO RODRIGUES (penultimo dos irmãos de Bartholomeu de Gusmão).

No tomo I da monumental *Historia da Companhia de Jesus* de Seraphim Leite ha um annexo *Scriptores Provinciae Brasiliensis* documento do archivo romano do Gesù (*Colleg* 20 (Brasile) f 9-13) onde occorre a seguinte referencia ao Padre Ignacio Rodrigues: 30 — P. Ignatius Rodrigues, natus in opido Sanctorum in Brasilia, in difficilimis hisce Soc. temporibus ob senium et valde molestam aegritudinem, quam patiebatur, incauto consilio Societatis habitum dimisit et ad clerum secularem transitu facto, ex dispensatione cardinalis Saldanha non multo post obiit in Brasilia die et anno incerto.

Edidit in Societati Contiones tres, nempe binas de Passione Domini, tertiam de Sp. Sto sub alieno nomine tipis mandatam. Edendas parabat ex Superiorum praescripto plures alias contiones, et expositiones Sacrae Scripturae in Collegio Bahiensi per quadrienium habitas, quae tamen in lucem non prodire ob notas Societatis calamitates.

Como vemos ha ahi novidades divulgadas sobre a vida e as obras do irmão de Bartholomeu de Gusmão cujos meritos de pregador eloquente e elegante os seus biographos realçam, fazendo ainda notar que se distinguuiu na campanha movida contra os abusos da oratoria sacra gongorica dos seculos XVII e XVIII.

Ficamos sabendo que movido por má inspiração, provavelmente porque vivia torturado por antiga enfermidade que lhe causava grandes sofrimentos deixou a roupeta quando a Companhia de Jesus foi extincta, passando a ser padre secular, mediante dispensa do Cardeal Saldanha. Pouco depois veio a fallecer no Brasil em dia e anno incerto.

Quando jesuita imprimira trez sermões, dois sobre a Paixão e um terceiro sobre o Espirito Santo publicado sob pseudonymo.

Tinha promptos para o prelo diversos outros sermões e commentarios sobre as Escripturas Sagradas, que por ordem dos seus Superiores iam apparecer quando occorreu a serie das calamidades desabadas sobre a Companhia de Jesus, em virtude da perseguição pombalina, Não foram impressas, portanto.

Esses commentarios haviam sido feitos no Collegio da Bahia durante um curso quadrienal.

Assim é pouco o que o documento do Gesù nos conta sobre o Pe. Ignacio Rodrigues que em Santos nasceu em 1699.

Este papel é aliás muito falho e lacunoso. Basta lembrar por exemplo que não cita um dos mais illustres membros da Provincia do Brasil, J. A. Andreoni — (Antonil) o autor eminente do preciosissimo livro que é a *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas!* E a falar do padre Manuel da Fonseca mostra ignorar que elle é o autor da tão conhecida vida de Belchior de Pontes. Tambem não se menciona o famoso e talentoso egresso Manuel de Moraes, talvez por se tratar de um membro infamado.

Outra lacuna: não ha referencia alguma ao padre Alvares primogenito dos Gusmões no emtanto distincto pregador sacro e com sermões impressos.

NOTA SOBRE O INVENTO DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO DESTINADO A' ELEVAÇÃO DE AGUAS

No capitulo V da nossa biographia de Bartholomeu de Gusmão tivemos o ensejo de divulgar alguns documentos relativos ao primeiro invento do Voador: a machina, bomba ou cousa que valha, graças a qual fez subir agua de um brejo ribeirinho do Paraguassú á altura de 460 palmos (101,2) para o abastecimento do seu Seminario de Belem na Cachoeira (Bahia).

Graças á extrema gentileza do Snr. Dr. Ernesto Bizarro Ennes, o erudito archivista portuguez tão conceituado pelas suas excellentes monographias historicas luso brasileiras obtivemos valiosa dadiva: mais alguns documentos sobre esta questão tão obscura. E realmente até hoje pelo contexto dos papeis divulgados não podemos fazer a menor ideia do que haja sido o invento de Gusmão.

Não é possivel que se trate de uma simples bomba utilizadora da pressão atmospherica, dada a circumstancia de que a agua foi elevada á altura de mais de cem metros. Se se tratasse de uma serie conjugada de bombas aspirantes dispostas por diversos patamares seria absurdo senão grotesco que o Voador houvesse pedido patente de tão vulgar disposição.

Para obter por meio da propulsão mecanica o lançamento da agua a tamanha altura seria preciso que elle poudesse servir-se de um motor possante o que lhe seria totalmente impossivel, em 1706, quando a Humanidade não dispunha de motores de tal ordem que só surgiram depois do invento de Watt. E sabemos que o genial escossez nasceu muito depois do nosso santista.

Teria a machina de Gusmão sido uma enorme fonte de Hieron com a que existia em Schemnitz?

Acaso terá o Voador construido um ariete hydraulico? Não é de todo crível. Se o fizesse teria certamente o seu invento conseguido divulgação uníversal como succedeu ao de J. M. Montgolfier, inventado em 1796.

Os documentos que o Dr. E. Bizarro Ennes nos envia não elucidam a questão, de modo algum. Mas parecem-nos inéditos. O Marquez de Faria não os conheceu ou se o fez não os publicou, ao que supponho. Pelo menos não se transcrevem nas paginas da sua these de doutoramento apresentado a Universidade Colombiana de Bogotá.

Trata-se da consulta do Conselho Ultramarino provocada por um memorial endereçado pelo inventor á consideração regia.

Está datada de Lisboa a de 18 de novembro de 1706 e foi a sua leitura que determinou o assentimento de Dom João V e a consequente expedição do alvará de 2 de abril de 1707 concedendo o privilegio requerido por Bartholomeu de Gusmão e publicado na integra pelo Marquez de Faria em sua monographia. Trasladamolo ás paginas 91 e 92 da nossa *Vida gloriosa e tragica de B. de Gusmão*.

Transcrevamos aqui porém a integra da consulta que ficamos a dever ao autor erudito *d'Os Palmares* a sabia memoria que tivemos a honra e o grande prazer de prefaciár.

S.or

Bertholameu Lourenço fez peticam a VMg.e por este Conc.o em que diz, que com m.to estudo noticias, e multiplicadas experiencias tem alcançado hum invento pa. fazer subir agoa a toda á distancia e altura, q. se quizer levar, e com effeito a fez subir no Seminario de Bellem quatro centos e settenta palmos, como se mostrava da certidam q.e offeria; e porq.e com o mesmo invento pode fazer moer os engenhos de Beira Mar com a agoa delle, e os do matto com qualquer tanque, Rio, ou fonte, q. tiverem fazendo pa. isso

subir agoa necessaria, o qual invento approvou o Senado da Camara da Bahia e attendendo a utilidade, q. delle pod'a resultar a todo o estado do Brasil, facultou ao Snpp.te levar quatro centos mil rs. de donativo a cada senhor de engenho q. delle usasse como se mostrava do termo de vereação q. outrosy apresentava; e com este mesmo invento se podem trazer agoas muito distantes e baixar a altura necess.a pa. se fazerem chafarizes, e fontez publicas p. o mato das cidades e conveniencias doz povos, e como do ditto invento se seguem estaz utilidades he justo se lhe remunerere o q. adquiriu á custa de tanto trabalho, e disvello pa. q.e elle se anime a indagar outros segredos mais q.e tendão á utilidade publica, e seruo de V. Mag.e.

Pede a V Mag.e q. attendendo az resoens referidas lhe faça m.ce mandar passar Provisão para q. todo o Senhor de engenho assim dos existentez, como dos q. se fizerem de novo q. quizrem usar de invento delle supp.te, o não possa fazer sem que lhe contribua com os quatro centos mil rs, q. se lhe facultarão no Senado da Camara da Baia, e que esta mesma contribuição farão todos os mais senhores de engenho de todo o Brazil, q. se quizerem valer do seu invento.

Com adita peticam apresentou os docum.tos q. nella refere, q. são os q. com esta se envião a V. Mag.e

Ao Conc.o parece consideradaz az resoens q. representa Bertholameu Lourenço e ao assento, q. tomou a Camara da Bahia sobre este mesmo invento, o qual poderá ser muy utilissimo aos engenhos de todo o estado do Brazil, e ainda pa. o beneficio dos povos; q. nesta attençam haja V. Mag.e por bem mandar diffirir ao supp.te na forma que pede. Lxa 18 de Novr.º de 1706.

Conde de Alvor — Fran.co P.ra da Silva

Greg.ro Pr.a fidalgo — D. Ant.o Carn.o Barboza da Silvr.a.

Fran.co Dantas P.to (?)

Tem no verso: 18 de Novr.º

1706

Do Cons.o Ultr.o

Bertholameu Lourenço q, tem alcançado hum invento pa. fazer subir agoa a toda adistancia, e altura q, se quizer pede Provisão pa. q. nenhum s.or de engenho possa uzar delle sem lhe contribuir com 400\$ rs. q. se lhe facultarão no Senado da Cam.ra da B.a e vão os documentos q. se acusão.

A esta consulta se annexa uma certidão que o General Brito Rebello conheceu pois a ella alude um de seus esplendidos artigos d'O Occidente de 1883, escriptos por occasião da passagem do primeiro centenario da ascensão da *montgolfière*.

Parece-nos aliás que deve ter lião a consulta do Conselho Ultramarino. Não a transcreveu porém tendo-o feito a pequenos trechos do alvará de 2 de abril de 1707.

Vejamos porém os termos da certidão a que prestigia a assignatura de um homem como o Padre Alexandre de Gusmão o bemfeitor e educador de Bartholomeu Lourenço.

Certifico eu P.e Alexandre de Gusmão da Companhia de JESU Reitor do Seminario de Bellem como he verdade q. Bertholameu Lourenço seminarista q. foi do d.o Seminario fez com sua industria subir a agua de hum brejo de d.o Seminario que fica sobre hum monte por hum cano de quatrocentos e sessenta palmos de altura, obra de grande admiracão, e utilidade p.a o d.o Seminario; a qual eu vi correr, e todos os mais do dito Seminario assim religiosos como seminaristas; e por passar assim na verdade e me ser pedida esta, a fiz por mim assinada, e sellada com o sello de meu officio no mesmo Seminario de Bellem aos 18 de janeiro de 1706.

Alex. e de Gusmão

(Lugar do selo)

Reconhecimento: O Doutor Joseph De Saá Mendonça Ouvidor g.l Do Civel Cavaleiro profeço do abito de Cristo do Dezebargo de sua magestade e sseu Dezebargador da Caza e Rellação do Porto Rezidente na dita Cidade e nella Juis das justificaçois Vs.a faso a saber aos que a presente certidão De justificação virem que a mim me constou por fe do escrivão do meu cargo que esta escreveo em como a letra do sinal posto ao pe da sertição assima ser feito da mão do Rd.o p.e Alex.e De gusmão Reitor do Seminario de Bellem, e o ssello ser o mesmo de que uza em semelhantes o que hey por justificado (?) e verdadeiro na Bahia aos vinte e hum Dias do mez de jan.ro De mil e ssete scntos e sseis Annos, e eu Domingos gonçalves Ramos escrivão Das justificaçoins que o escrevy

A certidão do illustre e ascetico depoente tem o maior valor.

Assim affirma ter presenciado a elevação da agua a 101. metros acima da tomada e invoca a circumstancia de que muito mais pessoas viram semelhante *tour de force*.

E nos dá um informe chronologico ainda não aproveitado pelos biographos do Voador a saber: a 18 de janeiro de 1706 não mais era este Seminarista de Belem.

O final do documento que devemos a gentileza do Dr. Ernesto Ennes encerra apenas formulas burocraticas.

A Bertholomeu Lourenço que tem alcançado o invento p.a fazer subir agoa a toda distancia e altura que se quizer pede Provisão para q. nenhum Senhor de Engenho do estado do B.l possa usar delle sem lhe contribuir com quatro centos mil rs; e para pagar o novo direyto lhe dei este bilhete.
Lx.a 28 de Março de 1707. z z

Manoel Gomes da Sylva.

N.º 32

540

A fl. 292 do L.o 1.º da re.ta dos novos dr.tos ficão carregados ao Thez: delles quinhentos e quarenta rs. Lx.a 29 de Março de 1707.

G.lo Soares Mont.ro

(ilegivel)

A fl. 256 do L.o 1.º do Reg.o gl dos novos dir.tos fica reg.do este ,d.to) Lx.o 29 de Mço. de 1707.

(ilegivel)

Assim como vemos de tudo quanto esta nota encerra o que de mais importante ha vem a ser os termos exactos do depoimento do Padre Alexandre de Gusmão.

Onde estará o memorial descriptivo do invento de que o autor do *Predestinado preceito*, mestre e bemfeitor, de Gusmão não nos dá a menor ideia?

Quiçá algum dia ainda venha a surgir para maior gloria do inventor do aerostato de ar quente e primeiro inventor americano.

INDICE

PREFACIO	1
CAPITULO I	
<i>Em vespas da primeira experiencia aerostatica. Grande expectativa geral popular. Os depoimentos recentemente descobertos de Soares da Silva e Cunha Brochado. Pontos obscuros da biographia de Bartholomeu de Gusmão</i>	15
CAPITULO II	
<i>Annuncio de experiencias feito pelo Voador. A petição de privilegio endereçada ao Rei. O despacho de Dom João V.</i>	27
CAPITULO III	
<i>A pretensão de Bartholomeu de Gusmão á resolução do problema da navegação aerea. Velhos ideaes. A aerostação e a aviação. De Archytas, de Tarento, a Lana-Terzi</i>	41
CAPITULO IV	
<i>Aggressões insolentes de poetastros a Gusmão. O insultador professional Thomaz Pinto Brandão e sua caterva. O seu odio irreductivel ao inventor</i>	55
CAPITULO V	
<i>Longa satyra anonyma contra o invento de Bartholomeu de Gusmão. Espirito relativo desta moxinifada metrica. Novos documentos ineditos dos archivos portuguezes</i>	67

CAPITULO VI

A expectativa pelas experiencias de Bartholomeu de Gusmão. Depoimento de origem magestática. Affirmação, não documentada, de Ferdinand Denis. Documentos valiosissimos do Archivo Vaticano e de archivos portuguezes 85

CAPITULO VII

Prodromos das experiencias da Passarola. Serie de perguntas que se impõe. A prioridade inconcussa de Gusmão, aerostática mas não aeronautica. Os documentos em que se esteiam os direitos do Voador 99

CAPITULO VIII

Analyse dos depoimentos. Cotejo destes papeis... 113

CAPITULO IX

Local das experiencias do aerostato. A molestia de D. João V, e sua influencia sobre a marcha dos ensaios. Forma do balão e material empregado 119

CAPITULO X

Os primeiros documentos divulgados em Portugal sobre as experiencias de Gusmão 129

CAPITULO XI

O silencio posterior ás experiencias da "Passarola" em Portugal. Mutismo do próprio inventor. Causas que o determinaram. O grande atrazo scientifico dos meios ibericos de então. Inexplicável attitude de Diogo Barbosa Machado. Causas militares de preocupação publica em 1709 135

CAPITULO XII

O "Manifesto" de Bartholomeu de Gusmão. Commentarios de Augusto Felipe Simões e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. O atrazo scientifico dos contemporaneos ibericos do Voador 153

CAPITULO XIII

A iconographia do invento de Gusmão. Apparencias flagrantes de mystificação 169

CAPITULO XIV

- O memorial e a estampa, apocryphamente datados, de Simão Thadeu Ferreira. O desmentido formal de Innocencio F. da Silva* 173

CAPITULO XV

- Os primeiros echos exteriores das experiencias de Gusmão. Um documento do Archivo Vaticano. Confronto com a estampa de Simão Thadeu Ferreira.* . . . 183

CAPITULO XVI

- Ainda as pesquisas bibliographicas do Conde de Klinckowstroem. A contribuição italiana. O poema de Pier Jacopo Martello* 203

CAPITULO XVII

- A divulgação europea das experiencias da Passarola. Palavras de Bourgeois (1784) Lenteires (1817) e autores diversos. Ferdinand Denis (1858) Argumentos de Felipe Simões. Descobertas de Innocencio F. da Silva. Argumentos de Freire de Carvalho. Prós e contras* 217

CAPITULO XVIII

- A defesa da estampa da Passarola pelo Visconde de Villarinho de São Romão. Aberrações do patriotismo. Conceitos notaveis de Varnhagen* 233

CAPITULO XIX

- A interpretação racional de Brito Rebello. Objeções quanto a exequibilidade da construcção da Passarola. Opiniões do padre Manoel Rebimbas e do padre Himalaya. Refutação completa por parte de Correa Neves* 249

CAPITULO XX

- Ainda a defesa da primeira estampa da Passarola pelo Padre Himalaya. Insustentavel hypothese. Excessos de chauvinismo. Os diversos typos de estampa da Passarola. Conceitos de Gago Coutinho* 263

CAPITULO XXI

- A analyse do memorial e da estampa da Passarola por Balthazar Wilhelm e o coronel Moedebeck. Ideias absurdas e abstrusas* 273

CAPITULO XXII

- Revelação sensacional. Um depoimento da mais autorizada fonte sobre a mystificação realisada com a estampa da Passarola. A segunda edição do poema de Martello e a divulgação capital, que nella se contem* 281

CAPITULO XXIII

- A ballela da perseguição inquisitorial a Gusmão, em 1709, incriminada causadora da suspensão de suas experiencias* 293

CAPITULO XXIV

- O silencio de Barbosa Machado. Opiniões de Freire de Carvalho. As experiencias da Passarola realisadas em ambito restricto. Parallelo entre o invento de Gusmão e o dos Montgolfier. Conceitos de Augusto F. Simões* 299

CAPITULO XXV

- Argumentação de Augusto Felipe Simões em prol da veracidade das experiencias de Gusmão* 311

CAPITULO XXVI

- Descoberta valiosa de Augusto Felipe Simões. A "Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço chamado vulgarmente o Voador"* 319

CAPITULO XXVII

- A infatigabilidade das pesquisas de Felipe Simões em prol dos direitos de Gusmão. Notavel descoberta effectuada. Uma descripção mais verosimil da Passarola* 325

CAPITULO XXVIII

- Uma arguição do Major Pinheiro Correia a Augusto Felipe Simões. Injustificado receio e deslize deste pesquisador* 337

CAPITULO XXIX

- Bartholomeu de Gusmão aeronauta. Falsa attribuição de predicados. Origem da lenda creada pela imaginação* 345

CAPITULO XXX

- Um carme descriptivo da pseudo ascensão de Bartholomeu de Gusmão. Uma das Brasilianas de Porto Alegre consagrada ao Voador* 367

CAPITULO XXXI

- A occurrencia do segundo centenario das experiencias da Passarola. Projectos brasileiros irrealizados. As cerimoniaes de Toledo e a placa comemorativa de Lisboa em 1912. Vehemente contradicta do Dr. Ricardo de Almeida Jorge. Resposta de Correia Neves. Aspero revide* 373

CAPITULO XXXII

- Novos conceitos asperos e injustos. Replica de Corrêa Neves. Repto do Dr. Ricardo de Almeida Jorge. Final de critica* 389

CAPITULO XXXIII

- Outros gusmanophobos gratuitos e inscientes. Boffito e o seu livro desvalioso* 407

CAPITULO XXXIV

- Progressos lentos mas constantes, do reconhecimento dos direitos de Gusmão, nos grandes paizes europeus* 415

CAPITULO XXXV

- A proposito da inauguração do aerodromo Bartholomeu de Gusmão no Rio de Janeiro. Os esforços dos campeões dos direitos de Gusmão. Actuação constante do Marquez de Faria, Coronel Correia Neves e seus indefessos companheiros* 433
- Complementos à biographia de Bartholomeu de Gusmão* 441
- Barthélemy Laurent de Gusmão (1685-1724)* 451

<i>Pièces a l'appui</i>	455
<i>Bartholomeu Laurence de Gusmão (1685-1724)</i>	461
<i>Documents</i>	465
<i>Bartholomaeus Lorenz de Gusmão (1685-1724)</i>	471
<i>Dokumente</i>	475
<i>Obras impressas de Bartholomeu de Gusmão</i>	481
<i>Bibliographia principal de Bartholomeu de Gusmão</i>	483
<i>Bibliographia de Augusto Felipe Simões</i>	485
<i>Bibliographia de Gustavo T. Correa Neves (1911)</i> ..	491
<i>Bibliographia do Marquez de Faria</i>	499
<i>Bibliographia de Arthur Motta</i>	501
<i>Bibliographia do autor</i>	503
<i>Annexos</i>	509

